SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SUMMARIO

VOL. II — DE OUT. A NOV. — 1901 — NUM. 7

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa — Preço 200 réis

SUMMARIO

45 GRAVURAS

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a reducção do preço a **2$200 réis,** o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes em qualquer outra terra do paiz poderão inscrever-se por:

Series de	**3 numeros**	**600**
	6 numeros	**1$200**
	12 numeros	**2$200**

remettendo á administração dos **SERÕES,** em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia *directamente.*

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo de cobrança pelo correio.

Typ. e impressão dos *Serões*, C. do Cabra, 7 — Editor, Thomaz Rodrigues Mathias

SERÕES

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

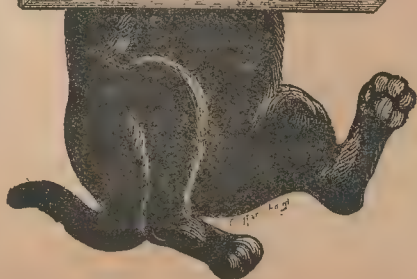
VOLUME II

LISBOA
ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — CALÇADA DO CABRA, 7
1902

SERÔES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Devemos aos nossos leitores a explicação da demora na sahida d'este n.º 7 da collecção e primeiro do 2.º volume. Uma inesperada interpretação da pauta vigente das alfandegas ameaçava elevar de **25** réis a **140** réis por kilo o direito de importação do papel em que se imprime esta revista, o que tornaria impossivel a sua publicação nas actuaes condições, como prohibiria qualquer progresso nas impressões de arte no nosso paiz. Tivemos de esperar que os tribunaes competentes estatuissem sobre o caso e sabemos agora que justiça nos foi feita. Pedimos portanto desculpa aos leitores d'esta demora, que não lhes traz prejuizo, sendo, como são, as assignaturas por serie de numeros, e esperamos que nenhum novo entrave nos venham pôr á publicação que encetámos e que tão benevolo acolhimento recebeu do publico.

A Empreza.

FABRICA DE ALCANTARA

FAIANÇA FINA (PORCELANA OPACA)

Serviços completos e louça avulso branca, estampada filetes, colorida e doirada

Toma-se encommenda de louça reforçada para uso de bordo, collegios, hoteis, hospitaes, etc. Decora-se a louça com brazões, monogrammas, legendas e emblemas.

LOPES & C.ª

14 — RUA CORREIA GUEDES — 14

DEPOSITO CENTRAL

R. da Prata, 249 a 255 — R. de Santa Justa, 39 a 43 — Lisboa

MOVEIS DE FERRO

DA

FABRICA PORTUGAL

AVENIDA DOS ANJOS

Camas premiadas com medalha de ouro, colchões d'arame, fogões, portas onduladas, colchoaria, etc., etc.— Cofres á prova de fogo, premiados com medalha d'ouro — Modelos especiaes d'esta fabrica, movida a vapor, machinas e moldes pelo systema inglez, unicos no paiz.

DEPOSITO E ESCRIPTORIO

33, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 41

LISBOA

M. A. BRANCO & C.ª

PAPELARIA PROGRESSO

LISBOA — 151, RUA DO OURO, 155

OFFICINAS A VAPOR: *Rua do Crucifixo, 60 a 66*

Gravura heraldica e commercial — Carimbos de borracha. — Typographia e lithographia. — Bilhetes de visita

---

CASA PORTUGUEZA

TYPOGRAPHIA E PAPELARIA

JOSÉ NUNES DOS SANTOS

Successor de MANUEL SILVA

N.º TELEPHONICO **220**

Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros, objectos para desenho, etc.

Trabalhos typographicos em todos os generos, impressões a côres, ouro, prata e sobre setim.

139, RUA DE S. ROQUE, 141

LISBOA

O RAPTO DE PROSERPINA — QUADRO DE PEDRO PAULO RUBENS

Symbolismo outonal

Assim como para a primavera, a arte de todos os tempos, enleiada na tradição pagã, traduz na allegoria de Flora o renascimento da natureza, a alegria perfumada das campinas em flôr, assim tambem para o outono, preludio do inverno tenebroso, a pintura vae buscar ao mesmo mytho primitivo, no rapto da filha de Ceres ou de Demeter, a inspiração das suas allegorias, symbolisando o desapparecimento da vida, a melancholia dos crepusculos, a lufada gelida da morte, levando de roldão as folhas seccas e as almas tristes que vão acolher-se ao calor eterno.

Lungi e la luce che in sù questo muro
Rifrange appena, un breve instante scorta,
Del rio palazzo alla soprana porta...

QUATRO das illustrações que acompanham este artigo, habitual commentario artistico dos mezes que vão decorrendo, referem-se ao mytho de Proserpina, o qual occulta em complexo symbolismo a successão natural das estações. O rapto da formosa filha de Ceres delimita o principio do periodo invernal, e envolve o outono que, como é sabido, durante longas épocas não teve individualidade no calendario, reduzido então a tres estações.

No quadro de Checa, que serve de frontespicio, Proserpina arrebatada por Plutão que a surprehendeu descuidosa a colher flôres nas campinas de Sicilia e a conduz por caminhos sinuosos, cavados n'aquelle mesmo momento, ao seu reino dos infernos, em seu carro de ferro e ouro, ao trote largo dos seus quatro cavallos, negros como a noite, velozes como o vendaval, desmaiada quasi nos braços athleticos do seu implacavel raptor, ella traduz a queda progressiva dos dias, a diminuição da luz vivificante, a paragem da seiva nas arvores que se despem agora da sua folhagem viçosa; ella symbolisa a suave tristeza outoniça, o repouso periodico da natureza creadora, emfim, a descida á terra d'aquella vida intensa que refloriu primaveras, se desatou em exuberancias estivaes, se afleiçou em fructos opimos até a maturação da romã, cujos bagos de rubi, como é conhecido, figuram na fabula da deusa siciliana.

A composição do famoso quadro moderno tem uma grandeza suggestiva que se impõe;

Proserpina — Quadro de Dante Gabriel Rossetti

reproduz com imaginosa disposição e com fidelidade tradicional a discripção que do facto mythologico nos deixaram os poetas latinos. Não é propriamente o momento do rapto, como no primoroso quadro de Rubens, o grande mestre, que encima o artigo; outra é a phase escolhida por Checa. Não é o episodio; é a sequencia do celebrado acontecimento em toda a sua elevada significação. Proserpina, levada aos infernos, roubada á vida durante seis mezes do anno pelo menos, por concessão generosa de Jupiter, quando se condoeu das saudades de Ceres por sua filha, conserva a sua formosura donairosa e louçã entre as escarpas abruptas, por entre as quaes se enfia ainda uma restea de luz solar; percebe-se que, aquecida ao fogo intenso da terra, ha de voltar, na proxima primavera, risonha e feliz a alegrar os prados redivivos. A figura erecta e firme de Plutão tem uma preponderancia calculada no quadro; reconhece-se-lhe o superior mando nas coisas mysteriosas do interior da terra; tem a attitude de quem exerce um direito, não uma violencia; vae guiando attento e solicito, *four in hand*, elegante, soberano, o seu carro cujo rodar estrepitoso accorda os echos d'aquellas cavernas, como ribombar de trovão e cuja trepidação formidavel convulsiona a terra nas vibrações dos terramotos que se amiudam em novembro

Para recolher a vida radiosa de Proserpina, elle teve de rasgar caminho, fracturar a crusta da terra. Ainda hoje na Sicilia se mostra, na fonte de Cyane, o logar por onde se internou o carro infernal. Era Cyane, dama de honor, companheira de Proserpina, que pretendeu oppôr-se aos designios de Plutão, e tantas foram as lagrimas de saudade e de afflicção choradas que se transformou em fonte, se não foi castigo imposto desde logo pelo poderoso monarcha dos Avernos.

Rubens, o mestre colorista da escola flamenga, preferiu compôr o episodio do proprio rapto, humanisal-o, dar-lhe uma feição realista, como se diz agora, sem perder de todo o caracter allegorico. Vê-se Plutão, sem atavios nem attitude de força superior, sobraçando amoroso, n'um amplexo sensual, pleno de desejos insasiaveis, o corpo delicado e florescente de Proserpina; elle dirige-se para o seu carro tradiccional, encaminhado pelo Amor, sempre travesso, e desattende as solicitações de Minerva, deusa da lavoura, que com Cyane desejaram dissuadil-o d'aquella violencia suprema.

Nem a intervenção d'estes é activa; nem talvez a consentisse a fereza indomita do raptor. A discussão é placida, embora eloquente no gesto presuasivo e na expressão das physionomias. No Olympo havia sem duvida codigo de etiqueta, protocollo de deferencias que impunham maneiras e respeitos. Proserpina vae receiosa, visivelmente aterrorisada do seu negro destino; não tem

esperança de voltar, vae arrebatada para o desconhecido. Ha, n'aquelle rapto, a amargura dos prazeres sensuaes, a dor da voluptuosidade, a crueldade enebriante que arrebata vidas.

Outra, mui diversa, é a intenção da suggestiva pintura de Rossetti, o moderno preraphaelista inglez, n'aquella figura simples de Proserpina, commentando os versos de Dante que encimam o quadro. Têem este caracter profundo as figuras da maioria das telas de Rossetti, sempre explicadas e commentadas por sonetos e por poemas; porque em toda a sua vasta e elevada obra, elle conservou-se sempre poeta. Com os preraphaelistas inglezes perde-se a noção da arte pura, tal como o conceberam os realistas modernos adstrictos á reproducção exacta de objectos, ou como a entendiam os artistas da renascença, enamorados da forma correcta, sensualmente bella e exuberante: representam uma curiosa evolução na arte moderna. As figuras de Rossetti têem uma immobilidade, um silencio, uma attitude suspensa, hesitante, lenta nos seus raros movimentos que as assimilham a figuras de sonho, vagamente entrevistas nos extases da imaginação. O seu desenho tem faltas evidentes, incorrecções censuraveis; as mulheres, que elle pinta, teem mãos demasiadamente grandes, não raro os ricos vestuarios venezianos de estofos custosos, com que elle costuma decoral-as, revelam extranhas imperfeições physicas. Todavia, apesar dos dedos muito longos e afillados da mão de Proserpina, apesar do seu hombro defeituoso, ella segurando graciosamente a romã fatal, de que para sua eterna prisão periodica imprudentemente comera os cabalisticos sete bagos, resalta da tela como uma tragica imagem de inquietação mortal, d'uma melancolia desesperada, n'uma suprema intensidade de expressão. Figura quasi immovel, como as pintavam os primitivos, os Beato Angelico e os Botticelli, a Proserpina de Rossetti tem a representação, mais expressiva do que plastica; concentra toda a vida interior da deusa a quem o symbolo designa tambem como a separação da alma do corpo, e a quem a mythologia encarrega de presidir aos destinos alemtumulares dos espiritos.

Como complemento ou explanação d'estas diversas interpretações artisticas da passagem das estações, conglobada no mytho de Proserpina, ainda se reproduzem dois quadros modernos que se iuspiram ou se filiam nas duas escolas mencionados. Uma cabeça de mulher, de olhar profundamente melancolico e vago, symbolisa o outono, a cruel estação que enche sepulturas com a fria humidade dos seus crepusculos irisados e tristes, com o gelido sopro das suas brisas traiçoeiras e subtis: tal é o quadro de Max

O outono — Quadro de A. Max

A pompa do outono -- Quadro de G. P. Jacomb-Hood

A tela de Hood, allegorica passagem do outono atravez do campo, desnudando a floresta, tem a mesma intenção desesperada e desolada, como que quer traduzir a despedida emocionante de vida ainda em plena florescencia juvenil, rapida queda na dor, na morte ou no sonho.

Obras modernas traduzem estados d'almas descontentes, inquietas, soffregas do prazer que não poderam nunca attingir, ou realismos pessimistas que magoam e abatem as energias intellectuaes.

Em busca do bello, na sua pureza immaculada, a arte antiga e a arte da renascença repousavam na tranquillidade da fórma correcta; os artistas eram sómente pintores; hoje penetrados pela reflexão, dominados pela vida cerebral excessiva, imprimem á sua obra toda a sensibilidade interior, dolorosamente ferida pela perda dos ideaes consoladores. Para apreciar a differença que separa a arte moderna da arte da renascença, basta comparar a explicação symbolica com que ella representa e modela a felicidade, o desejo, o amor e a morte,—o que procuramos expressar nas illustrações d'este artigo.

A sagração de Napoleão I pelo papa Pio VII em Notre-Dame de Paris, aos 2 de dezembro de 1804
Quadro de F. David

A' direita, deante do altar mór, o imperador, revestido do manto e já corôado, avança de perfil, voltado para a esquerda, segurando nas mãos uma corôa que vae collocar sobre a cabeça da imperatriz, ajoelhada a seus pés, acompanhada das damas de honor que lhe seguram o manto de veludo granada bordado a ouro. Entre o imperador e o altar, o papa Pio VII, assentado e cercado do alto clero; junto d'elle, o cardeal Fesch; á direita, no primeiro plano, os grandes dignitarios; detraz da imperatriz os principes da familia imperial; á esquerda, os irmãos do imperador; ao fundo, sobre o estrado, os personagens da côrte; na tribuna, a mãe do imperador e os marechaes de França, um grupo de heroes.

Bonaparte

Ha nomes prestigiosos que por suggestiva associação de ideas acordam no espirito um mundo de emoções, levantam uma revoada de sentimentos. Foram em vida personalidades tão poderosamente caracteristicas, percorreram em poucos annos uma tão accidentada carreira, deslumbraram tanto pela força do engenho e pela grandeza attingida, que deixaram da sua passagem cavada e sinuosa calleira, como a d'um rio desapparecido pelas convulsões do globo. Na escuridão do tumulo estes nomes tem a phosphorescencia que lhes ficou do sol ardente que os illuminou no mundo. Chama-lhes Nietzsche SOBRE-HUMANOS. *Denomina-os Emerson* REPRESENTATIVOS. *Bonaparte é incontestavelmente um d'elles. A sua psychologia genial abrange, em suprema crystallisação depurada, toda a alma, todo o mundanismo do seculo* XIX, *em que todos, em imagem reduzida, aspiram a pequenos Bonapartes. Tal é a theoria e a intenção do artigo que segue e que se tornou opportuno no actual momento politico da Europa, onde germinam ou florescem os Cesares, sob os nomes de Guilherme, de Nicolau, de Eduardo e até mesmo de Loubet.*

Entre os personagens eminentes do seculo XIX, Bonaparte foi o mais conhecido e o mais poderoso, sem duvida, e deveu o seu predominio á fidelidade com que conglomerou em si proprio os pensamentos e as crenças, as intenções e os designios das multidões activas e cultivadas. Na sociedade actual, existe um antagonismo permanente entre as classes conservadoras e as democraticas; entre aquelles que fizeram fortuna e os novos e pobres que tem de a fazer ainda; entre os interesses do trabalho morto—o trabalho de mãos ha muito immoveis no tumulo, e representado nos *stocks* do dinheiro ou das

terras e propriedades possuidas pelos capitalistas ociosos—e os interesses do trabalho vivo que procura tornar-se possuidor de propriedades, de terras e de *stocks* de dinheiro. A primeira classe é tímida, egoista, illiberal,

Napoleão, tenente de artilharia (792)
Quadro de João Baptista Greuze

Nascido em Ajaccio (Córsega) aos 15 de agosto de 1769. Alumno da Escola militar de Brienne, 1779 a 1783. Tenente do regimento de La Fère, 1 de abril de 1785. Capitão de artilharia, 6 de fevereiro de 1792. General de divisão, 5 de outubro de 1795. Commandante em chefe do exercito de Italia, 2 de março de 1796. Primeiro Consul, 9 de novembro de 1799. Imperador, 18 de maio de 1804. Morto em Santa Helena, aos 5 de maio de 1821.

(Extracto da folha de serviços dos archivos militares)

odiando a innovação, diminuindo em numero pela morte. A segunda classe é egoista tambem, invasora, ousada, confiante, crescendo em numero pelos nascimentos—classe de homens de negocios na America, na Inglaterra, em França, em toda a Europa, classe de habilidade e de industria. Napoleão é o seu representante—*representative man*. Por isso o instincto dos homens activos, ousados, capazes, de toda a classe media e em todos os paizes, designou Napoleão como o democrata corporisado; que elle possuia as virtudes e os vicios d'elles, o seu espirito, a sua tendencia material, sensual. Ser o rico, o poderoso, eis o fim.

O Alcorão diz que Deus concedeu a cada povo um propheta na sua propria lingua. Paris, Londres e New-York, o espirito de commercio, de dinheiro, de poder material, deviam ter tambem o seu propheta, e Bonaparte foi enviado á terra. Os milhares de leitores de anecdotas ou memorias ou vidas de Napoleão deleitam-se com a leitura, porque estudam n'ella a propria historia intima. Napoleão é absolutamente moderno. Nem um santo—*pas un capucin,* dizia elle—nem um heroe, na verdadeira e alta significação d'estes termos. O homem da rua, o vulgo, encontra n'elle, como em si proprio, um cidadão por nascimento que, por meritos muito intelligiveis, chegou a uma posição tão dominante que pôde satisfazer todas as aspirações do homem vulgar, commum. Bôa sociedade, bons livros, viagens rapidas, *toilettes,* jantares, innumeros servidores, importancia pessoal, realisação das suas ideas, attitude de bemfeitor para os que o rodeam, o goso das pinturas, musica, estatuas, palacios, honras convencionaes—precisamente tudo quanto lisonjêa o coração do homem do seculo XIX—o poderoso Napoleão tudo possuiu. A invejavel vida.

Verdade é que um homem, como Napoleão, com esta variedade de adaptação ao espirito das massas, torna-se não sómente simples representativo d'ellas, mas tambem effectivo monopolisador e usurpador. Assim Mirabeau plagiava em França todo o bom pensamento, todo o bom dito. Dumont conta que, ouvindo da galeria da Assemblea um discurso de Mirabeau, se lembrou de lhe adaptar uma peroração que escreveu a lapis e mostrou a lord Elgin sentado a seu lado. A' noute mostrou-a a Mirabeau que lendo-a, julgou-a admiravel e lhe declarou a intenção de a repetir no dia seguinte no discurso que fizesse á assemblea. «E' impossivel, dizia-lhe Dumont, infelizmente já a mostrei a lord Elgin»—«Que importa? ainda que cincoenta pessoas a tivessem visto repetil-a-hia da mesma maneira» —Assim o fez, e com grande exito. Mirabeau, com a sua esmagadora personalidade, sentia que o que elle inspirava lhe pertencia e que o facto d'elle o adoptar lhe dava o verdadeiro valor. Muito mais absoluto e centralisador foi aquelle que lhe succedeu na popularidade. Com effeito um homem da tempera de Napoleão deixa quasi de ter uma opinião e uma palavra particulares, proprias. E' tão largamente receptivo e collocado em posição tal que se torna por assim dizer o centro de todo o espirito e de todo o poder do paiz no seu tempo. Ganha a batalha; faz o codigo; cria o systema de pesos e medidas; nivella os Alpes; organisa o banco; constróe a estrada. Os engenheiros, os sabios, os estatisticos, todas as boas cabeças reflexivas fazem-lhe

relatorios; elle adopta as melhores resoluções, imprime-lhe o cunho proprio.

Bonaparte foi o idolo dos homens do vulgo, porque elle possuia n'um grau transcendente as qualidades d'elles. Trabalhou em commum com esta grande classe que representava, para o poder e para a riqueza, mais especialmente, sem nenhum escrupulo quanto aos meios. Todos os sentimentos que embaraçam os homens no conseguimento dos seus fins, pol-os de parte. Os sentimentos eram bons para as mulheres e para as creanças. Aos advogados da liberdade e do progresso chamava-lhes *ideologos*. Necker era um ideologo; Lafayette outro ideologo. Ha um proverbio italiano que recommenda não se ser demasiado bom para ter exito na vida. Com effeito, ha uma certa vantagem em renunciar aos sentimentos de piedade, de gratidão, de generosidade, ou pelo menos dominal-os; porque o que seria barreira insuperavel para o proprio proceder e ainda o é para o dos contrarios, torna-se commoda arma para conseguir o fim proposto.

«Accusam-me, dizia elle, de ter commettido grandes crimes: os homens da minha tempera não commettem crimes. Nada mais simples do que a minha elevação; debalde a attribuem á intriga ou ao crime; foi devida ao caracter particular do tempo e á reputação de ter combatido os inimigos do meu paiz. Caminhei sempre com a opinião das multidões e com os acontecimentos. Para que me serviriam os crimes?»

Sem duvida, da sua historia pode extrahir-se uma copilação de anecdotas terriveis; mas nem por isso se deve fazer d'elle um cruel, e apenas um homem que não conhecia obstaculo á sua vontade. Sabia o que queria, voava direito ao fim. Teria encurtado a propria linha recta para attingir mais rapido o objecto desejado. Nem sanguinario, nem cruel; todavia não economisava o sangue. Via o objectivo, esmagava o obstaculo que lhe impedia a passagem. «Sire, dizia-lhe o ajudante d'ordens, o general Clarke não pode fazer juncção com o general Junot por causa do fogo terrivel da bateria austriaca — «Que tome d'assalto a bateria». — Sire, cada regimento que se aproxima da bateria é sacrificado. Que ordena? — «Para a frente, para a frente» — No momento em que o exercito russo depois da batalha d'Austerlitz retirava trabalhosamente, mas em bôa ordem, sobre o gelo do lago o imperador, a galope desfechado, aproximou-se da sua artilharia: — «Perdeis tempo; fogo sobre aquellas tropas; é preciso submergil-as; fogo sobre o gelo» — A ordem ficou minutos sem ser executada. Afinal, as granadas cahiram perpendiculares sobre a superficie congelada, e alguns milhares de russos e de austriacos ficaram sepultados nas brechas abertas no gelo. Se a guerra é a melhor maneira de liquidar conflictos internacionaes, como ainda é a opinião da maioria, Bonaparte tinha razão de a fazer radicalmente. A arte da guerra consistia para elle em ter sempre mais forças do que o inimigo no ponto de ataque; e todo o seu talento se desenvolvia em manobrar de sorte que, carregando de flanco sobre o inimigo, lhe destruisse as forças por parcellas. Na verdade, salta aos olhos que uma pequena força, manobrando rapida e habilmente de maneira a ter no ponto de conflicto dois homens contra um, será um adversario superior a um corpo de exercito mais numeroso e menos movivel. «O grande principio da guerra, dizia elle, consiste em ter o exercito sempre prompto, de dia e de noute, a qualquer hora, a oppôr toda a resistencia de

NAPOLEÃO EM ARCOLE (1796)
QUADRO DE GROS (B.on) MUSEU DO LOUVRE

A batalha de Arcole deu se aos 15 de novembro de 1796 entre o reduzido exercito francez e o numeroso exercito austriaco, e alli se evidenciou a habil tactica de Napoleão, aproveitando-se da constituição do terreno, cortado de lagôas, para inutilizar a superioridade das forças inimigas. A passagem da ponte de Arcole é um dos feitos d'armas mais celebres da vida militar de Bonaparte, a quem o Conselho dos Quinhentos concedeu, em doação gloriosa, a bandeira que elle então empunhava, excitando o exercito á victoria. Bella e nobre recompensa digna das idades heroicas.

que for capaz». Sobre uma posição decisiva fazia chover torrentes de metralhas e de ballas para impossibilitar toda a defeza; sobre um ponto de resistencia tenaz enviava esquadrões sobre esquadrões. A um regimento de caçadores a cavallo em Lobenstein, dois dias antes da batalha de Iéna, Napoleão dizia: — «Meus rapazes, é preciso não temer a morte; quando os soldados a affrontam, atiram-a para as fileiras do inimigo» — No impulso do assalto não se poupava, arriscava-se tambem; em Arcole cahiu no paul e difficilmente foi trazido para o campo. Em Lonato esteve quasi prisioneiro. Este ardor era todavia temperado por uma fria prudencia, quando necessario. Na manhã d'Austerlitz na ordem do dia ás tropas, Bonaparte diz-lhes e assegura-lhes que, em quanto durar a batalha, se conservará fóra do alcance das ballas, — curiosa formula de inspirar confiança como chefe supremo no commando vigilante e attento. Ganhava as batalhas na sua cabeça antes de as ganhar no campo da lucta. O seu ataque não era a inspiração da coragem, era o resultado do calculo. A guerra reduzida a uma operação arithmetica.

O armamento da época permittia ainda a bravura individual.

Todavia Napoleão, a mais poderosa personificação da guerra, nunca disparou um tiro contra o inimigo, nem arrancou da espada senão uma vez, em Arcis-sur-Aube, com o auxilio de dois officiaes porque ella enferrujara-se na bainha. Curioso pormenor e significativa confirmação da sua peculiar psychologia. Tudo n'elle repousava sobre a delicada justeza das combinações, e as estrellas não eram mais ponctuaes do que a sua arithmetica. A sua attenção pessoal desceu ás mais pequenas minudencias. «Em Montebello, diz elle, ordenei a Kellermann que atacasse com os seus oitocentos cavalleiros, e apenas com estes homens separei os seis mil hungaros, á vista da cavallaria austriaca, a qual estava a meia legua, se tanto. Ser-lhe-hia preciso um quarto de hora para chegar ao terreno de acção. Observei que são sempre estes quartos de hora que decidem do exito d'uma batalha.» — Gigante no trabalho, prodigioso na actividade, era um economisador do tempo. Quando ainda general na campanha de Italia, deu instrucções a Bourrienne de deixar, fechadas todas as cartas durante tres semanas, sobretudo as do Directorio. Depois notou com satisfação que assim uma parte muito importante da sua correspondencia se liquidava por si propria. Não exigia resposta. Os acontecimentos tinham-lh'a dado antecipadamente. Em

PASSAGEM DO MONTE DE SÃO BERNARDO — QUADRO DE PAUL DELAROCHE

Guardando fidelidade á verdade historica, o celebre pintor francez representa Bonaparte montado n'uma mula, porque foi assim que, conduzido por um montanhez, passou o São Bernardo, entre São Pedro e São Remy.

1796 escrevia ao Directorio: — «Nada teria feito de bom, se tivesse tido necessidade de me conformar com as idéas d'outrem. Conduzi a campanha sem consultar quem quer que fosse.» — Inspirava confiança a extraordinaria unidade da sua acção. Firme, seguro de si, cheio de abnegação, sempre prompto a fazer-se esquecer, sacrificando tudo aos seus fins — dinheiro, tropas, generaes, a sua propria segurança — nunca deslumbrado pelo esplendor das suas proprias faculdades, como os aventureiros vulgares. «Os incidentes não devem governar a politica, dizia elle. Deixar-se arrastar por qualquer acontecimento, é não possuir systema algum politico.» Organisação de ferro, capaz de ficar a cavallo dezeseis horas seguidas, marchando dias consecutivos sem repouso nem alimento, compacto, egoista, prudente, respeitava o poder da natureza e da fortuna, attribuindo-lhe a propria superioridade, proclamando-se o «filho do destino», alludindo na sua rhetorica predilecta ao influxo da sua estrella. «A minha mão de ferro, dizia, não está propriamente na extremidade do braço; está immediatamente ligada á minha cabeça.» — Na plenitude dos seus recursos, todo o obstaculo parecia desapparecer perante a sua energia. «Não mais haverá Alpes» — dizia e ia construindo pelas escarpas e pelos alcantis, em lacetes admiraveis, os troços de estrada que lhe abrissem as portas da Italia.

Poderosa organisação de trabalhador; memoria prodigiosa de minudencias, de figuras, de algarismos, capacidade de trabalho sem limites; o primeiro consul prolongava até madrugada as sessões do conselho de estado, com decisão sempre rapida, e systematisação de idéas, que sabia pôr em ordem de batalha como se fôra um corpo de exercito. Um dia, conta Chaptal, seu ministro e illustre chimico, Bonaparte fallou-lhe do projecto de instituir em Fontainebleau a escola militar e desenvolveu-lhe as principaes disposições organicas do novo instituto. O ministro dedica a noite inteira ao trabalho e no dia seguinte apresenta ao primeiro consul o projecto circumstanciado. Bonaparte não se satisfaz com o estudo, manda sentar o ministro deante da carteira e dicta-lhe em seguida durante duas ou tres horas um plano de organisação em 517 artigos. Mesma rapidez, mesma generalisação, identica amplitude de vista interior, a proposito da creação do porto de Flessingue, que o ministro viu decretar a Bonaparte durante o tempo de repouso n'uma muda de viagem.

CAPTIVO... — QUADRO DE A. DAWANT

O vencedor de Iena está captivo no palacio das Tulherias, immovel e preso pela pequenina mão rosada de seu filho, do rei de Roma, do herdeiro do seu immenso imperio. Um marechal vem receber as ordens do imperador; que seja Berthier, Davout ou Ney, terá, seja quem fôr, de esperar que a creança desperte e liberte o prisioneiro.

Tendo citado Chaptal, será talvez curioso contar o episodio que afastou da vida politica activa o poderoso ministro, cuja sciencia vasta e iniciativa ousada produziram para a administração da França brilhantes resultados. Chaptal tinha um fraco confessado por uma das societarias da Comedia franceza, Mlle. Bourgoin. Uma noite de julho de 1803, dois mezes depois da proclamação do imperio, elle trabalhava com Napoleão. O creado particular Constancio veiu informar seu amo de que Mlle. Bourgoin esperava sua magestade na ante-camara. Ha reacções que a chimica não póde prevêr. O infeliz ministro não soube supportar o golpe, sahiu bruscamente, entrou em casa, escreveu n'essa mesma noite o seu pedido de demissão, que foi acceita, e retirou-se para as suas terras de Chanteloup. Nas memorias do politico, retratando Bonaparte com mestria e abundancia de pormenores, reconhece-se a cada passo aquelle doloroso espinho enterrado no coração do sabio amoroso. Por este e por innumeros factos similhantes, de observação diaria, se reconhece que o systema de causas futeis não devêra ser tão duramente criticado em historia; porque sem duvida ha pequeninos acontecimentos que imprimem direcção decisiva á marcha dos negocios, como ao destino dos homens.

Napoleão contempla atravez das seteiras do Kremlin o incendio de Moscow   Quadro de Verestchagin

O notavel pintor russo, que n'uma serie de quadros illustrou a campanha de 1812 na Russia, reproduz o episodio da desesperada contemplação de Napoleão perante o incendio que os russos lançaram á cidade para que ella não cahisse em poder dos invasores. Foi este sem duvida um dos mais tragicos momentos da vida do grande capitão.

Os tempos, a sua constituição, e o meio combinaram-se para desenvolver este democrata typo, com todas as virtudes e todos os defeitos da sua classe e fizeram d'elle o chefe do partido moderno, o seu directo representativo. Napoleão nascera para uma humilde fortuna particular. O tenente de artilharia de 1792 fez-se com as circumstancias o imperador dos francezes em 1804. Doze annos apenas. O interesse das multidões industriosas encontrou n'elle o orgão e o chefe. Dirigia os milhões, conhecia o valor do trabalho. «O mercado, dizia, é o Louvre do povo.» — Quem tinha negocios com elle, reconhecia que as suas avaliações tinham a justeza e a minudencia que caracterisa a classe media. Quando as despesas da imperatriz, da sua casa ou de seus palacios, creavam dividas, examinava as facturas dos fornecedores, reconhecia-lhes os acrescentamentos, discutia-lhes os abatimentos, obtinha ou impunha-lhes reducções importantes.

A sua força real residia na convicção que o povo tinha de que elle era o seu representante, no seu genio e nos seus instinctos. Com effeito, o povo sentia que o throno continuava vago, apesar de occupado por Napoleão; era um dos seus que estava nas Tulherias, com idéas simillhantes, abrindo a todos os loga-

res do poder e da confiança. Inaugurou-se um novo mercado para todas as faculdades de sciencia. Tinha a avidez do saber e da verdade. Todavia desdenhava dos homens

Episodio da retirada da Russia (1812) — Quadro de Ivon

O marechal Ney fora o encarregado de sustentar aquella memoravel retirada. Os russos, avançando sob o abrigo d'um bosque, fusillam os soldados de Ney; o desanimo lavra nas fileiras, o frio regela a coragem, as desersões amiudam-se, a desordem começa. Ney, tomando uma espingarda, colloca-se á frente dos que debandavam, consegue leval-os ao fogo, expondo a sua vida como simples soldado, elle, o marechal, como se não fora ainda rico, poderoso, considerado, como se tivera ainda tudo a ganhar, quando tinha tudo a perder. Miguel Ney, simples furriel de hussares em janeiro de 1795, era marechal do imperio a 19 de maio de 1804: fusillado no tempo da Restauração a 8 de dezembro de 1815, sob condemnação da camara dos pares, como reu de alta traição á monarchia.

e para todas as producções, hospitalidade generosa para todos os generos de talento e de energia. Dezesete homens do seu tempo foram levantados da classe de simples soldados á categoria de rei, de marechal, de duque ou de general. O povo olhava Napoleão como a creatura do seu partido, assim como adquirira pela revolução o direito de o considerar a carne da sua carne. O predominio de Bonaparte não consiste na força selvagem ou extravagante, n'um enthusiasmo fascinador, ou n'um poder singular de persuasão, mas simplesmente no exercicio do senso commum em todas as circumstancias. Que lição soberba não offerece á indecisão, á indolencia, á mediocridade vulgares a vida d'este homem! Cerebro potente que percorreu em luminosa vibração todas as questões praticas e abstractas, doutrinarias e scientificas da sua época. Comprazia-se na conversação e no convivio dos homens de letras, a quem chamava «manufactores de phrases». E apezar d'este seu affectado desprezo, Bonaparte era-o tambem; tinha uma eloquencia sobria, mas altamente suggestiva na sua fórma laconica; ha d'elle phrases verdadeiramente lapidares: «Do alto d'aquellas Pyramides quarenta seculos vos contemplam» — «Bem sabia que o 32 de linha estava lá» — »Dava duzentos milhões do meu thesouro para o resgate de Ney» — «Ha duas alavancas para mover os homens, o interesse e o mêdo» — e tantas outras que o definem, nos seus enthusiasmos e na sua philosophia mundana.

Emerson deno minou Napoleão o encarregado de negocios da classe media da sociedade moderna, d'essa multidão que enche os mercados, os escriptorios, as officinas, com a ruina ou a riqueza. Foi a um tempo agitador e radical; o inventor e o destruidor de

Napoleão em Waterloo (18 junho 1815) — Segundo uma lithographia de Bellangé

Napoleão tinha então quarenta e seis annos, em toda a plenitude do seu genio, de todas as suas energias intellectuaes e physicas. Somente deixara de ter em si proprio a confiança, absolutamente necessaria para o exito, esta força suggestiva que impulsiona a acção alheia e obriga-a, como se fôra a vontade propria, a executar as determinações concebidas. N'esta memoravel batalha, os experimentados generaes receberam ordens habilmente delineadas, todavia não sentiram, irradiando do imperador, aquella força mysteriosa de execução, que o heroismo não póde supprir.

dos os seus defeitos e vicios — *representative man*, na esphera das cousas mundanas, dos conflictos do interesse, no encalço da riqueza, entre as lutas desesperadas dos que, n'uma sociedade baseada sobre o valor supremo da propriedade, procuram adquiril-a ou defendem a que possuem.

Todavia Bonaparte tem geraes sympathias, exerce uma attracção universal, porque como na theoria mystica de Swedenborg, cada um encontra na vida, nas ideas, nas aspirações do grande homem, tão sómente engrandecidas, as proprias ideas e aspirações, sonhos de grandeza e de goso insaciaveis.

(Segundo Emerson)

monopolios e de abusos. Logicamente, a Inglaterra como centro do capital, Roma como centro da tradição, a Austria como centro da genealogia aristocratica, fizeram-lhe opposição tenaz. Toda a vida, toda a carreira brilhante, d'este homem excepcional foi a experiencia mais completa, e nas condições mais favoraveis, do que podem as energias d'uma vasta intelligencia, sem escrupulo, nem consciencia. Resume uma epoca inteira, define uma civilisação, com todas as suas qualidades boas e com to-

Residencia de Napoleão em Santa Helena (1821)
Segundo um desenho da época

A modesta casa de Longwood compunha-se de dois quartos, cercada d'um pequeno jardim, onde elle trabalhou algum tempo, e onde uma mesquinharia ridicula e uma espionagem ignobil, que lord Rosebery no seu livro recente justamente estigmatisa, cercaram e magoaram o grande capitão moderno, durante o seu captiveiro.

A TORRE DAS AGUIAS

A Torre das Aguias, na antiga e agreste villa das Brotas, fica no Alemtejo, concelho de Móra, a umas oito leguas a norte de Evora.

E' sitio muito isolado, de terrenos dobrados vestidos de mattas de azinho e sôbro, e ainda por ali se encontra o lusitano, talvez o turdetano puro, o *zagorro* do monte, de cultura rudimentar. As Brotas, concelho já no seculo XIV, teem hoje pouco mais de um cento de fógos, e sem geitos de progredir; nos arredores é escassa a povoação, que para ali vegeta abandonada, entre mattos e montados.

Mas a torre é bem singular.

Entre humildes casas abarracadas ergue-se a imponente mole de severo e guerreiro aspecto, coroada de ameias, e guaritas formadas de altos coruchéos agudos, apoiados em fortes cachorros ou matacães.

Tem 20 metros de altura por 17 de largura na base. Os quatro pavimentos dividiam-se em 16 casas abobadadas. Em baixo, a parede apresenta dois metros de espessura. E' tão solida a construcção que grande parte dos compartimentos está ainda bem conservada, e seria facil a restauração completa porque todas as paredes guardam o aprumo primitivo.

A Torre das Aguias pertenceu por largos tempos á casa dos condes da Atalaya, que possuiu varias commendas no Alemtejo.

Parece uma construcção do seculo XIV; algumas janellas dos pavimentos superiores

são primitivas, outras foram abertas ou rasgadas mais modernamente. A singela casa

abarracada não deixa ver a porta que não offerece particularidade notavel.

E' monumental e poucos edificios haverá no paiz que se lhe comparem, no seu genero.

As estampas que publicamos reproduzem photographias do sr. Rodrigues, empregado da Bibliotheca Nacional de Lisboa e intelligente amador, que visitou ha pouco esses logares desviados, acompanhando o sr. dr. Leite de Vasconcellos em pesquizas archeologicas

G. Pereira.

De Lisboa a Moçambique

Por ANTONIO ENNES

CAPITULO V

Moçambique — A vida — Os macuas *(Continuação)*

Os macuas, como os seus vizinhos e proximos parentes *mavias, ajauas, makondes,* não sobrelevam hoje aos outros *bantu* em ferocidade nem em barbaria de costumes, e os viajantes que mais de perto os conheceram e trataram, como Chauncy Maples, que lhes estudou a lingua, e o consul inglez em Moçambique, O'Neill, acharam-nos doceis, accessiveis, francos, leaes, e até pacificos, embora as perseguições dos escravistas e os máus tratos dos europeus os tornassem suspicazes. Geralmente robustos, não raras vezes athleticos, têem tons acobreados na tez, malares salientes, grandes olhos de esclerotica muito branca, e são dolicocephalos e prognatas. Já se não mutilam e deformam tão horrendamente como descreveu Fr. João dos Santos. Os mais incultos ainda usam o *pelele*, que é uma pequena rodella de madeira, mettida no beiço superior por baixo do nariz, n'um buraco que para a receber lhes fazem quando são creanças, e que os pacientes vão alargando depois a pouco e pouco com a introducção de palhas, primeiro, depois de cylindros de páu de mais a mais grossos; mas este mesmo adorno desappareceu já da costa, e, especialmente das vizinhanças de Moçambique. O que ainda fazem quasi todos é marcarem-se na testa e nas faces com as cicatrizes de pequenas incisões dispostas symetricamente, formando meias luas com as pontas voltadas para baixo ou linhas curvas desenhadas dos sobr'olhos para as fontes, ou aspas traçadas nos cantos da bocca, ou uma especie de franzido entre os sobr'olhos; mas tambem ha genuinos macuas a quem falta esta caracteristica, como falta o aguçamento dos dentes incisivos feito á lima. Invariavel é a moda de furarem as orelhas e introduzirem nos orificios argollas pendentes de metal. Os que são musulmanos costumam trazer a cabeça sempre rapada; dos que não adoptam essa pratica de asseio e hygiene muitos tonsuram-se ás riscas, ou só deixam crescer a carapinha sobre o occiput e alguns enfeitam o *karrari*, cabello, com páusinhos forrados de linha ou fita preta, dispostos em fileiras, a modo de franja. Os que professam o islamismo ou vivem em regiões onde elle influenciou os costumes, são circumcisos, sendo a operação feita em algumas partes, sob a direcção dos régulos e com um ritual complicado.

No vestuario assemelham-se os macuas a quasi todos os seus vizinhos da provincia. O dos homens deriva da tradicional folha de figueira ou de parra, e ainda alguns, nos matos, são fieis a essa tradição, substituindo apenas a folha por uma tira delgada de algodão segura aos rins por um atilho; mas esse *langotim* vae por toda a parte reconhecendo a sua insufficiencia como elemento de compostura, e cedendo o logar ao panno ou occultando-se debaixo d'elle. O panno não dá que fazer a alfaiates; são duas ou tres braças de algodão branco *(merikana)*, ou estampado, com a largura sufficiente para chegar da cintura até meia coxa ou, quando muito, até o joelho, que se enrola em volta dos quadris e se traça na frente entalando-se na volta uma das suas extremidades. Nas povoações policiadas associa-se geralmente a este rudimento de fato uma camisola com mangas, justa ao tronco, semelhante ás que na Europa se usam por baixo das camisas, de malha branca, d'uma côr só ou estampada, e o panno e a camisola constituem o fardamento commum dos machileiros, moleques, remadores e mais serviçaes a quem os amos vestem. Apesar do calor, os negros gostam de cobrir o corpo, porque consideram o vestuario como enfeite e distincção, e, sendo elle de córte europeu, como que os aristocratisa a seus olhos, e nivela com os brancos; a simples camisola é, pois, complemento substituido a miude por camisas brancas, casacos, fardetas, paletots, que foram de europeus, e que os seus felizes possuidores actuaes vestem em regra sobre a pelle núa, deixando-os abertos sobre o peito luzidio. As nossas calças são-lhe menos sympathicas porque restringem a liberdade das pernadas; só as usam em geral quando podem pavonear-se com uma andaina completa de fato de *mo-*

zungo. As cabeças julgam-se sufficientemente resguardadas pelas carapinhas densas; é principalmente como atavio que o negro empoleira no toutiço um chapéo qualquer, ou cobre a arca dos seus pensamentos com um barrete cylindrico, a que chamam *cofió.*

As mulheres tambem vão passando do regimen do *langotim* mais ou menos desenvolvido e complicado, ao do *panno,* a que o pudor do sexo, que nem mesmo em Africa é méra convenção, dá as dimensões necessarias para cobrir os seios, ou parte d'elles, e pender até quasi aos tornozellos. Veste-se como o dos homens, cingido detraz para deante, junto ás formas, crusado e preso sobre o peito. Negra elegante e abastada não se decota mais do que as outras; pelo contrario tapa tambem o busto com o *quimau,* casaco muito curto sem golla, com mangas até meio braço, e assim obtem uma encadernação completa, que furta á profanação dos olhares sensuaes os mimos de sua pelle assetinada, embora lhe entregue os relevos dos seus tecidos adiposos. Ha *pannos* e *quimaus* para todas as fortunas, a começar pelos de *merikana* ou *losse* (algodão azul escuro) e a acabar nos de seda, com bordaduras a *soutache.* Os fabricantes da India, principalmente sabem lisongear o sentimento esthetico da sua clientella feminina de Africa Oriental e têem creado para ella um sortimento especial de tecidos, accommodados ás suas *modas* pouco variaveis, cujas tintas espelhentes e phantasiosos debuxos tambem deslumbrariam a vista das nossas saloias. Não se julgue das *toilettes* das negras moçambicanas pelos algodões que a estamparia nacional produz com destino aos mercados africanos; as industrias indianas servem-n'as melhor, mandam-lhe muitas fazendas que, no genero vistoso e alegre, são verdadeiros primores, pelo menos de tinturaria, e já têem a complacencia de empregarem linha e seda no fabrico de telas exclusivamente destinadas ao mister de cobrir ventres e rins de ebano polido. Ha *pannos* que custam umas poucas de libras, e parece que têem consumo, porque não há quitanda afreguesada de baneane que os não tenha no seu *stock.*

Quando este trage indigena é usado por mulheres bem talhadas compõe figuras mais artisticas do que as das beldades caucasianas enroupadas conforme os preceitos de certas modas europeas; assim, não haverá estatuario que não prefira cinzelar as pregas d'um *panno* bem lançado sobre as ondulações d'um corpo esbelto a reproduzir os panejamentos symetricos e escorridos d'uma saia *parapluie.* Como tambem em Africa os instinctos femininos sabem segredos de garridice, tafulas ha de *panno* e *quimau* que tiram partido d'essas singellas peças de compostura e adorno para darem realce ás formas; têem acertada conta nas indiscripções das roupas mais ou menos colladas ao molde, dispoem-lhes com tal ou qual garbo as dobras, as rugas e os cruzamentos, e juntam-lhes accessorios, ou fazem-lhes modificações, que completam e aprimoram a decoração pessoal. Os *quimáus* sobem ás vezes até o pescoço, deixando apparecer o cabeção d'uma camisa branca, e quando descobrem o collo aproveita-se a defficiencia para ostentar collares de contaria ou missanga, cujas cores vivas mais azevicham pelo contraste a pelle macia; cintos ornamentados desenham as curvas opulentas dos quadris; annilhas de metal amarello tornam menos duro o contorno dos braços e das pernas. Mas estes *copuschiquismos* não são triviaes, nem mesmo nas cidades, e ainda menos trivialmente os auxiliam graças naturaes; podem considerar-se até como excepção da degradação de formas e do *avaccamento,* determinados geralmente nas mulheres africanas pelo trabalho, pelos vicios e pelas precocidades. E, feias ou bonitas, moças ou velhas, esbeltas ou disformes todas ellas se fazem grotescas, amacacadas, monstruosas, quando lhes dá para parecerem *senhoras* arremedando os vestuarios das brancas, como é frequente vêr-se no littoral, porque as suas formas desenvolvidas á vontade no periodo da formação, os abdomens proeminentes, os seios montanhosos ou escorridos, as ancas protuberantes deturpam todas as linhas fundamentaes do figurino europeu, e os seus movimentos largos e soltos imprimem ás roupagens que as constrangem, geitos e deslocações e desmanchamentos que são a mais risivel antithese do donaire senhoril.

Uma pragmatica que se inspirasse nos principios artisticos prohibiria as negras vestirem-se de brancas.

Estas formas de vestuario modificaram-se para os homens, quando elles professam ou suppôem professar o islamismo. O mesmo mahometano só por absoluta pobreza deixa de se nobilitar cobrindo o corpo todo com uma cabaia branca, especie de camisa larga, com mangas, caida até os pés, e tapando a cabeça rapada com um barrete cylindrico, baixo, tambem branco, e geralmente puxado para traz descobrindo todo o frontal em beneficio do occipital. Outros mais ricos imitam o trage arabe; lançam sobre as cabaias amplos albornoz, geralmente sem capuz ou vestem por cima d'ellas a *funga* que é um paletot comprido aberto na frente; enrolam nos barretes pannos leves, brancos ou coloridos formando turbantes, e até calçam ábarcas ou

sandalias. Os regulos poderosos e abastados adoptaram este figurino, e opulentaram-n'o com sedas e bordaduras de ouro. Em Moçambique e no continente fronteiro, especialmente nas Cabaceiras, predominam as modas mahometanas; a bem dizer só os trabalhadores e os serviçaes usam o *panno* e a camisola. Pelos palmares da terra firme e nos caminhos da Ponte da Ilha prepassam de continuo vultos brancos de *monhés* que dão ao paiz um aspecto distincto do que têem as outras regiões da provincia, em que o negro se não mascara de arabe. As mulheres é que não mudam sensivelmente de roupas conforme a religião; só mudam conforme a condição.

Aos macuas mussulmanos dá-se geralmente o nome de *monhés*, e esta denominação applica-se tambem aos mahometanos da India e até a todos os indios; parece, porém, que só pertence propriamente a um povo que havemos de encontrar no antigo districto de Angoche, e que se julga descender de immigrantes suakiki.

São os macuas que constituem o fundo da população da cidade e do districto de Moçambique; mas com elles têem-se misturado negros oriundos de todas as zonas da provincia e até de fóra d'ella, predominando entre estes elementos exoticos os suakikis, da costa de Zanzibar, e os *maganjas*, oriundos das ilhas Comos, que provavelmente descendem em linha mais ou menos recta dos arabes que no seculo VIII sob a direcção de Zaid, neto de Ali, se estabeleceram n'essas ilhas, e Valvy na de Madagascar, fugidos a perseguições religiosas. São mais afamados, estes *maganjas*, e attribuem-se-lhe malfeitorias de escravistas e proezas de activa propaganda mussulmana. Não vae longe o tempo em que na propria ilha, e ainda mais no continente, desappareciam negros, quasi sempre creanças, e a voz publica indigitava os *maganjas* como auctores d'esses desapparecimentos, suppondo que os desapparecidos tinham sido levados por força ou por fraude para serem vendidos como escravos em Zanzibar. Tambem os accusam de indoceis, arrogantes e propensos á violencia.

No meio da população africana, a confundir-se a miude com ella, vivem numerosas colonias de asiaticos, indios quasi todos, mahometanos, parsis, gentios, avultando entre elles os *baneanes (banyans, banyohs, banneas)*. Esta designação, segundo creio, nem na India tem um sentido rigoroso, mas compete principalmente aos individuos, quasi todos da casta dos veiscias que na costa oriental negoceiam com o estrangeiro; na nossa Africa applica-se aos commerciantes indianos que não são nem parsis nem mahometanos, sendo estes ultimos comprehendidos na denominação commum de *mouros*, e dando-se áquelles o nome de *bathiás*. Os baneanes são inglezes ou portuguezes, procedendo estes principalmente de Damão.

Anteriores aos portuguezes na exploração commercial da costa oriental d'Africa, os indios espalharam-se por toda ella, desde Quilôa e Mombaça a Colungo, vivendo á sombra das soberanias européas ou da tolerancia dos indigenas. Começam de apparecer a bordo dos paquetes em Aden, e empachamnos em todas as viagens entre os portos que se abrem d'alli para o sul, importunando os outros passageiros com a sua nauseabunda companhia. Viajam empalhados no convez entre gaiolas de creação e pandeiros de cabos, acocorados sobre as bagagens, dormindo em esteiras a céu aberto ou debaixo dos escaleres suspensos dos turcos, sustentados pelos seus farneis de arroz e caril, que elles por suas mãos cosinham, e comem no chão, tagarellando dia e noite, espojando-se, coçando-se, sempre a mexerem nos pés, quasi descompostos, desagradaveis á vista, incommodos ao olphato, impertinentes ao ouvido. Só os nababos commettem a prodigalidade de pagar um beliche em segunda ou terceira camara. Navios invadidos por esta praga perdem logo o aceio, a ordem, o socego: não se dá um passo sem tropeçar n'um corpo estatelado, ou escorregar em pratos de arroz cosido e cascas de mangas; de noite algaraviadas de ralhos e polemicas espertariam os sete dormentes; caixas e trouxas atravancam os tombadilhos; pelas guaritas e vigias espreitam para os salões e para os camarotes invejosos olhos amarellentos; os ares quentes saturam-se de pestilencias; exhibem-se carnes felpudas pelas aberturas e rasgões de andrajos sordidos. Alguns d'esses immundos que andam debaixo dos pés dos marujos e da sociedade como os macacos, são ricos, levam saquiteis de libras escondidas nos cintos ou letras de cambio cosidas nos farrapos; é só a avareza que os expõe, ás vezes com mulheres entrouxadas em pannos e ranchadas de creanças semi-nuas, ás abjecções e aos tratos de muitos dias de viagem, durante os quaes as chuvadas e os golpes de mar não lhes deixarão talvez um palmo de taboado enxuto em que se deitem, e os balanços rebolal-os-hão entre as amuradas. Villissimos! Toma-se-lhes aversão só de os vêr a bordo. Só admira que as emprezas de navegação ainda não tenham feito gaiolas para elles, como para os animaes!

Todas as terras estão içadas d'elles, e não desmentem em terra o conceito que inspiram

no mar, a não ser emquanto a actividade. Em Moçambique, e como em Moçambique em quasi todas as provincias do littoral, ha ruas e ruas quasi só habitadas por asiáticos e que d'elles tiram os nomes. No interior, onde ha um nucleo de população, onde ha um caminho frequentado, lá apparece um commerciante indio, estabelecido ou ambulante. Em quasi toda a parte são mais numerosos do que os europeus, e em algumas partes mais bastos do que os negros. Não se somem na massa da população; pelo contrario, dão-lhes uma feição caracteristica o seu aspecto de mescla ethnographica. Nunca deixam o seu trage indigena nem sequer o modificam. O baneane usa como o negro, *panno* enrolado aos quadris, um panno de algodão que se diz branco somente porque nunca foi tinto, de cujas dobras lhe surdem as pernas completamente nuas a não ser de guedelhas, que arrastam uns sapatões, tão parecidos na forma com um pé humano como as canôas, e que chegam a romper-se sem terem descoberto que a civilisação inventou uma coisa chamada meias; por cima do panno enfia uma camisa com mangas, que não chega a tapar as pernas porque isso seria esbanjar fazenda, e sobre a camisa enverga um rudimento de collete, correspondente á alguba mourisca que não une nem se abotoa na frente. Alguns d'estes colletes lembram-se vagamente de terem sido de velludo ou de seda, bordados a ouro ou a matiz, quando os triavôs dos actuaes possuidores os estreiaram em dia de festa; os que ainda agora são d'essas fazendas e ostentam esses recamos devem ter fóros de joias de familia. Na cabeça traz um barrete redondo e chato, entesado com cartão, tambem frequentemente matizado e lantejoulado para luzimento de muitas gerações. Mas todos estes arreios e atavios, quando destinados ao uso quotidiano, ainda que conservem vestigios do passado luxo, estão já tão desbotados, e marcados, e desdourados, e machucados, e safados, e especialmente tão sujos que dão a quem os veste, no alto das pernas núas, um aspecto repellente de miseria sordida, que se identifica com o typo do baneane.

Não ha maneira de o desapegar d'este vestuario nem d'outro qualquer costume de sua raça e de sua patria. Em Lourenço Marques, a administração, — creio que municipal, — entendeu que a nudez das pernas era *schoking*, e, naturalmente para lisongear os inglezes tentou por meio de posturas, obrigar os baneanes a vestirem calças. Pois ia havendo uma revolução na cidade e em toda a provincia! Intreveiu o governo geral, a postura foi revogada, e os indios continuam a exhibir na praça 7 de maio, como no sertão, as suas tibias amarellas, que nem tem o merecimento de os recomendarem para archeiros. Nem sequer transigiram com as meias!

Já não são assim os indios mahometanos Embora vistam como os baneanes, enfronham as pernas em largas pantalonas de algodão branco, e, em geral, são mais esmerados, e até luxuosos no trage. Em occasiões festivas ostentam ricas algubas, turbantes de tecidos preciosos, e umas magestosas vestimentas de mangas, que caem direitas até os pés e são abertas pela frente, feitas de seda de côres vivas e recamadas de bordaduras. Em Inhambane, n'uma solemnidade religiosa, os commerciantes mussulmanos da terra apresentaram-se ataviados tão sumptuosamente que o theatro de Trindade acceital-os-hia para principes de quadros das *Mil e uma noites*.

Os bashias differençam-se principalmente dos baneanes, emquanto ao estylo do vestuario, pelos barretes que usam em forma de mitra, nao tão altos, porém, como a insignia prelaticia a que se deu esse nome, e que o catholicismo deve ter recebido da Persia.

Os europeus constituem uma parcella minima da população, mesmo na cidade de Moçambique, onde os serviços officiaes reunem muitos portuguezes. Dos proprios funccionarios publicos, civis e militares, a maioria são da India, são *canarins*, como lá se diz, mais ou menos escuros. Os colonos que o reino mandou recentemente para Africa Oriental, não avolumam na capital, e não formaram n'ella nem sequer o nucleo d'uma classe popular portugueza; o seu *povo* é especialmente africano e asiatico, apenas mesclado por alguns artistas e alguns caixeiros europeus. Tambem as colonias estrangeiras, a não ser a das Indias britannicas, são reduzidas, e quasi exclusivamente commerciaes, e os unicos subditos europeus de S. M. a Rainha Victoria (1894) são os funccionarios do consulado e os empregados da *Eastern Telegraph Company*.

❦ ❦ ❦

Moçambique é emquanto a costumes, a cidade mais portugueza da provincia. O teor da vida nacional só lá soffreu as modificações determinadas imperiosamente pelo *meio*, sendo os mais activos agentes modificadores d'esse meio o calor e as pretas. Raros são os usos propriamente locaes, admittidos pela generalidade dos habitantes portuguezes que valha um registo; quem chega de Lisboa pouco tem que estranhar, a não ser o clima e os

seus effeitos, e pouco tem que aprender, se quizer seguir o conselho: de ser romano em Roma.

Esse recemchegado não encontra ao desembarque uma carruagem que o leve ao alojamento; a cidade é muito pequena para poder aproveitar esse meio de locomoção, nem tem as ruas preparadas para rodagem, porque só ha pouco tempo a sua municipalidade principiou a endurecer-lhes os leitos de areia solta, por um processo rudimentar de macadamisação. Mas se tiver que fazer um extenso trajecto, na ilha ou no littoral, as pessoas que o esperarem poderão ter-lhe preparado uma *machila* ainda que já não são vulgares esses trastes na cidade.

A machila é fundamentalmente uma maca suspensa pelas extremidades e por meio de correntes de ferro, n'um grosso bambú, que quatro carregadores, dois adiante e dois atraz, assentam e seguram sobre os hombros, de modo que a maca fique levantada do chão. Ha, porém, tantas fórmas diversas de machilas como de carruagens. Nas mais communs, o taboleiro, feito geralmente de lona enchumaçada e esticada sobre uma armação de madeira, é inteiramente plana, tendo encostos verticaes nos topos e guardas lateraes, e o passageiro vae sentado n'elle com as pernas estendidas, n'outras, mais commodas, ha uma cadeira baixa ou um banco fixo n'uma das cabeceiras do taboleiro. Algumas são toldadas, e fechadas por cortinados; outras descobertas. No matto adopta-se de preferencia as verdadeiras macas similhante ás de bordo, nas quaes a lona se adapta ás fórmas do corpo, por ser solta de qualquer esqueleto que a reteze e só presa á canna pelas extremidades, o que permitte ir deitado n'ella como nas classicas *rêdes*, com uma almofada debaixo da cabeça, para maior conforto; quando não têem que passar por meio de arvoredo ou hervas altas, protege-as um toldo movel sobre um eixo central, que o passageiro inclina para o lado d'onde bate o sol. Ha com chitas sumptuosas, como trens de luxo, com sanefas, cortinados e estofos de seda, madeiras polidas, lanternas de côr, machileiros uniformisados, e, d'antes, as destinadas ao serviço das *donas* eram tão hermeticamente fechadas como se o ciume oriental as empregasse em transportar odaliscas. A conducção na machila é deleite ou supplicio conforme a pericia dos conductores. Ha uma alta escola de machileiros. Antes de tudo é indispensavel que elles emparelhem bem em alturas, para não desnivelarem a machina. Cada extremidade da canna assenta sobre o hombro direito d'um e o hombro esquerdo d'outro de dois machileiros juxtapostos, e geralmente inclinados e convergentes como os machos das carroças do Alemtejo costumam convergir para a lança; n'estas posições, se os quatro conductores não acertam exactamente o passo imprimem á machila terriveis movimentos desencontrados. Precisam tambem andar de modo que não dêem solavancos aos hombros, que não *chouteiem;* não abrir tanto o compasso das pernas que batam na machila; saber passar a canna de hombro para hombro quando estão cançados, sem parar e com movimento suave, e levantal-a ou aguental-a acima da cabeça para vadear charcos e transpôr obstaculos; e, especialmente ter folego, ter jarretes firmes e ter hombros callejados para fazer extensas e rapidas jornadas. Quando os pobres substitutos das cavalgaduras reunem es-

Moçambique — Machileiros

tes requisitos e os caminhos são lisos, póde-se andar de machila por gosto. Deitado, dorme-se como n'um berço. Conseguem-se velocidades de mala-posta; já percorri em 50 minutos, ás costas de quatro valentes macuas, os 8 kilometros fartos que medeiam entre a Beira e o Dondo. Mas se a machila mal conduzida, vae aos estremeções e aos pulos, esbarrando em pedras e troncos, esfregando-se pelos matagaes, fica-se moído, contuso, arranhado, e não é raro darem-se quedas desastrosas.

Outro inconveniente da machila é o cheiro dos machileiros, por mais lavados que sejam. Quando elles, afadigados, tressuam á soalheira, as emanações da catinga trazidas pelas correntes d'ar deslocado viram do avêsso o estomago mais refractario a nauseas!

Nas povoações do littoral, a machila vae desapparecendo; quasi só as usam as damas, por ostentação quando saem a visitas. E ainda bem; porque o serviço de machileiro é o mais brutal e o mais degradante, que o europeu ainda impõe ao negro. As cannas chegam a ferir-lhes os hombros, as marchas acceleradas esfalfam-nos, entisicam-nos. De machila ou a pé, o recemchegado a Moçambique poderá, querendo, procurar alojamento n'uma hospedaria. A terra só ha poucos annos se dotou com casas de hospedes, e para este melhoramento contribuiu a iniciativa governamental. Contractou-se a installação e mantença d'um d'esses estabelecimentos mediante subvenções annuaes pagas pelo cofre da provincia e pelo do municipio; como, porém, essas subvenções eram fixas, o emprezario não se julgou interessado em attrahir e conservar hospedes, e tão mal os tratou e tanto os repelliu que lhe foi annullado o contracto. A hospedaria official foi substituida logo por outra particular que pouco durou; mas este desastre não dissuadiu novas tentativas, feitas com mais tino e mais dinheiro, e em 1892 os viajantes que aportavam á capital da provincia já não corriam o risco de pernoitarem nos bancos da Praça de S. Paulo, se não podiam impôr-se á hospitalidade do governador ou d'algum habitante. Tinham onde se alojar, sem luxo, com certo conforto relativo, quando dispunham de meia libra por dia. Para pobres é que não havia abrigo. Os colonos ficavam na rua, se a fortaleza de S. Sebastião lhes não abria as casernas e os calabouços.

O habitante europeu de Moçambique é, porém, hospitaleiro, e as casas das auctoridades são, especialmente, hoteis ou pousadas, sempre franqueadas, senão de boa vontade, por necessidade ou honra do cargo. Condições essenciaes d'uma hospedagem solicita são um bom leito, com seu mosqueteiro, e uma banheira. O banho quotidiano de immersão ou de esponja, chega a ser um requesito da dignidade da raça. Sem as abluções frequentissimas o branco até perde a noção de que é branco, porque a sua transpiração cheira a *catinga*. Tambem a agua é o unico elixir contra as herpes e o lichen. Deve-se tomar banhos frios ou quentes? Variam as opiniões, tanto theoricas como experimentaes. Nas possessões allemãs introduziu-se o banho frio como meio prophylatico, e diz-se que com bom resultado; parece-me, todavia, que só póde convir ás organisações robustas. Para mim preferi sempre a agua á temperatura do corpo, e experimentei que as immersões demoradas em agua quente são o mais efficaz processo para debellar ou suavisar o lichen, que resulta, segundo creio, da irritação produzida na epiderme pela copiosa e constante transpiração. Em todas as casas bem postas, o serviço dos banhos é tão attendido como o de cosinha, sendo as banheiras abastecidas pelas cisternas, por meio de baldes que dois negros carregam á *pinga*, isto é, suspendendo-os n'um páu cujas extremidades apoiam nos hombros. No mar e nos rios do littoral ninguem se banha, para não ter encontros com tubarões ou jacarés.

O amphytrião bizarro esmera-se tambem em proporcionar ao seu hospede uma mesa bem servida. Os cosinheiros são com raras excepções, pretos ou canarins, e uns e outros têem especialissimas aptidões para a culinaria, e sabem accommodal-a ao paladar e ao estomago dos amos. Não ha uma arte de cosinha local, a não ser a dos indigenas, demasiadamente sobria e primitiva para contentar europeus; a da India é que introduziu na Africa oriental alguns dos seus preparados, e especialmente o *caril*, de que até os miseraveis fazem condimento quasi obrigado da massa de arroz ou de mapira (especie de painço), e que, como todos sabem, é fabricado com a noz do côco ralado, açafrão e *periperi*, que é uma pimenta excessivamente picante, um peixe secco, de procedencia indiatica, chamado *bambolim*, e outras drogas mais ou menos causticas. E' geral a tendencia para condimentar fortemente, e sobretudo para apimentar todas as comidas, e até se professa que nos climas quentes o estomago precisa ser estimulado por meios energicos, por aperitivos heroicos, sob pena de regeitar ou não digerir os alimentos; creio, porém, que esse regimen não é tal um meio de conservar em bom uso os orgãos da nutrição, antes a necessidade d'elle resulta de estragos já soffridos por esses orgãos. Nos logares fartos a comida é variada, os *menus* são exten-

sos, tanto ao almoço, que geralmente se serve entre as 10 horas e o meio dia, como o jantar, que se come ao cahir da tarde, quando já tem abrandado o calor; a variedade e a abundancia não excluem, porém, a frequencia de certas iguarias ou materias primas de iguarias. A gallinha, a *pennosa,* é obrigatoria. Quem enjôe a gallinha arrisca-se a passar fome, se não em Moçambique, em muitos logares do littoral e do interior, e a gallinha africana é pequena, magra, insipida, coreacea. Mas os cosinheiros sabem tirar d'ella recursos inexgotaveis, aproveitam-na para base de infinitas combinações, até a disfarçam de modo que nem um naturalista é capaz de a reconhecer; arranjam até *bifes* de gallinha e costelletas de gallinha com tanta carne como se fossem cortados d'uma vitella. Os acepipes especiaes do matto, fornecidos por animaes que o europeu só conhece das jaulas dos domadores e dos jardins zoologicos, e que nunca se lembrou que podessem figurar em talhos, não são usados é claro, em Moçambique; em compensação, os seus habitantes recebem tributos do mar, que especialmente lhes fornece delicioso camarão para o caril. Ha bom pão de trigo, de farinhas americanas. Não se come mal, em summa, e a peso d'ouro obtêem-se quasi todas as delicias da Europa que podem aguentar longas viagens, sendo até alguns mais triviaes lá do que no reino, onde se não produzem nem fabrícam.

Vinhos não faltam, e são os nacionaes que mais consumo têem na mesa, e até na mesa dos estrangeiros. O vinho é considerado um tonico, que as depressões determinadas pelo clima torna indispensavel aos europeus, e esta theoria, gratissima aos intemperantes, ajuda-o a supplantar a concorrencia das bebidas refrigerantes e a resistir á das bebidas alcoolicas. A doutrina de que os vinhos precisam ser carregados de aguardente, para se não deteriorarem nos paizes quentes, vae perdendo credito, e já não obriga ninguem, que em Africa possa viver na mediania, a escaldar as goellas com alcool tinto de roxo: o mercado está quasi sempre fornecido de diversos typos de vinhos de pasto que o paladar portuguez acceita mesmo na patria, e entre elles encontram-se vinhos verdes, perfeitamente conservados em pequenas vazilhas, e outros que arremedam o Collares e frequentemente se cobrem com as marcas afamadas em Lisboa, como a *F. C.*, que suggere o nome d'um vinhateiro que tambem é funccionario illustre do ultramar. A *Real Companhia Vinicola do Norte* tambem vae mettendo na Africa oriental os seus productos finos, e ainda bem, porque o *Porto* que anteriormente se encontrava por lá, em geral desacreditava o nome. Dos vinhos estrangeiros, o que mais procura tem é o que se acredita ser de *Champagne* emquanto se não desrolham as garrafas: os do Cabo, apesar de vizinhos são lá tão raros como no reino, e só n'algum banquete de estrangeiro se poderá estragar o estomago com a xaropada da *Constancia.*

O consumo dos vinhos é, porém, restringido, pelo das bebidas alcoolicas, tambem cohonestado com falsas theorias de hygiene e therapeutica. Se a aguardente ordinaria, o *mata-bicho*, só tem clientellas negras, os brancos ingerem torrentes de quantas beberragens as industrias de destillação quotidianamente inventam e chrismam em rotulos coloridos e dourados, que as declaram estomacaes, fortificantes, saudaveis, antifibrifugas, e que a intemperança ainda mais varia misturando umas com as outras para preparar materias primas de bebedeiras, designadas por neologismos americanos e inglezes.

Fui conhecer a Moçambique — de vista, — um sem numero de preparados alcoolicos que julgo serem desconhecidos dos proprios taberneiros finos e grossos de Lisboa, e não ha lá quitanda, por mais reles, cujas prateleiras não verguem sob o peso da garrafaria em que essas drogas toxicas se offerecem por preços extravagantes, á inconsiderada balda de bebericar que em Africa se apossa — é triste dizel-o — da maioria dos europeus. E' sabido, é axiomatico, que o alcool estraga o figado e o baço, que nos paizes tropicaes actua como peçonha nos mais robustos organismos; todavia, o alcool entranhou-se nos costumes locaes, talvez como um dos complexos phenomenos de influencia dos negros sobre os seus dominadores e civilisadores. Pois tenho para mim que uma das causas da minha victoriosa resistencia ás *febres* foi a absoluta abstenção de bebidas alcoolicas, abstenção que calorosamente recommendo a quem visitar a Africa.

Nas casas de jantar encontra-se, em toda a provincia como em todo o Oriente, um apparelho que é desusado na Europa, apesar de ser apropriado aos seus climas meridionaes, o *pancar.* Tem muitas fórmas, mas consiste, fundamentalmente, n'uma ventarola suspensa do tecto, com proporções para abanar por atacado uma numerosa sociedade. Nunca tem, todavia, o feitio consagrado dos instrumentos portateis de agitar o ar, nas salas ou nas cosinhas. Em geral é um grande rectangulo de téla ou de esteira, estendido sobre uma armação leve de madeira, e pendurado de cutello, por cima da mesa, de modo que possa oscillar, com movimento de

pendulo, sobre a sua borda presa e articulada ao tecto.

Dá-se-lhe impulso por meio d'um cordão, ligado á sua borda inferior e solta, que passa pelo olho d'um camarão ou pela golle d'uma roldana para ir pender no extremo ou fóra da sala onde funcciona a engenhoca, e o encarregado de *dar ao pancar* costuma ser um moleque paciente, que de pé ou acocorado, passa horas seguidas a puxar e a largar o cordão, a compasso mais ou menos accelerado, conforme o gosto dos patrões pela ventilação. Ha *pancares* enormes, que fazem vendavaes, e não se usam sómente para refrescar a mesa. Sujeitos refractarios a constipações até armam um *pancar* sobre a cama e dormem acariciados pelos seus sopros e acallentados pelos seus rangidos rythmicos; mas este sybaritismo é excepcional, tão excepcional como o de ter uma negra á cabeceira da cama, a fabricar virações e a affugentar os mosquitos com um leque, como fazia Selika a Vasco da Gama, segundo a chronica de Scribe.

Em Moçambique não se usam como na India, as monstruosas ventarolas encabadas, que um servo agita violentamente, firmando-lhes o cabo no chão; mas só as casas humilimas não têm *pancar*, e quem se acostuma ao seu ministerio não póde dispensal-o. E' uma consolação! Modifica inteiramente a temperatura d'uma sala, que das portas e janellas escancaradas só recebe baforadas quentes; enxota os mosquitos, espalha *fartuns*, abre o appetite e até é capaz de causar pneumonias.

(Continúa).

MARTYRES

EPISODIO DA PERSEGUIÇÃO DE DIOCLECIANO

Capitulo II — No cemiterio dos martyres

Perfumada e limpida a athmosphera. No céu brilham as estrellas com o fulgor de raios penetrantes; e a dentadura negra das muralhas que circundam a cidade começa a recortar-se no azul que vae esmorecendo invadido pela claridade leitosa da lua.

Nem a mais tenue aragem faz menear a ramaria dos gigantescos platanos; e os cyprestes erguem-se calmos, sinistros, petrificados.

Antiochia, como se as horas de sol a não tivessem fatigado, ia entregar-se á habitual orgia dos repastos com que se prolongavam as ceias, ao franco abandono dos corpos á lascivia, ao goso de todos os prazeres sensuaes, a que não sabia nem podia esquivar-se, dominada de ha muito pela *alogia*, essa incuravel doença das sociedades em dissolução, especie de bestialidade produzida pela intemperança.

Ao cair da tarde tinham saído tanto pela porta dos Cherubins, como pela de Daphné, abertas nos muralhões — tão espessos que um quadrigo poderia corre-los pela cumieira, se o não detivessem as entradas baixas das torres escalonadas por elles fora — muitos homens, na sua maioria vestidos sordidamente, e mulheres de olhar languido e ao mesmo tempo profundo, cobertas com mantos escuros, que quasi lhes occultavam as feições, caíndo-lhes da testa sobre as costas, conchegados ao peito pelas mãos nelle cruzadas, e envolvidas nas bastas e miudas pregas da sua roda. Em vez de seguirem a estrada, que procurava a linha do valle, desenvolvendo em commodas inclinações a sua facha de lagedos desbastados, dispersavam-se pelos asperos semedeiros da meia encosta abertos no silvedo, caminhando cautellosos e pouco tranquillos. Aqui passavam por vergeis em flôr, alem por bouças de loureiros, ou mattas de cedros amplos, robustos, immoveis como os que sombreavam o Libano, ou atravessavam florestas de altivos e funebres cyprestes, que pareciam columnas irregularmente dispostas num chão safaro e escorregadio. Outras vezes, descendo, atravessavam de pedra em pedra, sobre pontes rusticas, veios d'aguas limpidas, que se despenhavam em saltos espumosos pelas ravinas cavadas nas rochas; subindo depois a alturas, onde descançavam a tomar novo folego. Ahi, olhando atrás e por cima dos merlões da muralha, viam a cidade lá ao longe, orlada pela lista prateada e sinuosa do Oronte, esbatendo-se no ceu afogueado, que fazia pensar no mar, na serra... e no deserto, para alem do mar e da serra. E mais de um imprecava a opulenta cidade, pedindo a Deus que as suas muralhas lhe servissem de sepulcro, arrasada com um novo terremoto!

Ao fim de duas horas de caminho iam-se juntando numa clareira, fechada por espessa balsa de murtas entrelaçadas com as hastes de roseiras silvestres, no sopé d'um rochedo negro, mal coberto de manchas de musgo avermelhado, que se erguia severo, affrontando com aspereza abrupta toda a harmonia serena e voluptuosa d'aquella vegetação luxuriante. Nas superficies mais lisas do arrogante fragão escopros grosseiros, em mãos que sabiam dar caracteristica ao traço e graça ao desenho, tinham gravado monogrammas de Christo, imagens d'animaes, ancoras, arvores ou lettras, outros tantos symbolos da immortalidade da alma, da esperança de salvação, do Bom Pastor, e até por baixo de alguns desenhos se liam breves inscripções em grego, latim ou syriaco, nas quaes se acclamavam, na paz do Senhor, os nomes dos martyres queridos. Dispersos pelo terreno varios monticulos indicavam sepulturas, nas

quaes o fresco do sitio e o calor do sol primaveral tinham feito desabrochar e florir grande variedade de hervas rasteiras, que lhes lançavam por cima uma alegre e viçosa cobertura funeraria.

Se a ida ao bosque de Daphné, ao local onde se achavam os restos dos mártyres das passadas perseguições, fôra um d'esses movimentos instinctivos das multidões, que parecem inspirados, mas que são filhos da uniformidade e tenacidade d'uma idéa commum, os christãos, á maneira que iam chegando, olhavam-se reciprocamente, sem saberem que fazer nem que decidir. Chegavam, e nem sequer se saudavam com o costumado beijo fraternal, porque a Egreja commemorava naquelle dia a morte de Jesus, entregue á synagoga pelo beijo de Judas.

Cançados da longa jornada, perturbados pelo espectaculo do arrasamento das egrejas, ao fim d'uma noite de vigilia, preces e lagrimas, extenuados pelo jejum da Paixão, sentavam-se tristes, incapazes de reacção physica ou moral. Pelo costume das suas reuniões cultuaes dividiram-se em dois grupos. De encontro ao rochedo, na pequena rampa que d'elle descia, os homens, e com elles Romano, que fôra dos ultimos a chegar na companhia do irmão que o tinha acolhido. Na planura, em baixo, as mulheres com as creanças, umas ao collo, procurando seios pequenos e inconsistentes, outras cresciditas e ruidosas, que em breve dormirão nos regaços maternos.

O imperador Diocleciano

Busto em marmore, guardado no Museu do Vaticano

Longo foi o silencio, até que em tom lamentoso um dos mais velhos, leitor das escripturas, antigo lettrado, deixando as costumadas amplificações rethoricas e o floreio das sentenças, em que se exercitara nas escolas de eloquencia, ao acaso das palavras, como quem geme saudades do passado, que cada vez mais se perde na neblina da desesperança, e dirigindo-se de começo a Romano, recordava esses dias de sol nos quaes o bispo Cyrillo e outros que o antecederam iam em procissão áquelle mesmo logar.

Cercavam-no os padres, diaconos, subdiaconos, diaconisas e outros cleros menores exorcistas, leitores e coveiros. Milhares e milhares de fieis seguiam-no cantando hymnos. Após estes os cathecumenos, que já tinham conquistado o grau d'ouvintes, alegres e piedosamente se juntavam á procissão que, partindo da antiga basilica, saía pela porta de Daphné e se dirigia para alli. Chegados que eram, dispunham as suas merendas sobre as sepulturas, repartindo os abastados com os pobres dos matalotes que traziam, e que o bispo geralmente abençoava. Depois a frescura do ambiente, em seguida a uma caminhada á torreira do sol, banhava todos num ineffavel bem estar, que fazia antever o que seria a vida no Paraiso.

A' maneira que ia falando iam-se todos agrupando ao redor do velho, e elle dirigindo-se á assembléa, continuou:

— E nenhum por certo esqueceu os panegyricos que o nosso bispo improvisava sobre os sagrados mortos, nem da uncção que descia ao fundo de todas as almas, a que dava extranha intensidade o accordo que intima-

mente se estabelecia entre o nosso estado d'alma e o perfume que exhalavam aquecidas pelo sol as murtas floridas, os buxos, os loureiros, as romanzeiras, as cevadilhas, as rosas silvestres, os jacinthos carnudos e uma infinidade de flôres sugando côr e aroma nas fendas terrosas dos rochedos ou nas aguas frias dos regatos. Corações e natureza uniam-se na adoração e sentimento do Creador.

Calou-se o velho, mas a assistencia, dominada por tão santas recordações, deixava correr a noite, na tranquillidade das almas para quem o destino é fatal e invencivel.

Tinham sido arrazadas as egrejas; pois, embora penetrados do relento, esperariam alli que raiasse a aurora, e mal o seu clarão doirasse o pincaro dos fragões, e as aves entoassem o seu alegre chilreio matinal, sobre aquellas aras sagradas, que outras tantas eram aquellas sepulturas, entoariam o *Alleluia* em louvor da resurreição de Jesus Salvador.

Tirou Romano de dentro das dobras do manto um pequeno rolo de pergaminho em que estava escripto o evangelho de S. Lucas, e quiz lê-lo. Mas se a claridade do luar era bastante para dar valor aos tons da paisagem, imprimindo a toda ella um sentimento de profundo mysticismo, exacerbado pela oscillação de milhares de pontos luminosos e frios em que a lua transformava a folhagem humedecida pelo relento; se era bastante para fazer distinguir as feições angustiosas dos presentes, não chegava para deixar lêr as pequeninas lettras gregas e seus mil pontinhos e assentos em que o evangelho estava escripto.

Por isso, ajuntados cavacos e folhas seccas, accenderam uma fogueira, á luz da qual o velho, a quem Romano passou o manuscripto, foi lendo o texto grego, que o diacono traduzia em syriaco e rapidamente commentava.

A toada monotona da leitura, a distensão pacificadora que se ia operando nos espiritos, o começo de bem estar physico fizera com que uma especie de suavissima embriaguez se apoderasse da assembléa christã.

Pela immobilidade flacida do descanso oriental e pelas palpebras cerradas parecia que toda ella adormecera. Mas o leitor e o diacono sabiam que todas as attenções estavam fixadas nas suas palavras, que as ouviam naquelle estado d'espirito beato com que os filhos do oriente se entreteem horas e horas ouvindo historietas. Quando a leitura chegou aos versiculos onde o texto assume uma simplicidade tragica, Romano, tomando o rolo das mãos do leitor, começou de lêr, mas logo em syriaco, com voz quente, colorida, firme, contrastando com a voz monotona e tremula do velho.

Um sentimento de horror e de enthusiasmo sacudiu a multidão.

«Era approximadamente a sexta hora, dizia Romano, e d'alli até as nove as trevas cobriram a superficie da terra.

«O sol obscureceu-se, e o véu do templo se rasgou d'alto a baixo.

«E Jesus, exclamando com voz forte, disse: Meu Pae, nas tuas mãos entrego o meu espirito. E, tendo dito isto, expirou.»

Calou-se a voz e echoaram suspiros e gemidos.

E Romano leu mais, com esse tom de tristeza que dá o conhecimento das fraquezas humanas:

«E todo o povo que se tinha reunido para presenciar este espectaculo, vendo o que se passava, saiu d'alli batendo nos peitos.

«E todos que o tinham conhecido e as mulheres que o haviam acompanhado desde a Galilea estavam de longe vendo estas coisas.»

As lagrimas não lhe deixaram continuar a leitura, e no meio do silencio que dominou a selva só se ouvia o estalar da lenha humida que se torcia nas chammas da fogueira.

Repentinamente começaram a distinguir-se passos rapidos quebrando e pisando os ramos e folhas seccas do bosque.

Seria algum retardatario?

Na balsa das murtas fez-se uma abertura e no emmaranhado dos arbustos appareceu um soldado romano, meio envolvido numa

Mappa de Antiochia e do Bosque de Daphné

pesada abbola, que quasi lhe escondia a coiraça articulada de legionario.

E como se atrás d'elle se seguissem cohortes e legiões convertidas em alcateas d'algozes, todos se ergueram, e um grito unisono

de desafio e santo enthusiasmo vibrou no silencio:

— Viva Jesus!

O soldado, extendendo quasi horizontalmente as mãos desarmadas, clamou com voz potente:

— Viva Jesus! Rei e Senhor nosso!

— Amen! respondeu a multidão em côro.

— Hesico! disse uma mulher, saíndo do grupo e approximando-se do soldado, seguida d'uma creança, que a elle correu, chamando-lhe pae.

— Que Deus te abençôe e proteja, Barallah, disse o recemchegado, curvando-se para beijar o pequenito.

— Bem inspirada foste em vir, Martha. A ti e aos meus irmãos paz em Christo!

— Paz em Christo, clamaram todos voltando-se em massa para o oriente, e elevando as mãos ao céu estrellado, onde a lua resplandecia com toda a sua formosura!

© © ©

Capitulo III — A Communhão no Bosque

Hesico era um thracio robusto, cheio, vigoroso de formas. No rosto oval, nos malares salientes, nos olhos pequenos e vivos, no achatamento do nariz e proeminencia do queixo, nos bastos cabellos escuros sentia-se o que quer que fosse do mongolio descido dos Uraes, de ha muito mestiçado com gente de outra raça, de tez alva, olhos claros e cabellos loiros. Começara a sua vida militar nas cohortes auxiliares fronteiriças, e passara depois a ser arregimentado na antiga 10.ª legião, a Fretense, quasi sempre aquartelada em Jerusalem.

As feridas recebidas na ultima guerra contra os persas, na qual Galero recuperou o prestigio compromettido na primeira que commandou, fizeram com que ficasse em Antiochia convalescendo, provisoriamente encorporado nos veteranos, que occupavam a pequena cidadella, num dos contrafortes do Silpius.

De natural concentrado, não esquecendo nunca a sua aldeia, perdida no meio das florestas mysteriosas do baixo Danubio, tinha crises de completo devaneio, alheamentos invenciveis da vida real. A miude os camaradas o chasqueavam, dizendo-lhe: — que tinha aprendido a ser taciturno com os ursos das suas selvas.

Aprazia-lhe descer até a grande Avenida, segui-la, sair pela porta oriental e ir vagar pelos campos, deliciando-se com a athmosphera perfumada dos pomares e jardins, que aspirava a grandes haustos. Ia alem até as margens do Oronte, a caminhar ao arrepio da corrente, á sombra dos platanos, entretendo-se infantilmente com o trabalho das azenhas, de cujas rodas negras e musgosas saíam, no meio das espumas brancas, pulverizações que o sol doirava.

Junto d'uma d'essas azenhas agrupava-se um pequeno nucleo de casinhas, no meio de jardins fructiferos, onde predominavam os abrunheiros, as macieiras e romanzeiras de flores como purpura viva; e ao redor parreiraes d'onde pendiam cachos aloirados protegidos por enormes pampanos. As heras revestiam as paredes d'alto a baixo, chegando quasi a impedir que pelas estreitas janellas lá dentro entrasse a luz.

Numa d'essas casas habitava, por comiseração do moleiro, dono da azenha, uma orphã que vivia de fiar e tingir lã, com que tecia pannos de listas vermelhas e roxas para uso da gente do povo. Apascentava de manhã, pela fresca, duas cabras, e ajudava a gente do casal, quando havia maior labutação na moenda.

Hesico sentava-se á sombra do parreiral e entretinha-se conversando com a tecedeira. Tinha ella essa figura pequena e franzina, que faz com que as mulheres da sua raça pareçam constantemente creanças, e inspirem, desde que se vêem, um sentimento de meiga piedade. Elle, o forte batalhador, sentia-se attrahido para ella. São d'estes contrastes de força e fraqueza que tantas vezes se origina o amor.

Como todas as syrienses, Martha, que assim se chamava a tecedeira, tinha uma certa finura de espirito, e, como era christã, aproveitou-a para insinuar, e por fim fazer calar na alma do thracio, dominado pelas devoções pagãs, mas alheia a subtilezas metaphysicas, essas verdades simples, claras e consoladoras da doutrina de Jesus, que respondem a grande numero de curiosidades do espirito. A conversão foi-se operando lenta e progressivamente. Deslocavam-se os nomes de muitos deuses para serem substituidos pelo de um só. O espirito maligno mudava de moradia. Se até alli tinha habitado no deus dos christãos, começou a animar os do paganismo.

O sol escondia-se nos areaes da outra margem, e elle, que a considerava uma creança, gostava de passar alli as primeiras horas da noite, em frente d'ella, ouvindo-lhe contar passos da Paixão de Christo, rasgos de coragem dos martyres. Depois, á luz serena e

branda da lampada de azeite, quando ella fitava nelle o seu olhar vago, que vinha lá do fundo do véu que lhe velava o rosto, quando, juntamente com innocentes languidezas amorosas, lhe mostrava que o supremo goso na vida seria a consagração que a todos os actos d'ella dá o christianismo, Hesico sentia-se dominado, não tinha nem sabia que responder. No enlevo em que vivia a saude foi-selhe robustecendo, e via que em breve teria de voltar á fileira.

Então acabrunhava-o a idéa de nunca mais vêr Martha, e um dia propoz-lhe em poucas palavras que o acompanhasse.

— Tua mulher, seguir-te-hei onde fôres; serei como a noiva dos Cantares. Sabes?

— Não sei, respondeu elle.

— Aquella que é como a rosa de Grarad, e o junquilho do valle. E tu serás para mim como a macieira entre as arvores da floresta, o bem amado entre todos os homens Desejo a tua sombra, a ella me acolherei.

E calou-se.

— Dize mais...

— E' uma historia tão bonita...

— Conta.

E ao ruido monotono da roda da azenha, ao som do chapinhar da agua, e ao arrastar abafado das mós, ella continuou dizendo-lhe versiculos do Cantico dos Canticos.

— Eis que o inverno já passou, dizia ella com um sorriso fino e quente, a chuva já não cae. As flores apparecem sobre a terra; volveu o tempo das canções, e a voz das rolas já foi ouvida em nossos campos.

— São esses os canticos da tua religião?

— E ainda os ha mais formosos.

— Dize! Dize! Tudo que tu me contas me parece mais penetrante do que o hymno a Nemesis, ou o canto glorificador de Helios.

— Ouve. Põe-me como um sello no teu coração; como um sello no teu braço. O amor é forte como a morte, e o ciume cruel como o sepulcro; os seus amplexos são como brasas de fogo, e chammas vehementes. Nem todas as aguas seriam capazes de o extinguir, nem os rios afoga-lo; quem quer que dê todos os bens da sua casa por este amor, por certo o tem em nenhuma conta. E a sua voz tinha caricias e ternura; mas não tinha concupiscencia, embora tivesse seducção.

Hesico inebriado, nem sequer disse uma unica palavra de despedida. Saiu e foi andando pela margem do rio. Quando chegou á bifurcação onde se forma a ilha em que se ergue o palacio real, os mil vidros coloridos e illuminados das suas janellas trouxeram-lhe á lembrança que a mulher de Diocleciano, o imperador, era christã; christã Valeria, sua filha, mulher de Galero.

No palacio dos imperadores grande numero de officiaes e altos cargos palatinos, quasi todos os eunuchos cubicularios se dizia serem christãos. Verdade é que Galero Cesar e o Augusto Maximiano Hercules eram inimigos figadaes do christianismo. Mas pouco importava. Estava decidido.

Um legionario romano

Dias depois o bispo recebeu-o como neophyto. E numa manhã, ao nascer do sol, sem o intermedio de permuta, cortejo de parentes e alvoroço de comitiva, os dois encontravam-se á porta da basilica apostlica. Já os esperava o padre, acompanhado de dois

acolytos, formando as diaconisas o fundo do grupo sacerdotal. Hesico e Martha declararam que se recebiam por marido e mulher. O soldado, tirando do dedo o annel d'ouro, que desde o tempo de Septimo Severo os infantes podiam usar á maneira dos cavalleiros, enfiou-o no annelar da mão esquerda de Martha, nesse dedo d'onde, segundo a tradição egypcia, parte um delgadissimo nervo, que vae direito ao coração. Abençoados e despedidos pelo presbytero, este recommendou a Martha, cujos olhos despediam um brilho afogueado do fundo do seu véu, que se tinha conquistado um homem para si, era justo que partilhasse a conquista com Deus.

Obrigado a voltar á fileira, Hesico foi para Jerusalem, e Martha, sempre submissa ao marido, verdadeira esposa christã, docemente risonha, constante allivio ás tribulações, acompanhou-o e foi para elle uma insinuante professora de doutrina; tanto mais assidua, quanto mais intima era a vida em commum, permittida aos legionarios.

Raras vezes os diaconos teriam tido um cathecumeno que fosse mais assiduo como ouvinte, do que este soldado de cem carnificinas. Se ouvia o ensino da boca da mulher amada! De maneira que quando foi admittido como genuflexante, já levava sabidas todas as orações que Martha lhe repetia, tendo o cuidado de nunca lhe ter ensinado o *Padre Nosso* nem o *Credo*, que só lh'os recitou depois que foi considerado *competente*, e poucos dias antes do baptismo que recebeu, como era de uso, num sabbado santo.

Entretanto tinha-lhes nascido um filho, a que puzeram o nome de Barallah, que quer dizer: *Filho de Deus*.

A vinda de Galero para Antiochia tinha determinado a mobilização da legião. Hesico voltara e fizera parte da gente armada que tinha expulsado os christãos da basilica apostolica.

Quando a luz da fogueira de todo o illuminou, Romano reconheceu-o como tal, e, antes que elle dissesse mais palavra, apostrophou-o.

— Não eras tu dos que esta madrugada nos expulsaram?

— Era. Soldado marchei ás ordens dos meus chefes.

— Soldado de Cesar para perseguir os filhos de Christo, não pode ser.

— Pois não o será mais. Nas fileiras havia liberdade de crença; mas hoje, que o Augusto a não tolera, deixarei de o servir.

— Vaes desertar?

— Não. Vou declarar que sou christão.

— Mas isso é o martyrio.

— Pouco me importa. Mas quero dizer o que aqui me trouxe. No meio da confusão do assalto approximei-me do sacrario e d'elle tirei e escondi nas pregas do meu manto a pomba eucharistica, e aqui vo-la trago para consolação de todos.

— Tens razão, disse Romano. Convem que nos confortemos com o pão dos anjos. O dia que vae raiar é o da Alleluia na christandade, embora de lucto para nós.

Um santo terror de Deus alli presente em corpo real, nas mãos d'aquelle soldado, opprimiu todas as almas, e a pomba de prata, batida das chammas, dava a visão biblica d'um raio de fogo saíndo da sarça ardente.

Romano então, tomou o véu da cabeça de Martha, que extendeu numa das sepulturas, sobre elle collocou a pixede, ajoelhando e adorando-a. E voltando-se para o grupo disse em voz alta:

— Se estão presentes cathecumenos: *It missa est.*

Uns quatro ou cinco homens retiraram-se para alem das balsas.

Assim que os cathecumenos se afastaram, Romano recitou uma oração em acção de graças, que todos repetiram, e fraccionando o pão, que tirara do vaso sagrado, ergueu o braço direito segurando a particula entre dois dedos, e disse:

— As cousas santas para os santos.

E logo resoou na clareira, em unisono severo, lento, compassado, o trisagio: «Um Santo! Um Senhor Jesu-Christo na gloria de Deus Pae: Abençoado por todos os seculos. Amen!»

Depois cruzando o braço direito sobre o esquerdo encostado ao peito, commungou com a compunção e recolhimento da creatura que sabe que em si recebe o corpo real do seu Creador.

Outros homens se seguiram na communhão, cantando o coro:

«Faze-me justiça, ó Senhor Deus, e sustem a minha causa contra a nação cruel. Livra-me, Senhor, do homem enganador e feroz!»

Nem todos puderam ser contemplados, por mais pequenas a que foram reduzidas as fracções; mas todos se sentiram retemperados.

Voltaram os cathecumenos, accenderam-se novas fogueiras, que a humidade e o frio da alta noite tornavam appeteciveis e consoladoras. A' roda de umas os homens, á de outras as mulheres, reunindo-se as mães em grupo separado, com as creanças adormecidas; pequeninos cherubins na formosura, que sendo caracteristica da raça na puerilidade, se esvae e desapparece com esta.

Ninguem dormia, a não ser ellas. A tensão nervosa suscitava a insomnia.

Romano ficara isolado, de pé, encostado a um fragão, que rasgava o terreno verde, com o seu cabeço arido, e em linguagem eloquente, breve, precisa, como quem desabafa, começou de fazer uma narrativa da perseguição que se estava desencadeando.

— A vida dos christãos, dizia elle, pode comparar-se ao mar agitado até o fundo dos abysmos, arrojando contra a praia as suas ondas irritadas. A tormenta da iniquidade fustiga com a violencia das suas vagas o baixel da religião, no qual já se vêem mortos muitos dos pilotos, e submergidos um grande numero de tripulantes. Por toda a parte o terror e os naufragios. Os editos do imperador tornaram a procella mais terrivel. Os tyrannos vomitaram sobre nós a sua raiva. Os magistrados, nos seus tribunaes, só sabem pronunciar sentenças de morte. Os legisladores publicam as mais horrendas ameaças. Os juizes affirmam e ordenam que se deve renunciar a Jesu-Christo. Arrastam-se os homens aos sacrificios dos demonios; constrangem-se as mulheres a approximarem-se dos altares abominaveis e a seguirem as mais abominaveis superstições. Os bispos foram impellidos a fugir, e os fieis expulsos de suas egrejas.

O calor de suas palavras era por tal forma communicativo, que aquella turba, tanto tempo pusilanime, onde muitos eram *lassi* e bastantes *libellaticos*, se sentia vibrar na mais energica disposição do martyrio, por mais cruel que se lhe apresentasse.

Foi então que se ouviu a potente e forte voz do soldado, procurando um reverso ao quadro, para exacerbar o enthusiasmo que o diacono accendera com as suas palavras.

— Emquanto, como ouviram, por todas as terras do imperio os fieis são tratados como animaes damninhos ou feras perigosas; por este bosque em que estamos, nas vertentes das collinas, no alto dos montes e no mais fundo dos valles, juntamente com as habitações orgiacas, com as moradias da devassidão e vivendas do goso impuro e sensual dos ricos, o diabo tem erguido os seus altares, na figura dos deuses, e principalmente na de Apollo, que vive num templo que quasi sobrepassa o de Jupiter em riqueza e magnificencia. Outros diabos chamados Iris, Demeter, Cybelle e tantos mais teem culto, sacerdotes, sacrificadores, guardas, necoros, e uma infinita multidão de escravos.

Era bella aquella figura aspera de soldado, a quem as chammas da fogueira illuminavam de chapa, parecendo envolve-lo numa aureola de fogo; coruscante o olhar, e encontrando, no seu odio de crente, palavras de dominadora eloquencia.

— Já vi, continuava elle, já queimei incenso, já libei em honra d'esse Apollo adrede feito para enfeitiçar as almas. A nada de humano se pode comparar a doçura da sua physionomia; e só o diabo podia dar artes para que o marmore fosse trabalhado por tal forma, a parecer a pelle delicada cobrindo uma carne rija e palpitante. Cinge a cintura com uma facha que sustenta as mil pregas da sua tunica de ouro, caíndo umas direitas, e arregaçando-se outras em curva da mais graciosa linha grega. De todo elle irradia um encanto que acalmaria o mais violento. Parece até que se ouvem as palavras do suavissimo canto que entoa, e que aos nossos ouvidos chegam os accordes da lyra com que se acompanha, fitos os olhos no céu, como se de lá lhe viesse a inspiração para as palavras e a arte aos dedos.

O fundo sensual da raça, a assimilação, embora inconsciente, das intenções da arte grega determinava uma emoção sympathica na alma de toda aquella gente, mal esquecida ainda das lendas pagãs, ao ouvir a descripção do deus, a que era consagrado o bosque.

Mal esperava ella, no momento em que se mergulhava em beatitude artistica, que a voz do legionario de novo se erguesse, mas turva, aspera, imperiosa, e arrancando da espada, que fez chispar no espaço á luz da fogueira, clamasse:

— Pois é esse deus infernal que devemos ir derribar da sua ara; arrazando depois o templo maldito, como foram arrrazados os nossos; e sobre as ruinas das suas columnas quebradas e em monte commemorar a resurreição de Christo, Senhor Nosso.

E todos, possessos de enthusiasmo, ergueram os cajados gritando:

— Ao templo d'Apollo.

Então, inconscientes, loucos, impulsionados pela eloquencia dominadora de Hesico, que simultaneamente soubera falar aos instinctos de raça e aos sentimentos christãos, as mulheres tomando umas as creanças ao collo, impellindo outras as maiorzinhas estremunhadas e vacillantes para a frente, os homens erguendo os bordões, precipitaram-se para a estrada longa. E, sem se lembrarem que não tinham para o ataque senão aquelles cajados, partiram tão resolutos como se fossem brandindo armas invenciveis, clamando e gritando, tomados da possessão divina:

Viva Jesus! Viva Christo!

T. Lino d'Assumpção.

Uma scena de pesca

No pateo — Á hora da sesta

De Mogador a Marrocos

Marrocos consegue despertar uma viva curiosidade investigadora para o europeu politico no conflicto dos interesses internacionaes e para o «dilettanti» de sensações raras no estudo de costumes extranhos. Estado ainda fechado ao convivio da civilisação europea, impenetravel quasi, mysterioso na sua immobilidade historica, convida o viajante a ousar o incommodo da aventura para obter compensação na surpreza da paisagem, na impressão d'aquella vida peculiar que tem inspirado, em deliciosas descripções, a penna suggestiva de Amicis e de Lotti. N'este momento, differentes incidentes que na sua insistencia, talvez exagerada propositalmente, denunciam mal definidos intentos, tornam opportunas as seguintes curtas notas de viagem de artista em busca de motivos para composições impressionistas.

O verdadeiro Marrocos não se encontra em Tanger, porto aberto e accessivel aos europeus, onde o telegrapho e o telephone entretecem a rêde dos seus fios conductores de energia electrica e de progresso.

Quem quizer vêr a sobrevivencia do orientalismo potente nas suas feições essenciaes precisa visitar o sul; porque n'aquelle districto que está situado entre Mogador e a cidade de Marrocos, não penetrou ainda o espirito do modernismo. O visitante sente-se transportado aos tempos dos patriarchas, e difficilmente se convence que aquelle paiz, cujos principaes caracteristicos são o atrazo e a barbaria, confine com a civilisação europêa.

De Londres a Mogador gastam-se dez dias de viagem pelos vapores ordinarios. Mas não é facil poder conseguir-se vêr a cidade, e menos facil ainda effectuar o desembarque. Mogador que é por assim dizer o porto de Marrakesh, capital, não offerece um salvo conducto para embarcações se o mar se convulsiona em caprichosa sanha — o que succedeu á minha chegada. Uma forçada visita a Las Palmas foi a consequencia immediatamente derivada — uma visita, comtudo, que não deixou de ter as suas compensações. A viagem de volta a Mogador foi seguida de

mais feliz resultado, e consegui afinal pôr pé em solo marroquino.

Mogador, murada toda em roda, escurecida por estreitas ruas, e alegrada por amplas praças é uma typica cidade marroquina. Ella tem o distinctivo usual dos bairros — o *mellah* dos judeus; a povoação propriamente mahometana, e o mercado dos crentes e dos inseparaveis cães descrentes. Mammon é um poderoso nivelador de castas e de crenças. O digno mouro, o arreganhado preto, o velhaco judeu, aqui e em toda a parte supremo em negocios, formam um interessante estudo de ethnologia, emquanto que os camellos, os burros e mulas, completam quadros de variegadas vida e côr.

A velha Mogador, outr'ora residencia de regalo, mas agora a villa deserta de Deabat está na visinhança da moderna cidade. Ao pé d'ella estão as ruinas do palacio do sultão, perto das quaes se vêem os restos do que se diz ter sido um forte portuguez. A pequena distancia para baixo de Deabat, está a Casa da Palmeira, onde fixei residencia. Era um verdadeiro oasis no deserto. O largo exterior, e entrando o pateo interior rodeado por uma arcaria brincada com uma fonte no centro, e os quartos em volta do pateo, são todos distinctamente mouriscos nos seus caracteres. Do telhado em terraço gosa-se d'uma magnifica vista, que abraça o cume das montanhas do Atlas, coberto de neve. A casa é cercada de jardins, onde se abrem as perfumadas flôres da giesta, e estendendo-se por milhas, terra a dentro, ha uma floresta de arvores de argan.

Mogador — Episodio de uma rua

Quanto mais via Mogador tanto mais impressionado ficava com a sua belleza. Olhando para ella a distancia, tendo Deabat na frente, nada mais similhantemente parecido a uma perola de oriente notavel encastoada em saphira; a brancura das construcções e o azul intenso do mar suggestionava-me a comparação. O nome arabico da cidade é *Suerah* significando a bella ou pittoresca cidade, e a expressão n'este caso não é mero symbolo da exaggeração oriental.

Durante a minha estada na costa fui iniciado nos mysterios da caça aos javalis, que é o divertimento predilecto dos europeus residentes em Mogador. A minha primeira caçada ao javali teve o encanto da novidade, e ainda o maior encanto do successo fortunoso, porque matámos a nossa presa duas horas depois da partida. Experiencias subsequentes mostraram-me comtudo, que os javalis marroquinos não são sempre tão accommodaticios. Elle possue uma facilidade admiravel de se collocar fóra de caminho, justamente quando a sua presença é mais desejada. Os mouros entram em cheio no *sport;* todavia limitam-se ao papel de seguir a pista, e fazem-o com proficiencia.

Além da caçada aos javalis, Mogador fornece uma outra variedade de incidentes excitantes para quem os procura. E por acaso apparecem tambem frequentemente. O guia mourisco é um milagre de teimosia. Teima em fazer e faz o caminho mais longo, podendo cortar pelo mais curto. Escolhe os mais difficeis e cheios de precipicios; e experimenta, até o extremo, a paciencia e as forças do viajante. Diverte-se positivamente em conduzil-o á borda de alcantilados despenhadeiros, desprezando as veredas trilhadas e conhecidas, e considerando uma obrigação levar aquelle que o emprega por onde crescem e se emmaranham os abrolhos.

Se acontece que a mula, que na verdade e em regra é firme, e na qual elle tem illimitada confiança, escorrega, o viajante é levado para a eternidade, cahindo d'um rochedo alto e escarpado. Felizmente raras vezes as mulas desmentem a sua tradicional reputação de seguras e firmes, o que já não succede aos seus primitivos e complicados jaezes.

Quando, como necessariamente se dá a cada passo e por qualquer circumstancia um empuxão os desarranja, o remedio é muito simples. Um bocado de barbante põe o caso a direito — isto e nada mais. Os bocados de barbante multiplicam-se tão rapidamente, que ninguem se poderá admirar, de que haja um importante pedido de cordas de dois fios em Marrocos.

Os mouros «os guias dos campos», como classe são dignos de confiança, mas ha occasiões, em que se torna necessario fazer-lhes reconhecer os devidos direitos de propriedade.

N'uma manhã, quando acampava a algumas milhas de Mogador, a minha espingarda desappareceu de um modo mysterioso. O meu criado de confiança Omar maliciosamente desconfiou de quem era o culpado, mas não tinha provas directas. Offereceu ao supposto ladrão uma somma de dinheiro para descobrir a espingarda, mas elle protestou nada saber a tal respeito. O offerecimento de maior somma avivou-lhe a intelligencia e alguns minutos mais tarde a arma foi encontrada. Omar, á vista d'isto, pediu-lhe a reentrega da somma. A resposta foi o brilho de uma faca, que n'outra occasião teria ficado enterrada entre as costellas do pobre Omar, se eu não tivesse intervido a tempo. O culpado breve ficou atemorisado, e o negocio finalisou n'um impetuoso palavriado de pedidos de perdão e misericordia, que alcançou. O ladrão teria rasão de amaldiçoar o dia em que vira a detestavel espingarda se tivesse sido entregue ás ternuras da lei marroquina.

Tive ensejo de assistir em Mogador a um casamento judeu cujas formalidades são originaes. Realisou-se á noite. A noiva vestida de setim branco e recamada de bellas joias era acompanhada de uma procissão de musicos e de porta-lanternas que a precediam; e assim conduzida pela mão, porque conservava os olhos vendados até ao fim da cerimonia, seguia para a casa do noivo. Alli foi recebida por este, que estava esmerada e ricamente vestido em trajes tradicionaes. Ella foi então levada para uma cadeira posta sobre um estrado elevado, especie de mesa. Tres rabbis apregoaram o contracto do casamento e annunciaram a fortuna dos noivos, que era bem avultada. Encheu-se um copo de vinho e o noivo apresentou-o aos labios da noiva para beber. Depois encheu-se de vinho um copo maior que o noivo atirou para dentro de uma taça de bronze, quebrando-se. E' signal de felicidade se o copo se quebra á primeira pancada, emquanto que no caso contrario se considera o infeliz par submettido á ruina fatal de bens terrestres.

Afinal chegára o momento de partir para Marrakesh ou a cidade de Marrocos, objectivo da minha viagem. Munido de cartas de apresentação, acompanhado de quatro criados, quatro mulas e um camello, puz-me a caminho. Um dos meus criados era soldado mouro, que o governador me concedeu como guarda protector, pago á minha custa, é claro. Cheguei a Marrakesh sem a occorrencia de incidentes notaveis, mas apoz uma viagem cheia de interesse artistico.

A vista é soberba em muitas passagens. Por toda a parte o olhar se encanta com a mais diversa paizagem, rica de aspectos caracteristicos, e de colorido magnificente. A vegetação é luxuriante: as palmeiras, o argan, as figueiras, as ameixoeiras, as oliveiras, abundam, emquanto que innumeras e lindas flôres silvestres atapetam o terreno. As formosas aldeias, algumas das quaes como que empoleiradas nos afloramentos dos rochedos nas montanhas, e as casas santas de piedosos devotos dão um animado interesse aos prodigiosos dons da Natureza. N'uma das aldeias — Maramer, que tem um importante mercado, recebi pela primeira vez a hospedagem de um mouro. O Kaid convidou-me para a sua casa e poz dois quartos á minha disposição, um para mim e outro para os meus homens. As barracas ou lojas do mercado são de genero primitivo. Os tres lados são construidos de pedra solta, com a frente aberta, e os tectos são de tijollo assentos sobre ramos de arvores. Nas mais pequenas aldeias que visitei, as moradias são cobertas de colmo, cabanas de feitio conico, e n'alguns casos o nobre mouro faz a alteração de a cobrir de lona, levantada sobre páus, circumdando-a de uma defeza de plantas espinhosas. Maramer é uma aldeia mais ou menos em ruinas — e de nomeada pelos acontecimentos que se déram n'uma das ultimas rebelliões em Marro-

Marrocos — Porta dos Leões

cos. Passando pelo acampamento do governador de uma das provincias, que estava em caminho para a côrte em Marrakesh, vi uma esplendida exhibição do «jogo da polvora». Uns dez mouros vestidos de longas e largas roupagens, e montados em cavallos vistosamente ajaezados, estavam promptos para o exercicio. A um dado signal os cavalleiros levantavam ao ar as compridas espingardas e partiam a trote, augmentando gradualmente o passo até attingir o galope desfechado. Depois voltavam separadamente; cada homem similhante a uma massa de neve, apontava a arma, a um objecto imaginario e toda a tropa disparava a um tempo. Isto repetiu-se diversas vezes. A intervallos, quando me ia distanciando do logar, continuei a ouvir descargas sobre descargas. «O exercicio do tiro» é o divertimento nacional do mouro militar.

Cheguei á cidade de Marrocos oito dias depois de ter partido de Mogador. Recebi o melhor acolhimento do tio do sultão, que muito affavel e obsequioso pôz á minha disposição como guarda um soldado fardado. Alli encontrei o meu compatriota, Kaid Maclean, que é um exemplo bem concludente da faculdade do escocez em se adaptar, a qualquer meio, por diverso ou extranho que seja. Tem merecido a maior confiança do sultão, sendo para admirar a influencia de que dispõe nos negocios do paiz, não obstante estrangeiro e christão. Apesar da sua prolongada residencia em Marrocos, ainda é o montanhez da nevoada Escocia. A primeira vez que jantei com elle, deu-me a agradavel surpreza de ouvir, tocadas no instrumento nacional, especie de gaita de folles, as suaves e caracteristicas composições escocezas, todas repassadas d'uma funda tristeza.

Marrocos — Palacio do Sultão

Kaid Maclean possue uma linda casa, cercada de grandes jardins que confinam com os do sultão.

Marrakesh é uma cidade animada e brilhante. Nas ruas circula sempre multidão interessante, e os mercados são vivamente orientaes nos seus costumes. A grande mesquita e o palacio do sultão, são as construcções mais notaveis da cidade, mas esta contem outros modelos curiosos da architectura arabe.

Tive occasião de vêr Marrakesh *en fête*, pela visita do embaixador francez. Fóra das portas da cidade 5.000 soldados das tropas do sultão guarneciam a estrada no cumprimento de uma milha. Estavam com uniforme de gala, cujas cores vivas e variegadas brilhavam ao sol. Em quanto esperavam pelo hospede de seu amo divertiam-se com o «jogo da polvora». Foi grande o descontentamento quando se annunciou que o embaixador tinha decidido não entrar na cidade, e as tropas tiveram de voltar para os aquartelamentos habituaes. Parece que o embaixador se sentira de não ser visitado a tempo e de não ter recebido as felicitações de chegada. Comtudo, as difficuldades foram superadas, e o desesperado emissario francez benevolamente se permttiu entrar na cidade á noite.

Dias depois consegui voltar para Mogador por differente caminho, sendo meu empenho vêr mais de perto as montanhas do Atlas, que só admirara a distancia. Depois de ter andado tres horas a cavallo cheguei á aldeia de Tamslóhat, onde fui obsequiosamente hospedado por um mouro rico, que me tinha acompanhado desde Marrocos. Offereceu-me á chegada chá e bolos, pelo dia adeante *lunch* e mais tarde jantar em casa d'elle. Oh! Deus! Que comidas aquellas! Agachados em volta d'uma pequena meza redonda, empregavamos para comer as facas e garfos fornecidos pela natureza. Traziam-nos pratos sobre pratos, com desgarrada pressa, a que eu por cumprimento forçado ia fazendo o acolhimento possivel; mas depois d'aquelle jantar nunca mais pude supportar o mel, e comtudo envergonho-me de ser um guloso. Depois de cada prato traziam uma bacia de agua perfumada e ao mesmo tempo eramos burrifados de essencias. A final queimaram cedro ou outras madeiras odoriferas para deliciar o olfato. Depois do jantar seguiu-se o chá, e o meu hospedeiro mandou chamar musicos que cantaram canções acompanhadas por um tambor em fórma de vaso.

O tecto da casa de jantar era em madeira muito bem trabalhada e artisticamente deco-

rada, porém as paredes brancas. Em geral não tem decoração mural as casas marroquinas.

A aldeia de Amsmiz que visitei em seguida está pittorescamente situada na espalda d'um monte do Atlas, coberto de neve, tendo na frente o grande pico de Tezah. O governador forneceu-me de jantar e nova guarda de sete soldados. Na praça do mercado eu era olhado com curiosidade, porque provavelmente muitos d'aquelles camponezes nunca tinham visto um christão. Os meus soldados, sinto dizel-o, deram-me serios incommodos, teimando em cantar as monotonas cantigas do seu paiz e em gritar álerta toda a noite, não me deixando adormecer. Naturalmente assim procederam pela grande força do dever, por isso lhes perdoei.

Marrocos — Arredores

Nunca me esquecerei da impressão que soffreu o meu espirito na minha jornada pelas montanhas do Atlas. Fui um dos poucos europeus que tem viajado por aquelles caminhos. Com uma só excepcção, fui o mais hospitaleiramente recebido pelos Kaids das differentes aldêas por onde passei. Ter-mehiam matado com amabilidades, se a minha capacidade gastronomica fosse menos apropriada e resistente ás circumstancias. Reclinadas sobre os contrafortes das montanhas, isoladas longe da vida e do movimento, as aldêas do sul de Marrocos parecem adormecidas nos braços protectores da Natureza, prodiga de aspectos deliciosos.

Desconhecendo o que se passa pelo mundo, sem os complicados mecanismos da vida social, sem as suas artes e sciencias, descuídados, se não ignorantes, das intrigas chronicas e dos segredos politicos do seu proprio paiz, estes simples camponezes vivem concentrados, nas suas casas da montanha, comprando e vendendo, casando e tendo filhos sem a lembrança dos seus menos afortunados compatriotas das planicies. Talvez que, analysando mais de perto as condições da vida d'elles, se desvaneça esta pintura idyllica. Os affaveis Kaids que me prodigalisaram tantos favores, poderão ter sido uns verdadeiros Barbazues para o seu povo, mas vistas de fóra as aldêas das montanhas parecem ser habitações de tranquilidade e cheias de socego. D'uma cousa pósso comtudo falar com confiança, é do panorama. Elevadas montanhas e sorridentes valles, assombreados rios, sorridentes ribeiros; rosas e arbustos varios, crescendo n'uma tal profusão nas veredas estreitas que se entrelaçam, formando como uma abobada sobre a cabeça dos viajantes, e envolvendo n'um abraço a admiravel atmosphera de Marrocos, cujos effeitos de luz e de côr são ao mesmo tempo a alegria e o desespero do artista pintor. Na verdade a Natureza, em parte alguma foi mais generosa nos seus dons do que n'esta resplandecente terra de belleza, plena de contrastes, de mysterios e de encantos.

A viagem de volta para Mogador levou nove dias; e, se me tivessem permittido as circumstancias, de bôa vontade a prolongaria a nove semanas. Quem sabe se na minha seguinte visita, terá já havido a inevitavel divisão do imperio marroquino. Não é facil dizel-o; mas as indicações actuaes deixam antever-lhe uma probabilidade proxima.

Tal é a opinião do viajante inglez que é um distincto pintor da Academia Real; e da sua narrativa transparece a influencia intensa que a Inglaterra mantem e desenvolve no velho imperio, immobilisado em frente da civilisação e governado por um rapaz de vinte annos, successor de seu pae e representante d'uma dynastia celebre, «grão sherif, eleito de Deus, sultão de Marrocos e de Fez, rei de Talifet e de Sous».

Esta dynastia de Talifet foi fundada nos principios do seculo XVII por um santo va-

rão, habitante d'aquelle formoso oasis, e que possuia, segundo se conta, o condão milagroso de fazer com que os campos déssem duas colheitas e as palmeiras dupla fructificação. Sua magestade sherifiana pertence a uma raça em que os crimes e as tragedias do harem tem feito numerosas victimas. Muley, seu pae, morreu de mal das entranhas causado por um philtro d'amor que lhe deu a beber uma das suas mulheres. O anterior imperador morrera afogado, o precedente envenenado, segundo se affirma.

Ainda uma curiosa fórma de etiqueta d'este caracteristico paiz. O sultão Muley costumava receber a cavallo, em plena praça, em audiencia solemne, os embaixadores europeus.

Um dia, o embaixador hespanhol perguntou-lhe porque é aquelle extranho costume e descreveu-lhe a fórma de recepção dos monarchas christãos. O imperador marroquino observou-lhe em altiva resposta: — O meu throno é o meu cavallo; o meu baldaquino a aboboda do céu.

O Amor inspira a Arte — Quadro de P. Thumann

UMA CASA MYSTERIOSA

Communicação de Madame Tschopp, de Rheinfelden, Aargan, Suissa, d'uma extranha aventura, succedida n'uma casa que a tradição popular considerava visitada por phantasmas. Todos conhecemos habitações condemnadas ao abandono pela fama de serem abrigo de almas penadas, ou séde de mysteriosos phenomenos sobre os quaes a moderna investigação scientifica tem feito curioso inquerito. A narrativa de Madame Tschopp restringe-se ao facto, singelamente, sem pretender encontrar-lhe explicação, contado apenas com os elementos que a sua memoria conservou.

QUANDO meu marido foi nomeado reitor d'um collegio de Schinznach, tivemos grande difficuldade em encontrar casa. Schinznach é uma pequena aldeia, ao norte da Suissa, muito notavel e importante pelos seus vinhedos e pelos seus campos de trigo.

Todas as casas ou mesmo cabanas estavam occupadas pelos lavradores, com suas mulheres e filhos. Debalde procurámos uma residencia qualquer, ainda que de janellas sem vidros ou com um jardim abandonado que nos désse a ventura de viver sem outros inquilinos. Lastimámos-nos do caso ao parocho da aldeia.

— Não haverá absolutamente uma casa, ou mesmo um pardieiro, onde nos possámos abrigar ?

O bom homem olhou para nós attentamente condoído e accrescentou :

— Então a hospedaria . .

— Mas é isso que desejamos evitar.

— Então vae haver a casa nova, que estará acabada em quinze dias.

MADAME TSCHOPP

— Receamos ir habital-a desde logo ; casas novas são sempre humidas ; são prejudiciaes á saude. Não haverá outra cousa ? Pittoresca, ainda que antiga ?

— Não. . . Quero dizer, sim! respondeu pousadamente como quem reflecte ; e em seguida interrogou-me com vivo interesse : — Acaso é supersticiosa ?

Sorri-me da pergunta, e affirmei-lhe logo :

— Não sou ; absolutamente nada. Nem creio que possa haver alguem que seja supersticioso n'esta aldeia tão risonha.

— Venham então ; vou-lhes mostrar uma pequena vivenda, como desejam, pittoresca, commoda e antiga, que tem estado ha muito deshabitada.

Encaminhou-nos por uma rua estreita, e entrando n'um jardim, apontou-nos a alludida vivenda. Senti uma impressão deliciosa ao vêr o aspecto d'aquelle quadrinho de belleza rustica. Não foi tanto pela visão das plantas floridas que cresciam em silvestre profusão, nem tão pouco pelo panorama, comquanto as montanhas, ao longe, cobertas de neve, produzissem effeito encantador. Mas o que me attrahiu desde logo foi a sensação de paz e de simplicidade que d'alli irradiava ; e com o enthusiasmo de uma rapariga de escola, voltei-me para o nosso guia e declarei-lhe que me agradava e devia servir. Tinha cinco divisões que se communicavam, forradas e pintadas de novo ; encantadoras. Quando abri as janellas aspirei um ar embalsamado pelo perfume das flôres e os passarinhos nas arvores pareciam glorificar em seus chalreios a vida selvagem, mas livre. Eu estava encantada com o achado.

— Mas onde está a cosinha ? perguntou meu marido que tem o espirito mais pratico e menos poetico do que o meu.

— Bem, disse o pastor d'almas, aconselho-vos a transformar um d'estes quartos em cosinha.

— E lá em baixo ?

— É melhor não pensar no pavimento inferior. Considero-o inhabitavel !

Era uma contrariedade ; mas não fiquei desanimada.

— Então deixaremos de parte o outro pavimento, e entraremos n'esta linda e mysteriosa casinha tão depressa nos cheguem de Bâle os nossos moveis.

Elle ainda accrescentou que não nol-a recommendava, e que não ficava responsavel

por esta simples indicação, e depois deixou-nos.

— Graças a Deus que se foi embora, disse eu. Nunca vi ninguem mais desanimador e mais proprio para arrefecer o enthusiasmo dos outros.

— Todavia, accrescentou meu marido, deve haver algum motivo para aquella reserva.

— E os motivos baseam-se sem duvida lá em baixo; vamos vêr o que ha lá?

Para nosso maior espanto, o pavimento inferior consistia apenas n'um grande quarto escuro. Illuminavam-o escassamente duas frestas altas que faziam lembrar as pequenas vigias dos navios. O quarto cheirava fortemente a bafio.

A casa mysteriosa

Corri tudo em busca d'um fogão ou de algum armario. Nem uma nem outra cousa; sómente nas paredes viam-se escriptas algumas linhas, mas tão mal que nem eu nem meu marido podemos decifrar-lhes a significação.

— É um quarto inutil. Semelha uma prisão. E emquanto dava a volta á chave decidi fazer d'elle o menor uso possivel.

Afinal, estabelecemos-nos confortavelmente, e não fômos incommodados por almas d'outro mundo, nem por phantasmas, nem mesmo por outros mais formidaveis inimigos, a poeira e a humidade. Viviamos felizes e saudavelmente na nossa bonita casinha, e em pouco tempo tinhamos-nos esquecido da existencia do insalubre quarto lá de baixo. Comtudo estava escripto que teria de me lembrar d'elle desagradavelmente.

Um anno depois de estarmos em Schinznach, meu marido teve de se ausentar em virtude d'uns negocios que tinha de tratar no cantão de Appenzell. Como a sua ausencia era temporaria, resolvi ficar só na mesma casa. Comtudo depois da sahida de meu marido apossou-se do meu espirito uma profunda tristeza e apenas me distrahia com o meu fiel pequeno *terrier*, o *Bobbeli*.

Adoeci, e levada por um impulso que podia difficilmente explicar, fui algumas vezes, dar volta á grosseira fechadura do quarto escuro, lá de baixo, tentando decifrar os exquisitos signaes e sentenças escriptas nas paredes.

Uma tarde sahi e dirigi-me a uma pequenina loja na aldeia, conhecida pelo *Consum*. Era uma especie de armazem, onde tudo se vendia em curiosa promiscuidade, desde o arratel de queijo até a fita de seda. Da parte de fóra do balcão da loja, quando entrei, estavam duas mulheres fallando alto e com grande animação. Bati no balcão duas vezes, mas como não me déssem attenção alguma, sentei-me e esperei até que terminasse a conversa. Comprehendia o exquisito dialecto suisso, e com grande espanto meu descobri que a minha pequena vivenda era o assumpto da conversação.

— Imagina, disse uma, está outra vez alugada depois de tantos annos! Eu não viveria n'ella por dinheiro algum.

— Nem eu tão pouco. Imaginaria estar ainda sempre vendo as janellas gradeadas, e aquellas hediondas caras por traz, parecendo animaes n'uma jaula.

— E aquelle bello rapaz, que ficou doido com a traição da sua amante. Eu sentir-me-hia perseguida por elles todos se alli vivesse.

— E o que pensam d'isso os novos inquilinos?

— Ah! esses nada sabem. Vivem lá perfeitamente felizes, e fizeram o sitio tão bonito, que ninguem poderá adivinhar que foi algum dia uma casa de saude para doidos.

Fugi da loja, resolvida a não deixar envenenar os meus ouvidos com mais contos. Ah! mas já tinha ouvido demais. Uma casa particular de doidos! A minha perfumada latada de rosas, o meu pequeno ninho verdejante, a minha vivenda ideal, um hospital de doidos! Eram realmente crueis novidades. Cheguei a casa pallida e tremula. Casa! Que digo eu? Para mim já não era a minha casa. Já não tinha encantos para mim, nem a madresilva que guarnecia a minha janella, nem os proprios passarinhos que cantavam no jardim. Senteime na minha salinha entregue a lugubres e tristes pensamentos. Comecei a vêr e a comprehender cousas que a principio me pareciam enygmas. Os meus cinco pequeninos cubiculos, teriam evidentemente abrigado pobres

almas soffrendo; as paredes, agora alegremente forradas, teriam sido provavelmente almofadadas e as janellas gradeadas. Fui abril-as para examinar a alvenaria do lado de fóra. Sim! Pareceu-me vêr signaes de buracos, onde se teriam chumbado as barras de ferro. Na imaginação povoei os quartos d'aquelles infelizes que alli tinham vivido. O chalet estivera por muito tempo sem inquilino. Fômos nós sem duvida os primeiros a occupal-o desde que se fechára o asylo.

Percebi então a precaução do parocho com respeito á casa e a rasão porque me perguntára se eu era supersticiosa. Comprehendi tambem, como uma vivenda, apparentemente tão encantadora, tinha ficado tanto tempo sem alugador. E o quarto lá de baixo! O escuro, o humido, o insalubre quarto lá de baixo! O que teria *aquillo* sido? Um suor frio me aljofarou a fronte, só a pensar n'isso. Deveria ter servido de prisão para casos perigosos. E os herioglificos das paredes que ainda não tinham sido apagados pela poeira ou pelo tempo. O que quereria aquillo dizer? quem os teria escripto? Talvez fosse alguma carta, alguma poesia, nascida d'um cerebro doente, talvez alguma extranha narrativa das causas que roubaram a rasão ao desgraçado louco. O crepusculo surprehendeu-me no meu meditar. Depois cahiu a noite.

Oh! terrivel noite de angustia mental! Qualquer pequenino ruido fazia-me estremecer como se fosse uma criminosa. O sibilar do vento era para mim o lacinante gemido de alguma alma penada, que talvez tivesse habitado o quarto em que eu dormia. Os gritos da coruja, que ouvia indifferentemente todas as noites, soavam-me agora como phreneticos gemidos da loucura. Acudiam-me á memoria todos os casos de demencia que presenciara ou de que ouvira fallar.

Pela madrugada, consumida pela febre e pelo delirio da noite, adormeci d'um profundo somno, e não acordei senão dia claro. O sol, inundando a minha janella, parecia rir-se dos meus terrores e envergonhar-me. O projecto que eu tinha formado durante a noite de abandonar a minha vivenda, no momento avisado, parecia-me agora um perfeito absurdo.

Resolvi voltar ao *Consum* e procurar saber se realmente teria ouvido certo o que se dizia da minha residencia, e, se assim fosse, de telegraphar a meu marido, para que elle me esperasse em Appenzell no dia seguinte.

A velha da tenda confirmou os meus receios. Depois de uma leve hesitação, fez-me uma descripção aterradora da casa e dos seus antigos habitantes. Comquanto não podésse acreditar nem na metade d'aquelles contos, ainda assim colligi d'elles a sufficiente informação de que a casa tinha sido um hospital de doidos e, ainda mais, era considerada uma casa onde appareciam phantasmas.

Voltei de novo para casa mais amedrontada e horrorisada do que estava. Não havia remedio senão passar ainda mais uma noite debaixo d'aquelles tectos. Em primeiro logar era-me impossivel ir ter com meu marido antes do dia seguinte, e em segundo logar não queria que escarnecessem da minha covardia. Tinha-me proclamado «insupersticiosa», não devia contradizer as minhas palavras.

N'essa noite não me despi nem me metti na cama, sentei-me porém á janella com o meu cão *Bobbeli* ao lado. Comquanto *Bobbeli* fosse pequeno era muito bravo e sentia-me quasi segura sob a sua protecção.

Estar sósinha n'uma casa solitaria, sentada uma noite inteira; vendo o céu escurecer cada vez mais, e sentir esfriar progressivamente a temperatura; saber que aquelle mesmo quarto tinha sido outr'ora occupado por doidos tagarellas, cujas almas se dizia andavam vagueando ao redor! Calcule-se qual seria a minha tensão de nervos e como eu tremeria ao menor ruido! Comecei a phantasiar as physionomias d'áquelles que estavam atraz das grades das janellas, olhando para fóra como animaes ferozes n'uma gaiola, e depois pensei nas garatujas escriptas nas paredes...

Esta idéa attrahiu-me horrivelmente e determinei que antes de abandonar a casa as iria examinar mais uma vez. Esperei impacientemente pelo raiar da aurora para levar a effeito este meu projecto.

A RUA DA ALDEIA ONDE ESTÁ O «CONSUM»

Chegára afinal o dia! Um pallido traço ama-

rello atravez do céu negro. Então, cançada de espirito e de corpo, cahindo-me o suor frio da testa como gottas de gêlo, segui cautelosamente pela escada abaixo. Nem sequer chamei o meu cão que ficou dormindo socegadamente. Tinha determinado ir decifrar o que estava escripto no quarto escuro! Que impulso me levaria a fazel-o? Não o posso dizer, mas analysando desapaixonadamente esta minha deliberação, poderei sómente calcular que teria sido o resultado do estado hystericamente tenso do corpo e do espirito.

MADAME TSCHOPP E O SEU CÃO BOBBELI NO JARDIM DA CASA

Entrei no quarto e apalpei as paredes. Oh! era horrivel — a sensação do frio humido. A pallida luz da madrugada ainda era mais terrivel do que a escuridão da noite. Estava imaginando como seria o homem que escrevera aquellas extraordinarias palavras; parecia-me vêl-o emmagrecido, livido, com dedos crispados como garras, traçando aquelles caracteres e ouvia o rir horripilante do doido. Doente de medo deixei a minha tenebrosa tarefa e quando me dirigia para a porta, com inexprimivel terror vi-a embargada pelo vulto de um homem. Deveria ser um velho pela tez enrugada e cabellos brancos, mas a sua figura era erecta e os olhos brilhavam como chammas.

No primeiro momento de terror pensei que a figura era uma phantasma da minha imaginação e tentei passar apressadamente. Vendo a minha tenção, o vulto extranho cahiu sobre mim agarrando-me pelos pulsos com verdadeira ferocidade, balbuciando qualquer cousa inintelligivel. Tentei desembaraçar-me das suas garras, mas foram baldados os meus esforços. Luctei phreneticamente, como quem defende a vida. Mas, por mais que quizesse resistir, estava privada dos movimentos pelo aperto dos pulsos. Então repentinamente lembrei-me do meu cão e fazendo um ultimo e supremo esforço chamei com toda a força — *Bobbeli*, aqui *Bobbeli*.

Ouvi ainda o ruido das suas patas, depois um rosnar fundo de arremetter; simultaneamente senti afrouxar a pressão dos meus pulsos, e nada mais vi nem ouvi, nem soube o que se passou.

Quando voltei á vida, um sol forte e quente irrompia pelas frestas do extranho quarto humido da vivenda. Sentia-me fraca e doente, tive difficuldade em reunir as minhas lembranças.

Os acontecimentos da noite passada pareceram-me um terrivel sonho e se não fosse a minha presença inexplicavel no quarto escuro e as minhas contusões nos pulsos, não poderia crer que tivesse tido o mysterioso encontro. Com quem? Quero acreditar que o homem de cujas mãos eu tão difficilmente escapei fosse com certeza um doido perigoso. Talvez fosse o auctor d'aquellas palavras escriptas na parede, e quem sabe fugido, que voltasse a visitar o logar onde arrastara parte da sua desgraçada vida. Como conseguiu chegar até alli? Como entrou em casa e desceu a escada? Fora realidade ou allucinação extranha do meu cerebro doente? Com grande difficuldade me levantei e tremendo ainda de pavor vim cambaleando para o jardim. Uma vez alli, banhada pela luz vivificante do sol, começava de reflectir mais serenamente sobre o meu terrivel encontro quando uma rapariga da aldêa veiu correndo dizer-me que o meu cão estava morrendo no celleiro.

O meu *Bobbeli* morrendo! O meu fiel e pequeno amigo! Segui a rapariga até o celleiro e lá estava effectivamente o meu pobre cão. Corria-lhe sangue d'uma funda ferida no peito e os seus olhos estavam já com aspecto embaceado. Corri para elle, e acariciei-o ternamente. Deitou-me um olhar supplicante; lambeu-me as mãos com a sua lingua quente e secca, deu um pequeno gemido e cahiu morto no chão.

N'esse mesmo dia deixei Schinznach. Segundo o desejo de meu marido não contei áquella gente simples as particularidades da minha noite de terror; mas penso que elles adivinharam pouco mais ou menos que a minha partida precipitada fôra proveniente d'alguma aventura extraordinaria na vivenda mysteriosa.

MEDITAÇÃO

MAZURKA POR

VISCONDESSA DE FARIA PINHO

1.
2.
p
Ped.
ff
dolce

p
Ped.
1.
2.
p
Ped.
f
p
Ped.
mf
Ped

dolce
Ped.
p

Como se fazem as notas

Corre a miude a noticia de que uma nova tentativa de emissão de notas falsas veio perturbar a confiança no papel que circula; e d'ahi discute-se muito naturalmente o fabrico da moeda de papel, a sua garantia, as perdas occasionadas pela falsificação, e todas as questões que intimamente se relacionam com uma circulação forçada e legal de papel, quasi exclusivo meio de troca nas transacções correntes. O artigo seguinte procura satisfazer uma parte d'esta intensa e natural curiosidade fornecendo alguns elementos de apreciação.

QUANDO o Estado resolve cunhar uma certa quantidade de moedas de prata, todos calculam com facilidade o lucro que elle aufere da operação. Sabe-se o custo das materias primas, a barra de prata e o cobre, conhece-se a constituição da liga, avaliam-se com muita justeza as despezas da amoedação, desconta-se tudo isto do valor nominal marcado no cunho e cifra-se o lucro para o Estado. Mais tarde as contas officiaes publicadas confirmam as previsões do calculo.

Por uma analogia de raciocinio, apparentemente verdadeiro, forma-se no espirito dos que desconhecem o mecanismo interior da circulação fiduciaria uma errada idea em relação ao fabrico de notas. Se não se conhecem tão completamente, como para a moeda metallica, as despezas do custo, tem-se a presumpção muito aproximada de que é insignificante o preço de producção dos papeis estampados em relação ao valor nominal de moeda que se lhes inscrevem. D'aqui a idea de fabulosos lucros, e a correlativa de nenhnm prejuizo quando apparecem falsas no mercado. Com a despeza de um ou dois vintens fabricam-se vinte mil réis; excellente negocio, quando se emittem; e se têem de recolher algumas que não tenham a marca da casa, substituam-se por outras do mesmo custo que a perda não arruina ninguem, tal o raciocinio que tenho ouvido ingenuamente formular. E depois comprovam-o por comparação: porque é rendoso o monopolio do tabaco? porque o custo d'um kilo de fazenda, com todas as despezas, não excede sete tostões e vende-se por cinco mil réis; se d'estes der uma parte fixa ao Estado ainda fica o monopolista com muito.

Com effeito, assim succede para o caso da prata e do tabaco porque o Estado marcou a tantas grammas de prata cunhada, como a um kilo de tabaco fabricado, um *valor convencional que se não restitue.* A differença entre o custo da prata para uma moeda de cinco tostões e este valor, constitue receita definitiva do Estado; a differença entre o custo do tabaco manipulado e o preço de venda constitue definitiva receita do Estado e do monopolista. Mas a differença entre o custo d'uma nota fabricada e o seu *valor representativo* não constitue receita do banco. Ao contrario quasi, creou uma responsabilidade, *um valor que tem de restituir,* logo que a nota venha a sahir das suas caixas.

Porem o banco emissor, diz-se, não paga agora as suas notas; na verdade está relevado, por necessidade publica, de as pagar a moeda metallica que não existe, não está relevado de as pagar com os valores que possuir e que as representam. Cada nota que circula tem no banco o seu valor representativo e restituivel; cada nota falsa que circula é uma duplicação d'aquelle valor. D'aqui o interesse que todos devem ter de depurar a circulação, de a fiscalisar quanto possam; que n'isto está a sua defeza pessoal, a conservação do valor da moeda, e como esta mede todos os valores a conservação da propria riqueza ou haveres.

Claro está que não é este o unico elemento de depreciação da moeda de papel, da nota inconvertivel em barras ou cunhos de ouro que possuem valor real, intrinseco, universal. Outros, e mais importantes, factores produzem aquelle effeito. Não vem para aqui agora expol-os, nem discutil-os por menor. Basta, para completar o nosso intuito de apresentação simples do assumpto, examinar, se com relação á nota do banco se verifica aquelle caracteristico de valor *representativo e restituivel.* Por outras palavras apontar as garantias da circulação.

As notas sahem das caixas do Banco, ou porque este as entrega contra valores em todas as transacções que faz, lettras que desconta, cambiaes que compra, penhores que recebe: ou porque as entrega em pagamen-

tos ao Estado, o qual em troca lhe deposita dia a dia as receitas dos impostos, e os penhores de divida publica, pelo que dispende a mais da receita, segundo contractos definidos e auctorisados por lei. Eis o valor representativo, equivalente, restituivel á medida que as notas refluissem. Falta-lhe porém uma qualidade tambem essencial, pelo menos na parte que diz respeito á divida do thesouro publico, a de ser *realisavel* em curto praso. D'aqui a necessidade de ser a nota inconvertivel. Na verdade, as lettras cobram-se no vencimento, os creditos reembolsam-se; mas as inscripções dadas de penhor pelo Estado não se vendem com facilidade em tão quantiosas sommas. Tem de se esperar a opportunidade da subscripção d'um emprestimo nacional que, tomando os titulos, os pague em notas, que assim reentrariam na thesouraria do Banco, liquidariam a divida do governo e a circulação de notas diminuiria correspondentemente.

Além d'este valor representativo e equivalente das notas que circulam, o Banco conserva em caixa para lhes augmentar a qualidade restituivel e até certo ponto aferidora, como medida padrão, uma reserva de ouro e de prata, cuja importancia faria sufficiente face, em épocas normaes de circulação metallica, á quantidade de notas exclusivamente empregadas na representação de operações bancarias ou commerciaes. Finalmente, para cobrir ainda as differenças de avaliação, as falhas de valor, provenientes da depreciação occasional e imprevista da carteira, o Banco possue e responsabilisa o seu capital proprio que é avultado (13.500 contos) e as suas reservas estatutarias.

Uma das officinas do Banco de Portugal

Será excepcional e unica esta situação da nota portugueza, de curso forçado? Infelizmente é vulgar na historia de todos os paizes, e em todos os tempos. Em 1821, a poderosa Inglaterra ainda tinha curso forçado ás suas notas do Banco; só em 1878, a França, que é rica, poude dispensar o curso forçado das notas do Banco, após os desastres da guerra. Não fallamos da Russia, da Austria, da Italia, dos Estados-Unidos, que este assumpto sahe agora do quadro restricto d'este artigo.

Se são necessarias, indispensaveis, as qualidades de valor que ficam descriptas para que a nota possa cabalmente desempenhar as funcções de moeda, que desde a explosão da crise economica e financeira do paiz em 1891 tem vindo exercendo, tambem são indispensaveis e necessarias outras qualidades materiaes de fabrico e de segurança a que teem de satisfazer para afastar ou desilludir os criminosos esforços do falsificador para quem não ha valor representativo e restituivel na nota e apenas lucro effectivo, receita definitiva, na passagem fraudulenta. N'esta lucta entre o Banco fabricante legal e o falsificador ousado, teem os progressos da sciencia e da industria favorecido involuntariamente mais este ultimo do que aquelle, e não só aqui, onde ainda se está longe (e ver-se-hão as causas) de attingir uma perfeição satisfactoria de fabrico, como n'outros paizes. Por isso, em toda a parte, se procura illudir a difficuldade, evitando quanto possivel o alargamento de circulação em notas, sobretudo de pequenos typos poupando-lhes o uso, substituindo-as pelos cheques, adoptando todos os processos de compensação directa de transacções pela utilisação de contas correntes, de encontros de praça para praça.

Outr'ora, quando o falsificador tinha de exgotar a paciencia e a habilidade na reproducção d'uma gravura finamente trabalhada, plena de complicações de desenhos que n'uma desconhecida proporção tinham sido reduzidos, e que o mais minucioso exame á lente não conseguia desvendar, ainda a lucta era me-

Uma officina do Banco de Portugal

nos intensa. A gravura matriz sobre aço da actual nota de 100 francos do Banco de França custou cinco annos de trabalho, tal a accumulação de difficuldades que deveriam desanimar os imitadores. Hoje, porém, estes teem ao seu dispôr os mais finos, correctos e rapidos processos de reproducção industrial que lhes abreviam as tentativas. Não ha segredos de reproducção dos clichés extrahidos das gravuras matrizes, não ha segredos de tintas, nem segredos de impressão que possam servir de defeza efficaz. Ainda os melhores processos dispensam complicados machinismos, o que simplifica o disfarce, sobretudo além de fronteiras. Tudo se imita, se acaso se não reproduz, com exactidão e com presteza. A falsificação multiplica-se ousadamente, quando encontra sobretudo terreno que suppõe facil de explorar, como no nosso paiz, trazido d'um dia para o outro a uma circulação exaggerada e voraz de notas. Os numeros, que serão citados, demonstram este conceito.

Ainda assim, tendo a falsificação atacado quasi todas as chapas dos diversos typos de notas do Banco de Portugal, tem sido felizmente insignificante ou annullada nas suas investidas, deixando muito a desejar na reproducção do que apparentemente lhe pareceu facil e mal acabado. E' bom fazer notar de passagem que a belleza artistica não é sómente, nem o melhor, nem o mais seguro meio de defeza.

Repousam as duas principaes garantias da nota contra a falsificação na qualidade do papel, com as suas respectivas marcas d'agua, e na qualidade do desenho estampado; mas succede que não é facil conciliar n'um só typo as duas, porque, onde o papel é tudo como finura, e perfeição no lavor translucido, perde-se qualidades de impressão em desenhos complexos e de duração da nota, o que por si só é já garantia. Com mais segurança se recebe uma nota de uma emissão já antiga, relativamente, do que novas e frescas ainda do fabrico. Entre estas mais facilmente se escoam as novas tambem do falsificador. O Banco de Inglaterra, e é o unico, adoptando o papel para maximo de garantia, em vez do desenho, estabeleceu forçadamente a regra absoluta de que nota reentrada nas caixas do banco é nota immediatamente inutilisada e amortisada nos registos, porque ella não supportaria um grande uso e porque assim se amiuda a fiscalisação das numerações e dos signaes especiaes.

Em geral os bancos fabricantes de notas, França, Russia, Allemanha, Austria, Italia, Hespanha, Estados-Unidos e outros teem procurado reunir as duas qualidades de segurança, mas predomina em todos elles a complicação do trabalho artistico e graphico

á contextura do papel. Assim o Banco de França, que possue uma bella fabrica especial para o papel, chamado á mão, folha por folha, vê-se obrigado para conseguir aquelle duplo fim, apesar da habilidade dos operarios, experiencia e cuidado, a inutilisar 60 % das folhas preparadas. Só assim consegue ter uma excellente marca d'agua em papel que resiste a uma impressão complicada, ainda que de apparencia simples; mas para ter papel prompto n'estas condições é necessario tempo.

O Banco de Portugal tem egualmente no fabrico das suas notas seguido a mesma orientação; apenas tem sido forçadamente morosa a sua execução pratica. A estamparia do banco reformara-se em 1888 para uma dada previsão de fabrico immediato e para um lento e subsequente desenvolvimento. Em 31 de dezembro de 1887 a sua circulação subia a 7.360 contos. Viu-se em 1892, em egual data, com 50.207 contos de circulação, e desde aquella época n'um crescendo vertiginoso o consumo de notas attingiu as cifras qae seguem. Desde 1888 até 1900, o Banco tem emittido, quer dizer, tem entregue ás suas thesourarias, notas no numero de 62.760.000, representando um valor total de 190.140 contos. Só de notas de 500 réis, a emissão attinge 27.880.000 notas; de 1$000 réis, 14.500.000 notas; de 2$500 réis, notas 8.800.000. E note-se que para retirar chapas falsificadas e para conservar a circulação na repellente sugidade que por ahi se vê, teem sido amortisadas durante este mesmo periodo 43.410.000 de notas. Claro está que d'este numero 23.000.000 foram do valor de 500 réis. D'estas avultadas quantidades de notas, apenas nos annos de crise intensa, 1891 e 1892, se importaram d'estes typos notas fabricadas no extrangeiro para occorrer ás necessidades do momento. As chapas porem foram em breve falsificadas; e teve de crear-se novos typos.

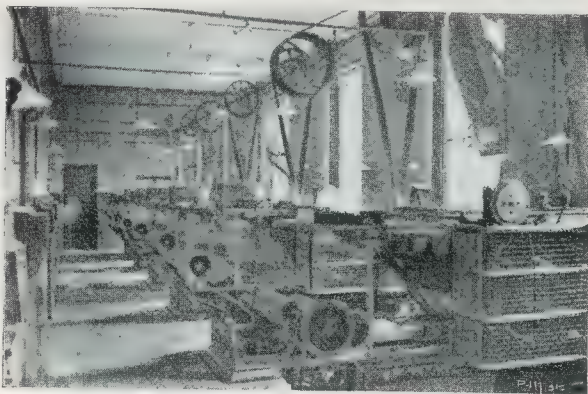
Sob a pressão d'um consumo de notas, que obrigou a estamparia a fornecer, em 1900, recorrendo-se ao typo de nota grande para poupar circulação, 6.655.000 notas no valor de 33.760 contos, comprehende-se quanta imperfeição se apresenta a olhos muitos exigentes, e quanto esforço inutilisado o Banco tem feito para conseguir aquella regra banal de que a um typo de nota emittida corresponde uma nova em reserva e outra em fabricação. Todavia, apesar do caminho percorrido, a estamparia do Banco projecta novos alargamentos e transformações que se tornam indispensaveis. E' preciso satisfazer a voracidade do publico que estraga notas, como foi preciso satisfazer a voracidade do governo que absorvia emissões sobre emissões. Tem de antepôr igualmente ás investidas da falsificação maiores seguranças, além das que actualmente emprega.

De resto, o governo não fará provavelmente novas exigencias de notas. Tambem pelo seu lado o publico vae modificando, pouco a pouco, os seus habitos de utilisar as notas para mil applicações e brinquedos. Fazem-se em bolas, servem para embrulho, prestam-se a carimbagem de reclames de lojas, substituem o almaço para expansões de estro poetico. E, apesar de tudo isto, correm, passam de mão a mão; ninguem se importa recebel-as com mais ou menos borrões de tinta. N'outros paizes, uma nota que se apresente no banco maculada por aquella fórma, tem desconto proporcio-

Uma officina do Banco de Portugal

nal ao quadriculo com que se medem; e isto faz-se mesmo nos paizes onde a nota é, como aqui, inconvertivel, e serve de moeda. Mas cada roca tem seu fuso e cada terra seu uso. Tambem em França, em Inglaterra, nos Estados-Unidos da America, é uso, regra absoluta, marcar com as palavras *billet faux* ou *forged*, as notas falsas apresentadas nas thesourarias do banco, como antigamente entre nós se pregavam os pintos e os patacos falsos sobre o balcão das tendas e das tabernas. Comprehende-se bem que assim se proceda para prohibir tentações de passagem consciente de notas falsas, acto que tem relação directa com o codigo penal. Nem o carimbo impede o natural recurso para a administração superior do banco a solicitar reembolso. Em geral são attendidas estas reclamações a titulo de indemnisação pela boa fé illudida com uma imitação muito perfeita. Os bancos emissores não teem obrigação de trocar notas falsas, nem pódem assumir tal obrigação. Seria magnifico incentivo aos falsificadores.

O consumo collossal em curto praso de notas, tem naturalmente concorrido para que o banco fabricante não tenha podido aperfeiçoar os seus productos, e ao mesmo tempo não tem sabido accelerar, tanto quanto era possivel, o desenvolvimento da sua estamparia. São installações difficeis de conseguir, e carecem de largos annos de exercicio e de experiencias para attingir a perfeição que surprehende quem tem visitado outras officinas similares no estrangeiro. E' justo, todavia, reconhecer que a fabrica legal portugueza de notas tem realisado prodigios com os elementos de que dispõe e com o tempo que tem empregado no seu mister. A impressão é manifestamente ainda imperfeita, a coloração é desegual; mas comprehende-se que sob um pedido sempre instante de exemplares a tiragem não possa ser escolhida com rigor. Em França chega a inutilisar-se 30 por cento d'uma tiragem. No Banco de Portugal esta inutilisação attinge apenas 5 por cento no maximo. O Banco de França possue, como já se disse, fabrica propria de papel; o Banco de Portugal recorre áquelle para se fornecer na sua quasi totalidade, e em condições muito especiaes. Como é sabido, estes fabricos são rodeados de muitas precauções indispensaveis, assim como toda a evolução de cada folha de papel até a estampagem. Contam-se, registam-se, guardam-se ainda em branco, como se fossem valores. A acquisição de papel e a escolha da sua qualidade tem sido um problema difficil de resolver.

E' curioso examinar pela composição da

Uma officina do Banco de Inglaterra

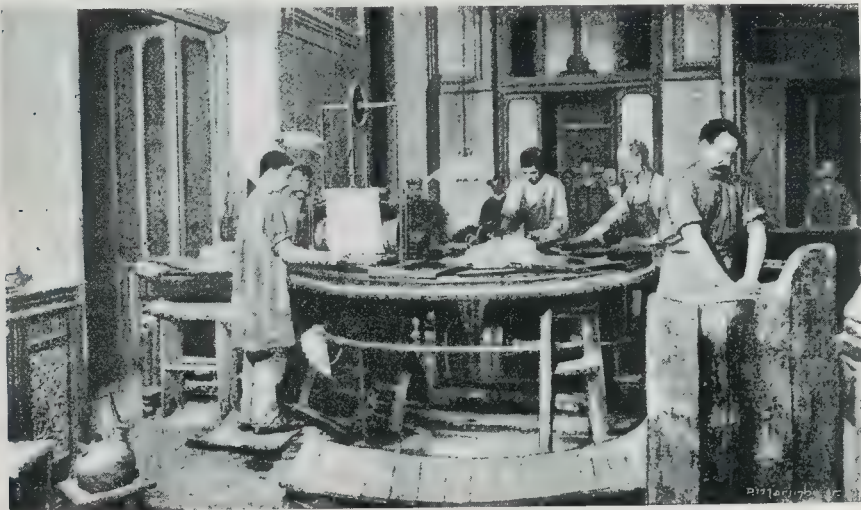
circulação, em epocas diversas, as modificações profundas que aquella tem soffrido á mercê das falsificações em parte e das instancias do publico n'outra parte. No fim de 1892, com uma circulação total de 50:217 contos, as notas de 500 réis eram em numero de 7.743:000, no periodo de maior retrahimento de moeda metallica. No fim de 1895, aquella somma havia diminuido a 4.475:000, embora a circulação tivesse crescido a 55:921 contos. Pois, no fim de 1898, após cunhagem de prata, renascimento de confiança, serenidade de mercado, a quantidade de notas de 500 réis subiu para 6.516:000, tendo a somma da circulação attingido 69:655 contos. Por ultimo, em 1900, trabalhando o Banco na extincção das notas de pequeno typo para forçar quanto possivel o uso da prata, e sendo a circulação de 68:136 contos, o numero de notas de 500 réis, que entraram para a composição d'esta quantia, era de 1.200:000 ou no valor de 600 contos. Posteriormente tem de novo augmentado. Se se considerar as notas de 20$000 réis, ver-se-ha o seguinte. Em 1892 havia em circulação 1.193:000 de notas d'este typo; depois sobe naturalmente com os accrescimos da circulação, chega a 1:890:000 notas em 1898, conserva ainda em 1899 o numero de 1.657:000, e no anno seguinte, no fim de 1900, desce a 608:000 notas. A falsificação d'uma chapa perturba, como se vê, a circulação; a estamparia não substitue rapido; a emissão de notas de typo superior de 100$000 réis tem já attingido o maximo da saturação, tendo sido retiradas por falsificação as de 50$000 réis; e em consequencia augmenta desmedida-

mente a circulação do typo de 5$000 réis, que no fim de 1900 excedem em numero 3.000:000. Ha pouco a falsificação d'este ultimo typo deve ter produzido nova e profunda mudança. Estes factos, que parece terem pequena influencia economica, exercem-a effectivamente, e modificam as condições da permuta interna.

No emtanto, a estamparia do Banco encommenda a artistas, e dos melhores, no estrangeiro, os desenhos; manda vir com largos honorarios eximios gravadores sobre aço; as novas chapas são reproduzidas, ou pelos processos galvano-plasticos em successivas operações, ou pelo methodo especial de aço, cuja tempera exige aprendizagem custosa e ensino demorado que habeis especialistas aqui veem ministrar ao pessoal do Banco; aproveitam-se aptidões excellentes e modestas no delicado trabalho de *guillochet*, executado por complexa machina. Estas operações preliminares do preparo d'uma nota, dividida por gravuras diversas, destinadas a impressões separadas, n'uma engenhosa combinação que desanime a paciencia do falsificador, levam mezes e mezes de trabalho assiduo. Não são operações que possam apressar-se com a multiplicação de pessoal; este é forçadamente restricto.

Obtidos os necessarios *clichés*, a estampagem exige egualmente cuidados minuciosos; a applicação das côres complica o problema. tudo. Depois de estampadas, as notas soffrem ainda outras operações, como impressão do texto, numeração especial em series, que hoje é executada automaticamente por machinas interessantes nos seus movimentos; são datadas; recebem a chancella final que as faz entrar, como valor, nos cofres da thesouraria. Assim como ha no mundo poucas imprensas de arte verdadeiramente notaveis, assim tambem ha poucas estamparias de notas modelos, quer de bancos, quer de firmas particulares, como a casa de Giesecke & Devrient, de Leipzig, que tem fornecido durante longos annos papel moeda a quasi todos os governos da Allemanha. Entre as de bancos, cita-se em especial a de S. Petersburgo.

Todavia a imitação ousada consegue investir contra as difficuldades com pasmosa habilidade. Obriga a ser estudada. No Banco de França, ha nas officinas um grupo de artistas e de chimicos cujo encargo exclusivo e curioso é investigar e tentar a imitação das proprias notas por processos differentes dos empregados na casa, reproduzindo ou o papel filigrana, ou a vinheta de segurança, ou a composição secreta da tinta. Cada descoberta d'estes é ponto de partida para um novo aperfeiçoamento no fabríco.

A imperfeição das notas portuguezas tem sido, até agora, uma segurança relativa. E' extremamente difficil reproduzir o imperfeito com exactidão, n'essas mesmas imperfeições

Uma officina do Banco de Hespanha

Diversificam muito os processos, de paiz para paiz; cada um defende o seu methodo, e a escolha é difficil, como difficil é a sua execução. As tintas são objecto de constante es-

indefinidas e variaveis. Serve o paradoxo de preludio á necessaria remodelação das officinas que o Banco n'este mesmo momento emprehende e executa.

VINGANÇA DE RIVAL

A pagina de historia, que segue, não visa a retratar a extranha e tenebrosa figura d'um grande rei; conta apenas um episodio d'aquella mephistophelica existencia, que teve o nome de Filippe II, de Hespanha, onde se procura, como se tem feito para os anteriores successos historicos, aqui narrados, descobrir atravez dos factos o motivo psychologico que os determinou, tentando descer aos abysmos do coração humano em busca de enygmas ou de mysterios que desafiam a curiosidade.

Em 1578, o dia 31 de março foi uma segunda feira, e segunda feira de Paschoa; ao anoitecer a cidade de Madrid foi sobresaltada pela sensacional noticia de um crime mysterioso. Apparecera assassinado na rua um fidalgo chamado Escovedo, personagem dos mais nomeados da côrte de Filippe II.

Annos antes, o rei perturbado pelos sonhos ambiciosos de seu irmão natural, o celebre D. João d'Austria, tinha instado com Escovedo para entrar como secretario ao serviço d'aquelle principe, afim de que exercesse sobre seu amo influencia moderadora e vigilante. Mas Escovedo, leal, de temperamento ardente e de caracter firme, não se sujeitou a desempenhar o papel que lhe fôra imposto. Permittiu-se ser levado pelos chimericos planos de D. João, os quaes visavam á invasão da Inglaterra e ao seu casamento com a então captiva rainha da Escocia, e para realisação d'elles o brilhante general encetara já negociações com os parentes francezes de Maria Stuart, com os Guises. Escovedo abraçou tão calorosamente o partido de seu amo, que dirigiu a Filippe II um officio violento em defeza d'elle, elaborado em linguagem tão desrespeitosa ou inflammada que o monarcha, sahindo fóra da sua habitual frieza e serenidade, caracterisou-o como documento sanguinario, *sangriento.*

Durante os ultimos nove mezes Escovedo, que viera á côrte, apertava com o rei para fornecer homens e dinheiro afim de facilitar a D. João subjugar os revoltosos dos Paizes Baixos, onde elle era governador. Finalmente chegaram cartas do principe, annunciando a victoria sobre os rebeldes e mandando regressar o secretario. Uma semana depois Escovedo foi encontrado morto n'uma rua de Madrid, perto de sua propria casa.

Escovedo foi encontrado morto...

Tomaram-se pela policia as costumadas providencias e precauções para prender os assassinos. Fecharam-se

as portas da cidade e houve busca em todas as casas, o que não deu resultado algum. Havia uma outra pista por onde se devera seguir. Horas antes do assassinio de Escovedo, fôra enforcada na praça publica de Madrid uma mulher escrava, pertencente á casa d'elle, por ter tentado envenenar seu amo semanas atraz. Fôra accusada de ter preparado uma tijella de caldo, ao provar do qual Escovedo sentiu gosto denunciador de ingredientes venenosos. A mulher morreu protestando a sua innocencia; e na verdade os factos subsequentes descobrem, parece, um grave erro de justiça n'este ponto. Com effeito, seria impossivel duvidar que não proviessem da mesma origem os attentados mal succedidos ou bem succedidos contra a vida de Escovedo. O attentado pelo qual a escrava foi justiçada, não era a primeira tentativa feita. Na mesma occasião em que elle ia tomar o caldo envenenado, o secretario de D. João já estava soffrendo de uma extranha doença que o accommettera depois de um jantar em casa de Antonio Perez, secretario e ministro confidencial de Filippe II.

FILIPPE II DE HESPANHA — QUADRO DE [illegible]

Ao tempo em que Escovedo foi morto por mão secreta nas ruas de Madrid, a fortuna parecia favorecer extraordinariamente Antonio Perez. Filho de um respeitavel official publico, elle subira aos trinta e seis annos ao principal logar no gabinete real. De porte lhano e affavel, habil no expediente dos negocios e sem escrupulos para o serviço de seu amo, era justamente o ministro estimado por Filippe II.

Os dois secretarios Perez e Escovedo tinham sido intimos. Além da sua amisade particular uniam-os as obrigações dos cargos. Todos os negocios dos Paizes Baixos passavam pelas mãos de Perez. Tinham de proceder com prudente resolução entre o impaciente D. João d'Austria e o frio e desconfiado rei. D. João confiava menos em Perez do que em Escovedo, e escrevia ao secretario real com a liberdade de amigo, contando que este sujeitasse da correspondencia tanto quanto suppozesse convir aos olhos do rei Filippe.

Quando se deu o assassinio de Escovedo, Antonio Perez estava em Alcalá, onde fôra passar a semana de Paschoa. Na sua volta a Madrid, o procedimento da viuva de Escovedo revelou a Antonio Perez a suspeita de que elle era objecto.

O motivo allegado pela viuva Escovedo com respeito ao crime foi este : sustentava que o homem assassinado descobrira uma ligação

amorosa entre Antonio Perez e a princeza de Eboli, viuva do afamado Ruy Gomes que occupára um mais alto logar do que Perez na amisade e confiança de Filippe II Escovedo, em sua maneira de fallar, mais do que era permittido á amisade dos dois secretarios, censurára a princeza e ameaçára denuncial-a, assim como a Perez, ao rei, se não quebrassem aquella intimidade. Em vingança a princeza pedira ao seu amante que tirasse a vida a Escovedo.

Poderia a infeliz viuva Escovedo ter ou não rasão; poderiam ter realidade esses motivos que determinassem Antonio Perez a eliminar um amigo indiscreto. Mas o principal alcaide, chefe da policia hespanhola, aprendera provavelmente que nem sempre é avisado inquirir muito de perto dos actos do ministro de um despota, e prudentemente absteve-se de dar seguimento á devassa.

Ficaram reservadas as accusações apresentadas pela familia Escovedo contra Perez, e aos officiaes de justiça foi dada outra orientação.

A princeza de Eboli, despertada pela sensação do perigo, fez n'este momento um appello pessoal ao rei. Na sua missiva, depois de ter censurado Filippe da sua attitude secca para com ella, põe em relevo a engenhosa versão da accusação contra Perez e ella propria:

«Eu sei que elles chegaram a ponto de dizer que Perez matou Escovedo por minha causa, porque elle devia á minha casa taes favores que foi obrigado a fazel-o, quando lhe foi pedido.»

A princeza sabia perfeitamente que não eram as obrigações de Perez á casa de Eboli o movel verdadeiro do criminoso procedimento, mas sim as secretas relações entre ambos; porém a evidente anciedade de enganar Filippe n'aquelle ponto derrama o primeiro vislumbre de luz no mysterio da morte de Escovedo.

O appello da princeza produziu effeito. O rei deu ordem aos dois, accusadora e accusado, a que se reconciliassem. Mas tanto Perez como a princeza de Eboli recusaram acceitar esta paz apparente e insistiram na completa retirada da accusação. Afinal Filippe planeou uma deliberação decisiva. Mandou chamar a Roma o seu velho servidor, cardeal Granville, para vir tomar conta do ministerio, cujas funcções tinham sido até então desempenhadas por Antonio Perez. Em 28 de julho de 1579, o cardeal chegou a Madrid. A's onze horas d'aquella mesma noite o alcaide da côrte, procurou Perez, e informou-o de que o rei, descontente com a recusa em se reconciliar com a sua accusadora, lhe ordenára que o conduzisse á prisão.

Pela mesma hora uma scena notavel se estava passando perto da casa da princeza de Eboli. Filippe II, deixando o seu palacio quasi á meia noite, com uma escolta armada, dirigiu-se ao portico da egreja de Santa Maria, d'onde se via a residencia da Eboli, e esperou alli, vi-

A PRINCEZA D'EBOLI — QUADRO DA ESCOLA DE SANCHEZ COELLO

giando anciosamente, emquanto os seus agentes entravam na casa e traziam presa a princeza. Elle esperou até a vêr levada por uma reforçada guarda a caminho da tenebrosa fortaleza do Pinto. «Depois voltou», diz Antonio Perez na sua memoria ou relação, «para o palacio e passeou no quarto até as cinco horas da manhã em grande agitação».

Poderia suppôr-se que a investigação do processo Escovedo ia ter agora seguimento. Ao contrario. Os dois prisioneiros foram julgados, não por causa do assassinio, mas pela desobediencia a uma ordem real. Dez annos tinham ainda de passar para que se ouvisse de novo fallar na mysteriosa morte do secretario de D. João d'Austria.

A prisão de Antonio Perez consternou a côrte de Hespanha. Foi esta muito em abono de Perez, o qual, em consequencia da rapidez da sua elevação e do talento com que a conquistara, soubera grangear muitos amigos dedicados, alguns dos quaes não duvidaram e tiveram a coragem de censurar o procedimento rigoroso do rei.

Filippe II esperou, vigiando attentamente...

Filippe II apressou-se em explicar a sua severidade. Mandou o cardeal de Toledo visitar a mulher de Perez, e assegurar-lhe que a prisão do marido era devida unicamente a questões de gabinete. Escreveu em egual teor aos parentes da princeza os poderosos duques de Medina Sidonia e do Infantado. O confessor do rei foi ter com Perez e disse-lhe sorridente: — «A sua prisão não o conduz á morte.»

Mas Perez, com o verdadeiro instincto de cortezão, sentiu que estava perdido. Cahiu doente, pelo que o rei se compadeceu a ponto de o deixar voltar para sua propria casa, acompanhado de um guarda. Novamente lhe foi apresentada uma formula de pacto de paz com a sua accusadora, ao qual o cahido e desgraçado secretario não oppoz recusa. No fim de alguns mezes até o guarda foi retirado, e foi concedido a Perez licença de sahir e de receber visitas dos amigos.

Por algum tempo o gato deixou o rato em liberdade. Foi dado um descanço de dois annos, para fazer esquecer a primeira queda de Perez, e depois enterrar as garras com maior crueldade.

A princeza de Eboli solicitou a sua liberdade no anno de 1581. Ella tambem perdera a saude, e tambem não obteve o perdão, mas a commutação da sentença no exilio em sua casa de campo de Pastrana, onde morreu onze annos depois.

Em maio de 1582, Rodrigo Vasquez, presidente do conselho de fazenda, por uma ordem verbal do rei, começou de fazer um inquerito secreto sobre a conducta de Antonio Perez como ministro.

Emquanto se procedia a este secreto inquerito o sepulto crime de seis annos antes começou de novo a vir á luz.

Entre os parentes do assassinado Escovedo havia um capitão do exercito hespanhol chamado Quintana. No mez de junho de 1584, n'um sitio qualquer que não está designado na narrativa do acontecimento, encontrou-se aquelle official com um tal Enriquez, antigo pagem de Antonio Perez. Enriquez, que era então porta-bandeira, vivendo em Zaragoza, capital de Aragão, acabára por sentir contra seu antigo amo o mais azedo e tenebroso odio. Sob a influencia d'estes sentimentos foi induzido pelo Quintana a fazer lhe uma confissão que veiu esclarecer, se não explicar inteiramente, o caso do assassinio de Escovedo.

A declaração de Enriquez foi depois reduzida a escripto, em fórma de depoimento jurado.

«Estando um dia preguiçando no quarto de Diego Martinez, criado de Antonio Perez, (assim principia) Diego perguntou-me se eu conheceria no meu paiz alguem que quizesse dar

uma facada em determinada pessoa. Elle accrescentou que a paga seria boa e que, se seguisse a morte ao golpe vibrado, não haveria risco algum.»

Enriquez promptamente se encarregou da encommenda. Haviam se feito tres tentativas para envenenar Escovedo, duas das quaes falharam completamente, e da terceira sómente resultára elle ficar doente! Durante a sua doença Enriquez, incitou um amigo seu chamado Rubio a insinuar-se na amisade do cosinheiro do infeliz Escovedo. Foi Rubio que conseguira introduzir o veneno na panella de caldo que levára ao supplicio a desgraçada escrava.

N'aquelle tempo é claro que Escovedo estava sempre em guarda, e tornára-se portanto perigoso o systema de envenenamento.

«Em consequencia, diz o pagem, fui á minha propria terra procurar um amigo intimo, e adquirir um punhal de lamina muito fina, que é arma muito melhor do que a pistola para matar um homem.»

Enriquez alistou seu irmão Miguel. Durante a ausencia d'elle o criado Diego arranjou dois outros homens, Juan de Mesa e Insausti. Estes com o Rubio envenenador, formavam um partido de seis homens, todos armados de punhaes, que estiveram esperando por Escovedo noites seguidas perto da casa d'elle, parte vigiando em volta, parte escondida em emboscada.

Logo que tudo ficou organisado Perez partiu para Alcalá para estar ao abrigo de suspeita. O proprio Enriquez não entrou no acto de matar Escovedo. Na noite de segunda feira de Paschoa, elle era do numero dos que estava vigiando na praça de S. Thiago. O golpe fatal foi vibrado por Insausti.

Os assassinos estiveram cuidadosamente occultos em Madrid, emquanto não esfriava a busca policial; depois foram mandados embora uns com dinheiro e outros em diversas commissões. Juan de Mesa, convem notar, recebeu um emprego nos estados da princeza de Eboli. Enriquez fugiu para Napoles. Apenas o criado Diego ficou ao serviço de Antonio Perez.

Decorridos seis annos desde que se commetteu o crime, ainda quatro dos seis assassinos estavam vivos. Enriquez vigiava com horror e medo a vingança silenciosa que parecia ter alcançado os seus camaradas, um apoz outro, primeiro o Insausti, e depois o seu proprio irmão Miguel. Imaginou reconhecer a mão do seu antigo amo distribuindo estes insidiosos golpes, e resolveu denuncial-o.

D. João d'Austria — Quadro de Sanchez Coello

Em 23 de junho de 1584, Enriquez dirigiu uma carta ao rei Filippe na qual lhe pedia um salvo-conducto e offerecia-se para se deixar degolar no mesmo instante como traidor, se elle não provasse que Antonio Perez tinha ordenado o assassinio de Escovedo.

Bastante singular foi que depois, da carta enviada, chegasse noticia a Enriquez da vinda a Zaragoza de um official chamado Chinchilla, com más intenções contra elle. Pensaria o desgraçado possuido de terror que o seu antigo amo tinha ainda bastante poder na côrte para saber o conteúdo da carta concernente a elle e entregue nas mãos do rei? Talvez;

porque Enriquez fugiu immediatamente para Lerida, e d'alli dirigiu uma segunda carta a Filippe II, repetindo-lhe a denuncia.

O capitão Quintana, que o tinha levado á confissão, escreveu tambem ao rei solicitando humilde e encarecidamente justiça a favor dos parentes de Escovedo.

Estas cartas nem sequer alcançaram resposta. Filippe II não era homem para esquecer; porém, nem se apressava nem deixava os assumptos de parte. Para o momento julgou opportuno deixar esquecida n'uma gaveta a accusação de assassinio, e procedeu socegadamente com o processo de corrupção.

No mez de janeiro de 1585, dois annos depois, o tribunal de inquerito entregou o relatorio final. Perez foi julgado culpado de corrupto em varios artigos, e foi sentenciado a dois annos de prisão n'uma fortaleza e dez banido da côrte.

Mas a parte mais notavel da sentença é aquella em que ordena a Perez restituir varias sommas e artigos especiaes no valor total de doze milhões de maravedis (cêrca de 27 contos). D'esta somma, só sete milhões era divida ao rei. O resto da quantia, que foi chamado a restituir, era distribuida em artigos separados: — dois milhões de maravedis recebidos á conta da princeza de Eboli; oito colchas novas, bordadas a ouro e prata sobre velludo escarlate, recebidas d'ella — «sendo concedida permissão ao dito Perez de proceder contra a dita princeza pela paga que elle pretende ter-lhe feito por ellas»; — dois brilhantes no valor de 200 ducados, quatro peças de prata lavrada, avaliadas em 44.370 maravedis, e um annel coroado com uma granada, tudo recebido da mesma princeza, — «para que», prosegue a sentença, «todas as sommas ou objectos ahi mencionados sejam entregues aos filhos e herdeiros do principe Ruy Gomes». O outro unico caso em que a sentença ordenou especial restituição foi d'um esquentador de prata recebido de D. João d'Austria.

O golpe foi vibrado por Insausti.

Pondo de lado este esquentador de prata, vê-se que a sentença se divide em duas partes. As sommas que Perez indevidamente recebeu no seu cargo ministerial estão avaliadas em globo para serem pagas na thesouraria real; os presentes que elle recebera da princeza de Eboli estão confusamente explicados; e a restituição d'elles ou do seu valor é feito aos herdeiros do marido. a princeza nada aproveita da restituição. Esta parte da sentença e mais contra ella do que contra elle.

Para comprehensão clara d'estes factos deve recordar-se que Filippe julgava ser segundo o seu modo de vêr, justo. Pensando que uma offensa feita a elle era como uma offensa feita a Deus, julgava-se justificado recorrendo a qualquer meio para castigar o delinquente. Raramente empregava uma vingança pessoal. Esperava até convencer-se verdadeiramente de que era dever seu castigar. E depois castigava sem remorsos.

Cumpriu-se a primeira parte da sentença. Perez foi levado para a fortaleza de Turruegano, onde ficou dois annos.

N'este intervallo dois factos importantes se deram n'este quasi esquecido processo de Escovedo. No verão de 1585, tendo Filippe II ido a Aragão, Rodrigo Vasquez, que presidira ao tribunal de inquerito, aproveitou a opportunidade de examinar particularmente no processo a pagina Enriquez de quem elle obtivera o testemunho já citado. Mas quando D. Pedro Escovedo, filho do assassinado, encorajado por isso, renovou o seu pedido de justiça que tinha abandonado seis annos antes, viu-se privado do seu logar no conselho de finanças e preso.

Ainda não chegára o momento. Para a familia de Escovedo, esperando annos e annos a vingança do seu pae assassinado, deveria parecer-lhes que nunca chegaria. Não conheciam Filippe II, o qual gostava de imitar no seu proceder o vagaroso trabalho da Providencia, que tambem muitas vezes modera a perseguição sem nunca perder de vista o fim.

O segundo facto foi Filippe II enviar uma ordem a Antonio Perez, na prisão, para que este mandasse entregar todos os seus papeis, incluindo toda a correspondencia trocada en-

tre elle e o rei. Ninguem melhor do que Antonio Perez sabia a que se referia esta ordem. Poz pés á parede e recusou obedecer. Então foram encarcerados a mulher e os filhos. O confessor real vinha diariamente vêr a mulher de Perez e procurava amedrontal-a com ameaças de prisão a pão e agua para o resto da vida, se não entregasse os papeis do marido.

A intrepida dama permaneceu firme até que recebeu um bilhete, escripto pelo punho de seu marido com o seu proprio sangue auctorisando-a a que cedesse. Na seguinte vez em que appareceu o confessor, alegrou-se com a vista de dois grandes bahús, fechados e sellados, que a pobre senhora lhe entregou em nome de seu marido. O confessor fez conduzir á pressa os bahús para o palacio, onde a ninguem foi permittido vêr o conteúdo senão ao proprio rei.

Filippe deveria ter revistado o conteúdo dos bahús com o coração bem agitado. Achou n'elles muitos documentos, e havia de regosijar-se em os ter encontrado. Mas não podia ter guardado de memoria todas as pequeninas notas que se haviam passado entre elle e o seu secretario. Antonio Perez tinha tomado as suas precauções. O rei triumphante não suspeitou que antes da sr.ª Perez ter deixado sahir aquelles preciosos bahús, Diego Martinez, o criado fiel, tinha vindo secretamente de Aragão a Madrid, tinha revistado os seus conteúdos, tirando alguns papeis que estavam destinados a fazer mais tarde grande sensação.

O criado não teve tempo de voltar para o seu retiro em Aragão, tendo sido preso em novembro de 1587, por ordem de Rodrigo Vasquez. Durante este tempo Antonio Perez ignorava as revelações feitas por Enriquez. Sabendo da prisão do seu criado, ficou perturbado e escreveu anciosamente ao rei para pedir a sua liberdade. Pediu na confiança de que o seu pedido seria attendido. Mas informado de como estava realmente a situação, e tendo a segurança de que Diego não havia de o trahir, escreveu de novo ao rei, para solicitar que o caso fosse levado a julgamento. A carta d'elle requer que isto seja feito, «para evitar consequencias que seriam egualmente prejudiciaes ao prisioneiro, ao serviço de Deus *e ao vosso*».

Filippe II não deu signal de si, até o dia em que recebeu no seu gabinete os dois bahús fechados. Elle havia impedido ou castigado todas as tentativas de trazer em justiça os assassinos de Escovedo; perseguira o seu antigo favorito, mas tinha escolhido todos os motivos de perseguição excepto este. Agora porém, dez annos depois, resolvera-se.

Todavia o infeliz preso não podia calcular a mudança havida. Escreve a Filippe II, relatando innocentemente os esforços dos seus perseguidores, e as medidas que estava tomando para os bater. Ao mesmo tempo pede ao seu antigo amo em termos sentidos que tenha compaixão:

«Pela Paixão de Nosso Senhor peço mil vezes á Vossa Magestade que esteja bem dis-

Antonio Perez — Quadro de Sanchez Coello

posto a meu favor, que tenha piedade da minha innocencia, e que tome em boa conta os meus leaes serviços, e os de meu pae. Peço-vos que tenhaes dó d'um criado abandonado e sejaes o juiz que me faça justiça e a todos nós! Pelo amor de Deus, Senhor, queira Vossa Magestade vir ajudar-me com alguma manifestação da sua bondade; preciso tanto d'ella como da vida.»

No mez de agosto de 1589, Antonio Perez foi pela primeira vez interrogado pela sua parte no crime commettido onze annos antes. Negou tudo. Todavia, Vasquez como magistrado investigador, expoz que a accusação contra elle estava justificada, e D. Pedro Escovedo apresentou a sua queixa formal no tribunal de Castella.

Estava tudo prompto para o julgamento final. Mas faltava achar segura prova contra o accusado, excepto a do pagem Enriquez, evidentemente uma testemunha suspeita. N'esta conjectura o confessor real appareceu outra vez em scena. Foi vèr Perez, assegurando-lhe que tão sómente a caridade christã o demovera a ir offerecer o seu conselho, ainda que não tivesse sido pedido. E continuou:

— Devo dizer-lhe com toda a lealdade que o senhor tem uma *absoluta defeza* logo que a declare, e deve confessar inteiramente tudo quanto se lhe perguntar, e assim livrar-se-ha da dolorosa situação em que se collocou.

Mas Perez seguiu mais ainda do que o conselho. A solução que lhe occorreu foi a de fazer uma *transacção* com o seu adversario; por outras palavras comprar a vingança de D. Pedro, filho do Escovedo. Este percebera a incerteza do pleito; concordou portanto em acceitar a quantia de 20.000 ducados, e lavrou um auto de formal desistencia da accusação.

Isto poderia justificar a libertação de Perez, mas Rodrigo Vasquez não estava disposto para deixar fugir tão facilmente a sua presa. Dirigiu uma carta ao rei na qual pela primeira vez se refere abertamente ao interesse do monarcha n'este complicado negocio. Informa Filippe II que corre o boato de que foi elle quem mandou executar o assassinio, e que era necessario para manter a sua auctoridade real que tudo se aclarasse; e pedia-lhe uma ordem escripta e elaborada n'estes termos:

«Diga ao Perez que elle sabe como eu lhe ordenei que matasse Escovedo, e por que motivos, dos quaes deve estar bem conhecedor, e convindo para meu uso elle terá de os declarar.»

Filippe II imaginava-se com o direito de mandar matar os seus subditos sem julgamento, se assim lhe fosse preciso para bem do Estado. Tal procedimento não envolvia portanto culpa da parte d'elle nem d'aquelles que executavam as suas ordens. Deve lembrar-se que o rei pozera a preço publicamente a cabeça do principe de Orange. E silenciosamente processou, condemnou, e executou seu proprio filho. Comparando com similhantes personagens, Escovedo era uma victima insignificante.

Além d'isso, Filippe II, cuidadosamente occultára a parte que tivera na morte de Escovedo. Tinha permittido que a accusação contra Perez se estabelecesse e nunca consentira que aquelle a podesse abertamente confessar ou refutar. Porém agora quando finalmente desapparecia a accusação, quando nada impedia que este caso ficasse para todo o sempre liquidado, era o proprio Filippe II que sahia a campo e insistia com Antonio Perez para que elle publicamente proclamasse ter mandado matar Escovedo por ordem de seu amo!

Os cortezãos estavam aterrados. Havia aqui um mysterio dentro d'outro mysterio. O problema da morte de Escovedo parecia estar resolvido; e apparecia um outro mais complexo, o problema das relações entre Filippe II e Antonio Perez. O rei deu as ordens requeridas, mas em termos taes que claramente descobriam um laço adrede armado ao desgraçado Perez.

«Podeis dizer a Antonio Perez que elle deve estar sciente das provas que eu possuo de lhe ter dado ordens para a morte de Escovedo, e dos motivos que elle me disse existir para tomar esta resolução; e que é de summa importancia para satisfação minha e para a minha consciencia que se saiba se essas causas *eram ou não sufficientes*. Eu ordeno-lhe que as relate com todas as particularidades e que *estabeleça as provas* do que elle accusou na minha presença sobre este assumpto».

A despotica referencia á sua consciencia é caracteristico de Felippe II. Sem duvida, quando elle escreveu aquellas linhas, tinha-se persuadido de que, quando Perez o induzira a dar a ordem de morte para Escovedo, o tinha envolvida n'uma mentira e além d'isso, que a sua morosa perseguição ao homem agora perdido, tornar-se-hia d'este modo uma acção piedosa e louvavel.

A exigencia de provas era um requinte de hypocresia. Felippe II imaginava firmemente que todos os ducumentos relativos a este negocio tinham vindo para seu poder com a entrega das caixas selladas.

A victima viu o abysmo que se abria deante d'elle e teimosamente ficou silencioso. Em 22 de fevereiro de 1590, Antonio Perez, antigo primeiro ministro do rei e favorito do rei, foi posto á tortura.

A fria e desapaixonada narrativa, feita pelos juizes do julgamento, contem as particularidades da agonia do desgraçado. Empregaram lhe a tortura da corda. Perez foi despido até meio corpo, os braços cruzados e o carrasco apertou-lhe a corda á roda do peito e braços por meio de um torniquete. Em cada volta que este dava, o torturado gritava horrivelmente. As angustiosas palavras ainda resoam vivas como ellas foram ouvidas pelos officiaes do tribunal: — «Ah! Senhor pelo amor de Deus!... Quebraram-me uma das mãos, por Deus!... Senhor Juan Gomes, e dizeis-vos christão. Irmão, matae-me antes! Senhor Juan Gomes, pelas chagas de Nosso Salvador deixae-os que me matem d'um só golpe!... Deixae-os largar-me! Direi tudo quanto quizerem! Por amor de Deus!»

Afinal Felippe II chegou ao fim que anciosamente esperava durante annos. Antonio Perez confessou a sua culpa na morte de Escovedo, e respondeu ás perguntas do seu soberano. Em consequencia de se ter perdido a maior parte dos papeis elle podia tão sómente estabelecer o simples facto qne o rei lhe tinha dado aquella ordem. Mas vinha então a terrivel replica que Felippe II estava pacientemente preparando: — Vós ereis o meu ministro e confidente; foi

Rodrigo Vasquez visita na prisão a familia de Antonio Perez

sobre o vosso conselho que dei uma ordem a qual só a absoluta necessidade podia transformar em lei; provae que o vosso conselho era justificado!»

Perez nunca o provou; nem nunca o podia ter provado. Conseguiu, porém, fugir da prisão disfarçado, para o ar livre de Aragão que ainda possuia a sua antiga lei fundamental. Absolvido pelos tribunaes d'aquelle paiz, tornado a ser prezo pela Inquisição, resgatado por um levantamento popular, reclamado pelos inquisidores, e ainda outra vez libertado, finalmente refugiou-se em França e por ultimo em Inglaterra, onde depois de muitas vicissitudes morreu no exilio e na pobreza. O tyranno, tendo-lhe fugido a victima, descarregou o seu odio sobre a mulher, e sobre a familia de Perez, e sobre o povo de Aragão, privando-o da sua liberdade immemorial.

E' difficil ler a historia de Antonio Perez, sem se sentir por elle sympathia, e indignação pelo seu real perseguidor. E comtudo talvez este sentimento não seja n'este caso perfeitamente justo. Depois de desdobradas as linhas d'esta embaralhada meada, parece que Antonio Perez recebeu somente o castigo que merecia, e que Felippe II, em sua maneira perversa, estava procedendo rectamente.

Quem parece dobar o novello da historia é a mulher cujo nome appareceu algumas vezes no decurso d'esta narrativa. Desde o principio, o sopro de suspeita liga o nome da princeza de Eboli ao crime. Ella escreve uma carta a Felippe II na qual astuciosamente adultera a accusação contra os dois. Ambos foram prezos juntamente, e a princeza foi, ao principio, mais severamente tratada do que o ministro. A morte do escudeiro, que procedera como delator, mas que não tinha ligação com o assassinio, parece ter grave significação no depoimento Enriquez. Um dos dois assassinos existentes foi recebido ao serviço da princeza de Eboli. E o tribunal que se constitue para inquirir sobre a conducta de Perez como ministro, sae das suas attribuições, obrigando-o a restituir aos herdeiros de Ruy Gomes todos os presentes que elle recebera da sua viuva.

Ha uma só explicação para estes factos. As

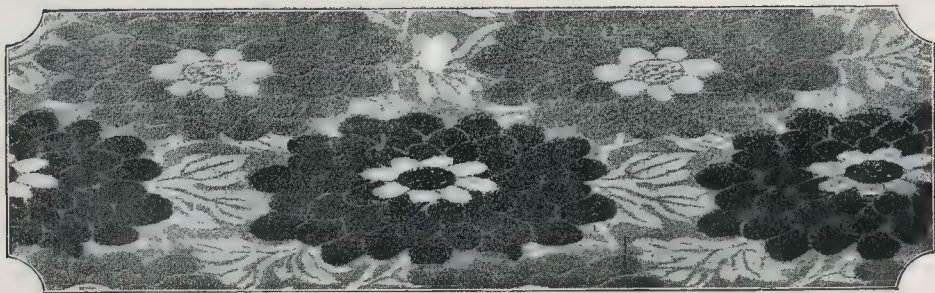
relações entre a princeza e Antonio Perez eram conforme o escandalo divulgava serem. Mas o elegante secretario andava caçando em coutado defeso de um terrivel rival. Na vida do marido, a altiva formusura da princeza tinha attrahido a attenção de Felippe II. Mas Ruy Gomes era um bom cortezão, e até ao fim da sua vida conservou os favores de seu amo. O segredo foi bem guardado, porque a consideração apparente era para Felippe II a condição primordial. Não obstante foi sabido no circulo interior da côrte e sem duvida por Escovedo. Foi por esse motivo que, quando Escovedo descobriu a intriga amorosa entre Antonio Perez e a princeza, elle ameaçou de dar conhecimento do caso ao rei. Desde aquelle momento estava resolvida a sua morte.

E' incerto se as primeiras tentativas feitas, foram antes ou depois de se approximar do rei. Mais cedo ou mais tarde, chegou á conclusão de que o melhor e o mais seguro meio de se ver livre de Escovedo, seria arranjar uma ordem do rei para o matar. Com esta mira começou de levantar suspeitas no animo timido e desconfiado de Felippe II. Todas as correspondencias dos negocios dos Paizes Baixos passavam pelas suas mãos, e aproveitou-se d'ellas para esse fim.

Aquellas imprudentes cartas que D. João d'Austria escrevia a Escovedo, na independencia de uma amizade segura, eram mostradas ao rei, e o effeito d'ellas augmentava astuciosamente. Perez persuadiu seu amo que D. João estava planeando nada menos de que um attentado para o desthronar. Os Guises prati camente desthronaram o seu rei em França; ora D. João correspondia-se com os Guises. O ministro assegurava que havia entre elles um secreto tratado pelo qual eram obrigados a ajudarem-se uns aos outros contra os seus respectivos monarchas. Qualquer acto innocente de D. João d'Austria era interpretado uma nova prova de conspiração. E apresentava-lhe secretario de D. João como o espirito impulsivo de toda a intriga. Felippe II teve sempre inveja do seu illustre irmão natural. Tinha lhe mandado Escovedo para ser o espia dos seus suppostos designios, e estava penosamente certo de que Escovedo se tinha dedicado por completo aos interesses de D. João. Estava agora inteiramente desilludido pelo seu ministro e o destino de Escovedo estava portanto fixado.

Pouco tempo depois do assassinio, indiscretas insinuações deram a conhecer ao rei a opinião da familia dos Escovedos; que o crime era derivado dos receios da princeza de Eboli e de Perez de que as suas relações fossem trahidas. Por isso para um homem como Felippe II, intensamente vaidoso, extremamente invejoso e immensamente soberbo na sua dignidade de soberano, teve de certo um momento terrivel, quando suspeitou que tinha sido ludibriado por uma creatura de sua propria casa e de sua confiança, a qual se atrevera a ser seu rival, e o levara a ordenar sobretudo a morte de um innocente.

N'aquelle primeiro momento ficou desanimado. Proceder logo contra Perez, desvendando a verdade, seria humiliação demasiadamente amarga. «O tempo e eu» costumava elle dizer. Resolveu castigar Perez e não duvidou pôr de parte a perseguição durante dez annos, até que o poude fazer, prevenindo os meios de o condemnar, sem que viesse á luz a completa e desagradavel verdade.

Talvez julgasse que n'esta longa e dolorosa vingança procedesse meramente por dever de monarca. Mas aquella pequena scena na noite da prisão da princeza de Eboli, denuncia um sentimento, se não recto, pelo menos humano. Haveria talvez no duro coração de Felippe II uma leve e magoada nodoa que a deslealdade d'essa mulher produzira? Talvez ella tivesse tido o extranho poder de o ferir? Quem sabe? «Elle depois voltou para casa e passeou até as cinco horas da manhã em grande agitação» — diz a narrativa castelhana.

MODAS

As duas illustrações que acompanham este artigo representam os typos geraes de *toilettes* para passeio.

A primeira tem o corpo em fórma de *bolero* que continúa a obter preferencia; apenas os mais recentes, como é proprio da estação, se apresentam muito ornamentados de presilhas, agulhetas e outras diversas composições de passamanaria, em accentuada derivação da sua origem castelhana.

O segundo modelo destina-se a apresentar uma das fórmas mais usadas de casacos de abafo, onde abunda o emprego do velludo ou das pelles finissimas. N'estes ha no mercado a maior variedade e a mais requintada escolha, como tambem abundam numerosas imitações que satisfazem bolsas menos recheadas. Ha guarnições de pelles que attingem preços fabulosos, muitas vezes mais pela raridade do animal que as fornece do que pela propria belleza que as distinga.

No capitulo velludos succede identica duplicação de artigos; se os velludos, como em anterior artigo já aqui dissémos, chegaram no fabríco d'esta estação a attingir uma perfeição extraordinaria, as belbutinas e os velludilhos disputam-lhes as applicações, tal é o acabamento e a variedade de côres apropriadas com que a industria conseguiu embellezal-os para uma concorrencia de preços modicos.

Além d'estes typos de *toilettes* que reproduzem as nossas gravuras, o genero *tailleur* continúa a ser escolhido por muitas elegantes, e na verdade bem merece o favor que lhe dispensam, visto os modernos habitos femininos de vida ao ar livre, quer sob um ponto de vista exclusivamente hygienico, quer sob o aspecto *sportivo*, onde se exige desembaraço nos movimentos, liberdade de acção, sujeição ás intemperies e correlativo resguardo.

Evidentemente, para todos estes casos, sahidas sob máu tempo, passeios nos automoveis, excursões continuadas, o genero *tailleur*, pela qualidade de tecidos empregados, pela fórma simplificada, pela mascula elegancia do córte, tem uma applicação cada vez mais necessaria e generalisada.

Para enfeite de *toilettes* d'este typo produziram-se os mais phantasiosos artigos de passamanaria, empregando todos os materiaes, desde o simples fio de algodão até o custoso fio de ouro fino, em floccos de galão e de cordões, que se adaptam o todo o desenho ornamental e que dão os mais variados aspectos, em todas as côres e *nuances*. Apropriam-se ao tom do material empregado

no vestido, ou pannos ou cheviotes, tecidos rasos e lisos ou tecidos felpudos. A arte soube empregar simultaneamente no fabrico d'estes galões, d'estes pingentes, e d'estes ornatos, fios de seda e de metal, de lã e de algodão, de tal sorte que se aproveitam de cada um as suas qualidades, aspectos e tons. Resta apenas ao bom gosto a escolha dos que melhor assentarem sobre o tecido. Empregam-se com insistente preferencia botões dourados de pequeno tamanho.

Quanto a *toilletes* de theatro e de baile, o corte e a decoração continuam a affectar as fórmas definidas de estylos e de épocas, que segundo o gosto individual são preferidos, embora todos aquelles estylos se modifiquem consoante o aspecto geral moderno. Ha no mercado os mais encantadores tecidos leves e abertos para enfeites apropriados aos vestidos de senhoras solteiras. Usam-se, talvez, com maior profusão do que n'outra estação as rendas em guarnição, em cobertura do tecido, de sorte que o gosto mais geral é conseguir fazer com que a *toillete* tenha effeitos de sonhadoras visões, onde com verdade se exagera talvez a definição da fórma desnudada. Por isso o proprio tecido tem o nome suggestivo de *point d'esprit*.

Mas os tempos vão permittindo de novo o que uma stricta moralidade regeitou durante um momento de reacção violenta contra as liberdades que foram adelgaçando as vestes até ao minimo imaginavel. Haverá mais tarde outro movimento de reacção; porém, entretanto parece que as recordações historicas avultam e predominam na ousada elegancia com que se abrem decotes, com que se reconstituem rasgados modelos da arte grega.

O actual periodo artistico carecterisa-se pelo renascimento da esculptura; não admira, portanto, que no vestuario a estatua seja tambem cariciosamente estimada. Quando se prepara o desenvolvimento da fórma pelo exercicios dos *sports*, quando a gymnastica elegante favorece liberdades de movimentos e de gestos, quando se renova o gosto pelos jogos olympicos, é natural que o vestuario acompanhe a evolução dos costumes e se proporcione e faculte a admiração da belleza plastica, como tambem recorte bem definidas para ser apreciadas as curvas graciosas que a hygiene moderna desenvolve.

Juntamente com esta reconstituição da estatuaria antiga, modificada pela influencia proxima do estylo do primeiro imperio, generalisa-se o uso e até o abuso das joias que a ourivesaria moderna, em composições da chamada *arte nova*, offerece ás tentações das naturaes vaidades femininas. Assim broches, pulseiras, anneis, diademas, collares, *rivières*, de mil fórmas ousadas e assymetricas, entre scintillações de diamantes a realçar o fogo das pedras coloridas, brilham nas *montres* dos joalheiros e denunciam o renascimento do bom gosto na disposição do colorido, na delicadeza dos engastamentos, no entretecido dos fios oscillantes. A elegancia opulenta ostenta agora nas reuniões mundanas aquella mesma abundancia de adornos que caracterisa os antigos retratos.

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

Agosto — **27** *França* — O conselho de ministros resolve o indulto politico. — *Brazil* — Um bando de cento e cincoeuta bandidos, idos de S. Paulo e Minas Geraes, invade a villa de Santa Anna de Paranahyba comettendo as maiores degradações. A população fugiu atterrorisada.

28 *França* — Os operarios e operarias da fabrica de phosphoros em Marselha declararam-se em gréve, reclamando modificações na distribuição do trabalho. — *Africa do Sul* — O generalissimo lord Kitchner pede um reforço de 50:000 homens attenta a enorme mortalidade do exercito inglez. — *Colombia* — Uma columna de revolucionarios passa a fronteira da Colombia para Venezuella, com o fim de derrubar o presidente Castro.

29 *Chile* — O congresso chileno approva um projecto para construir grandes docas no porto de Valparaizo.

30 *Africa do Sul* — A commissão encarregada de resolver sobre os pedidos de indemnisação feitos pelos estrangeiros expulsos do Transvaal conclue o exame preliminar das reclamações, cujo numero é de 1:638, elevando-se as quantias reclamadas ao total de 1.133:521 libras sterlinas. — *Estados Unidos* — O presidente do *trust* do aço em Indianopolis regeita o projecto de accordo com os grévistas. — *Inglaterra* — Um grande incendio nas docas de Albert destroe 10 edificios, produzindo enormes perdas. — *Chili* — O congresso do Chili ratifica a eleição do presidente Riesco.

31 *Portugal* — E' inaugurado o serviço de tracção electrica dos carros americanos de Lisboa.

Setembro — **1** *Venezuela* — O governo venezuelano dirige a todas as nações um *memorandum* sobre o litigio colombiano, dizendo que se considera em vesperas de hostilidades.

2 *Turquia* — A Sublime Porta entra em diligencias para obter a arbitragem da Allemanha no litigio franco-turco. — *Chili* — O vice-presidente Zañartu dá a sua demissão, sendo substituido pelo ministro dos negocios estrangeiros Tocornal. — *Republica do Equador* — O general Alfara entrega a presidencia da republica ao seu successor o general Playa.

3 *Turquia* — As auctoridades ottomanas embargam o material de um engenheiro allemão, concessionario de minas, e impedem a exploração. O embaixador allemão dirige á Sublime Porta, sobre este assumpto, uma energica reclamação a tal respeito. — *Allemanha* — E' publicado um decreto regulando a marcha e limitando a velocidade dos automoveis nas estradas. — *Russia* — São presos em Varsovia 200 operarios socialistas que celebravam um *meeting* socialista. — *Dinamarca* — E' acceite o offerecimento dos Estados Unidos para a compra das Antilhas dinamarquezas por 16 milhões de corôas. No congresso dos cirurgiões em Copenhague, o professor dinamarquez Horvit declara ter conseguido a cura do cancro por congelação, mediante a anestesia.

4 *Prussia* — O conselho de guerra de Hanover condemna a nove semanas de prisão um official aristocrata que insultou um soldado. — *Allemanha* — O ministerio da guerra convida os soldados da reserva afim de se alistarem como voluntarios no exercito allemão da China. — *Venezuela* — E' regeitado pelo governo venezuelano o offerecimento de Mac-Kinley com o fim de resolver as difficuldades entre esta republica e a Colombia. — *Colombia* — O governo colombiano responde em termos conciliadores á nota do sr. Hay, secretario d'estado, propondo-lhe a mediação dos Estados Unidos.

5 *França* — Declaram-se em gréve os operarios da fabrica de vidros de Nameche, arrojando para o rio Mosa muitas caixas de vidros. — *Africa do Sul* — O conselho de guerra dos chefes boers, presidido por Botha, delibe-

ra invadir o Cabo e o Natal. O coronel Scobell aprisiona ao sul de Pietersburg todo o commando Sotter, composto de 103 homens e 200 cavallos, ficando mortos na lucta 19 boers e feridos 56 e 62 prisioneiros e 10 inglezes mortos e 8 feridos. — *Colombia* - O ministro plenipotenciario da Colombia dirige á secretaria d'Estado, em nome do governo colombiano, a acceitação formal da mediação dos Estados Unidos.

6 *Estados-Unidos* — O presidente Mac-Kinley é victima de um attentado, recebendo dois tiros de revolver na occasião em que assistia á inauguração da exposição de Buffalo. — *Russia* — E' suspensa por um mez a venda do jornal *Novosti*. — *Colombia* — A Colombia é invadida pelas tropas liberaes do Equador. — *Chili* — E' constituido o novo ministerio chileno sob a presidencia do sr. Barros Lincof, sendo ministro dos negocios estrangeiros o sr. Beltram Mathieu.

7 *China* — E' assignado o protocollo final do tratado de paz. — *Bulgaria* — A *soberanie* decide que sejam processados judicialmente os ministros Ivantschof, Radoslavof, Toutschef e Tnef, este ultimo por alta traição e os outros por violação da constituição, alta traição e crime de lesa-patria. — *Portugal* — Abertura da exposição de pomologia em Lisboa. — *Republica Argentina* — E' nomeado ministro do interior o sr. Joaquim Gonzalez.

8 *Italia* — No congresso catholico de Trento, varios bispos pronunciam violentissimos discursos contra a Italia, pedindo a restauração do poder temporal. O governo está disposto a proceder com medidas de rigor contra a rebeldia dos bispos.

9 *Portugal* — Decreto remodelando os serviços da Camara Municipal de Lisboa. Um comboio de passageiros e mercadorias da linha do Sul e Sueste despenha-se da ponte de Papagallos, resultando mortes e ferimentos e grande perda de material. — *Hungria* — E' encerrado o parlamento de Buda-Pesth. — *Armenia* — Rebenta um conflicto entre os armenios e as tropas regulares, sendo numerosos os feridos de um e outro campo.

10 *França* — A França e a Italia chegam a um accordo de proteger simultaneamente os missionarios de ambos os paizes. E' expulso de França, Farieunbey, chefe da policia turca, sendo tambem expulsos outros espiões turcos subalternos. — *Perú* — O gabinete peruano dá a sua demissão. — *Austria* — E' destruida por um incendio a fabrica de oleos vegetaes em Trieste, calculando-se as perdas em tres milhões de florins. — *Escossia* — E' aberto em Glasgow o congresso internacional da paz.

11 *Portugal* — Toma posse a commissão administrativa da Camara Municipal de Lisboa, nomeada pelo governo. — *Chili* - O sr. Beltram Mathieu assume a pasta da guerra, cedendo a dos negocios estrangeiros ao sr. Yarnez. — *Venezuela* — As tropas venezuelanas juntam-se aos revolucionarios colombianos perto do Rio Hacha. O general Castro invade a Colombia.

12 *Portugal* — E' inaugurada a illuminação electrica da cidade de Portalegre. — *Colombia* — O *alcaide* impõe o serviço militar a todos os colombianos de 18 a 50 annos.

13 *Austria* — O herdeiro da corôa offerece o seu castello de Teymitz, na Bohemia, aos religiosos trinitarios que abandonem a França. — *Marrocos* — O ministro hespanhol em Tanger, sr. Ojeda, apresenta um *ultimatum* a Mahomed Torres, exigindo a immediata entrega dos captivos hespanhoes, uma indemnisação correspondente e o castigo das kabylas sequestradoras.

14 *Inglaterra* — O general Buller é nomeado chefe do corpo do exercito de Adershot.

17 *Turquia* — E' descoberta em Constantinopla uma conspiração contra o sultão. — *China* — Os americanos e os japonezes entregam a cidade de Pekin aos chinezes.

18 *França* — Entram em Dunkerque, a bordo do *Standart*, o imperador e a imperatriz da Russia, que vão assistir ás manobras da esquadra franceza,

19 *Inglaterra* — Aggrava-se a gréve de Srimsby, 5000 grévistas atacam o edificio da associação dos patrões, lançando-lhe fogo.

21 *França* — O *comité* geral do partido socialista operario approva a resolução convidando os trabalhadores francezes á gréve geral. — *Hespanha* — E' publicado um decreto modificando, a pedido do governo portuguez, as disposições dos artigos 7.º e 10.º e dos capitulos 7.º e 8.º da convenção da pesca no rio Minho.

22 *Belgica* — Um incendio destroe o theatro *Folies Bergéres*, de Antuerpia, resultando varios ferimentos. Os mineiros grévistas de Jemappes, á sahida de uma reunião, aggrediram varios directores das minas de carvão, apedrejando depois o comboio que os levava.

23 *Brazil* — Rebenta a revolução na parte meridional de Matto Grosso contra o governo d'este Estado. — *Inglaterra* — Amotinam-se os trabalhadores da região de Worcester, apedrejando as casas dos proprietarios. — *Italia* — Em alguns districtos da provincia do Roma, camponezes armados invadem as propriedades principaes para as repartirem entre si.

24 *America do Norte* — O tribunal de Buffalo condemna á morte, pela electricidade, Golgosz, assassino do presidente da republica.

26 *Italia* — E' preso em Roma o principe russo Victor Makachidre, acompanhado de sua mulher, por haver entrado em Italia apezar de ter sido já expulso por um decreto como nihilista perigoso.

28 *Belgica* — Na reunião de delegados dos syndicatos mineiros da Belgica, em Liége, vota-se a grève geral. — *Allemanha* — O congresso socialista de Lubeck vota por unanimidade uma moção condemnando o projecto da pauta aduaneira que protege de um modo escandaloso a colligação dos agrarios e da burguezia contra o proletariado.

29 *Inglaterra* — Sir Joseph Dimsdale, deputado conservador da City, é eleito lor-Mayor. — *Africa do Sul*. — Os inglezes condemnam a seis mezes de prisão um *fieldcornet* que recusou dar-lhes informações a respeito das ope-

rações dos boers. — O sr. Schalk-Burgher, vice-presidente do Transvaal, escreve ao generalissimo lord Kitchener manifestando-lhe o desejo de fazer a paz.

30 *Hespanha* — 5000 operarios de Bejar, indignados por os habitantes de Calendario lhes haverem tirado as aguas necessarias para as fabricas, marcham armados para esta povoação dispostos a darem batalha, occorrendo gravissimas collisões entre os dois povos.

Outubro — **1** *Turquia* — Activa-se a propaganda incitando o povo a degolar os estrangeiros que vivem nas cidades.

2 *Hespanha* — Desencadea-se violenta tempestade na região valenciana, resultando enormes prejuizos, ficando completamente inundadas varias povoações. Um riacho arraza o cemiterio da cidade de Gandia, arrastando para o mar mais de 200 cadaveres e deixando muitos disseminados pelo campo e povoação,— *Hollanda* — Popularisa-se a idéa de não importar coisa alguma de Inglaterra. — *Irlanda* — A liga irlandeza celebra em Dublin uma importante reunião, na qual se evidencia que, se os irlandezes possuissem recursos, imitariam os boers. — *Portugal* — São publicadas no *Diario do Governo* as instrucções regulamentares para a execução da lei relativa ás adegas sociaes.

4 *Portugal* — E' publicado um decreto mandando considerar como de reexportação para os effeitos do pagamento dos direitos de importação o assucar sahido pelas alfandegas do reino como *drawback* e destinado ás provincias ultramarinas. — *Inglaterra* — E' prohibida em Jersey toda e qualquer congregação religiosa que tenha mais de 6 membros. — *Estados-Unidos* — O *yacht Columbia* ganha a corrida contra o *Shamrock* e a *cup*. Esta lucta produz enorme enthusiasmo em New-York.

5 *Portugal* — Parte para Lourenço Marques uma nova expedição militar para render a que se achava ha tempo n'aquella possessão africana. — *França* — 150 marinheiros sem trabalho no Havre, tentam alliciar as tripulações dos paquetes das diversas companhias de navegação para faltarem aos seus contractos, sendo baldadas todas as tentativas e produzindo-se grande numero de prisões.—*Estados Unidos* — 30:000 operarios das fabricas de fiação d'algodão de Fan River declararam-se em gréve, reclamando o augmento de 5 por cento nos salarios.

6 *Portugal* — Realisam se as eleições geraes para deputados em todo o paiz e possessões. — *Africa* — Desmorona-se, n'uma extensão de 1:100 metros, o tunnel da linha ferrea de Constantina, Argel.

7 *Belgica* — Desencadeia-se em Bruxellas um violentissimo cyclone, causando muitos prejuizos e ficando varios edificios destelhados. — *Hespanha* — E' assignado um decreto convocando o parlamento para o dia 16.

8 *Inglaterra* — O sr. Herber Gladstone pronuncia um discurso no qual consigna o enfraquecimento financeiro e commercial do paiz e declara que o governo actual não merece a confiança publica. — *França* — A commissão parlamentar do orçamento vota a suppressão do orçamento dos cultos. — *Afghanistan* —E' proclamado em Ialalabad e Dakka a ascensão de Habi-Bullah ao throno do emirato afghan.

9 *Estados-Unidos* —E' ractificado o tratado anglo-americano com as emendas approvadas pelo senado. — *Austria* — Batem-se em duello, em Vienna d'Austria, dois professores da academia de equitação, ficando morto um dos duellistas — *França* — O governo ordena que se mobilisem todas as guarnições visinhas das zonas mineiras, visto que a gréve dos mineiros ameaça tornar-se geral. — *Africa do Sul* — E' proclamado o estado de sitio na cidade do Cabo e seu districto. Edições extraordinarias da gazeta official promulgam a lei marcial nos districtos de Wimberg, Simon's, Town, Port Elizabeth e East London, todos situados na colonia do Cabo. — *Russia* — Um incendio destrou em Balkou, 4 peças, 3 armazens, 1 reservatorio e 1 deposito de naphta, sendo importantes os estragos.

10 *China* — O principe Tching escreve aos ministros das potencias pedindo-lhes a suppressão das casas de commercio estrangeiras em Pekin, visto que esta capital não é porto incluido em tratados, e a pedido dos ministros estrangeiros supprime os bancos illegalmente constituidos. Os interessados estudam a fórma d'uma reclamação. — *Russia* — O municipio vota um credito de quinze milhões de rublos para as despezas com as festas da fundação da cidade de S. Petersburgo, que devem celebrar-se em 1903.

11 *França* — O tribunal correccional condemna a um anno de prisão o jornalista Tailhade, director do *Libertario*, por um artigo escripto a proposito da visita do imperador da Russia á França, e a seis mezes o gerente do mesmo periodico. — O tribunal criminal condemna o réu Marcel Momsier, antigo sub-prefeito, a 15 mezes de prisão por cumplicidade na sequestração de sua irmã. — *Turquia* — O sultão resolve acceitar as reclamações dos financeiros francezes, protestando comtudo contra a exaggeração d'essas reclamações. — *Italia* — O Papa prepara uma encyclica contra o divorcio. — Declara-se uma grève de padeiros em Milão e Florença. — *Africa do Sul* — O generalissimo lord Kitchener confirma a condemnação á morte pronunciada contra o commandante Lotter e commuta em prisão perpetua as outras cinco condemnações.

12 *França* — O presidente Loubet assigna o decreto supprimindo o *comité* de leitura do Theatro Francez. — *Republica Argentina* — O governo dirige ao Chili uma nota diplomatica reclamando contra actos de jurisdicção do governo chileno nos territorios em litigio e mesmo pertencentes á Argentina.

13 *França* — O ministro da fazenda declara que a situação financeira da França é boa em relação ás outras nações, accrescentando que a unica questão que o inquieta é a dos assucares. — *China* — Os plenipotenciarios chinezes enviaram ao sr. Cologan, ministro de Hes-

panha, decano do corpo diplomatico, um *bon* de 450 milhões de taeis, representando a indemnisação devida ás potencias. — São publicados editos imperiaes reformistas creando tres novos ministerios e supprimindo os centros de administração secundaria, procedendo-se á reorganisação do estado, adoptando-se processos europeus.

14 *Estados-Unidos* — E' preso em Silver-City um individuo de appellido Maggio, incriminado no trama contra o presidente Mac-Kinley, cujo assassinio elle predissera. — O libertario Johann Most, redactor do *Freiheit* é condemnado a 2 annos de prisão. — *Turquia* — A Inglaterra informa o sultão de que não cuida de oppôr-se á soberania da Turquia em Korweit, mas que se opporá á influencia de qualquer outra potencia n'aquelle territorio. — *Chili* — O presidente manifesta a intenção de insistir com a Columbia para que a solução amistosa tenha por base os tratados existentes. *Africa do Sul* — E' fuzilado em Torkastad o sr. Sicæman, logar tenente do commandante Lotter. O sr. Wolfaart, outro official do mesmo commando é tambem condemnado á morte. — *Italia* — O governo resolve crear portos francos para o fim de fomentar o commercio italiano. Figuram entre elles os portos de Genova, Vienna, Napoles e Catanea.

15 *Belgica* — Um grande incendio destroe o hotel Continental de Bruxellas. — *Italia* — Voltam a repetir-se as grèves dos operarios de Milão, Genova e Florença. — *Hespanha*—Produzem-se graves tumultos em Sevilha por causa da grève que ali se declarou n'uma importante fabrica, sendo a cidade declarada em estado de sitio. — *Portugal* — Parte para Macau a bordo do transporte de guerra *Africa* uma expedição militar composta de 301 praças commandadas pelo commandante sr. major Bragança. — *Venezuela* — O general Castro, presidente da Republica, declara que estudará a proposta de mediação dos Estados-Unidos se a Columbia a acceitar officialmente; emquanto não chega a resposta, Venezuela continuará protegendo as suas fronteiras.

16 *Portugal* — Abertura da Universidade de Coimbra. — *França* — Declara-se um violento incendio n'uma fabrica de polvora em Saint Médard (Bordeus), cujos prejuizos são avaliados em 100:000 francos. — *Hespanha* — Reabrem as sessões da camara. — *Afghanistan* — O emir Habib-Hulbah diz na sua proclamação qne tratará o povo com benevolencia, reduzirá os impostos e augmentará o soldo ás tropas. — *Corsega* — Os operarios dos caminhos de ferro de Bostin, Ajáccio e Corte votam a grève geral.

17 *Austria* — Reabertura da camara dos deputados. — Um hungaro de nome José Viray, inventa um navio aereo. — *Estados-Unidos* — O sr. Hay volta a encarregar-se da pasta dos estrangeiros. — *Allemanha* — Um inventor allemão descobre o processo de supprimir a fuligem das chaminés dos navios de guerra. — *Italia* — A policia captura o famoso bandoleiro Musolino que se encontrava escondido n'um bosque da Italia central. — *França* — E' publicado o decreto limitando a doze horas o trabalho diario dos empregados de caminhos de ferro. — *Africa do Sul* — São executados em Cradok os boers Breda e S. Kruger.

18 *Russia* — 1:000 operarios tentam ir em tropel á prefeitura de policia de S. Petersburgo expôr ao prefeito as suas rasões de queixa e pedir justiça. — *Inglaterra*—E' posto em liberdade lord Russel que cumpriu a pena imposta pela camara dos lords por delicto de bigamia. — *Belgica* — Estende se por toda a Belgica o movimento cooperativista do operariado. — *Filippinas* — Em Bangahon, provincia de Samar, 500 filippinos armados de *balas* atacam uns 50 soldados americanos, dos quaes ficaram mortos 10 e 6 feridos. Depois chegaram reforços aos americanos e estes mataram uns 100 filippinos. — *França* — Os mineiros de todas as regiões carboniferas de Paris votam por maioria a grève geral se o governo lhes não dér o dia legal das 8 horas de trabalho, a fixação de um salario e a aposentação apoz 25 annos de trabalho no fundo das minas com direito a uma pensão de 720 francos annuaes.

20 *Inglaterra* — Termina a grève dos pedreiros em Swansea. Os patrões accedem ás exigencias dos grèvistas. Termina egualmente a grève de mineiros em Dowlais. — *Italia* — Termina a grève dos padeiros em Milão. — *Hespanha* — Celebram-se em Madrid quatro comicios para pedir a abolição do imposto de consumo, votando-se a representação ao parlamento pedindo a desapparição total do imposto. — *Estados-Unidos* — Um pavoroso incendio destroe um bairro inteiro na povoação de Sidney, cujas perdas são enormes. — *America do Sul* — O Brazil e a Inglaterra accordam em submetter a questão das Guyanas á arbitragem do rei Victor Manuel.

21 *Portugal* — São publicados no *Diario do Governo* diversos estatutos de varias congregações religiosas que se submetteram á lei civil que lhes dizia respeito e que foi promulgada em 18 de abril. — *Inglaterra* — Uma furiosa ventania atira para o mar 85 casas da povoação de Bocobel (Kingston), ficando 400 familias sem abrigo. — *Estados-Unidos* — Os Estados-Unidos pedem á China uma concessão municipal em Tien-Tsin para o commercio americano. — *França* — A *Libre Parole* publica um manifesto do *comité* anti-semita criticando o governo e promettendo o seu apoio a quem quer que intente substituir a actual republica por uma verdadeira republica franceza. — *Allemanha* — Reune-se em Leipzig um congresso contra o duello, presidido pelo principe Carlos de Loervsmberg. O congresso qualificará o duello contrario ao senso commum, ao progresso e á civilisação, protestará tambem contra o costume de se chamar cobarde ao homem que recusa bater-se. — A imprensa liberal deseja a guerra economica entre a Allemanha e a Austria, porque trará inevitavelmente a quebra da triplice alliança.

23 *Inglaterra* — O general Buller é demit-

tido do commando do primeiro corpo do exercito, por causa do discurso proferido no dia 10, ficando na disponibilidade e com metade do soldo. E' designado para o substituir o general French, actual chefe da divisão de cavallaria do Transwaal, ficando o general Hildgard exercendo interinamente este commando até que o general French volte da Africa austral. — *China* — Os principes Ching e Li-Hung Chang deliberam consentir que os estrangeiros viagem no interior da China avisando préviamente as auctoridades de que devem adoptar medidas de protecção.

24 *Portugal* — E' publicado no *Diario do Governo* um decreto de 19, auctorisando o governo a reorganisar o exercito. — *Inglaterra* — Os catholicos de Inglaterra fundam um partido catholico inglez de opposição ao partido catholico romano. O primeiro é acaudilhado pelo dr. Dell.

25 *França* — Declaram-se em grève todos os operarios das fabricas de calçado de Vancy. — *Estados-Unidos* — E' devorado por um violento incendio a fabrica de moveis de Philadelphia, encontrando-se no entulho 19 cadaveres. Os estragos são avaliados em 500 dollars.

THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante o mez de Outubro

OUTUBRO 5 — A CHAMARIZ, drama de Gaston Rarote Alévy, traducção do sr. João Soller (Theatro do Principe Real).

22 — MANOBRAS CONJUGAES, comedia em 3 actos, original do sr. Raphael Ferreira (Theatro do Gymnasio).

22—ESCOLA ANTIGA, comedia em 1 acto, imitação do sr. Leopoldo de Carvalho (T. Gym.º)

NECROLOGIA

AGOSTO 17 — AUDRAN, em Paris, auctor das conhecidas operetas *Mascotte*, *Grão-Mogol* e *Miss Helyett*.

31 EDUARDO PRADO, no Rio de Janeiro, escriptor e investigador de documentos para a historia do Brazil.

31 DUQUE EUGENIO DE LENCHTENBERG, em S. Petersburgo.

OUTUBRO 7—SALSOU, no presidio de Cayenna, por attentar contra a vida do schah da Persia em Paris.

15 — DUQUE D'ALBA, em New York, fidalgo hespanhol, em viagem de recreio á America do Norte.

18 — MIGUEL BALUCKI, 64 annos, em Carcovia, celebre romancista, suicida-se com um tiro de pistola.

24 — PRINCIPE MURAT, em Paris, general celebre.

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradavel entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

Lavagem das provas

Do *Wilson's Photographic Magasine* extrahimos o seguinte curioso artigo:

Em todos os tempos a necessidade de eliminar por completo nas provas os vestigios do hyposulfito tem sido a preoccupação constante de todos os bons e conscienciosos photographos e esta eliminação só pode ser conseguida com uma boa lavagem.—*Abundancia de lavagem*, eis a divisa escripta na bandeira

Ultimamente este assumpto tem merecido o mais serio estudo e a elle se dedicaram os srs. Haddon e Grunday, conseguindo apurar que a lavagem era muito mais cuidada ha 50 annos do que actualmente.

N'aquella epoca as provas ao sahir do banho de hyposulfito de soda eram enxambradas entre duas folhas de papel mata-borrão bem limpo, lavando-as em seguida durante 3 minutos para as enxambrar de novo da mesma maneira. Esta operação repetida muitas vezes dava em resultado que os positivos conservavam-se inalteraveis.

Uma lavagem muito prolongada póde com effeito ser prejudicial se ella durar muitas horas ou mesmo uma noite inteira; o menor mal que póde succeder é a perda do brilho da prova. Uma boa lavagem de uma hora, feita

com todo o cuidado, será melhor sob o ponto de vista do seu resultado do que se ella durasse mais tempo.

Para bem se comprehender o que fica dito, bastará reflectir um instante no phenomeno que se produz com a fixação d'uma prova tratada pelos saes de prata. Quando suppomos que as alterações que se seguem á lavagem são devidas á acção do hyposulfito de soda, não julgamos com inteira verdade pois que não é este sal, como geralmente se pensa, o unico que produz aquellas alterações, mas sim a combinação do hyposulfito de soda com a prata.

Uma prova convenientemente lavada e absolutamente isenta de todo o vestigio de hyposulfito de soda e de chloreto de prata inalterado póde ser mergulhada n'uma fraca solução de fixador e secca em seguida sem lavagem ulterior com a certeza de obter boa conservação durante muitos annos.

Isto prova bem que o hyposulfito de soda puro e simples em nada altera as provas. Este facto é certificado com o que se passa durante a fixação.

Em primeiro logar forma-se nova combinação d'hyposulfito de soda com o chloreto de prata inalterado que só é soluvel n'um excesso de hyposulfito.

Resulta, pois, que antes que o papel seja completamente fixado chega o momento em que a prata entra em combinação com o hyposulfito, mas sómente para fazer um composto insoluvel que não sahirá só com uma simples lavagem.

Para isto ha uma dupla defeza:

Ter um banho d'hyposulphito bastante forte e deixar n'elle as provas tanto tempo quanto a fixação fique completa.

Os srs. Haddon e Grunday em seguida ás experiencias minuciosamente conduzidas, declaram como sendo a melhor formula a de 20 % para a solução de hyposulfito de soda e a duração de immersão pelo menos um quarto de hora.

Conclue-se de tudo isto que a fixação é bem mais importante que a lavagem subsequente.

Se fixarmos uma grande quantidade de provas em pequenas cuvettes contendo pouca solução, o resultado não será o mesmo que se as reduzirmos apenas a 1/2 duzia em 1/2 litro de banho, da mesma fórma que o banho d'hyposulfito de soda servido muitas vezes apresenta uma tendencia para enfraquecer pela razão que contém mais quantidade de saes de prata, obrigando portanto a uma lavagem mais prolongada.

Em resumo: — 1.º, o banho de hyposulfito de soda não deve exceder 20 % — 2.º, o tempo de immersão das provas não deverá ir além de 15 a 20 minutos — 3.º, a lavagem deverá ser feita conscienciosamente durante uma hora em agua corrente ou renovada amiudadamente. D'esta maneira obter-se-hão provas inalteraveis e tão brilhantes quanto possiveis.

Uma prova que não seja fixada com todas as regras da arte não só se tornará difficil de lavar mas ainda não assegurará a sua inalterabilidade senão com grande lavagem, o que concorrerá para prejudicar a sua belleza e bom acabamento.

Tratamento e conservação das objectivas

A *Wilson's Phot.* dedica um artigo sobre a maneira de tratar as objectivas e de cuidar da sua conservação demonstrando que esta operação longe de ser inutil como muitos amadores imaginam, tem uma grande importancia no resultado final dos trabalhos não fallando no seu valor em relação á camara onde são ou estão adaptadas.

O erro provem do pouco apreço em que se tem a objectiva, a qual, na opinião de muitos, serve sempre comtanto que não esteja partida.

Tal não succede se por qualquer motivo ella se riscar, e este facto só pode ter logar se não a tratarmos convenientemente, libertando-a de qualquer grão de poeira, pois que sendo o vidro empregado bastante macio, facil é o riscar-se ao contacto de qualquer particula de areia ou terra.

Para evitar este estrago é bom sempre tel-as ou n'uma caixa de coiro ou de cartão forrada de flanella ou camurça.

São numerosos os accidentes que lhes podem sobrevir e quasi sempre devidos a uma causa extranha á vontade do seu possuidor.

Suppunhamos que o cimento que une duas lentes se altera e em virtude d'esta causa ellas se separem. O melhor e mais seguro remedio a empregar será leval-as a um estabelecimento competente que se encarregue de as recompôr; mas, dado o caso que queiramos fazer esta operação sem recorrermos a um pratico seguiremos e methodo seguinte:

Desmonta-se a objectiva desenroscando-a até ficar apenas o vidro, aquece-se brandamente e logo que o cimento esteja fundido separam-se facilmente as lentes, limpam-se e seccam-se o melhor possivel aquecendo-as novamente e quando a temperatura chegar ao grau desejado deita-se uma gotta de balsamo de Canadá na lente concava.

Unem-se fortemente afim de obter um contacto uniforme e logo que esfriem estão promptas a serem de novo collocadas no seu logar.

Toda esta operação deve ser feita com o maximo cuidado procurando-se o ponto certo em que devem ser unidas e não forçando a sua montagem.

Para limpar as lentes emprega-se sempre um pedaço de panno de linho bem velho, limpo e macio.

Se fôr necessario lavar as lentes é bom empregar um sabão puro, seccando-se com um trapo macio; lava-se novamente com agua pura e fria e finalmente secca-se ainda com um panno de linho bem limpo e macio.

Recentemente o dr. A. Miethe deu algumas uteis indicações sobre a fórma de limpar as lentes recommendando que para obter uma boa limpeza dos vidros opticos é necessario que o que se empregar para esta operação

esteja isento de pocira e tenha a propriedade de fazer desapparecer as minimas manchas gordurosas.

Portanto é de opinião que o emprego de um panno de algodão é preferivel ao de linho, porque aquelle tem a propriedade de tirar a poeira e a gordura sem riscar a objectiva.

Ainda assim não é facil obter uma limpeza perfeita pelo meio acima indicado. Aconselha mais o emprego de miolo de junco, de sabugueiro ou de girasol tanto mais que é facil cortal-o em bico, podendo assim limpar-se as mais pequenas lentes; a cal e o minium devem ser completamente postas de parte, bem como as soluções alcaninas, o amoniaco, a soda caustica, a potassa caustica a soda e a potassa ordinaria, pois que estas materias alteram ainda que pouco a superficie dos vidros.

O dr. Miethe recommenda ainda o emprego da therebentina rectificada, o alcool absoluto e o ether; aconselha limpar bem a superficie com therebentina, seccar com um pedaço de panno velho e de a polir com algumas gottas de ether; todavia como a therebentina tem o inconveniente de disolver o cimento que une as lentes, é necessario o maximo cuidado para que nenhuma gotta d'este liquido se infiltre entre os vidros.

Revelador de pyrocatechine e phosphato de soda

Transcrevemos a seguinte formula do dr. Vogel que nos garante excellentes resultados tanto para as chapas de exposição demorada como para as instantaneas:

A —	Pyrocatechine	5 gr.
	Sulfito de soda crystalisadada	25 »
	Agua	250 »
B —	Phosphato de soda ordinario	47 »
	Soda caustica	5 »
	Agua	250 »

Para as chapas de exposição normal tomar-se-ha uma parte de A, uma de B e uma de agua. A proporção de B augmenta em rasão inversa da impressão recebida e póde attingir duas partes para uma de A e uma de agua.

Lavagem dos quadros a oleo para reproducção photographica

Antes de se reproduzir pela photographia um quadro a oleo é conveniente laval-o com a seguinte solução indicada pelo *Moniteur* e que em nada prejudica as tintas.

Misturar em partes eguaes oleo de linhaça e essencia de therebentina, passando ligeiramente um panno imbebido d'esta solução sobre a téla, que assim se aviva na côr e no aspecto.

Preparação do papel ferro-prussiato e sua entoação para se obter o tom negro

E extremamente simples a preparação d'este papel pela formula seguinte:

1.º	Agua filtrada	100 cc.
	Citrato de ferro amoniacal	27 gr.
2.º	Agua filtrada	100 cc.
	Cyanoferro de potassa	23 gr.

Misture-se as duas soluções, filtre-se e deite-se sobre um papel bastante consistente e que contenha colla sufficiente para impedir a penetração da solução.

Esta solução deve ser feita á luz vermelha. Para se obter um tom egual ao das provas tratadas pelos saes de platina, tomam-se 5 decigrammas de potassa caustica e dissolvem-se em 150 grammas de agua. Immergem-se as provas n'esta solução e o azul tornar-se-ha em alaranjado pallido, logo que tenha desapparecido totalmente a primitiva côr lavam-se as provas e mettem-se n'um outro banho composto de:

Agua	1:000
Tanino — uma colhér de café, cheia.	

As provas tomarão logo um tom castanho que se substituirá ao negro prolongando a acção d'este banho, depois lavam-se e seccam-se.

Novo banho de entoação e fixação

Este novo banho, recommendado pelo Dr. E. Vagne que apresenta reacção alcalina, não precipita o enxofre como succede na maior parte dos banhos combinados afigurando portanto maior duração das viragens, é composto como segue:

Agua distillada	1000 cc.
Hyposulphito de soda	200 gr.
Acetato de soda cristalisado	20 »
Acetato de chumbo	15 »
Solução de chloreto de ouro a 1 $\times$ 100	50 cc.

A entoação faz-se rapidamente e obtem-se facilmente tons violetas e negro-azulado.

CONHECIMENTOS UTEIS

Fabricação rapida de vinagre. — A fabricação do vinagre não offerece difficuldades, mas tem a inconveniencia de ser excessivamente morosa. Pelo processo que vamos indicar, porém, obtem se rapidamente um excellente vinagre.

Em sitio cuja temperatura seja tépida, colloca-se um barril na posição vertical, tendo-se-lhe préviamente applicado uma torneira de madeira. Ao centro do barril, por cima da torneira, faz-se um furo, e do lado opposto, mas na parte superior, faz-se outro. O batoque é atravessado por um tubo de vidro, encimado por um funil, que desce até ao fundo do barril. Feito isto, introduz-se pelo funil vinagre ordinario, quente a 50° approximadamente, em quantidade sufficiente para encher metade da capacidade, isto é, até proximo do furo que se praticou no centro do barril. No dia seguinte tira-se pela torneira uma quinta parte, pouco mais ou menos, do vinagre, que se substitue por egual porção de vinho branco. E' então que na superficie do liquido se deposita um expesso veu, a que vulgarmente se dá o nome de *flôr*, e que deve merecer todo o cuidado, afim de se não romper ou immergir, o que se evita graças ao tubo de vidro, pelo qual se renova o liquido. Vinte dias depois d'esta operação, tira-se todos os oito dias uma decima parte de excellente vinagre, substituindo-o sempre por egual porção de vinho. O barril deve ser cercado de arcos de madeira, ou, sendo estes de ferro, cobertos com uma camada de tinta.

Conservação dos ovos. — Ha innumeros processos para a conservação dos ovos, mas o mais simples e melhor consiste em mergulhal-os em agua de cal; mas como esta atravessa lentamente a casca do ovo, communicando-lhe um gosto, se não desagradavel, pelo menos differente d'aquelle que lhe é proprio, adicciona-se áquella mistura 6 % de sal de cosinha.

Lavagem de luvas brancas. — A benzina, empregada na limpeza de luvas de côr, é impotente para a limpeza de luvas brancas. Para estas, o melhor meio a empregar é uma solução de sabão e leite de cal. Em meio litro d'esta solução deitem-se algumas gottas de sal ammoniaco e uma clara d'ovo batida. Estendidas as luvas sobre uma taboa ou na palma da mão, esfregam-se com esta mistura, tornando-se assim d'uma brancura immaculada. Se depois da operação se reconhecer que não ficam com a resistencia propria da pelle, seccam-se á sombra.

Rolhas de cortiça. — Para se conseguir fechar hermeticamente as garrafas, deve submetter-se as rolhas ás seguintes operações: 1.ª Laval-as em agua fervente. — 2.ª Fazel-as seccar ao sol ou ao fogo. — 3.ª Mergulhal-as em parafina quente em banho-maria, e deixal-as esfriar. — 4.ª No momento de servirem devem ser mergulhadas em agua tépida e introduzidas rapidamente no gargalo da garrafa.

PROBLEMAS

Resoluções do numero anterior

N.º 12 — 96; 6.

N.º 13 — 5 dias.

N.º 14 — *Xadrez*:

1. P 8 C Ra faz T	1. P 3 B Ra
2. T 4 C Ra	2. P come T
3. P 5 B Ra xeque e mate.	

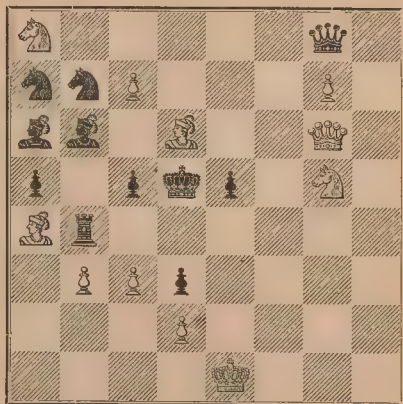
Num. 15

Um horticultor comprou 673 arvoresinhas que plantou em fileiras egualmente espaçadas em dois terrenos de forma quadrangular, contendo o lado de um 6 arvores mais do que o lado do outro, restando-lhe ainda 7 arvores. Quantas arvores contem cada quadrado?

Num. 16

Uma senhora possue um espelho com 84 centimetros de altura e 60 de largura, que deseja guarnecer com uma moldura de dimensões uniformes e cuja superficie deverá ser egual á do espelho. Qual será a largura da moldura?

XADREZ

Num. 17 Pretos (11 peças)

Brancos (11 peças)

Os brancos jogam, e dão mate em dois lanços

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SUMMARIO

VOL. II DEZEMBRO — 1901 NUM. 8

[Ad]ministração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa Preço 200 réis

SUMMARIO

47 GRAVURAS

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a reducção do preço a **2$200 réis,** o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes em qualquer outra terra do paiz poderão inscrever-se por:

Series de	**3 numeros**	**600**
	6 numeros	**1$200**
	12 numeros	**2$200**

remettendo á administração dos **SERÕES**, em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia *directamente*.

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo de cobrança pelo correio.

Typ. e impressão dos *Serões*, C. do Cabra, 7 — Editor. Thomaz Rodrigues Mathias

LOPES, LOURENÇO & C.TA

Proprietarios da **CASA AMIEIRO**

Confecções para homem e senhoras

Sortimento completo de tecidos de novidade

45, Rua Ivens, 47, 1.º

M. A. BRANCO & C.A

PAPELARIA PROGRESSO

LISBOA — 151, RUA DO OURO, 155

OFFICINAS A VAPOR: *Rua do Crucifixo, 60 a 66*

Gravura heraldica e commercial. — Carimbos de borracha. — Typographia e lithographia. — Bilhetes de visita.

MOVEIS DE FERRO

DA

FABRICA PORTUGAL

AVENIDA DOS ANJOS

Camas premiadas com medalha de ouro, colchões d'arame, fogões, portas onduladas, colchoaria, etc., etc.— Cofres á prova de fogo, premiados com medalha d'ouro — Modelos especiaes d'esta fabrica, movida a vapor, machinas e moldes pelo systema inglez, unicos no paiz.

DEPOSITO E ESCRIPTORIO

33, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 41

LISBOA

A santa familia de Francisco I. — Quadro de Raffaello Santi

A Virgem e Jesus — Quadro de Palma Vecchio

SACRA FAMILIA

Para aquelles que no intimo da consciencia abrigam cuidadosamente as consolações da crença, este periodo do anno tem um suave encanto na recordação da historia que os evangelistas contaram para os simples que sabem ter fé; e, na sua imaginação, mais ou menos vibrante, reapparecem os personagens que compõem o divino drama desde o estabulo de Bethlem até o martyrio do Golgotha, e dos quaes a santa familia, como a de todos os lares, sustenta todo o affecto reflectido que vence e esmaga o mais rude egoismo. Para esses se offerecem as reproducções d'arte religiosa, sem commentarios eruditos; que, no dizer do grande poeta Guerra Junqueiro,

Roubar-vos da voss'alma a vossa crença antiga
Seria como quem roubasse a uma mendiga
As tres achas que leva á noite para o lar!

Para memoração opportuna da época em que se vae publicando esta revista, reproduzem-se tres quadros de mestres da pintura, representando o assumpto que encima, como titulo, este artigo. Quem percorre os museus da Europa ou consulta os catalogos das obras d'arte, reconhece desde logo a predilecção particular que o agrupamento da familia santa tem merecido á inspiração artistica dos pintores christãos. São innumeros os quadros que procuram representar todos ou alguns dos membros da familia que o novo testamento designa como paes, parentes ou intimos do divino Jesus. Era natural: não só a procura do genero impulsionava a producção dos pintores, chamados a decorar egrejas, capellas, claustros, cathedraes, mosteiros ou estabelecimentos piedosos, e portanto constrangidos a escolher assumptos apropriados; como tambem os ideaes christãos enchiam plenamente a imaginativa artistica. Apenas na sua reproducção se reflete atravez dos seculos a comprehensão diversa d'aquelles acontecimentos religiosos, se espelha a caracteristica feição da época em que o quadro foi produzido.

Assim, cada figura dos paineis, a Virgem e o pequenino Jesus, como principaes, S. José, Sant'Anna, Santa Isabel, S. João, como complementares, tem uma feição propria sob o ponto de vista artistico, approximando-se ou afastando-se da natureza ou da verdade entrevista, consoante a inspiração propria do mestre pintor em lucta porfiada com a representação exacta, e nunca conseguida, do supremo ideal divino.

Transpôr para a téla as fórmas cuidadas d'uma creança, atravez de cujo olhar se des-

cubra a sua divina origem, cujo sorriso surprehenda na graciosidade natural da innocencia a extranha bondade redemptora; ou fixar pela côr e pela fórma o maravilhoso ideal, complexo, inexplicavel da Virgem, não é intuito facil de conseguir. Ha numerosos quadros onde está symbolicamente representada a Mãe do Christo, na pureza e correcção das fórmas, na belleza impeccavel da mulher, na simplicidade do adorno ou na riqneza expressiva das vestes, na suavidade das côres; nenhum quadro ha, porém, onde se veja, apesar da mestria do pincel, da destreza dos processos technicos e da pujança de concepção artistica, a Mãe d'um Deus.

São maiores ainda as difficuldades para realisar a imagem do pequeno e dôce Jesus.

Comprehende-se que na cabeça d'um Christo a mais requintada e superior arte possa imprimir caracteres sufficientemente suggestivos para despertar toda a visão da vida excepcional do meigo revolucionario da Galilea; mas no pequeno corpo d'uma creança recemnascida ou de poucos annos, o artista póde attingir a suprema perfeição de verdade para uma creança, não o póde conseguir n'uma creança predestinada a tão glorioso sacrificio, separado desde o nascimento na tradicção religiosa da vida terrena. E' extremamente curioso o estudo das evoluções que na pintura vae soffrendo este ideal, como ensinamento de arte, como documento dos tempos e dos costumes, estudo que n'este momento não se emprehende, porque apenas se procura acompanhar as tres illustrações propositalmente escolhidas para demonstrar processos e concepções bem distinctas.

O quadro do inexcedivel Raphael, denominado a *Santa Familia de Francisco I*, foi offerecido á rainha Claudia, mulher d'aquelle rei, em 1518, pelo papa Leão X; harmonioso na composição e no colorido, apesar da belleza correcta dos personagens e do encanto gracioso do pequeno Jesus, não é, todavia, esta a obra prima onde a comprehensão religiosa foi mais justamente revelada pelo genial pincel do sublime mestre, mas é comtudo uma das mais admiradas. O quadro de Botticeli, representando a Virgem e Jesus, attribuindo a expressiva composição á soberba e suggestiva oração da *Magnificat*, e definindo o caracter da pintura na época, em que floresceu o bello e primitivo mestre, ainda cauto e temente da tradicção liturgica, remata a memoração artistica do mez.

A Magnificat. — Quadro de Sandro Botticelli

Amanhã

POR ABEL BOTELHO

Acontecia que Adriana nos seus matutinos passeios procedia agora por forma que quasi quotidianamente havia de vêl-a o Matheus. Declinára até ao minimo habitual de cada anno a extensão das manhãs; cada vêz mais tardio era o romper do sol da envaginadura hiemal dos nevoeiros; e apezar d'isso a patricia figura da irmã de Jorge no parque era com o seu vestido branco invariavel commentario aos primeiros alvores do dia. Custava-lhe isso o exforço de violentas madrugadas, que, por serem um pouco fóra da razão e do habito, D. Mafalda Meyrelles não deixava de extranhar. Mas Adriana insistia — que realizava assim um grande prazer seu, que obedecia apenas ao espontaneo calor do seu desejo; e como, ao dizel-o, tomava a mais encantadora e convincente expressão o mysterio infixavel dos seus labios, e como, além d'isso, era sempre irreprehensivel o seu porte, e isentas sempre taes excursões de toda a leviana suspeita, as amoraveis advertencias dos paes logo amainavam, deixando limpo e livre avoejar o capricho da mimada creança.

O certo é que o Matheus raro sahia agora, de manhã, de casa em direcção á fabrica, que um momento não sentisse perto, rabejando pelos residuos soltos do matto, ou inundando os raleiros de arvores d'um fugidio clarão de alvorada, a linha já familiar d'aquella grande figura branca. E a dôce frequencia d'estas apparições, de principio fortuitas, fazia-lhe bem, converteu-se n'um habito, n'uma das reclamações egoistas do seu querer. Tornaram-se-lhe em breves imprescindiveis; eram a antecipada benção do seu dia, a ablução matinal da sua alma. Já perturbado as procurava com amor; já não era senhor de tomar pelo carreiro que o conduzia á fabrica, sem que o senhoreásse o supersticioso receio de não vêr allumiando-lhe o caminho essa ephemera visão estremecida. . Foi por isso que, com o volver dos dias, elle agora antes de sahir, por mais mau tempo que estivésse, não se esquecia nunca de ir antes abrir a janella da sua casita de entrada que defrontava com o solar do Almargem. D'ahi erguia interessadamente ao massiço quadrilongo a vista, a indagar se a janella da ultima saccada da esquerda já estaria aberta. Se estava, dava-se pressa em sahir; se não estava, aguardava religiosamente, marruaz, invisivel, que a verificação d'esse signal lhe garantisse depois fóra, no parque, a correspondente collisão da sua alma com aquelle meteóro fugaz e necessario. E tambem, antes que sahisse, olhava-se cuidadosamente, afeiçoava em erguidas projecções o bigode algodoado, escolhia gravatas, alisava o cabello, punha, em summa, um ingenuo garridismo, um escrupuloso esmero no trajar, a que d'antes era por completo rebelde o seu espirito. E os seus modos para com o pessoal da fabrica haviam experimentado egualmente uma modificação sensivel; como

---

Do novo livro (edição de Lello, do Porto) que Abel Botelho, romancista de imaginação potente e de observação reflexiva, agora publica sob o titulo que encima esta pagina, os Serões *offerecem aos seus leitores o* primeur *d'um capitulo, onde um episodio sentimental, delicadamente filigranado, enfeixa a intenção geral do estudo que a obra desenvolve: a resistencia da actual sociedade artificiosa, convencional, enredadora contra o advento do moderno ideal naturalista, sinceramente generoso e confiado que procura remodelar o existente, senão destruil-o para edificar sobre novos alicerces de justiça ou de interesses. Por elle se podem aquilatar os primores de estylo e de conceito que o livro encerra.*

se a piedosa tendencia do seu coração tivésse augmentado, e generoso quizésse repartir com os tristes e os humildes um pouco do clarão de felicidade qne o inundava.

Ora aconteceu que um dia, já passado o Natal, o contramestre sahiu de casa no momento exacto em que na orla superior da pequena clareira, ali mesmo a dois passos d'elle, apontava resoluta e agil, talhada com um vigor de agua-forte no emmolduramento negro do arvoredo, a dominadora figura de Adriana. Nunca, depois do breve colloquio com ella na fabrica, a tornára a encontrar; nunca mais a tivéra tão proxima de si. A inesperada apparição ensopou-lhe os nervos d'uma delicia infinita, immobilisou-lhe a expressão n'uma beatitude alvar. E logo lhe dava rebate na consciencia uma surda contrariedade... Tinha de lhe fallar forçosamente, a menos que não quizésse ser tomado pelo ultimo dos selvagens no conceito d'aquella creatura divina. Sim, fallar-lhe... E esta idea acobardava-o. O fogoso e audaz agitador, o caudilho vehemente das multidões, sentia toda a sua energia esbarrondar-se perante esta delicada figura de mulher. Tinha que a ir comprimentar, era forçoso; mas uma contractura instinctiva de defêza pregava-o no mesmo logar, fazia-o de antemão revoltar-se contra o desempenho d'esse dever banal.

Entretanto, depois d'uma hesitação, adeantou-se, de cabeça descoberta e apertou a tremer a mão longa e branca que Adriana familiarmente lhe estendia. Ao tempo que balbuciava:

— Folgo immenso de ter encontrado v. ex.ª, para lhe dar finalmente contas da incumbencia que me fêz...

— O que foi?... —interrogou distrahidamente Adriana, espelhando nos olhos vagos um simulacro perfeito de alheamento altivo.

— A sala, lá em baixo, que v. ex.ª tão judiciosamente queria aproveitar...

— Ah, sim...

— Está prompta.

— Muito obrigada!

— E agora realmente... aguardo ordens... não sei que mais dêva...

— Nem mais pensei em tal... não se incommode. Verei depois...

E, dizendo e cortejando levemente, n'um movimento alto e brusco, quasi desabrido, Adriana sumiu-se entre o arvoredo, deixando vexado e aturdido o contramestre, que, na sua virginal ignorancia da tactica feminina, agora se increpava violentamente, acoimando-se de desastrado, convencido de que a melindrára, certo de que se excedêra, e de que fôra talvêz pela sua extemporanea diligencia annullar para sempre aquella innocente embriaguez de cada dia.

Oh, como dolorosamente o trabalhou, todo o dia, toda a noite, esta aguda e terrivel suspeita! A cada hora, a cada instante, por entre o travamento dos negocios, no mais grave momento de suas preoccupações industriaes, o mortificante receio vinha e contra o seu querer insinuava-se-lhe no cuidado, empolgava-o, distrahia-o, tomava-lhe conta da vontade, era a tyrannica obsessão do seu espirito, fazia-lhe afflictivamente galopar no peito o coração. Que atormentados minutos, que duras e crueis alternativas de febre e desanimo, de remorso e duvida, aquella alma virgem de namorado sentiu então ballotinarem-lhe, como um brinquedo infantil, as mais apartadas e fundas radiculas do seu ser! Ora se odiava, como um renegado confesso, na abominação consciente da sua fraqueza; ora dôce e voluptuosamente se abandonava, no alado calor da esperança, á contemplativa evocação da sua miragem, ao saborido dominio do seu sonho.

Por esta forma atropellada e incerta se lhe arrastou interminavelmente o dia. Com a morte na alma, esperou, esperou.. Felizmente na madrugada seguinte a branca apparição não faltou ao programma habitual. Com uma pontualidade de astro, aos primeiros alvores da manhã ella ahi veio riscar, serena e rutila, por deante do Matheus, a imprescindivel trajectoria no abrazado céu do seu desejo. Mas sempre longe outra vêz, retrahida em meteóricas fugas, como um bolide perdido, vagamente accendendo apenas os intervallos das arvores, o saibro breve dos carreiros, no seu rasto ephemero, no fugidio desenho, sobre o carvoamento humido da manhã, da sua orbita de luz e de ternura.

Até que, — n'um lindo dia de inverno, como a felicidade brunido e claro, — tornou novamente o Matheus a defrontal-a perto, na pequena clareira que lhe circuitava a casa. E d'esta vêz a cavallo, egualmente sósinha, airosa e firme sobre um nervoso alasão mordicando o freio com orgulho, mais fina ainda, mais adelgaçado e ennobrecido o busto ondeante dentro do seu negro vestido de amazona, quasi roçagando em prégas esculpturaes, a terra. Mal que ella sentiu apontar no limiar da porta o Matheus, saltou lésta do cavallo, com toda a apparencia de quem o não vira, mas por forma que elle a visse muito bem. E, com a mão direita nas rédeas, uns instantes circumvagou o olhar em volta, inquiritivamente, n'uma expressão que era um mixto de extranheza e de arrelia. Depois, na mais perfeita affectação de quem se suppunha só:

...de mãos inconchadas formando estribo, junto aos pés de Adriana...

— Francisco! Francisco! ó Francisco! — a espaços exclamou.

Continuando, contrariada, vagamente affiicta, a rolar pela orla da clareira os olhos sérios.

Viu-se o contramestre fatalmente obrigado a intervir. E vencendo a timidez, direito a Adriana, cortejando:

— V. ex.ª precisa de alguma coisa?

— Ah, o snr. Matheus! estava ahi?... — correspondeu logo ella, voltando-se, com a maior naturalidade. — Não o tinha visto, desculpe.

E, muito affectuosa, para lhe estender dois dedos da mão esquerda, soltou por um momento a cauda do vestido.

Enardecido pelo acolhimento, o Matheus tornou:

— Se em alguma coisa lhe pósso ser util...

Com um sorriso cortêz, Adriana continuava vagamente a olhar. O contramestre insistiu:

— Mas, por Deus! o que é que a afflige?... Mande-me no que quizér!

— Sabe?... — disse porfim Adriana. — E que.. a manhã está um pouco fresca de mais... e este maroto muito folgado! — Por um impulso da mão direita, que não largava

o bridão, sacudiu a cabeça ao animal, que fitou as orelhas de espanto. — Extranho-o hoje, fatiga-me. E arrefecêram-me os pés .. Queria continuar o meu passeio, agitando-me toda, andando. Queria que o Francisco levásse o cavallo. É a unica pessôa por quem elle se deixa conduzir á mão. Mas não o vejo!

— Vou chamal-o ..

—Mas aonde?... Tinha ordem de me seguir; não posso saber onde se metteu. Ora esta!

E vergastava a saia com impaciencia. Porfim, como quem toma uma resolução, sacudindo os hombros:

— Bem, o remedio é eu seguir com o cavallo. — Fêz pausa e, novamente perplexa: — Mas como heide eu aqui montar?...

O Matheus, inlevadamente, cravou n'ella, n'uma grande concentração espiritual, os olhos, que illuminou um relampago jocundo, emquanto a mais dulcerosa emoção lhe pregava os labios, e se lhe ensopava a face n'esta pallidez de ambar que lustra os marmores antigos. Depois, sem ferir palavra, fitando-a sempre, adeantou-se, e com uma gentilêza medieval, de mãos inconchadas formando estribo, junto aos pés de Adriana, galantemente, ajoelhou.

— Mas, snr. Matheus! o que é isto? o que é que o senhor faz?... — acudiu com vivacidade Adriana, levemente ruborisada, no mysterio infixavel dos seus labios correndo um risinho de triumpho. — Não tem geito nenhum! E o culpado foi aquelle Francisco. Parece impossivel!

E tornava a olhar impaciente o carreiro que conduzia ao solar. Mas o Matheus, sempre na mesma attitude, sempre sem arriscar uma palavra, alongou os braços como n'uma supplica, ergueu mais as mãos. A termos que finalmente Adriana, subjugada:

— Pois não tenho outro recurso senão utilisar-me da sua amabilidade. É um perfeito pagem de occasião!

Agora, emquanto arpoava com a mão direita a forquilha, confiava o pé ao carinhoso apoio das mãos do Matheus, e formava o salto apoiando-se-lhe no hombro, o seu forte riso peculiar estalidou, crystallino, triumphante. E, ao cahir na sella:

— Muito obrigada!

Fustigou a garupa do cavallo, que partiu ás upas: ao tempo que o Matheus descia vagaroso á fabrica, preoccupado e sombrio, vergado a uma mordente humilhação e olhando cauteloso em volta, como se houvésse perpetrado um crime.

A lembrança, o cuidado, o amoroso respeito de Adriana absorviam-n'o mais do que convinha. Estava-se sahindo um piégas, quando tinha vindo para ali um revoltado. Phantasiára installar-se n'aquella fabrica para dentro d'ella tenebrosamente urdir, e fazer deflagrar depois por toda a cidade, um largo e providencial plano de vingança, e eis que arreliadoras causas, alheias ao seu querer, se apostavam em contraminar-lhe o exforço, em baldar do seu ideal a febre ardente e generosa. Não tinha geito nenhum! De principio não déra elle importancia áquella diversão innocente; parecia-lhe que em nada poderia tão inoffensivo parenthesis abrir continuidade na solidez estructural da sua obra. Mas com alvoroço reconhecia agora o contrario; tinha de pôr-se em guarda. Era forçoso parar. A acção entorpecedora e deprimente d'essa preoccupação feminina reconhecia-a elle agora, quando tentava reagir...

A gente do Almargem, n'aquelle dia, achou-o como nunca brusco e intratavel. Cortou de longe a entrada, para evitar os pretendentes, atravessou rapido as salas, mudo e de sobrecenho, quasi sem fallar a ninguem. Na officina das *mules* o encarregado, o velho Tobias, fisgando-o com difficuldade, chamando-o á parte, renovou as suas queixas contra o Lourenço; — que continuava sendo um calmeirão, um indisciplinado, um ralaço, não se fazia bem d'elle, custava muito a aturar. O Matheus mandou-o ir ao escriptorio, e summariamente, insensivel a rogos, inabalavel perante umas vagas nuvens de ameaça, fêz-lhe contas e despediu-o. E na fabrica ninguem mais n'aquelle dia o viu.

Encerrado muito cêdo em casa, no meio d'essa atmosphera de protecção feita pela condensação estratificada do seu pensamento, a sós com a sua consciencia, junto dos seus livros, protestou furtar-se por completo ao amavioso influxo de Adriana, couraçar-se contra essa voluptuosa fraqueza por onde tentava talvez o amor abrir traiçoeira brecha na sua alma.

Assim deu-se a evital-a, tomava cada dia por atalhos differentes, entrava, sahia de casa a horas caprichosas; e foi com uma sincera retracção de contrariedade que, passados alguns dias, e quando á hora do descanço se dirigia a casa, no caminho elle divisou Adriana, sentada, muito attenta ao trabalho do jardineiro junto a um canteiro de flôres. — Vestia um sóbrio vestido inteiro, de guipura, toda em entre-meios de sêda levissimamente azul, que em diagonal partiam, muito juntos e parallelos, formando angulo, da cintura aos lados; tinha aos hombros uma pequenina capa de lã de camelo, com cabeção *stuart;* e a sua vigorosa cabeça, nua e altiva no ar cortante, desdobrava com arrogancia no espaço

o rôlo farto e livre do seu cabello castanho. Agachado e curvo deante d'ella, o velho jardineiro sachava com cuidado, a desembaraçar e limpar as violetas do enxurro das ultimas chuvas. — Mal que a viu, quiz o Matheus retroceder, furtar-se, eliminar-se; mas era tarde... O jardineiro passára n'aquelle momento das violetas a cuidar das roseiras, mais acima; e os olhos de Adriana que, acompanhando-o se erguêram, déram então com a linha rebarbativa do contramestre, a quem ella naturalmente despediu muito affavel, um convidativo sorriso.

Não havia remedio . Muito sério, devagar, o Matheus aproximou-se, cortejou, trocaram-se as saudações de habito, houve um trivial aperto de mãos. E logo Adriana, a desfrisar-lhe a hostilidade da attitude, advinhando-o:

— Mas que é isso?... Sempre sério, apprehensivo, sempre avergado ao trabalho!

— E' a minha obrigação... — redarguiu baixo o Matheus, de olhos á terra e sorrindo tristemente.

— Deixe um momento os negocios. Isso nem lhe faz bem... O proprio Deus descançou. A vida tambem é p'ra gosar.

— Cada um gosa a seu modo, minha senhora... — tornou com uma expressão singular o Matheus, com um frio de aço lampejando na sombria noite das pupillas.— Eu vou assim muito bem!

E dispunha-se a partir.

Mas Adriana interrogou-o ainda, mimadamente, com a mais dôce expressão nos olhos e um superlativo de graça no plexo central dos labios menineiros:

— Gosta de flôres?

Ainda arisco e duro, com philosophico desdem, o Matheus retrucou:

— Acho agradaveis... Lisonjeiam-me, uma ou outra vêz, a vista·

— Sempre, não?...

— Só quando tenho tempo para attentar n'ellas.

— Não tem bom gôsto.

— E' que, habitualmente, a minh'alma é insensivel ás solicitações banaes do mundo exterior. Nem dou por ellas, creia-me! E, assim mesmo, ainda ás vêzes me preoccupam mais do que eu quizéra...

— Não o percebo... O quê!? pois então perante um dia assoalhado, perfumado e lindo como o de hoje, n'uma hora como esta, não vê, sinceramente, não vê, não sente nada do que o rodeia?

E, dizendo, Adriana erguia e cravava com amor nos olhos sombrios do Matheus a azeitona avelludada dos seus olhos.

— O que é que eu hei-de vêr?... — suspirou este alheadamente, já sem força para arredar-se d'alli, encolhendo os hombros. — Por exemplo, agora sei, calcúlo que aqui mesmo em volta de nós desdobra victoriosamente as suas harmonias pagãs a Natureza... toalhas de luz, ondas de perfumes, um cabriolar estonteante de côres, as mais admiraveis symphonias de tons, fragrancias, canticos. Mas que me fazem, que me importam a mim todas essas futilidades do exterior?.. Tudo isso é para mim como se não existisse; não vejo, não sinto nada!

— Diz isso por *pose*.

— Não digo, não, minha senhora.

— E' uma original presumpção.

— E' a pura da verdade!

Adriana sentiu instinctivamente que não levava a melhor, no melindroso torneio em que se embrenhára; mas decidida a ganhar a partida, na sua querençosa altivêz estimulada, teve um saccudido desempeno, cheio de airosa decisão, e ergueu-se soltando este remoque de piedosa censura:

— Dir-se-hia que não tem coração!

— Conforme... — arrastou, sempre na defensiva, o Matheus.

— Não, isso é que não tem dúvida nenhuma! — Adriana insistiu.— Fracos são os meus conhecimentos, mas mesmo assim avalio muito bem que esta coisa da methaphysica é a região polar da phylosophia, pois não é?... — Abanava o Matheus negativamente a cabeça. — A abstracção é para o homem o que é para a terra o gêlo. Alma que no exclusivismo espiritualista se perdeu, ressicou, morreu para a vida. . e a sua, meu caro snr. Matheus, não está n'esse caso!

— Pósso ser um espiritualista e sentir vivamente as coisas.

— Tenha paciencia, isso é que não póde ser!

Insensivelmente, tinham os dois agora desatado a andar, lado a lado, vagarosamente, subindo irmãos e amigos o sinuoso declive do carreiro. E n'uma familiar insistencia, Adriana:

— O sr. vae rir-se d'este meu inquerito... mas é que eu sou naturalmente curiosa, ando ávida sempre de bons ensinamentos, e com os homens superiores é que é aprender.

— O' D. Adriana, por amor de Deus! — atalhou o contramestre, curvando-se, confundido.

— Bem, bem, deixemo-nos de falsas modestias, incompativeis com a tal sua pretendida isenção.. objectiva, e responda-me, como quem se confessa. Quer-me então convencer de que, sendo um homem sensivel como é, não ama, ou nunca amou? ..

— E' o caso de eu repetir: conforme... — tornou, sorrindo ironico, o Matheus.

— Não é com taes subtilezas que me escapa, — obtemperou com intimativa Adriana, alongando na sua imperiosa linha recta os cilios. — E' claro que me refiro ao amor por uma mulher.

— Deus me livre!

— Porquê?... — fez Adriana com decisão, parando.

— Porque o amor individual, — acudiu logo o Matheus, — é uma das fórmas do egoismo, e como tal um sentimento bastardo e mesquinho, que degrada o homem... que é indigno de mim!

E lantado, firme e austero, deante d'ella, olhava-a com os seus implacaveis olhos de aço, fascinadoramente.

...Matheus desenriçava o vestido de Adriana...

Adriana, porém, derivando por seu turno o bote, ria agora a perder, e com sarcasta expressão, reatando o passo:

— E ainda o senhor não quer que eu apregôe a exactidão d'aquella minha theoria? Veja bem em si mesmo *aplicando el cuento*. pôz-se de mal com as formas, os sons, as côres, e desterrou o coração para a Siberia!

— Devemos amar, sim! mas collectivamente, a humanidade em globo, com um fim util em mira...

— Que massada que isso era!

— Amar como Jesus amou... Por fórma que o amor seja não só um estheniante prazer para nós, mas para os outros uma fonte perenne de felicidade, um bem, um estimulo. Podesse eu!

— Tem pensamentos extranhos, sabe? — balbuciou Adriana com carinhoso interesse. — E eu queria pedir-lhe...

— O quê, minha senhora? — acudiu solicito o Matheus, que, com galanteria curvado, desenriçava o vestido de Adriana d'um dos arbustos do caminho.

— Olhe que é uma coisa muito banal, muito comesinha tambem... Não se indigne!

— Versos n'um album? — disse, sorrindo, o contramestre.

— Não...

— E' que, se fosse... eu não faço versos, mas tenho um amigo capaz de desempenhar-se a primor d'essa missão catita, — E o Matheus pensava vagamente no lamecha e galhardo Valentim.

— Pois não, deixemos o seu amigo em paz... não se trata de versos. Mas quasi.. — E com uma suavidade insinuante Adriana, parando novamente: — Oiça. Tenho um leque, um precioso leque de varetas de sandalo e panno de sêda castanha... muito grande, assim... E' das coisas que mais estimo. O panno tem apenas, a *gouache*, a um lado, um opulento lirio rôxo, pintado pela minha maior amiga. Ha portanto um grande espaço em claro. — E rematou, n'uma carinhosa supplica: — Não o dispenso de me escrever n'elle um pensamento seu.

Encantadoramente lisongeiado, n'uma grata surpreza, o Matheus, embora attingisse bem a imminencia do amavioso laço que lhe armavam, dobrou-se n'uma humilde reverencia e murmurou:

— Quando v. ex.ª quizer...

— Bem, bem, logo lh'o mando. Adeus!— E nos grandes olhos de Adriana passou um relampago victorioso, emquanto, alegre e donairosa,com o seu andar despachado e amplo, n'um instante se sumia por entre a rumorosa trama do arvoredo.

A' noite recebia o Matheus, das mãos do Francisco, e cuidadosamente embrulhado em papel de seda branca, um grande leque, que n'uma religiosa commoção foi immediatamente depositar, levado nas pontas dos dedos, sobre a sua mesa de trabalho. Em seguida accendeu o candieiro, fechou-se por dentro á chave, cerrou as portas de todas as janellas, lavou as mãos, e, sentado á mesa, passou a desembrulhar com mil cuidados o precioso mimo. E por um requinte de voluptuosidade, rolando moroso o papel que lhe estalava nos dedos, demorava propositalmente a operação. — Era um bello artefacto de japonismo artistico, de longas varêtas lineares, afusando ligeiramente para o vertice, d'uma côr baça e uniforme, como a epiderme d'uma virgem judia rôfa e ardente, e todas abertas em allucinados recortes, filigranadas ao infinito em tenuissimas combinações, em caprichosos, em miniaturados arabescos, em dolentes e languidas figurinhas, da mais solta e alada phantasia. Aberto, a sêda tinha a mesma esmaiada côr uniforme, radiada apenas, na direcção das varêtas, de brunas maciêzas e mordicada de reflexos de oiro. E, ao abril-o, o Matheus sentiu que lhe tomava o aposento e lhe escalava perturbadoramente o cerebro um perfume extranho e capitoso, esse divino perfume do sandalo, cálido, enebriante, que parece feito dos mais irresistiveis filtros da seducção e que era como que a fixação aromatica, n'aquelle momento, da voluptuosa embriaguez que lhe embalava a alma... Lá tinha a um lado, effectivamente, á esquerda, um grande lirio rôxo, descahindo com graça da haste longa e delicada. O resto, que era muito, que era quasi tudo, estava limpo por completo. Era n'esse traiçoeiro espaço que elle tinha de agora escrever alguma coisa, — e esta idéa dava-lhe vertigens. Contrahira voluntariamente essa obrigação, havia de cumpril-a. Mas como descêra elle a similhante abjecção?... Que ignorado poder o transfigurára? que homem era elle? quem lhe anniquilára a vontade, o livre arbitrio, o brio?... Parecia-lhe uma monstruosidade moral tudo aquillo. Pela primeira vêz na sua vida se via a braços com a complexa solução d'um problema feminino; pela primeira vêz a sua alma de anjo proscripto soffria o dominio de outra alma, e, em vêz de revoltar-se, sopesava o jugo com delicia, bemdizia a sua humilhação!

N'uma perplexidade mordente, sem achar uma solução, sem atinar com uma idéa, o Matheus esquecia-se a abrir e a fechar o leque interminavelmente, acariciando-o entre os dedos tremulos. — Que havia de elle ali assim escrever, que fosse ao mesmo tempo austero e amoravel, galante e sério? que nem desdissésse da decoração, nem fôsse indigno d'elle?... Nada, evidentemente não havia. Ou tinha de ser um atrevimento, ou uma baboseira. Estupido compromisso! — N'um repellão de impaciencia, largando o leque, levantou-se e abriu as portadas d'uma das janellas do poente, em cuja negra quadricula se lhe figurou logo, faulando, despertando-o de longe, o peneiramento luminoso, a corôa arrogante e jocunda que como uma exsudação de prazer aureolava, redonda e alta pelo ar, as sete collinas da cidade. Depois, acercando-se mais do peitoril, descortinou tambem ali mais perto, á sua esquerda, esse negro bairro de ignominia, a extensa e sordida collina em cujas lobregas profundêzas gemia e arfava compactamente, na promiscua podridão do monturo, na abominação e na tréva, uma população, uma raça inteira. Propuzéra-se elle trazer a luz, a prosperidade, a paz redemptora a essa infinita legião de lazaros, nivelar aquelle contraste, acabar com essas seculares infamias. Impuzéra-se tambem a si mesmo esta obrigação, a qual era anterior, a qual valia bem mais que todas... E era o que tinha a fazer. Tudo o mais eram ridiculas futilidades, improprias do seu caracter, excentricas ao seu destino.

Forte com esta resolução, tornou á mêsa, arremessou com rancor o leque para o fundo d'uma gavêta, afastou d'elle o pensamento com obstinação, com denodo. E n'esta emancipadora disposição adormeceu.

Porêm, no dia seguinte, ás primeiras noções nitidas do despertar, lá estava de volta com elle essa idea demoniaca. Sem poder dominar-se, foi direito á gavêta para rehaver o leque; e, antes que o visse, denunciou-lhe a presença d'esse amulêto estremecido a mesma exhalação cálida e forte, como que o seu halito perfumado. Era uma estonteadora emanação, feita de peccado e de sonho, era a essencia do Amor idealisada, suggerindo a morbidêz sensual do Oriente, todo um mundo biblico de sublimados desvarios .. como se o vulto singelo e ardente d'uma nova Sulamense tivésse abatido ali as azas deslumbrantes, e abandonada, extatica, ungida de oleos peregrinos, viésse n'uma fascinação embebedar-lhe os nervos e abeberar-lhe a alma de doçura!

Todo o dia andou vibrando ao dulcido estimulo d'aquella impressão; todo o dia pro-

curou com afinco, baldadamente, uma idea. Porfim, á noite, vergado ao seu avassallador imperio, espalmou deante de si o leque sobre a mêsa, e um pouco ao sabor do acaso, n'um vago desgosto de si mesmo, com a mão a tremer, garatujou esta coisa desconchavada e incompleta:

«*Amar é respeitar... Nas relações de homem para mulher, as mais austeras formulas do respeito são muitas vêzes o collete de forças da alma. Na sua rigida abstenção dissimulam e condensam verdadeiros poemas, candidos, ferventes, de incondicional dedicação, de effusiva ternura.*»

Depois leu, teve uma hesitação, datou, assignou, e n'um mais accentuado movimento de desgosto atirou o leque para o lado. E toda a noite foi para o torturado lyrico uma arrelia, um remorso, uma preoccupação constante. Já depois de deitado, a miude se levantava, n'uma inquietação... vinha e accendia a luz, retomava o leque, abria-o, lia, relia, mirava n'um desolado exame a sua obra. E ora tropeçava n'uma palavra, achava o pensamento lymphatico, desenxabido, réles; ora embirrava com a disposição graphica do que escrevêra, que teria ficado melhor, mais em diagonal, symetrico com o lirio, mais ao canto; ora era tambem a forma, o lançamento da lettra que lhe desagradava, tremula e desegual como lhe sahira... e a tinta que não pegava n'uns pontos, n'outros empastára horrorosamente.— O maior dos fiascos, em todo o sentido! E sem emenda possivel!

Ao amanhecer, pouco depois de abrir a janella do seu quarto que olhava ao norte, viu em cima, na saccada do solar fronteiro, sôb os profusos ramos, ainda despidos, d'uma *glycinia*, o nobre vulto egypcio de Adriana, que, cortejando-o, lhe perguntou por gestos se já havia escripto. Significou-lhe o Matheus com a cabeca — que sim. D'ahi a minutos, entregava-lhe o leque.

Adriana, leu, com piedosa attenção: e ao cabo, n'uma inflexão recalcada, enternecida:

— Muito bem! Agradeço e comprehendo... — E no mais carinhoso dos gestos, fechando o leque e erguendo ao Matheus uns olhos de Madona: — Agora, fica assim!

Com ardilosa intenção, o contramestre observou:

— Ainda tem tanto espaço em branco...

—Engana-se!—acudiu vivamente Adriana, olhando-o sempre.— P'ra mim está cheio... Cheio de mais!

E com um d'estes sorrisos que vão direitos á alma, despedindo-se, a patricia filha dos Meyrelles afastou-se, demoradamente, com o airoso busto balanceando n'um jubilo envaidecido.

Mas era agora tambem o Matheus que, tomando por um ingenuo encanto de vaidade, se suppunha sinceramente o vencedor. — Não havia duvida! Aquella creatura de excepção e privilegio, vivendo lá tão alto, d'um sentir tão contrario ao d'elle, pela raça e pelo instincto sua inimiga, fôra ella que o procurára, que gradualmente descêra adonde a elle, que viéra com a fimbria do seu vestido branco illuminar a voluntariosa noite do seu viver. Com que fim, por qual sentimento? Não lhe importava.. Fôsse por paixão, por jogo, ou por capricho, o certo é que fôra ella a demandante, n'aquelle curioso e imprevisto pleito sentimental. Limitára-se elle a deferir-lhe um pouco em seu favor; um dever trivial de cortezia. Mas nem aquelle episodio galante era de molde a perturbar a trajectoria tensa e honesta da sua vida. Nem por isso a sua consciencia tinha por que alarmar-se, ou que soffrer qualquer desvio deprimente a nobre orientação do seu destino. Uma candida illusão fazia-o sinceramente tomar por uma ephemera futilidade esse afogueante sentimento que, traiçoeiro e breve, lhe ia manietando a alma. E dizia-se: — Acabára, passou... Ella, sim, ella é que descêra. ella é que contrahira voluntariamente bem extranhaveis compromissos. Aquella patente predilecção por elle quem lh'a insinuou? quem a obrigou a declaral-a insistentemente no mysterioso velludo dos seus olhos?... Foi uma coisa absolutamente espontanea, foi o puro voto livre da sua consciencia, da sua alma. E votos d'estes, assumidos na perturbadora querença de todo o nosso ser, tomados e sellados na telegraphia galvanica dos olhos, são sagrados tambem, obrigam para toda a vida.

VISÃO DE DUENDES

Communicação, feita pelo duque de Argyll, de algumas apparições de espectros, duendes ou phantasmas a pessoas de seu conhecimento que lhe merecem inteiro credito; narrativas directamente recebidas, sem investigação hypothetica de causas. A curiosidade scientifica vae assim completando e apurando o inquerito elucidativo d'estes mysteriosos phenomenos.

Os PHANTASMAS, na verdadeira accepção da palavra, nunca quizeram chamar me a servir-lhes de testemunha. Pelo menos ainda o não fizeram, e espero que não alterem este seu bom proceder.

Aquelles que nunca puderam vêr espectros, ou duvídam de que outros os possam vêr, sentem, como eu, uma dupla curiosidade, se amigos, pessoas de confiança, lhes asseguram tel-os visto. Porém, pouco ou nenhum credito dou a historias de almas do outro mundo, se ellas não me chegam «em primeira mão», ou de alguem em que possa confiar. Reproduzo sómente narração, ouvida a algumas pessoas, das suas proprias entrevistas com phantasmas. Ainda assim eu não daria ouvidos a esses mesmos amigos ou conhecidos se elles se transformassem em crentes espiritistas. Pessoas ha que estão sempre imaginando que vêem, viram, ou podem vêr algum interessante homemsinho ou mulhersinha n'um qualquer logar escuro, passar e desapparecer apparentemente atravez da parede mais proxima. Conheço por exemplo uma senhora, de espirito são e de vida feliz, que se julga ainda mais feliz quando póde relatar, com declarada satisfação e crença, ter visto um vulto de homem velho no seu proprio quarto de cama, sentado n'uma cadeira de braços defronte do fogão (ha sempre um fogão n'um bom quarto de phantasmas), e desapparecer, afastando a cadeira, desconsolado e surprehendido de a ter visto. De modo que não exerceu a menor attracção sobre o phantasma; e serve isto de prova que ella sinceramente acreditava na historia que contava; porque, se a houvera inventado, não teria o velho duende mostrado ao menos um bocadinho de admiração por ella?

Conheço outra senhora que ouve sempre phantasmas musicaes — phantasmas que actualmente tocam em pianos antigos ou cravos, no mesmo logar em que antigamente tocavam, ainda que estes instrumentos tivessem ha muito já sido removidos! N'esse caso a alma penada arranjára qualidades superiores ás do phonographo, que repete arias antigas, exactamente como em Heron Court se podia ouvir lêr alto na bibliotheca com o som da voz d'um velho lord Malmesbury. Lord Barrington, fallecido ha poucos annos, fez em novo uma visita a esse logar que é perto de Bournemouth; e á noite ao recolher-se, ouviu uma recitação em voz monotona do outro lado da parede contra a qual estava collocada a cama. Não tendo idéa alguma de phantasmas que visitassem a casa, diligenciou dormir; mas a voz continuava, e Barrington estava já para se levantar para protestar quando finalmente cessou a toada impertinente.

No dia seguinte, ao almoço, o hospedeiro expressou-lhe o desejo natural e delicado de saber que elle tivesse dormido bem. Respondeu-lhe que somente podera dormir quando cessaram as recitações d'um eloquente cavalheiro visinho do quarto contiguo. Lord Malmesbury fez-lhe um signal para que ficasse silencioso e disse-lhe depois o motivo por quê reprimira a narrativa dos seus aborrecimentos. Era porque ninguem podia explicar o som, que se ouvia a intervallos, desde a morte do velho lord, o qual estava acostumado a lêr pela maneira descripta na bibliotheca, que era a sala proxima ao quarto de dormir occupado por lord Barrington. Deveria ter sido um espirito bem incommodativo, mas lord Barrington affirmava sinceramente ter ouvido a vóz.

Não ha porém só casos succedidos a homens e mulheres de são juizo; tambem os ha acontecidos com cães, que, comquanto não possam fallar, podem lamentar-se, uivar, e tremer. Com effeito assim tem succedido, em certos quartos de determinadas casas, nas occasiões em que os seus donos ou suas donas estam preoccupados com as apparições. Os cães não costumam tremer geralmente quando escutam sons de piano tocado a distancia; todavia por que

Uma dama cinzenta caminhou de vagar pelo quarto dentro...

cidade na *casa grande*, onde estava como governante.

—Apparecia uma cara illuminada — dizia ella.

— E com que se parecia a cara?

— Oh! era exactamente uma cara cheia de luz. Evidentemente a visão não lhe tinha produzido terror.

Apresento agora duendes visitadores, bondosos e quietos como um que no districto de Hammermith visita a casa d'um amigo meu, o qual era sincero e descrente. Gracejára sempre dos contos de phantasmas. Passaram-se annos e parecia justificar-se a sua descrença na existencia da sombra de uma mulher que dizia-se, frequentava a casa. Uma noute, porem, quando sua mulher estava sentada na sala de recepção familiar, abriu-se a porta serenamente, uma dama cinzenta de touca na cabeça caminhou de vagar pelo quarto dentro e depois retirou-se. Ainda assim o marido não quiz dar credito áquella narrativa, embora a mesma figura ainda fosse vista differentes vezes pela mulher que nenhum susto soffreu com as apparições. Ella considerava o passeio da sua hospede tão philosophicamente como se tivesse sido educada com *damas verdes* toda a sua vida.

Passaram-se mais annos. Os filhos cresceram. O pae estava na sala sentado, fumando com um d'elles, quando a porta se abriu, e a cara coberta da figura descripta pela mulher espreitou para dentro do quarto, fechando em seguida a porta. Tanto o pae como o filho viram-a. O primeiro, desconfiado, imaginando que uma das filhas estava divertindo-se innocentemente com elles, abriu de repente a porta, seguiu pelos corredores, e assegurou-se de que nenhuma d'ellas estava fóra dos quartos de dormir. Só então, elle confessou que tambem tinha tido o privilegio de uma entrevista com a pobre duende errante.

Conheço outro caso similar. O phantasma era encontrado usualmente no caminho da escada, parando n'um dos patamares, e levantando as mãos como que expressando surpreza e horror. Diz-se que esta attitude representava o pezar que sentira com a morte de uma creança.

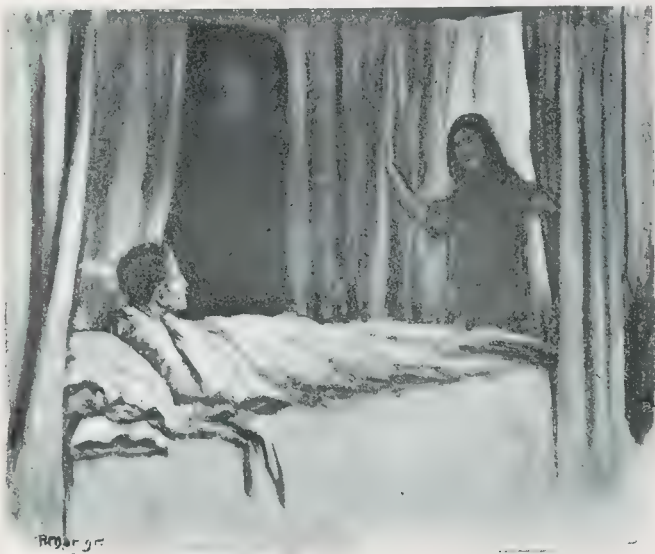
motivo um cão do meu conhecimento ficava verdadeiramente afflicto n'uma casa na Escoia, onde a sua dona ouvira uma musica?

Os cães não são supersticiosos, e não pódem ser ensinados a tremer com duendes; portanto, quando manifestam grande terror inexplicavel e estão acordados, legitimamente se pode inferir que elles se apercebem da presença de alguem que não é cá da terra.

Ao norte de Tweed, as almas do outro mundo que apparecem penando são em geral espiritos caseiros. De muitas casas corre lenda de possuirem «um phantasma escuro»—ou a sua «dama verde». São inoffensivos, mas os cães não gostam d'elles. As almas vagabundas escuras teem fama de produzir felicidade e suppõe-se que a boa fortuna de um velho castello desappareceu pelo lado do lago, desde que o phantasma escuro se foi n'elle banhar e nunca mais foi visto.

Uma mulher d'uma aldeia proxima d'uma casa feudal contou-me recentemente as recordações que conservava do que vira na sua mo-

Este ultimo conto não o ouvi da propria pessoa que teve a visão; mas a fallecida miss Wemyss, que vivera n'um castello em Fife, descreveu-me muitas vezes a apparição da *dama verde* que assustava os moradores da sua bella casa. Nada vira de sobrenatural nos primeiros desesete annos da sua estada n'aquelle edificio, que, embora tenha sido modificado, conserva ainda grande parte de construcção antiga. Desesete annos é de certo nada para o tempo de vida de um phantasma, e o encontro da dona do castello com o seu mais permanente hospede espiritual deu-se n'uma tarde ao cabo d'aquelle tempo. A senhora fôra fallar com o seu mestre d'obras, marceneiro de officio. Era tarde d'um dia de inverno, e elle estava trabalhando n'um aposento ao qual somente se podia chegar atravessando a sala de bilhar, onde estava um fogão acceso e não havia outra luz. O carpinteiro tinha um candieiro e miss Wemyss demorou-se alguns instantes, e depois retirou-se. Quando entrou de novo no bilhar, sentiu que alli estava alguem ou alguma cousa extranha. Era uma curiosa, indefinida sensação, como a que muitas pessoas sentem quando os olhares d'outrem se fixam sobre ellas. Assim succedeu com esta senhora. Na outra extremidade da casa de bilhar, estava uma figura nebulosa, mas definida, que avançava para ella. — A dama verde! — foi a idéa que lhe veiu logo ao pensamento. Parou a ver. A figura que caminhava para ella movia-se serenamente. Emquanto passava pela claridade do fogão, bastante curiosamente, miss Wemyss reparou em silencio que não se tornava avermelhada pela luz, nem mais distincta. O cinzento indefinido conservou-se na mesma côr neutra e continuava avançando. Depois deu a volta ao canto da mesa de bilhar, e sem parar, ou mudar de passo ou attitude, caminhou para dentro da parede. Na mesma semana identica figura foi vista duas vezes pelos servos do castello — uma vez n'uma passagem do andar superior e outra vez n'um quarto. Desde essa triplice apparição a *dama verde*, que parecia ter ultimamente preferido a côr cinzenta não mais foi vista.

Ainda conheço uma outra testemunha de duende, que visita determinado quarto, e a largos intervallos, de maneira que, muita gente tem dormido alli excellentes noites repousadas. Outras vezes porem a extranha apparição vem atacar o dormente, como na malaria a allucinação acompanha o tremor do accesso. O caso passou-se com um padre anglicano, muito nomeado pela sua eloquencia, bondade de coração e energia de vontade. Nada sabia da historia mysteriosa da casa; e, quando ia recolher-se, ouviu barulho no quarto contiguo. Verificou que ninguem havia n'este, e deitou-se. Mais tarde, acordou com o mesmo barulho. Quanto tempo dormira não o soube, mas devera ter sido bastante; porque, quando o barulho o despertou, havia já uma tenue luz da madrugada. Elle viu então uma mulher caminhar para os pés da cama. Surpreso, a principio nem se levantou nem fallou. Depois a figura descripta em cinzento, mas definida na fórma, parou. Elle tomou animo em sua natural coragem; recuperou a voz; abjurou a apparição nebulosa pelo santo nome. Aquella voltou-se e dirigiu-se para a porta que se abriu e o espectro desappareceu por ella. O clerigo, que em circumstancias ordinarias não saltaria da cama em vestes ligeiras, não hesitou, e seguiu o silencioso duende. Fóra da porta havia uma escada, e elle viu descer pausadamente a sombra semi-luminosa até desapparecer na parede, exactamente como a dama verde do castello de Fife!

Viu uma mulher caminhar para os pés da cama.

Appareceu-lhe seu proprio primo morto...

Estes são os phantasmas silenciosos e inuteis; porém, a historia, indubitavelmente verdadeira, da apparição que se verificou no tempo da guerra contra os francezes nas possessões americanas mostra que o espirito vagabundo tambem se expressa com determinada intenção. Existia uma casa antiga no topo d'uma encosta sobre o rio Awe, que corre para o lago Etive. Inverawe descançava, depois de um dia passado na floresta, quando pancadas repetidas na porta o fizeram olhar para fóra. Um homem, offegante e cançado de caminhar, pedia guarida. Inverawe não lh'a negou e o excitado caminheiro, não satisfeito com a pousada, ainda lhe exigiu, sob juramento, que não o havia de expulsar. Pouco depois chegavam perseguidores, que vieram tambem bater á porta e perguntaram-lhe se tinha passado por ali o assassino d'um primo de Inverawe. O rapaz ficou horrorisado, mas era homem de palavra, e respondeu-lhes negativamente. Depois, reprehendendo o fugitivo, foi outra vez instado para que não o entregasse á justiça, porque elle só tinha defendido a sua vida. Inverawe disse-lhe que na manhã seguinte devia partir. N'aquella noite, porém, appareceu a Inverawe seu proprio primo morto, dizendo-lhe: «Inverawe, Inverawe, o meu sangue foi derramado. Não acoutes o assassino!» O rapaz mandou o seu hospede refugiado dormir n'um subterraneo.

Ainda outra vez lhe appareceu a visão e outra vez o homem escondido rogou ao generoso hospedeiro que o deixasse pernoitar ainda mais uma noite. N'aquella terceira noite a visão fallou outra vez: «Inverawe, Inverawe, o meu sangue foi derramado. Encontrar-nos-hemos de novo em Ticonderoga.

Ticonderoga? O que queria o phantasma dizer? Na manhã seguinte o refugiado partiu. A guerra chamou Inverawe e seu filho á America. Embarcou. Contou aos seus camaradas esta visão. Elles muitas vezes chasqueavam Inverawe perguntando-lhe: — «E a respeito de Ticonderoga?» Similhante nome poderia ser conhecido além dos sonhos de um exaltado? Comtudo, Inverawe durante a campanha, perguntava sempre os nomes indios dos logares.

Finalmente chegou a noite anterior ao ataque de Carillon. Os seus camaradas tinham ouvido dizer que o lugar tinha o nome indiano de Ticonderoga. Tomaram cuidado de não o dizer a Inverawe e ninguem lhe fallou em tal. Subito Inverawe disse aos camaradas: — Estamos em Ticonderoga, e eu hei de morrer ámanhã. Realisou-se o combate; elle e seu filho foram mortalmente feridos pelo fogo dos francezes. Como os seus amigos se reunissem á roda do ferido, elle disse-lhes solemnemente: — Quero que saibam que eu tornei a vel-o ainda outra vez. — Isto foi sabido por todos que sobreviveram ás campanhas da independencia e que estiveram formados na celebre Black Watch. Um regimento inteiro de *higlanders* podia dar testemunho da crença tão fatalmente verificada de Campbell de Inverawe!

CORTEJO DE CERES — BAIXO RELEVO DE UM TUMULO

MARTYRES

EPISODIO DA PERSEGUIÇÃO DE DIOCLECIANO

CAPITULO IV — A POMPA DE CERES

NA claridade que vinha do nascente já começavam a esbater-se como em fundo doirado os recortes negros do espigão do templo d'Apollo, com os antefixos em forma de palma, d'onde desciam as linhas inclinadas dos frontões; já se desenhavam com extrema nitidez naquelle ceu roseo, em que as estrellas se iam apagando, as mais delicadas molduras dos acroterios sustentando lyras, cujas cordas pareciam de fogo, quando resoaram os sons vibrantes das trompas e das businas, acompanhados das notas sombrias dos cornes.

A multidão, que ia correndo desordenada, offegante, sentiu um sobresalto d'espanto e medo, e instinctivamente teve um movimento de paragem. Naquellas almas, de ha tão pouco vindas do paganismo, ainda não estava de todo extincta a crença de que cada homem e cada coisa tinha o seu genio, e que na obscuridade mysteriosa dos bosques, como habitação dos numens, havia o que quer que fosse de divino.

Attentaram, e perceberam que era a pompa das cerealias que se approximava; era a estatua de Ceres, a deusa das colheitas e da agricultura, que, assim como a terra se refresca e nutre com o orvalho da manhã, assim ella era conduzida, ao rocio da madrugada, para as grandes festas, que se celebravam no circo, terminando com ellas, naquelle dia 19 d'abril, o cyclo das que lhe eram consagradas.

Um bando de musicos, de tunica de purpura violeta e clamyde verde, coroados d'espigas doiradas, abria o prestito, tangendo os instrumentos, cujos sons tinham feito paralysar o impeto dos christãos. Esta musica executava uma melodia de notas demoradas, desenvolvendo-se, sem modulações dentro da oitava, na sua simplicidade expressiva em forma de hymno, entrecortado de notas de accento plangente, que a espaços rythmados soltavam os cornes de madeira. Era a glorificação da deusa productora de inexgotavel fecundidade, e ao mesmo tempo uma elegia de mãe que passa a vida na eterna busca de Proserpina, sua filha, raptada por Plutão. Seguiam-se, puxados por bois, carros engrinaldados com heras, e levando cada um d'elles, sobre camadas de feno perfumado pelos trevos, os animaes destinados ao sacrificio e ritualmente consagrados á deusa.

Nos primeiros estiraçavam-se, cingidas com cintos brancos bordados a oiro, porcas cujo sangue tem especial virtude nos ritos purificadores. Noutros eram mantidos pelos pés grous irriquietos, dobrando as longas pernas a qualquer salto brusco das rodas; e por fim outro carro, sobre que poisava uma gaiola de rede doirada, onde esvoaçavam bandos de rolas. Um carneiro de tufada e fina lã deixava-se mansamente conduzir por duas creanças.

Depois marchavam longas filas de matronas vestidas de branco, empunhando brandões resinosos que ardiam em chama vermelha e fumarenta.

Um coro de trinta meninas, coroadas de rosas, empunhando ramos verdes, entoa um hymno com acompanhamento de cytharas

no modo dorico, de accento calmo e severo, que contrastava com a frescura gracil das vozes, e cujas strophes em quintilhas vinham terminar quasi geralmente na tonica, lembrando, pela forma archaica, o antigo corte dos hymnos gregos.

A poesia que vão cantando convida a terra, rica de colheitas e de rebanhos, a prodigalizar os seus thesoiros, para com elles se engrinaldar a fronte de Ceres, essa particula de Jupiter que penetra no solo. Pedia ás aguas salutiferas, e ao ar puro que fecundassem os germens dispersos pela terra.

E quando as vozes se calavam, as cytharas, que as iam acompanhando, faziam ouvir o ritornello executado a duas mãos.

Por fim: a Regina sacrificula com as suas sacerdotisas, envoltas em mantos brancos da cabeça aos pés, carregando estas o andor com a deusa, cercado de pequenos carnillos, que em sua honra queimam insenso nos thuribulos.

E' severa, imponente, e com um ar de tristeza a pequena estatua chryselefantina de Ceres, evidentemente obra d'um estatuario da bella escola da antiga Grecia. Vem sentada num throno, e o seu rosto, trabalhado em marfim pallido, dá a impressão de quem está fatigado das longas pesquizas, mas não com a esperança perdida. Que nunca a perde a mãe que procura sua filha. A ponta da ampla toga de prata fosca quasi que completamente lhe envolve a cabeça, em signal de lucto, deixando que se lhe escape uma trança de cabellos d'oiro. Sobre os joelhos procura conter, com a mão esquerda comprida, de dedos afilados, egualmente trabalhada em marfim, e que mal lhe sae das pregas do vestuario, uma paveia d'espigas de trigo, entremeada de narcisos e dormideiras. Na volta que o manto, descendo da cabeça, e passando por debaixo do braço direito, deu para se atirar sobre o hombro esquerdo, deixou aquelle nu, o que lhe permitte segurar, como quem a elle se abordoa, um phanal onde scintilla uma chama feita de carbunculos. Ao mesmo tempo, a dobra, lançada ao acaso sobre o hombro, descae quanto basta para deixar adivinhar os seios opulentos e nutridores. E aos pés, saindo de montes de flores, de braçados d'espigas e de troncos de hera, as voltas de duas serpentes escamosas, fundidas em bronze.

Fecha o prestito multidão enorme de mulheres, todas com as cabeças cobertas, e nas mãos ramos de loiro, murta e oliveira.

Avançava grave e composta a procissão, seguindo por entre duas alas de gente de todas as classes, que descera das varias e ricas vivendas, que os romanos tinham espalhadas pelo bosque. Os sacerdotes d'Apollo e dos outros deuses, os servidores dos seus templos engrossavam a multidão, e todos, elevando o braço direito, saudavam a divindade, como quem lhe envia um beijo na ponta dos dedos. Eis que os instrumentos se calam, e um movimento de recuo se manifesta á frente do prestito, obrigando-o a suspender a marcha. Gritos desordenados chegam confusamente até junto da estatua, cujo andor pára.

Os christãos, que se tinham detido aos primeiros sons da musica, não esperando tão extranha coisa, e ao mesmo tempo invadidos de invencivel terror supersticioso, recobraram animo á voz imperiosa de Hesico, o unico que entre todos ia armado, e que brandia a sua espada curta e aguda. Sem pensarem no que lhes podia succeder, continuaram na carreira cega, vertiginosa em que vinham. O choque inesperado d'aquella massa viva, allucinada, berrante causou tal perturbação na testa do cortejo, que este esteve a ponto de se desorganisar.

No meio do tumulto e do alarido, os homens descarregando sem dó os cajados, gritando as mulheres, ferindo Hesico com a espada, iam os christãos avançando e iriam até o coração da pompa, se os carros lhes não impedissem a passagem franca, e os sacrificadores que os acompanhavam, tirando facas e cutellos das bainhas, não prostrassem sem vida os sacrilegos que se approximavam. Correram as matronas a refugiar-se junto da deusa, e ao mesmo tempo a formar com os seus corpos uma muralha á roda do andor, brandindo os fachos, cujas chamas tiravam reflexos mysteriosos do oiro, da prata, do bronze e do marfim que compunham a estatua. As mãos d'esta e o rosto de lividos que eram passaram a vermelhos, o que por certo se devia considerar como manifestação innegavel da colera da deusa.

Os escravos dos templos correram sobre os christãos, e em pouco a pobre gente cercada, batida, exhausta, sem cohesão nem chefe, quasi na sua maioria composta de mulheres, cujo coração lanceava os choros, ais e gemidos das creanças espesinhadas e feridas e de homens sem armas, debandou em todos os sentidos, perdendo-se nas balsas e mattagaes das collinas.

Ia Hesico correndo como doido, d'espada hirta, na direcção do andor, para d'elle derrubar o idolo; mas á vista d'aquella montanha de fogo, d'entre a qual surgia a deusa, fulminando raios de luz diversa de toda ella, parou, e, neste momento suspenso pela multidão, foi derribado, preso de pés e mãos e conduzido de rastos para o ergastulo da mais proxima vivenda.

Arredados os cadaveres, cobertas de terra as nodoas e poças de sangue, tangeram de novo os instrumentos, os coros entoaram os hymnos, e a deusa serena e grave continuou na sua marcha triumphal, já francamente illuminada pelo sol.

Sumiu-se de todo a procissão na volta apertada da estrada, esvaíram-se os ultimos sons dos hymnos. Passaram os carros e as liteiras conduzindo os abastados, que se dirigiam ao circo; durante duas horas a multidão foi correndo apressada para a cidade, e depois a estrada ficou solitaria, tranquilla, como se não se tivesse alli ferido uma batalha.

Horas de silencio!

Depois o ruido cadenciado da marcha accelerada d'uma escolta de legionarios vinda de Antiochia.

Maltratada, ferida, abraçada ao pequenino Barallah, Martha jazia sem movimento, caída á beira do caminho, no fundo d'uma moita de murtas.

Era já declinio do dia quando tornou em si.

O filho dormia-lhe no regaço Escutou, e só ouviu o grasnar dos corvos, o chilreio dos melros e, lá no fundo do bosque, os trinos dos rouxinoes, o murmurio das quedas d'agua e o zunido das abelhas silvestres numa dança doida, na luz ainda quente do sol.

Era a natureza impassivel, na expansão harmonica e tranquilla da sua primavera.

Attentou mais, e pareceu-lhe ouvir gemidos.

A pouco e pouco foi reconstituindo na sua forte imaginação tudo quanto se passara desde a madrugada em que fôra demolida a egreja, até o momento em que, levada no impulso da turba, que se arremessou de roldão contra a pompa cerealia, vendo Hesico correndo e brandindo a reluzente espada, quiz correr para o seguir, sentiu uma forte dôr na cabeça.. e mais nada!

Apalpou a testa, e sentiu o que quer que era de pegajoso. Retirou a mão e viu os dedos sujos de sangue. Teve medo e desatou a chorar. Acordou a creança e lamentou que tinha fome. Tambem ella sentia confranger-se-lhe o estomago e doer-lhe o coração. A custo ergueu-se. Olhou, sem saber de que lado se dirigiria. As pernas entorpecidas mal se moviam. Em todo o seu corpo moído não eram senão dôres. Ao acaso, foi indo ao longo da estrada. Andava de vagar, com o filho ao collo, pensando na sorte do marido. Do lado opposto áquelle para onde se dirigia ouviu passos cadenciados. Voltou-se e divisou uma escolta. Quando se approximou d'ella, e lhe passou na frente, viu que conduzia Hesico desarmado, amarradas as mãos, sem manto, e com a cabeça descoberta. Olharam-se e nada disseram. Martha comprehendeu tudo, e o olhar que Hesico lançou d'ella para o céu, suscitou em sua alma a loucura do ideal divino do martyrio.

As portas de Nicia

Então, tomando uma d'essas decisões absolutas, irrevogaveis, que são vulgares nas mulheres da sua raça, olhos parados, com luz quente e sem uma lagrima a humedecer-lh'os, apressando o passo, cada um dos quaes era

uma dôr lancinante em toda ella, foi seguindo a escolta.

O caminhar foi longo. Entraram na cidade pela porta Daphné, e seguiram ao correr da muralha até onde ella entestava com o rio.

A justiça de Galero não tivera delongas. Fôra prompta e summaria. A sentença foi de morte; mas a solennidade do dia levou-o a que não fosse sanguinaria.

Assim que soube em palacio do desacato á deusa, e que um soldado das suas legiões fôra preso como sacrilego, ordenou que immediatamente uma escolta o conduzisse á margem do Oronte, e alli o afogasse. A corrente das aguas, que lhe daria a morte, arrastaria o cadaver para o Mediterraneo, e seriam uns ossos de menos a conquistarem de futuro honras d'apotheose.

Se a sentença foi prompta, a execução foi rapida. Hesico passou para um pequeno barco onde já o esperavam dois soldados. Ligaram-lhe os pés, e como já trazia as mãos presas, dois legionarios, levantando-o em peso, atiraram-o pela borda. O corpo, caindo a prumo, mergulhou, e veiu logo acima. Hesico sacudia a cabeça, abrindo a boca e os olhos afflictivamente, mas logo um dos soldados deu-lhe com um remo na cabeça que o fez desapparecer. Com o remo alçado esperou-o de novo; mas o pequeno remoinho das aguas fechou-se, e a corrente continuou seguindo seu curso.

Martha olhava, com immobilidade de estatua e mutismo de idiota.

Ficaria eternamente, como petreficada, vendo correr as aguas do Oronte, com os olhos fitos no ponto onde Hesico tinha desapparecido, se o pequenino Barallah, com outro gemido e puxando-lhe pelo véu, lhe não fizesse saber que tinha fome.

Então, na apparencia resignada, apertando o filho ao peito, para lhe dar calor e tomar forças, subiu pelas largas ruas d'Antiochia, a caminho do bairro christão, não vendo na frente senão a sombra alongada e negra da sua figura, projectada no lagedo da calçada pelo sol no occaso.

⊚ ⊚ ⊚

Capitulo V — Antiochia

Era uma manhã de maio radiante e formosa. O sol dominando as collinas abruptas e os contrafortes alcantilados dos montes Silpius, ultima convulsão do Libano, banhava de luz crua Antiochia, já disperta das orgias e sensualidades nocturnas dos seus habitantes. Dos seus pomares e jardins, onde amadurecem os fructos e se expandem as flores, ascendiam perfumes penetrantes, e o vento fresco do noroeste fazia oscillar, em compassada indolencia os frondosos platanos mais as figueiras d'ampla folhagem e as amendoeiras e romanzeiras, cujas ramarias bracejavam para fóra dos muros, dentro nos quaes, á moda oriental, se encerrava a maioria das habitações, buscando um abrigo contra os ardores do estio na sombra das suas arvores tradicionaes.

De todas as casas, umas com as portas simplesmente abertas nos muros, outras com bellos porticos de columnas ou ornadas de avançados e sumptuosos peristylos, saía gente pressurosa, que convergia para a larga avenida, a mais importante, rica e monumental arteria da terceira cidade do imperio romano; pois que rivalizava com Alexandria e Roma. Com aquella na profusão dos templos, banhos, basilicas, theatros, das encruzilhadas guarnecidas de estatuas, dos palacios, naumachias onde nos espectaculos as nymphas eram as mais formosas mulheres do Oriente na nudez provocante dos seus corpos torneados, nos circos onde brigavam e se refocilavam no sangue as mais terriveis feras da Asia e Africa, e innumeraveis monumentos, na construcção dos quaes já se começava a sentir a invasão crescente d'uma outra arte, que vinha do fundo do Bosphoro, nas aberrações do estylo, na riqueza amaneirada da decoração, no emprego exagerado das côres e dos metaes, que pelo brilho e intensidade offuscavam a vista. Verdade é que para o encanto dos espiritos, educados na escola d'um bello artistico que ai passando, em muitas ruas das cidades, que se cortavam em linhas normaes, e principalmente nos antigos bairros de Seleucus Nicator e d'Antiocho Epiphanio, em manifesta opposição com o nucleo moderno da ilha de Callinicus, ainda viviam triumphantemente os velhos estylos gregos. O dorico com a sua simplicidade primitiva, robusta e atrevida servia para ornar os templos das antigas divindades gregas; a belleza sobria e plastica do jonico tornava attrahente o forum, e a exhuberancia d'effeitos do corynthio, onde os modernos começavam a não se contentar com a côr esculptural dos capiteis e a dar-lhe brilho, dourando-lhes a folhagem, eram empregados nos templos das divindades romanas, nos theatros e principalmente no circo. No meio d'estas linhas severas e graciosas, producto hellenico, não era raro encontrar

massas pesadas, amparadas por grossos pilastrões de capiteis de molde de vaso, abrigando as mysteriosas e por vezes sanguinarias divindades indigenas ou importadas do Egypto.

Se na magnificencia vencia Alexandria, a propria Roma lhe era inferior na variedade da população, na incomparavel importancia do seu emporio commercial, como ponto obrigado de tudo que vinha do Oriente asiatico, para ser distribuido por intermedio do Mediterraneo ao resto do mundo.

Desdobrava-se aquella avenida, — que, alguns dias antes, Asclepiades tinha atravessado na altura dos tetrapyllos, para ir arrazar a basilica apostolica—na extensão de mais de trinta estadios, por entre duas largas e magnificas galerias, nas quaes de cada um dos milhares de fustes das suas columnas avançava uma misula sustentando uma estatua de deus ou heroe, oscillando á mercê do vento, sobre os hombros de muitas, mantos de purpura vermelha. Das intemperies e do sol abrigavam-as tectos, onde os travejamentos de cedro apainelavam fundos de estuques doirados, sobre os quaes o pincel grego tinha recortado figurinhas e scenas mythologicas. Assim monumental e rica ia atravessando a cidade em todo o seu comprimento, desde a porta de Bab-Bolos, que dava saída para os pomares e hortas, até á dos Cherubins, onde ia d'encontro aos montes, tendo atravessado um regato formado pelas infinitas cascatas d'aguas vivas, que se precipitavam dos rochedos a prumo, ou corriam das portellas cheias de luxuriosa vegetação.

Larga e ampla ia recebendo a multidão, tanto dos que subiam das margens do rio como dos que desciam das partes montanhosas, e até d'esse velho bairro perdido na montanha e limitado pela rua de Singono, onde quasi que especialmente vivia a população christã, na sua maioria entregue aos officios caseiros e trabalhos manuaes.

Mas tambem d'aqui saía gente, humilde no trajar e no porte, e na qual se notava a preoccupação de não deixar a descoberto parte alguma do corpo. Toda ella tinha apparencia famelica, o olhar vago, e como quem sente sobre si desencadeada uma tempestade de ira e coleras perseguidoras.

Nem mesmo para se esconder já tinha coragem. Envergonhada da propria pusilanimidade, procurando evitar o encontro simultaneo dos olhares, lá ia engrossar a onda humana que refluia para a Grande Avenida.

Aqui misturavam-se na mais completa promiscuidade os gregos de saiote curto e clamyde vistosa afivelada no hombro, e os romanos, onde predominavam os de toga ampla, traçada, deixando livre o braço direito, com os asiaticos taes como o indio cujo acobreado da tez contrasta com a alvura dos turbantes, o hebreu de barba corredia e samarra escura sobre longas tunicas; e a massa geral dos syriacos pallidos, febris, enfezados dentro nos seus saiotes listados de purpura e apertados na cintura com fachas sombrias.

Da Africa viam-se os ababdekes de pelle bronzeada, velando a nudez com longos pannos, que caíam dos quadris até quasi os pés; o egypcio pequeno, nervoso, baço, de cabellos crespos polvilhados de vermelho, envolto em vistosos pannos; os escravos seminús, e os bandos alegres e loquazes dos chypriotas, de cabellos compridos, presos com uma fita á maneira de diadema, de fórmas esbeltas, mal cobertos por curtos roupões franjados e tingidos de varias côres ás listas.

Neste formigueiro humano, levantado no tom, e rico de luz, ao qual o sol claro e quente augmentava o valor, accentuando os contrastes e fundindo os reflexos, encontravam-se as côres de todas as raças desde o alvo germanico dos soldados d'além Danubio, de cujos capacetes chispavam raios de fogo, até o negro cafre de pelle luzidia como ebano envernisado.

Por entre o falar d'accentuação aberta do grego, da harmonia do latim, sobre o fundo arameu da massa geral de pronuncia rapida, e onde as vogaes quasi que se somem, ouviam-se as variadas fórmas do semitico, desde o hebreu de Jerusalem, rigido e hieratico, até os sons gutturaes do beduino arabe, que viera negociar em gados, e atravessara o deserto, incitando com gritos estridentes os dromedarios pachorrentos e distraídos.

E toda aquella turba, formando uma torrente irrequieta, impetuosa, loquaz, invasora, ia como dominada por um unico pensamento, por um impulso irresistivel, sem attender a coisa alguma, mal se arredando para deixar passar os carros tirados por cavallos fogosos, e as liteiras que seguiam a custo, pelo espaço que lhes abria com violencia o esforço dos escravos, que em lotes de côres e divisões de raça, as precediam e escoltavam, outros tantos cardumes de etyopes, numidas e cafres, elles com uma simples tanga sobre os rins, ellas com as gargantas, braços, pulsos e tornezellos enleados de coraes e perolas, nús os seios turgidos, pequenos, redondos, como se tivessem sido talhados por um grego sensual, no marmore rijo e duro.

A esta multidão, que avançava por ondulações de grandes massas, vinha d'encontro outra chegada das povoações ribeirinhas do Oronte que desembarcara de pequenos barcos, recurvados na ré e na proa, vellas de pendão, singrando habilmente ao impulso do vento ou á força de dois remós.

Esta avalanche humana, naquelle dia 27 de maio de 341, decimo nono da acclamação de Diocleciano, e decimo primeiro da instituição da tetrachia, com que era governado o imperio, não tinha a mesma curiosidade varia dos dias normaes.

Debalde nos bairros mais afastados do coração da cidade gritavam os domadores de ursos, fazendo roncar as feras; os egypcios mostradores de macacos sabios e brincalhões perdiam o tempo obrigando os simios a darem as mais extraordinarias e grotescas cambalhotas. Nem os acrobatas arabes e nomadas, nem as danças gregas das encruzilhadas detinham a multidão, que lastimava a irreverente audacia d'essa chusma de farçantes, bufões e mimicos que se atreviam a exhibir-se em dia santificado como aquelle, em que sómente eram permittidas as visitas aos amigos, a comida em commum, as reuniões intimas, e nunca ser maculado nem pelo trabalho, nem pelos divertimentos grosseiros.

Era por isso que se achavam naquelle momento fechadas as pequenas officinas dos cinzeladores de joias e armas forjadas em Damasco, a dos gravadores dos vidros d'Alexandria; os estabelecimentos dos negociantes de estofos da India e Persia, as lojas dos artistas gregos, que, com a vaidade de serem admirados, costumavam retocar á vista do publico uns os bronzes de Coryntho, as estatuetas mythologicas, outros envernisar vasos de ceramica artistica, em cujo bojo, ou á roda do bocal, pretos ou vermelhos, fôra figurada inversamente, a vermelho ou preto, ao sabor dos temperamentos, em perfis tão correctos como animados de movimento, a religião, a vida social, a critica dos costumes, e até scenas aphrodisiacas,—outros tantos estimulantes para os libertinos extenuados.

Dos estrados dos seus carros, guiando cavallos ajaezados com fitas, flores e joias, debalde as hetairas com mitras persas, procuram attraír olhares cupidos, suscitando appetites, pelos impudentes rasgões das tunicas soltas, de gaze finissimo, deixando ora vêr ora adivinhar carnes nacaradas; e raivosas voltavam as redeas e recolhiam aos gyneceos perfumados, ou á sombra dos platanos á beira dos lagos, á espera de melhor occasião e de mais propicia hora.

Galero, genro e socio de Diocleciano, ia sacrificar a Jupiter Capitolino, e todos á porfia corriam a adorar o pae dos deuses, para não incorrerem na colera do cesar.

(Continúa)

O. Lino d'Assumpção

De Lisboa a Moçambique

Por ANTONIO ENNES

CAPITULO VIII

Moçambique — A vida — O batuque das facas *(Continuação)*

A adopção do *pancar*, que exige braços para o moverem, é facilitada pela numerosa creadagem que enxameia ao serviço de toda a gente que se preza. E estes enxames não representam tanto uma ostentação como uma necessidade, embora uma necessidade dilatada pelos habitos de indolencia e do sybaritismo dos patrões. Por muito bons que sejam, tres creados negros não fazem um bom creado branco; e para serem bons precisam ser educados desde muito novos, sob a disciplina do trabalho, por quem tenha geito para isso e saiba conciliar o rigor com a bondade, infundir temor e inspirar affeição. As familias antigas da provincia, herdeiras de antigos senhores de escravos, ainda hoje teem serviçaes fieis e submissos, que se lhes conservam adscriptos como se não fôssem livres, e entre esses se encontrarão algumas edições authenticas do typo do negro dedicado aos amos até a heroicidade, que tanto figurou nas novellas e nos dramas do romanticismo. Mas a generalidade dos que perderam as tradições da sujeição da sua raça, não cahiram em mãos que lhes déssem bom feitio, e nasceram e *civilisaram-se* no convivio dos brancos, constituem uma famosa cambada de ralaços e bebedos que muitas vezes accumulam essas prendas com as de gatuno. Em todas as apreciações que se façam do caracter dos negros é preciso distinguir, para ser justo, os dos matos e os das cidades, e a distincção é inteiramente desfavoravel para estes que na escola da *civilisação* apprendem mais vicios do que bons costumes, e desenvolvem mais qualidades ruins do que aptidões. Applicados aos serviços domesticos, os melhores d'elles são ralaços, o que fazem é por solfa, e teem a balda da divisão do trabalho. O que acarreta agua não sabe nem quer engraixar sapatos; cozinheiro que tenha gosto em si antes cozinhará as batatas com casca do que descerá a descascal-as; ao que faz recados parece mal fazer camas. Cada qual encarrega-se d'uma ordem de funcções muito restricta, e o tempo que d'ellas lhe sobeja é seu direito gastal-o a tagarellar ou a dormir. E', pois, indispensavel organisar largos quadros de creadagem com especialisação de attribuições, e reforçar esses quadros com addidos que suppram os impedimentos dos borrachões chronicos ou eventuaes. Felizmente não são exigentes quanto a salarios, e é barata a sua alimentação baseada no arroz cozido e nos restos da mesa, e por isso não ha europeu, por mais desafortunado, que não tenha algum *muleque*, e as casas abastadas poderiam fornecer com os seus serviçaes companhias de guerra, com quasi tantas vivandeiras como soldados.

Quando as casas são antigas na provincia, as relações entre patrões e creados negros participam da natureza das que existiam entre senhores e escravos, sendo, porém, beneficamente influenciadas pelos costumes patriarchaes portuguezes ainda hoje vigentes n'algumas provincias, que consideram o serviçal como um membro de familia. O creado leva a sua data de *cavallo-marinho* — assim se chama em toda a nossa Africa a uma bengala ou chicote feito d'uma tira de couro de hippopotamo — quando a merece, mas tambem se olha por elle e pela familia como por pupillos a cargo do coração dos amos. Fóra d'esses lares tradicionaes, hoje raros em Moçambique, os servos negros são geralmente tratados como os seus camaradas brancos no reino, como extranhos a quem se pagam serviços emquanto conveem, attribuindo apenas os patrões mais alguma liberdade de lhes fazerem sentir o peso da mão ou a rijeza da bengala, o que é tão salutar que, sendo regrado, chega a ser caridoso. Não são vulgares as sevicias exercidas por europeus sobre domesticos; muito mais se ameudam os casos de furtos e outras malfeitorias praticadas pelos domesticos em prejuizo dos amos. Os de violencia, não. Póde-se inclusivamente desancar um muleque e adormecer ao pé d'elle sem o menor perigo. Ninguem corre ferrôlhos nas portas das alcôvas; as dispensas e as gavetas é que precisam andar sempre debaixo de chave.

O hospede portuguez de Moçambique não encontra, pois, dentro da habitação innovações que lhe causem profunda extranheza: apenas acha a comida mais apimentada, applaude o *pançar*, repara em que os cortinados do leito soffreram ligeiras modificações de fórma a chamarem-se *mosquiteiros*, observa que as dispensas e os aparadores estão bem fornecidos de bebidas alcoolicas, e precisa alguns dias para se familiarisar com a escuridão dos creados, que o servem descalços, de pannos e camisola, quando não inteiramente nús da cintura para cima, e lhe deixam na alcôva um aroma que nenhum perfumista se atreveria a enfrascar com a sua etiqueta. Tambem esse hospede não tem de impôr a si proprio costumes radicalmente novos, a não ser o de se lavar a miude, se julgar essa cerimonia desnecessaria na Europa. Póde continuar a vestir-se conforme o figurino que tinha adoptado para passear nas tardes de verão em Cintra ou em Cascaes; entretanto, a propria commodidade e o exemplo alheio aconselhal-o-ha a mandar fazer, a qualquer alfaiate indiano, andainas de fato branco, de linho ou de algodão, lavavel e engommavel, compostas apenas de calças e casacos, curtos e direitos, abotoados na frente para dispensarem a ausencia do collete, — superfluidade quente, — e se quizer, com gola direita, como as das fardas militares, para tambem occultarem a abstenção da.. camisa e gravata. Toda a gente usa esses fatos, desde o governador-geral até o *muleque* ajanotado, e assim se nivelam as condições perante o calor. Custam, sendo de algodão: 2$500 ou 3$000 réis, fazenda e feitio, e assim podem-se vestir dois por dia, ainda a cheirarem a barrella. Na provincia não se fazem d'outros, a não ser na Escola d'Artes e Officios, que não póde aviar muitos freguezes, e nas lojas só se encontram feitas umas roupas inglezas de flanelas claras lizas ou de riscas, que parece terem sido talhadas de proposito para não vestirem bem em corpo algum. Quem, portanto, quer janotar, em Moçambique, encommenda o fato no reino ou no extrangeiro; mas por lá não se avaliam os livros pelas encadernações. Sem casaca é que se não póde passar, por causa das solemnidades officiaes, obrigadas ainda a esse uniforme que aleija e obscurece o europeu posto a par dos orientaes, de amplas roupagens magestosas e vistosas, e n'essas pompas tambem os altos chapéos de seda ousam exhibir-se em confronto com os turbantes, tão artisticos e tão commodos em paizes de sol. Felizmente, fóra d'essas paradas de funccionalismo, os tubos lustrosos cedem as cabeças aos largos chapéos de feltro ou de palha, e aos leves capacetes e *champignons* de cortiça encapados de branco.

N'esta questão de vestuario tem voto a hygiene, para, mesmo em opposição á commodidade, impôr a abstenção absoluta do linho e o uso ininterrupto da lã sobre a pelle. Abalisados doutores recommendam até que o europeu se cubra de lã desde o pescoço até os pés, e o famoso Jaeger aproveita a sentença para inculcar os seus productos, que até já aspiram a monopolisar a clientela dos leitos a mais da clientela dos corpos; mas essa recommendação elles que a sigam, se puderem supportar o lichen e as herpes que a roupa dos carneiros desenvolve na epiderme dos homens, em climas tropicaes. Lã envolvendo o thorax e algodão cobrindo o resto do corpo, é a minha formula conciliadora que experimentei com bom exito, e essa mesma não é commoda, ainda quando se substituam as flanelas e outros intoleraveis tecidos espessos e asperos pela mais subtil e macia malha. E' forçoso, porém, transigir com a negregada camisola de lã, ainda que ella se desenhe no tronco e nos braços em vermelhidões de lichen, porque só o seu agasalho, a sua faculdade de absorver a humidade sem se arrefecer, o estimulo que o seu contacto produz na pelle, permitte que quem anda constantemente inundado em transpiração ande com a mesma constancia a procurar e a aproveitar correntes e agitações d'ar, n'um paiz onde um resfriamento é quasi sempre uma febre. Acceita-se, pois, a protecção da lã para os pulmões ao menos; em compensação, deitam-se fóra as camisas e os collarinhos, os punhos que põem em contacto com a epiderme crostas de gomma de amido, que as exsudações amollecem e reduzem a massas viscosas; em todas as lojas de *monhés* ha bellas camisas, desafogadas no pescoço, de tecidos leves, e nomeadamente de seda, que não precisam pedir brilho ao ferro de engommar e dispensam tesuras de cartão para serem correctas e elegantes.

E como se vive em Moçambique, fóra de casa, nas horas em que os ocios pedem entretenimentos?

Vive-se, pouco mais ou menos, como nas pequenas cidades das provincias do continente, onde não ha espectaculos nem passatempos publicos, nem clubs, nem botequins, nem saraus ou partidas em salas particulares; — fala-se da vida alheia, discute-se a politica local, intriga-se, joga-se, desinquieta-se a mulher do proximo, bebe-se, boceja-se. No tempo secco, a praça de S. Paulo convida á noite, ouvintes para os concertos em que a banda regimental accommoda partituras européas ao temperamento artis-

tico dos canarins e dos cafres, ou para os ingenuos desconcertos da charanga da Escola d'Artes e Officios; mas o convite só costuma ser acceito por grupos de officiaes da divisão naval, que dão á praça aspectos e échos da famosa *casa da balança*, alguns paizanos que afinam melhor do que os musicos na execução de córos de má lingua, e bandos de negros que se sentam nas bordas dos passeios, esperando que o bombo lhes dê compasso para exercicios choreographicos ao ar livre. As senhoras absteem-se, em geral, d'estas escassas reuniões periodicas, ou porque entendam que a musica é só para homens, como certas leituras, ou para evitarem encontros que as compromettam á suprema violencia de dizerem mais palavras do que *sim* e *não*. A' ponte só vão aspirar brizas ou banhar-se em luar os que gemem saudades ou os que dizem segredos, e o campo de S. Gabriel, que de noite é escuro como selva, está reservado para entrevistas eroticas. A loja d'um *monhé* rico, o Jumá Grande, tem fóros de Casa Havaneza da terra, no passeio que a enfrenta sentam-se em cadeiras pequenos magotes em cujos enroupamentos brancos luzem galões doirados, e diz-se que, quando estes magotes palestram com as cabeças chegadas, avermelham-se muitas orelhas na provincia inteira e até no reino. No palacio do governo reunem-se os intimos de S. Ex.ª civil, jogam barato, trocam-se novas do dia, beberricam gazosas e aguas mineraes, ouvem o concerto nas janellas, que jorram para a praça clarões de petroleo e irradiações de gloria. Ha alguns *cafés*, que teem pequenos bilhares quasi entallados entre quatro paredes caiadas, guarnecidas de garrafaria com rotulos vistosos, mas são frequentados por arraia miuda, artistas, caixeiros, inferiores da armada e do exercito. Associações de recreio não as consente a insociabilidade da intriga e de malquerença; ha dois annos, só existia uma, organisada por sargentos. Festas publicas para povo ou nobreza, para europeus ou indigenas, não se celebra uma só em toda a roda do anno, a não serem as insipidas recepções officiaes ou as pobres solemnidades de egreja, e a iniciativa particular não lhes remedeia a falta. N'um comprido barracão visinho do mercado engenhou-se em tempo um theatro, a que se deu o nome de *Serpa Pinto*, como merecido preito tributado pela arte de representar ao illustre africanista, mas só de longe em longe lá vae colher louros alguma *companhia* improvisada a bordo dos navios de guerra. A um d'esses grupos devi eu o prazer de applaudir uma *recita de curiosos*, tanto em caracter, tanto á altura das lendas trocistas que teem celebrado esse genero de espectaculos inconscientemente buffos, como já por cá se não gosa nenhum, nem em feira aldeã: a ingenua, um grumete da altura do mastro da mezena que arrulhava ternuras no tom em que se

Moçambique — Estrada do interior

commandam manobras, era por si mesmo o disparate mais desopilante que póde imaginar um fazedor de farças. Tambem assisti, lá para as bandas do hospital, á commemoração do resgate de Angola por Salvador Correia de Sá, patrioticamente solemnisada pelos angolenses domiciliados na cidade por vontade sua ou mandado de justiça. Houve uma *kermesse* de estylo europeu, em que enfeitadas negras vendiam sortes brancas, e ao mesmo tempo *batuque;* celebrou-se uma sessão solemne, como na Sociedade de Geographia, pondo meias com um bufete, que vendia cardina. O presidente da commissão promotora, um ex-degredado negro que na guarnição da provincia ascendêra ás grandezas de cabo de esquadra, pronunciou um discurso lardeado de citações de Rousseau e Tito Livio, digressões historicas e commentarios philosophicos, phrases de carrilhão e palavrões de grande uniforme, que merecia ser archivado como exemplar raro de asneiras. Mas estas festanças são da plebe com aspirações a civilisada; a *sociedade* não se mette n'ellas, e tem outras de caracter publico ou privado. Tempos houve em que alguns governos foliões a trouxeram n'uma roda viva de saraus e passeios maritimos ou campestres, que opulentaram as chronicas picarescas da terra; mas esses tempos passaram e os costumes apacataram-se. Apenas algumas familias se juntam a largos intervallos, para fazerem um *pic-nic* na Cabaceira Grande ou no Mossuril. Um que outro caçador vae matar aves maritimas nos mangaes, ou desencantar rôlas e perdizes nos palmares da terra firme. Jogos gymnasticos só teem voga entre os extrangeiros. Os inglezes do telegrapho e um commerciante portuguez representam o *sport* nautico, vellejando na bahia em escaleres elegantes. Do movimento intellectual, instructivo ou recreativo não ha uma vibração. Todos os livros que existem no districto, fóra das repartições publicas, não encheriam uma caixa de botijas de genebra. Na cidade publicava-se d'antes um periodico semanal, cuja typographia se installara no casco do vapor *Quilimane*, encalhado na praia e ligado por uma passadeira á casa do seu proprietario; mas esse *orgão* só era tocado nas notas agudas pelos mexericos locaes e nas notas graves pelo pedantismo estopante.

São estas as notas principaes que ácêrca dos costumes de Moçambique pode tomar o observador que não espreita nem escuta pelas frinchas das portas das casas. O que se passa lá dentro mereceria uma descripção especial. As numerosas colonias asiaticas absorvem-se na tarefa de juntar dinheiro; a pressa de exportarem para a India, por todos os vapores, libras de ouro ou libras de marfim dispensa-os de somenos gosos. Apenas celebram festas rituaes, nas mesquitas, luzindo galas e psalmodeando orações, e fóra dos templos, juntando-se em ágapes de arroz e hervagens e queimando ás portas das lojas *panchões*, a que nós chamamos estallos da China. O unico elemento de população vivo, expansivo, buliçoso, folgasão é o indigena. Trabalhador ou vadio, civilisado ou inculto, o negro tem quasi tanta paixão pelo canto e pela dança, — que se associam no *batuque*, — como pelo matabicho. Os carregadores de alfandega, vergados sob o peso dos fardos, cantam em côro melopêas selvagens; cantam os barqueiros puxando pelos remos; os machileiros acertam o passo pelo compasso das cantigas. A's horas de folga, agitam-se as pernas emquanto os hombros descançam. Na ilha e na terra, é rara a noite em que as aragens não espalham resonancias do *ckoma*, do tambor denunciando que n'algum quintalejo ou na propria praça publica, na clareira d'um palmar, sobre a areia da praia ou junto a um grupo de palhotas, magotes de indigenas estão gosando, sem nunca se saciarem, as fortes sensações do severo *marikosse*, batuque em que só entram executantes masculinos, ou de affeminado *scrirê*, exclusivo das mulheres, ou d'um *usassa* ou *sarissa*, em que os prazeres puramente choreographicos se condimentavam com os attractivos da promiscuidade de sexos. Em vesperas de lua nova, lá para o interior tripudia o *kioto*, que dura quatro dias, desgrenhado, phrenetico, em que os pares muitas vezes rollam no chão tontos ou extenuados, e que cohonesta o seu delirio com intenções supersticiosas: no *kioto* descobre-se quem tem o dom de adivinhar, a prova que se lhe exige é encontrar uma panella de *pombe* escondida para essa prova pelas *mkulukana-kioto*. Estas folias são quasi sempre animadas por copiosas libações, de bebidas indigenas ou *civilisadas*, e os moralistas accusam-n'as de serem occasião de torpezas, pelos cortinados das trevas e pelos biombos da vegetação.

D'entre estas danças sobresae, pela sua originalidade e por ser raramente executado, o *batuque das facas*, cuja denominação em idioma macua inteiramente ignoro. Não o encontro memoriado por nenhum dos viajantes que publicaram as impressões das suas visitas a Macuana, e por isso me detenho a descrevel-o.

O Ali.....

Como o vaidoso se lastimaria se eu o não apresentasse! O Ali é um rapazola macua, dotado d'um par de beiços que ao meio dia lhe abrigam do sol toda a frente do corpo. O commandante militar do Arnangua desta-

cou-o para serviço da minha palhota quando estive na Beira penando peccados alheios, e eu nomeei-o meu *muleque*, honraria a que elle, desvanecido, correspondeu com os mais attentos, embora ás vezes os mais desastrados, desvelos pelo bem-estar do patrão. Um dia, — por exemplo, — servindo-me á mesa no palacio de S. Paulo, onde estava só, o Ali, que rebolava os olhos brancos na face de azeviche para bem observar como comia um *grande*, viu-me deitar fóra as pelles, espessas e engelhadas, d'umas uvas com que me tinham presenteado; no dia seguinte, quando fui jantar, encontrei entre as sobremesas, uma pyramide de bagos, esmeradamente pellados pelos dedos d'ebano do meu previdente negro. Tanto me enterneci com este rasgo carinhoso que tive coragem para comer as uvas, e trouxe o Ali para Lisboa!

Mas por cá estragou-se. Deu em janota. Gastava tudo em lencinhos bordados a côres, que entalava artisticamente no bolso do peito do fraque, com a ponta de fóra. Galanteava as creadas de todas as familias das minhas relações e apaixonou-se pela Geraldine, a quem chamava *menina bonita*. Furtava-me rosas para lhe atirar á sahida da liça, e uma noite entrou em casa ás cambalhotas, manifestação de regosijo muito sua, porque, tendo arremessado o bonnet á acrobatica diva, ella entregára-lh'o rindo-se. Na segunda viagem deixeio-o em Africa, para não augmentar um vulcão á geographia da Europa. Pouco antes de se separar de mim, pediu-me que em galardão dos seus serviços e memoria das suas viagens, lhe conferisse o appellido de *Gente*, para assim desmentir a desrespeitosa sentença, que muita vez ouvira, de que pretos não são gente. Por minha mercê, chama-se hoje, pois, *Ali Gente*, e para mais se nobilitar cobriu o estigma de *muleque* com o brazão de servente das obras publicas. O Ali tinha-me dito que havia na Cabaceira Grande, onde estavamos então, um batuque de arromba, coisa nunca vista nas Europas, em que os dançantes, nos paroxismos do enthusiasmo choreographico, golpeavam as carnes com facas e cravavam punhaes no ventre. — Sior, é verdade! juro! — e, com uma convicção forte, que se accentuava em chorrilhos de palavras e sarilhos de gestos, accrescentava que os taes batuqueiros até cortavam cerce as cabeças, tornavam a pôl-as sobre os pescoços, e, prompto, podiam beber um garrafão de *mata-bicho* sem se lhe entornar uma gotta pelo côrte! O Luiz, uma torre de carne e osso, que estava ao meu serviço como sipal, confirmava a mirifica narrativa, e ainda ia mais longe: offerecia-se denonadamente para me fazer presencear, alli mesmo, á porta do palacio, uma d'essas sirandas de sangueira. Se eu désse 4 ou 5 rupias arranjava-se para logo o sarrabulho!

Moçambique — Um batuque

— Pois vamos a vêr isso! consenti eu, afinal.

Não suppuz que os pretos quizessem mys-

tificar-me, comquanto não désse gasto ao *cavallo marinho;* imaginei antes que alguns embaidores figuravam as scenas cruas, que elles me descreviam, com manhas de persuadir da sua realidade os espectadores ingenuos, de si propensos a acreditar no incrivel. Dispuz-me, pois, para assistir a uma engenhada pantomima, e, intrigado especialmente com as degollações, projectei opulentar o boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa com uma erudita memoria sobre as origens africanas do Nirudy-Khan.

O Luiz, o colosso, foi de manhã, esgalhando-se na carreira, chamar os pantomimeiros, e julgo que foi muito pela terra dentro, porque era já noite escura e ainda não tinha voltado. A minha incredulidade chegou a suspeitar de que o farçante fugisse, como empresario sem companhia; mas, evidentemente, só eu era incredulo. Em casa e nas vizinhanças notára-se alvoroçada expectactiva do acontecimento famoso. Os sipaes e os gentios degredados tinham passado o dia a palestrar no quintal, acocorados ou deitados de bruços em esteiras, com effervescente mimica e prodigiosa variedade de inflexões admirativas; o cozinheiro deixara queimar o jantar; as filhas do pharoleiro vizinho haviam sido vistas, sentadas á torreira do sol, cardando as carapinhas, e vestiam os seus *quimáus* de gala, bordados a trancinha; o Ali andava azaranzado, jurando a todos que sim, que cortavam as cabeças, que logo veriam, que era tudo a valer! Ao entardecer começaram a juntar-se curiosos no terrado em frente do palacio: vieram pretas, derreando os quadris, com as crias penduradas ás costas; rapazitos pançudos, exhibindo umbigos do volume de nozes, mas cobrindo castamente o toutiço com barretes brancos redondos; machileiros de camisolas listradas, trabalhadores trajando saccas de grosseria furadas no fundo e nos cantos para darem passagem á cabeça e aos braços, mouros de camisas lavadas até os pés sujos, e esta chusma palreira, hilariante, movediça, encruzou-se na areia, abancou em troncos cortados de coqueiros onde os mangussos costumavam fazer acrobatíces, em pittorescos grupos anciosos. E não se moveu apenas a plebe do sitio; um indio dos arredores, pessoa grada, fazendeiro e auctoridade, pediu-me logar nas janellas para a esposa, uma figura opada de cara amarella, espessas tranças de azeviche a escorrerem gordura, dentes esmeradamente tintos de preto, inverosimeis olhos bistrados maiores que toda a cara, enfaixada até o queixo em peças de seda sem feitio. O que me custou a impedir que o Sampaio, o meu jovial secretario, risse ás descancaras d'aquelle manequim de bazar oriental, que elle desejava averiguar se era de roca!

Grande reboliço annunciou por fim a chegada dos farcistas, vinte ou trinta matulos de aspecto sordido, um dos quaes vinha vaqueteando em surdina no indispensavel tambor de batuque, — um cylindro ôco de madeira mal apparelhada, tapado n'uma das extremidades com uma rija pelle fortemente tendida e embebida em não sei que drogas. Complicava-se, pois, o caso; havia uns descarados que contavam embustear-me, talvez com bexigas de sangue de cabrito e cutellos de latas de sardinhas: pois veriamos!

Mas como havia eu de vêr, afinal? O Cruzeiro do Sul não me dava luz para differençar uma cabeça de preto d'uma cabeça de carneiro; os proprios vultos que fervilhavam lá em baixo, só os distinguia ao passarem pelas esteiras luminosas que das janellas se extendiam pelo terrado. Era certo que os sipaes estavam juntando accendalhas, e já bruxeleavam aqui e acolá chammasinhas vermelhas laivadas por espiraes brancas de fumo; mas a illuminação vacillante de fogueiras não bastaria para descobrir os *trucs* dos batuqueiros, que provavelmente haviam tardado para terem a treva por comadre. N'essa não cahiria eu: antes adiar para a manhã seguinte o *batuque das facas!* Assim o determinei. Bailassem á vontade, mas guardassem a cabidella para a hora do almoço, porque tambem o sol a queria saborear! E fui dormir, convencido de que tinha honrado a superior argucia da raça branca!

Pela noite adeante, se me accordava ferroada de mosquito ou voejo de barata nas pregas do mosquiteiro, ouvia o monotono *tum, tum, tum,* do batuque, e divisava pelas fendas das persianas clarões rubros de fogueiras; mas sorria-me por dentro, pensando que se os homens ainda lá estavam, recolheriam com os morcegos ao raiar da aurora. Pois não recolheram tal! Quando me levantei, já o sol ia alto, mas o batuque proseguia incançavel, gosado pelos mesmos espectadores da vespera, estiraçados na areia banhada pelo sereno, junto de montões de cinzas fumegantes. Decididamente, os impudentes affrontavam a luz do dia e a vista dos brancos: Ah! bom *cavallo-marinho!* Installei-me na varanda, todo eu olhos perspicazes, e mandei começar a indromina.

Redobrou de sonoridade o tambor, entallado entre os joelhos do tangedor acocorado, e uns vinte negros, formados em circulo, mas soltos uns dos outros, principiaram a rodar lentamente, agitando os membros a compasso. Tinham physionomias vulgares; apenas notei um, ainda moço, vestido de *monhe*

pobre, secco e musculoso, de esgalgado pescoço sulcado de grossas cordoveias, em cujos olhos raiados de sangue havia um fulgor de desvairamento. Não estavam bebedos, porque eu tinha tomado a precaução de prohibir que lhes déssem de beber, e não havia baiucas nas redondezas. Giraram, giraram, e a pouco e pouco accelerou-se o giro e desordenaram-se as gesticulações; saltavam ora n'um ora n'outro pé, e agitavam os braços, bamboleavam os quadris, meneavam a cabeça, careteavam, torciam o tronco, cada qual segundo a sua inspiração choreographica, mettendo os tregeitos na solfa do tambor. Quanto a facas e a punhaes, a ferimentos e decepações, nem suspeita: os bailões até se mostravam tão inoffensivos que evitavam embates de cabeças, não brotassem chispas que incendiassem as carapinhas! O famoso batuque, afinal, parecia-se com todos os outros, hypnotisantes á força de monotonia.

— Sior, estão a aquecer! observou um entendedor, que deu fé do meu desapontamento.

De facto, activaram os esgares e as contorsões, e a tresudação copiosa retingiu-lhes as negras epidermes; agora, rodando sempre, pinchavam, desarticulavam-se, desengonçavam o pescoço parecendo sacudir a cabeça para fóra dos hombros. Appareceu emfim a ferramenta da chacina; facas e navalhas sahiram das pregas das roupas, e foram lustradas nos pannos, afiadas em pedras, floreteadas em passes de agilidade. Para maior colorido de verdade, os farçantes arregaçaram as mangas até os hombros, como se lhes parecesse pouco todo o braço para a retalhagem; mas, attentando-se bem, percebia-se que os gumes e os fios eram cuidadosamente desviados das carnes, e custava a crêr que tão tôsca e desastrada pyrrhica illudisse negros providos de pares de olhos telescopicos, que percebem o disco lunar no dia do novilunio. Sem a minha gravidade official teria gritado: *fóra!*

Mas foi por deante o corropio, de mais e mais revolto, animou-se o *tum, tum, tum,* do tambor, os curiosos alongaram os pescoços e dilataram as pupillas, e pareceu-me vêr as facas baterem nos braços e ante-braços, nas pernas, de cutello, a golpes crebos, rijamente. Era bem fingido, illudia; comecei a desculpar a boçalidade dos indigenas! O tambor tornou-se phrenetico, os dançarinos convulsionaram-se como epilepticos, os espectadores explodiam em interjeições de jubiloso pasmo, e... eu cahi então do desdem incredulo n'uma convicção enfurecida! Era verdade, era a valer, era sangue, sangue humano, que avermelhava as laminas, que borbulhava dos sulcos abertos nas carnes, que pingava no chão, que salpicava as roupas! Parem, selvagens! basta, canibaes! gritei, barafustei, dei murros na varanda, mas o tambor ensurdecia, a grita atordoava, as facas iam cortando, o sangue alastrava na areia! O cabo de cipaes teve de agarrar os desvairados pelos hombros, de fazer rolar o tambor com um pontapé, de espalhar cachações pela turba, para pôr termo ao repugnante espectaculo!

Chamei alguns dos figurantes para lhes vêr os ferimentos, e viu-os tambem um medico distincto que commigo estava, o dr. Moura Borges; tinham o braço, do pulso ao cotovêllo, sarjado por extensos golpes obliquos, cujos riscos vermelhos se cruzavam com as cicatrizes negras de cortaduras antigas. Reprehendi-os asperamente.

— Sior, nós gosta! foi a desculpa.

— E agora como se curam? como vedam o sangue?

— Sior, deita terra em cima e está prompto!

O Ali afiançou-me, com a maior seriedade, que se eu não tivesse interrompido a festa tão extemporaneamente, os homens tambem teriam cortado as cabeças.

Nenhum ethnologo deixará de reconhecer n'esta choreographia furiosa a influencia das danças famosas dos derviches.

ROMANZA

(A Maria Pereira de Seixas)

POR

AD. BRINITA

Poco andante

Piano

mf

Il canto ben mârcato

Ped.

Ped. Ped. Ped. Ped.

cresc.

Ped. Ped. Ped. Ped. Ped. Ped. Ped.

f

dim.

atempo

rit.

mf

Ped. Ped. Ped. Ped.

NUNES DA SILVA P. Marinha gr.

8a
cresc.
f
Ped.
ff
dim.
molto
p
dim.
f
P. Marinho gr.

p
p
Ped.
Ped.
Ped.
Ped.
cresc.
poco rit.
a tempo
mf
Ped
Ped.
*
Ped.
Ped.
Ped.
Ped.
cresc.
Ped.
f
dim.
Ped. Ped Ped. Ped. Ped.
Ped.
Ped.
e rit.
a tempo
mf
Ped.
Ped.
Ped.
Ped.
cresc.
8.a
Ped.
Ped.
Ped.
P. Marinho gr.

Sob o pseudonymo de Ad. Brinita *occulta-se uma gentil cultora da arte musical, eximia pianista que abrilhanta os salões da nossa sociedade com os primores da sua distincção e do seu talento. Os* Serões *reconhecem-se agradecidos pela amavel collaboração da sua «Romanza», toda plena de delicado sentimento.*

Dança campestre — Quadro de P. P. Rubens

ENTRE DUAS REVOLUÇÕES

Ao encerrar a camara,* depois de oito mezes seguidos de trabalho, a rainha consignou o seu applauso aos legisladores pelo modo como tinham procurado cicatrizar as feridas da patria, abertas pelas luctas passadas. Felicitou-se pelo socego publico, contrastando com os acontecimentos que se tinham produzido na Europa. Pediu aos representantes do paiz, que, durante o descanço em que iam entrar, inspirassem aos povos o amor pelas instituições vigentes, «com os sentimentos de obediencia ás leis e ás auctoridades, não esquecendo o amor ao trabalho e á moralidade», unicas fórmas de assegurar a felicidade da nação e de levar de vencida a *propaganda das idéas exaggeradas.*

Os progressistas, esses, despediram a camara como quem despede um fardo importuno. Reputavam-n'a machina de oppressão alçada sobre o paiz. «Não ficavam desaffrontados, — diziam elles — mas ficavam com menos peso». O *Periodico dos Pobres* tinha por esse tempo no norte um papel popular, como o do *Primeiro de Janeiro*, mais tarde. As cartas que de Lisboa lhe escrevia o *Braz Tisana*, — S. Bandeira — faziam opinião pela justeza da critica e constituiam auctoridade pela segurança da informação. Muitas occorrencias intimas eram alli referidas, muitos factos politicos eram alli noticiados, antes de terem manifestação ostensiva, em Lisboa. N'essa occasião os *Pobres*, — dizia-se assim por abreviatura, como depois, pela mesma rasão, se disse o *Janeiro* — publicaram a critica á sessão que acabava de encerrar-se. O artigo fez furor entre os elementos da opposição ao governo. O resumo d'essa apreciação, só apparentemente placida, era «de que a nação não podia estar satisfeita com os seus procuradores ao parlamento de 48». Não acreditava, tambem, nos trabalhos promettidos para janeiro e fundava o seu scepticismo, «na corrupção, na immoralidade e no egoismo» que via em ordem do dia. O remate é que punha uma nota muito justa, muito verdadeira, sobre a incongruencia d'um parlamento, que *na camara dos pares funccionava sob a presidencia do chefe da opposição*, — o duque de Palmella, — e na camara dos deputados se resentia da «desaggregação produzida pelo chefe que a maioria tivera no começo!»

«Mas que podia a nação esperar d'uma camara de pares cujo presidente capitaneava a opposição ao governo! Que podia ella esperar d'uma camara de pares atulhada de homens que ainda ha pouco foram amnistiados!! Que podia a nação esperar d'uma camara de deputados, cuja maioria movel não tinha chefes que a levassem aos combates! Cuja minoria, parte excentrica e parte vulcanica, se resente a cada instante da sua infeliz origem!!»

A' theoria acertada dos *Pobres* contrapunha o *Estandarte* a sua. Para este orgão do primeiro *leader* da camara popular, se o parlamento não tinha produzido o que d'elle se esperava é porque os ministros o esterilisavam, visto como em si proprios traziam vicio constitucional. Sendo a sua conservação, «um verdadeiro crime politico», elles não podiam exercer as suas funcções, sem atraiçoar as

---

* *Em 1848. O artigo que segue é um capitulo d'um livro (edição de M. Gomes) que sob o titulo acima o notavel jornalista politico sr. Barbosa Colen vae publicar agora, reunindo ás suas notas de estudo sobre uma época parlamentar bem caracteristica da sociedade portugueza. Esta revive e resurge ao leitor na suggestiva discripção, no commentario ironico, na citação adequada, na approximação calculada dos factos, na pintura dos caracteres e na critica dos costumes que a penna vibrante, finamente acerada do escriptor vae gravando a bem marcados contornos em cada pagina da sua obra de investigação historica.*

regras do direito constitucional e sem pôr em conflicto os diversos interesses do Estado. E desenvolvia os motivos: «O ministro da fazenda é administrador da casa de Bragança, — a qual é crédora ao Estado de sommas talvez superiores a 400 contos de réis». Como havia o administrador, o *fiel*, o *agente*, decidir, para ser ministro recto? «O ministro das justiças é escrivão da misericordia». A misericordia é crédora do Estado, representa grandes interesses especiaes. Subordinada á acção administrativa, — como havia o seu escrivão de harmonisar as suas funcções com as de ministro, e as de fiscal com as de fiscafisado? «O ministro dos estrangeiros é membro da commissão liquidadora do Grão-Pará e Maranhão». Como havia de prejudicar os interesses dos seus mandatarios, justificar os 600$000 réis que recebia d'elles — occupando-se com o zelo preciso dos negocios da nação? «O ministro do reino é mordomo-mór do palacio». Todos os publicistas estavam de accordo em sustentar, como uma das primeiras condições constitucionaes, a acção livre dos ministros. «Poderá ser livre a acção do ministro que é ao mesmo tempo famulo do Paço?»

José Bernardo da Costa Cabral

Esta analyse dos motivos de incompatibilidade nas funcções do governo, que o *Estandarte* explanava detidamente; esta maneira de demonstrar que com taes ministros não podia haver camaras boas, nem administração proveitosa, exasperava muito mais o governo do que os artigos de Sampaio, que eram pessoalmente aggressivos, — accusando o Falcão, da fazenda, por andar armando um palacio, no Campo de Sant'Anna e uma quinta, na Arrentella, — e denunciando o José Elias, da justiça, por *levar vida milagrosa, sendo um devasso*: ——

«O sr. José Elias tinha alcançado estar isento, no trato social, da maior parte das conveniencias a que um homem brioso se obriga e com sorrisos banaes e capciosos grangeou a sua vida milagrosa. Por muito tempo entenderam todos os homens publicos que elle andava na politica como andam os gaiteiros nas festas aldeãs e todos deixavam viver o pobre caturra á custa das suas macaquices. Agora sabe-se que é um perseguidor e um devasso.»

Saldanha merecia apreciação mais demorada e notas mais desenvolvidas. Estudava-o em duas phases diversas. Na *primeira* era assim: ——

«A primeira época da sua vida passou-a nas tergiversações e incertezas consequentes d'estas pechas. Não enganava. Mudava de posição quasi insensivelmente. A sua instabilidade era innocente. Entregava-se ao primeiro que o affagava; que fazia festas á sua ambição, mas entregava-se lealmente. Não era de partido nenhum e era de todos, porque não sendo de si mesmo, não podia dispôr com segurança dos seus affectos e das suas idéas. As suas determinações eram em relação a elle verdadeiros acasos. A intelligencia não tinha parte n'ellas. Nos corrilhos politicos, no jogo dos partidos, é que estava a sua historia, e a rasão dos seus procedimentos. Era um automato tão bem arremedado, e com os movimentos tão concertados, que parecia gente e não o era.»

Na *segunda* phase, o pintor desfeiava mais o retrato primitivo: ——

«Hoje peorou. E' ruim de condição, refalsado, violento, máu e intrigante. O seu caracter negativo determinou-se afinal pelas peores qualidades. E' como um homem que passando a maior parte da vida em esturdias, se declara por grande vicioso no seu ultimo quartel. Amadureceu na maldade.»

Com estes trechos fica indicado um dos themas favoritos do jornalismo da opposição no intervallo dos trabalhos parlamentares de 1848-1849. Discutiam-se os ministros, accusavam-se e desacreditavam-se com particular rancôr, — mas, como o leitor se terá apercebido, mesmo nas accusações mais violentas se punha cuidado na fórma litteraria do dizer. Procuravam-se com cuidado as formulas concretas — o que dava, mesmo no uso das vulgares injurias, a impressão da cultura de quem escrevia. Era assim, por exemplo, que, no *Popular*, até o *Pandorra*, José Carlos — de todos os jornalistas da época o menos lettrado, — respondia á *Revolução de Setembro*:

«*A Revolução de Setembro* quando sahe da estrada do vicio, da corrupção e da calumnia, *estende-se como uma sendeira*. Podia ter mais vergonha já que tem tão pouca capacidade.»

Desde o encerramento da camara até á reabertura dos debates, em janeiro, seguiu, activa e violenta, a polemica dos jornaes. O

governo, durante esse mesmo periodo, occupou-se em descobrir e inutilisar os trabalhos a que se entregavam os que queriam derrubal-o, por meio d'uma revolta séria. Sampaio mettia a troça essa preoccupação dos ministros, e explicava, «ter em seu poder duas filhas d'um official influente em refens». O que se tramava não era tão pouco sério como assim se queria inculcar, n'estes dizeres ironicos, porque as buscas por vezes revelaram o esconderijo de armamentos e munições: d'uma vez, n'uma casa na Ajuda, encontraram-se 30 armas, 72 lanças, 21 bayonetas, 580 cartuchos, etc.; de outra vez, em outra casa, appareceram, 11 pistolas, 120 chuços, 66 espingardas, 66 bayonetas, 2 clarins, 7 espadas, 105 massos de polvora embalada, etc. Passado pouco tempo correu que os sargentos de infanteria 10 tinham tentado sublevar o regimento. A occorrencia envolveu-se n'um certo mysterio, mas apurou-se, pouco depois, que 4 sargentos d'aquelle regimento tinham soffrido baixa de posto e um tinha tido passagem para o batalhão naval, sendo logo expedido a bordo do brigue *Douro*.

Antonio Rodrigues Sampaio

Pamphletos incendiarios eram distribuidos com profusão, e proclamações convidando o povo e o exercito a revoltarem-se, foram por vezes apprehendidas. N'uma d'essas, apparecia a assignatura de Sampaio, como secretario da commissão central democratica, e «encarregado de toda a correspondencia para a concentração dos esforços a empregar.» O jornalista protestou em carta dirigida ao seu editor, e publicada na gazeta. Dizia elle, que derrubaria o governo se podesse, porque entendia que fazia um grande serviço á patria, mas que não escrevera, nem subscreveria as proclamações que lhe eram attribuidas. E explicava assim a rasão porque não assignaria o tal papel: *Para dar vivas a S. M. não me queria tornar criminoso.*» Succedeu, por este tempo, quererem os realistas convocar os seus, n'uma casa da rua Direita de Santa Martha, 5. Diziam tratar-se de organisar uma commissão de beneficencia, para acudir aos correligionarios. Foi negada a licença para a reunião, — porque o marquez de Fronteira, no governo civil, alcançára a prova de que se andavam alliciando officiaes entre os realistas convencionados de Evora Monte. O conde de Barbacena, chefe do partido, publicou uma carta, ua *Nação*, afastando de si toda a responsabilidade n'essas manobras, «que elle não auctorisára.» Os setembristas exasperaram-se. Accusaram a *Nação* de denuncia á policia, e abriu-se, entre os jornaes, uma furibunda polemica, que mais serviu a comprovar não serem ficticios os receios do governo, nem simples. . invento da policia as reuniões e manejos em que occultamente se andava. A *União* amedrontou-se tanto com as noticias assim apuradas, que pedia, com insistencia, uma lei *marcial*. Outros, dos affeiçoados d'esta gazeta, tomaram logo um expediente *marcial*, — mas fóra da *lei*: arrebanhando alguns soldados e cabos, atacaram, de noite, a imprensa da rua das Adellas, onde se imprimia o *Rabecão*, — maltrataram os que encontraram ali e atiraram com o typo do jornal pela janella fóra.

Emquanto os dias se iam assim passando. assignalando, successivamente, novas occorrencias, o processo dos presos politicos recolhidos no Limoeiro, seguia com a mais propositada lentidão. O escrivão requereu ao juiz que lhe marcasse praso para o traslado, que havia de subir á Relação. O juiz deu-lhe 35 dias. Viu-se, depois, que o processo não tinha mais de 35 meias folhas de papel, — o que accusava da parte do magistrado um grande cuidado em poupar o escrivão ás vigilias — a que o podia obrigar a copia, sendo fatigante! Mas não ficou por aqui. Quando estava a findar este larguissimo praso, o escrivão appareceu. . de braço ao peito. De braço ao peito, claro é, estava impossibilitado de escrever, e, como havia segredo de justiça, ninguem mais podia tirar o traslado. Foi preciso novo praso! Deve notar-se, como contraste, que, por esse mesmo tempo, os governos em França e em Hespanha estavam dando exemplo, frisante, da rapidez dos processos, nos crimes de conspiração contra a ordem publica. Em Paris, os tribunaes da segunda republica, em 4 mezes, julgaram milhares de presos. Em Hespanha ainda era mais rapido: desterravam-se todos os dias ás centenas, sem processo nem sentença!

Tudo acaba, até os expedtentes dilatorios! A 6 de novembro a Relação deu provimento no aggravo aos presos e mandou-os pôr em liberdade. Vieram, pois, finalmente, para a rua, Manuel José Mendes Leite, Manoel de Jesus Coelho, Antonio José Duarte Nazareth, Joaqnim Henriques da Fonseca. Luiz Diogo

Leite, Ricardo Borges Diniz, Francisco José Pereira e Horta, Francisco Casimiro Judice Samora e Joaquim Maximiano Madeira Pinto. O accordão reconhecia que as testemunhas ou tinham deposto falsamente ou eram contradictorias e singulares.

Coincidindo com tudo isto, e como que a animar os que aspiravam a um movimento revolucionario, de fóra continuavam a chegar noticias sensasionaes. O imperador da Austria abdicava; o Papa fugia para Gaeta; Luiz Napoleão era eleito, contra Cavaignac, para a presidencia da republica; a assembléa da Prussia era dissolvida á mão armada; em Hespanha a revolta irradiava da Catalunha para as outras provincias. «Chegava a ser uma vergonha, — berrava-se nos cafés, — que só em Portugal se não soubesse resistir a esse *Hercules de palha*, que estava no governo apoiado pelo conde de Thomar!» O governador civil, sabendo que estas prédicas tinham como pulpito as mezas do *Suisso*, mandou intimar o proprietario, que era então Jorge Runher, para que não mais ali consentisse conversas politicas. O botequineiro affixou no estabelecimento um aviso, com a ordem que recebera — e por sua conta decretou a pena de expulsão immediata, que se applicaria, irremessivelmente, aos que contraviessem estas instrucções. Tanto bastou para que a ferocidade d'estes frequentadores e palradores se accommodasse ás circumstancias!

Antonio José d'Avila

Recorreu-se então a outra ordem de manifestações, que serviam como de revista ás tropas do partido e não implicavam transtorfio de maior aos que andavam desavindos com a situação politica: aproveitaram-se, para manifestações, as festas e cerimonias. D'estas ultimas até as funebres serviam! Em S. Luiz mandou a colonia franceza celebrar exequias pelos que tinham morrido em Paris, nos ultimos dias de junho, defendendo a republica. Cahiram lá todos os adversarios do ministerio Saldanha — mas toparam com este. que tambem fôra, por já a esse tempo, 12 de agosto, ter reconhecido o governo que a França escolhera. Foi uma decepção, tanto mais sentida quanto os partidarios do marechal tinham ido mais cedo e tomado quasi todos os logares do pequeno templo, ficando na rua, á soalheira, que era de rachar, os manifestantes progressistas! As toiradas é que tiveram muito maior exito como meio de propaganda... contra o cabralismo. Os dois lados do Tejo, Lisboa e Almada, serviam, successivamente, para farpear a valer os bichos e para fazer pegas, de pirraça, á policia do marquez de Fronteira. Abre-se, pois, no capitulo, um parenthesis explicativo... da tauromachia na politica.

A primeira d'essas toiradas memoraveis foi no Campo de Sant'Anna, no dia 13 de junho. Os bois foram gratuitamente offerecsdos pelo conde de Belmonte e barão de Almeirim, sendo este ultimo quem presidiu ao torneio. Na previsão da concorrencia, as portas da praça abriram ás 2 horas da tarde, embora a lide só devesse começar ás 5. Limpo o *redondel*, aguado o terreno, vieram os homens de forcado, com os caixões e as farpas, que depozeram no logar do estylo. Serviram, n'esta tarde, n'este cargo humilimo, João Christiano Velloso da Horta, Luiz Pereira Forjaz, José Ignacio Rodrigues Teixeira Mourão, Antonio Gomes Belford, Luiz Antonio Soares, Antonio José de Sousa e Almeida e F. M. A. e J. M. E. — que não quizeram dar o nome por extenso para o cartaz. O neto era Antonio do Canto e Castro, que, acompanhado dos seus andarilhos, fez as cortezias e convidou a entrar os dois cavalleiros: o conde de Vimioso e Joaquim Antonio Victo Moreira. Com estes entraram na praça os capinhas: D. José de Almeida Mello e Castro, Luiz Maria Telles de Mello, Manoel Rodrigues Martins Raymundo Antonio de Bulhão Pato, Francisco Monteiro Talone, D. F. de Carvalho, Luiz Aranha de Menezes, Antonio Augusto Coelho de Magalhães, Foancisco Raposo Espargosa, Jorge Guilherme Lobato Pires e A. M. P. Os moços do toiril eram Francisco Carneiro Zagallo e Luiz de Mello e Castro.

Duas bandas regimentaes tocavam successivamente. A praça toda estava engalanada. Houv eum toiro para os curiosos. Não ficou um logar vago. A cada sorte o enthusiasmo explodia, n'um brado caloroso e unanime, que parecia ronco de tempestade! N'uma das occasiões, quando os forcados se conçavam, embalde, para apanhar um toiro, o *sol* poz-se todo em pé, clamando: *basta! basta!*

O gado era de pura raça. O conde de Vi-

mioso nunca esteve tão feliz: «excedeu a sua propria reputação». Victo Moreira picou, tambem, «com muita pericia». As pégas foram magnificas, especialmente uma, de cara, de Luiz Forjaz, e outra, de cernelha, de José Horta. Os capinhas bandarilharam com galhardia, e metteram grande quantidade de ferros, — porém Mello e Castro, sempre muito dextro em *passar de capa*, ficou ferido n'um pé, logo ao primeiro touro. N'um dos intervallos, D. João de Menezes e Mello e Castro, vestidos de selvagens, — montados em cavallos em osso, guiados apenas por uma fita, — farpearam com perfeição o boi para curiosos, e alcançaram grandes ovações.

Para que se não possa suppôr de pura phantasia a intenção politica d'esta tourada celebre, que deve estar ainda tanto na memoria do querido poeta da *Paquita* e de D. João de Menezes, — aqui reproduzimos do folhetinista liberal, Lopes de Mendonça, a prosa triumphante com que elle annotou o momentoso acontecimento: ——

«Ainda não houve demonstração mais solemne de popularidade — manifestação mais augusta de assentimento aos principios progressistas. A causa nacional triumphou moralmente n'esse concurso numeroso e espontaneo, que parecia olhar como presagio de victoria essas filas enthusiasticas que applaudiam os cavalleiros mais como representantes da sua fé politica, do que como os escolhidos pela sorte a arrostarem os perigos d'um tão aventuroso espectaculo.

Podem prohibir quanto quizerem os *meetings*, como attentados á segurança publica, — este, excede a todos quantos se poderiam fazer, e denuncía eloquentemente até que ponto estão arreigadas na alma do povo as doutrinas qne hão de algum dia emancipal-o, a elle, e á patria, cujo seio parece estremecer á espera d'essa hora solemne e desejada!»

O testemunho é completo; mas ainda ha outro a corroboral-o. Dias depois, a commissão organisadora publicou o seu agradecimento, pelo successo assim alcançado a favor das «victimas dos ultimos acontecimentos». Os signatarios do agradecimento eram: barão de Almeirim, *presidente*, Anselmo José Braamcamp, *thesoureiro*, Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, D. Alvaro Henriques Roma, Vital Pereira Forjaz de Lacerda, José Estevam Coelho de Magalhães, *secretario*.

A *creme* dos progressistas! O exito d'esta tourada aconselhou outras. Para a de Almada, destinada para o mesmo fim, o lavrador Vaz Monteiro pela primeira vez consentiu em apartar touros. A ultima foi no Campo Grande, debutando um novo cavalleiro João Carlos, feito *visconde* de Almeidinha pela junta *rebelde*. O outro era D. João de Menezes, que já fizera sentir a valentia do seu pulso, não só a alguns touros, destinados a protestar a favor dos septembristas, mas tambem em alguns lombos . . de puros cabralistas. Por isso dizia d'elle, em novo folhetim, Lopes de Mendonça, como quem falla d'um correligionario reconhecido: ——

«O sr. D. João de Menezes, rebelde tambem, no sentido politico, é já uma reputação feita como cavalleiro: o ultimo touro, talvez o mais esperto, foi picado com muita pericia e habilidade.»

A ultima farpa mettida em cachaço taurino, na ultima corrida de 1848, foi posta por D. João de Menezes. Saibam isto o *José Pampilho*, o *Santonillo*, e os outros criticos de nomeada na apreciação das *lides* modernas. Registe tambem esta nota o Eduardo de Noronha, para quando reeditar a sua curiosa *Historia das Touradas*.

Quem vê o D. João de Menezes, n'este anno da graça em que estamos, aprumado e forte, parecendo ter pintado as barbas de branco para accrescentar a distincção natural do seu typo, tão pronunciadamente fidalgo, — mal poderá acreditar na denuncia, que aqui fazemos, de ser elle o mesmo, que n'essa quadra de agitação, arrastado, como Mazeppa, por um cavallo em pêllo, se enfarpellava de selvagem, — ou se desenfarpellava, como quizerem — para proveito dos progressistas, victimas da Maria da Fonte!

Menos para admirar é a evolução no outro «toureiro» memorado e sobrevivente. Bulhão Pato principiou por *passar de capa* — os *bichos*, antes de passar á *vara larga* — os homens. Veiu do animal de duas pontas até ao animal de dois pés. Principiou pela farpa e acabou pela satyra. Os touros mugiam de dôr, mas os criticados teem rugido de raiva!

Se ampliarmos esta revista, do fim do anno, a outras occorrencias que então preoccupavam a attenção, teremos de memorar, em primeiro logar, o apparecimento do gaz, — revolucionando o aspecto da cidade, á noite. Estabeleceu-se lentamente, pausadamente. Veiu até a esquina do Chiado, do lado do Rocio e até o Pote das Almas, do lado do Terreiro do Paço. Alli parou, por muito tempo — por mais convites e lôas que em sua honra entoassem poetas, litteratos e jornalistas! O *Marrare* foi o primeiro café a reformar-se e alindar-se para receber a brilhante visita. S. Carlos foi o primeiro a illuminar, e o seu lustre grandioso, com vélas fingidas, sempre á mesma altura, sempre ardendo e nunca pre-

cisando o córte da tradiccional espeviteira, produziu, por annos seguidos, a admiração incondicional dos provincianos, que se arrojavam a vir até esta Babylonia de perdição, sujeitando-se ás seducções, mascaradas aqui, pelo diabo, em appetitosas sensualidades! Não se imagine que esta phrase traduz qualquer exaggero a respeito das tentações offerecidas pela cidade aos que de outras terras do reino a visitavam. Na rua Nova do Carmo encontrava-se uma das provas irrecusaveis do poder malefico de Lucifer — resolvido a tirar a prova dos nove na somma das castas virtudes dos que alli se arrojavam, movidos pela curiosidade. Era nem mais nem menos do que a exposição d'um tigre-marinho, o qual tigre era uma phoca, — como gravemente foi demonstrado por alguns naturalistas, em artigos solemnes, nos jornaes. A questão, porém, não era do peixe era do *peixão* que o mostrava. Na mulher do tigre é que estava toda a peçonha de Satanaz! Não havia duas opiniões divergentes: todos os olhos, como olhos de gorazes, fugiam do monstro para a fêmea. Um peralta, sem se importar com a sorte do peixe, quiz roubar-lhe a que era legitimo orgulho do amphibio em viagem! O rapto tentado foi um acontecimento — que deu quasi tanto brado como outro, succedido por esses dias e que na escala do crime, em Portugal, tem um dos primeiros logares.

Perto de Santa Engracia appareceu, encostado ao recolhimento do Desaggravo, o tronco d'um corpo de mulher. As coxas e as pernas cortadas pelas virilhas e pelos joelhos e os braços cortados pelos hombros e pelos cotovêllos, foram encontrados, quasi á mesma hora, por uma patrulha, na travessa das Monicas, á Graça. Em nenhum dos sitios havia vestigios de sangue. O corpo fôra trespassado por 17 punhaladas! Os medicos declararam que a mulher teria 40 annos de edade.

Ao regedor de Santa Engracia tinha-se queixado, dias antes, uma mulher, de ter sido roubada pela filha, e pediu-lhe, allegando a sua miseria, para a mandar, com essa recommendação, para o hospital. O regedor, para aparar o caso do furto, — que era d'um cordão de ouro, — mandou vir a accusada e quiz depois envial-a para o Limoeiro. A mulher oppoz-se, e alcançou licença para, no dia seguinte, vir receber a auctorisação de entrada na enfermaria. Foi a filha quem em vez d'ella appareceu. Declarou que a mãe prescindia da entrada, com a nota de pobreza. Ora succedeu que o regedor, quando estava junto do tronco tão horrivelmente mutilado, — e de que lhe tinham ido noticiar o apparecimento. — avistou de repente, entre as pessoas que accudindo commentavam o pavoroso caso, a rapariga de quem recebera queixa. Por uma inspiração feliz, prendeu-a immediatamente. Interrogada na administração do bairro, onde lhe perguntaram pela mãe, explicou «que ella sahira de manhã e ainda não voltára». Déram busca á casa. Na cosinha, debaixo d'uns tijollos, encontrou-se... a cabeça da mãe da rapariga!

Chamava-se a criminosa Maria José, tinha 20 annos e era debruadeira de sapatos. A mãe chamava-se Maria do Rosario da Luz. A casa era a que tinha o n.º 17 na travessa das Freiras. O cynismo na confissão correspondeu á ferocidade no delicto. Matára-a por ella se oppôr aos seus amores com o José Maria! — Recusou sempre dizer quem era o *José Maria.* Em mez e meio foi o processo apparelhado e entrou em julgamento. A sentença condemnou-a «a morte natural para sempre na forca, que se levantaria no Campo de Santa Clara, devendo a ré caminhar para aquelle patibulo, pela travessa das Monicas, travessa das Freiras e por junto das obras de Santa Engracia».

Foi este «o grande e horrivel crime» d'este anno tão movimentado!

BARBOSA COLLEN.

Photo. de) (Dr. Ponce

LAGOS — VISTA GERAL

PORTUGAL DO SUL

ASPECTOS DA CIDADE DE LAGOS

Se a segunda cidade do Algarve não póde exhibir fóros de mais formosa entre todas, póde apresentar, sem que lh'o contestem, fóros de cidade que tem nos fastos da nossa epopéa ultramarina um papel historico dos mais brilhantes.

Na vastissima bahia de Lagos estiveram ha pouco cêrca de sessenta navios de guerra inglezes. Os severos habitantes do Reino-Unido certamente veriam com olhos cheios de curiosidade o espectaculo d'um dos mais amplos ancoradouros do mundo, descortinariam o panorama attrahente de um sol quasi tropical batendo inclemente nas folhas seivosas dos figueiraes alinhados com uma geometria cuidadosa e a paisagem de um céu africano, que á noite permitte distinguir milhares de estrellas quasi imperceptiveis no nosso firmamento de Lisboa.

Talvez que não só os marinheiros mas os proprios officiaes superiores d'essa esquadra formidavel, a que a nossa fez as honras da casa, ignorassem, mesmo superficialmente, a historia d'essas aguas em que os seus navios se balouçaram muitos dias. Foi d'alli que os primeiros maritimos algarvios, criados e adherentes da casa do Infante D. Henrique, partiram para as primeiras tentativas de circumnavegação pela costa africana. Alli mais a uns passos da costa, tinha o Infante a sua *escola* ou o que quer que fosse, ninho onde se geraram e medraram as suas emprezas que tanto assombrariam o mundo, accrescentando um novo capitulo á historia da civilisação universal, com a deslocação da civilisação do Mediterraneo para o vastissimo Atlantico. Foi alli que se esboçaram e tomaram incremento as primeiras *companhias de navegação* cujos associados partiram a explorar commercialmente a Africa descoberta e a que se ia descobrindo. Foi alli, n'aquella praia de areias finissimas que o Infante, a cavallo, assistiu ao desembarque e depois á partilha dos negros captivados pelos compartes d'esses *syndicatos* de navegação commercial. N'essa bahia refrescou a esquadra portugueza que, sob a ferrea vontade e suggestão do duro D. Henrique foi tomar Ceuta; as aguas d'esse ancoradouro ouviram os sons plangentes das 30:000 guitarras que as tropas, arrebanhadas doidamente para a louca empreza de Alcacer-Kibir, levavam na sua bagagem para celebrarem a victoria que certamente Deus lhes não negaria...

Deixando de parte a questão, talvez pueril, de apreciar a decadencia do Algarve por

Photo. de) (Dr. Ponce

Bahia de Lagos — Grupo de couraçados inglezes

effeito da expulsão dos mouros, certo é que essa provincia risonha, muito bem aproveitadinha no ponto de vista agricola, de uma exiguidade territorial só compensada pela fertilidade do seu solo, dá fraquissimo contingente á emigração portugueza, o que equivale a dizer que o Algarve se dá por feliz com as suas modestas colheitas e industrias que na sua quasi totalidade são a consequencia dos seus principaes productos — o figo, a uva, a amendoa. E como os inglezes os apreciaram durante os dias em que estiveram em Lagos! Elles mesmos fizeram o preço ao figo, á uva, e aos outros fructos, deixando alli uma boa somma de contos de réis.

Os inglezes constituiram o caso sensacional n'essa pacata cidade, alvorotando-a, fornecendo-lhe a cada passo distracções e o pittoresco dos seus navios, enviando á noite as projecções dos holophotes para todas as cumieiras e sinuosidades da terra. Nem faltou o *pittoresco funebre* — o enterro de um marinheiro, morto por accidente de manobra a bordo. A população naturalmente se enlevou no espectaculo dos uniformes, da compostura e *aplomb* d'essa gente debaixo de fórma. E a missa aos domingos para os catholicos, e os grupos dos que iam ás compras fazendo as suas transacções ouvindo o *sutaque* da falla algarvia, para elles inteiramente desconhecido, as suas expansões favorecidas pelo *grãosinho na aza* — tudo isso constituiu uma nota festiva para a cidade que passa por ser feia, no que ha evidentemente exaggero.

Vejam-na da bahia, vejam a costa algarvia desde Sagres até Faro, veja-se toda essa orla de terra, em geral argillosa, quando tocada pelo sol nascente ou poente, vejam-lhe os figueiraes em linhas parallelas ou em quinconcios, vejam-lhe a pureza do seu céu, a serenidade de todas as linhas n'uma paisagem graciosa, leve, original, porque a natureza, a despeito das teimas dos burocratas fazedores de leis, insiste em dizer que o Algarve é uma cousa muito differente do Alemtejo, o Alemtejo uma região muito differente da Extremadura, a Extremadura um torrão distincto da Beira, a Beira uma cousa inconfundivel com o Minho. A natureza até hoje tem procedido coherentemente comsigo mesma, importando-se pouco ou nada com os caprichos e conveniencias do criterio politico seguido pela sciencia administrativa.

Porque Alfama é feia não se segue d'ahi que Lisboa seja feia. Estar na Praça da Cons-

Photo. de) (Dr. Ponce

O «Maine», navio hospital

tituição, em Lagos, n'um dia quente de agosto, olhar a bahia que alli proximo se es-

preguiça n'uma indolencia a que o clima quasi africano solicita os temperamentos algarvios, é ter a visão d'essas paisagens exoticas lá para o Equador, paisagens que nos lançam, contra o nosso querer, n'um mundo de sonho, n'esse vago semi-consciente do proprio ser, que é a grande poesia da vida. Bem comprehenderá o Algarve quem fôr um pouco poeta, quem tenha visto o céu dos tropicos onde a luz da manhã desdobra um scenario maravilhoso que nos deslumbra pelas mutações imprevistas de côres e de linhas phantasticas.

Photo. de *(Dr. Ponce*

CORTEJO MILITAR FUNEBRE D'UM MARINHEIRO DA ESQUADRA INGLEZA

Uma das bellezas de Lagos, como de quasi todo o Algarve, consiste no recorte capricoso, phantastico, cheio de imprevisto das suas furnas. Lisboa orgulha-se de ter alli em Cascaes a decantada *furna do inferno*, uma furna que não tem nada de extraordinario, uma furna pacata e que só nos proporciona uma impressão fugaz de pittoresco, de imponente em dias de vendaval sueste, quando as ondas irrompem impetuosas e espadanantes pelos reconcavos d'esse antro que é apenas um episodio raro na costa do norte. Ora no Algarve, quasi toda a sua costa representa uma serie ininterrupta de episodios, muito mais grandiosos que a lendaria furna de Cascaes. Já as rochas, no exterior, apresentam uma variedade de planos, de carreiros por onde só os ousados conseguem passar sem vertigens, de anfractuosidades que amesquinham a mais perspicaz visão do romancista ou do pintor; lá dentro, então, é o mysterio, o encantamento, o capricho da

Photo. de) *(Dr. Ponce*

OUTRO ASPECTO DO PRESTITO NA RUA DIREITA

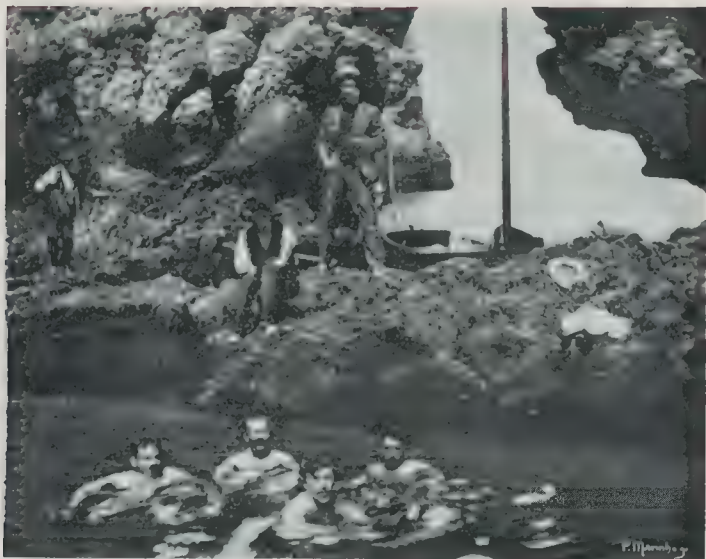



Photo. de) *(Sr. Cruz e Silva*

LAGOS — ROCHAS DA PIEDADE — FURNA «SALA»

natureza na sua pujança das convulsões que trouxeram ao globo as variadas fórmas que admiramos na serra de Cintra, na da Estrella, ou nos reconcavos da Escocia, e de certas regiões da Allemanha. Em muitos pontos da rocha algarvia, entra-se embarcado e penetra-se em verdadeiras naves cathedraticas; a gruta impõe-nos um respeito quasi religioso; a sobriedade da luz inclina-nos ao que quer que seja de sentimento religioso, chegando nós a imaginar que nos encontramos n'um d'esses templos das grandes religiões exoticas; ás vezes imaginamos que a luz se está coando por vitraes cujos exemplares a industria moderna mal consegue imitar: e vêmos uma especie de escada que, vencida ella, nos põe em contacto com a campina, recebendo em cheio a luz crúa, intensa de um sol quasi mouresco. A furna alli adeante apresenta novos aspectos, novos imprevistos; a que se lhe segue obedece a outros caprichos da natureza, e assim toda a rocha algarvia. O espectaculo, para quem tenha imaginação e saiba lêr nos mysterios da geologia sem prejuizo da sua phantasia, não póde ser mais bello, mais suggestivo, mais profundamente emocionante!

Foi imponente o aspecto dos navios inglezes nas aguas de Lagos, mórmente á noite. As projecções dos holophotes, uma vez que el-rei passou no seu barco por entre as linhas dos navios, formavam uma abobada de luz, de um effeito curioso, phantastico até. O navio de guerra da actualidade é sobrio de linhas, é excessivamente rectilineo, sem a airosidade das naus dos seculos XVI e XVII, com os seus

Photo de) *(Sr. Cruz e Silva*

LAGOS — ROCHAS DA PIEDADE — FURNA «COSINHA»

castellos de prôa e pôpa, ondulando ao sabor da vaga; mas compensa essa quasi ausencia do arabesco, da curva ornamental, até certo ponto, a illuminação pela luz electrica, o jogo dos projectores e a imponencia arrogante d'essas poderosas machinas de guerra que em horas podem decidir

Photo. de) Lagos — Forte da Bandeira e Pedra da Barra (Dr. Ponce

dos destinos de uma nação, como na recente lucta entre a Hespanha e a Republica norte-americana.

Praça da Constituição — Hospital militar

Lagos, em cujos habitantes ha ainda o sangue d'esses marinheiros que tanto auxiliaram as emprezas do Infante e tanto concorreram para as audaciosas expedições que nos abriram as portas do *luminoso Oriente*, vê com desgosto que a sua bahia não é servida por um desembarque facil, isento de perigos. O sonhado *paredão* ou porto artificial, tão vivamente solicitado aos governos continúa sendo um mytho. E' uma injustiça praticada com uma terra que foi incontestavelmente um elemento preponderante nas nossas portentosas navegações, graças á imaginação acutissima do algarvio cujo sangue, em parte punico, lhes communica o espirito da aventura, a ancia do desconhecido, o arrojo para passar por cima do perigo, quanto mais este se apresente com aspecto torvo. Nas marinhagens que ousaram dobrar o *Cabo das Tormentas* iam algarvios: é de crer que olhando de frente esse terrefico *Adamastor*,

Photo. de (Dr. Ponce

PAISAGEM NOS ARREDORES DE LAGOS

de Rhodes extranhissimo colosso, de cabellos crespos e dentes amarellos que fallou aos portuguezes com voz horrenda e grossa, se rissem do monstro, teimando com o leme para que os levassem cedo á — *terra de riqueza sabundante.*

Lagos, séde de um regimento d'infanteria, — o n.º 15 — e que em breve ficará ligado por um ramal de via ferrea a S. Bartholomeu de Messines, crescerá de importancia commercial, sobretudo se se levar a effeito o melhoramento da sua bahia, ha tanto tempo reclamado pelos lacobrigenses. O Algarve, provincia pobre mas invejavelmente remediada, deverá ter, n'um futuro não muito distante, as commodidades necessarias para attrahir os viajantes, pois é certo que essa provincia é infelizmente a menos conhecida e estudada relativamente ao resto do paiz. E no emtanto vale bem a pena de visital-a, quando mais não seja para admirar o grandioso e opulento panorama da serra de Monchique. O lisboeta conhece agora, mercê do caminho de ferro, a pittoresca Cintra, cujos encantos não cessa de exaltar; mas desconhece quasi por exemplo a serra d'Arrabida, a dois passos da sua porta, um deslumbramento para os nossos olhos ávidos de paisagens idyllicas; acaso haverá visto o Bom Jesus do Monte, outra paisagem tão gabada de estrangeiros ou terá gosado a sensação do immenso da Cruz Alta no Bussaco, prodigio da mais extranha flora; mas raro será o que tenha visitado Monchique, o mais admiravel consorcio da paisagem quasi tropical, de aspecto magestosamente arrogante com a paisagem simplesmente bucolica, leve, risonha, despretenciosa, convidando á reedição de idyllios a Daphenis e Chloe.

Phot. de (Sr. Cruz

A ERMIDA DA SENHORA DA PIEDADE

O facto historico, cuja narração segue, minuciosamente contado e estudado nos seus pormenores, como se tem usado n'esta serie de mysterios aqui publicados, em busca d'uma explicação plausivel que desvende o enygma, tem vivamente interessado os investigadores pacientes que procuram encadear n'um desenvolvimento logico e justificado os motivos d'um crime que não pode ser attribuido apenas á crueldade. Aqui interfere o acaso, cujas leis incomprehendidas a mathematica somente tem tentado definir, para desnudar o crime; mas para lhe determinar o mobil tem de se recorrer á analyse psychologica e ao estudo comparado das paixões que na presente época prende sobremaneira a curiosidade dos espiritos.

No anno de 1613 succedeu dentro dos muros da Torre de Londres, celebre e historica prisão, um d'estes acontecimentos obscuros e extraordinarios que os historiadores debalde teem tentado deslindar.

N'aquella occasião o tenente governador da Torre era Gervasio Helwysse, pessoa muito digna e religiosa, cuja conducta discreta lhe merecera o nome do douto sr. Gervasío. Sentando-se elle um dia á mesa para jantar, observou que, d'entre os criados, um carcereiro ha pouco ao seu serviço, chamado Weston, fazia disfarçadas e furtivas diligencias para lhe alcançar a vista e a attenção.

Curioso de saber o que queria aquelle homem, o tenente mandou-o approximar sob um pretexto qualquer e Weston então curvado sobre seu amo, e abaixando a voz, dirigiu-lhe esta pergunta singular:

— Fal o-hei agora? e ao mesmo tempo os seus olhos percorriam d'um modo significativo as travessas que estavam sobre a mesa.

— Fazer o quê? perguntou Gervasio verdadeiramente intrigado.

A attitude de Weston tornou-se cada vez mais inexplicavel. Em vez de responder, recuou muito atrapalhado, relanceando seu amo com modo surprehendido.

Não foi dado sem alguma rasão justificada o nome de douto ao sr. Gervasio, por isso interrompendo qualquer inquirição intempestiva n'aquelle momento, contentou-se em dizer serenamente:

— Não, ainda não.

Ao mesmo tempo deitou ao carcereiro um severo olhar de admoestação, e este sahiu da sala.

Resolvido a profundar o mysterio, Helwysse apressou-se em acabar de jantar, e logo que finalisou, dirigiu-se para o seu quarto particular e mandou chamar Weston. N'aquelle tempo a situação d'um tenente de prisão era, amiudadas vezes, bem perigosa. Havia duas especies de prisões; as destinadas ao publico e as reservadas a personagens poderosos e presos por motivos particulares. Os prisioneiros da primeira classe davam muito pouco trabalho: simplesmente bastava vigiar que não fugissem; mas os da segunda classe eram fonte de maiores anciedades, e nem sempre era a fuga o principal perigo de que tinha de se precaver.

Fazendo Weston aquella pergunta, demonstrára estar convencido de que o governador estava informado de algum secreto designio. Aproveitando-se o sr. Gervasio prudentemente d'este mal entendido, diligenciou e conseguiu descobrir por confissão do criado, que a tentativa d'este designio era nada mais nada menos do que eliminar um prisioneiro que estava então e desde alguns mezes sob a sua guarda. O prisioneiro chamava-se Thomas Overbury.

Mal o sr. Helwysse se apoderou d'esta delação, deixou cahir a mascara e ameaçou Weston com a Camara Estrellada (antigo tribunal de Inglaterra), e com a applicação da tortura se não desvendasse immediatamente toda a conspiração. Aterrorisado pela situação em que se achava o rufião cahiu aos seus pés e offereceu fazer-lhe inteira confissão.

A sua narrativa foi breve, mas sobresaltada.

Algum tempo antes de ter entrado para a Torre, tinha sido sondado por uma mulher chamada Turner, uma das d'aquella perigosa classe que prosperavam então, e ainda hoje existem, na preparação de philtros e das mais perniciosas drogas, mulheres de virtude, cujos proventos maiores não resultavam tanto, talvez, da venda d'estas mercadorias, como da posse dos mil vergonhosos segredos, confiados a ellas no decorrer do seu negocio. Esta mulher, que evidentemente conhecia o seu homem, incitou Weston a emprehender o assassinio de sir Thomas Overbury, e a entrar como carcereiro na Torre, procurando ella conseguir-lhe esta collocação com o fim de o metter dentro dos muros da prisão.

O assassinio teria de ser feito por meio de tortas e gelêas envenenadas que a bruxa havia de preparar, sendo levadas para a Torre por um criado chamado Symonds e depois postas na mesa do prisioneiro por Weston. Afim de o animar a desempenhar-se da perigosa tarefa, Turner fel-o persuadir de que o tenente governador sabia do segredo, mas ao mesmo tempo prevenira Weston que só com ella se poderia referir abertamente a esta infame trama.

Tal foi o resumo da confissão do carcereiro.

O rufião cahiu-lhe aos pés...

No momento decisivo falhára-lhe a coragem, e de tal modo que estava esperando um signal de sir Gervasio para executar o acto. Além da mulher Turner e seus agentes, elle affirmava não conhecer o verdadeiro mandante do crime, nem o motivo.

O governador Helwysse escutou com horror a espantosa revelação, mal podendo conter a indignação de o terem designado como cumplice em tal projecto. O seu primeiro impulso foi de mandar entregar o assassino á Camara Estrellada com que o havia ameaçado. Infelizmente porém, como succede quasi sempre, prevaleceram outras deliberações mais cautas. Helwysse sabia mais do que o que Weston lhe havia contado. Atraz do carcereiro e da feiticeira Turner, elle descobria ja tenuemente o vulto de outras personagens mais poderosas que receava affrontar. Contentou-se portanto em solemnemente exhortar o homem a abandonar aquelle proposito, apontando-lhe as consequencias n'este e n'outro mundo, imprimindo-lhe bem no espirito o perigo em que se encontrava quem possuisse um segredo que tão fundamente affectava tantas personagens nobres.

Finalmente Weston não só jurou abandonar o projecto do crime, mas agradeceu gratamente a seu amo tel-o salvo de o commetter. O digno e douto tenente, satisfeito com o arrependimento do guarda, perdoou-lhe, ordenando-lhe ao mesmo tempo que todos os pratos mandados a Thomas Overbury pela Turner fossem trazidos directamente para o seu quarto.

Desde esse momento sir Gervasio Helwysse guardou uma estricta vigilancia sobre o seu prisioneiro. Dias após dias os pratos levados á Torre por Symonds eram submettidos á sua analyse que consistia em os dar a comer a gatos e cães. Em alguns casos os animaes morriam instantaneamente, n'outros soffriam muito tempo, mas o fim era o mesmo. Depois de ter feito estas horriveis experiencias, Helwysse eliminava secretamente os corpos dos animaes e os restos das comidas envenenadas.

Quem era que urdia tão diabolicos planos em volta de sir Thomas Overbury, e por que crime fôra elle levado preso para a Torre? A resposta a estas duas perguntas serve á primeira vista só para aggravar o mysterio. Overbury era o amigo intimo e confidente de Roberto Carr, visconde de Rochester, e conde de Somerset, a quem uma monstruosa parcialidade de Jayme I tinha elevado da condição de um homem desconhecido á de primeiro personagem do reino. O crime commettido por Overbury fôra bem simples: recusára ir como embaixador para Moscow.

Na verdade, pela lei de Inglaterra, ninguem podia ser obrigado a aceitar uma embaixada, mas Overbury tinha-a aceite, quando lhe foi offerecida esta commissão, e depois recusou-a, sem allegar motivo justificavel. O conselho

privado considerou aquelle acto como desobediencia a sua majestade, e internou o insolente cavalleiro na Torre durante todo o tempo que aprouvesse ao rei detel-o lá.

Tal era a causa conhecida do encarceramento, ao qual o preso parecia não dar alto valor. Tinha recebido muitas mensagens e visitas do conde de Somerset, com o poderoso auxilio do qual elle contava para a sua libertação. Foi justamente depois de uma d'estas visitas que sir Gervasio Helwysse entrou na cella um dia a vêl o para satisfazer o desejo secreto que tinha de se informar da saude do seu prisioneiro.

Overbury recebeu-o na mais bella disposição.

—Não terá de cuidar de mim por muito mais tempo, sr. tenente. Lord Somerset esteve ha pouco aqui comigo, e deu-me esperanças muito animadoras.

Helwysse olhou attento para o inconsciente e confiado homem.

—Não deponha as suas esperanças em principes, sr. Overbury, observou tristemente. As promessas d'elles são sempre fallazes.

O primeiro sorriu-se com arrogante desdem.

—Ha razões que desconhece, meu caro tenente, pelas quaes me atrevo a esperar a protecção do conde. Sou muito intimo d'elle para me ser falso. *Pela minha vida não creio que o seja!* Demais a mais, deixou-me agora mesmo para ir receber uma ordem pela qual sahirei immediatamente d'aqui.

Helwysse pensou nos cães e nos gatos que ha pouco tinha visto expirar e estremeceu.

Outro caso sobreveio; foi a nomeação de um novo carcereiro para dentro da Torre. Chamava-se Franklin e em breve parecia viver em relações de muita intimidade com Weston. Sir Gervasio notou no recemvindo e vigiou-o por algum tempo com certo desasocego. Estas nomeações não eram feitas por elle, mas pelo conde de Northampton, governador da Torre, e o tenente não tinha poder de os demittir sem consentimento superior. Mesmo que Helwysse se atrevesse a impôr uma decidida interferencia, era já então muito tarde. Supprimindo a confissão de Weston, tinha incorrido em parte na culpabilidade. Estava sentenciado a vêr a scena como impotente espectador da tragedia.

Approximou-se breve o fim. N'uma manhã cedo, trouxeram ao tenente a noticia de que sir Thomas Overbury tinha sido repentinamente accommettido de doença mortal. Tendo dado ordem para que se chamasse sem demora um medico, Helwysse saltou da cama e apressou-se a ir ao quarto do prisioneiro. Encontrou á porta Franklin e Weston que sahiam

Entrou precipitadamente para ver a victima...

com as physionomias pallidas e assustadas. Passou por elles precipitadamente, para ir vêr a infeliz victima estendida no leito e já morta.

O tenente ficou afflicto de vêr o resultado da sua policia timorata. O seu primeiro expediente foi escrever a lord Northampton, participando-lhe a morte e pedindo-lhe instrucções. A resposta que trouxe o portador foi a mais contraditoria possivel. A principio o conde autorisava o tenente a entregar o corpo aos amigos de Overbury, e mencionava o desejo de Somerset de que seu amigo fosse enterrado decentemente. Depois n'um *postscriptum* suggeria duvidas sobre a legalidade d'esta ceremonia, e lembrou que melhor seria um enterro apressado e particular.

Emquanto o tenente estava embaraçado no proceder com esta carta ambigua, recebeu outra que dizia assim :

«Digno senhor tenente.

Peço-lhe que chame Lidcote, e alguns dos seus ajudantes, se estes tambem forem precisos,para examinar o corpo, se acaso ainda o não tiver feito: e logo que tenha sido examinado, sem esperar a vinda d'um mensageiro da côrte, veja-o enterrar em todo o caso, *immediatamente*, na capella, dentro da Torre.

Se já o tiverem examinado, então enterre-o sem demora porque houve tempo já de attender ás disposições d'aquella gente que só procura meios de mover piedade e de levantar escandalos. Não se deixe levar por pedidos de ninguem a addiar seja por que motivo fôr, e traga-me estas cartas mais tarde quando me encontrar.

Não deixe escapar um jota n'isto, se estima os seus amigos; nem espere um minuto depois do exame de Lidcote, mas tenha o padre prompto; e se Lidcote não estiver ahi, mande-o chamar com brevidade, pretextando que o corpo não póde esperar.

Urgente ás 12

Seu muito affectuoso.»

O conde propositalmente omittiu a assignatura.

Lidcote era evidentemente o encarregado official de indagar as causas das mortes repentinas examinando os cadaveres. Em resposta a esta urgente e aterrorisante missiva o enterro fez-se no seguinte dia no precinto da Torre. E assim finalisou o caso por algum tempo.

Passou-se um anno, quasi dois, e parecia que o culpado tinha escapado á penalidade de seu crime. Mas succede muitas vezes que os acontecimentos que parecem sepultos nas trevas do mysterio veem á luz quando aquelles que estão implicados n'elles contam estarem esquecidos para sempre. Os perpetradores julgam que teem apagado os ultimos vestigios do crime; seguem o seu caminho, abraçando a dôce esperança de que se preveniram contra qualquer possibilidade de detenção; e, como o tempo vae passando, até cessam de se recordar do seu proprio crime. Mas depois, em meio d'aquella segurança e tranquillidade, por qualquer acaso trivial que não puderam prevêr, atravez de qualquer obscuro e insignificante canal desprezado, a cruel verdade irrompe á luz e o seu crime é revelado á historia.

No verão do anno de 1615 um rapaz inglez, atravessando as ruas de Bruxellas, encontrou-se com um grupo de patricios á porta de uma taverna. O rapaz trazia uma moxilla ás costas. Apresentava-se sujo e fatigado, e vinha

Embriagaram o rapaz...

com os pés dolorosamente magoados, tendo feito a pé longa jornada. Ao ouvir a lingua natal parou, e approximou-se do grupo. N'um paiz estrangeiro os laços de raça apertam-se com facilidade. O recemchegado foi amavelmente recebido e entraram todos juntos na taverna.

Bem depressa se informaram de que o caminheiro era aprendiz n'uma drogaria da cidade de Londres, e que fugira d'alli em consequencia dos máus tratos recebidos do patrão. Aconteceu que os homens com quem elle se encontrára eram criados do representante inglez na côrte de Bruxellas e um d'elles apressou-se a dar ao rapaz conselhos de amigo.

—Tenha cuidado que as suas façanhas não vão ter aos ouvidos do sr. Turnbull, porque elle poderá prendel-o e mandal-o de novo para o seu patrão.

—Faço pouco caso d'isso; são fallatorios. Talvez que se eu contasse tudo, o meu patrão desejasse não me vêr mais. Poderia narrar contos extraordinarios, quizesse eu fazel-o, não só do meu patrão, notem bem, mas de alguns trunfos da terra.

Estas mysteriosas insinuações fizeram provocar curiosidade nos ouvintes. Embriagaram o rapaz, e pouco a pouco foram-lhe extraindo uma revelação completa que ingenuamente communicou. Sem darem tempo a reconsiderações arrastaram-o para ca·a do agente diplomatico, e n'essa mesma noite Turnbull expedia uma carta ao secretario d'Estado em Londres, pedindo-lhe licença para ir a Inglaterra e communicar ao rei de viva voz um segredo bastante sério e perigoso para se confiar á escripta.

O secretario d'Estado cujo nome era Wynwood, notou a physionomia de seu real amo emquanto lia a carta na sua presença. Reparou no seu olhar de espanto, seguido de terror e depois de anciosa curiosidade. Finalmente Jayme I levantou a cabeça e encarou o olhar do secretario.

—Ordenae ao sr. Turnbull que venha, disse no seu claro accento escocez, accrescentando em voz baixa: Não podeis dizer nada d'isto a Rabbie!

Wynwood tinha estado bastante tempo ao seu serviço para perceber o secreto intento do rei. Para um cortezão menos experiente, o proceder de sua majestade durante as semanas seguintes ter-lhe-hia parecido bem enygmatico. Elle fechou-se com Turnbull quando o enviado chegou a Londres, e o resultado da conferencia foi a prisão do droguista, de Turner, Weston e Franklin. Simultaneamente Jayme I dispensava, como sempre, a Somerset a mesma amisade, como se inteiramente ignorasse onde deviam com certeza chegar as inquirições sobre o assassinio de Overbury.

N'aquelle meio tempo começaram as averiguações por todos os lados. O tenente da Torre fizera clara confissão da sua parte no

crime. Um antigo criado do assassinado instruira directamente o chefe da justiça Coke, o famoso auctor do commentario sobre Littleton. Finalmente no dia da sua partida para uma viagem pelo paiz, o rei intimou os juizes da cidade encontrarem-se com elle em Whitehall. A scena foi commovente. Jayme I de pé, no meio dos seus cortezãos, recebeu os juizes e dirigiu-se-lhes sobre o assumpto da investigação. Depois de se ter referido ao crime de envenenamento como sendo um costume italiano, que havia de trazer a desgraça ao reino, continuou expressando-se n'estas palavras solemnes:

—Portanto, lords, encarrego-vos, e por isso tereis de responder no grande e terrivel dia do julgamento final, que o examineis estrictamente, sem favor, affeição, empenho ou parcialidade, e se poupardes qualquer culpado d'este crime, a maldição de Deus cáia sobre vós e sobre a vossa descendencia: e se eu poupar qualquer que seja convicto de culpado, a maldição de Deus cáia sobre mim e sobre a minha posteridade para todo o sempre!

Uma horrivel imprecação, horrivelmente cumprida. Deve comtudo recordar-se que o homem que pronunciára estas palavras era tambem auctor d'esta outra maxima:—«Aquelle que não souber dissimular não saberá reinar». Logo depois de ter despedido os juizes o rei seguiu para a sua casa em Royston, levando comsigo na propria carruagem Somerset, como senão se podesse separar d'elle por uma hora. Quando o deixou á noite para voltar para Londres, Jayme I deitou-lhe os braços á roda do pescoço, exclamando:

—Por Deus, quando vos verei outra vez! Por minha fé, não comerei nem dormirei sem que volvaes!

—Na segunda feira, senhor, disse-lhe o conde, comtanto que os meus negocios estejam então terminados.

—Que farei eu? que farei?—repetiu o rei com outro abraço.

Somerset libertou-se e desceu a escada, mas Jayme seguiu-o, insistindo em o abraçar ainda outra vez e outra. Afinal o favorito conseguiu escapar-se a tanta ternura e entrou na carruagem. Tão depressa as rodas começaram a fazer ruido sobre o cascalho, o rei voltou as costas e a expressão da sua physionomia mudou subitamente, ouvindo-se-lhe murmurar estas palavras:

—Agora que o demonio vá comtigo! porque eu não mais verei a tua cara!

E assim foi. N'aquella mesma noite o conde e a condessa de Somerset foram presos por ordem do lord da suprema justiça, e encerrados na Torre, accusados de assassinato na pessoa de sir Thomas Overbury.

A condessa foi a primeira levada a julgamento. O motivo allegado contra ella foi o seguinte.

Lady Frances Howard, como se chamava primitivamente, era filha de lord de Suffolk e da mesma familia do conde de Northampton cujas cartas dirigidas a sir Gervasio Helwysse, tenente da Torre, mostravam não ser extranho ao caso Overbury. Casada ainda muito nova com o moço conde de Essex, ella deligenciou annular aquelle casamento, com o apoio e a approvação da familia, para aceitar a mão do todo-poderoso favorito. Mas levantara-se um obstaculo no caminho, e esse obstaculo era Overbury, conselheiro do favorito.

Oppondo-se Overbury ao casamento d'elle com esta má creatura, tinha sem duvida dado um bom conselho. Mas o homem que se oppõe ao casamento d'um amigo está pouco mais ou menos nas condições d'um que emprehende uma rebeldia. Se falha na sua tentativa fica perdido.

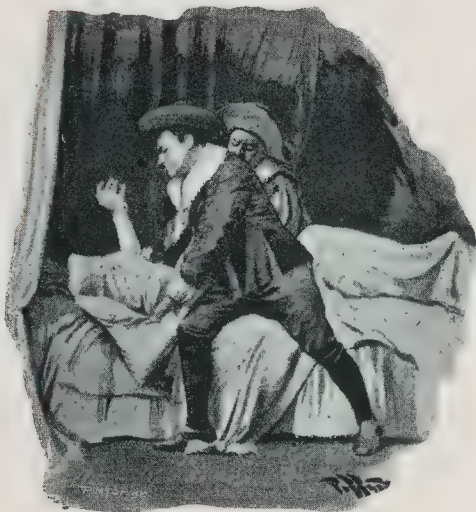
Overbury não fôra bastante esperto para prever o resultado. Falhou na opposição ao casamento, e desde esse instante perdeu toda a sua influencia para com Somerset.

Overbury continuou a fazer o caso peor ainda. Em vez de tomar a defeza serenamente, perdeu a paciencia e começou de abusar, repetindo publicamente todos os escandalos a respeito d'ella que elle tinha previamente apontado em particular, como argumentos contra o casamento. Desde esse momento, estava previsto que a condessa se resolveria a vêr-se livre d'elle.

Depois veiu o negocio da embaixada da Russia. Logo que Overbury aceitou esta nomeação, começou de perceber que era uma especie de honroso exilio que lhe fôra indigitado para o afastar de Somerset. Um homem verdadeiramente prudente teria preferido partir a ficar e continuar n'uma lucta sem esperança. Mas Overbury mais uma vez não sopeou o seu genio despotico e quiz levar a melhor. Recusou abandonar a sua influencia sobre Somerset, e resignou o cargo de embaixador, como foi visto.

Estava escripto o seu destino. Sobre os subsequentes processos não havia mysterios nem defeza possivel. A condessa tinha pedido o auxilio da Turner, que arranjou o resto com os malvados de condição inferior. No julgamento só se conseguiu provar que lady Somerset tinha usado de bruxaria para com o seu inimigo. Engendraram-se na côrte uns bonecos de cera, e foi chamado um astrologo para jurar que a condessa o tinha consultado sobre o assumpto. Mas tudo isto formava parte vulgar dos julgamentos d'aquelle tempo, em que a bruxaria, o envenenamento e a astrologia

eram egualmente classificados como artes diabolicas. O unico facto inegavelmente admittido foi que Overbury tinha sido morto por instigação da condessa de Somerset.

No seguimento d'estes processos veio á luz

Abafaram-o com os lençoes da cama.

um horrivel pormenor. Quando a condessa reconheceu que os seus venenos não faziam effeito, — devido á interferencia de sir Gervasio Helwysse — mandou chamar Weston, reprehendeu-o de a ter enganado, e tendo obtido d'elle uma nova promessa de levar a obra ao fim, indigitou Franklin a juntar-se a elle. D'esta vez Weston teve o cuidado de esconder do tenente os seus planos. Os dois malvados conseguiram ministrar o sufficiente veneno produzindo na victima horriveis convulsões; porém quando esperavam a todo instante que fosse o ultimo, com horror viram que elle principiava a dar signaes de vida. N'essa perigosa situação recorreram ao expediente desesperado de o suffocar com os lençoes da cama. Tal foi o modo como finalmente morreu Overbury.

Pelo tempo em que se fez esta revelação, Turner e outro cumplice já tinham sido executados, por uma accusação da qual talvez não fossem inteiramente culpados. Mas o crime da condessa ficou certamente o mesmo. Ella foi condemnada á morte.

Quatro pessoas foram executadas, incluindo o infeliz tenente da Torre, que foi julgado culpado de não ter denunciado, como devia, a conspiração. A quinta, que era a condessa, ficou debaixo de sentença esperando a execução. Chegava a vez de ser julgado o sexto e ultimo, o conde. O paiz inteiro agitara-se profundamente com estas assombrosas revelações, e aguardava anciosamente ver no banco dos réus o homem que por tanto tempo figurara como o querido da côrte e o primeiro ministro do estado.

Durante todo este tempo o rei Jayme não dera a menor manifestação do seu sentir. Quaes eram porém os seus verdadeiros sentimentos com respeito ao réu? A scena da partida em Royston fôra sem duvida simples representação. Por aquella mesma época ou antes mesmo da chegada do despacho sensacional, expedido de Bruxellas, tinha apparecido no horisonte um novo favorito na pessoa de Jorge Villiers, depois duque de Buchingham. A rivalidade entre os dois tinha sido azeda e homens, como o secretario Wynwood, eram bastante astutos para antever qual seria o fim provavel.

E' n'este ponto que começa o extraordinario e significativo parallelo entre os casos de Somerset e da victima de Somerset, Overbury. Como Overbury, Somerset viu-se em risco de ser supplantado na estima d'aquelle a quem elle devia toda a consideração de que usufruia. Como Overbury, em logar de prudentemente se vergar ao inevitavel, resistiu e luctou contra elle. Jayme I tinha-lhe solicitado que tomasse Villiers sob a sua protecção: elle respondeu com a ameaça de torcer o pescoço a Villiers Estes factos foram o verdadeiro guia para o procedimento do rei, victimando, na prisão os assassinos de Overbury. Quiz vêr-se livre de Somerset, como Somerset e sua mulher se tinham querido vêr livres de Overbury. Por que tão cautelosamente encobriu de Somerset o seu procedimento e fingiu até o ultimo momento uma affeição que elle não sentia na realidade? Seria dissimulação por simples dissimulação: ou haveria atraz d'isto um mais fundo motivo? Ver-se-ha depois.

Agora repete-se o confronto com a parallela conducta de Somerset nas suas visitas a Overbury na Torre e nas suas promessas hypocritas de proxima libertação.

Uma tarde chegaram á Torre noticias de que estava fixado para o dia seguinte o julgamento do conde de Somerset. O tenente que substituira Helwysse, cujo nome era sir Jorge Moore, seguira logo para o quarto do prisioneiro afim de o avisar.

Achou o conde muito exasperado contra a prisão, e evidentemente desprevenido para similhante mensagem.

— O que é que me diz, senhor tenente? Tenho de supportar um julgamento? Isso é que nunca farei, e assim o poderá dizer-lhes da minha parte.

— Mas, senhor, não ha outro remedio, res-

pondeu Moore delicadamente. — A camara dos lords assim decidiu e eu tenho de o conduzir á presença d'elles ámanhã de manhã.

— Então levar-me-ha na minha cama, retorquiu furiosamente o prisioneiro, porque nunca irei lá pelos meus pés. Nem acredito que sua majestade permitta o meu processo criminal.

— N'esse ponto receio que se engane, senhor conde, respondeu o tenente pensando que o favorito cahido estivesse alimentando-se de falsas esperanças. — Sua majestade não mostrou nenhuma disposição em interferir a seu favor na acção da justiça.

Somerset vociferou e praguejou desabridamente.

— Não esteja tão seguro, senhor Moore. Digo-lhe que o rei prometteu-me que nunca seria levado a julgamento, e além d'isso affirmo-lhe que *elle não se atreverá a levar-me a um julgamento.*

Sir Jorge Moore tremia de ouvir esta linguagem provocante. Sentia rastejar por alguma cousa mais escura e mais perigosa de que o que já viéra á luz. Meio perturbado entre o receio de fazer pouco de mais ou de fazer muito de mais, tomou a resolução de se dirigir directamente ao rei e repetir-lhe o que o prisioneiro acabara de dizer.

Até este ponto o parrallelo entre Overbury e Somerset é completo. Exactamente a mesma linguagem que Overbury empregara para Helwysse a respeito de Somerset, pela sua vez Somerset usava-a com Moore a respeito do rei. Vêr-se-ha se a ameaça deu resultados tão inuteis n'um caso como no outro.

A côrte estava então em Greenwich. O tenente tomou um bote no caes em escadas da Torre; ordenou aos barqueiros que empregassem a maior velocidade. Remaram rapidamente, rio abaixo, occultos pela noite, passando pelas embarcações silenciosas, até o celebre palacio de Elisabeth. Logo que o bote abordou á escada do cáes real, saltou em terra, seguiu apressadamente de roda para a porta de entrada nas trazeiras do palacio e começou de bater fortemente.

Um criado escocez chamado Loveston, levantou-se e veiu á porta esfregando os olhos do somno.

— Sou o tenente da Torre e vim aqui para fallar a sua majestade em negocio urgente — annunciou o visitante.

— Sua majestade está recolhido — objectou o criado, ainda mal acordado, empregando a palavra escoceza para dizer dormir.

— Pois é preciso acordal-o, foi a resposta de intimação decisiva.

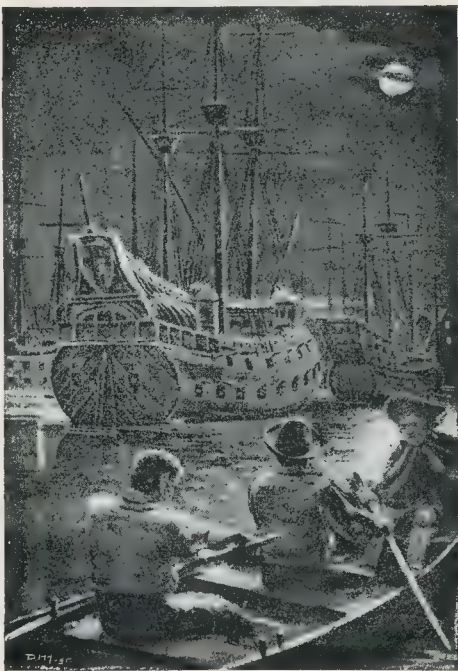
O criado, espantado, conduziu acima a visita. Jayme levantou-se, assegurou-se de que ninguem podia escutar e fechou a porta do quarto. E então Moore, em phrase humilde, preoccupado e receioso, contou-lhe o que se passara.

Com pesar e terror viu nos olhos do rei lagrimas a correr em fio.

— Por minha vida, Moore, não sei o que hei de fazer, rompeu a final em tom lastimoso — Tu és um homem intelligente, ajuda-me n'esta grande collisão, e has de vêr que fazes teu amo agradecido.

Moore ouviu com espanto estas phrases. Não se atreveu porém a perguntar a causa de tão abjecto medo, a qual talvez adivinhasse. Acalmou o amo o melhor que poude, e prometteu executar fielmente as suas ordens para o servir e retirou-se, voltando para a Torre pelas tres horas da manhã. Aquella noite de trabalho valeu depois a sir Jorge Moore mil e quinhentas libras, o que hoje equivaleria talvez a quinze mil.

Ao entrar na Torre, Moore foi direito ao quarto de Somerset e disse-lhe d'onde vinha:

— Encontrei sua majestade o mais benevelo para com sua excellencia; completa e inteira

Deslisaram rio abaixo...

a sua velha amizade, e resolvido a evitar que lhe succeda mal. Para satisfazer a justiça é preciso comparecer perante o tribunal mas nada será resolvido contra vós; sómente po-

dereis assim vêr quem são os vossos inimigos e conhecer-lhes a astucia, comquanto não possam ter poder contra vós.

O prisioneiro ouviu alegremente estas affirmações, que echoaram nas suas proprias es-

Ancioso esperava junto da janella d'onde via o rio...

peranças risonhas de ser restituido pelo perdão á liberdade. Consentiu em ir a Westminster Hall; e o tenente deixou-o apparentemente satisfeito de espirito.

Para a occasião do julgamento Moore tomou uma outra precaução especial. Quando Somerset se sentou no tribunal, para onde fôra seguido por dois guardas da Torre, cada um com o manto no braço, estes sentaram-se tambem d'um e d'outro lado do prisioneiro, não o perdendo de vista e de attenção um só momento. Estes dois homens tinham recebido secretas instrucções do tenente para que, se Somerset fizesse a mais ligeira allusão ao rei, lhe deitassem immediatamente as capas sobre elle e o tirassem do tribunal.

Quando Somerset reconheceu que tinha sido enganado e q e hia realmente ser julgado ficou evidenteme te inquieto; mas, ou porque tivesse adivin ado a intenção dos guardas com as capas, ou porque concluisse que nada ganharia em atacar o rei, nada tentou n'aquelle sentido, e o julgamento seguiu até o fim sem incidente.

O processo contra elle era menos consistente do que o da condessa, não podendo provar-se que tivesse tomado parte qualquer na execução do crime. Julgado segundo as regras dos processos modernos teria provavelmente ficado absolvido por falta de provas. Mas n'aquelle tempo os tribunaes não eram tão melindrosos e o conde de Somerset foi julgado culpado pelo veredicto de seus pares.

Emquanto isto succedia em Westminster, Jayme I passava o dia na maior anciedade em Greenwich. Desde a madrugada collocara se junto d'uma janella que dominava toda a vista do rio e quando via approximar-se do palacio qualquer bote, logo mandava saber noticias do julgamento, praguejando furiosamente, se lhe falhava a informação desejada. Foi só depois do anoitecer que um mensageiro especial, mandado por Moore, lhe levou as boas noticias de que o julgamento havia acabado sem a minima referencia a elle, e de que Somerset fôra condemnado sem perigo.

Somerset foi condemnado, mas nem n'elle nem na condessa as sentenças foram executadas. Depois de alguns annos de prisão foram soltos por ordem do rei. Este conferiu ao seu antigo favorito a enorme pensão annual para aquella época de 5.000 libras, e trocou com elle constante e affectuosa correspondencia até a sua propria morte.

A condessa de Somerset morreu pouco tempo depois da sua libertação, mas o conde viveu ainda muitos annos e tomou ainda parte nas desordens politicas do reinado seguinte, movido sem duvida pelo odio ao seu antigo rival Buckingham. Mas a mancha do seu passado enodoava-o todo e os *leaders* do Parlamento desprezaram a acção e o auxilio d'um lord que fôra réu.

Para a historia publica d'este extraordinario acontecimento é tudo quanto ha. Nada mais foi nunca possivel enunciar. A theoria de que tão altos personagens conspiraram juntos para assassinar um insignificante cavalleiro, meramente porque se oppozera ao casamento de dois d'elles, e porque divulgára casos diffamatorios sobre uma grande dama, foi aceita pelos tribunaes que assentaram julgamento do caso e passada para a historia popular dos livros. Em si propria parece improvavel. Examinando no conjuncto a sobresaltada linguagem pronunciada primeiro pela infeliz victima e depois por Somerset, e ainda mais o espantoso procedimento do rei Jayme, similhante theoria é totalmente absurda.

Qual será pois o segredo, o horrivel segredo cujo conhecimento poude arremessar com tanta affouteza prisioneiros para os carceres da Torre, e cujo medo de divulgação fez tremer um poderoso soberano e verter lagrimas como o mais fraco dos homens? Debaixo d'esta tragedia de sir Thomas Overbury é positivo andar occulta outra bem maior, e de caracter a fazer tremer o proprio throno.

No anno de 1612, justamente doze meze

antes do assassinio na Torre, morreu alli Henrique, principe de Galles, filho mais velho de Jayme I, e o mais esperançoso de todos os principes da casa Stuart. Foi cl assificada d febre maligna a sua doença; fez-se a autopsia do corpo e o relatorio dos medicos, o qual foi conservado como reservado, provou para satisfação dos que crêem na incorruptibilidade dos medicos da côrte, que o principe morrera de morte natural.

Aquelles que teem conversado até mesmo com um official de justiça de aldêa nos seus momentos de confidencia, melhor poderão saber o que é a natureza humana, e como são peores ainda os documentos officiaes. Era conhecido quanto o principe Henrique desprezava seu pae e detestava o seu favorito Carr, em quem elle uma vez publicamente bateu com a raqueta do tennis. Elle era, além d'isso, rival de Carr em amores, estando secretamente ligado com a condessa de Essex, que só casou com Carr, depois da morte do principe. O rei Jayme pelo seu lado odiava e temia seu filho, cujas qualidades superiores o distinguiam e avantajavam.

N'uma occasião, em Newmarket Heath, o perverso Jayme chorou de raiva ao vêr os grandes da côrte abandonal-o para seguir seu filho. Estes factos congraçam-se extranhamente com o boato, que se tornou predominante no tempo da prematura morte de Henrique, de que elle fôra envenenado, boato não confirmado para o publico, mas sustentado então pelos embaixadores e secretarios de estado nos seus despachos confidenciaes.

Admittindo esta hypothese, torna-se bem claro o seguimento da inteira historia. Não se póde, sem inutil insinuação, deduzir que o rei, de espirito fraco, fosse parte activa no assassinio de seu filho. A sua culpa, como foi depois a de sir Gervasio Helwysse, consistiu em ter fechado os olhos ao crime que elle sabia estava para ser perpetrado. Demasiadamente cobarde para elle proprio planear um assassinio, foi tambem demasiadamente cobarde para conter o atrevido e ainda mais vingativo Carr. Por este perdão que o tornava cumplice collocou-se debaixo do poder do seu favorito.

A expressão que empregára Somerset na noite anterior ao seu julgamento denuncia em extremo a cumplicidade de Jayme. A promessa com que contava Somerset, uma promessa de que nunca havia de ser levado a um julgamento, não era uma simples garantia dada em relação á morte de Overbury; era evidentemente uma segurança a que se houvera obrigado o rei, com respeito a um acontecimento muito mais sério e a qual não ousaria quebrar.

Duas ordens de motivos pódem explicar o proceder de Carr contra o principe. Henrique não era sómente o amante de sua futura mulher, era tambem o successor da corôa. Emquanto elle vivesse, a fortuna do favorito estaria arriscada. Teria podido talvez persuadir o estonteado rei, poderia elle proprio estar convencido, de que o principe conspirava para se apoderar do throno na vida do pae. Na verdade uma tentativa sem esperança de exito; comtudo as opiniões dos contemporaneos mais bem informados estabelecem esta hypothese. A ella alludiu muito discreta, porém claramente, o procurador geral Bacon no seu discurso no julgamento de Somerset.

Sir Eduardo Coke, um habil advogado mas um grosseiro cortezão, durante as primeiras phases d'estes processos, pronunciou no tribunal de justiça estas palavras: «Deus sabe o que foi feito d'aquella dôce creança, o principe Henrique! Eu sei alguma cousa». Annos depois, quando já tinha esquecido a morte de Overbury, o rei Carlos I convictamente declarou na presença de uma testemunha, a qual repetiu a declaração ao bispo Burnet, que seu irmão Henrique fôra envenenado pelo visconde de Rochester, depois conde de Somerset.

Mas Carr não commetteu sem duvida o crime sem ajudas. Não o podia commetter tão cautelosamente a ponto de escapar aos olhos dos seus intimos amigos e mais proximos conselheiros. Ora, o que apenas suspeitavam os outros cortezãos devia *sabel-o* sir Thomas Overbury. D'aqui as mysteriosas ameaças proferidas a Helwysse, d'aqui a presumpçosa arrogancia com que elle rejeitou a embaixada da Russia; e tão resolutamente arrostou com a inimisade da mulher de Somerset.

E' finalmente para esta mulher que converge a attenta investigação d'este mysterioso caso. E' ella, e não o marido, quem apparece como agente activo na tragedia. O favorito, seguro da protecção de seu amo, podia ter desprezado a maliciosa opposição do seu antigo confidente. Todavia a morte de Overbury, repare-se bem, foi no processo obra de Frances Howart.

E' difficil suppôr que o tribunal que a julgou e o publico que a condemnou por este terrivel crime podessem ter ingenuamente acreditado que elle fosse suggerido por singular desavença ou vingança de se ter opposto Overbury ao seu casamento e de ter usado de algumas expressões injuriosas contra o caracter d'ella. O motivo pareceria insufficiente para o tempo e era-o claramente assim no caso de Somerset. Se a sua intervenção no crime foi proveniente do receio em que estava das revelações que Overbury poderia fazer, este mesmo receio poderia tambem ter-se communicado de Somerset para sua mulher. Não obstante tudo

quanto procure explicar ter ella tomado parte na conspiração, não explica o ter tomado a *principal*.

Porque é que a condessa de Somerset, em vez de se apresentar como cumplice do marido, mantém-se firme no processo, quasi como a *unica* autora do assassinio?

A condessa de Somerset era uma mulher perversa; era, talvez, a mais depravada mulher do seu tempo. Mas ainda mesmo no coração da peor mulher ha alguma coisa de bom, pelo menos na ternura pelo homem que ama. O principe morto amára Frances Howard; é licito suppôr que ella lhe tivesse egualmente algum affecto Se assim foi, a subsequente união com Carr — uma união na qual havia, pelo menos, tanto de ambição como de amor — não podia ter apagado completamente a imagem do novo e formoso principe que, durante longos tempos, conquistára o seu coração.

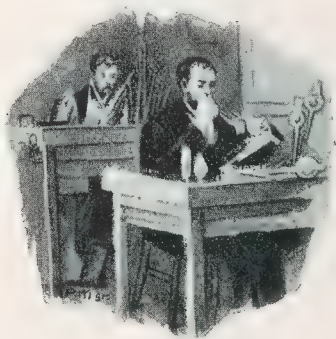
Quem sabe se esta mulher, dentro da sua propria malvadez, foi movida de verdadeiro sentimento de vingar o cruel destino do moço que ella amára? Quem sabe se, com a logica de mulher, tivesse passado a culpa da morte d'elle dos hombros do marido para os do mais velho e mais experimentado conselheiro d'este e que era, além de tudo, seu atroz inimigo? Quem sabe se assim foi levada a exercer aquella vingança que, pelas suas muito proximas consequencias, annunciou a longa tragedia da queda dos Stuarts do throno de Inglaterra?

TARDE DE INVERNO

Quadro de L. E. Adan

LAMPADAS DE INCANDESCENCIA

A DESCOBERTA da lampada electrica incandescente marcou um notavel progresso na evolução ininterrupta da sciencia applicada. E' reputada uma das mais importantes invenções do seculo XIX.

Poucos conhecem as multiplices operações

Soprando tubos de Röentgen.

que exige o seu fabríco, e como é delicada e cuidadosamente conduzida a manufactura d'uma lampada. E' com effeito interessante e instructiva a visita a qualquer officina onde as lampadas sejam construidas nas suas numerosas e distinctas variedades.

Não seria pequena a lista onde se enumerassem as differentes applicações que tem recebido este processo de illuminação, tornado não só geral, mas necessario e indispensavel em muitos e diversos casos. O seu principal uso é, por certo, o da illuminação publica; porém em muitos outros serviços de natureza puramente commercial é empregado. Quasi todas as artes e sciencias teem recebido o beneficio d'este especial meio de illuminar, e com o seu auxilio a cirurgia encontrou recursos novos de investigação e de acção que sem elle não poderia alcançar em prol da humanidade.

Sabe-se que as correntes electricas, passando atravez de qualquer conductor, lhe elevam a temperatura. Se se fizer passar uma corrente por um fio de ferro, por exemplo, a temperatura do metal augmenta — e augmenta tanto mais quanto maior fôr a intensidade da corrente que passa atravez do ferro, de sorte que se mais e mais corrente fôr mandada pelo fio, este ficará vermelho, incandescente, attingirá o rubro, passará ao branco vivo e finalmente fundir-se-ha.

Pela mesma fórma se póde conseguir egual incandescencia, usando d'uma delicada varinha ou d'um filamento de carbone, obtido pela carbonisação cuidadosa e ao abrigo do ar d'um fio de cellulose. Quando uma corrente sufficientemente intensa passa atravez do fio de carbone para o fazer tomar a côr vermelha e depois branca, muita luz se perde produzida pela incandescencia das particulas de carbone. O carvão ardente desapparece depressa, gasta-se, porque o carbone n'aquella alta temperatura combina-se rapidamente com o oxigeneo do ar, como quando se queima nas grelhas d'uma fornalha.

Pelos annos de 1840 occorreu pela vez primeira ao dr. Moleyns a feliz idea de fazer a experiencia de collocar um fio de platina incandescente dentro d'uma capsula de vidro fechada e á qual se tivesse cuidadosamente extrahido o ar. Outros inventores aperfeiçoaram a idea do dr. Moleyns, substituindo pelo carbone e depois pelo fio pergaminhado a platina, de preço elevado; até que finalmente as investigações simultaneas de Edison e de Swan deram em resultado a lampada incandescente que hoje vemos geralmente usadas.

Passando agora á rapida descripção dos

Fazendo ampolas de vidro para lampadas ordinarias

processos de fabrico, notemos que em muitos d'elles se empregam raparigas.

A phase mais interessante do fabríco das lampadas é talvez o soprar dos globos de vidro. Uma grande parte d'este trabalho é feito por operarios allemães que são em geral muito habeis em soprar o vidro, operação que não

Tirando os filamentos do cadinho apoz carbonisação

póde ser feita apressadamente, porque deixando-o aquecer ou esfriar demais póde rachar e estragar-se. Emprega-se de preferencia uma qualidade especial de vidro chamado crystal, cujo coefficiente de dilatação se harmonisa com o da platina e da qual depende muito o exito da manufactura. Um desenho das illustrações que acompanham este artigo apresenta um homem fazendo o tubo de raios de luz Roentgen, que requer ainda mais delicadeza e habilidade do que a lampada ordinaria. Em outra illustração um soprador de globos, que está fazendo lampadas incandescentes ordinarias, arranjou algumas ampolas n'uma mesinha, mostrando o tubo de vidro nas extremidades do qual os operarios podem segurar emquanto applicam o outro tubo de soprar.

As formas das ampolas tornaram-se variadissimas, consoante as condições impostas pelo seu destino especial ou a phantasia dos clientes. Alem do modelo normal, ordinario, em forma de pera, ha-as tambem esphericas ou cylindricas, lisas ou lavradas em saliencias prismaticas, no genero das pinhas, ou onduladas para conseguir chammas torsas. O proprio crystal empregado é muitas vezes colorido em tons que vão desde o azul claro ou marinho até o amarello topasio, passando pelo côr de rosa pallido ou pelo verde d'opala, obtendo-se assim colorações que attenuam o brilhante excessivo da luz, suavisando-o nos seus effeitos sobre a vista.

Depois do globo de vidro, segue-se nova phase de fabrico das lampadas, que é a de preparar a porção de filamento d'onde irradiará a luz, o que exige muita delicadeza no trabalho, sendo o filamento mui sugeito a estragar-se durante a sua producção.

Tem a similhança d'um pedaço de arame arqueado; porém, como se disse, é na realidade uma fôrma muito fragil de carbone, moldada e feita de fios de algodão, ou de lã pergaminhada e preparada chimicamente, ou de cellulose, conforme as materias primas preferidas e diversas, segundo os fabricantes. Esta ultima, agora a mais empregada, é reduzida a uma pasta glutinosa que se força a passar atravez d'uma fieira de vidro.

Produz-se assim um fio de egual grossura, a que o alcool dá consistencia. O fio ou o filamento é então submettido a banhos chimicos, e depois lavado e enrolado n'um cylindro para seccar. Em seguida é cortado em pedaços dos comprimentos exigidos e collocado em volta de moldes, que se mettem dentro d'um cadinho, o qual é aquecido gradualmente. O filamento endurece, contrahe-se e conserva permanentemente o feitio das fôrmas onde foi enrolado. E' preciso muito cuidado para o tirar da fôrma por ser muito quebradiço. Uma das illustrações mostra os filamentos, apoz terem sido cuidadosamente carbonisados, mas como são similhantes a cabellos é difficil poderem vêr-se distinctamente. Precisam ser guardados n'um logar muito secco ou em caixas de ar comprimido,

Soldando os filamentos em pontas de platina.

aliás ficariam rapidamente estragados, porque poderiam absorver humidade, o que affectaria as operações subsequentes.

D'estas segue-se logo a do *engaste;* quer di-

zer, o filamento tem de ser unido a fios de platina que o sustentem e conduzam a corrente electrica atravez do vidro da ampola. As juntas são feitas de platina, porque é o unico metal que póde ser perfeitamente sellado ao vidro, e que ao mesmo tempo póde supportar sem se fundir elevadas temperaturas, emquanto se estão fixando dentro da ampola de vidro. Os fios de platina depois de terem sido primeiramente ligados a um pequeno pedaço de vidro apropriado, para os manter em posição, são depois unidos ao filamento e immersos em benzina, fazendo-se passar atravez d'aquella, que faz a juncção, uma corrente electrica, levando-os ao rubro e depositando-se o carbone da benzina, formando assim uma soldadura.

As raparigas que se encarregam d'este trabalho teem de ser excessivamente cuidadosas e teem de lhe dedicar toda a attenção, porque da falta de cuidado, emquanto passa a corrente electrica, póde resultar ignição da benzina.

Depois de ter sido examinado o filamento, é levado para uma outra officina para lhe avaliar a resistencia electrica. Chama-se a este processo *relampago*, por meio do qual se deposita carbone no filamento até se obter a resistencia desejada. Isto faz-se collocando o filamento n'um cabo, que é depois adaptado ao receptor de uma machina pneumatica. Extrae-se o ar do receptor e enche-se depois de vapores d'um hydro-carboneto. Em seguida passa-se atravez do filamento uma corrente electrica que o leva a forte incandescencia e deposita-se n'elle o carbone que provém da decomposição. Chama-se tambem esta operação *calibragem* ou *alimentação*, a qual, como se vê, se destina a obter a uniformidade e a regular expessura do filamento.

Procedendo á calibragem

Este deposito de carbone sobre o filamento varía em quantidade conforme a força da corrente que tem de conduzir: se fôr destinado a luz de muita corrente precisa-se de um deposito muito mais grosso do que um que tenha pequena corrente.

Inserindo os filamentos compostos dentro do globo

Os instrumentos chamados *amperemetros* são usados para determinar a quantidade total de energia electrica que se lhe deve fornecer.

Applicando-se para as lampadas maior energia do que á que ellas precisam, escurece o globo e estraga-se o filamento, comquanto a luz á primeira vista pareça muito brilhante.

Depois da operação do *relampago* vem a de sellar ou inserir o filamento na ampola de vidro. Ha raparigas que fazem este trabalho com muita dextreza. Uma das extremidades da ampola que é deixada de proposito para agora servir de cabo, é aquecida primeiramente na chamma do maçarico e tirada para fóra, fazendo-se-lhe uma abertura para se metter o filamento. As lampadas são depois collocadas em estante com uma tampa, de maneira que o filamento possa esfriar gradual e lentamente porque tornarse-hia quebradiço se fosse arrefecido muito depressa.

N'esta altura do fabrico, as lampadas apresentam-se sobre a fórma d'uma ampola de vidro, fechada com uma tampa tambem de vidro, atravessada pelas pontas de fio de platina, os quaes se prolongam exteriormente por extremidades de cobre, como tambem muitas vezes interiormente se terminam em nickel, com o fim de reduzir ao minimo o emprego da platina, da qual um kilo custa duzentos e setenta mil réis.

Assim preparada a lampada, tem de ser esgotada do ar. E' hermeticamente fechada n'um receptaculo de vidro ao qual está ligado uma bomba de mercurio que aspira o ar,

Aferindo as lampadas

Emquanto se procede ao esgotamento, vê-se para cima e para baixo no tubo de mercurio bambaleando-se umas bolinhas d'ar, e em quanto estas não desapparecem não está completo o esgotamento, isto é, conseguido o vacuo. A corrente electrica não poderia até então passar, aliás queimar-se-hia o filamento em logar de simplesmente o fazer incandescente.

Depois de se ter procedido a outras experiencias afim de verificar se ha qualquer defeito nos filamentos, nas juncturas, nos globos, etc., são levadas ao gabinete photometrico, onde são classificadas pelo seu poder de luz, e onde se certifica se as lampadas teem o mesmo brilhantismo e na mesma proporção. Todas são experimentadas e a sua voltagem e poder de luz são marcados no globo de vidro.

Passam finalmente para uma officina de montagem e de acabamento onde são adaptadas a differentes cabos. Este trabalho é confiado ás aprendizas que usam aventaes para se resguardar do gêsso, com o qual ellas fixam a gola da lampada aos cabos ou supportes de cobre.

A luz da lampada electrica é a mais benefica e hygienica de que se possa fazer uso, com excepção, já se vê, da luz do sol; porque de modo algum vicia a pureza do ar e assim póde gosar-se do duplo beneficio de uma boa luz e de uma atmosphera pura. Tem ainda outra vantagem: em casa onde se use a luz electrica tudo se conserva mais brilhante e mais fresco do que n'aquellas onde não ha esta illuminação; a prata não se deslustra nem escurece promptamente, e nem os tecidos desmerecem tão depressa, como tambem se gosa da grande vantagem de poder conservar por muito mais tempo nos quartos flôres e plantas do que com qualquer outra luz. Sob o ponto de vista da segurança decerto que ha muito menos risco do que com qualquer outra especie de illuminação.

A duração das lampadas electricas de incandescencia não excede mil a mil e duzentas horas; prefere-se mesmo deixal-as viver metade d'este tempo, attendendo á diminuição de preço do custo que os aperfeiçoamentos no fabrico teem conseguido obter. A intensidade luminosa enfraquece naturalmente com o uso, sobretudo pelo deposito de carvão que vae obscurecendo a limpidez do envolucro de vidro, bem como com o gasto do filamento que adelgaçado dá menos quantidade de luz, consumindo comtudo a mesma energia electrica. Ganha-se, portanto, mais em substituil-as antes de completo uso, por-

Acabamentos

que a compensação resulta do melhor aproveitamento da corrente. O seu consumo cresce de anno para anno; só em França se consomem annualmente mais de tres milhões de lampadas.

O PREÇO D'UM QUADRO

Nos grandes centros da vida civilisada, todos os annos, se realisam importantes transacções sobre objectos d'arte, como pinturas, livros, estatuas, desenhos, tapeçarias, cuja acquisição não é somente para muitos uma satisfação de vaidade ou de gosto artistico, mas tambem representa uma calculada collocação de capital. São avultadas as sommas que gyram n'este mercado especial; e, como em todos os outros, annos ha em que a cotação das vendas corre animada, bem provida de materias primas, estimulando os concorrentes, e periodos ha tambem em que escasseam os objectos dignos de profiada disputa, apresentando abatida feição e desamparada assistencia os leilões usuaes dos melhores *bric-à-bracs* e das mais afamadas galerias. São numerosas as causas, e de origens diversissimas, que influem n'este variado aspecto do mercado de arte, onde se dá tambem, como em todos, a inevitavel lei das oscilações. Claro está que os acontecimentos da politica, as guerras, as crises financeiras, a fortuna varia das grandes especulações commerciaes, a mortalidade inesperada por causas accidentaes, como peste, revoluções e combates, mil outros accidentes da vida social têem naturalmente uma acção directa sobre a actividade e sobre os resultados do anno artistico. A volubilidade caprichosa da moda impera egualmente soberana n'este campo, pondo em evidencia um genero para desprezar outro, tomando predilecção por um dado artista em detrimento d'outros, por vezes dignos de melhor e de mais justa sorte. N'um periodo, a pin-

Condessa de Dysart

Quadro de HOPPNER — Segundo uma gravura de Carlos Turner

tura congrega todas as attenções; n'outro são as estatuas que fascinam os colleccionadores; hoje procuram-se mobiliarios; ámanhã recolhem-se todas as tapeçarias que apparecem; por vezes, sem explicação plausivel ha objectos que attingem preços fabulosos.

Deu-se este anno um caso d'estes. Um quadro de Hoppner, pintor que a critica ingleza classifica de terceira ordem, foi vendido em 27 de junho, em casa dos srs. Robinson e Fisher, pela enorme somma de 14:050 guineos, o que corresponde aproximadamente a 97 contos de réis.

Representa, sobre um fundo de paizagem e em trajo de camponeza, Lady Luiza Manners que foi depois a condessa de Dysart. Este retrato, cuja tela mede 51 por 41 pollegadas, foi sempre considerado como um soberbo trabalho do pintor retratista e tornou-se muito conhecido pela vulgarisação que lhe deu a gravura de Turner publicada no principio do seculo findo. Affirma-se que esta consegue apenas dar uma pallida idea da belleza opulenta e triumphante da filha do quarto conde de Dysart. A illustração que acompanha esta pagina é feita sobre reproducção da gravura, portanto bastante enfraquecida, dando, porém, ainda indicação sufficiente do quadro. Cousa curiosa; esta mesma gravura de Turner rarêa tanto que dois dias depois da venda do quadro, um exemplar d'ella foi vendido por duzentas libras.

A condessa de Dysart nasceu em 1745 e viveu até 1840, tendo, portanto, attingido a avançada edade de 95 annos. Do pintor Hoppner é muito mais fallada e apreciada a celebre *Miranda;* e accrescente-se ainda, para se apreciar bem a caprichosa sorte que fez encarecer a venda recente, a duvida que ha sobre se aquelle quadro agora vendido é o original ou uma repetição do que existe na collecção de Lord Dysart em Ham House. Nos registos das vendas d'arte, desde 1827 a 1886, apenas figuram de Hoppner onze trabalhos com preços dignos de ser mencionados, notando-se que d'estes apenas cinco são composições de tres figuras. Todavia, o preço do retrato da formosa condessa attingiu uma somma appetecivel, sendo certo que a intensidade da procura se dirige actualmente de preferencia para retratos; como tambem agora os pintores, que se dedicam com amor a transportar para a tela as bellezas femininas, teem sempre ininterruptas encommendas.

Como um facto interessante da venda annual de Londres, ainda se recorda que o sr. Agnew pagou por 2:150 guinéos, ou sejam cerca de 13 contos, um estudo do celebre pintor Gainsborough, representando Izaac Henrique Sequeira, medico do então principe regente de Portugal, sentado n'uma cadeira de braços, segurando um livro e em vestuario azul da côrte, tela de 50 por 40 pollegadas de dimensão.

Para justificar em numeros, segundo o uso da época, a asserção dos capitaes avultados que annualmente absorvem as vendas d'arte, basta citar a importancia total, colhida em onze leilões, 272.093 libras, ou seja cerca de 1.700 contos, somente no mercado inglez e empregada em quadros, desenhos, pratas, porcelanas e outros variados objectos que constituem a decoração das salas e dos aposentos ricos. Para muitas obras d'arte, principalmente quadros, nota-se que o preço attingido em successivos leilões cresce na razão do juro pelo tempo decorrido entre duas vendas consecutivas; d'aqui dizer-se que a compra d'elles representa por vezes um simples emprego de capital. Infelizmente esta regra não é geral e de quando em quando circumstancias accidentaes produzem depreciações n'estes valores de *parede*, como nas bolsas soffrem os outros valores de *carteira.* A especulação, representada pelos grandes *bric-à-bracs*, espreita estas occasiões, aproveita d'ellas, e realisa assim avultadas fortunas, quando o bom gosto e o conhecimento technico se alliam ao arrojo na compra opportuna.

MODAS

A renda continúa a ter preferencia nos enfeites e applica-se mesmo nos vestidos mais fortes. Para *toilettes* de noite é a grande moda. As rendas feitas em tamboril, que tanto usaram nossas avós, tem agora grande voga; porém utilisam-se, de todos os generos. Não é de certo a verdadeira renda uma feita com uma especie de gancho de crochet sobre uma rede entesada n'um bastidor; porém não sác tão cara como se fosse a renda feita d'agulha. Os desenhos trabalhados sobre a rede apresentam lindo aspecto e são effectivamente aproveitados porque são já executados com os moldes das saias, de modo que se ajustam perfeitamente onde devem. Uma outra renda muito usada para o mesmo fim é a de Luxeuil: esta tambem não é tão cara como a renda feita d'agulha; é composta na maior parte de trança unida juntamente com pontos de renda e formando applicações com ponto d'agulha tambem: é comtudo um tanto mais cara do que os trabalhos de tamboril, mas não se approxima na excellencia ou no preço de qualquer producto que seja completamente feito á mão. Mesmo o crochet irlandez longe de ser tão custoso como a renda á mão, é comparativamente dispendioso. Frequentes vezes é vendida como renda impropriamente. A verdadeira renda é o producto da agulha ou de bilro, e comquanto o cabo de crochet seja manejado com muita habilidade pelas rendeiras irlandezas e os seus productos sejam symetricamente contornados, tão perfeitos nas minudencias como se fossem a ponto d'agulha, sempre é, no fim de tudo uma cousa bem differente da verdadeira renda. Os modelos de crochet irlandez são muito bons, sendo copiados do ponto de rosa do velho veneziano ao qual se assimilha. Ha comtudo grande differença para quem saiba vêr e apreciar.

Alem dos vestidos inteiramente compostos de renda, e collocados sobre seda, setim ou cambraia, ha mil maneiras de entremear a renda e bordados. A mistura de rêde branca e de rendas pretas é muito actual. Uma rêde preta, semeada de folhas de renda branca, produz excellente effeito, e n'estas composições se esmeram as grandes fazedoras de modas. Sendo o vestido preto um tanto vulgar, torna-se elegante quando é abundantemente enfeitado com tiras de renda preta com medalhões de renda branca, salpicado de sequims,

Nos estylos não se nota differença essencial áquella que anteriormente aqui se tem consignado: o estylo imperio, mais ou menos modificado, com maiores ou menores recordações da arte grega ou romana, o estylo Luiz XV modificado, em transformações habilmente pensadas, de sorte a darem agora modelos graciosos que entram mais na categoria de *arte nova* do que na resurreição do velho genero amaneirado, são os mais usados. Em todo o caso, para o uso corrente e generalisado, aqui damos modelos que se destinam a fazer conhecer o gosto preferido e que se affasta dos exaggeros de *toilettes* theatraes, onde a moda foi durante annos procurar inspiração ou confirmação; porem onde hoje se fornece menos de ideaes para modelos. Todavia dizem aquelles que tem frequentado este anno os salões luxuosos do alto mundanismo, que em *toilettes* de jantar ou de *soirée*, com o uso e abuso das rendas, se tem notado uma certa ousadia no desvendar de formas que os mais escrupulosos averbam de exaggero, embora mereçam a intima approvação pelas graciosidades appettitosas que revelam ou pelas opulencias exuberantes que desnudam.

Para abrigar tanta formosura, em aconchegado ninho, sómente se apropriam as bellas capas de pelles macias, dos tons aveludados da lontra da Russia, ou na côr fulva das martas, ou dos argenteos reflexos da raposa da America. Durante a estação tem havido, com o annuncio metereologico de que seria rigorosa, uma grande procura de pelles estimadas, alcançando preços fabulosos. Felizmente, a industria das imitações encarrega-se de prover de succedaneos de excellente apparencia aquelles a quem os recursos não deixariam abrigar-se em agasalhos defensores da intemperie. De sorte que os mais estimulantes contrastes resultam da emergencia d'uma *toilette* vaporosa, idealmente composta de rendas custosas sob tecidos leves e transparentes, de dentro d'uma pesada e fulva *pelliça;* como se harmonisam tambem, em extranha symphonia de perfumes, as essencias de violetas e de iris com o acre odor das pelles que lembram as florestas sombrias e frias; como se emolduram na maciesa dos arminhos as aveludadas carnaduras aquecidas na doce temperatura dos fogões de sala.

A nossa illustração apresenta um casaco de uma nova pelle — a de toupeira. O casaco é guarnecido com bandas de *suede* ricamente bordadas a oiro e cordão cinzento. O chapéo é de velludo com plumas e fivela de brilhantes.

A outra illustração representa um vestido de velludo preto para visitas, enfeitado com uma variedade de renda espessa bordada com froco e posta sobre setim. Este material simples é apropriado para a severidade e simplicidade de estylo adoptado. O cinto e o laço de setim, tendo no centro uma fivela de brilhantes, auxilia e completa o effeito. O chapéo é feito com os mesmos materiaes, e rematado com uma pluma d'ave do Paraiso.

PLANTAS CAÇADORAS E PESCADORAS

Apresento-vos primeiramente a Herva-pinheira que desdobra em roseta as suas largas folhas molles e envernisadas. Do meio d'esta roseta elevam-se duas hastes rectas e finas, coroada de flôres violaceas.

Ella é uma bonita planta, e compara-se a esses caçadores furtivos hypocritas que sob a apparencia mais encantadora occultam os mais perversos instinctos. Não tomemos conta da flôr e observemos as folhas. São a armadilha perfida onde se prende a caça temeraria.

Seja qual fôr a seccura da terra e o ardor do sol, o rebordo d'estas folhas, engenho irresistivel, está sempre humido e brilhante, coberto d'um liquido unctuoso que a propria planta segrega.

Se observarmos attentamente estas folhas, descobriremos n'ellas, aqui e alli, despojos informes, restos dispersos e minusculos de patas, de azas, de couraças de insectos varios. E' a caça da Herva. Como se passou esta carnificina? A planta caçadora acabou de praticar as suas proezas cynegeticas e como ella dispensa a licença, mereceria ser autoada, se as plantas podessem ser levadas á policia correccional.

Em face das provas e peças justificativas podemos reconstituir o drama. O pobre insecto que se atreveu descuidoso sobre as folhas viscosas e brilhantes da planta foi logo apanhado; e faz immediatamente corpo com a folha que vae transformar-se em seu sepulcro. Muito docemente, a folha recurva-se sobre a sua preza que se acha logo envolvida no liquido unctuoso. Como poderá fugir? A folha recurva-se ainda mais, como se mão invisivel a enrolasse entre dedos poderosos. Nada se vê já. A victima da planta fica encarcerada n'esta especie de cartucho que a folha impassivel formou. No fim d'algumas horas, novo prodigio se opéra. Pouco a pouco, a folha desenrola-se, e desdobra-se viscosa e brilhante. Olhae: o insecto desappareceu, apenas se vêem alguns restos informes despresados pela astuta Herva. A planta devorou o resto, embora tenha raizes para se alimentar da terra. Planta carnivora das mais curiosas, banqueteou-se, porém, não se saciou; caçadora infatigavel, arma de novo o laço de suas folhas viscosas a outros insectos que virão n'elle morrer e desapparecer. A Herva-pinheira não caça por amor d'arte; mata e come a caça, vive da sua victima.

Eis ahi agora uma outra planta caçadora, cujas façanhas cynegeticas teem alguma coisa de magica. Refiro-me a *Nepanthes*. Como descrever esta bizarra planta soberana que parece provir dos jardins de Tasso ou dos alegretes magicos das «Mil e uma noites?»

Divide com a *Victoria régia* o sceptro dos tropicos. E' a opulenta rainha da India e do Ceylão. Derrama tambem os explendores singulares da sua incomparavel originalidade, em certas regiões de Madagascar, nas solidões de Bornéo e nas florestas mysteriosas de Java.

A *Nepanthes* é a mais admiravel de todas as plantas carnivoras e caçadoras. Ao seu appetite real são necesarias hecatombes d'insectos de azas irisadas e de corpos dourados. Dir-se-hia que ella se alimenta de pedras preciosas, de turquezas animadas, de esmeraldas vivas. E estes insectos brilhantes que se succedem n'um eterno festim são-lhe servidos pela natureza em taças de nectar e de perfume. A espiga de flôres que esta planta maravilhosa ostenta no cume, é sem duvida magnifica, mas a suprema originalidade da *Nepanthes* reside nas suas folhas, as mais extraordinarias do mundo vegetal. A *Nepanthes* é o inverosimil tornado planta, o paradoxo transformado em folhas.

Estas folhas, poderoso laço ou armadilha de caça, elevam-se, estendem-se, recurvam-se com surprehendente graciosidade. Largas e brilhantes, estas folhas terminam por um delgado e solido filamento, especie de gavinha ligeira que apesar da sua apparente fragilidade supporta na sua extremidade uma urna ou vaso vegetal, completo, irreprehensivel, enfeitado de *guillochés* encantadores, de galões adebruados, de ornatos delicados que parecem cinzelados pelo buril d'uma fada. A fada foi a natureza.

Nada falta a estas urnas, nem mesmo a tampa, obra admiravel que girando sobre charneira reabre aos primeiros raios do sol e se fecha com o entardecer.

De noite, estas urnas prodigiosas, seguras delicadamente pela extremidade da gavinha enchem-se d'agua limpida e docemente perfumada que a propria planta segrega.

De manhã, quando a urna, sob a acção dos raios do sol levanta a tampa, está cheia e n'estas bacias de frescura e de perfume caem multidões de insectos que alli se afogam como a lenda pretende que se afogou o duque de Clarence n'um tonel de Malvasia.

Estes cadaveres attrahidos e mortos por surpreza n'um tumulo attrahente são dissolvidos pelo liquido e a *Nepanthes* devora-os, comendo lauto banquete em todos os pratos ao mesmo tempo.

Se para o insecto, a urna da *Nepanthes* é um tumulo; para o homem é, ao que parece, uma taça de vida, um calice refrescante, abençoado e sempre pleno.

Não é uma planta é uma fonte — e uma fonte maravilhosa que não rebenta d'uma pedra, mas brota d'uma folha. Gosto muito, sem duvida, da caça e das flôres, mas gosto tambem dos insectos, e as plantas caçadoras que são tambem plantas carnivoras inspiram-me simultaneamente uma admiração rara e uma especie de terror confuso. Parece-me que para estes graciosos seres, feitos de brilho e de perfume, deveriam bastar-lhes o ar, o orvalho e o sol.

Comtudo, muito lhe deve ser perdoado, a *Nepanthes* attesta a sua habilidade assombrosa coma caçador de insectos que ella attrahe no laço, tão gracioso como perfido, da sua taça fatal. Que se lhe perdõe tudo pelo fresco copo d'agua perfumada que sob um céu de fogo ella offerece no extremo dos seus ramos ao viajante sequioso.

Poderia ainda citar-vos entre os mais habeis caçadores do mundo vegetal, a Rossolis (herva da gota) ou a Dionêa (papa-môscas), mas passo a apresentar-vos a *Utricular*, planta que pesca, planta de pallidas florinhas amarellas de ramusculos delicados, aquatica, submersa, de raiz fluctuante e solta, errante no seio das aguas, visitando alternadamente a superficie e o fundo dos paues.

As suas folhas são guarnecidas de numerosas bexigas ou pequeninos ôdres, d'onde lhe vem o nome de *Utricular*. Segundo alguns botanicos, estes ôdres seriam apparelhos de natação, enchendo-se de ar ou de agua. De agua para lustrar a planta e guial-a ao fundo das aguas, de ar para a aligeirar e impellir sobre a superficie dos tanques. Destinados exclusivamente a este uso, estes maravilhosos ôdres classificariam a *Utricular* na primeira classe das plantas extranhas. Estas bexigas que se enchem e se despejam de agua ou de ar para fazer subir ou descer esta planta errante, teem já de si proprias alguma cousa de admiravel. Mas outros illustres botanicos estão hoje de accordo que os ôdres da *Utricular* são não sómente apparelhos de natação, mas tambem perfeitos engenhos de pesca.

Está hoje reconhecido, admittido que a delgada e delicada *Utricular* é ao mesmo tempo um vegetal carnivoro e pescador, uma planta piscivora que se nutre de insectos aquaticos e de pequenos peixes que consegue prender nos seus ôdres. N'uma palavra, a *Utricular* pesca como a *Nepanthes* e a *Dionêa* caçam.

Nas bexigas da *Utricular* acha-se um pequeno orificio, guarnecido de pêllos rudes que parecem defender-lhe a entrada, por detraz dos quaes existe uma valvula que se abre de fóra para dentro, ratoeira engenhosa e perfida, livre para a entrada, inexoravel para a sahida. Ai do imprudente que impilla a fatal valvula e entre na bexiga, seu tumulo implacavel, como a porta do inferno de Dante onde é preciso deixar toda a esperança!

Primeiramente o insecto aquatico nadará com voluptuosidade dentro da bexiga, gota de agua que lhe parecerá um mundo. Mas em breve a planta segrega um liquido virulento que o mata, decompõe e absorve. A *Utricular* jantou.

Finalmente, os sabios descobriram que a planta não se restringe aos insectos, e tem decidida predilecção culinaria pelos peixes recemnascidos.

N'estes ultimos tempos, mr. Simms, d'Oxford, trouxe ao eminente professor Moseley um vaso de vidro contendo uma *Utricular* e alguns peixes do genero cyprino, extremamente pequenos, os quaes foram apanhados pelas valvulas dos utriculos, penetraram nas glutonas bexigas, ali morreram, decompozeram-se e pouco a pouco desappareceram absorvidos pela planta piscivora ou melhor icthyophaga. Que prazer teria experimentado

Darwin se lhe fosse dado assistir ao fabuloso repasto da *Utricular,* elle que fôra o primeiro a signalar os terriveis instinctos cynegeticos e culinarios da extranha planta! Moseley viu ainda uma vez um pequeno cyprino preso por dois utriculos ao mesmo tempo. Emfim, Madame Treat, de New-York, confirmou por experiencias irrefutaveis os appetites carniceiros da magra e delicada *Utricular* — unica planta conhecida até o presente que se entrega ás doçuras da pesca e que mistura n'um *menú* bem comprehendido a succulencia dos tenros peixes ao sabor aperitivo dos insectos. E foi assim que, apropriando os gostos da *Utricular* ao meio em que ella vive, a complacente natureza prodigalisa a esta sua filha das aguas as frituras e as caldeiradas.

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

Outubro **26** — *Chili* — Considera-se terminado em Valparaiso o incidente argentino-chileno. — *França* — O syndicato dos operarios metallurgistas de Saint-Etienne vota que se faça gréve geral da sua classe ao mesmo tempo da dos mineiros. — *Venezuela* — As tropas do presidente Castro são derrotadas perto de Mathurin, sendo grandes as perdas de um e outro lado.

27 *Portugal* — O *Diario do Governo* publíca um decreto sobre as reformas da arte dramatica e musical. — Lançamento ao rio da canhoneira-torpedeira *Tejo.* — *Inglaterra* — Repetem-se em Londres as manifestações hostis ao generalissimo Roberts. — *França* — O escriptor Lourenço Tailhade acha-se refugiado em Bruxellas em consequencia da sua condemnação que o expulsa de Paris.

28 *Inglaterra* — E' lançado á agua em Barrow o cruzador *King Alfred*, o maior e o mais rapido do mundo.

29 *Estados-Unidos* — E' executado em Auburn pelo systema da electrocução o assassino Golgosz. — *Portugal* — O *Diario do Governo* publíca a reorganisação da magistratura do ministerio publico. — *Italia* — O rei Victor Manuel acceita a arbitragem que lhe offereceram a Inglaterra e o Brazil para a delimitação das fronteiras da Guyana, tendo nomeado delegado o ex-ministro sr. Venosta. — *França* — A commissão do *Aero Club* decide conceder ao sr. Santos Dumont o premio Deutsch de 100:000 francos. — *Filippinas* — O cabecilha Malvar é proclamado capitão-general. Declara que reorganisará o exercito filippino.

30 *Inglaterra* — A Inglaterra approva o tratado anglo-americano relativo ao canal do isthmo de Panamá.

31 *Portugal* — O *Diario do Governo* publíca as reformas de obras publicas. — *Tanger* — O ministro Torres entrega ao embaixador de Hespanha 30:000 duros como indemnisação pelo sequestro de uns rapazes hespanhoes e 9:000 pesetas para as familias dos captivos da kabyla de Argila. — *Hespanha* — O congresso approva um projecto de lei prohibindo a cunhagem da prata. — *Abyssinia* — Determinam-se de fórma satisfatoria os limites do Sudan inglez com a Abyssinia. O imperador Menelik auctorisa um syndicato anglo-belga a explorar as minas de ouro nas provincias equatoriaes do Sudan.

Novembro **1** — *Inglaterra* — Estabelece-se em Trieston a primeira escola de telegraphia sem fios. — *Filippinas* — A commissão americana redige um decreto contra os crimes de traição e sedição.

2 *Estados-Unidos* — E' encerrada officialmente a exposição de Buffalo, cujos prejuizos sóbem a 4 milhões de dollars. — *Nicaragua* — A Republica do Nicaragua denuncia os tratados que concedem aos Estados-Unidos o direito de construir um canal interoceanico atravez do seu territorio. — *Russia* — Desencadeia-se uma violenta tempestade sobre o lago Baikal, causando 170 mortes.

3 *Portugal* — Realisam-se em todo o paiz, á excepção de Lisboa, as eleições municipaes. — *China* — Um individuo armado de um chuço tenta assassinar a imperatriz que ia para Huan-Fu, matando sómente um dos creados. — *França* — Os trabalhores do porto de Brest, reunidos em numero de 3:500, votam uma moção decidindo preconisar a gréve geral como meio de obter satisfação ás suas reclamações. — *Belgica* — Nasce o principe Leopoldo, filho da princeza Isabel da Belgica.

4 *Hespanha* — O senado vota uma mensagem de gratidão e sympathia ás republicas americanas que se representaram no congresso medico. — *Turquia* — Chega a Mitylene a esquadra franceza sob o commando do almirante Caillard, com ordem de tomar tres portos d'aquella ilha e tomar posse das alfandegas.

5 *Italia* — O rei marca o praso de 16 mezes para se dictar a sentença relativa á arbitragem entre a Inglaterra e o Brazil, na questão das fronteiras da Guyana. — *Inglaterra* — O rei Eduardo VII assigna a proclamação relativa aos seus novos titulos, que são: «Eduardo VII pela graça de Deus, rei do reino unido da Grã-Bretanha e Irlanda, e dos dominios britannicos d'além dos mares, defensor da fé, e imperador da India». — *Estados-Unidos* — O sr. Bow é eleito *mayor* de New-York contra o sr. Sheparo, candidato de Tammamy Hall.

6 *Estados-Unidos* — O embaixador inglez notifica ao governo de Inglaterra que acceita a proposta americana ácerca do tratado Cayton-Bulwer. — *Italia* — E' lançado á agua em Napoles o couraçado *Benedetto Brime*.

7 *Allemanha* — É ordenado que se estabeleça a telegraphia sem fios pelo systema Marconi a bordo das esquadras allemãs.

8 *Turquia* — A Turquia dá completa satisfação á França, accedendo ás reclamações impostas por esta. — *Austria* — O presidente do conselho de ministros propõe-se iniciar uma politica francamente liberal. — *Hespanha* — Termina no senado o debate sobre a questão religiosa levantada pelos prelados. — *Inglaterra* — O duque de Cornwall é nomeado principe de Galles e conde de Chester. — *Estados Unidos* — O sr. Duke organisa em Cincinatti o *trust* do tabaco com o capital de doze milhões de dollars. — *China* — Um edito imperial nomeia o alto mandarim Yuan-Chi Kae, ministro plenipotenciario em substituição do vice-rei Li-Hung-Chang, e confere-lhe o titulo de marquez. — *Persia* — O shah da Persia regeita a offerta da Russia de lhe mandar mil cossacos para reforçar a guarda do seu palacio.

10 *Allemanha* — São presos muitos estudantes polacos por pertencerem a sociedades secretas. — *Hespanha* — Verifica se nas provincias a eleição do renovamento de metade das municipalidades. — *França* — Uns 600 mineiros, reunidos na Bolsa do Trabalho em Saint-Étienne, resolvem adiar a gréve geral.

11 *Prussia* — Dá-se um desmoronamento n'um dos poços da mina de Stassfurt, ficando sepultados no entulho 70 mineiros.

12 *Russia* — O czar nomeia uma commissão presidida pelo grão duque Michelowitch afim de estudar o plano para a completa renovação das fortificações de Sebastopol. — *Turquia* — A Sublime Porta dá completa satisfação a quatorze reclamações que lhe tinham sido dirigidas pela Austria. — *Grecia* — As potencias insistem junto do principe Jorge da Grecia para que acceite a renovação do mandato de governador geral da ilha de Creta que expira no fim do anno corrente.

14 *Portugal* — É assignado o decreto da reorganisação da Academia de Bellas Artes de Lisboa e do Museu Nacional. — *Turquia* — O sultão consente na proxima annexação de Creta á Grecia. — *Inglaterra* — A Inglaterra notifica que está decidida a abandonar o protectorado das costas de Mosquitos, que ficará desde esta data pertencendo á Nicaragua. — *Estados Unidos* — Constitue-se em Nova Orléans uma sociedade de construcções novas, com o capital de cinco milhões de dollars. — *Africa* — As delegações financeiras dos colonos da Argelia approvam o projecto do governo que propõe contractar um emprestimo de cem milhões de francos.

15 *Brazil* — 12.º anniversario da proclamação da republica dos Estados Unidos do Brazil. — *Inglaterra* — Os mineiros inglezes recusam-se a apoiar os seus camaradas francezes para a gréve geral. — *Africa* — A Russia e a França concordam em converter em rival de Aden o porto francez de Tadjurah situado no golpho de Aden.

16 *Portugal* — É publicado no *Diario do Governo* o decreto que reorganisa a força publica nas provincias ultramarinas. — *Allemanha* — Encontram-se sem trabalho em Berlim 90:000 operarios. — *Cidade do Cabo* — 20:000 descarregadores indigenas declaram-se em gréve.

17 *Abyssinia* — O imperador da Abyssinia péde protecção á Grecia para os abyssinios que se encontram na Europa, e para quarenta dos seus jovens subditos que pretendam estudar n'aquelle paiz. — *Turquia* — O ex-gran-visir Said-Pachá é de novo nomeado gran-visir. — *Estados Unidos* — Lord Pauncefote, embaixador da Gran-Bretanha recebe ordem de assignar o tratado relativo ao canal isthmico.

18 *Portugal* — São publicados no *Diario do Governo* tres decretos que se referem á passagem para o ministerio da guerra dos torpedos fixos, á creação das direcções geraes de cavallaria e infantaria e ao campo entrincheirado de Lisboa. — *Estados Unidos* — A immigração nos Estados Unidos, desde o primeiro de janeiro até esta data é de 487.918 pessoas, contando os italianos n'este numero pela quarta parte. — *Italia* — O governo resolve abolir o imposto de consumo sobre o pão e as farinhas e outros artigos de primeira necessidade. — *Hespanha* — O governo demitte o reitor da universidade de Barcelona, que se manifestou hostilmente ao exercito e á unidade da patria. — *Estados Unidos* — É assignado o tratado isthmico anglo-americano pelo sr. Hay, secretario de estado e por lord Pauncefote embaixador da Gran-Bretanha. — A commissão que estudou os projectos do canal inter-oceanico, inclina-se, por maioria, para que se realise o projecto do canal de Nicaragua em vez do de Panamá. — *Africa* — A assembléa dos delegados financeiros da Argelia adia por 30 votos contra 15, o projecto destinado a declarar Argel porto franco. — *Columbia* — Os liberaes columbianos assignam um armisticio com o governo da Columbia.

19 *Estados Unidos* — A commissão dás relações externas do senado nomeia presidente Colmar em logar de Davís. — *França* — Os grévistas da parte norte de Licoin votam a continuação da gréve. — *França* — A reunião dos mineiros de Denain vota a gréve.

20 *Jerusalem* — O patriarcha de Jerusalem consulta os embaixadores da Russia, França e Constantinopla ácerca de um accordo amigavel para sanar as questões existentes entre os monges do Santo Sepulchro. — *Allemanha* — O imperador Guilherme II prohibe que as associações de antigos militares realisem manifestações contra Chamberlain, como projectavam e algumas teem feito. — *França* — 200 mineiros de Lens repellem a gréve, negando-se outros a voltar ao trabalho e 800 d'Avion decidem continuar na gréve. — *Estados Unidos* — Com a assistencia de 200 delegados celebra-se a primeira sessão da nova liga nacional Recyproty. O presidente declara

impossivel dominar as correntes proteccionistas. — *Italia* — Celebram-se em Roma, Milão, Florença e outras cidades, reuniões favoraveis ás leis do divorcio. — *Hollanda* — O tribunal da arbitragem decide declarar-se incompetente afim de satisfazer o requerimento dos boers para a sua intervenção na guerra da Africa Austral. — *Estados Unidos* — Os carregadores do caminho de ferro de New-York-New Haven-Hartford, declaram-se em gréve seguindo este movimento mais de 5:000 empregados. — *Hespanha* — Os estudantes de S. Thiago de Compostella manifestam-se tumultuosamente contra os jogos prohibidos, havendo muitos ferimentos.

21 *França* — O conselho do syndicato do Pas-de-Calais dirige um manifesto aos mineiros aconselhando-os a que não façam gréve.— Em consequencia da paralysação do mercado de vinhos, 8:000 proprietarios ruraes do departamento dos Baixos Pyreneus negam-se a pagar as contribuições. — *Athenas*—Em frente da columnata do templo de Jupiter Olympico, realisa-se um comicio a que assistem 20:000 pessoas, decidindo-se pedir com instancia ao Santo Synodo a ex-communhão dos sectarios da traducção da Biblia em grego moderno. Produzem-se varios confiictos, ficando mortos 7 individuos e feridos uns 30, entre os quaes o prefeito de policia.

22 *Inglaterra* — As auctoridades de Brighton prohibem os *meetings* liberaes contra a politica do governo na Africa do Sul. — *Estados-Unidos*—O engenheiro Whitehead, obtem de um syndicado *yankee* o capital necessario para a construcção de 200 navios aereos. Começarão, na proxima primavera, o serviço entre New-York e Otawa e entre Chicago e New-York. — *França*—A Academia Franceza adjudica o primeiro premio annual de poesia ao sr. Harancourt.—Considera-se completamente abortado o movimento dos mineiros a favor da gréve geral por causa de desaccordos entre os grévistas. — O senado approva a proposta de lei que tem por fim fazer estudar os meios de combater a despopulação da França. — *Austria* — O imperador ameaça dissolver o *reichsrath*, se os tcheques se recusarem a votar o orçamento. — *Suecia* — A Academia Real de Stokolmo concede o premio de 300:000 francos ao poeta francez Mistral, da Provença. — *Turquia* — O governo turco resolve fortificar os postos de Durago e Valbone, com o receio de qualquer aggressão da Italia ou da Grecia.

24 *França* — Celebrou-se na Sourbonne o jubileu do grande sabio Benthelot. — Inaugura-se no cemiterio de Montmartre o monumento em Lorna de Henri Heine. — *Portugal* — Sae do Tejo em direcção aos estaleiros da casa Orlando em Leorne o couraçado *Vasco da Gama* para ser transformado.

25 *Portugal*—O *Diario do Governo* publíca o regulamento do Conservatorio Real de Lisboa. — *Turquia* — As potencias oppõem-se á applicação da nova pauta aduaneira por comportar augmento de direitos. — *Italia* — O tribunal criminal condemna a prisão por toda a vida o réu Luiz Pranotti, como cumplice de Bresci no assassinio do rei Humberto.

THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante o mez de Outubro e Novembro

OUTUBRO — 30 ESTUDANTES E COSTUREIRAS, opereta franceza traduzida pelos srs. Salvador Marques e Bruno de Miranda, musica do maestro Filippe Duarte (Theatro da Avenida).

31 — JOÃO DAS VELHAS, peça original dos srs. Schwalbach e D. João da Camara com musica do maestro Nicolino Milano (Theatro do Principe Real do Porto).

NOVEMBRO — 5 O MOTETE, peça em 1 acto imitada do hespanhol pelo sr. Carlos Trilho (Theatro do Gymnasio).

7 — O AZ DE PAUS, drama de Pierre Decourcelle traducção dos srs. Maximiliano de Azevedo e Salvador Marques (Theatro do Principe Real).

8 — O MICROBIO DO AMOR, peça de Brisson traduzida pelo sr. Jayme Bramão (Rua dos Condes).

9 — A SORTE! comedia de Alfred Capus traduzida pelo sr. Accacio de Paiva (Theatro de S. João do Porto).

19 — O SR. TENENTE, comedia allemã de Von Mozer, traduzida pelo sr. Freitas Branco (Th. do Gymnasio).

24 — AS DUAS IRMÃS, drama, traducção do sr. Eduardo Garrido (Theatro do Principe Real).

NECROLOGIA

NOVEMBRO 1 — BERNARDO GALLIGAN, o celebre *Monge de Caparica*, 49 annos, em Caparica.

1 — O mandarim HSU-CHEAN-PANG, vice-presidente do Tsong-li-Yamen, na China.

1 — Madame AUBURG, famosa philantropa, com 108 annos, em Londres.

6 — O general principe LI-HUNG-CHANG, 78 annos, em Pekin, auctor das ultimas negociações da paz.

9 — O GRÃO VISIR DA TURQUIA, em Constantinopla.

22 — PERMANO GAMAZO, chefe do partido liberal dissidente de Hespanha, em Madrid.

22 — O conde HATZFELDT WILDENBURG, antigo embaixador da Allemanha em Londres.

22 — ARGYRIADÉS, escriptor socialista, em Paris.

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradavel entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

Noticia historica sobre as tres côres

Em 1722, as tres côres tinham já servido de base para as impressões das gravuras. Jàcques Christophe Le Blon, pintor e gravador, que foi o primeiro a applical-as, nasceu em Francfort-sur-Mein, em 1667.

Tendo estado em Roma, passou depois a Amsterdan onde, seguindo a doutrina de Newton, resolveu fazer a gravura com a sobreposição das sete côres: o vermelho, o alaranjado, o amarello, o verde, o azul, o indigo e a violeta. Mas este methodo necessitava um trabalho muito difficil para a sua execução; assim procurou reduzir o numero das chapas de impressão, e das suas pesquisas nasceu para elle a convicção de poder obter todos os tons e todas as côres com as tres fundamentaes: a vermelha a amarella e a azul. Em seguida dirigiu-se para Londres onde, em 1722, publicou o seu methodo em brochura intitulado IL COLORITTO *or the harmony of colouring in painting reduced to mechanical precept and infaillible rules* (a harmonia das côres na pintura reduzida a um methodo mechanico e infallivel).

No seu perfacio lê-se : *Painting can represent all visible objects with three colours: yellow, red and blue* (a pintura póde representar todas os objectos visiveis com tres côres, a vermelha, a amarella e a azul). Esta publicação feita n'um estylo desordenado teve pouco exito.

Só mais tarde, em 1737, Le Blon se fixou em Paris, onde encontrou numerosos discipulos e um publico que se interessou vivamente nos seus trabalhos.

Em 1740, o rei conferiu-lhe um privilegio sob a condição de gravar em aguatinta e de imprimir as suas chapas perante uma Commissão e de tornar conhecido o seu segredo.

Le Blon morreu um anno depois (maio de 1841) na edade de 74 annos. Toda a sua vida foi consagrada á invenção das impressõss a tres côres.

As chapas de Le Blon são executadas pela forma *negra*, muito favoravel ás tintas continuas. Era mestre na escolha das chapas e possuia no mais alto grau o sentimento das tres côres.

Foi sempre superior aos seus discipulos que nunca conseguiram dispensar a quarta chapa, a chapa do negro. O melhor d'entre elles, Jacques Gauthier, publicou estampas muito notaveis em tres e quatro côres.

Um contemporaneo de Le Blon, Ch. F. du Fay (1698-1739), publicou nas memorias da Academia, um artigo em que diz: « Viram se em França, quadros feitos por Le Blon, impressos sobre papel, executados por meio de tres chapas de cobre gravadas, tendo cada uma, uma da tres côres ; o vermelho, o amarello, o azul, do conjuncto das quaes resultava todas as côres e todos os tons da natureza.»

(Reproduzido do «Photographische»)

Um unico revelador para todos os casos

São bem conhecidos os inconvenientes de ter no laboratorio reveladores diversos feitos por processos differentes e cuja applicação varia tambem segundo o caso em que elles devem ser empregados, sendo o principal inconveniente a accumulação de frascos o que é facil reduzir, seguindo os conselhos de M. Ch. E. Manierre na *Camera Notes*, que seguudo a sua formula podem reduzir-se todos a um só revelador tanto para o seu emprego nos negativos como nos diapositivos e ainda nas provas ao brometo, limitando-se ao uso de dois saes, o métol e o hydroquinone. O métol dá um negativo delicado e muitas vezes sem intensidade, o hydroquinone ao contrario dá um negativo duro cujos detalhes não apparecem senão quando as partes mais illuminadas estão completamente negras.

Estes dois saes reunidos dão em resultado o poder obter-se um cliché suave e de facil impressão. O unico inconveniente consiste em que o métol é um pouco toxico, e portanto atacar a pelle.

Para a preparação do banho, dissolve-se em primeiro logar o sulfito de soda anhydro em agua bastante quente.

O sulfito de soda que se encontra no commercio é geralmente muito alcalino e para o neutralisar torna-se necessario junctar-lhe um pouco de acido citrico. Dissolve-se em seguida o métol, depois o hydroquinone e por ultimo o brometo de potassa.

As formulas recommendadas são as seguintes:

A. —	Sulfito de soda anhydro......	12 gr.
	Métol.......................	2 »
	Hydroquinone	4 »
	Acido citrico (até á neutralisação)......................	
	Brometo de potassa......... (ou 30 gottas de uma solução a 25 %).	1 »
	Agua, quantidade necessaria para perfazer............	500 cc
B. —	Carbonato de potassa........	75 gr.
	Sulfito de soda anhydro......	50 »
	Agua, até perfazer...........	500 cc.

Para revelar os clichés. empreguem-se da:

Solução A.........	35 cc.
» B........................	45 »
Agua...........	35 »

Quanta mais agua se addicionar tanto mais suave será o cliché.

Para os papeis de brometo, junctar metade de agua.

Para os Velox as soluções normaes.

Para os diapositivos, junctar-se-ha por cada 100 cc. de revelador:

Para os tons castanhos, brometo de potassa a 25 %, 125 cc.

Para os tons purpura, brometo de potassa a 25 %, 25 cc.

Para os tons vermelhos, brometo de potassa a 25 %, 35 cc. e augmentando proporcionalmente o tempo de exposição.

© © ©

UM PARADOXO

Um espirito são possue uma visão bem clara, uma justeza bem nitida de observação e um juizo recto. A loucura é a visão obscura, a observação apagada, o juizo falso. O homem cujo espirito fosse perfeitamente são, nunca se deveria enganar; seria irreprehensivel e comtudo seria senão nocivo pelo menos inutil, porque é a loucura com todos os seus terrores que faz mover o mundo das idéas.

Ninguem ha que tenha o espirito absolutamente normal. O cerebro ou é muito grande ou muito pequeno. As circumvoluções onde se enroscam os pensamentos teem raramente uma conformação perfeita. Os loucos que são encerrados em casas de saude destinguem-se por vezes de nós outros apenas por uma pequena dóse de exageração. E' tudo uma questão de graduação, uma simples differença de intensidade de expressão. E ninguem se supponha isento. Vê-se mais facilmente um argeiro no olho do visinho do que uma tranca no proprio. Aquelle que pretende ser absolutamente são de espirito, tem uma opinião exaggerada do seu merito e uma doença cerebral incuravel.

As tinetas são loucuras muito leves, mas são loucuras. Um colleciona borboletas; outro procura avidamente as primeiras edições dos livros; este segue todos os *matchs* de *crickets:* aquelle faz politica ou qualquer outra coisa incomprehensivel para muitos. Nenhum confessa a sua mania. Cada qual occulta cuidadosamente as manifestações d'ella; e vae chasqueando das do proximo; envergonha-se da sua propria tineta, e sem rasão, porque uma mania bem desenvolvida e esmeradamente cultivada tem todo o direito ao nosso respeito. Quantos pela sua mania se teem salvo da prostração nervosa e das idéas negras.

Todo o grande homem tem tido a sua mania. Quando se trata de grandes personagens, consideram-se as taras intellectuaes como marca de genio; quando se trata do vulgo emprega-se então um termo menos polido. As manias são uma valvula de segurança; temperam a tensão do espirito. Este leve desenvolvimento da loucura impede-o de tomar fórma mais violenta. E' um virus anodino que serve de vaccina contra uma erupção mais virulenta. O primeiro dever de todo aquelle que tem uma vida muito occupada seria criar-se uma mania e desenvolvel-a com amor; era como quem tirasse patente de vida longa e feliz.

Diz-se que a loucura é causada pela ruptura de cellulas infinitamente pequenas do cerebro. E' possivel; mas é certo que os progressos se não realisam sem esforço e sem attritos. Póde pois dizer-se com toda a apparencia de razão que a loucura, que existe como base de todo o progresso, d'elle proprio provém; porque foi a loucura que produziu os grandes acontecimentos do mundo.

Todos os reformadores podem serem considerados como atacados d'um começo da terrivel e benefica doença mental. O nome que lhes cabe é de doido; porque é fóra de duvida que nunca um homem são de espirito se arrojaria ás empresas tentadas por aquelles reformadores e revolucionarios. Encontrar-se-hia satisfeito com o estado actual. Elle é conservador de sua propria natureza; sómente um doido póde pensar em tudo demolir e destruir para novamente edificar.

Tem-se considerado o amor como uma especie de loucura; com effeito perturba a cabeça do homem e coração da mulher. O homem apaixonado deixa de ser senhor das suas faculdades. O amor altera a consciencia, obscurece o discernimento; e, comtudo, opera os milagres mais extraordinarios e sob o seu influxo teem sido commettidos os actos mais insensatos e de maior alcance ou consequencias.

O genio é uma loucura. Os grandes homens teem em geral um cerebro anormalmente desenvolvido. Prodigiosos sobre um determinado aspecto, são d'uma mediocridade inaudita n'outros assumptos. Abundam os exemplos.

Recordae porém tudo quanto pela humanidade e em favor d'ella os doidos d'amor e de genio teem feito e reconhecereis os beneficios da loucura.

Toda a grande instituição ostenta o timbre d'um homem, e a quantos loucos d'um desin-

teresse anormal se devem os progressos realisados para melhorar a sorte da humanidade, e a quantos allucinados divinos se devem os actos de maior heroismo e abnegação. O desinteresse é pois tambem uma fórma rara da loucura, e ao qual o homem são de espirito não se submette facilmente.

Sem enthusiasmo nenhum progresso se realiza: foram enthusiastas os reformadores sociaes, os crentes em delirio, os espiritos torvados de ideal que dirigiram a impulsão dos movimentos populares. E comtndo o enthusiasmo é uma aberração momentanea do espirito e do coração, uma entoxicação mental, moral e espiritual que perturba o cerebro.

Assim, paradoxalmente, se póde dizer que a loucura tem um lado bom e util, como todas as grandes e nobres acções do espirito humano teem um toqne de loucura.

CONHECIMENTOS UTEIS

Conservação d'uvas para o inverno.— Entre outros processos este que segue é aquelle que é mais geralmente adoptado para conservar durante longos mezes os cachos de uvas, escolhidos meticulosamente, limpos de folhas, e de todos os bagos que apresentem macula na pelle. Toma-se um barrilete, cobre-se o fundo d'uma camada de ***serradura de cortiça*** bem fina; sobre esta camada dispoem se os primeiros cachos de forma que se não toquem; deita-se lhes por cima a serradura cuidadosamente, afim de prehencher os intresticios, e de os recobrir inteiramente e até certa altura para collocar uma camada de cachos e assim até a bocca da barrica que depois é fechada. Por este meio na Russia, chegam a conservar-se longos mezes magnificos cachos de uvas que no momento de usar basta mergulhar rapidamente em agua para lhes tirar todo o pó de cortiça que lhes tenha adherido.

Contra as frieiras.— Evitam-se friccionando as mãos, depois de cada lavagem, com a pasta de amendoas misturado com um quinto do seu peso de glycerina. Se desagradarem os corpos gordos, pode utilisar-se para fricções a mistura seguinte:—vinagre de vinho branco, 30 gr.; alcool, 15; agua de rosas, 15; sumo de limão, 20. Esta mistura é applicavel tambem contra a vermilhão das mãos. Como preservativo e mesmo como abortivo no principio do mal, applicar tres vezes por dia, em pinceladas sobre a frieira nascente o liquido seguinte:—glycerina, 30 gr.; tintura de iodo, 1; tintura de opio, 1. Ainda outra receita mais caseira. Mistura de 30 gr. de toucinho ou banha fundida com 2 gr. de creosote. Outra receita mais nova e mais sabia:—tintura de digitalis, 6 gr.; thymol cristallisado $2^{gr},40$; alcool rectificado, 180; glycerina, 180. Emfim não esquecer tambem o infallivel pó de maio, recolhido no proprio mez.

PROBLEMAS

Resoluções do numero anterior

N.º 15 — 225 e 441

N.º 16 — 14cm,556.

N.º 17 — *Xadrez:*

BRANCOS	PRETOS
1. B para 8 B	1. Qnalquer
2. Xeque e mate.	

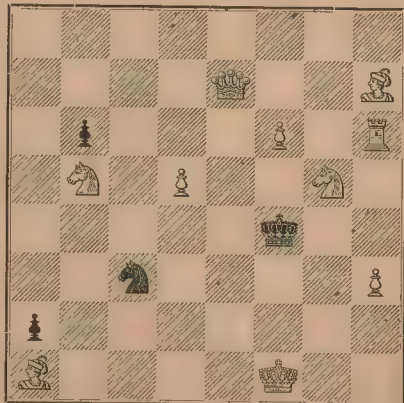
Num. 18

Dois tanques de forma cubica conteem ambos 1853 litros de agua. A somma das alturas d'estes tanques é de $1^m,7$. Quanto mede o lado de cada um d'elles?

Num. 19

Um pae tinha 24 annos quando nasceu seu primeiro filho. Se se multiplicarem as edades que teem actualmente o pae e o filho, encontra-se um numero egual a tres vezes o quadruplo da edade do filho. Qual é a edade actual de cada um d'elles?

XADREZ

Num. 20 PRETOS (4 peças)

BRANCOS (10 peças)

Os brancos jogam e dão mate em dois lanços

Setembro e Outubro	Barometro — Nivel do mar		TEMPERATURA: ás 9 h. da manhã		TEMPERATURA: maxima		TEMPERATURA: minima		Chuva — Millimetros		Ozone — Gráus	
	1900	1901	1900	1901	1900	1901	1900	1901	1900	1901	1900	1901
1	764,8	762,2	22,8	19,5	27,2	25,7	18,4	15,3	0,0	0,0	4,5	0,2
2	764,0	760,8	19,6	20,2	27,7	22,7	17,6	17,7	0,0	—	7,0	6,3
3	760,1	762,4	26,0	19,7	32,4	22,8	21,0	18,3	0,0	1,3	3,7	7,5
4	760,3	764,3	24,4	20,3	27,4	21,8	20,8	17,2	0,0	—	3,0	5,5
5	764,3	761,5	21,6	20,2	22,8	21,0	17,1	18,1	0,0	0,0	6,8	8,2
6	765,6	759,7	19,6	18,7	26,4	20,6	17,1	15,7	0,0	39,0	6,0	7,5
7	765,0	761,3	21,5	18,8	23,4	20,9	19,0	17,4	0,1	0,0	6,0	5,5
8	765,8	761,7	20,6	26,6	24,7	23,0	18,1	17,3	0,0	0,0	7,0	5,3
9	764,4	764,4	20,6	20,4	24,3	22,1	18,0	18,1	0,0	0,0	8,2	7,2
10	764,5	765,8	21,5	19,3	28,4	22,3	17,6	16,7	0,0	0,0	5,8	7,8
11	764,4	765,0	23,4	19,2	25,4	22,2	18,6	16,6	0,0	0,0	5,5	6,7
12	764,3	764,7	21,4	19,7	24,4	23,6	18,5	16,6	0,0	0,0	5,7	5,5
13	763,3	762,3	20,7	21,4	23,7	24,8	18,7	16,9	0,0	0,0	4,3	9,0
14	762,8	762,8	21,0	18,9	—	21,9	—	16,0	0,0	0,0	7,0	6,3
15	762,5	762,8	19,3	18,1	25,0	21,1	18,4	14,6	0,0	0,0	7,8	5,0
16	764,3	762,5	21,0	19,9	22,9	23,1	19,0	15,5	1,0	0,0	5,5	5,7
17	764,2	763,9	22,3	21,0	27,1	25,6	18,3	17,0	0,0	0,0	5,5	6,5
18	765,2	764,3	21,3	20,1	26,2	25,2	18,8	17,9	0,0	0,0	6,5	5,5
19	765,2	764,0	20,2	19,9	22,3	24,8	18,1	16,2	0,0	—	6,0	7,5
20	762,8	760,6	21,6	19,1	28,2	20,4	17,6	16,3	0,0	0,0	6,5	5,8
21	764,3	758,0	21,4	19,1	23,9	20,5	17,6	15,0	2,9	8,5	6,7	7,0
22	766,0	752,7	20,5	14,7	25,9	19,3	17,6	14,3	2,0	14.9	6,3	5,7
23	766,1	759,7	24,0	15,8	26,7	20,0	19,1	14,3	0,0	11,5	5,5	5,0
24	763,8	766,3	22,2	18,1	26,6	19,3	19,7	15,1	0,0	0,9	3,2	8,5
25	763,7	767,4	19,2	18,8	20,8	21,2	14,6	17,1	0,0	0,0	7,3	7,3
26	763,1	766,9	18,0	18,0	22,5	19,9	14,9	16,5	5,4	0,0	7,0	8,2
27	760,2	766,8	20,0	19,4	24,2	24,3	15,2	16,5	0,0	0,0	4,7	3,0
28	760,7	764,1	18,5	19,5	20,4	25,9	14,2	16,5	0,0	0,0	5,0	3,3
29	760,4	762,4	17,5	19,4	23,2	25,9	15,8	17,8	0,0	0,0	6,3	2,2
30	761,4	762,1	18,5	20,9	22,5	26,5	16,5	19,2	0,0	0,0	5,5	2,3
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1	763,5	764,3	17,3	19,0	21,6	23,0	15,3	16,9	0,5	0,0	5,5	4.7
2	763,3	766,9	17,5	18,7	21,0	21,0	16,0	15,3	1,5	0,0	5,3	3.3
3	765,1	766,3	18,0	16,7	20,9	21,6	14,6	14,0	0,2	0,0	6,7	4.2
4	766,2	766,2	16,5	18,7	21,0	22,9	15,2	14.3	1,0	0,0	4,0	6.2
5	768,6	765,5	18,9	15,7	22,0	18,8	14,8	13,3	0,0	0,0	7,5	4,0
6	768,5	765,1	19,0	16.2	21,6	20,6	14,2	13,0	0.0	0,0	4,3	4,0
7	765,5	761,3	19.9	18.4	26,1	22,5	17,5	13,5	0,0	0,0	5,0	4,5
8	768,9	759,7	19,5	18,4	24,9	26,6	17,5	14.5	0,5	0,0	6,5	3,3
9	769,5	763,2	20,7	19,2	27,1	27,2	17,6	17,6	0,0	0,0	5,7	2 5
10	768.4	764,0	21,5	17 7	28,4	22,5	18,4	15,9	0.0	0,0	4,3	3,0
11	765,6	762,9	22,3	17 8	23,3	20,6	18,6	16,3	0.0	27,0	2,2	4,0
12	761,4	761,4	18,8	17.4	21,1	19,8	16,9	15,6	5.0	0,0	6.7	5,9
13	763,4	759,5	17,6	17,3	20,2	20,1	14,9	13.7	0,4	0,0	7.8	5.0
14	765,9	760,0	16,8	16,3	19.9	18,3	13,6	13,4	0,0	0,0	6.2	3,8
15	763,5	758,4	16,4	16,5	19,5	16,6	12,1	13.1	0,0	0,0	8,3	4,5
16	763,2	756,6	17.0	14,3	20.8	16,3	15,1	11,8	0,0	18,9	3,5	4,0
17	764,2	761,0	15,5	14.3	20,3	17,5	15,7	11,9	0,2	0,8	3 7	8 0
18	763.0	762.2	16,2	17.0	20,7	17,9	15,0	14.4	2,5	4,5	5,8	6,5
19	760,0	763,3	16,3	15,9	18,2	17,5	15.1	12.3	0,7	14,7	7.0	5,5
20	759,3	767,2	17.4	14,8	21.2	16,6	15,6	12.3	1,8	0,2	5 7	5,7
21	763,1	761,5	15,5	14,5	20,1	17,3	14,4	12.8	0,0	1,7	4,8	5,5
22	767,0	762,1	14,8	15,0	19,0	17.2	12,2	12,8	0,0	0.7	4,2	4,3
23	765,3	768,6	12.7	14 4	13,9	18,0	8,5	12,0	0,0	0,0	5,0	5,5
24	763,2	771,3	8,0	13,0	14,1	18,3	6,3	9,6	0,0	0,0	5 5	6,0
25	762.2	768.2	12,0	14.7	19,3	17,8	11,0	13,4	4,1	0,0	5,5	3,7
26	759,3	768,0	14,0	14,4	20,6	16,8	13,2	13,1	0,0	0,2	8,5	5,0
27	766,5	767,0	15,7	14,1	16,5	17,6	13,1	11.7	0,0	0,0	7.3	5,0
28	770,2	768,1	14,5	11.6	19.1	17,3	12,7	9,6	0,0	0,0	6,2	6,5
29	769,7	762,8	12,2	13.7	19,4	16,5	10,9	11,3	0,2	0,0	2,3	7,0
30	764,7	759.4	13,8	12.7	21,7	15,0	11,0	10,8	0,0	0,3	6,2	5,7
31	763,2	760,9	17,7	13,8	18,2	16,6	15,9	10,7	0,7	0,2	4,0	6,0

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SUMMARIO

VOL. II — DE JAN. A FEV. — 1902 — NUM. 9

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa — Preço 200 réis

SUMMARIO

GRAVURAS

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a reducção do preço a **2$200 réis,** o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas, poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por:

Series de	**3 numeros**	**600**
	6 numeros	**1$200**
	12 numeros	**2$200**

Para o Brazil e paizes da União postal, por:

Serie de 12 numeros (moeda portugueza) 3$000

remettendo á administração dos **SERÕES,** em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia *directamente.*

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo de cobrança pelo corréio.

Typ. e impressão dos *Serões*, C. do Cabra, 7 — Editor, Thomaz Rodrigues Mathias

LOPES, LOURENÇO & C.TA

Proprietarios da **CASA AMIEIRO**

Confecções para homem e senhoras

Sortimento completo de tecidos de novidade

45, Rua Ivens, 47, 1.º

M. A. BRANCO & C.A

PAPELARIA PROGRESSO

LISBOA — 151, RUA DO OURO, 155

OFFICINAS A VAPOR: *Rua do Crucifixo, 60 a 66*

Gravura heraldica e commercial — Carimbos de borracha. — Typographia e lithographia. — Bilhetes de visita.

TABACARIA MARQUES

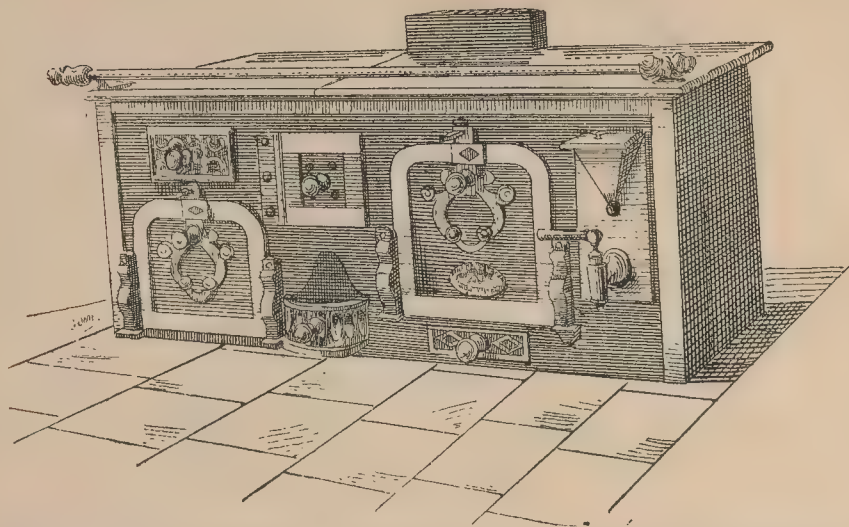
RUA DO OURO, 152

SEMPRE NOVIDADES!

Bolsas para tabaco e dinheiro.
Cigarreiras e Charuteiras, de cabedal e metal.
Bilheteiras e Carteiras, ultimos modelos.
Cachimbos d'ambar, espuma e raiz.
Boquilhas, legitimo ambar amarello e preto.
Boquilhas hygienicas Marques, com deposito para nicotina.

Revistas navaes, militares, theatraes e modas

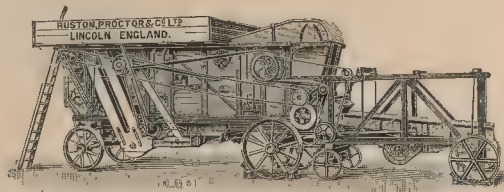
Obras litterarias e romanticas

MANUFACTURAS DE FERRO. COBRE E BRONZE

MANUEL PATRONE

Balanças diversas. Grande fornecimento de accessorios para luz de incandescencia e candieiros para gaz

RUA DE S. PAULO, 109

Debulhadoras e Locomoveis

RUSTON, PROCTOR & C.°, L.TD

Agente geral em Portugal e colonias

CARLOS CORRÊA DA SILVA

Rua Serpa Pinto, 24 — LISBOA

J. J. RIBEIRO & C.A

INSTRUMENTOS DE OPTICA E CIRURGIA

TOPOGRAPHIA, ASTRONOMIA, ETC.

Grande sortimento de machinas e accessorios para photographia

OBJECTIVAS DOS MAIS AFAMADOS FABRICANTES

222, RUA AUREA, 226

LISBOA

Clichés de P. Marinho & C.ª — *Impressão typographica dos Sérões*

AGUARELLA DA EX.ma SR.a D. MARIA SIMÕES

SALA DA EXPOSIÇÃO — ASPECTO GERAL

LAVORES FEMININOS

Exposição realisada no Atheneu Commercial

Entre os numerosos meios de que a mulher, dona de casa ou mãe educadora, se socorre para dar, na sua influencia bembazeja, ao lar domestico aquelle aspecto confortavel e alegre que prende sympathias e impõe respeito e estima, avulta, como mais visivel a olhos extranhos, a decoração artistica da casa, do seu interior, onde abundem os lavores proprios. Felizmente desenvolve-se entre nós a predilecção pelo cultivo da pintura applicada a mil objectos de uso decorativo, praticada pelas senhoras e pelas meninas, n'um renascimento de gosto e de educação muito para louvar. Não é somente na capital que se denuncia este animador movimento; é tambem na provincia. Demonstrou-o, ha pouco, a exposição da Figueira. Confirma-se ainda pela exposição no Atheneu de que em seguida se dá noticia e se reproduzem alguns aspectos.

Na renovação mental de que a sociedade portugueza tão urgentemente necessita, um grande papel deve pertencer ás mães, porque é em casa, indirectamente, que se recebem as primeiras noções, a verdade ou o erro sobre a vida.

Onde a mulher fôr apenas a depositaria da tradição e da rotina, nunca poderão surgir novas gerações, aptas para o trabalho intellectual do nosso tempo, ávido de conquistas, ancioso de soluções que conduzam á felicidade. Onde a mulher é collaboradora do homem em todos os seus nobres progressos scientificos, as gerações produzem uma obra redemptora como na assombrosa civilisação americana.

Entre nós, infelizmente, a mulher é habitualmente afastada de todo o movimento intellectual e artistico, o que representa um terrivel elemento de atraso.

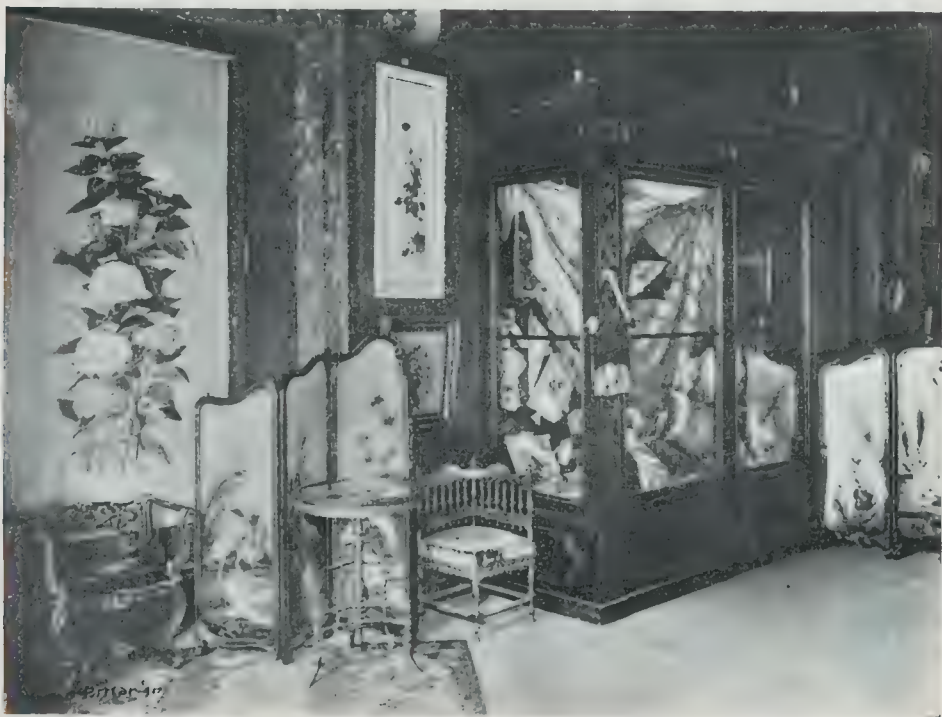
Tudo quanto altere essas desoladoras normas torna-se merecedor da mais viva sympathia. Está n'este caso a exposição de pintura promovida pela distincta professora D. Helena Fontes nas salas do Atheneu Commercial. Vinte e sete alumnas expozeram cento e

setenta e dois trabalhos, o que representa um grande esforço de boa vontade, e uma bella prova de applicação. Mas não se limitou a isso o resultado do esforço da illustre professora.

Milhares de senhoras percorreram as salas onde se ostentavam os trabalhos, tiveram occasião de os vêr, de os discutir, de os tomar para assumpto de conversações, tendo assim ensejo de interessar-se pelas novas applicações de tantas actividades.

Estudos de alumnas, muitas d'ellas com poucos mezes de curso, não podem criticar-se como quadros de artistas feitos, onde ha que apreciar o assumpto, o processo, o intuito social, sem o qual a arte, digna d'este nome, se abate e desmerece.

As producções das discipulas da sr.ª D. Helena Fontes, a qual já tem exposto no Gremio Artistico e no antigo Grupo do Leão, pódem dividir-se em duas cathegorias principaes: as applicações e os estudos, o ornato das pequenas coisas que fazem o encanto de um interior, e as tentativas de composições colhidas do natural.

N'um rapido exame notaremos os seguintes: quadros com girasoes, alcachofras e papoulas, de D. Maria do Carmo Vaz de Albuquerque; um *porte-brosses* com um ramo de chagas e uma carteira com uma figurinha Luiz XV, de D. Laura Schroter Batalha de Carvalho um *sachet* de setim com passaros e uma espadella com paisagens de D. Amalia Schroter Batalha de Carvalho; retrato a crayon, flôres, paisagem com passaros e uma almofada com chrysantemos, de D. Alice Samora d'Eça e Almeida; um biombo em quadro com aves, um quadro com papoulas, um *écran* com cysnes, e um *pouf* com rosas e malmequeres, de D. Leopoldina Danin Lobo Antunes; stores com hortenses e cannas da India, de D. Elisa Fernandes e Silva Gomes; uma cadeira com figuras Luiz XV e um *écran* com rosas, de D. Beatriz Leal Wintermantel; uma sombrinha (rosas) e um espelho (rosas e lilaz), de D. Claudina Horta Machado; uma meza (rosas) de D. Anna Pereira Mendonça de Freitas; um biombo em setim (flores) de D. Sarah Antunes Monteiro; um retrato e uma colcha, de D. Julieta Maia; marinha, de D. Alice Santos; uma cadeira (chrysanthemos), de D. Georgina Santos; retrato e botões de rosa de D. Bertha Brito Macieira; uma almofada (lyrios) de D. Carlota Brito Macieira Viegas; flores e uma paisagem, de D. Elvira Barroso; retrato e uma meza (rosas), de D. Esmeralda Nunes Frade; um *porte-journaux* (hera e

Sala da exposição — Um canto

myosotis), de D. Etelvina d'Albuquerque Corrêa; uma cadeira (flores), de D. Margarida Morgado; uma jardineira (flores), de D. Maria Emilia Taborda Trigueiros de Martel; um biombo (girasoes, peonias e lyrios), de D. Maria José Roma Machado; uma guitarra (paisagem), de D. Maria Julia de Mendonça; um desenho, de D. Maria Novaes Souto Maior e Athaide; uma cadeira (flores), de D. Marianna Morgado; paisagem de D. Zulmira Nunes Frade; um desenho de D. Maria da Purificação Pina Vidal. Era excellente o aspecto da exposição e de grande alcance o seu effeito moral.

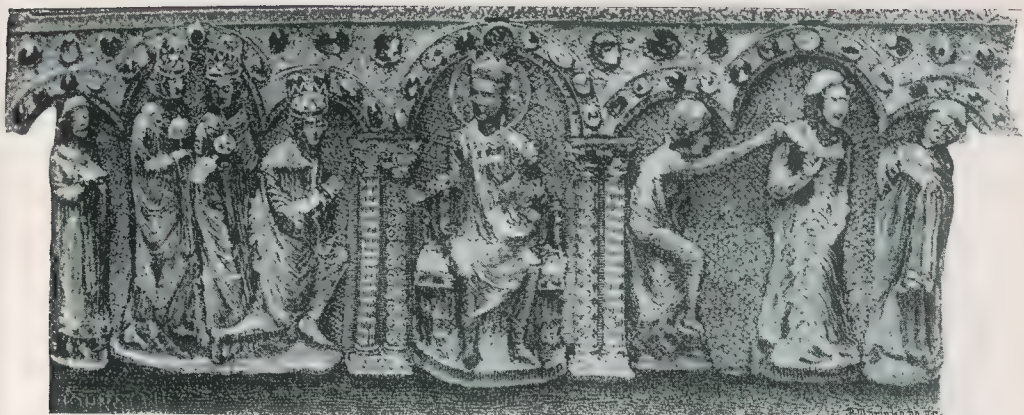
Não porque o ensino da pintura seja de influencia decisiva no futuro de um povo, mas porque é mais um esforço tendente a erguer o nivel intellectual da mulher portugueza.

Educar o gosto, crear o habito do estudo, é preparar o cerebro para a acquisição dos principios scientificos em que se bascia a existencia das modernas sociedades.

VIRGINIA DA FONSECA.

Entre as diversas associações de instrucção e de recreio que se desenvolvem em Lisboa, em demonstração, bem patente e contraria ao dizer commum, de que a iniciativa particular pouco alcança e logo esmorece nos seus esforços perseverantes, destaca-se o Atheneu Commercial, o qual, fundado em 1880, no momento da celebração do tricentenario de Camões, teve periodos de desfallecimento e de abandono, mas, pouco a pouco, tem resurgido, prosperando e contando actualmente cerca de seiscentos socios empregados no commercio Além das aulas de portuguez, de inglez, de francez, de geographia, de calculo e contabilidade commerciaes que mantém, promove com particular cuidado e interesse, á similhança de institutos similares extranhos, a realisação de conferencias, a que dão relevo o saber e a eloquencia de homens de alto valor scientifico, como os drs. Miguel Bombarda, Silva Telles, Sabino Coelho e tantos outros. De par com a instrucção escolar, abrem-se as aulas de diversão e educação physica, como a esgrima, a gymnastica, a musica, a dança, a carreira de tiro.

Juntamente com o cultivo dos exercicios sportivos, como a velocipedia, organisam se excursões pelo paiz, inicio de viagens proveitosas em apprehender pela vista conhecimentos rapidos. Sempre solicito em promover toda a iniciativa util, o Atheneu faculta as suas salas a exposições especiaes, como a da imprensa pela occasião dos festejos do centenario da descoberta do caminho maritimo para a India, como a de rendas, bordados e outros lavores femininos, effectuada em abril de 1897, por iniciativa do Atheneu, o qual alcançou exito verdadeiro e justo, dando vigoroso impulso ao movimento educativo n'este ramo muito especial da industria caseira e da arte applicada á decoração. Ao lado das suas salas de jogos communs n'estas sociedades, o Atheneu tem o seu gabinete de leitura e a sua já valiosa bibliotheca com obras de insrucção e de entretenimento intellectual. Assim esta benemerita associação concorre brilhantemente, dentro dos seus fins estatutarios, para o melhoramento da intellectualidade e da educação d'uma numerosa classe social, trabalhadora e cooperadora na formação da riqueza publica, como são os empregados no commercio.

FACHADA DO EDIFICIO DO ATHENEU COMMERCIAL

Frontal d'um altar na cathedral de Colonia, por Meister Stephen. Seculo XV

Adoração dos Magos

A narrativa evangelica dos Magos, que do oriente vieram adorar o Menino Deus em Bethlem, tem sido thema predilecto da arte christã. Nenhum outro assumpto da historia sagrada ou profana tem obtido mais numerosas e variadas representações.

Nos muros das catacumbas, nas esculturas dos sarcophagos, nos mosaicos das basilicas, nas capellas de sumptuosos palacios ou em modestas igrejas, em azulejos decorativos, em calices dourados, nos embutidos das portas, nos pulpitos de marmore, na pintura dos tectos, em bronzes burilados, em relicarios, em toda a parte, onde a arte christã se assignalou e floresceu, encontra-se o episodio da adoração dos Magos, descripto atravez dos seculos, n'uma ininterrupta serie dos mais variados aspectos.

Curioso exemplo de como o decorrer dos tempos permitte a alteração profunda da narrativa original, e de como a phantasia artistica substitue a pouco e pouco a simpleza dos factos primitivos, e complica n'um trabalhoso bordado de tradições, de lendas, de mythos e de velhos poemas a verdade historica, adornando a por vezes, interpretando-a outras, e deturpando-a muitas. Todavia a imaginação artistica illumina a crença, soffre a suggestão das epocas, inspira-se nas tendencias do momento e fixa interpretações ou modalidades fugitivas que se fundiriam na bruma das idades passadas, se o pincel do artista pintor não as conservasse na tela, o escopro no marmore ou o buril no bronze trabalhado.

O episodio dos Magos, tal como nos é narrado pelo evangelista S. Matheus, é breve e simples. Conta-nos que, quando Jesus nasceu em Bethlem, uns forasteiros chegaram a Jerusalem. Não diz o numero d'elles, nem a raça, nem lhes determina posição social; mas comclue-se facilmente, pela consideração com que foram recebidos na côrte de Herodes, por tra-

D'um fresco das catacumbas de Roma. Seculo III (primeira metade)

zerem comsigo arcas de thesouros, e porque os denomina Magos, serem pessoas de elevada jerarchia e distincção. Mago significa discipulo de Zoroastro e membro da ordem sacerdotal da Persia, doutrina e ordem n'aquelle tempo extensamente espalhada nas nações orientaes. O motivo que, segundo S. Matheus,

Um dos magos no **Viaggio** de Benozzo Cazzoli, fragmento dos frescos do Palacio Riccardi, em Florença. Seculo XV

deram a Herodes da sua viagem, foi o de terem visto no ceu um signal que lhes annunciava o nascimento do rei dos judeus e vinham portanto a adoral-o. Não fixa o evangelista, se o signal foi uma estrella ou muitas, um cometa, ou outro qualquer meteoro fugitivo.

Conta que Herodes, preoccupado com esta nova, convocou os principes dos sacerdotes, quer dizer os chefes das vinte e quatro familias sacerdotaes que serviam no templo, e os escribas do povo, quer dizer os doutores da lei, depositarios dos livros santos e interpretes das escripturas divinas; e preguntou-lhes se os prophetas haviam designado onde nasceria o Messias. Respondeu-lhe o conselho unanimemente que Bethlem era o logar designado pelos prophetas. Para alli mandou Herodes seguir os Magos, tendo previamente inquerido desde quando elles tinham visto o signal no ceu. O evangelista narra em seguida em breves versiculos a jornada dos Magos, guiados pelo signal que de novo lhes appareceu, o encontro com o menino Jesus, e a offerta de myrra, de ouro e de insenso, em forma de preito e de adoração Finalisa a narrativa, explicando o regresso dos Magos ao paiz d'onde tinham vindo, sem visitarem novamente Herodes, por suggestão d'um sonho.

Comprehende-se sem grande esforço reflexivo como a piedade e a imaginação inventiva foram pouco a pouco completando a breve narração do evangelista; como os Magos subindo em jerarchia se fizeram reis; como das tres offerendas resultou o numero d'elles; como do estudo das civilisações orientaes e do seu conhecimento mais ou menos phantasioso provieram as innumeras representações dos Magos e de suas comitivas; como a lenda a cada um deu nome, e com este a origem, e a raça; como na eloquencia commovedora dos monjes pregadores se poetisou a grandeza simples do trecho evangelico, significando o abatimento humilde da distincção

realenga e da sabedoria orgulhosa perante o berço do pequenino Jesus.

Ao mesmo tempo, a investigação scientifica, na ousada contraprova das prophecias indiscutiveis, encontrou o apparecimento do signal no céu, que, para a sabedoria dos Magos, indicava o nascimento do Messias e os guiou na viagem, na notavel conjuncção de Jupiter e de Saturno, raro acontecimento sideral que se deu pouco antes do anno do nascimento de Christo e se repetiu no anno seguinte, unindo-se ainda o planeta Marte á conjuncção dos outros dois. Sobre este phenomeno celeste são extremamente curiosas as observações de Kepler em 1604, e os modernos estudos dos velhos registos chinezes. A astronomia veiu confirmar a verdade da narrativa do evangelho de S. Matheus, se o espirito do crente podesse admittir-lhe a sombra d'uma duvida.

A arte christã apoderou-se do assumpto e illustrou-lhe os mais pequenos pormenores, ao sabor da phantasia e da concepção dos melhores artistas. As gravuras d'este artigo exemplificam varios aspectos da adoração dos Magos, atravez dos seculos, principiando n'um fresco das catacumbas de Roma, pintado na primeira metade do III seculo, e no qual dois Magos (o numero d'estes tem variado de dois a seis) apresentam á Virgem, sentada com Jesus nos braços, as offerendas em pratos dourados. Os Magos, cujo vestuario attesta a vinda do Oriente, ainda não tem alli distincção alguma que lhes determine realeza. A corôa apparece sómente no grande mosaico de Santo Apolinario o Novo em Ravenna, no VI seculo.

Depois, na obra dos grandes mestres da arte, encontra-se sempre este assumpto ou pelo menos um incidente cuidadosamente tratado, sob todos os aspectos do sentimento devoto, e da magnificencia da côr, do idealismo imaginoso ou do realismo paciente, da simplicidade ingenua ou da intensa concepção dramatica, como póde têl-os concebido o engenho artistico de Stephen, de Hans Memling, de Fabriciano, de Ticiano, de Veroneso, de Rubens, de Rembrandt, e de tantos outros.

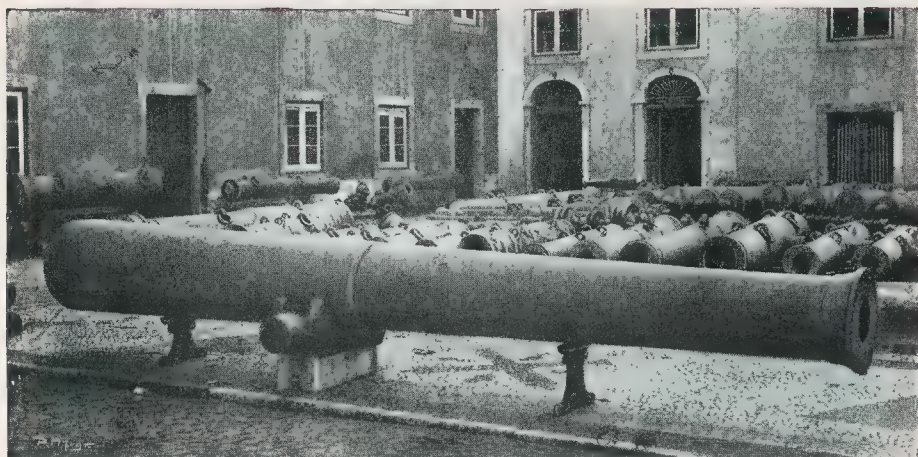
A ADORAÇÃO—QUADRO DE PEDRO PAULO RUBENS, NO MUSEU DE ANVERS. SECULO XVI (FIM)

Entre os mais curiosos citamos os frescos de Benozzo Gazzoli, representando o *Viaggio* dos Magos, no palacio Riccardi em Florença. Este pintor florentino era sem duvida uma excellente creatura, muito temente a Deus, piedoso e correcto na sua vida, mas demasiadamente desejoso de pintar tudo quanto na terra

e no mar houvesse visto e admirado. Assim, encarregado por Cosmo de Medicis de decorar a capella do seu palacio com a historia evangelica da visitação dos Magos ao Menino Jesus, entregou-se mezes e mezes, á luz de lampadas, que a capella era interior, ao trabalho de cobrir toda a parede com a pintura da mais magnificente e da mais extranha procissão que a phantasia lhe suggeriu. Corseis curveteados, guerreiros magestosos, pagens gentis, caçadores seguidos de galgos ligeiros, atraz de veados e de leopardos, tudo ia caminhando por entre rochedos escarpados, rios, montes e valles, á sombra de arvores esguias ou de emplumadas palmeiras. Benozzo Gazzoli para alli foi amontoando retratos dos grandes da época, nas personagens do variegado sequito, e até achou logar para o seu proprio escrevendo o nome na orla do gorro. A figura principal, porém, é sem duvida a de Lorenzo de Medicis, ainda moço, aquelle que mais tarde foi chamado o *magnifico*, montado sobre um soberbo cavallo branco, n'uma vaidosa attitude de rico senhor florentino, figurando um dos Magos.

Para complemento da illustração d'este artigo, reproduzimos a celebre *Adoração* de Rubens, existente no museu de Anvers, quadro pintado, segundo a tradição, em treze dias, superiormente composto na disposição das figuras, na escolha dos typos, e na harmonia de tons, e caracteristicamente expressivo da dupla maneira do grande mestre que traduzia nas suas télas religiosas a robustez pagã da fórma exuberante, sua inspiradora; — egualmente reproduzimos o quadro de Grão Vasco, existente no museu d'arte ornamental das Janellas Verdes, para exemplo da escola portugueza, e queriamos, mas não nos foi possivel conseguir, dar ainda uma reproducção directa da larga e suggestiva composição do nosso Sequeira, quadro que pertence á collecção do sr. Duque de Palmella, havendo no museu apenas o cartão que não se presta com proveito para a sua comprehensão geral, facilmente, á reproducção photographica, na qual se apagam as figuras numerosas que rodeiam a Virgem e dão ao quadro uma magnificencia de composição verdadeiramente notavel.

A ADORAÇÃO — QUADRO ATTRIBUIDO A GRÃO VASCO NO MUSEU DE BELLAS ARTES. SECULO XV

A seu tempo serão estudados com largueza os pintores portuguezes; agora vieram sómente fornecer commentario á evolução da narrativa evangelica, sempre impregnada das influencias do meio e do tempo, completando-se e transformando-se sob o influxo da varia phantasia do artista sempre illuminada pela piedade simples do christão, com a luz divinamente bella da conjuncção sideral que assignala o nascimento do *Promettido*.

A CELEBRE PEÇA DO CERCO DE DIU — MUSEU DE ARTILHARIA

Arte indo-portugueza

FUNDIDORES DE ARTILHARIA

Diversos escriptores extrangeiros têem propalado a existencia d'uma *arte indo-portugueza*, applicando esta expressão não só aos monumentos architectonicos, mas tambem aos productos de algumas artes industriaes. Nos catalogos do *South Kensington Museum* vereis designada a procedencia de alguns objectos, sobretudo dos que fazem parte do mobiliario, como indo-portugueza.

Em meu humilde parecer, esta ideia é uma these, admissivel sim, mas que carece de demonstração. Ainda ninguem nos disse, creio eu, em que consiste essa alliança da arte indiana e da arte portugueza, qual a sua influencia mutua, quaes os elementos com que uma contribuiu para o enriquecimento ou para a modificação da outra. Aonde existem os trechos caracteristicos que nos demonstrem essa confraternidade? Foi nas linhas geraes ou apenas na ornamentação que a arte europeia se deixou influenciar pela arte oriental?

Como se vê, o problema não é singelo nem tão facil, como á primeira vista se poderia suppôr; pelo contrario, é complexo e envolve muitos pontos, que é preciso estudar devidamente, antes de lhe dar a definitiva resolução. Belem, a Batalha, Thomar, são os tres principaes monumentos, em que se pretende observar o influxo do orientalismo artistico. Convem todavia advertir que nenhum dos architectos, que dirigiram as obras d'aquelles edificios foram alguma vez á Asia, e por isso não poderiam receber a impressão directa dos templos budhicos. Boytac, João de Castilho, Danzinho, Bolonha, os Arrudas e outros, sahiram, é certo, do continente, mas para ir visitar as praças d'Africa, onde foram dirigir a construcção de importantes obras militares. Ceuta, Arzila, Tanger, Mazagão, Çafim, não eram cidades de importancia monumental, mas continham, por certo, edificios que não deixariam de ser considerados com attenção por um artista. E' de crêr até que a influencia arabica ou mourisca não fosse extranha aos nossos architectos. De Ceuta, touxe D. João I, como despojos da conquista, doze columnas de marmore, que offereceu ao convento da Carnóta, proximo de Alemquer, aonde ainda se conservam. No Museu do Carmo, vê-se uma grande bacia ou tanque de pedra, trazido de Mazagão. Não serão estes os unicos testimunhos e vestigios da nossa passagem e estada militar no littoral de Fez e de Marrocos.

Tem-se apresentado como argumento comprovativo ou favoravel da these, o predominio do elephante na nossa ornamentação monumental. O famoso pachyderme vê-se com effeito nos tumulos da capella-mór de Belem, mas ninguem se atreveria a dizer que esta parte da egreja, tão caracterisadamente classica e que tanto se destaca do restante

do edificio, suggira a mais leve ideia de architectura oriental. Tambem o monumento de D. José I apresenta o gigantesco animal, e ninguem dirá que elle exprima outra coisa senão o symbolismo da Asia. Francisco de Hollanda, o amigo e fervoroso admirador de Miguel Angelo, sectario do classicismo e todo elle embebido nas maravilhas da arte italiana, fez do elephante o principal ornamento de uma fonte monumental, que deixou desenhada na sua *Fabrica que fallece á cidade de Lisboa.* Não seria porém para admirar que os nossos esculptores o reproduzissem ao vivo, quando é certo que durante muitos annos elle teve a sua jaula no Terreiro do Paço, e passeava pelas ruas de Lisboa, como fazendo parte do sequito real de D. Manuel.

Citei já alguns architectos que foram ás praças d'Africa: outros houve, e de merecimento, que foram ás regiões do Oriente, onde deixaram de si boa memoria; mas não consta que, no seu regresso, exercessem a sua actividade na patria, em obra de grande vulto. Thomaz Fernandes, tão gabado por Affonso de Albuquerque, Francisco Pires que mereceu os elogios de D. João de Castro, Simão de Ruão e Julio Simão pertencem a esta pleiade. Eram sobretudo architectos militares, mas empregavam-se tambem na construcção de templos e outros edificios.

Não me custa admittir, antes me parece arasoavel acceitar, que os nossos descobrimentos, não só os indianos, mas os da Africa e da America, actuando poderosamente na mentalidade portugueza, excitando a nossa phantasia, necessariamente haviam de imprimir cunho e nova orientação ao movimento artistico. Os variadissimos e extranhos productos ethnographicos e de historia natural que todos os dias eram trazidos a Lisboa, das mais remotas paragens, nas galés dos nossos navegadores, não só espantariam o vulgo, mas causariam admiração em todos. Por conseguinte nada mais logico que vêr-se em toda a parte um reflexo d'esse espirito de novidade e de aventura. Ahi está como o *orientalismo* penetrou na corrente do nosso sentimento esthetico. E quando digo orientalismo, dou a esta palavra uma significação latitudinaria, envolvendo n'ella o resultado de toda a nossa vasta e dilatada odysseia.

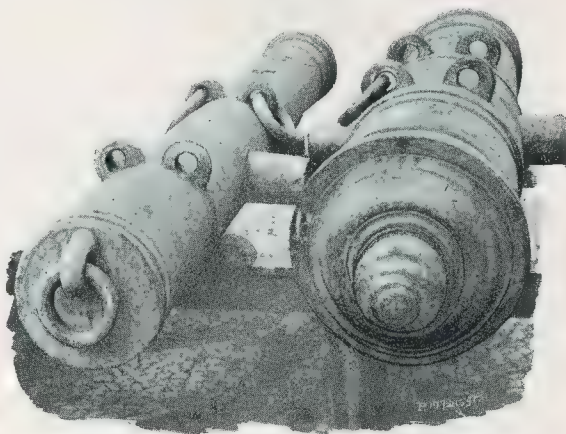
Para se avaliar até que ponto chegou esta influencia, seria necessario proceder ao estudo comparado da nossa flora e da nossa fauna ornamental, e n'este sentido, para bem se determinar, deveriamos dividir esse estudo em tres periodos, o primeiro dos quaes abrangeria desde os inicios da monarchia até á conquista de Ceuta: o segundo desde este feito até á empresa de Vasco da Gama; o terceiro, finalmente desde o descobrimento da India até aos fins do seculo XVI.

❦ ❦ ❦

Isto pelo que respeita á grande arte, especialmente á architectura. No tocante ás artes industriaes a transfusão mutua fez-se mais extensiva e intensivamente, graças á activa multiplicidade das relações mercantis em seguida ao descobrimento do novo caminho maritimo. As nossas naus não vinham umi-

Peça Francisco de Tavora (centro) — Museu de Artilharia

camente carregadas com as especiarias e drogas orientaes, mas conduziram desde logo, já como elementos de tracto commercial, já como recordações e mimos pessoaes, os tapetes da Persia, as porcellanas da China, os pannos pintados, as sedas caprichosamente bordadas, os charões, os bambús, os bronzes, os moveis embutidos, o marfim rendilhado e esculpido e muita outra sorte de artefactos e curiosidades. Pela sua parte a industria occidental ostentava tambem os seus primores. Nos presentes com destino aos potentados, cuja amisade ou cuja alliança desejavamos captivar, figuravam as peças de setim e de velludo, os gomis de ouro, os espelhos, as armas, etc. Os nossos capitães vestiam-se dos mais ricos trajos, fulgurantes de pedraria e de botões de ouro, pendentes do pescoço os seus collares esmaltados, pendentes da cintura as espadas de punho ricamente cinzelado. Quando recebiam, a bordo dos seus navios, a visita de algum regulo, o convez convertia-se n'uma sala real, paramentada com pannos de ráz, formando as paredes lateraes e, sob um toldo de velludo ou de setim, sentavam-se elles na apparatosa cadeira de espaldar, cercados da sua comitiva fidalga, dos seus homens d'armas, dos seus atabaleiros e charamellas, que misturavam os sons dos seus instrumentos festivos ao troar bellicoso da artilharia.

Algumas das industrias indigenas, como a ourivesaria, procurariam imitar as fórmas europeas, não só por um prurido de novidade, mas pelas encommendas especiaes que os nossos lhes fariam. A tradição artistica prevaleceria, os processos fundamentaes continuariam a ser os mesmos, mas a influencia da civilisação europea, sobretudo pelo lado religioso, havia necessariamente de se fazer sentir. O christianismo, já por meio da evangelisação, já por meio da força, procurava estabelecer o seu dominio, e os artifices da terra, quer por vontade, quer por violencia, tinham de sujeitar-se e de adaptar a sua indole ás novas aspirações e exigencias. Em Portugal, apesar da vandalica dispersão continua do thesouro accumulado durante seculos, ainda se encontram nas egrejas e oratorios particulares, muitos objectos de culto taes como, paramentos, cofres de filigrana de madreperola e de outras substancias, relicarios e estatuetas de marfim, etc. No Museu das Janellas Verdes conserva-se, d'esta procedencia, o relicario que pertenceu ao Convento Carmelitano da Vidigueira, onde se enterrou D. Vasco da Gama, e na egreja da Graça, de Lisboa, um lindo cofresinho de ouro, em filigrana; presente da viuva de Mathias de Albuquerque, que fôra governador da India.

Peça Lvis (esquerda) — Museu de Artilharia

Que algumas das industrias orientaes se aclimassem entre nós, é tudo quanto ha de mais presumivel, não só por effeito de imitação, mas de apprendisagem directa. Muitos indigenas vinham ao reino, já como serviçaes, já como escravos, e aqui de certo, dando provas da sua habilidade, ensinariam as suas artes. Os vice-reis da India costumavam mandar de presente ás rainhas, mocinhas d'aquellas terras, as quaes, sem duvida, mostrariam na côrte as suas prendas, sobretudo como bordadeiras. Os vestigios d'esta corrente não são difficeis de encontrar ainda hoje em Lisboa, onde ha marceneiros e reparadores de moveis antigos, cuja paciente pericia faz recordar a dos chinezes.

❧ ❧ ❧

Postas estas ideias preliminares sobre a maneira que eu imagino mais rasoavel de interpretar a expressão *Arte indo-portugueza* e de lhe determinar o verdadeiro alcance tractarei agora d'uma industria que floresceu nas nossas possessões indianas, e da qual existem alguns specimens, que attestam o desenvolvimento e perfeição que attingiu. Refiro-me á fundição de artilharia.

Assim que os nossos resolveram estabelecer-se definitivamente na India e pôr pé em terra, logo a feitoria se converteu em

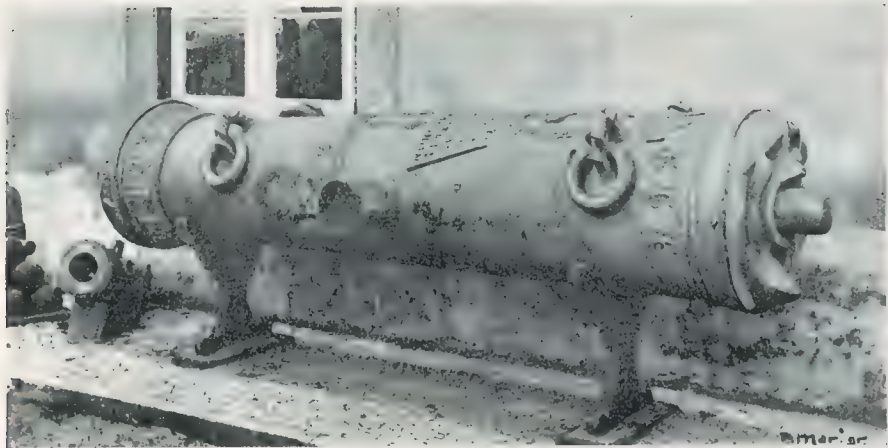
fortaleza. Architectos e mestres de obras, comprehendendo o pensamento dos nossos conquistadores, os coadjuvaram briosamente. Affonso de Albuquerque não se cançava de elogiar os serviços e o prestimo de Thomas Fernandes. A par da fortaleza e da feitoria elevaram-se desde logo a egreja e o hospital. Na cidade, destinada a ser o emporio de todo o nosso vasto dominio, já se vê que se alargaram as edificações.

Gôa ennobreceu-se com os seus arsenaes e estaleiros, estabelecimentos que Affonso de Albuquerque já encontrára por occasião da conquista, mas que se ampliaram depois. As *ferrarias* gôanas tiveram fama, e de um de seus mestres, Pero Fernandes, falla Diogo do Couto com elogio, chamando-lhe *grande engenheiro*.

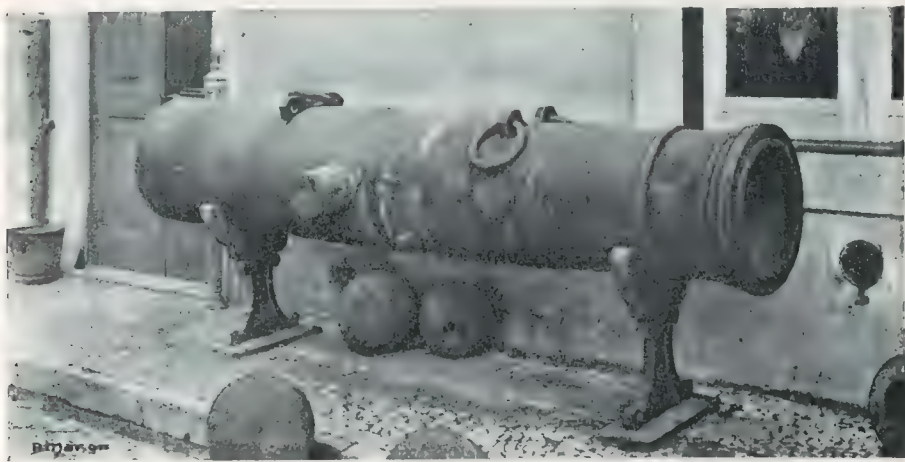
Tanto na primeira como na segunda conquista de Gôa, Affonso de Albuquerque ficou senhor de grande esbulho militar, assim em espingardas e peças, como em outras armas. De tudo isto mandou amostras a el-rei e junctamente os operarios que as fabricavam, para que em Lisboa mostrassem praticamente o que sabiam e o que valiam. Este facto, a ter-se, como é de crêr, realisado, vem confirmar o que acima asseverei no tocante á vinda a Portugal de artifices orientaes. Os fundidores e espingardeiros nativos continuariam a trabalhar no arsenal de Gôa, mas as peças que hoje possuimos teem todas a rubrical-as um nome de portuguez ou pelo menos de europeu a nosso serviço. Vieram até nós productos devidos aos seguintes officiaes: Fernando Anes, Reimão, João Vicente e os Bocarros. E' de advertir que se conhecem, documentalmente, os nomes de outros fundidores, que exerceram a profissão na India, mas cujos trabalhos se perderam. N'este caso, por exemplo, está João Luis, que residiu por muitos annos na India, desde Affonso de Albuquerque até D. João de Castro. Era homem de grande e variada aptidão, salientando-se tambem como fabricante de polvora. E' possivel que seja d'elle uma peça que existe no Museu de Artilharia, assignada sómente com o nome *Lvis*. Tem o n.º 17, no respectivo Catalogo.

No tempo do governador D. Nuno da Cunha, a fundição de artilharia tomou grande incremento e perfeição, a ajuizar, pelos exemplares que nos restam, os quaes tanto se distinguem pela grandeza e elegancia das fórmas, como pelas ornamentações artisticas. Em Diu, na couraça pequena, existia uma peça de bronze com a roda de Santa Catharina, e o seguinte letreiro: *Foi fundido este tiro na era de 1535 por mandado do governador Nuno da Cunha.* O auctor occultou o seu nome, mas, felizmente, nem todas as obras da mesma época são anonymas, tendo chegado ao nosso conhecimento o nome de dois artifices de incontestavel valia—Reimão e João Vicente.

Peça Telles de Menezes — Museu de Artilharia

Do primeiro não alcancei, nas minhas investigações archivistas, mais nenhuma noticia, e se não fôra ter marcado nominalmente a sua obra, teria cahido no abysmo do perpetuo esquecimento. Não sei tambem se teria outro appellido, ou se Reimão seria o nome baptismal. E auctor de uma grande bombarda de bronze, de 13 palmos de comprido e 3 de diametro na bocca. Na borda tem este

Peça Regis Lusitani famulus — Museu de Artilharia

letreiro: *Regis Lusitani famulus*, como quem em vulgar quer dizer que é servo do rei de Portugal. Bom e leal servidor! No terço anterior ostenta as armas reaes portuguezas entre quatro espheras, lendo-se por baixo das armas esta inscripção: *Nonu da Cunha presidis jussu conflatum et absolutum an* MDXXXIII *(1533). Reimon me fecit.* Não acaba aqui a ornamentação artistica e epigraphica da peça, pois no terço posterior tem um tigre em relevo, com uma inscripção em volta cuja interpretação mais aproximada da verdade parece ser: *Eu sou o tigre esforçado que por do me mandou paso.* Sim, o tiro mandado fabricar a Reimão por Nuno da Cunha não era apenas o servo obediente do rei de Portugal, era o tigre esforçado, que passava raivoso por onde o mandavam. Bella heraldica e arrogante divisa a d'esta peça!

Outro fundidor, que rivalisava com Reimão, e que trabalhou tambem ás ordens de Nuno da Cunha, foi João Vicente. Havia comtudo bastantes annos que já andava na India onde prestou, pela sua variada aptidão muitos e importantes serviços. Conservava-se ainda alli em 1546, no governo de D. João de Castro, sendo n'aquelle anno mestre da fundição de Gôa. Nuno da Cunha chamou-o em 1532 a Cochim para alli estabelecer uma casa de fundição. Fabricou muita artilharia, mas de

Bombarda de aduellas de ferro, chamada Fernando Eannes — Museu de Artilharia

todos os seus trabalhos balisticos só nos resta a formosa peça denominada de Santa Catharina, por ter em relevo a sua imagem. Veio de Damão para o nosso Museu Militar, onde tem o numero 168. É de bronze, de calibre 35, e, além da imagem da santa, tem um dragão, uma esphera e o letreiro que diz: *Joannes V.te faciebat gubernate Nuno da Cunha ano 1537.*

Peça chamada de Santa Catharina — Museu de Artilharia

João Vicente não era só bom official do seu officio; manejava tambem a penna, carteando-se frequentemente com el-rei. Da sua correspondencia resta apenas uma epistola, mas, por signal, bem interessante. N'ella faz a sua auto-biographia enumera os seus serviços, queixa-se da má paga que tem recebido, e dá conta dos dissabores e rivalidades d'um fundidor allemão que o queria matar, mas que não realisou o seu intento, morrendo antes. Esta carta é datada de Gôa a 16 de outubro de 1539, e publiquei-a na integra, no meu opusculo *Fundidores de artilharia.*

Junctamente com a peça de Reimão veio no transporte *Africa* para Lisboa uma bombarda de aduellas de ferro, que estava em Diu e que se guarda hoje no nosso Museu Militar. A inscripção diz que fôra feita por Fernando Anes ou Eanes, mas não declara o anno em que a fabricou, e como não conheço nenhum documento que lhe diga respeito, por isso não me julgo habilitado a fixar a epoca da sua actividade. Em 1525 havia em Cochim um fundidor chamado Francisco Eanes, que não sei se seria irmão ou parente do Fernando.

A peça de Fernando Eanes offerece uma legenda, que tem dado que fazer aos interpretes, mas parece que se reduz a este hendecasyllabo, de linguagem aliás incorrecta, mesclada de hespanholismo: *Eu etor forte amoros darei morte.* Ha aqui indubitavelmente uma allusão ou reminiscencia classica. A peça comparava-se a Heitor, o forte capitão troyano, prompto a dar cabo dos mouros, como aquelle dos gregos.

Nos fins do seculo XVI apparece na India uma dynastia ou familia de fundidores, cujos membros se vão succedendo uns aos outros. São os Bocarros. O chefe era Francisco Dias, que vejo apenas mencionado com estes dois nomes, mas que tambem usaria sem duvida o appellido da familia. Em 1589 recommendava a côrte de Lisboa ao governador D. Duarte de Menezes que continuasse a fundir mais artilharia, e que para esse effeito mandava dois fundidores, visto Francisco Dias, que lá estava, achar-se doente e acabado. Succedeu-lhe seu filho Pero Dias Bocarro a quem o governador D. Duarte de Menezes nomeou fundidor de artilharia, nomeação confirmada por el-rei a 12 de outubro de 1590. D'este official existe uma peça no nosso Museu Militar (n.º 41) que tem a seguinte inscripção: *Da cidade de Goa. Fez em o a. de 1623 P. D. B.*

Conhecem-se mais dois Bocarros, sem duvida descendentes dos anteriores. De um d'elles, Manuel Tavares Bocarro, existe no Museu Militar, sob o numero 42, uma peça que tem o escudo ladeado por dois anjos, um dos quaes, o do lado direito, tem sobre a cabeça uma esphera armillar, e o outro, uma cruz. Por baixo das armas reaes um leão coroado. Lê-se n'ella a seguinte inscripção: *Antonio Telles de Meneses, governador da India, a mandou fazer, no anno de 1640, por Manuel Tavares Bocarro.*

O derradeiro Bocarro, de que tenho noticia, chamava-se Jeronymo Tavares. Foi nomeado mestre da fundição de artilharia do estado da India, pelo viso-rei Luiz de Mendoça Furtado e Albuquerque, conde de Lavradio, sendo confirmada a nomeação em carta regia de 21 de novembro de 1674.

Contemporaneo d'este, ou talvez seu successor, foi Salvador da Costa, de que, no nosso Museu Militar, existe uma peça (n.º 169) mandada fundir pelo governador Francisco de Tavora, conde de Alvôr, que governou a India durante os annos de 1681-1686.

Pela rezenha que acabo de traçar se vê que foi bastante productivo e importante o movimento das *ferrarias* indianas no tocante á fundição de artilharia, como se prova, não só pelos documentos, como pelos exemplares, que opulentam hoje o nosso Museu Militar. A collecção de peças de origem indo-portugueza é notabilissima, e mais consideravel seria, se não fôra o desleixo e o vandalismo de certas autoridades ultramarinas, que venderam ou mandaram fundir muitos e valiosos specimens. Para corôa d'esta collecção, lá está tambem a celebrada peça de Diu, que, se não é um monumento a attestar a pericia dos nossos arsenaes, é comtudo, e mais ainda, o tropheu glorioso colhido pelos nossos soldados no desbarato e despojo dos inimigos.

A inscripção arabica que a ornamenta, é a certidão da sua procedencia historica.

Cascaes, 7 de setembro de 1901.

Sousa Viterbo.

SORRINDO...

Estudo de J. B. Greuze

MARTYRES

EPISODIO DA PERSEGUIÇÃO DE DIOCLECIANO

CAPITULO VI — GALERO

Filho de rustica d'uma aldeia d'além Danubio, suspersticiosamente e fanaticamente pagã, Galero, além de supersticioso e fanatico era feroz e cruel. Impetuoso na satisfacção dos impulsos animaes, entregava-se a elles com toda a selvageria do seu temperamento, sem nenhum dos requintes de arte, elegancia de espirito com que gregos e romanos disfarçavam vicios, ou attenuavam torpezas. Baixo, grosso, obeso até a deformidade, cabellos crespos, tez clara, barba espessa, nariz achatado, fulminante o olhar vago, tinha o gesto rapido, a voz aspera e as palavras terrificas. Os que d'elle se approximavam sentiam gelar-se-lhe o sangue nas veias, e atterrava a quem o via. O proprio Diocleciano, senhor do imperio, augusto, filho de Jupiter e seu sogro, temia-se d'elle como d'um deus irado. Se quando voltou derrotado pelos persas, Diocleciano o obrigou a caminhar a pé, ao lado de seu carro, como se fôra um prisioneiro vencido, ou liberto de pouca monta, quando depois venceu aquelles mesmos persas, que lhe tinham destroçado o exercito, e o imperador, louvando-o por carta, lhe deu o tratamento de *cesar*, esperando elle ser investido na dignidade de *augusto*, teve como resposta estas arrogantes palavras: — Então vou ficar *cesar* toda a vida?

E em represalia ameaçadora, tomou logo as pomposas autonomasias de *persico*, *medico*, *armenico*, *adiebenico* e filho de Marte!

Deante de tal homem não admira que Antiochia tremesse.

Predispunha-a ao terror, ao medo, á sabujisse o clima quente, humido e debilitante, o goso ininterrupto dos prazeres luxuriosos, e a deliquescencia moral que produz a ociosidade. Aggravava-se o mal com a união deleterea da corrupção brilhante da Grecia com a molleza efeminada da Syria; ao mesmo tempo que a fusão das escorias de varias raças pervertidas, que lhe trouxeram o virus de todas as loucuras orientaes, e com ellas lhe envileceram a alma, a faziam ingrata, cobarde, insolente, disposta a ser instrumento servil do cesarismo. Assim, era destituida da mais elemental noção do que fosse uma patria. Vivia sem respeito pela familia; sem tradições a venerar; accentuando a toda a hora o seu desdem pela honestidade das mulheres, pelas qualidades masculas e corajosas dos homens, pelas cãs da velhice.

Dava, porém, a todos estes aleijões repellentes e baixos, a todas as ignominias particulares a certas povoações levantinas um verniz seductor, uma exteriorisação elegante e artistica. Amava as luctas rethoricas da palavra, aprazia-lhe a discussão arguta e subtil, sentia goso num luxo culto, artificiosamente bello, composto d'uma variedade infinita de elementos, que lhe vinham de todas as partes do mundo, e se accumulavam sem methodo nem ordem, caracterisados mais pela profusão da riqueza, pelas pretenções magnificentes do que pela selecção do gosto. Collocada ás portas do oriente era o collector que dava vazão ás mais infimas torpezas moraes.

Galero Cesar, dizendo-se sem segurança em Nicomedia, onde ao tempo residia a corte imperial, saira d'alli para se installar em Antiochia, como quem procura refugio numa cidade amiga, que, aliás, bem sabia com que rigores se puniam sedições christãs.

No inverno que tinha passado, Galero estivera em Nicomedia incitando Diocleciano a perseguir os christãos. Como se fossem conspiradores tramando contra seu rei, os dois fechavam-se no aposento mais recondito do palacio longas e demoradas horas, durante as quaes os *magister officinorum* declaravam que elles não recebiam nem falavam, qualquer

que fosse o pretexto ou necessidade; e os trinta famulos, que cumpunham a ordem dos silenciarios, formavam nas immediações do quarto uma immovel e muda parede de isolamento.

Ninguem, comtudo, o extranhava, porque já na corte imperial estava em adiantado uso a etiqueta servil, semi-sacerdotal do orientalismo. A pessoa do imperador começava a ser em vida objecto de culto, de resguardo sacro, e ninguem já se dirigia a Diocleciano senão de rastos, olhos no chão e palavras raras.

Em demoradas discussões passavam horas e horas estudando e planeando a maneira de sustar o desenvolvimento sempre crescente e invasor do christianismo.

Evidentemente Jesus era deus; mas um deus malefico, inimigo de Roma, um deus com bastante poder que tinha resistido á grande perseguição de Decio, e cujos sectarios se manifestaram sem pejo nos trinta annos que se lhe tinham seguido. Convinha expurgar o mundo romano d'aquelle fermento dissolvente, anniquilar de vez a seita intolerante, que não admittia no seu pantheon os deuses do imperio, não sacrificava em sua honra, e até, para menosprezar a memoria divina dos imperadores, prohibia que os seus membros fossem augustaes.

Diocleciano, prudente e astuto, hesitava perante a conflagração geral que Galero queria provocar. Ao seu espirito calculista repugnava ir perturbar esse estado de paz romana porque tanto trabalhara. Via-se cercado de christãos, que o serviam com amisade e dedicação, quer nos empregos de confiança administrativa, quer nos postos superiores do exercito, e ainda nos mais elevados cargos palatinos. Mas, ao mesmo tempo, não deixava de ver que a nova religião trazia a indisciplina ao exercito, o que fôra por demais demonstrado com a legião thebana, que, por seus escrupulos de crença ia compromettendo o exito d'uma guerra, e que foi preciso castigar severamente. Que a sociedade politica estava prejudicada pela resistencia dos christãos ao exercicio dos cargos publicos, e principalmente pelas doutrinas subversivas inoculadas nas massas escravas e proletarias e até nos eunucos, o que seria a destruição da familia, pela falta de guardas e servos de confiança, e um perigo para os amos expostos ás suas intrigas, que tantas e taes eram já que chegavam ás mais elevadas alcovas nupciaes. Finalmente o exclusivismo da crença christã podia accelerar a divisão do imperio, que elle procurara manter uno, sacrificando á integridade d'este a do proprio poder.

Depois de muitos conciliabulos foi ouvido o consistorio sacro, perante quem iam as questões que eram da antiga competencia do senado. Alli dividiram-se as opiniões, ficando em minoria os que seguiam as tendencias do imperador. Já o adivinhavam cançado, e não admira que fizessem a côrte ao sol nascente.

Consultaram-se os oraculos; e o de Apollo fez ouvir ao fundo d'uma caverna, com voz lugubre, extranhas e quasi inintelligiveis palavras, annunciando «que os justos, que então habitavam a terra o impediam de dizer a verdade».

Quem eram esses justos?

Foi interrogado o sacerdote do deus, sobre tão incomprehensivel queixa da parte de uma divindade, e elle indicou os christãos como taes, e concluiu que, «ficando, por culpa d'essa gente, banida a adivinhação da terra, forçosamente os homens haviam de cair em todos os males.»

Com tal resposta ficou abalado o animo do velho soldado, do politico habil; mas ainda assim não se decidiu a decretar a perseguição pela qual Galero instava com um fanatismo e um odio verdadeiramente ferozes.

Venceu, por fim, a pertinacia d'este.

No dia das festas terminaes, foi publicado o edito, cujas reproducções, afixadas nas paredes dos templos, nos pretorios das basilicas e nas portas das egrejas, determinavam que as assembléas christãs ficavam absolutamente prohibidas; — que as egrejas deviam ser arrasadas; — os livros e manuscriptos que nellas se guardassem reduzidos a cinzas; — os christãos de ordem elevada perderiam todos os seus privilegios e cairiam na condição de gente infame, em consequencia do que poderiam ser sujeitos á tortura, perseguidos, incapazes para intentar acção perante qualquer tribunal, embora por injuria, adulterio ou roubo. Quanto aos que pertencessem á aristocracia, ou á classe official perderiam a liberdade, se continuassem a ser christãos; os escravos nunca poderiam ser libertos. Revoltaram taes prescripções. Manifestaram-se descontentamentos; revoltas de palavra. Um christão, palatino de alta categoria, arrancou o edito e rasgou-o; outros crivaram as suas disposições de chascos.

Galero ia aproveitando todos os incidentes para fazer aggravar as penalidades; mas Diocleciano teimava em não derramar sangue, julgando sufficientes as medidas edictadas.

Dragava-se n'aquelle tempo o porto artificial de Seleucia, perto de Antiochia. O trabalho era duro, violento e por tal fórma conduzido que as fachinas soldadescas que o executavam mal tinham tempo para comer e ainda menos para dormir. Um dia revoltaram-se. Debalde Eugenio, o official que as

commandava, as quiz fazer entrar na ordem. Os sediciosos, dispostos a subirem para Antiochia, que sabiam desguarnecida, não fizeram caso d'elle, nem das suas exhortações, e apontando-lhes as espadas ao peito deram-lhe á escolha: ou morrer ou seguil-os. No primeiro caso, era um momento emquanto lhe lançariam o cadaver ao Oronte; no segundo, no mesmo tempo seria acclamado imperador. Para salvar a vida, escolheu o imperio. Não o tinham conseguido tantos outros e pela mesma fórma?

Então envolveu-se no primeiro pedaço de purpura que lhe veiu á mão, tirado dos hombros d'um idolo, e marchou com os sediciosos para Antiochia.

Era longo o caminho, facil e abundante o saque. Desordenados corriam comendo aqui, bebendo acolá, roubando em toda a parte; e foi caindo de bebedos, que uns quinhentos homens estafados e sem forças chegaram a Antiochia. Tinham mais vontade de dormir do que de pelejar; e assim que chegaram á ilha da cidade nova, formada por dois braços do Oronte, e onde se eleva o palacio imperial, investiram com elle, e dentro em pouco dormiam nos atrios, nos triclinios, em todos os sitios e logares onde tinham caido, ou que instinctivamente escolheram.

Lictores

Sabendo isto, reuniram-se os magistrados da cidade e determinaram aproveitar-lhes a embriaguez para se desfazerem d'elles. Homens e mulheres armaram-se com os instrumentos que lhes vieram ás mãos; marcharam pela calada da noite, cairam d'improviso sobre os sediciosos, não deixando um unico com vida, e como sepultura deram-lhes a corrente do Oronte.

Galero attribuiu a sedição da soldadesca aos christãos, e Diocleciano, por uma destas aberrações incomprehensiveis, mandou entregar ao algoz os chefes que tinham defendido e conservado a auctoridade imperial!

Ainda a commoção d'este incidente não estava esquecida, quando, sem que ninguem o esperasse, no silencio da noite, rebentou um incendio no palacio de Nicomedia, habitado pelo augusto e seu cesar.

Só depois de muito trabalho e de grande destruição é que o sinistro conseguiu ser dominado.

Quinze dias depois, o incendio reapparece mais devastador. Galero, que já tinha accusado os christãos de terem sido os incendiarios, renova as accusações; embora muitos affirmassem que o primeiro incendio fôra devido a um raio, e o segundo ao rescaldo mal apagado, e que no trabalho da extincção a gente de Galero nada fizera, ou se o fez foi para levar mais alimentos ao fogo. A fim que as suas accusações tivessem mor peso, retirou-se ostensiva e rapidamente de Nicomedia, deixando sua mulher, Valeria, no palacio, e partiu com toda a sua comitiva para Antiochia, declarando a seu sogro, que lhe não appetecia morrer assado.

Eis o homem que Antiochia recebera dentro das suas muralhas.

Eil-o que chega, com o olhar torvo e vago, coberto o enorme peito com rezulente coiraça, de figuras d'ouro em relevo, cinzeladas com precioso artificio; purpura nos hombros largos, traçada e com a ponta flutcuando ao vento, loiros cingindo os cabellos crespos, guiando os cavallos do seu quadrigo de triumpho, recamado de ouro sobre um fundo de vermelho vivo, a caminho dó templo de Jupiter Capitolino, cercado e escoltado pelos seus amigos e confidentes a cavallo.

A custo a brigada de lictores ia abrindo

espasso por entre a multidão; e talvez o não conseguisse se esta não fosse á viva força fendida e rechaçada pela impetuosidade com que as centurias dos protectores domesticos, espada fincada no flanco, escudo em guarda, formados em columna cerrada, iam marchando a passo de carga, impetuosos, arrogantes, cegos. E o povo comprimido, a ponto de ser esmagado d'encontro ás paredes, mal lhe restava folego para gritar:

— Viva Cesar! Viva Galero! Gloria ao filho de Marte.

Capitulo VII — O Sacrilego

Quasi ao fim da grande Avenida, antes de chegar á Porta do Noroeste, e ao cimo d'uma escadaria de amplos degraus perfilam-se oito esbeltas columnas corinthias de capiteis de marmore com as volutas, acanthos e cauliculas doirados, onde assenta o epistylo, soberba architrave sobre que corre o friso, com suas metopes de bronze representando deuses, heroes e sacrificios. Sobe depois o frontão, terminado no ápice por uma *Victoria* d'asas erguidas e braços abertos distribuindo coroas. O seu fundo, enriquecido por um alto relevo de figuras colossaes, é um primor de estatuaria e um encanto de composição, principalmente quando, como n'aquelle momento, o sol dava valor e tom, com os seus contrastes de muita luz e muita sombra, ás diversas figuras que o enchem, taes como Jupiter num quadrigo entre Juno e Minerva, tendo á direita Neptuno e a formosa filha de Nereu na concha puchada por tristões, e á esquerda Apollo, a quem fazem cortejo as nove musas nas attitudes e com os emblemas que as caracterisam.

Contrapondo-se a este portico, o principal, e que olhando para o nascente, forma o resguardo anterior dum edificio rectangular d'apparencia massissa, eleva-se, na parte posterior, outro de eguaes amplitude e contestura, ligados ambos e communicando por duas galerias lateraes, de forma que, a coberto, se pode andar num espaço largo em volta do corpo central, que é o templo de Jupiter Capitolino, recinto mysterioso da divindade, reservado aos sacerdotes e aos que lhe levam offerendas.

A monotonia das paredes exteriores, sem aberturas, é attenuada pela saliencia d'altas molduras que as carpanelam, e cujos recortes elegantes e sobrios estão valorisados pela intensa claridade do dia. Grinaldas de flores e festões de murta cercam os medalhões que apainellam bustos de deuses e de imperadores, que vão pelo friso fora, em intervallos certos, correspondendo cada medalhão a um entre-columnio. Nos fustes das columnas enlaçam-se em espiral troncos de hera, ligando palmas verdes e ramos de loiro e de oliveira.

A multidão dos masgistrados locaes, com as solemnes togas de bandas de purpura, os palacianos, as deputações extranjeiras, e os notaveis da cidade accumulam-se nas galerias, deixando, porem, livre o escadorio, devidido em dois lances, por meio dum largo e espaçoso patamar. Aqui se eleva o altar dos sacrificios cruentos, quadrado, enfeitado de hera, a planta consagrada a Jupiter, e onde já flammeja a labareda dos troncos de pinheiro. A seu lado a credencia, ou mesa sagrada, com os utensilios e instrumentos de sacrificio, e a *anclabris*, outra mesa sobre que se collocará a victima, depois de morta, para ser aberta.

Os victimarios, nus da cintura para cima, com os saiotes de franjas, resguardados por aventaes, facas e cutellos nas bainhas a tiracollo, cabeças coroadas de loiros, acabam de conduzir um toiro, que tem de ser immolado, e procuram todos os meios de o fazer estar quieto, para parecer que por proprio instinto se dedica, como hostia voluntaria; porque seria de mau agoiro se tivesse ido á força até o altar, e de terrivel presagio se lá chegado d'alli tentasse fugir.

Na multidão que enche a galeria formam-se grupos, onde se discutem, até á subtilesa tão querida de orientaes e gregos, as formulas e o ritual do sacrificio. Os velhos praxistas, aferrados ás praticas d'uma liturgia tão pura como obsoleta, bebida na theologia explicada outr'ora por Varrão, da qual já Cicero sorria, e que Augusto mal conseguira restabelecer, affirmam que, em vez de um toiro, mais convinha sacrificar tres carneiros a Jupiter.

— Pois sim, objectam outros lidos nos classicos, mas o que sacrificou Eneas, quando na Tracia lançou os fundamentos d'uma nova cidade?

— Por isso mesmo, respondem os praxistas, já as personagens de Macrobio chasqueavam do caso dizendo: «Ora ahi temos um pontifice,— porque não havia duvida que Virgilio quiz fazer do filho d'Anchises um pontifice — que sabe menos do que qualquer camilo.»

— Como se enganam! Se Eneas fez asneira, não a fez Virgilio, porque, por ter sacrificado um toiro, os deuses taes e tão terriveis presagios permittiram, que o sacrificador teve que retirar-se quanto antes.

— Tristes e miseraveis deuses cuja omnipotencia se melindra com o sangue que se lhes offerece, importando-se tão seriamente que elle seja d'um toiro ou d'um bode, d'uma porca ou d'um cabrito.

Estas palavras, pronunciadas com voz firme e vibrante, em tal logar e naquella occasião, determinaram um silencio d'espanto, rapido, temeroso, e todas as attenções do grupo se fixaram no interlocutor.

Era o diacono Romano.

Está pallido, a phisionomia mostra-se mortificada, como quem vem de curtir dores. O vestuario roto, enxovalhado como quem saiu d'uma lucta; e se não fossem as calliculas ostensivas nos hombros e nas fimbras da tunica, que o denunciam como christão, dir-se-hia um desses muitos parasitas que faziam profissão de philosophia cynica, para encontrarem, com um jantar, desculpa ao desarranjo e porcaria dos vestidos.

Um dos do grupo interpellou-o:

— Quem és tu que tão irreverentemente zombas dos deuses?

— Um simples mortal, tão ignorante que, conhecendo vós outros uma infinidade de deuses e deusas, com filhos, netos e parentella varia, qual d'elles mais odioso e ridiculo, eu só conheço um unico Deus.

— E chama-se?

— Deus!

A turba começava a chasqueal-o, empurrando-o de uns para outros, com tal violencia que, escapando-lhe um pé, foi rolando pelo lanço da escadaria, parando dorido, mortificado e ferido na cabeça apenas no grande patamar. N'este momento soaram as trompas e clarins, ouviram-se gritos, imprecações e gemidos de gente esmagada, uma onda de povo reflue comprimida, e as centurias dos protectores domesticos, avançando com impetuosidade, abrem larga clareira na massa humana, dando logar a que consiga chegar ao sopé da escada o quadrigo de Galero. Apea-se este a custo. Ao seu espirito supersticioso occorreu imitar Claudio, subindo os degraus do templo de joelhos; mas, filho de Marte, julgou que era humilhar-se de mais. Então vae subindo com passo pesado e incerto, no meio das inclinações profundas e de baixa adoração de toda a gente, seguido pelos seus inseparaveis favoritos Dasa, seu sobrinho, Severo, o mais vil dos cortezãos, e Licinio, que o excedia em ferocidade.

As portas de bronze do templo, com os seus dois leões rompantes pintados a côres vivas, que até ali se tinham conservado fechadas, abrem-se de par em par e a multidão clama: Salve, Jupiter! O flamine dialis, as flaminicas e todo o corpo sacerdotal, formando longas theorias, de tunicas de purpura, occupam de um e outro lado os espassos entre as columnas que dividem o sanctuario em tres naves, as duas lateraes cobertas, a do centro aberta, e por onde entra a luz a jorro, visto que o templo era hyptero, o unico proprio para o deus do raio, do sol, do ceu e da lua. Os neocros, collocados de um e outro lado da porta, ensopam os hysopes, feitos de crinas de cavallo atadas a um cabo e aspergem Galero e sua comitiva com agua lustral, haurida nos aquinarios, emquanto os musicos do templo, tangendo as flautas de buxo, as guitarras e lyras fazem ouvir uma melodia lenta, sem expressão nem colorido.

Galero e os seus avançam, sem nem sequer lançarem os olhos para o fino e engraçado mosaico do pavimento, onde ha centauros, satyros, nymphas, scenas d'amor lubrico e bucolico, ornatos de bellos meandros, e dirigem-se para a estatua de Jupiter, perdida na semi-obscuridade da sua cella, formada pela abside, com que termina a nave central. Sobem tres degraus, passam para dentro da teia, formada por uma balaustrada de marmore negro com applicações de oiro lavrado, e deixam que o imperador se adeante para o idolo.

Domina e impressiona aquella estatua gigantesca o pequeno cesar que d'ella se tem approximado. Elle, que se fez chamar filho de deus, sente um invencivel terror ao encarar as feições accentuadamente severas do rosto divino, trabalhadas com uma extraordinaria força d'expressão em marfim pallido, á maneira do Jupiter olympico de Phidyas, tendo as rosetas das faces avivadas a vermelhão. O corpo a nu é eburneo, os cabellos e o manto em que se envolve de oiro, o throno em que se senta de ebano, com incrustações de marfim e recortes de oiro fosco. Na dextra empunha o raio que fulmina, e na sinistra sustenta uma estatua da Victoria, tão grande que se deixasse cair da mão a corôa, que lhe é attributo symbolico, por certo esta esmagaria Galero, que reverentemente curva o joelho e beija o pé ao deus.

A luz quente e franca que entra pela nave central mal illumina a estatua d'uma fórma extranha, deixando-a, ao fundo da capella, banhada numa claridade mysteriosa, que se diffunde com menos intensidade nas naves lateraes, onde as estatuas das duas absidiolas quasi mal se distinguiriam se não fôra a luz de centenas de brandões, profusamente es-

palhados pelo chão, em candelabros de bronze finamente cinzelados. Esta luz vermelha, fundida com a luz branca do sol, dá singular valor ás chapas de oiro que forram alguns logares das paredes, donde pendem ex-votos, tropheus e bandeiras, e subindo e attenuando-se até os encaixotamentos dos tectos, feitos de vigotas de cedro lavradas, ahi illumina suavemente os fundos das almofadas pintadas a côres vivas e cruas.

Galero levanta-se, e frente a frente com o idolo, extendendo o braço direito e voltando para o deus a palma da mão com o pollegar unido ao indicador, murmura palavras de supplica. Volve sob os seus passos, approxima-se da ara, onde arde um pequeno fogo, tira da acerra, que um dos camilos lhe apresenta, alguns grãos d'incenso com uma colherinha e deita-os no fogo.

Sobe o fumo, approxima-se o flamine sacrificador com a tunica branca atada na cintura, verbena de hera coroando-lhe a cabeça, acompanhado da flaminica, vestida de vermelho, apertando o longo veu de lã azul que lhe cobre a cabeça com uma corôa de folhas de carvalho. Erguem todos as mãos ao idolo, e o flamine, cobrindo a cabeça, entôa a oração propiciatoria:

«Jano bifronte, reza elle, tu que guardas a porta por onde entram todos os deuses no Olympo, sede-nos propicio e intercede junto do pae celeste para que attenda as nossas supplicas. E tu, Jupiter soberano, a quem acção alguma de nós outros mortaes é indifferente, que do alto dos ceus vês o mar coberto de vellas, a vasta extensão da terra, os rios, os montes, os povos e os animaes, tu que á tua beira governas e mandas nos deuses, lança sobre nós teus olhos, e se a nossa devoção t'o merece, concede-nos o teu auxilio e o teu soccorro.»

Terminada a oração, Galero e a comitiva sairam do templo e desceram ao patamar do escadorio onde se ia consumar o sacrificio.

As aguias, insignias e estandartes erguem-se ao som da musica marcial e veem agrupar-se ao redor do cesar, e logo o sacrificador exclama com voz potente, que domina todos os ruidos da multidão:

— Que as linguas fiquem captivas!

A ordem do flamine, impondo silencio, é logo attendida, todos os ruidos cessam, e a multidão, sobre que o sol dardeja, aviventando as mil côres que a matizam, fica immovel como se um cataclismo a petreficára.

Dois popas tomam da encalabris, onde se achavam dispostos todos os utensilios e instrumentos necessarios para o sacrificio, uma lavanda que approximam do flamine. Extende este as mãos, que purifica na agua que sobre ellas lança um dos ministrantes, e enxuga-as a uma toalha de linho. Ao mesmo tempo, um dos victimarios aspargia a victima com agua lustral, e outro deita-lhe sobre a cabeça farinha de trigo torrada, misturada com sal, e com a mesma polvilha o altar, as facas e cutellos, que os cultrarios tiram das bainhas, bem como os outros instrumentos dispostos na credencia.

Impacienta-se o animal. Cruzam-se os olhares inquietos temendo presagio sinistro, e Galero carrega o sobr'olho terrivel, sentindo calafrios de medo e impetos de colera.

Um dos ministrantes entrega ao flamine a faca que elle apressada e obliquamente corre pelo dorso do animal desde a cabeça á cauda. Depois corta-lhe uma mecha dos mais cumpridos pellos de entre cornos e lança-os ao fogo. Já do prefericulo se tinha despejado o precioso vinho para o simpurio de barro, no qual o sacrificador toca com os labios. Offerece-o depois a Galero e aos que se achava junto d'elle, entornando o resto sobre a cabeça do toiro, que os victimarios, fazendo esforços sobrehumanos, procuram conservar tranquillo, o que mal conseguem, agrupando-se uns ao redor d'elle e assim mascarando outros que, deitados por terra, lhe seguram pés e mãos.

Ergue o sacrificador as mãos sobre as chamas do altar e supplica a Jupiter, omnipotente, grande, bom, eterno protector de Roma que propicio e bemfazejo acceite aquelle sacrificio, e que a sua vontade soberana não ponha limites na terra á grandeza do imperio romano». Depois, invocando os lares d'Augusto, ora por Diocleciano, Galero e seus socios do Imperio, e pelas familias d'aquelles que o serviam e lhe sacrificavam.

Quatro vezes é repetida a oração, e quatro vezes o sacerdote, pondo a mão na bocca, anda ao redor do altar; findo o que um dos cultrarios, erguendo a maça pergunta:

— Faço?

E a um signal affirmativo do flamine descarrega uma pancada entre os chifres da victima, tão certa e tão vigorosamente applicada que o toiro cae atordoado. Outro cultario acaba de mata-lo, enterrando-lhe a sera, de cabo de marfim com virolas d'oiro, no pescoço, sangrando-a assim nas grossas arterias.

Jorra o sangue para um e mais vasos em que é recebido. De novo reina profundo e receoso silencio, emquanto os ministrantes, extendendo o toiro sobre a encalabris, o abrem mas assim que o sacrificador, no meio d'uma chuva de flôres que sobre elle despejam as sacerdotisas, voltando os açafates, libou com o sangue da victima derramando algumas gottas, sobre as chamas crepitantes do altar,

e Galero se approxima para repetir a libação, Romano, que sem ninguem dar por elle se tinha levantado e chegara quasi ao altar, corre para o principe e com voz, em que se junta ao horror do culto pagão a ancia do martyrio, exclama:

— Que essa libação aos deuses infernaes seja o teu pacto de morte com elles!!

Se o raio, rasgando as nuvens, tivesse fulminado o sacerdote, o terror não seria maior na assistencia.

Galero, num movimento de colera, levanta inadvertidamente o braço, e o sangue da victima, entornando-se por todo elle, mancha-lhe com uma pasta viscosa o aço da armadura e a purpura do manto. Resa um grito de terror, milhares de braços se erguem implorando a clemencia de Jupiter, e á roda do cesar caem todos de joelhos.

— Os teus dias estão contados, Galero, diz a voz sonora do diacono e será na podridão do teu corpo, caindo-te a carne fedorenta a farrapos roida pelos vermes, que has de ser castigado. Causarás horror e nojo; e depois de morto, raros os que ousarão approximar-se de ti, para levarem os teus restos á fogueira, onde contaminarão no proprio fogo, que tudo purifica!

Mal a voz se calou, o sacrilego foi cercado e arrastado d'ali para fóra, pelo meio d'um rasgão da turba que o amaldiçoava e o maltratava.

Continuaria o sacrificio?

O flamine, fitando o céu por algum tempo, como quem espera uma inspiração, ou um indicio, acabou por servir nova taça de sangue a Galero, que então libou.

Serenaram os rumores, causados pelo sacrilegio e restabeleceu-se o silencio ritual.

Aberta a victima, tiradas, lavadas e examinadas as entranhas, polvilhadas com farinha, são conduzidas á ara e lançadas ao fogo, onde o sacrificador as vae libando com vinho e azeite.

Um sacrificio

Crepitam nas chammas as visceras quentes, lançando para o ar um fumo negro; nos thuribulos queima-se novo incenso, que se ennovela em branca fumarada; erguem-se num impeto marcial estandartes, aguias e insignias, e a musica junta as suas vibrações penetrantes e cruas ao côro de cem vozes que entoam o hymno sagrado em honra de Jupiter.

Está terminado o sacrificio, só falta a oração final, que o flamine se apressa em recitar, erguendo as mãos sobre a ára:

—Oh! Vesta, mãe, a ti, a quem é dedicado o fogo puro, tirado dos raios do sol, que jamais se extingue, e que em teus altares deve arder eternamente, tanto nos templos que te são dedicados, como no imo sagrado dos nossos lares, sede-nos propicia, espalha tuas bençõos e beneficios tanto sobre os principes que governam, manteem e defendem o imperio, como sobre o povo e familias de todos.

E voltando-se para os assistentes, reenviou-os com esta unica palavra:

— *Licet.*

Retirou-se Galero, pallido, com o olhar coruscante, atravessando a multidão tão silenciosa agora, como fôra enthusiasta e gritadora á chegada. Os da comitiva procuram disfarçar com a insolencia provocadora dos olhares a perturbação que lhes causou o sacrilegio, e é deveras preoccupados que tanto elles como os sacerdotes se dirigem para palacio, afim de celebrarem, no costumado festim, o final do sacrificio.

Apoz elles retiraram-se os popas, victimarios, cultrarios e outros ministrantes, carregados com os restos da victima, que vão vender nos açougues e tascas que gerem.

Escoa-se a multidão, perdendo a pouco e pouco o involuntario constrangimento, distraindo-se na vista das lojas que se iam abrindo, e assim restituindo a vida normal ao grande centro. Ao mesmo tempo passa, com as mãos amarradas, Romano a caminho das masmorras do palacio real. Os pagãos que o viam apupam-o e dirigem-lhe chufas; os chris-

tãos baixam os olhos, com medo de encarar aquelle olhar de fogo vivo que os fulmina, e elle deixa-se conduzir sem resistencia, sem invocar sequer os privilegios do seu nome illustre.

Chegado á prisão, os soldados empurraram-o para um antro escuro.

Ora, desde que elle caminhava entre a escolta, que o seguia uma mulher com uma creança nos braços, e o foi acompanhando até á prisão.

Consentiram os soldados que ella passasse, e entrasse como prisioneira no carcere, e o chefe da escolta segreda-lhe:

— Vae, anima-o, e ao romper d'alva sae, para vêres como elle vence no pretorio.

— Obrigada, irmão, disse ella. E entrando e chegando-se junto de Romano, tira do regaço uns fructos seccos e uma cabaça com agua, e diz-lhe:

— Come e bebe, porque has-de ter fome e sede!

(Continúa)

P. Sena d'Assumpção

Um cemiterio na Syria

lencia; e todavia a atmosphera continuava quente, de uma calmaria extrema. — Certamente fôra illusão da vista.

❁ ❁ ❁

Era ha mêzes e no sul d'Africa, em pleno theatro da guerra.

Ladysmith fôra libertada e o orgulho britanico voltava a respirar desafogadamente após as duras privações por que tinha passado.

No quartel general inglez em Kroonstad, o tenente William Locke recebêra ordem para levar a French, em Lindley, uma communicação importante. Além do que verbalmente era encarregado de lhe transmittir, seria portador de papeis que do maximo interesse era não se perdêrem, porque continham o plano da marcha combinada de todo o exercito em direcção a Pretoria, na qual o corpo de tropas do valente coronel inglez tinha a prestar uma coadjuvação imprescindivel.

Vinte homens de escolta acompanhavam o tenente.

A missão era importante e perigosissima.

Occupada de pouco tempo quasi toda a republica orangina, todavia a submissão dos habitantes não offerecia garantia alguma de sinceridade, de modo que, embora não encontrasse no caminho nenhum troço de boers de algum dos commandos que ainda corriam o paiz, era muito possivel que procurasse obstar-lhe a marcha algum bando de camponezes armados que lhe sahissem á frente, vendo-o tão pouco acompanhado e longe de soccorros.

O moço official inglez não tivera ainda

Pelo calor torrido, sob um ceu limpo de nuvens, estendia-se a paizagem, cortada pela longa fita branca e areenta d'uma estrada. Aqui e alli pequenas elevações de terreno. Nenhuma habitação. Ao fundo, começava o massiço d'arvores d'um pequeno bosque. De quando em quando, na serenidade abrazadora da atmosphera, deslisava n'um vôo baixo e cançado, alguma ave.

De traz d'uma moita saltou um homem para a estrada.

Novo ainda, forte e atarracado, trazia impresso no rosto, coberto de espessa barba preta, a expressão d'um caracter viril e arrojado. Cobria-lhe a cabeça um chapeu de feltro de largas abas; por sobre a véstia, ou blusa, uma cartucheira a tiracollo, e, por cima das calças, até meio joelho, umas botas altas e folgadas. Na mão direita empunhava uma carabina.

N'aquelle ponto a estrada elevava-se com o terreno. O homem, sahindo do seu esconderijo, olhou por longo espaço, para o horisonte que d'aquelle sitio podia descobrir, e, ou porque tivesse satisfeito a sua curiosidade, ou por se cançar do exame, voltou para o seu posto, escondido e coberto pela verdura. — Quem reparasse então um pouco melhor para o terreno circundante, notaria um movimento singular e estranho nas sebes e outras moitas que o cobriam. Dir-se-hia que alguma rajada de vento soprára n'aquelle instante com vio-

occasião de se evidenciar durante a guerra. Entrára em pequenas escaramuças sem importancia. Chegava-lhe agora a vez, não para assistir a uma grande batalha mas para jogar a vida em lance talvez mais grave e arriscado. — Não obstante, William Locke, firme e resoluto, recebeu as ordens e os papeis que tinha de transmittir a French, e, meia hora depois, elle e os seus homens galopavam em direcção a Lindley.

⊛ ⊛ ⊛

Pela estrada branca e poeirenta, batida pelos raios d'aquelle sol ardentissimo, os cavallos resfolegavam de cansaço, cobrindo-se de espuma na penosa e dura corrida que levavam.

A' frente dos seus companheiros, Locke, fitando sempre o caminho que tinha a percorrêr, attento á menor particularidade de terrêno, sentia o suor cobril-o inteiramente, emquanto, aos solavancos do animal, os copos da espada lhe batiam com violencia no quadril. Ao alcance da mão direita, tinha a pistola d'um dos coldres.

Diante d'elle os lanços d'estrada succediam-se interminavelmente. O calor era extraordinario n'aquelle dia; com certeza alguma trovoada se preparava para a tarde, prenunciando uma proxima mudança d'estação. Mas, com a attenção presa no fim que o levava, o official nenhuma preoccupação sentia do estado atmospherico. Desabassem embora sobre elle as cataractas do ceu, elle havia de seguir para diante, custasse o que custasse.

Com a cabeça em braza, o olhar ferido d'aquella immensa claridade, Locke sentia atraz de si o respirar arquejante dos soldados e o galopar exhausto dos cavallos. — De quando em quando, levando a mão ao peito, sentia, sob a farda, o masso de papeis cuja particular importancia lhe fôra communicada ao partir.

Quasi metade do caminho fôra galgado. Á direita tinham já deixado um pequeno bosque, cuja approximação tanto preoccupára o official. Mas nada apparecêra. O maior silencio, a maior quietação reinava por toda aquella natureza esbrazeada.

Para diante, a estrada, constantemente egual, estendia-se como uma longa fita branca, subindo a pouco e pouco com o terrêno, ladeada aqui e alem por pequenas elevações, cobertas de sébes e outros massiços, mais ou menos espessos.

E foi justamente quando o galopar dos cavalleiros entrou n'esse ultimo lanço que uma centêna de homens armados cobriu aquellas elevações, surgindo como do chão, d'um lado e outro do caminho, por um largo espaço que os inglezes tinham a percorrêr.

⊛ ⊛ ⊛

Era a morte? — Quando menos o ficar prisioneiro? — Tudo isto passou pelo espirito do moço official. — A morte? Que lhe importava! Cahiria combatendo, até ao ultimo sopro de vida, dando tambem a morte a alguns dos contrarios. — Mas, na sua situação, nem uma cousa nem outra lhe podia convir, não por si, era soldado, sabia qual o seu devêr e

não recuava ante elle. A prisão, essa, em caso algum, nunca a acceitaria; pela vergonha de entregar a sua espada, sempre pensou que devia preferir a morte. — Mas, n'aquella occasião, não se tratava de entregar, nem de combater. Necessitava, custasse o que custasse, ir para diante e ir com vida. Outro interesse, superior ao seu dever de soldado, o obrigava a fugir ao combate. Se as ordens que levava não podessem sêr transmittidas, se os papeis fossem apprehendidos, compromettia a marcha do exercito inglez e talvez que o exito da campanha.

Abaixando a cabeça, sem querêr ouvir a intimação dos boers, que não tinham ainda disparado um tiro e lhe propunham a rendição, na certeza de que aquelle pequeno grupo não ousaria resistir-lhe, — Locke picou de esporas e investiu para a frente, n'uma carreira desesperada, seguido pelos seus vinte cavalleiros. — Então, quasi immediatamente, rompeu a fusillaria dos dois lados da estrada. Era uma temeridade, era uma loucura pretender seguir atravez d'aquella chuva de balas. Tambem, no mesmo instante, Locke sentiu dois choques violentos, um no braço direito que descahiu sem força, e outro na nuca. Duas balas o tinham alcançado. Mas, não se sentindo desfallecer, embora calculasse grave a segunda ferida, picou desesperadamente o cavallo, que partiu n'uma carreira desenfreada. Nada se via aos lados do caminho; toda a paizagem corria-lhe pela vista, desfeita e confusa. — Então, terceira bala, certamente dirigida ao cavallo, veio ainda ferir o official n'uma das coxas.

Locke sentia o sangue innundar-lhe o pescoço e corrêr-lhe pelas costas.

Finalmente, passára a zona perigosa. Os boers já lhe ficavam para traz.

Então voltou-se, a vêr se era ainda seguido pelos seus homens, ou se estes, mais mal montados, viriam a maior distancia. Nem um só o acompanhava. Todos tinham ficado no caminho, prostrados pelas balas das Martini Henry.

* * *

Quando á presença de French trouxeram em braços, exangue, um moço official, que, pouco antes, custosamente se apeára do cavallo, — o coronel inglez viu-o, pallido e tirar de dentro da farda um masso de papeis trémulo, diante d'elle, o olhar quasi apagado, que lhe entregou com a mão esquerda porque a direita lhe pendia inerte ao longo do corpo.

E, quando French o quiz confiar ao cuidado dos cirurgiões, pois o via ferido, embora o não suppozesse mortalmente, Locke, cumprido o seu devêr, cahiu para não mais se levantar.

Tardiamente, mas com segurança, produzia o costumado effeito uma das muitas balas que as carabinas boers reservavam aos officiaes inglezes.

De Lisboa a Moçambique

Por ANTONIO ENNES

CAPITULO IX

Moçambique — A fazenda agricola — Coqueiros e cajueiros O monhé *(Continuação)*

A facha marginal da bahia de Moçambique está retalhada, principalmente a norte e oeste da ilha, em grandes propriedades agricolas, que, para além das Cabaceiras e do Mossuril, se estendem até a bahia de Conducia. E' esse o regimen de propiedade que prevalece nos territorios onde chega a sombra da autoridade portugueza; pequenos cultores indigenas, em terrenos possuidos pelos cultivadores, só existem nos arredores das povoações das Cabaceiras e do Mossuril. E para além da estreita zona que se pode considerar policiada, não existe propriedade regularmente constituida; os regulos consideram-se senhores do solo, e os povos usufruemn'o mais ou menos livre e gratuitamente, levantando a habitação onde lhes apraz e fazendo sementeiras onde imaginam que mais rendosa será a colheita, hoje aqui, amanhã acolá, para aproveitarem as virgindades originaes ou refeitas dos torrões.

Essas grandes propriedades marginaes são quasi todas antigas, datam dos tempos da escravatura. Modernamente, a actividade agricola dos colonisadores quasi se tem reduzido, no districto de Moçambique, a recolher o fructo do trabalho alheio; raras explorações novas se emprehenderam, e até poucas concessões de terrenos foram requeridas, e ainda menos aproveitadas. As proprias *fazendas* feitas nem sempre encontram quem as grangeie, e muitas cairam já n'um abandono de que é triste documento a ruina das suas moradias. Por isso estão depreciadas. Compram-se ou arrendam-se por quantias inverosimeis milhares e milhares de hectares de terrenos plantados, por falta de capitaes e por falta, ainda maior, de iniciativas arrojadas e laboriosas.

A *fazenda* agricola, no districto de Moçambique, é, por via de regra, um palmar de coqueiros e um pomar de cajueiros, a que a natureza ajunta grupos de mangueiras frondosas e outras arvores, fructiferas sim, mas cujo fructo não figura nos roes dos productos mercantis. As culturas arvenses são especialidades dos indigenas. O grandé proprietario manda semear, quando muito, hortaliças para a sua mesa e mãos cheias de mandioca, de milho, de feijão chibamba ou preto para sustento dos serviçaes. Se em tempos passados os europeus pediram á terra variadas producções, como a do algodão, que Sebastião do Lago tornou obrigatoria, passaram depois a contentar-se com o *côco* e o *caju*, e só agora um ou outro se lembra de cultivar café. Não querem culturas trabalhosas. A terra — dizia-me um fazendeiro indio das vizinhanças da Cabeceira Grande, — tem força de mais; affoga em hervas todas as semeaduras. E' preciso caval-a fundo muitas vezes e mondar incessantemente, o que exige numerosos braços, e os braços dos negros são caros, indolentes e incertos; é mais o tempo em que estão bebedos do que aquelle em que trabalham, andam sempre por *batuques* e festanças, fogem quando se aperta com elles, se chegam a juntar algumas rupias vão gastal-as na ociosidade, ainda quando se sujeitem produzem pouquissimo. O meu interlocutor preferia mandar buscar á India gente para os trabalhos indispensaveis de sua esploração; com essa, sim, podia-se contar, era sobria, era applicada e submissa, mas tinha o grave onus do transporte. Tambem havia que contar com as devastações da *muchem* e com os estragos da intemperie; umas vezes faltava agua, outras vezes as chuvas torrenciaes revolviam e arrastavam as terras léves. Portanto, não valia a pena emprehender arroteios. Nunca dariam o que davam o coqueiro e o cajueiro, abençoadas arvores que não pediam trabalho nem cuidados, e até se multiplicavam por si mesmas!

Esta é a linguagem de todos os agricultores do districto. Não ha nada como o côco; nada ha como o cajú!

O coqueiro é explorado de muitos modos, e é explorado hoje como ha tres seculos. Frei João dos Santos descreveu essa exploração com tanta propriedade, que substituo a noticia que d'ella poderia dar pela da *Ethiopia Oriental*, que, além de outras superioridades, tem o merecimento archeologico. «O fructo «natural que d'estas palmeiras se colhe são «côcos: os quaes nascem no alto da palmeira

«em cachos, e ha cachos quo têem sessenta «côcos e mais, e muitas palmeiras que tem «dez e doze cachos. Estes se criam dentro «d'umas cascas grossas, do comprimento «d'um covado ao modo de bainha, a que os «cafres chamam tombos .. Do miolo do «côco fresco se tira leite com que cosem ar«roz, ralado com um ralo e bem lavado em «duas ou tres aguas, e espremido entre as «mãos, de modo que lhe façam lançar toda «a humidade que tem.. Este miolo de cô«co, depois de secco e avellado se chama co«pra, e serve aos gentios de mantimento, e «assim o comem com arroz em logar de con«ducto, o qual é muito bom e sabe como «avellãs. D'esta copra se faz azeite muito «excellente, pisando-o em certos engenhos, «ou lagares... Se querem que a palmeira «dê vinho em logar dos cachos, tomam os «tombos em que estão os cachos encerrados, «e cortam-lhe as pontas quando já estão para «arrebentar, dos quaes começa logo a gote«jar uma agua solta e clara, como cá faz uma «vide de parreira quando a pódam. A qual «agua é um licor suave e dôce, quasi como «mel, e assim fresco se bebe e é muito medi«cinal, refresca e engorda. . E este é o pri«meiro vinho da palmeira, a que chamam «sura dôce. Ha muitas palmeiras que teem «quatro, cinco e seis tombos d'estes, que es«tão sempre estillando sura, e cada um d'el«les dá cada dia meia canada pouco mais ou «menos d'este licor, o qual se recolhe em pas«nellas, que penduram debaixo dos tombo«cortados, e n'estas panellas está pingando «sempre emquanto duram os mesmos tom«bos, que é pouco mais ou menos vinte até «trinta dias, e antes que se acabem vão nas«cendo e creando-se outros tombos, de modo «que sempre as palmeiras tem ou poucos ou «muitos que estillam sura .. D'esta sura «dôce se fazem tres vinhos e vinagre, mel e «assucar. O primeiro vinho se faz deixando-o «estar dois ou tres dias em algum vaso, onde «se azeda e ali está fervendo com grande «impeto como faz o mosto das uvas, e d'esta «maneira o bebem ordinariamente os mais «dos gentios, e com «elle se embebedam, «se bebem muito de«masiadamente, por«que é muito famo«so. O segundo vi«nho se faz estillan«do esta sura azeda «com um engenho a «modo de lambique, «a que chamam bali, «e todo o licor que «d'ali sahe estillado «é o segundo vinho, «a que chamam ur«raca. O qual é mui«to melhor que o «primeiro, mais forte «e famoso, quasi co«mo a aguardente, e «embebeda mais que «a sura azeda. O terceiro vinho se faz «d'esta mesma urraca, deitando-lhe den«tro passa de uvas pretas em quantidade «que tinja o vinho, e nas pipas está fer«vendo com esta passa vinte ou trinta «dias... A este chamam vinho de passa. O «vinagre se faz d'este vinho, quando se dam«na, ou da mesma sura, deixando-a azedar «muitos dias, ou das balsas que ficam nas «pipas... O mel se faz da sura dôce, logo «quando se colhe da palmeira, o qual cosem «muito bem ao fogo em um tacho ou cal«deira, e ali ferve tanto, até que fica em «ponto, do modo que se faz o arrobe do «mosto das uvas... D'este mel se faz o as«sucar, deixando-o ferver no fogo tanto até «que se coalha de todo, e fica duro, indo-lhe «sempre tirando a espuma, que faz emquanto «ferve. E depois de tirado do fogo se acaba «de apurar e aperfeiçoar fóra, curando-se ao «sol, como se faz ao assucar de canna.»

Moçambique — Um pangaio á descarga

De todas estas *utilidades* do coqueiro, a que se devem juntar as do *palmito*, que é comestivel, do cairo, de que se fabricam cor-

das e capachos, da madeira, que se emprega em construcções, — só uma não sei que ainda hoje seja aproveitada, o de produzir *vinho de passas;* e a extracção do que Frei João dos Santos chama mel e assucar só é praticada pelos indigenas em reduzida escala. Outros productos do coqueiro adquiriram, porém, maior importancia mercantil e industrial do que tinham no fim do seculo XVI, e são esses os que os fazendeiros principalmente exploram.

O miolo secco, a *copra*, de que n'essa epoca só os negros e os colonos, naturalmente, extrahiam azeite, é actualmente materia prima de industrias que, especialmente na França (Marselha) e na Hollanda (Rotterdam) e na Allemanha (Hamburgo), emprega milhares de braços e milhões de capital, e constitue por isso um dos artigos mais avultados da exportação de Moçambique. Dá só o trabalho de colher o côco, partil-o, extrahir-lhe o miolo e deixal-o seccar ao sol, e cada kilogramma de copra vale, nos portos da provincia, 30 ou 40 réis, preço este que assegura, por cada palmeira, um rendimento médio de cerca de 400 réis. Além d'isso o côco vende-se fresco, na terra, para usos alimentares, a 20 réis a panja de cinco, e tem largo consumo por ser elemento indispensavel do universalisado caril e de outros preparados de culinaria ou de confeitaria, assim indigena como europêa.

Mais ainda não é o côco o mais rendoso producto do coqueiro. Nas panellas em que se recolhe a seiva é que pinga dinheiro. A sura dôce é quasi de privativo consumo domestico, porque azeda em poucas horas; mas a sura fermentada — a *urraca* da *Ethiopia*, — e a sura destillada, tem tanta procura nos mercados que a producção nunca a satisfaz, o que lhe eleva fabulosamente os preços. Lavrada a sura em anno propicio, um bom coqueiro póde render 4 ou 5 libras, e contam côcos de muito superior rendimento. Tão avultado é elle que, se a natureza o consentisse, a cubiça humana não deixaria medrar um só côco nos palmares!

No interessante livro de João Coutinho, *Do Niassa a Pembe*, calcula-se que uma sementeira de 1:000 coqueiros pode custar durante oito annos, isto é, até que as arvores frutejem abundantemente, 88$000 réis comprehendidas as despezas de guarda e conservação, e que se d'ella vingarem 800 pés assegurarão, só em côcos, um rendimento annual liquido de 308$000 réis, que se multiplicaria por oito ou dez sendo o palmar lavrado á sura. E' attrahente! Todavia, tanto tem esmorecido no districto de Moçambique o espirito emprehendedor, que raras plantações de palmares têem sido feitas nos ultimos annos em larga escala, naturalmente porque os escassos e cobiçosos capitaes que se applicam á agricultura não querem esperar seis ou oito annos pelo juro, ainda que prometta ser mais usurario do que o das casas de *prégo* de Lisboa!

Com o esbelto coqueiro compete em receitas — mal ganhas receitas! — o folhudo cajueiro. Creio que esta especie foi introduzida, na provincia, da America ou, mais provavelmente, da India, em tempos remotos, porque não dão noticia d'ella os velhos chronistas que tão por miude descreveram as producções da costa oriental de Africa; mas se assim foi alastrou-se como escalracho. Hoje sombreia milhares e milhares de hectares de terreno, porque não exige cultura e porque fornece materia prima para bebedeiras. O seu formoso fructo não tem quasi valor como alimento; mas dos copiosos succos que encerra fabricam tantas bebidas como da seiva do coqueiro. Frescos, acabados de espremer da *maçã*, são refrigerantes, de sabor agradavel e nada intoxicantes; mas raro vão ao mercado. Fermentados lisongeiam mais o paladar do indigena, e já constituem um artigo de commercio; mas é principalmente a aguardente de cajú, o producto da destillação do cajú, que enriquece o fazendeiro. Não pode haver droga mais nauseabunda, a julgar pelo aspecto e pelo cheiro. Cheira exactamente a terebenthina. No tempo de destillação, quando o mercado de Moçambique se enche de bojudas talhas de cajú, e todas as lojas são adegas de cajú, e pretas acocoradas vendem cajú ás esquinas das ruas e a bocca de cada indigena é uma chaminé de vapores de cajú, acredita-se que toda a cidade, até as entranhas dos seus habitantes, foi pintada de fresco. Mas a populaça é doida pela fetida beberragem. Emquanto ella dura, e felizmente é só poucos mezes, ha perpetuo jubileu de borrachos; os amos não podem contar com os criados, nem os officiaes com os soldados, nem os mestres com os artistas; avoluma-se a estatistica dos furtos, multiplicam-se as desordens, desaffogam-se os gaudios em incessantes batuques, despejam-se os mealheiros dos laboriosos, os indigentes vendem os andrajos não podendo vender os corpos, a policia anda n'uma roda viva, e a aguardente do cajú alcança preços inacreditaveis, superiores ao do vinho do Porto. Termo medio, uma quartola de 90 litros vale 10$000 réis.

Comprehende-se, pois, que os agricultores estimem o cajueiro. Em Moçambique diz-se que uma propriedade tem tantos mil pés de cajueiro, para dar idéa da sua riqueza, como

no Douro se diz que tem tantas mil cepas. O anno agricola é bom ou mau conforme a producção do cajú. A officina essencial e capital d'uma fazenda é a distillação, onde o cajú é pisado, os succos fermentam em vasilhas e passam depois para os alambiques, que funccionam em permanencia durante alguns mezes. As despesas d'esta operação a pouco montam. Só a *noz* ou *castanha* — o appendice reniforme da maçã, — que os negros comem assado, e o summo fresco, pagam a apanha; o fogo alimenta-se com lenha que está á mão de todos, e os processos do fabríco, sendo quanto possivel rudimentares, não exigem pessoal dispendioso. Não ha ninguem, nem o negro mais boçal, que não saiba destillar! São, pois, liquidas todas as receitas do cajueiro, — os seus productos nem soffrem empate. Nunca ficou uma colheita em deposito; isso sim! Tão pouco soffrem os riscos, as demoras, e os trabalhos de exportação; quanta aguardente se produz toda é absorvida nos logares do fabríco, e mais que fosse. Não ha, em toda a provincia, outro negocio assim, nem o de aguardente importada com que se fazem tres garrafões d'um só, vendendo-se a agua que para isso se lhe accrescenta ainda por maior preço do que se pagou pelo alcool.

Os fazendeiros, portanto, não querem cultivar senão cajú e côco, e esses serão os unicos ou os principaes productos abundantes da agricultura *civilisada*, emquanto alguns phenomenos economicos ou uma legislação fiscal e policial não arruinarem o coqueiro e o cajueiro. A cultura do cafezeiro em Moçambique não passa d'uma curiosidade, confinada nos quintaes. Só tive noticia d'um proprietario da terra firme, um europeu laborioso e emprehendedor, o sr. Candido Soares, que tomou amor á preciosa planta que está opulentando Angola e S. Thomé, e já colhe algumas saccas de café. Este agricultor pertence a uma familia que representa, com singular distincção, o que se pode chamar a fidalguia colonial de Moçambique; descende essa familia, sem mescla de sangue indigena, d'um alto funccionario da provincia, Pedro da Costa Soares, que n'ella falleceu em 1780, e ficou vivendo nas suas vastas propriedades patrimoniaes, ageitando-se á tarefa de sua laboriosa administração e ao viver africano, sem perder as virtudes e as prendas patriarchaes portuguezas. Uma d'essas propriedades, a Choca, encosta os seus alterosos palmares, as suas densas florestas de cajueiros e mangueiras, á margem da bahia de Conducia, n'aquelle ponto alta e cortada quasi a pique sobre o mar. Em todas aquellas redondezas não ha sitio mais aprazivel, pela majestade do arvoredo, pela amplidão do panorama, pelo frescor das aragens e das sombras, e pelas memorias que conserva de antiga prosperidade agricola da terra e do viver largo, mas proficuo, dos seus povoadores portuguezes; por isso é uma estação fixa de romagens festivas ou estudiosas.

Os grandes proprietarios da terra firme não são só europeus, nem representam todos antigos colonos, como essa familia excepcional; recentemente tambem alguns asiaticos, e até alguns indigenas opulentados, se teem distrahido do commercio para explorarem fazendas agricolas, sendo em regra mais felizes no emprehendimento do que os brancos, por serem mais diligentes, mais cubiçosos, mais sobrios, e terem maior azo de empregar nos trabalhos gente da India. Perto da Cabaceira Grande vive e trasteja um indio, de Damão, que em curtos annos se levantou da indigencia á categoria de grande e poderoso agricultor. Estes fazendeiros ou vivem sempre nas suas terras, nas moradias nobres, tantas vezes apalaçadas, que em nenhumas faltam, ou residem em Moçambique tambem uma parte do anno, quando não ha serviços agricolas a dirigir. Essas casas, as officinas ruraes,—quasi sempre toscos barracões de alvenaria cobertos a telha,—as casas de malta, grupos de cubatas dos trabalhadores, são as unicas construcções que nas fazendas interrompem a continuidade dos palmares e das florestas, nunca fechadas por sebes ou muros, nem sequer demarcadas, em regra, por quaesquer balizas artificiaes.

Para além, no sentido do interior, d'esta região, que se póde chamar da grande cultura arborea, dispersam-se as pequenas culturas dos indigenas, que — é triste dizêl-o,— são precisamente as que fornecem ao commercio a maior copia de artigos de exportação. Os negros pedem á terra o seu sustento quotidiano, e para o obterem, semeiam ou plantam, a par do coqueiro e do cajueiro, mandioca, maxoeira, mapira, milho, alguma canna saccharina, muitas especies de feijão, e outros vegetaes cuja producção é de exclusivo consumo local; mas é tambem a sua lavoura rudimentar, feita com instrumentos primitivos e até á mão, que manda aos portos montões de amendoim e de gergelim, que lá vão buscar as industrias européas para d'elles fabricarem oleos, copiosamente empregados na saboaria, na perfumaria, em mil preparados, e que nós todos bebemos quasi quotidianamente como azeite de oliveira. Vão lá dizer a um marselhez que este azeite tem melhor sabor do que o oleo de amendoim!

Sem as colheitas dos indigenas, só para elles remuneradoras, Moçambique não teria

que exportar, a não ser algumas mãos cheias de copras, mas o proprio trabalho agricola dos indigenas não tem sido encaminhado para aproveitar os generos ricos, que a natureza lhe offerece quasi gratuitamente. Assim, medrando espantosamente na Macuana diversas arvores, e em especial muitas trepadeiras, de cujos troncos se extrahe *borracha*, e conhecendo quasi todos os macuas os processos da extracção, quotidianamente praticados pelos seus visinhos do Nyassa, poucos bolbos d'esse estimado artigo accodem hoje aos portos do districto de Moçambique, e ninguem lá pensou ainda em promover ou emprehender a cultura regular das especies que a produzem. Tabaco: á ilha de Moçambique e á costa fronteira vem tabaco do interior, onde superabunda, grosseiramente manipulado pelos indigenas em grossas tranças feitas das folhas da planta torcidas e comprimidas, que depois enrolam sobre si, formando grandes rodas, furadas no centro. Estas rodas vendem-se por uma bagatella, a menos de 200 réis o kilogramma. Da qualidade do tabaco que as compõe não posso informar, porém, só os indigenas o aproveitam. Homens, mulheres, creanças, fumam-n'o em compridos rolos, quasi sempre de fórma pyramidal, que envolvem em delgadas folhas seccas de bananeira; mas nunca se cuidou, sequer, de averiguar se esse tabaco que faz as delicias dos cafres podia ser vantajosamente introduzido nas fabricas européas, ou sequer portuguezas. A canna saccharina é uma golodice, mais nada; dá-se como presente, *saguate*, juntamente com a gallinha classica. Tambem os indigenas ainda não poderam achar proveito em colher, ao menos, o café que cresce e amadurece nos mattos á beira das suas palhotas, e quasi ignoram que o anil, a urzella, e muitos outros productos espontaneos ou faceis do seu uberrimo solo, se elles os juntassem em quantidades commerciaveis, lhes dariam mais pannos vistosos, mais fiadas de contaria, mais armas e polvoras n'um anno do que lhes dão em dez as pobrissimas culturas de amendoim e de gergelim a que, coitados, dedicam a pouca actividade que impõem á indolencia nativa. Gergelim, amendoim, alguma copra é quasi tudo

Moçambique — O monhé no interior

pois nunca pude fumal-o, tão forte é; mas dizem melhores entendedores que se recommenda pelo aroma e pelo sabor. Bom ou máu, quanto o sertão macuano envia a Moçambique, desde que fugiram para regiões mais entranhadas e mais septentrionaes os elephan-

tes, que ainda no principio do seculo XVII iam ás praias das Cabaceiras farejar, com as trombas estendidas, as gentes novas que povoavam a ilha, e que a subtileza do seu olfato estranhava por não cheirarem a *catinga*.

O estado da agricultura define a natureza do commercio. Realmente só exporta amendoim, gergelim, copra; tudo mais são bagatellas. Importa quasi todos os artigos necessarios á vida dos europeus, incluindo gado de Madagascar para o talho, e até... arroz para sustento dos indigenas! O valor da importação excede sempre e em muito o da exportação; ao *deficit* occorre o Estado por meio dos seus gastos e das suas munificencias.

Este commercio está, principalmente, nas mãos dos asiaticos. E' vêr os arruamentos de Moçambique. Estão guarnecidos de lojas, tantas que causa espanto como se sustentam n'uma terra onde se não vê viv'alma, a não serem almas de tanga; e as lojas de venda a retalho são entremeadas por casas de grosso tracto, umas de aspecto soberbo, que parece denunciar vastos armazens atulhados de marfim e especiarias, e ás vezes só armazenam teias de aranhas, outras com mesquinha apparencia de baiucas de ferro-velho, que disfarçam depositos abarrotados de fardos e saccarias: aquellas são, geralmente as dos europeus, estas as dos baneanes e mouros. Nos estabelecimentos de venda a retalho vende-se tudo: calçado e bolachas finas, sedas e aguardente, louças da India ou da China e meias de algodão, conservas e guarda-soes. Os sortimentos capitaes são de fazendas para os pretos, e conservas e licores para os brancos. As armações pobres e toscas, no estylo das que nossos avós usavam na rua da Alfandega, são ornamentadas pelas pilhas scintillantes de lataria e pelas etiquetas coloridas das garrafas; ha lojas que offuscam a vista, quando os clarões do petroleo acceso rebrilham nas latas. Paredes de peças de algodões estampados completam, com os seus tons assanhados, a decoração das humildes quitandas, sempre cheias como ovos de muitas gemmas, e por detraz dos balcões, por cima das rumas de peças de louçaria, por entre bambinellas de *pannos* pendurados no tecto, entrevêem-se, dentro de dezenove portas por cada enfiada de vinte, caras macillentas de indios scismadores, scismadores dos melhores processos de enganarem os freguezes. Os logistas europeus contam-se, contam-se de côr. De vulto são dois, as firmas Mendonça & Silva, e Pinto & Rodrigues, nenhuma das quaes se occupa, porém, exclusivamente, do commercio a retalho, e que das relações mercantis com o governo tiram os mais valiosos proventos. Ambas têem casas grandiosamente sortidas, que nenhuma outra desbanca em conservas e em vinhos; mas fazem-lhes invencivel concorrencia as tribus dos *monhés* de todas as seitas, e estes proclamam como seus patriarchas os Jumás, Grande e Pequeno, donos de verdadeiros museus commerciaes mais espanejados, nababos mercantis, um dos quaes é tão rico que escandalisou os manes dos seus avós com a prodigalidade de construir um predio com cantarias lavradas. Caso este nunca visto na Africa Oriental, desde que para lá navegam pangaios com carregações de cobiça e avareza de feitio humano!

D'esta legião de logistas destacam-se as grandes casas exportadoras, duas das quaes pertencem ás opulentas firmas de Marselha, Regis, e Fabre, ambas respeitaveis, millionarias, antiquissimas na provincia, por cujos portos espalharam succursaes, e as chamadas *Casa hollandesa* e *Casa allemã*, tambem sizudas e poderosas. Estas occupam-se especialmente de comprar os productos da provincia, as sementes oleaginosas, e exportal-as para Marselha, Hamburgo, e Rotterdam, e só accessoriamente, e em algumas das succursaes, vendem por miudo artigos de importação. Houve tempo em que estiveram quasi sós em campo; serviam-lhes os asiaticos de intermediarios junto dos indigenas. Vendiam-lhes ou fiavam-lhes fazendas com que elles, internando-se no matto adquiriam as producções indigenas, que depois compravam ou recebiam em pagamento. Mas os tempos mudaram. Os indios, que d'antes não exportavam nem importavam commummente, cobraram alentos e capitaes para se empregarem n'essas operações, e hoje não só estão emancipados das casas europeas, senão que competem com ellas. Mais ainda. Tendo-se desenvolvido as industrias na India, e expecialmente as industrias textis, a ponto de supplantarem em barateza e em acabamento os da propria Inglaterra, os seus artefactos assoberbaram os mercados de Moçambique, e toda a importação de tecidos, a mais avultada, cahiu por completo nas mãos dos baneanes e dos mouros. Os proprios agentes e representantes de firmas estabelecidas em centros industriaes da Europa vão geralmente comprar aos *monhés* os algodões de que precisam para as permutações com os indigenas.

(Continúa).

Das diversas paginas mysteriosas da historia que aqui teem sido transcriptas, nenhuma offerece talvez tanto interesse, pela extranheza dramatica do caso, como a narrativa que segue: onde se faz rapida memoria do advento ao throno da Russia, d'um aventureiro sympathico, cujo destino tragico commove, e cujo exito ephemero parece ser devido á poderosa influencia da Companhia de Jesus.

Na Russia, no anno de 1591, por altas horas da noite, o embaixador da rainha Elisabeth de Inglaterra, sir Jeronimo Horsey, foi despertado do seu somno por fortes pancadas no lado exterior do portão da sua casa.

Pensando que a sua ultima hora estaria chegada, pois elle sabia bem qual o estado agitado e perigoso da sociedade moscovita desde a morte de Ivan o terrivel, o embaixador chamou os seus criados que o rodearam em numero de quinze e todos se muniram de pistolas e outras armas. Depois d'isto, e só depois, aventurou-se a sahir ao pateo que n'aquelle tempo circumdava todas as moradias moscovitas e approximou-se do portão.

Uma voz do outro lado chamou-o fallando em russo, voz de homem como tomado de pavor.

— Oh! meu bom amigo! — sir Jeronimo, deixe-me fallar comsigo!

O inglez avançou para muito perto da porta, cautelosamente abriu o postigo de vigilancia e reconheceu á luz do luar, em pé do lado de fóra, um nobre boiardo, Athanasius Nagoy, irmão da csarina Maria, a viuva de Ivan.

—O csarino Demetrius morreu! continuou na mesma voz de horror o visitador da meia noite.

Demetrius era seu sobrinho, e irmão mais novo do novo csar.

— Foi degolado, pelas seis horas, pelos diaks; um dos seus pagens confessou na tortura, que por incitação de Boris; a csarina está envenenada e ás portas da morte; os seus cabellos, as unhas e a pelle estão-se-lhe desfazendo. Ajude-me, meu amigo! E por amor de Deus dê-me algum remedio bom!

Entre os ignorantes moscovitas d'aquelle tempo, o inglez gosava da reputação de ter conhecimentos medicos como ainda até hoje teem entre os tartaros e os arabes. Logo que o embaixador percebeu qual era o pedido, correu a casa, e arranjou um pequeno frasco de balsamo do que lhe déra a propria rainha Elisabeth, e uma caixa cheia de um preparado conhecido pelo nome de triaga de Veneza.

— Aqui está o que tenho. Peço a Deus que lhe faça bem — disse.

E, ainda contrariado por ter de abrir o portão, diligenciou passar os remedios ao irmão da csarina por cima do muro do pateo.

Depois de os ter recebido, o preoccupado boiardo seguiu precipitadamente pela noite, em quanto que Horsey voltava para dentro para assentar o memoravel accidente no seu diario, n'aquelle bello inglez que ainda hoje póde ser lido pelos curiosos no manuscripto conservado no *British Museum.*

Taes foram as primeiras noticias que chegaram a Moscow d'aquelle mysterioso acontecimento que ficou um enigma para a posteridade. A tragedia tinha succedido na cidade de Uglitch n'um logar remoto, a cem milhas de distancia. Por que meios chegara a noticia a Athanasius Nagoy? Que verdade haveria na horrivel e concisa narrativa que trouxera á meia noite ao enviado de Elisabeth? A resposta a esta pergunta talvez podesse ser fornecida por uma commissão de

inquerito, mandada áquella cidade pelo proprio Boris, a quem o tio de Demetrius denunciára como instigador do crime.

A negra figura de Boris Godunov ergue-se na historia da Russia com a mesma funesta proeminencia da do conde Godwin na historia de Inglaterra: similhante ao conde Saxonio, Boris era sogro do piedoso e fraco csar que cingia então a corôa. Similhante áquelle, monopolisara todo o poder do Estado, que elle governava com a auctoridade de um regente. Como Godwin, era tambem um habil estadista e defensor do seu paiz contra os estrangeiros, ou dos temidos tartaros ou dos destestados polacos. Mas egualmente como elle era accusado de horrendos crimes, movidos, como então se pensava, por uma desmedida ambição que tinha a mira no throno.

A raça dos antigos csars de sangue de Rurik hia desapparecendo. Os seus ultimos representantes eram o joven csar Feodoro e seu meio irmão de dez annos, Demetrius. A mãe de Demetrius tinha sido a setima mulher de Ivan, e a igreja orthodoxa não permittia mais de quatro casamentos. Sobre este ponto de vista, Boris diligenciara fazer considerar o pequeno csarino como illegitimo; mas os moscovitas amavam a dynastia real tanto quanto odiavam Boris, portanto este projecto falhou. Depois correram boatos, denunciando o pequeno principe como um monstro de crueldade, e declarando que elle soffria de epilepsia. Estes boatos ainda assim não poderam abalar a cega idolatria popular que não tinha sido apagada pelas atrocidades do *terrivel* Ivan.

O maximo que Boris poude conseguir foi mandar o moço csar com sua mãe para a pequena e isolada cidade de Uglitch. O seu exilio n'aquelle sitio foi partilhado por dois irmãos da viuva csarina, Miguel e André Nagoy. Boris tinha um agente em Uglitch, um tal Bitiagofski que era empregado como thesoureiro da casa do pequeno csar. Este homem e os seus auxiliares eram os *diaks*, aos quaes se referira Athanasius Nagoy e nenhuma estima os prendia aos criados do palacio. Era esta a situação quando succederam os casos que se vão agora descrever.

Um palacio moscovita n'aquelle tempo apresentava uma grande similhança ao primitivo grupo de cabanas, rodeadas de baluartes grosseiros, que formaram a morada de Attila e que ainda hoje formam as habitações do *khan* asiatico. Similhante ao celebre Kremlin de Moscow, consistia, não de um unico e immenso edificio, mas de numerosas construcções separadas e destinadas a salas de reunião, quartos de dormir, cosinhas, cavalariças, tudo situado dentro d'um espaçoso recinto rodeado de muralhas de tijolo ou de pedra. Em similhante pateo era facil perder-se de vista uma creança em qualquer recanto das construcções; e egualmente facil para o ladrão ou para o assassino entrar por qualquer lado despercebido.

N'este pateo do palacio de Uglitch, o pequeno Demetrius brincava n'uma tarde de maio com mais quatro rapazes. Era justamente a hora depois da refeição do meio dia; tanto que seu tio, Miguel Nagoy, estava ainda dentro de casa á mesa, bebendo. A csarina tinha ido para os seus quartos, deixando uma governante e duas criadas a cuidar no principe.

Demetrius, tinha nas mãos um pequeno punhal e divertia-se a enterral-o no chão. Os seus quatro companheiros de folguedo estavam perto d'elle. Havia portanto ao todo sete pesssoas para lhe observar os movimentos. Comtudo houve um instante em que o herdeiro do throno da Russia desapparecera da vista de todos.

Quanto tempo durou esta ausencia e o que succedeu durante ella nunca se explicou. Mas as trez mulheres declararam depois que, quando o viram em seguida, estava deitado no chão com uma ferida na garganta e morto.

Alarmada pelos gritos d'ellas, a csarina correu precipitadamente para o local e ao vel-o exclamou que seu filho fôra assassinado. Louca de pezar, a infeliz mãe pegou d'um pau e bateu na governante, accusando-a de dar entrada na côrte aos assassinos. Na mesma occasião denunciou Bitiagofski como auctor do attentado. Chamou pelo irmão Miguel que appareceu acompanhado dos que o rodeavam. Começou de tocar a rebate o sino da igreja visinha e os habitantes de Uglitch vieram em multidão ao logar da scena.

Entre os chegados, estavam Bitiagofski e seu filho. Com suspeitosa presença de espirito o agente de Boris esforçou-se por serenar o tumulto, e começou de explicar em altas vozes que a creança tinha cahido sobre o punhal ou faca n'um ataque epileptico e que se matára involuntariamente.

Mal a enraivecida csarina lhe ouviu a vóz, voltou-se para elle e exclamou: — Eil-o, ahi está o assassino! — As suas palavras foram o signal do massacre. Bitiagofski e seu filho foram levados de rastos para um dos edificios do palacio, e mortos no mesmo instante. Depois seguiu-se uma horrivel caçada a homens, na qual, todos que tinham ligação com o odiado diak, foram perseguidos pelas ruas da cidade e mortos. O corpo da creança foi conduzido para a igreja e uma victima foi levada atraz d'elle e offerecida em sacrificio.

O massacre só terminou, quando o clero interferiu, diligenciando salvar algumas mulheres, que a populaça ainda não tinha despedaçado.

Tal foi a narrativa official da tragedia, incluida no inquerito dos commissarios imperiaes, a qual, extorquida ou fabricada por elles, continuou a tomar-se por verdadeira. Conforme esta fonte de informação, parece que Miguel Nagoy, convencido tarde de que não havia provas contra Bitiagofski offerecera ao official de justiça de Uglitch valiosa peita para collocar um punhal tartaro ao lado do corpo do homem assassinado. Parece que a csarina tambem abandonara as suspeitas contra os agentes de Boris. Denunciou depois duas outras victimas, a ultima das quaes accusou de ter enfeitiçado o filho, levando-o portanto a matar-se; e expressou remorsos em ter tido parte na execução summaria de Bitiagofski.

Foi notavel a sentença passada por Boris em nome do csar. A csarina viuva foi convidada a retirar-se para um convento. Os Nagoys simplesmente prohibidos de entrarem em Moscow. Mas todo o pezo da vingança recahiu sobre os agentes inferiores do massacre. Duzentos cidadãos de Uglitch foram executados. Muitos mais tiveram as linguas cortadas, ou encerrados em carceres. O resto dos habitantes da cidade foram exilados para a Siberia, e a mesma sentença foi pronunciada contra o sino que deu o o signal para o morticinio.

Tanto quanto a versão d'este extranho acontecimento poude exonerar Boris da suspeita de ter instigado o assassinio de Demetrius, foi empregado em sua justificação. A theoria de uma morte accidental, da qual os Nagoys se apoderassem, como pretexto, para vingar o seu odio pessoal sobre o innocente Bitiagofski, foi logicamente deduzida da narrativa dos commissarios. Mas aquella explicação não convenceu o espirito popular da Russia e nunca foi aceita como verdadeira pelos historiadores.

Tentando desenredar a verdade da falsidade n'esta narrativa, começa-se logo com o duvidoso facto do massacre do agente de Boris pela populaça de Uglitch. Aquelle massacre era por si só a mais grave accusação contra Boris. Deve notar-se que o verdadeiro fim do chamado inquerito era rebater qualquer accusação, demonstrando a innocencia de Bitiagofski. A prova d'isto está na propria sentença, onde aquelles, que podiam realmente ser responsaveis pela morte de Bitiagofski, foram apresentados, negando as suas suspeitas, para escapar ás penas correlativas. Não podendo por forma alguma fazer calar a populaça de uma cidade, foi portanto transportada para além das montanhas Uraes, por cima das quaes nenhum som podesse vir revelar a verdade do que houvesse succedido n'aquella tarde em Uglitch. A evidente falsidade da narrativa deduz-se ainda do suicidio de Demetrius. A idéa de que uma creança de dez annos se podesse suicidar ou morrer por cahir sobre uma pequena faca, envolve varias impossibilidades praticas. E' praticamente impossivel para qualquer morrer de repente por cortar accidentalmente o pescoço. Mesmo em casos de suicidio deliberado, a victima não acaba subito e padece por algum tempo; em outras palavras sangra para morrer. Aqui o depoimento da governante diz que tinha apenas por segundos tirado os olhos da creança quando a viu depois morta no chão.

E' desnecessario insistir nas outras improbabilidades do caso e nas varias contradicções entre o succedido e a primeira noticia chegada ao irmão da csarina em Mascow na noite em que elle batera á porta da moradia do embaixador inglez. O ponto que se oppõe abertamente á supposta evidencia da inquirição, é aquelle em que toda a testemunha,

Louca de pesar, a infeliz mãe pegou d'um pau...

que podia derramar alguma luz, foi constrangida ao silencio e exilada. Ou o tempo, durante o qual o joven csarino esteve longe

das vistas dos seus guardas, foi mais longo do que se tem admittido; ou o corpo encontrado morto no pateo do palacio e depois enterrado no Kremlin de Moscow não foi o de Demetrius Ivanovitch.

Ver-se-ha agora como o destino imprimiu novo aspecto a estes factos.

Passaram-se dez annos. O csar Feodoro falleceu muito novo — não sem o auxilio do seu ambicioso e muito poderoso sogro, dizem. Os moscovitas acharam-se sem um representante da linha real a quem podessem chamar para o throno. O *khan* dos tartaros ameaçava invadir do sul. O rei da Polonia, vindo do éste, preparava-se para se apoderar da corôa. Como os saxões, depois da morte de Eduardo, de Inglaterra, o povo russo voltou-se para quem lhe pareceu mais forte, e escolheu Boris Gudunov para seu csar.

Depois de certa hesitação, real ou fingida, Boris acceitou a corôa, mas similhante ao filho usurpador de Godwin, estava convencido de que a nação não era verdadeiramente leal para com elle. Governava habilmente mas da memoria não se lhe apagava a lembrança dos crimes pelos quaes encurtara o caminho para o throno. Em breve se levantaria contra elle um d'esses crimes, embora acariciasse a crença de que estavam sepultos para sempre á curiosidade geral.

No anno de 1603, depois de Boris ter reinado durante cinco annos, levantou-se e correu um assombroso boato, illuminando como um relampago toda a superficie da Russia. O csarevitch não morrera e resurgia das scenas meio esquecidas do mysterioso massacre de Uglitch. Tinha sido reconhecido na provincia de Volynia, estudando latim n'um mosteiro. Tinha sido visto a guerrear entre os cossacos, bandidos do sul. Passára uma noite n'um convento em Novgorod-Severski, disfarçado em monge e seguira, não se sabia para onde, no dia seguinte, deixando um papel na sua cella, no qual declarava a sua origem e promettia voltar alli a recompensar o archimandrita do convento pela sua bondosa hospitalidade. Finalmente declarara a um nobre polaco em casa de quem estava então servindo, que se preparava para entrar na Russia e reclamar pelas armas a sua legitima herança.

O logar em que primeiro se tornou visivel este extraordinario personagem, foi em Bragin, na fronteira da Polonia. Um polaco nobre, o principe Adam Wisniowiecki era servido no seu banho por um rapaz, que elle tomára para a sua casa pouco tempo antes. O principe mandara-o buscar qualquer objecto de que precisava; o rapaz voltou sem este. Zangado pela falta de attenção ao serviço de seu amo, Wisniowiecki deu-lhe um sopapo, chamando-lhe qualquer nome desprezivel. Com lagrimas nos olhos o rapaz queixou-se amargamente, dizendo:

— Ah! principe Adam, se soubesse quem o está servindo não me tratava assim!

— E quem és então, e d'onde vens? perguntou admirado o principe.

— Eu sou o csarino Demetrius, filho de Ivan Vassilievitch.

Tal foi a resposta.

Demetrius, se realmente o era, começou de contar a sua historia extraordinaria. Conforme essa narrativa, o que succedera em Uglitch fora o seguinte. Um medico vallaico, chamado Simon, ao serviço do pequeno csarino, tinha estado secretamente relacionado com os agentes de Boris, que o haviam peitado — para entrar n'uma conspiração contra a vida de Demetrius. Receoso de recusar, e reconhecendo que esta recusa não o livraria de ser mais tarde accusado de haver commettido o crime, Simon aceitou os offerecimentos que lhe fizeram.

Foi fixada uma certa noite para o assassinio, mas n'aquella noite o fiel medico substituiu o principe por uma creança escrava. O pescoço da creança foi cortado pelos assassinos em quanto Simon fugiu secretamente de Uglitch com o verdadeiro Demetrius, que ficou desde então livre das perseguições de Boris, umas vezes vivendo em mosteiros, outras entre as tribus de cossacos. O fiel medico morrera, mas como prova do seu conto, o mancebo apresentava um sinete russo, onde estavam gravados o nome e as armas de Demetrius, e uma cruz de oiro encastoada de magnificas pedras, presente de seu padrinho o principe Ivan Mstislavski.

E' preciso observar-se que esta versão dos acontecimentos em Uglitch, differe tanto da official como da primeira que chegou aos ouvidos de Athanasius Nagoy. Mas deve dizer-se que o relatorio dos commissarios de Boris nunca se tornara publico. Permanecia occulto nos archivos em Moscow, e os mais bem informados contemporaneos, que acreditaram na morte do pequeno csarino, julgaram que ella tinha sido de noite.

A similhança entre o pequeno Demetrius e o mancebo era completa, tanto quanto podia ser restabelecida. Tanto o Demetrius crescido como o pequeno, tinha um braço mais comprido do que o outro, e duas verrugas bem visiveis e caracteristicas na face. Na figura parecia-se com Ivan, o terrivel, e a sua physionomia era trigueira como a da csarina Maria.

Não eram necessarias tantas provas para

convencer Wisniowiecki. Deixando o seu ex-criado no quarto de banho, apressou-se em ir procurar a mulher, ordenando-lhe que preparasse um banquete para o csar de Moscow, que estava proximo a chegar como convidado. Depois escolheu os mais explendidos vestuarios do seu guarda-roupa e as mais bellas armas da sua armaria e voltou para o quarto de banho seguido de bastantes criados. Comprimentando Demetrius como csar, ajudou-o com suas proprias mãos a mudar os humildes trajos de servo pelos fatos de um principe, e depois acompanhando-o, apresentou-o á gente de casa como filho de Ivan e verdadeiro soberano da Russia.

Durante os mezes seguintes não se fallou na Polonia senão na maravilhosa apparição de Demetrius. Descobriam-se diariamente novas provas de identidade, e a sua causa foi reforçada por novos e poderosos adherentes. O principe Adam, seu primeiro protector, levou-o para o castello de seu irmão Constantino Wisniowiecki, onde aconteceu estar alli um criado russo que declarou ter servido antigamente em casa do joven csarino, e reconheceu todos os signaes de identidade entre aquelle e o pretendente. Os polacos nobres vinham de longe e de perto em multidão vêr o csar fugitivo, que conquistou todas as sympathias pelas suas maneiras nobres e graciosas, a sua bella sciencia de equitação, os seus conhecimentos da lingua polaca, que fallava tão bem como a russa e, finalmente pelo seu respeito pelas instituições polacas, e em particular pela igreja catholica romana.

Emquanto Demetrius estava fazendo esta impressão favoravel na Polonia, um monge russo da igreja orthodoxa, chamado Gregorio Otrepiev, ia pelas aldêas cossacas annunciando a chegada do legitimo czar, e excitando-os contra o odiado intruso. Boris, que a principio considerára Demetrius como um simples aventureiro audacioso, começou de ficar sériamente inquieto. Mandou offerecer dinheiro e estados aos dois Wisniowieckis se elles lhe entregassem ás mãos o impostor. Os altivos polacos nem sequer se dignaram responder a similhante pedido. Mas Constantino receioso de que o seu hospede estivesse tão perto da fronteira, mudou-o para a residencia de seu sogro, o palatino Mniszek que então governava o districto de Sandomir com todo o poder feudal.

Alli, foi Demetrius reconhecido outra vez por um velho soldado polaco, que tinha sido em tempos feito prisioneiro. Este veiu dizer que durante o seu captiveiro tinha sido mandado a Uglitch, onde vira muitas vezes o pequeno Demetrius. Elle tambem testemunhou a identidade do recem-vindo com o joven czar.

O palatino de Sandomir não fez difficul-

Ajudou-o com as proprias mãos a mudar de vestuario...

dade alguma em reconhecer o seu hospede como o czar de Moscovia. Demetrius mostrou-lhe as cartas que recebera do monge Otrepiev, nas quaes se declarava que as tribus cossacas estavam amadurecendo uma revolta. Mniszek convencionou associar os seus bens á tentativa do pretendente e levantar um exercito de polacos. Em troca ficou secretamente combinado que, tão depressa Demetrius se achasse senhor do throno moscovita, casaria com a formosa filha do palatino, Marina, e daria ao sogro a provincia de Smolensk, além de lhe pagar um milhão de florins.

Tornava-se, porém, urgente e necessario obter o assentimento do rei da Polonia, Segismundo III. Segismundo movia-se pela influencia do nuncio do Papa, e houve então uma negociação secreta entre o nuncio e Demetrius por intervenção de alguns jesuitas de Sandomir.

Era sabido que qualquer profissão manifesta da fé catholica seria fatal ás esperanças de Demetrius, sendo os russos tão fundamente dedicados á sua propria igreja, e de-

testando tanto as crenças do occidente que as confundiam continuadamente, até no nome que lhe davam de heresia do Luthero Romano. Mas o pretendente deu secretamente a sua adhesão á igreja catholica, e jurou a si proprio que, uma vez coroado em Moscow, havia de fazer todo o possivel para trazer os moscovitas ao gremio da fé romana. Isto foi bastante para o nuncio.

Havia porém, ainda muitos polacos de elevada categoria que recusavam acreditar na historia de Demetrius. Para os vencer, recorreu-se ao extraordinario estratagema de fazer crêr que o pretendente era realmente um filho natural do grande rei polaco, Estevam Bathori; assim, milhares d'esses que nunca o supportariam como filho de Ivan o Terrivel, de boa vontade cederam á idéa de collocar um principe polaco no throno da Russia.

Seguiu-se a publica recepção de Demetrius pelo rei Segismundo. O rei polaco, no throno, a mão sobre uma mesa, rodeado pela sua nobreza, esperou que o nuncio conduzisse Demetrius que, avançando commovido e tremulo, de cabeça descoberta, beijou a mão que Segismundo lhe offerecia. Depois, em eloquente linguagem, o mancebo relatou a historia da sua vida, a milagrosa fuga e a subsequente vida errante. Concluiu fazendo appello á protecção do rei e ao seu auxilio para recuperar a corôa dos seus maiores.

Segismundo ouviu-o em silencio e fez-lhe menção de se retirar, emquanto o seu pedido ia ser meditado em conselho. Um camarista conduziu-o para uma sala proxima, onde esperou no meio de uma multidão de cortezãos pela resposta que ia decidir do seu destino. Pouco depois entrava o nuncio, que o levou pela mão novamente á presença do rei polaco. D'esta vez Demetrius ficou silencioso, de cabeça curvada, as mãos encruzadas sobre o peito em attitude supplicante, emquanto Segismundo se lhe dirigia:

—«Deus vos salve, a vós, Demetrius, principe da Moscovia! E'-nos conhecido o vosso nascimento por evidentes e fidedignas testemunhas; nós vos mantemos uma pensão de quarenta mil florins, e, como nosso amigo e hospede, vos permittimos aceitar a direcção e serviços dos vossos vassallos.»

O mancebo que mezes antes tinha sido um humilde criado em casa de Adam Wisniowiecki, e que n'aquelle momento era publicamente saudado por um grande rei, como herdeiro da Russia, ficou mudo e subjugado pela emoção. Poude apenas fazer uma profunda reverencia e retirar-se, deixando Segismundo vagamente descontente d'esta entrevista. Talvez o monarcha polaco tivesse já o presentimento de que este humilde supplicante não provaria ser tão docil como o suppunha o nuncio de Sua Santidade.

A cerimonia do reconhecimento publico de Demetrius na côrte de Polonia foi uma ameaça que o czar Boris não podia desprezar por mais tempo. Mandou a Cracovia um embaixador, para fazer uma representação persuasiva a Segismundo e para pedir a extradicção do chamado principe de Moscovia.

Entretanto Boris reconheceu que não era bastante denunciar Demetrius como impostor. Se não era o filho de Ivan, era necessario explicar quem e o que realmente era. Segundo as instrucções recebidas, o embaixador do czar declarou que o pretendente era realmente aquelle mesmo Gregorio Otrepiev que estivera, representando como seu arauto, entre os cossacos. Foi fixado o apparecimento d'este tal Gregorio pelo anno de 1603. Era um monge expulso da ordem, de costumes dissolutos e ebrio, tendo passado a vida a percorrer os mosteiros russos. N'aquelle anno declarou-se que elle atravessára a fronteira até Lithunia, e induzira um padre polaco, por uma fingida confissão, a escrever ao seu rei, annunciando ser elle o perdido czarvitch.

Tal foi a situação arranjada contra Demetrius para defeza do czar. Foi corroborada por solemne excommunhão pelo patriarcha de Moscow, na qual o pretendente era indicado pelo nome de frei Gregorio, como um apostata, um rebelde e um magico, convicto de ter tentado introduzir a heresia latina na Russia, levantando igrejas catholicas no solo orthodoxo. Um tio de Gregorio Smirnoy Otrepiev, que bastante curiosamente conquistára a amisade e confiança de Boris, foi ao mesmo tempo para Cracovia, afim de confirmar a narrativa e reclamar seu sobrinho fugitivo.

Esta explicação não teve entre os contemporaneos de Demetrius tanto exito como o alcançado desde então entre os historiadores russos. Pergunta-se como este bebado monge russo adquirira o cavalleiroso porte, a habilidade na equitação e o conhecimento da lingua polaca que distinguia Demetrius. A historia da fingida confissão ao abbade polaco foi puramente uma invenção. Outra mais forte objecção para os russos d'aquelle tempo foi o favor e protecção concedidos aos outros Otrepievs. Se Boris realmente acreditasse que este monge era o Demetrius, certamente que os membros da sua familia não alcançariam taes favores.

Ainda estava, porém, para apparecer refutação mais decisiva.

O csar não conseguiu apesar dos seus esforços tolher o caminho ao seu inimigo que

promptamente reuniu tropas mixtas de polacos e de cossacos, com as quaes entrou na Moscovia e penetrou até a cidade de Putivl. Todas as cidades, na sua passagem, lhe abriram as portas sem resistencia. Foi em Putivl porém que a historia de Gregorio Otrepiev recebeu o ultimo golpe pela apparição em scena d'aquelle proprio heroe. Tendo em grande conta os seus serviços, felicitou Demetrius com insolente familiaridade, mas o pseudo-csarevitch pol-o immediatamente no seu logar. Pouco depois mandava-o retirar e o monge em breve recahiu na obscuridade.

Boris começou então de tremer pelo seu throno e pela vida. Os seus crimes voltavam a resurgir em vinganças ameaçadoras. Levantou numerosos exercitos; mandou-os contra o invasor, mas os seus generaes eram-lhe desleaes e deliberadamente arrastavam a guerra. Notava-se que o csar tinha perdido a antiga energia, apenas podia andar, e tinha a apparencia de um homem perdido. Mandou secretamente uma grande parte dos seus thesouros para Astrakhan como preparativos de fuga para a Persia.

Como ultimo esforço contra o pretendente, procurou influir no animo da viuva csarina Maria, no convento onde ella ficára sempre desde os mysteriosos acontecimentos de Uglitch, e teve com ella uma longa conferencia na presença do patriarcha de Moscow. O que se passou n'essa conferencia nunca foi revelado; porém, depois d'ella, a mãe de Demetrius foi mais estrictamente vigiada do que era d'antes. Deduz-se sem duvida pelo que se seguiu que Boris tentára arrancar-lhe a declaração da morte do filho, e não conseguira.

Comquanto os grandes boiardos se mostrassem indifferentes em resistir ao pretendente, e o povo estivesse disposto a acreditar n'elle, havia na Russia um poder que se apresentava firmemente hostil. Esse poder era a igreja. Apezar do profundo segredo em que jaziam os compromissos de Demetrius com referencia á igreja romana, o clero orthodoxo farejava perigo n'um principe vindo da Polonia e sustentado pelas armas polacas. Sabia-se que era acompanhado de dois padres jesuitas, que diziam missa para as tropas; e que havia permittido que se dessem tiros em honra d'estes ritos scismaticos. Despertada uma vez esta desconfiança, estava destinada a ter fataes consequencias no decorrer do tempo.

Emquanto a causa do pretendente continuava duvidosa, deu-se um d'estes acontecimentos em que os espiritos supersticiosos viram immediatamente o castigo de Deus. Levantando-se o csar Boris, um dia, da meza no palacio do Kremlin, começou a deitar sangue pelo nariz e pela bocca e expirou instantaneamente. Este fim dramatico, que apresenta mais outra vez extraordinario confronto com o conde Godwin, foi aceite como aviso de Deus pronunciando-se a favor de Demetrius. O patriarcha de Moscow e alguns boiardos conseguiram coroar o joven filho de Boris: mas o seu reinado foi muito curto. Basmanoff, o mais bravo e o mais leal dos generaes de Boris, induziu o exercito a declarar-se pelo filho de Ivan. Seguiu-se um tumulto, o Kremlim foi invadido pelo povo, e a familia de Boris internada na prisão, em que, pouco tempo depois, o novo coroado csar e sua mãe foram estrangulados.

Durante este tumulto, deu-se um notavel incidente. O presidente da commissão que fora encarregada de investigar dos casos de Uglitch era um grande boiardo, chamado Shinski, figura sinistra na historia do tempo.

...as mãos cruzedas sobre o peito em attitude supplicante...

Este homem foi tambem chamado pelos moscovitas, no meio da excitação, para declarar se o pequeno Demetrius tinha sido realmente morto. Shinski, sem a menor hesitação, affir-

mou que o cadaver que lhe fôra mostrado não era o do csarevitch, mas sim o d'um filho de um padre. E' inutil acrescentar que este depoimento provou a falsidade da narrativa que o proprio Shinski em tempo apresentára sob as ordens de Boris.

Faltava só agora a Demetrius tomar posse do throno. Porém antes de entrar em Moscow tinha de cumprir um acto de justiça ou de vingança. O patriarcha que o excommungara e o denunciara como o apostata monge Gregorio, e fizera coroar o filho de Boris, retratou-se e fez juramento de fidelidade, desde que viu victoriosa a causa de Demetrius. Mas o novo csar, generoso em perdoar a todos os outros inimigos, não mostrou compaixão para com o padre orthodoxo. Ordenou que fosse preso no altar-mór, despojado das vestes patriarchaes e rebaixado á posição de monge. A destituição foi logo seguida de nomeaçãode um novo patriarcha na pessoa de Ignacio, bispo de Riazan.

Ignacio não era moscovita; era grego cypriota por nascimento. Expulso da ilha de Chypre no tempo da conquista pelos turcos, refugiou-se em Roma, onde passou alguns annos em termos apparentemente amigaveis com a santa Sé. Vindo para a Russia no reinado de Feodoro, e ganhando a sympathia do csar pela narrativa dos seus soffrimentos, obtivera o bispado de Riazan.

Póde bem imaginar-se com que disposição o clero russo, já desconfiado do novo csar, se achou collocado debaixo das ordens de um estrangeiro que era suspeito de ter entrado na communhão catholica durante a sua residencia em Roma. Esta medida de mau presagio foi attribuida ás insinuações dos dois padres jesuitas que acompanharam Demetrius da Polonia, e que se dizia lhe davam conselhos secretos.

No mez de junho, de 1605, Demetrius entrou na capital á frente das suas tropas. O seu primeiro acto foi dirigir-se á cathedral, onde houve officio solemne. O segundo foi de visitar o tumulo de Ivan o Terrivel, na igreja de Michael Archanjel. Cahiu de joelhos, beijou o tumulo chorando e exclamou:—Oh! meu pae, o teu filho orphão reina, e deve-o á tua celestial intervenção! Os espectadores commoveram-se em movimento de sympathia e murmuraram uns para os outros,—Realmente este é o filho do terrivel csar!

Uma cousa só faltava para confirmar o titulo de Demetrius. Reparava-se que elle tão prompto em testemunhar o seu respeito á memoria do pae deixasse passar um mez inteiro sem procurar a presença da mãe. E' verdade que os Nagoys consideraram-o como sobrinho, e tinham tomado posição na côrte correspondente ao seu parentesco. Mas o povo murmurava sobre o abandono da csarina viuva cujos soffrimentos e caracter religioso se impunham ao seu respeito.

O csar então arranjou satisfazer o desejo do povo. Convidou a csarina a deixar o convento e a ir para Moscow, e o proprio Demetrius foi ao encontro d'ella, seguido de numeroso sequito avido de vêr com os proprios olhos o encontro entre os dois e de se convencer da realidade da união entre elles.

A certa distancia no caminho foi levantada uma magnifica tenda. O csar entrou n'ella sósinho e a csarina á sua chegada foi conduzida até o interior onde os deixaram juntos. Houve suspensão d'alguns momentos, e depois no meio do mais frenetico enthusiasmo correram-se as cortinas da tenda e viram-se a mãe e o filho unidos em terno abraço. A multidão dava expansão ao seu jubilo com gritos de alegria e desde essa occasião cessaram todas as duvidas. A csarina tornou a entrar na carruagem e seu filho, novamente reconhecido continuou a andar respeitosamente ao lado d'ella até que chegaram ao Kremlin, onde ella foi alojar-se no convento indicado para sua residencia, emquanto se não construia um novo que a piedade do csar ordenára se levantasse em sua honra.

Desde esse momento todos os privilegios e todas as rendas da czarina lhe foram restituidas. O seu nome, segundo a antiga regra na Russia, apparecia em qualquer decreto, e o seu filho visitava-a diariamente e consultava-a nos negocios do estado.

Poucos dias depois d'este acontecimento, Demetrius foi coroado com toda à solemnidade conforme o antigo cerimonial dos czars da Moscovia. Tanto quanto a vista humana podia abranger, via-se o csar firmemente sentado no throno, o seu nascimento fóra de toda a duvida, e os seus direitos reconhecidos pela nação inteira. Comtudo havia ainda um partido forte que secretamemte não acreditava ser elle o filho do seu antigo csar e de olhar invejoso vigiava o mais insignificante signal para se confirmar na suspeita.

Encontravam-se os inimigos do novo csar, principalmente entre os grandes da nobreza moscovita. Aceitaram-o como chefe, em parte, porque estimavam uma mudança no novo governo de Boris Godunov, e em parte porque temiam o povo. Mas bem depressa se arrependeram da condescendencia, e logo principiaram de procurar a opportunidade de se libertar d'este desconhecido que se assenhoreara do poder. A' frente da facção descontente estava Shinski, aquelle mesmo que alternadamente testemunhára que Demetrius estava morto, e que ainda vivia.

O novo csar breve lhes deu motivo para conspirarem. Observara-se que elle mostrava extranha indifferença pelos antigos costumes moscovitas, e preferencia pelos da Polonia. Modelou a sua côrte pela do rei Segismundo. Empregou como secretario de confiança um polaco. Fallava constantemente a lingua polaca e dizia-se que a fallava melhor do que a russa. Quebrou quasi completamente a etiqueta chineza dos antigos csars, andando livremente entre os seus subditos. Depois, como Pedro o Grande dispoz-se a introduzir na Russia a civilisação do occidente, e francamente censurava os seus nobres boiardos do seu barbarismo e ignorancia.

Isto tudo não lhe teria sido fatal, se não ultrajasse ao mesmo tempo os preconceitos religiosos d'elles. Guardára-se profundo segredo da sua união com Roma, mas por numerosas indicações fez levantar involuntaria suspeita de que não era adepto verdadeiro da igreja orthodoxa. Serviam-se á sua meza comidas que a igreja grega prohibia; fallando com os bispos, empregava algumas vezes as phrases de *vossa* religião ou de *vossa* igreja. Escandalisára toda a cidade de Moscow, concedendo licença aos jesuitas de construir uma igreja dentro do sagrado precinto do Kremlin. Lançou impostos sobre o clero. Que pensariam ainda os seus subditos, se tivessem conhecimento da sua activa correspondencia com o Papa e de que o nuncio papal, da Polonia, lhe recordava a promessa de trazer a Russia á communhão latina?

Todavia, para reparar até certo ponto, as suas inclinações pela Polonia, levantou uma questão com o rei Segismundo, sobre o seu direito ao titulo de imperador, que Segismundo lhe recusára dar. No decorrer da discussão o rei polacó fez uso de uma ameaça bem notavel. Mandou dizer a Demetrius que Boris Godunov ainda estava vivo, tendo-se refugiado em Inglaterra, e que elle, Segismundo, podia irritado restituil-o ao throno. Não é difficil vêr n'esta missiva o mais provocante dos sarcasmos. Queria isto dizer ao supposto imperador que a sua resurreição fôra uma astucia de que se sahira bem uma vez, mas que podia ser ainda desfeita.

Idéa similhante occorreu pelo mesmo tempo a um impostor do sul da Russia, que levantou reclamação, dizendo-se filho do csar Feodoro, irmão mais velho de Demetrius. Demetrius tratou o pretendente com muita mais intelligencia de que mostrara Boris para com elle. Escreveu-lhe convidando-o a vir a Moscow:—«se a sua historia é falsa, será executado; se é verdadeira, tratal-o-hei como o filho de meu irmão». Esta carta destruiu a pretensão.

Durante todo este tempo, o csar não se havia esquecido da donzella a quem tinha jurado fidelidade quando era ainda simples aventureiro na Polonia — a formosa Marina. Tinha posto de parte o Papa, com desculpas plausiveis, quasi tinha quebrado com o rei Segismundo, mas o seu coração conservara-se fiel á filha do palatino. Um dos seus primeiros actos, depois de se ter estabelecido em Moscow, foi mandar um embaixador á Polonia para a pedir em casamento e para lhe levar as mais escolhidas joias do thesouro dos csars. De tempos a tempos, como os preparativos do enlace se tornassem morosos, o apaixonado e impaciente csar mandava novos mensageiros a solicitar que viesse.

...*foi visitar o tumulo*...

Ha n'este doloroso e accidentado drama uma scena que prende a attenção e emociona: — a d'este homem tão novo — apenas vinte e trez annos — sentado n'um throno pouco firme, rodeado de espiões e de traidores, que o consideravam hereje e intruso prompto a affrontar a colera da nação inteira e o perigo de perder corôa e vida, por causa da mulher que amava. Finalmente o seu ardente desejo foi satisfeito. Em 12 de maio de

1606, Marina entrou em Moscow, e com ella infelizmente a ruina e a desgraça.

Já tinha corrido o boato insidioso de que a escolha do csar, de uma noiva polaca, era o primeiro passo para effectuar a traição para com o paiz em favor dos polacos e de que os conspiradores lhe faziam cargo. Com effeito o casamento d'um csar orthodoxo com uma polaca hereje, feria os preconceitos dos populares, assim como os puritanos inglezes se sentiram do casamento de Carlos I com Henriqueta Maria. A populaça accumulava-se nas ruas e conservava-se silenciosa, d'aspecto ameaçador, emquanto passava a csarina, escoltada por um corpo de quinhentos polacos armados.

Por desastrosa coincidencia, dois embaixadores de Segismundo chegaram ao mesmo tempo, acompanhados de uma egual e numerosa comitiva. Pareceu á imaginação do povo sempre odiento e desconfiado que o exercito polaco estava levantando arraiaes em sua propria casa. Os polacos déram tambem motivo a despertar-se este sentimento popular pelo modo insolente de se apresentar e de proceder. Houve desordens nas ruas, á noite, provocadas pelo seu comportamento reprehensivel com as mulheres moscovitas. Na coroação de Marina, ostentaram o seu desacato pelo cerimonial grego, e encontrando a cathedral, como todas as igrejas gregas, sem assentos, imprudentemente se empoleiraram sobre os tumulos.

O estouvado noivo ainda accrescentou combustivel para o fogo, satisfazendo caprichos femininos. A czarina oppoz-se á cosinha russa e insistiu em ser servida por cosinheiros da Polonia, o que fez accordar a idéa de que ella queria, sem respeito, violar as regras da igreja orthodoxa, no capitulo da comida. O czar viu-se obrigado a annunciar que sua mulher havia de seguir a fé grega, mas o seu proceder era formal negativa a similhante affirmação. Ella desejou levar para a cerimonia da coroação uma *toilette* importada de Paris, em vez de vestir as sagradas vestes, immemorialmente usadas pelas czarinas de Moscow. Fôra apenas collocada a corôa na sua cabeça, e já avisos de proximo perigo principiavam de chegar a Demetrius, de todos os lados; e demagogos ousados abertamente apregoavam nas ruas que elle era um simples impostor.

Signaes e avisos foram egualmente desprezados pelo mancebo, deslumbrado pelo brilhantismo do seu proprio exito. Em 26 de maio, justamente quatorze dias depois da chegada de Marina, observou-se que numerosos soldados de um acampamento perto da cidade entravam em Moscow e se misturavam com os habitantes da cidade. O expressivo symptoma passou desapercebido a Demetrius. A' noite, assistiu a um banquete onde se demorou até o alvorecer do dia.

Na volta para o palacio, quando atravessava uma varanda, encontrou alli escondido um conspirador. Nada suspeitando, o czar perguntou-lhe se tinha alguma missiva para elle. O homem deu umas desculpas quaesquer, incoherentes, e foi-se embora, sem ser detido. Dirigiu-se immediatamente á casa de Shinski, onde estavam reunidos os chefes da conspiração para lhes dizer que Demetrius regressára ao palacio. Decidiu-se o ataque immediato.

Shinski e os outros sahiram para a rua perfeitamente armados. Reunindo gente em redor, approximaram-se do Kremlin. Os guardas que tinham sido peitados de antemão, abriram as portas de par em par. Shinski conduziu os seus companheiros até a igreja da Assumpção, onde parou um momento para os exhortar á revolta: «Christãos orthodoxos! gritava, morte aos herejes!» O grito era repetido ferozmente por todos. No mesmo instante o grande sino do Kremlin tangeu agudamente pela madrugada, dando signal que foi repetido pelos tres mil sinos da Santa Moscow.

Ao primeiro tanger do sino, Demetrius saltou da cama em que se havia deitado apenas, e veiu perguntar a rasão de similhante alarme. Recebeu a resposta de um irmão de Shinski, que aconteceu estar alli esperando, assegurando ao czar que era simplesmente por causa de um incendio. Depois correu a reunir-se aos conspiradores que já se approximavam.

Um minuto depois chegava aos ouvidos assustados de Demetrius o clamor e a grita de todos os sinos de Moscow e da multidão furiosa. Vestindo-se apressadamente mandou o seu fiel secretario Basmanof informar-se do que estava succedendo. A apparição de Basmanof nas escadas do palacio levantou um grito desesperado da populaça armada que estava fóra. «Abaixo o impostor!»

Era o signal de morte. Basmanof refugiou-se, chamando por todos os alabardeiros que formavam a guarda do palacio, mas que eram bem poucos para reagir contra a multidão. Os aggressores enxamearam pelas escadas e invadiram o quarto onde o joven czar os esperava, com Basmanof a seu lado. «Olá, czar de máu presagio, até que afinal estás accordado!» disse em ar de chofa o primeiro que entrou no quarto. Basmanof collocou-se defronte de seu amo, emquanto Demetrius armado com uma espada fugia para o terraço, para onde outros atacantes já tinham seguido caminho, e arrojou-se sobre elles, gritando :

— «Miseraveis, eu não tenho sido um Boris para comvosco, não!»

Muitos dos conspiradores cahiram mortos, mas afinal Basmanof foi morto e o czar teve de recuar. Ao mesmo tempo os alabardeiros que estavam reunidos na entrada do palacio para a guardar foram rechaçados para dentro. Diligenciaram chegar até Demetrius e arrastaram-o para o interior do edificio sempre fogosamente perseguidos. A morte era certa pelas armas de fogo que os aggressores possuiam, emquanto que os soldados do czar não as tinham. Forçavam-se portas sobre portas e os fieis alabardeiros iam sendo impellidos até chegarem a ficar reduzidos á defeza do ultimo quarto. Então descobriu-se que o czar tinha desapparecido.

Ferido e ensanguentado, Demetrius correra por toda a serie de quartos até chegar a uma janella que deitava para uns terrenos incultos nas trazeiras do palacio, no logar onde antigamente se levantava o palacio de Boris. A janella tinha a altura de trinta pés do chão, mas o homem perseguido deu um salto d'ahi para baixo. Com o salto quebrou uma perna e desmaiou pela dôr que soffrera. Antes que tivesse podido vir a si ou que podésse ter fugido, um formigueiro de inimigos saltaram sobre elle, tomaram-o e trouxeram-o para fóra. Quando passou pelos seus fieis guardas, então já prisioneiros, acenou-lhes com a mão para lhes dizer um ultimo adeus.

Não foi morto immediatamente. Os que o capturaram brincaram com elle como um gato com o rato. Arrancaram-lhe as vestes imperiaes e envolveram-o na tunica d'um cosinheiro. «Vejam o czar de todas as Russias!» e escarneciam. «Está outra vez vestido com a roupa que lhe pertencia».

Um dos nobres boiardos, disse-lhe:

— Cão, dize-nos quem és e d'onde vens?

— Todos vós, respondeu a victima com voz firme, sabeis que eu sou o vosso czar, o filho legitimo de Ivan Vassilievitch. Perguntae-o a minha mãe; mas, se quereis a minha morte, dae-me ao menos tempo para fazer a minha confissão.

— E' assim que eu confesso este polaco de máu agouro, retorquiu brutalmente um dos da canalha; e descarregou-lhe em pleno peito um arcabuz. No meio de gritos:

— O que diz o polaco, o hystrião?

— Elle confessa ou não a sua impostura?

— Cortem-o em pedaços!

Os enfurecidos sanguinarios cahiram sobre a preza, e não largaram o cadaver emquanto o não estropiaram a ponto de ficar completamente desfigurado.

Depois de ter sido arrastado pelas ruas da cidade, o corpo de Demetrius foi exposto durante tres dias á vista da populaça. Mas a ferocidade dos executores annullou os seus proprios fins, pois muitos d'aquelles que viram assim os restos mutilados e despedaçados, perguntavam se era realmente o corpo do csar. Correu o boato de que Demetrius tinha illudido os guardas do palacio, que tinha fugido para os cossacos e havia de voltar a tomar posse do throno.

O joven csar esperava-os com Basmanof a seu lado

Na terceira noite, os guardas que vigiavam o cadaver, descobriram sobre elle um tenue raio de luz azul pallido em que, na sua ignorancia sobre as leis da putrefacção, julgaram vêr obra de bruxaria. O corpo foi enterrado apressadamente n'um cemiterio fóra de portas. N'essa noite houve uma violenta tempestade e no seguinte dia estava aberta a sepultura e o corpo achava-se deitado sobre a superficie da terra.

Um terror supersticioso apoderou-se do povo inteiro. Segredava-se que este ente extraordinario, que se tinha feito passar como filho de Ivan, era realmente uma creatura de natureza diabolica, um magico ou feiticeiro que apprendera a arte magica entre os finlandezes, e possuia o poder de morrer e de voltar outra vez á vida. Para se libertarem d'aquelle monstro, queimaram o corpo n'uma fornalha, collocaram as cinzas n'uma peça e descarregaram para fóra das portas de Moscow. Tal foi o fim d'esta vida extraordinaria

que difficilmente encontra similar na historia ou no romance.

Não parece que fosse em verdade o pequeno que se dizia morto em Uglitch no anno de 1591. Apesar das narrativas d'este mysterioso acontecimento differirem muito, todas são concordes no ponto da morte do csarevitch. Não ha realmente duvida de que elle fora assassinado por instigação de Boris Godunov; illumina-se a treva que peza sobre este caso, pelos esforços de Boris para occultar sempre o facto do seu crime. Verdade é que o pretendente foi depois reconhecido pela csarina como seu filho, mas tambem Arthur Orton foi reconhecido pela mãe de Roger Tichbourne. A csarina e sua familia tinham sido fundamente insultados por Boris, e tinham toda a razão de acolher o triumpho do que estava obrigado, por seu proprio interesse, a tratal-os com as mais elevadas honras e deferencias.

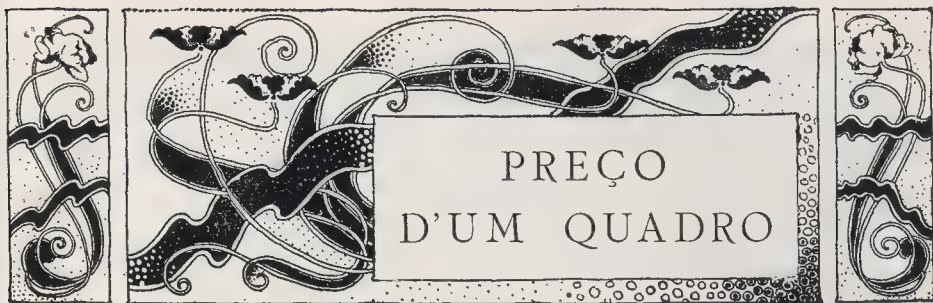
Nem tão pouco foi este brilhante aventureiro o monge Otrepiev. O absurdo d'essa explicação já foi demonstrado. Póde chegar-se á solução do enigma, reunindo cuidadosamente certos pontos por onde se tocou na descripção d'esta extranha carreira.

O primeiro facto que surprehende extraordinariamente é a promptidão com que foi recebida a pretenção. O principe Adam está no seu banho; o criado, para se desculpar d'um acto de negligencia, diz-lhe que é o legitimo csar das Russias. E o principe aceita este conto sem um momento de hesitação, e immediatamente começa a tratar o seu criado como csar, e d'ahi por diante o caminho seguido pelo pretendente é suave até ser publicamente reconhecido pelo rei Segismundo. Note-se, que nunca foi explicado, por que fórma entrou este rapaz ao serviço do principe Adam.

Se isto assim foi, resta uma pergunta a fazer. Quem eram, pois, esses poderosos amigos occultos que, depois de terem primeiramente arrastado este rapaz para representar aquelle papel, e de o terem introduzido em casa do seu alliado, o principe Adam, ajudaram tão firmemente os passos da sua subsequente carreira?

Póde deduzir-se resposta plausivel da propria narrativa feita. Qual é o caminho que assegura a Demetrius o apoio dos polacos? A sua recepção na igreja romana pelos jesuitas — outra comedia; porque, note-se, o pretendente era, por certo, um catholico, se não por nascimento ao menos por educação. Quem é que finalmente induz Segismundo a apoiar as suas pretenções? O nuncio do papa por intervenção dos jesuitas. Quem acompanha Demetrius na sua curta carreira, e quem é mais publicamente estimado por elle, com escandalo de seus subditos? Os padres jesuitas. Quem se encontra partilhando das responsabilidades do poder, dando-lhe conselhos secretos, suggerindo-lhe medidas favoraveis a Roma? A quem foi permittido construir uma igreja catholica na mais sagrada região em toda a Russia? Aos mesmos jesuitas.

Não é necessario accrescentar que, annos antes d'estes acontecimentos, a Companhia de Jesus, toda poderosa na Polonia, fundara collegios perto da fronteira russa, e mandara missionarios áquelle paiz, um dos quaes teria sido talvez Gregorio Otrepiev, e tinham-se gloriado com a esperança de trazer os moscovitas ao gremio romano.

Foi esta maravilhosa sociedade, que em dado momento pareceu destinada a governar o mundo inteiro, que concebeu, e realmente executou, o arriscado projecto de fabricar um csar, e de o collocar no throno de todas as Russias?

O RETRATO DA DUQUEZA DE DEVONSHIRE

POR THOS. GAINSBOROUGH

Ao mesmo tempo que as attenções do publico artista erão solicitadas pela exhibição da pintura readquirida do celebre retratista inglez Gainsborough, a *Duqueza de Devonshire* que reproduzimos na pagina seguinte, um outro retrato do mesmo mestre, d'uma outra *Duqueza de Devonshire* era exposto tambem na galleria dos Srs. Henry Graves e C.ª em Pall Mall. Não se chamava Georgiana, como a primeira, mas dizia-se Isabel, esta duqueza de Devonshire, mais conhecida por lady Betty Foster. A historia d'esta duplicação de obras muito similares está descripta em documento authentico.

Lady Betty poisou para o retrato de Gainsborough pelo anno de 1778, tendo ella propria feito a encomenda do retrato. O artista fez primeiramente o esboço para retrato de todo o corpo, mas quando foi mostrado a lady Betty esta disse preferir uma pintura mais pequena. A figura já estava delineada na tela, mas o pintor prometteu que havia de cortal-a no tamanho desejado.

Lady Betty gracejou n'essa occasião com Gainsborough, recordando-lhe a opinião então corrente de que as suas pinturas eram geralmente muito amaneiradas e não possuiam os mais solidos meritos de Reynolds; ao qual elle respondeu, que podia pintar em qualquer estylo, mesmo no de Reynolds, e que, para lhe ser agradavel, n'esta pintura havia de misturar a sua propria maneira de pintar com as qualidades que ella parecia tanto admirar no seu grande rival. Quando acabou o quadro, não podendo lady Betty concedel-o para expôr, permittiu que Gainsborough fizesse a copia que todavia elle nunca acabou.

Tendo casado com o duque de Devonshire, lady Betty deu a pintura como lembrança ao pae do sr. Foster, o qual agora conta esta historia e a authentifica, pedindo-lhe que não se desfizesse d'ella emquanto vivesse. Mais tarde o pintor Thomas Laurence dirigiu-lhe o pedido de permittir que deixasse completar a copia que estava por acabar pelo original que elle possuia e foi-lhe concedida a licença. Todavia Laurence, introduziu-lhe modificações, carregando consideravelmente a côr das faces e dos labios. O sr. Foster pae, tendo-se mudado para Wolverhampton, fez enrolar a pintura para a viagem e levou-a comsigo para a Australia. Estava guardada, enrolada n'uma caixa comprida, rotulada «canna de pescar». Apezar d'este disfarce, a pintura foi roubada emquanto estava em Sydney. Foi, comtudo, recuperada pelo *Shipping Office*, onde o ladrão a depositára com o fim de a transportar para Inglaterra. Depois da commoção causada pelo roubo da pintura dos srs. Agnew, o sr. Foster levou o retrato para Londres e tem desde então estado em Inglaterra. O quadro foi adquirido recentemente por 30.000 lbs. ou seja cerca de 180 contos por Mr. Pierpont Morgan, o celebre millionario americano, conhecido pelo titulo de imperador dos *trusts*, os grandes syndicatos de producção.

Gainsborough é, como Reynolds, considerado um dos primeiros retratistas-pintores inglezes e os seus quadros são como os do seu rival disputados a peso d'ouro. Ambos se dedicaram com carinhosa e bem suggestiva arte á reproducção da imagem de mulheres, e d estas as mais bellas quizeram ter a gloria de perpetuar a lembrança da sua formosura nas telas dos admiraveis pintores.

A duqueza de Devonshire — Quadro de Thos. Gainsborough

MODAS

COSTUMES DE CARNAVAL

Approxima-se a epoca festiva do carnaval e amiudam-se as reuniões, os bailes e as *soirées* onde a mocidade, em contraste frisante e curioso, se encarrega de prolongar e de manter as tradições do passado, como para demonstrar o elo symbolico da continuidade da vida. São sempre os novos que fazem resurgir as velhas usanças: por isso o velho carnaval resurge todos os annos, sempre loução e esturdio, despreoccupado e alegre. E' uma época aproveitada para festas familiares e intimas, onde a mascara do disfarce gentil ou extravagante substitue a mascara do convencionalismo habitual. A comedia humana é espectaculo que não finda; é representação onde não desce o panno; apenas se renovam os actores ou se transformam os *travestis*. N'este mez, mercê do calendario, o disfarce é permittido em plena liberdade. Cada um escolhe o seu, independentemente das convenções ou dos preconceitos que obrigam as attitudes determinadas e reflectidas. Ha mais verdade nos refolhos do dominó ou no costume scintillante e pittoresco do que na casaca grave e insipida ou na *toilette* roçagante e seria das grandes ceremonias mundanas.

Japoneza

Damos em seguida uma descripção suc-

cinta dos diversos costumes de Carnaval, apontando de uma fórma geral a *toilette* que pelas illustrações a leitora modificará segundo a conveniencia de momento.

Costume de Carnaval

Japoneza — Vestido em crepe da China vermelho velho, bordado, aberto e atravessado sobre uma saia de setim amarello, tambem cruzado e guarnecido de galão de setim azul escuro, com bordados ou applicações em diversos tons de azul claro. O corpo do vestido tem as costas lizas, e é ajustado á cintura por uma larga faixa de setim azul escuro, bordada como o galão. Nas costas, grande nó sem pontas. A frente do corpo aberto em V. pequeno. Galão azul bordado, guarnecendo igualmente a frente e o decote. Mangas largas, abertas e cahidas. Meias de seda, sapatos de setim. Nos cabellos, pentes e pregos de oiro. Leque japonez.

Costume de carnaval — Saia curta em *faille* coberta de renda preta bordada a oiro. Corpo liso, em setim amarello, de forma *princeza*, recortado em grandes dentes ou tiras ponteagudas, com guizos doirados nas extremidades. Tira de velludo na frente, fechando em pregas. Mangas largas, em preguinhas de gaze recortada. Decote nas costas arredondado, e adiante em forma de V. Sobre o corpo bandas de velludo preto recortadas em grandes dentes ponteagudos. Gola de velludo preto com guizos. Renda de oiro guarnecendo o decote. Sobre a cabeça, capacete ponteagudo, com uma aureola formada de pontas de velludo preto enfeitado com guizos. Cabellos cahindo sobre os hombros. Meias de seda, sapatos de setim.

Hespanhola — Saia curta em *faille* com avental em grossa rede de froco. A parte superior do avental feita em rede de froco mais fina e uma grande faixa de *faille* cortando o avental a meio e reunindo as duas redes. A parte de traz da saia em largas pregas lisas, cujos lados exteriores são forrados de bandas de velludo. Uma grande grinalda de folhagem guarnece a saia em baixo, toda em volta, e segura atraz as pregas de *faille*. O corpo do

mesmo *faille* decotado, aberto em V, com collete em bico de velludo. A parte de cima é coberta con rede de froco. Collete atacado a meio das costas. Ao peito uma grande rosa pallida. Luvas compridas em pelle de *Suède*. Leque de renda. Coifa de froco prendendo os cabellos, com rosetas collocadas em diadema. Meias de seda, sapatos de setim.

Costume Egypcio—Vestido de seda pekim heliotrope, velludo e *faille*, no mesmo tom e *surah* listrado de azul e branco, perolas e galões de oiro. Saia curta, sobre a qual atraz se forma uma segunda meia saia listrada horizontalmente, principiando dos lados e encurtando para a cintura em fórma de *peplum* e na frente outra segunda meia saia em *faille* liso, disposta em *paniers* ou tufos. Avental em *surah* lisrrado enfeitado, e armando tambem o corpo em decote redondo guarnecido em volta de galão doirado, finalisando de cada lado sobre as bandas do avental a que se prende por fivelas doiradas. Capacete de metal doirado com penacho de plumas. Ventarola de pennas. Botinas de pelle de cabrito e meias de seda héliotrope.

Zanette—Costume em seda e *faille* liso, côr de rosa velho e azul. Lado esquerdo da saia curta, em seda branca, tecida de verde e rosa velho, com o vestido de *faille* côr de coiro, partindo do meio da frente e encurtando sobre o lado. A parte de diante e a parte do lado direito em *faille* rosa velho comenquadrados de velludo cortado. Corpo de seda e em velludo verde com abas lisas, encrusado sobre o peito e decotado em forma de V. Completa e fecha o corpo umas presilhas e em baixo uma fivella ingleza. Mangas tufadas abertas adiante sobre um fundo liso de *faille*; são tufadas até o cotovello, ajustando-se por um pequeno punho na extremidade. Manto de *faille* azul, forrado de *surah* rosa velho com grande cabeção de *faille* côr de rosa e pregado nos hombros com laços de fita côr de rosa desmaiado. No pescoço duas fieiras de perolas, caindo sobre o peito. Luvas de pel-

HESPANHOLA

lica. Chapéo cór de rosa com penacho de plumas verdes. Meias e sapatos de setim verde.

Imperia — Costume em seda tecido em da a oiro sobre o lado direito do corpo e uma banda de *surah* botão d'oiro sahindo do mesmo lado direito, passando sobre o hombro esquerdo, descendo sobre o peito e cahindo atraz sobre o braço esquerdo. Um sacco de

EGYPCIA ZANETTE IMPERIA

vermelho velho, *surah* apropriado, *surah* amarello, botão d'oiro e enfeites de flores. Saia em seda, com avental de *surah* vermelho. Grinalda de espigas e flores campestres no lado esquerdo. Corpo em seda, redondo, decotado em forma de V. Largas pregas de seda, tecifantasia em setim vermelho, com um leque forrado de *surah* côr de oiro velho. Umbrella de setim do mesmo tom com laço apropriado. Chapéo de palha com largas abas voltadas e laços de fita vermelha. Meias e sapatos de setim vermelho. Luvas de pellica branca.

MAL DE HERANÇA

O auctor, notavel e popular romancista inglez, aproveita esta dramatica novella para tratar, sob um aspecto commovedor, a terrivel hereditariedade alcoolica; soccorre-se, para o effeito da narrativa, das modernas doutrinas e praticas do hypnotismo e da suggestão, e descreve com agudo interesse na simplicidade descriptiva a poderosa influencia da esperança e da imaginação sobre um espirito doente, na forma de degenerado.

CAPITULO PRIMEIRO

N'UM domingo, pelas nove da noite, em vinte e trez de dezembro de 18.., na estação de Euston, enclinava-me para fóra da portinhola da carruagem do expresso da Escossia e Jorge Chute dava-me do caes da *gare* o aperto de mão de despedida.

— Adeus Roberto, disse-me elle. Lembra-te de me procurares á tua volta, logo que chegues. Fico ancioso de saber noticias. As nossas boas amigas de Cleator são ainda um pouco extranhas para ambos nós, tu bem o sabes, sobretudo para mim. Meus cumprimentos para myss Clousedale — tambem para mistress Hill. Adeus!

Acenei-lhe com a mão em quanto o comboio se afastava rapido da *gare*. Elle tinha jantado comigo n'aquella noite, em minha casa, no Temple, e acompanhara-me até Euston para assistir á minha partida. Jorge Chute, tinha mais vinte e cinco annos do que eu, todavia era o meu amigo mais intimo. Fôra desde novo muito amigo de meu pae. Quarenta annos antes tinham sido companheiros e empregados no escriptorio de um procurador na provincia. Depois separaram-se pelas suas carreiras. Jorge Chute veio a ser o mais considerado sollicitador de Londres, onde prosperava, e meu pae, Roberto Harcourt, juiz na India. Comquanto separados pela distancia de meio mundo, mantiveram sempre a mesma amisade. Eu nasci na India, e qnando aos quatorze annos fui mandado para Inglaterra para principiar a minha educação n'um collegio publico, foi Jorge Chute que me installou um Harrow. Em tempo proprio mandou-me para Oxford, e depois abriu-me carreira no tribunal. Estive cinco annos como *junior*, e devi-lhe em grande parte o meu exito. Elle era mais de que um amigo — era para mim um pae adoptivo. Mas de todas as benevolencias de que lhe era devedor e pelas quaes lhe era em extremo grato, havia uma que mais do que qualquer outra me ligava a elle muito affectuosamente. Fôra por sua intervenção que eu conhecera Lucy Clousedale. Lucy tinha vindo da sua casa em Cumberland a Londres para o consultar sobre a situação em que estava a sua herança. Ella tinha vinte e dois annos e seus paes tinham morrido ha muito. A sua unica companheira na vida fôra uma velha criada que ficára solteira, mas a quem apesar d'isto chamavam mistress Hill. Jorge Chute, impressionado por vêr a pobre orfã sem relações d'amisade, convidou-a para a sua propria casa em Cheyne Walk. Foi alli que a encontrei, e logo me prendi na admiração da sua pessoa, porque realmente nunca vira mulher mais encantadora. A saudavel frescura da sua explendida mocidade, a doce simplicidade do seu convivío e a naturalidade desaffectada das maneiras fizeram-me profunda impressão. Isto deu-se pelos principios de maio, e nos dois mezes seguintes ella era considerada pelas nossas relações como intima e convidada para toda a parte. Lucy conversava com uma leve e graciosa acentuação do norte e cantava deliciosamente antigas canções inglezas. Tudo era novo para ella e tudo achava maravilhoso.

Sentia-me feliz porque a nossa convivencia progredia em amizade e da amizade passara a amor. Antes de deixar Londres, em fins de junho, Lucy prometteu ser minha mulher. Ajustámos casar somente na proxima primavera, mas visital-a-hia em sua casa pelo Natal. Passámos juntos em casa de Jorge Chute a sua ultima noite em Londres. O tempo corria doce

e para nós feliz. A suavissima claridade d'um pôr de sol de Londres estendia-se pelo estreito e sereno Tamisa em quanto, sentados no terraço, olhavamos para a velha ponte de Battersea. Antes de se acenderem os candieiros, ella cantou «Um passeio no bosque». Eu tinha comtudo n'alma um grande tormento: a idéa dos seis mezes de separação.

Mas afinal tudo isso acabára. A longa serie das minhas obrigações nos tribunaes estava presentemente finalisada. O Natal estava proximo e eu partia no expresso para Cumberland. Recostei-me para traz, aconcheguei-me no meu logar e entretive a primeira hora de jornada em reler um masso de cartas antigas que trazia na carteira. Na sua maioria eram de Lucy —delicadamente escriptas na mais nitida calligraphia. Notei pela segunda vez que, sob este aspecto especial, duas d'ellas eram differentes.

O tempo corria doce e para nós feliz.

A lettra era irregular, e as phrases sacudidas, inconsequentes. Por acaso, Jorge achava-se no meu quarto quando recebi uma das duas cartas e n'essa occasião mostrei-lh'a:

—Não, esta não é bôa... Hein? disse elle com expressiva entoação.

Julgava-se perito em assumptos de graphologia. E tinha rasão. Por temporaria indisposição foi explicado o caso. A propria Lucy o confirmou mais tarde.

As unicas cartas da minha velha carteira que não eram de Lucy, eram de meu pae. Tinha-lhe escripto a participar-lhe o meu futuro casamento, e respondera-me com tanta cordealidade quanta na verdade eu tinha direito de esperar. Elle confiava em que a minha resolução fosse acertada, que o meu proceder não fosse nem prematuro nem precipitado, e que visse claro ante mim o meu futuro. O unico e bem significativo periodo da sua carta era uma especie de aviso:

«Sobretudo, meu querido filho, deixa-me esperar e confiar que a mulher que ha de ser tua, e minha filha, provenha de uma boa e saudavel geração. Vivendo n'este paiz onde a natural selecção no casamento é estorvada pelos preconceitos de casta, agora mais claramente

do que nunca, vejo quão terriveis são as consequencias da hereditariedade, não sómente nos vicios physicos, mas tambem nas innumeras fórmas de máus costumes que correspondem a uma determinada doença.»

Deixei o expresso correio da Escocia em Penrith ás tres da madrugada, mas a casa de Lucy era no districto das minas de ferro de Cleator Moor, e ainda tinha de passar segundo entroncamento antes de chegar ao limite da minha jornada. Este entroncamento era já no centro das montanhas de Cumberland. Ainda não tinha alvorecido quando alli cheguei. O chão estava coberto de espesso gêlo, a noite fria, e eu tinha de esperar meia hora pelo comboio local. Por indicação do factor, entrei na sala de espera da pequena casa de madeira da estação. Ardia alli um bello fogo sobre ladrilhos, e alguns mineiros estavam sentados em redor, fumando nos cachimbos de argilla, com os cotovellos sobre os joelhos, e as candeias de mina penduradas dos pulsos. Déram-me logar ao pé do fogo, mas continuaram na sua conversa sem attenderem á minha presença. Perguntei-lhes se seguiam no comboio para Cleator. Responderam: «Sim, e que trabalhavam nas minas de Clousedale, no poço conhecido por *Owd Boney*.» Sube que *Owd Boney* queria significar osso velho, e aquella denominação tinha directa referencia á historia da mina. Colhi tambem que aquelles homens viviam na proxima cidade de Cockermouth e voltavam n'aquella manhã novamente para a sua mudança quinzenal de residencia, em turno de trabalho.

— Mas na vespera de Natal! disse eu admirado — certamente teem folga no dia de Natal?

Riram-se e responderam-me que para os mineiros todos os dias eram eguaes.

— Domingo ou segunda é tudo o mesmo — disse um. A machina do topo da mina não pára para os officios da igreja.

— E as caldeiras estão sempre tão sequiosas como o velho Geordie Clous'al, o enguiçado — disse um outro; e riam-se em francas e basculejadas gargalhadas, deitando baforadas de espesso fumo sorvido nos cachimbos e cuspindo sobre o fogo.

O comboio parou na *gare* e apitou. Entrei com os mineiros para a mesma carruagem, e seguimos para o paiz das minas. O dia começava de apparecer agora sobre as rochas cobertas de neve. As montanhas ficavam para traz de nós, e entravamos n'uma larga extensão de brejos. Mais adiante com o augmento da luz acinzentada pude vêr as edificações de madeira de muitas minas, e o fumo e chammas das baixas chaminés dos fornos de fundição. A neve cahia mais fina e rara a cada milha que se adiantava, e o chão descoberto coloria-se de vermelho e preto como se estivesse cheio de cinzas e de escorias de ferro.

— Fallaram do velho Jorge Clousedale, disse: Quem é?

— Um homem já morto, informou um dos mineiros.

— O que era elle?

— O dono de *Owd Boney* e da metade das minas de Cleator.

— Algum parente de miss Clousedale, de Clousedale Hall? — perguntei.

— Lucy? disseram ao mesmo tempo muitas vozes.

— Sim, Lucy, se lhes apraz.

— O sequioso velho Jorge Clous'al era avô de Lucy.

Estava com intensa curiosidade, mas este tratamento familiar irritara-me ao mesmo tempo:

— Devo informal-os por uma vez que miss Clousedale é pessoa de minha amisade e que estou em viagem para a visitar.

Comprehenderam-me immediatamente e desculparam-se com a mais humana simplicidade.

— Não é falta de respeito por miss Lucy. Não lhe desejamos senão mil bens. Paga-nos o pão que comemos e nada temos contra ella.

Nada mais se disse até chegarmos á distancia de uma milha da aldêa, que tinha entrevisto de longe, estendida sobre a superficie negra atravez de uma columna de fumo. Então um dos mineiros, inclinando-se para a janella da carruagem e apontando para a casa que estavamos rapidamente passando, disse:

— Ahi está Clousedale Hall, senhor.

Levantei-me de subito e olhei. A casa era uma grande moradia quadrada, de construcção moderna, sem caracter particular, erguida silenciosa do terreno por de traz de espessos grupos de arvores, agora todas despidas de folhas. Tinha descoberto o sol, a humidade tornara-se brilhante sobre os tectos de ardosia e rebrilhava espelhenta sobre a herva dos campos. Sahia fumo das chaminés e justamente, n'aquelle momento, alguem levantava e afastava a cortina branca de uma das janellas. Tal era a casa de Lucy. Emquanto o comboio passava, notei que pouco longe do portão de Clousedale Hall havia um pequeno grupo de casas abarracadas e n'um canto, no extremo mas proximo d'ellas, um pequeno botequim. A linha ferrea corria tão perto que lhe pude ler a taboleta. Era o «Clousedale Arms».

Apeei-me na estação e olhei em redor a vêr se teria alguem á minha espera. Ainda era cedo, oito e meia, e a manhã estava fria, mas em todo o caso eu alimentara uma tenue esperança de que Lucy tivesse apparecido na *gare*. Pelo menos julgara que mistress Hill estivesse.

Nem uma, nem outra. Não havia carruagem, nem animal, nem criado de especie alguma. Quando os mineiros se retiraram, a plataforma ficou vasia, só para mim e para os moços do caminho de ferro. Fallei com o factor.

Mettendo a mão na algibeira tirou uma carta...

— Não ha aqui alguem que leve a minha mala para Clousedale Hall? perguntei.

— Então o senhor é o cavalheiro que esperam — disse e, mettendo a mão na algibeira do casaco, tirou uma carta.

Era-me dirigida, porem não era de lettra de Lucy. A carta vinha de mistress Hill, datada de domingo 23 de dezembro, ás 9 da noite.

Meu caro sr. Harcourt.

Com pezar o previno de que Lucy ficou repentinamente doente e que o doutor julga necessario que ella tenha absoluto socego e descanço durante estes dias proximos. Não é caso de perigo e espero que não tenha inquietação e menos ainda receios. Porém n'estas circumstancias, sou involuntariamente obrigada a pedir-lhe que não venha por ora a Clousedale Hall. Tomei a liberdade de lhe alugar quartos no *Wheatsheaf* na villa onde espero que esteja confortavelmente, até o momento em que eu possa convenientemente e sem perigo dar á minha querida menina a felicidade de lhe pedir mudança da sua residencia para esta casa.

Com todas as desculpas, profundo pezar e bem contrariada, sou, meu caro sr. Harcourt,

Sua muito sincera,
Martha Hill.

— Bem. Leve a minha mala para *Weatsheaf*' disse.

Elle levantou-a do chão, pôz-se a caminho e eu segui-o verdadeiramente desgostoso, desanimado, desnorteado.

CAPITULO SEGUNDO

Na hospedaria esperava-me prompto o almoço, mas não pude tocar-lhe sem primeiro ter escripto a Lucy. Relatava-lhe o que soubera com respeito á sua doença, quanto desejava o seu completo restabelecimento, quanto desconsoladora fôra para mim a decepção de não a vêr logo á minha chegada, alem de muitas cousas demasiadamente intimas para as repetir aqui. Depois de ter mandado esta carta por mão propria, sentei-me para almoçar

e a propria hospedeira amavelmente veio servir-me.

Era uma mulher de Cumberland, simples, de meia idade, muito grave e sisuda, mas um tanto mais expansiva do que em geral são as da sua raça. Chamava-se Tyson; o marido tinha o quer que fosse de *sportman;* viviam na propriedade de Clousedale.

A senhora Tyson tinha muito que dizer sobre Lucy, a quem ella conhecia desde a infancia — da sua bondade para os pobres, da sua doçura para com todos, da sua generosidade, repartida por muitos meios, e em geral das qualidades de espirito e de coração que a faziam estimar do povo em decidida preferencia a outra qualquer do districto onde nascêra e se creára. Não me surprehendeu que, aos olhos d'aquelles que a conheciam ha mais tempo e mais intimamente, a minha escolhida fosse considerada tão bôa como formosa. Fui informado que ella concorria para varias instituições locaes de caridade ou de beneficio popular: para a associação dos homens de trabalho, para uma aula nocturna, destinada aos mais necessitados, e para um ramo da ordem *Rechabite* * que ella ajudára a estabelecer. Parece que á sua propria custa — estando situada a igreja parochial a duas milhas de distancia no valle — levara a sua generosidade a ponto de construir e de dotar uma capella para uso da communidade que residia nos altos pedragosos, em volta dos poços das minas nas quaes as familias trabalhavam em successivas gerações. A mulhersinha narrava com enthusiasmo todas estas acções caridosas, e quando lhe perguntei sobre a saude de Lucy, se alguma vez tería inspirado cuidados, respondeu-me:—Não; e que só duas vezes, tanto quanto se podia lembrar, tinha estado muito doente, e que os dois ataques os tivera n'estes seis mezes ultimos.

— Nada grave, certamente? disse.

— Que eu saiba não, respondeu a estalajadeira, mas para a pobre menina parecia que a melhor alegria que conhecia, e nunca achava bastante, era a de fazer bem, chegando-se á beira de qualquer. Era cruel e penoso vel-a ir com a physionomia pallida de casa em casa com o seu cesto e a sua bolsa. Foi n'uma d'essas occasiões que ella obteve do seu novo parocho escocez o estabelecimento dos votos rechabites. A gentil figurinha percorria ella mesma o povoado, persuadindo os mineiros a tomar aquelle compromisso: — «Uma bôa cousa para alguns d'elles, ou antes para todos, é a mulher d'um estalajadeiro que lh'o diz».

A minha longa viagem de noite cançara-me; recolhi-me ao quarto e dormi profundamente. Um pouco pela tarde acordei, e occorreu-me então que talvez podesse, para me tirar do desasocego em que estava e que não podia evitar de sentir, ir procurar o medico de Lucy. N'esta idéa, depois de ter jantado alguma cousa, fui procural-o, tomando previa indicação da estalajadeira.

O doutor não estava em casa. Estava no dispensario publico da aldêa. Sube que este dispensario era uma outra caridade de Lucy. O quarto exterior estava cheio de mulheres e de creanças, esperando a vez de entrar no consultorio. Como ficasse entre ellas, emquanto levavam o meu bilhete ao doutor, ouvi pronunciar o nome da minha adorada, acompanhado de elogios e de bençãos.

— Ha de receber a recompensa no ceo, dizia uma mulher.

— Deus ha de pagar-lhe, dizia outra.

O doutor chamava-se Godwin. Achei um homem de physionomia dura, n'uma cabeça bem modelada e de olhos pardos e firmes, olhar de aço reluzente. Fôra educado na Allemanha, e sube depois que elle se envaidecia em estar a par de todos os progressos modernos da sua sciencia. Isto, e o seu caracter pessoal resoluto, deram-lhe uma certa superioridade sobre o genero antigo dos clinicos da provincia, não obstante saber-se que elle era um atheu e que nunca frequentava a igreja.

Expliquei-lhe que era da amisade de miss Clousedale, e pareceu me que elle estava ao corrente das nossas intenções. Perguntei-lhe se a doença d'ella era grave, e respondeu-me com menos promptidão de que eu esperava.

— Não, não é grave — por agora, disse.

Como não adiantasse mais nas explicações, atrevi-me a perguntar-lhe se os incommodos de Lucy eram indisposições femininas. Respondeu-me depois d'alguns momentos: — Sim; e ficou novamente silencioso.

— Alguma doença de nervos, sem duvida? — disse, ao que elle me respondeu: — Sim; mais uma vez, repetindo as minhas palavras mechanicamente. Depois olhou para mim; e com precipitação perguntou-me se tencionava permanecer no districto. Fiquei irritado com aquella reserva, e disse-lhe que Lucy estava para ser minha mulher, que tinha vindo expressamente, em virtude d'uma combinação anterior ajustada em Londres, para a visitar; que pelo desejo da sua dama de companhia e do seu proprio, conforme tinha comprehendido d'uma carta recebida, fôra ficar na hospedaria da aldêa, mas que tencionava mudar os meus aposentos para Clousedale Hall, tão de-

---

* Associação de temperança cujos membros se obrigam á abstenção de bebidas alcoolicas e cujo nome se deriva do facto contado na biblia de que um dos descendentes de Jonadabe, filho de *Rechab* se abstinha de todas as bebidas alcoolicas, e até mesmo de plantar vinhas.

pressa elle me podesse asseverar que a minha presença alli não prejudicava a doente.

— Ha de esperar ainda alguns dias — disse. Julguei que o tal doutor me estava tratando com pouca cortezia e não disfarcei o meu aborrecimento. Quando o deixei, cheguei ao excesso de lhe dar a entender que talvez pensasse, sendo necessario, telegraphar para um especialista. A minha ameaça não produziu effeito algum. O homem conduziu-me até á porta com a mais fria polidez envolta no silencio d'uma esphinge. Voltando pela rua principal da aldêa, passei ao cahir d'aquella noite de inverno por uma igreja de estylo gothico, em tijolo encarnado, situada no meio d'um povoado de edificações muito pobres. Era a capella mandada construir e dotada por Lucy. Reconheci-a pela pedra de fundação na qual em lettras doiradas havia uma inscripção em honra da minha querida Lucy. Havia luzes lá dentro, a porta estava aberta, e entrei. Algumas mulheres estavam decorando as janellas e o madeiramento visivel do tecto, com o auxilio de escadas de mão, seguras por dois ou trez mineiros.

Quando voltei a *Wheatsheaf*, perguntei se tinha vindo algum recado de Clausedale Hall. Não navia carta, mas esperava-me alguem que tinha vindo visitar-me. Era o sacerdote. Chamava-se elle Mac Pherson, escocez, de meia idade, de aspecto severo. Vinha dizer-me que a minha carta tinha sido recebida, mas que miss Clousedale não estava bem para poder responder. Por isso, pelo seu proprio alvedrio, elle resolvera avisar-me do adiamento forçado da minha combinada visita.

— Está assim tão gravemente doente ? perguntei.

— Receio que o esteja, respondeu.

— Mas que doença tem ella ?

Hesitou um momento, e depois concluiu :

— Não posso verdadeiramente dizer.

— Teve-a já alguma vez ?

— Duas vezes.

— E restabeleceu-se nas duas occasiões ?

— Sim, graças a Deus, porém com demora, em todo o caso.

Principiava a sentir uma colera interior, irresistivel. Tanto este homem como o doutor, faziam-me perder a paciencia pela sua reserva calculada.

— Então aconselha-me a que volte para Londres ?

— Por agora, — replicou.

— Sem a vêr ?

— Vêl-a, seria impossivel.

— É o seu proprio desejo ?

Hesitou ainda, depois respondeu gaguejando : — Sim ; creio ser esta a impressão que tive.

A minha paciencia estava quasi exhausta quando felizmente vi fóra de casa o sacerdote. N'este mesmo momento entrava outro homem o limiar da porta : — um rapaz alto, robusto, peito largo, um sacco de caça ao tiracollo e uma espingarda no braço. Era Tyson, o estalajadeiro. Saudou-me rapidamente e passou para a sala. Havia n'aquelle homem um ar de franqueza e de energia, que desde logo me attrahiu; e, tendo deixado o parocho, segui o meu estalajadeiro até uma sala de recepção, decorada de vermelho, nas trazeiras do botequim. Deu-me alegres boas vindas, e começou logo a chasquear da visita que acabára de receber, chamando-o *Sr. Piloto do Céu*, e dizendo-me que era a primeira vez que sua reverendissima se houvera dignado atraves-

A senhora Tyson viera servir chá ao marido.

sar os humbraes da porta de *Wheatsheaf*. Sube em seguida que Mac Pherson era um fanatico da temperança, e Tyson estava convencido de ter sido esta a qualidade principal que o levára á sua nomeação de parocho, obtida pela protectora do «seu modo de ganhar a vida.»

— Nem admira — disse Tyson — vendo a lição que ella está recebendo todos os dias da sua propria vida, pobre senhora!

— Que lição? perguntei ancioso.

— Nunca ouviu fallar do velho Jorge Clousedale?

Recordei-me da conversa dos mineiros no comboio.

— Do sequioso velho Jorge? disse.

— Esse mesmo — confirmou o estalajadeiro.—Ella está soffrendo a praga.

— Qual praga? perguntei, cada vez mais intrigado.

— Então o senhor não conhece a historia de Clousedale?

Tive de confessar que não obstante miss Clousedale ser pessoa da minha amisade intima, nada sabia da familia d'ella A senhora Tyson viera servir chá ao marido.

—Cala-te João! Não atormentes a cabeça do nosso hospede com similhantes contos de velhas.

Era um patrão duro e cruel...

Approximei a minha cadeira para perto do fogão e fingindome curioso e sceptico: — Uma historia de pragas? Quero ouvil a a todo o transe.

Tyson riu-se.—Então vou contar-lh'a como a ouvi — e ao mesmo tempo que mastigava, com a bocca cheia, começou a sua narrativa.

— O velho Jorge Clousedale, o avô de Lucy e o fundador da fortuna da familia de Clousedale era um cruel e duro patrão. Dizia-se d'elle que se via uma pobre velha e viuva apanhar cinzas de refugo da casa da fundição, para aquecer os seus velhos ossos n'um dia de inverno, elle não duvidava afastal-a com ameaças e desabridamente. N'um domingo de manhã dois dos seus mineiros, voltando para casa da igreja do valle, lá em baixo, quando o atravessavam, apanharam uma pedra encarnada e brilhante. Era bom e rico minerio de ferro excellente. Era um achado que lhes promettia grandes resultados. Os homens combinaram nada dizer da descoberta emquanto não conseguissem o privilegio de concessão e começassem a explorar a mina por sua propria conta.

Um dos dois foi firme na sua combinação; mas o outro quebrou o segredo. Emquanto o primeiro estava juntando dinheiro para indemnisação ao dono da propriedade, o segundo foi a casa do seu patrão, contou-lhe a descoberta e aceitou uma gratificação de vinte libras. Dentro d'uma semana Jorge Clousedale tinha comprado o privilegio de uma outra mina, e estava perfurando um outro poço. O mineiro, que fôra trahido, endoideceu de raiva. Procurou o parceiro infiel e sovou-o valentemente, pondo-lhe a vida em risco. O homem foi preso, e Jorge Clousedale foi ainda o magistrado que o processou. Foi sentenciado a alguns mezes de prisão.

O pobre rapaz era o unico amparo da mãe, e quando foi levado para Carlisle a pobre velha dirigiu-se a casa de Jorge Clousedale. Este appareceu-lhe no vestibulo, e ella injuriou-o, chamando-lhe traidor e tyranno. Perdendo a cabeça com os insultos da velha, Clausedale agarrou n'um chicote que estava pendurado na parede, zurziu-a e mandou-a para o inferno, e que não se atrevesse a mostrar a cara outra vez n'aquella casa. A mulher atirou-se para elle e gritou: — Rufião brutal! É você que ha de ir para o inferno; mas antes que vá, ha de ter no corpo o fogo d'elle e ha de soffrer d'uma sêde tal que nunca será saciada! Ha de beber e beber até morrer, os seus filhos hão de beber e os seus netos e bisnetos para todo o sempre, e atravez das gerações!

— Mas, objectei, não quer dizer que a praga tivesse sahido certa?

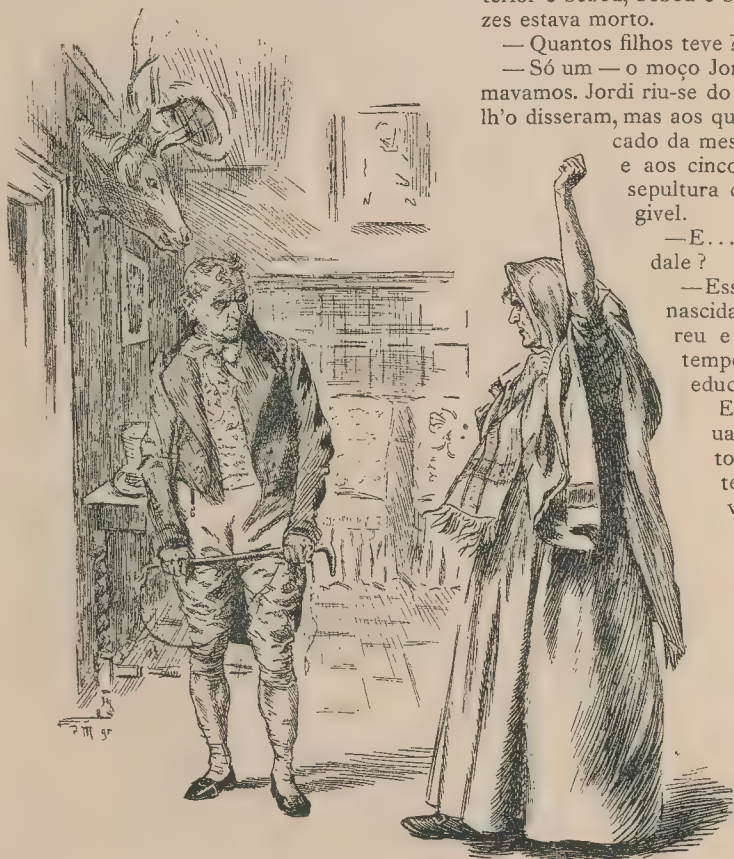
— Julgue como quizer, disse Tyson; mas em menos de seis semanas Jorge Clousedale foi atacado d'um ardor abrazador no interior e bebeu, bebeu e bebeu e em doze mezes estava morto.

— Quantos filhos teve?

— Só um — o moço Jordi, como nós o chamavamos. Jordi riu-se do velho conto quando lh'o disseram, mas aos quarenta annos foi atacado da mesma sêde abrazadora e aos cincoenta abriu-se-lhe a sepultura de beberrão incorrigivel.

— E... Lucy? Miss Clousedale?

— Essa era apenas recemnascida quando o pae morreu e não teem perdido tempo nem ensejo de a educar na temperança. Eu ri, Tyson riu-se e ua mulher tambem e todos rimos ao mesmo tempo. — Uma boa e velha historia de bruxaria, disse com certo estremecimento interior, que não podia dominar. Admiro-me que façam caso d'estas pragas.

Mas o caso fizera-me impressão. Voltei a fallar n'elle mais do que uma vez. A mina, que tinha sido a primeira causa de desordem, era a que tinha o nome de *Owd Boney*. Trouxe a riqueza para a familia Clousedale e era a fonte principal da fortuna de Lucy. Seu pae morrera rico, mas os seus ultimos dez annos foram annos de soffrimento e

Ha de ter no corpo o fogo do inferno...

de terror. A insaciavel sêde que o atormentava principiára por ataques periodicos que cresceram mais e mais frequentemente, apparecendo primeiro com intervallo de seis mezes, depois de tres, e finalmente de um apenas. Portanto em limitado circulo, a febre ardente apertára o homem como uma serpente mortifera e suffocou-o por fim.

A historia do meu estalajadeiro devia interessar-me em qualquer occasião, mas n'aquelle momento parecia ter uma horrivel fascinação. N'outras circumstancias teria apenas supposto que ao poder da imaginação se devesse somente aquelle destino espantoso; porém com as insinuações mysteriosas da doença de Lucy tornára se-me difficil pensar desapaixonadamente.

Não me atrevia a formular os receios que me inundavam a alma. Resolvi definitivamente «dormir sobre o caso», e fui para a cama. Algumas horas depois acordei n'um pezadêlo de tormentoso somno, e ouvi lá fóra o canto de hymnos nas ruas. Tinha-me esquecido de que era a vespera do Natal.

CAPITULO TERCEIRO

A unica resolução que me trouxe a manhã foi que escreveria a mistress Hill, pedindo-lhe licença para a ir visitar. Assim fiz, com muitas expressões de cuidado, não encobrindo o desasocego em que estava. Propunha-lhe ir pelo decorrer da tarde a Clousedale Hall, mas pedia-lhe uma resposta, encorajando-me a fazer-lhe aquella visita.

Era o dia de Natal, e os sinos tocavam para os officios divinos. Fui para a igreja. O banco debaixo do pulpito estava vazio — era o banco de Lucy. Tinham-o ornamentado com hera e azevinho e algumas vergonteas de tojo florido. Havia lá uma grande concorrencia, principalmente de mineiros e seus filhos. O celebrante era o reverendo Mac Pherson, o meu visitante da noite antecedente. Entre a segunda lição e o sermão pediu orações para todos os presentes, pela amiga e doadora d'elles, a protectora da sua igreja, que áquella hora de regosijo permanecia doente em casa. Muitas cabeças se inclinaram immediatamente recolhidas em oração fervente. Quando sahia no fim dos officios, alguem tocou-me no braço. Era um homem de idade madura, com physionomia prazenteira, e com uns pequeninos olhos brilhando por traz de uns grandes oculos. Disse-me chamar-se Yondale, e era o gerente das minas de Clousedale. Annunciou-me que ia distribuir-se o jantar habitual do Natal para as creanças pobres, offerecido por miss Clousedale nas escolas da igreja — Desejaria estar presente? Seguimos juntos. A escola estava cheia de pequenos, todos muito desairosos, muito sujos, muito bulhentos, mas muito felizes, a despeito da sua condição. Cantou-se a acção de graças e depois foram trazidas numerosas panellas quentes. As creanças espreguiçaram-se de saciedade, antes mesmo de terem exgotado os pratos. Déram-se graças, e depois o meu amigo dos oculos levantou-se por duas vezes para exhibir um discurso. Começou por lamentar a ausencia da adorada bemfeitora, que por bondade de coração fornecera aquelle jantar de Natal ás creanças, mas que por motivo de doença não podia vir partilhar da boa acção. Exhortou em seguida a que rogassem a Deus se compadecesse d'ella e a tirasse do valle sombrio onde cahira para ser guia e benção de todos os que a amavam e veneravam. Uma joven professora sentou se ao orgão, e depois os pequenitos levantaram-se e cantaram «Salvos nos braços de Jesus». Era mais do que eu podia supportar, e sahi furtivamente, desapercebido. N'aquella tarde soffri uma terrivel decepção. Todo o tempo esperei e desesperei por uma resposta á minha carta dirigida á dama de companhia. Não veiu nenhuma, mas pelo cahir da noite veiu uma carta da propria Lucy.

A vendedeira inclinara-se sobre o balcão...

Era escripta n'aquella mesma fórma irregular que tanto me surprehendera nas duas cartas recebidas em Londres e com aquellas mesmas sacudidas e inconsequentes phrases. Não posso resolver-me a transcrevel-as para aqui. Cada syllaba queimava por si no meu

cerebro como se fosse dedo de fogo ali pousado. Pedia-me, rogava-me, supplicava-me que não fosse a casa d'ella. Desejava ferventemente a minha indulgencia, o meu perdão, o meu eterno esquecimento como quem era indigna do meu amor e da minha dedicação. Ella estava doente, muito doente, mas tambem havia ainda peor do que a doença. Que a deixasse desligar-se do nosso ajuste de casamento. Tinha sido a alegria e o encanto da vida d'ella, mas agora era o terror e o tormento da sua existencia. Que voltasse para Londres e nunca mais pensasse n'ella. Que Deus lhe perdoasse e se compadecesse d'ella.—«Meu Deus, sêde bom para mim, guardae-me e preservae-me!» escrevia ella. Esta carta um unico effeito podia produzir. Peguei no chapeu e dirigi-me para Clousedale Hall. Emquanto atravessava a aldêa andava precipitadamente, mas ao chegar ás travessas desatei a correr. Ao aproximar-me do grupo de casas abarracadas que estavam junto do portão da casa e que vira do comboio, estava banhado em transpiração e batia-me o coração fortemente. Para não destruir o meu intento com similhante violencia de proceder fui até *Clousedale Arms*, e pedi um calice de brandy. Era uma d'estas casas de venda de feitio antigo que tem a loja dividida em compartimentos, como as divisorias gradeadas das caixas de bancos ou de bilheteiras de caminho de ferro. Entrei n'um d'estes compartimentos, repousei e bebi o meu brandy, emquanto diligenciava colligir os meus pensamentos e determinar o que havia de fazer. Estava uma mulher no compartimento proximo ao meu, e a vendedeira inclinára-se para lhe fallar em voz baixa, mas eu ouvi.

...mysterio que não estou disposto a suportar mais tempo...

— Tenho pena que Maggie perdesse o seu logar — disse uma das duas.

— Ella sabia-o bem de mais, — disse a outra. — Ainda hontem a senhora lhe dêra meia libra para ella sahir furtivamente e ir buscar-lhe uma garrafa de qualquer coisa, e quando voltou nem lhe recebeu um vintem de troco.

— Foi então o medico que advertira Maggie?

— Parece que sim, não me disseram as particularidades.

Para chegar a Clousedale Hall tinha de percorrer um caminho em curvas, bordado de arvores, que, comquanto estivessem despidas

de folhas, faziam um barulho surdo vibrando ao vento que principiava de se levantar. Encontrei com difficuldade a porta, não havendo nenhum candieiro aceso na estrada, e tendo apenas para me guiar a tenue luz que apparecia por entre as persianas das janellas do andar de cima. Não foi facil obter que me dessem attenção e só depois de uma longa demora appareceu, em resposta ás fortes pancadas que batera, um criado baixo, de meia idade, com uma luz na mão, tendo a porta entre-aberta apenas para me dizer que a senhora estava doente bastante, e que a governante não a podia abandonar.

Não estava para ser despedido com similhante desculpa e, passando bruscamente pelo velho para dentro da sala de entrada, disse-lhe que levasse immediatamente o meu nome a mistress Hill pedindo lhe que me viesse ver no mesmo instante. Não foi preciso que o fizesse; porque, emquanto estava fallando, a propria mistress Hill desceu precipitadamente a escada, como se estivesse escutando no patamar de cima e correspondia assim á minha imperiosa intimação.

Achei-a extremamente agitada e tristemente transtornada. Em logar da graciosa senhora de idade, no seu bem talhado vestido de seda, com maneiras suaves e fallas brandas — a companheira da minha querida em Londres — vi ante mim uma mulher nervosa e hysterica, vestida com um saiote e capa. Tirou o candieiro da mão do criado e conduziu-me para um quarto sem fogão. Depois, fechando a porta e fallando em segredo, começou com mil explicações e desculpas, dizendo que tinha muito pezar em ser tão pouco hospitaleira o que tambem era uma causa para a infelicidade de Lucy. Quando lhe perguntei se poderia ver a minha adorada, pareceu cahir n'um estado de extrema perturbação, declarando que era impossivel e o doutor tinha prohibido todas as visitas, á excepção das do sacerdote. E quando lhe perguntei se ella tinha conhecimento do assumpro da carta que Lucy me mandára, a sua perturbação augmen-

Levantava a vidraça quando a estreitei nos braços...

tou e protestou que, não obstante ter sido escripta sem o seu conhecimento, estava convencida de que o que a suggestionára havia de ser pelo melhor.

— É pois verdade, então ? Terei de me convencer de que a doença de Lucy está longe de uma esperança de restabelecimento ?

Fiz a pergunta, esperando uma prompta negativa. A indecisão e a incerteza da resposta irritaram-me.

— Não posso dizer — não estou certa — o doutor sabe-o melhor.

Perdi a paciencia e respondi sem cerimonia :

— Então pelo doutor saberei, ainda que tenha de lh'o arrancar das goellas, este disfarce d'um mysterio que é demasiado para mim, e não estou disposto a supportar mais tempo.

Com isto sahi e fechei a porta atraz de mim. Metteu-se-me em cabeça que Lucy era victima de uma conspiração, e que os dois homens, o doutor e o sacerdote, eram os causadores de tudo. Com o coração e os miolos em braza fui galgando as curvas do caminho, por ali abaixo. Nos olhos da imaginação estava vendo a minha querida noiva, como no brilho passageiro d'um relampago, primeiro com os seus olhos brilhantes, cheios de vida, de saude, de felicidade e de amor, e depois cahida no laço de qualquer hedionda maquinação.

Fui despertado das minhas visões por uma repentina apparição. Era a de uma mulher que sahia de *Clousedale Arms* no momento em que eu passava pela porta. Era nova ; cobria-lhe a cabeça um pequenino chaile preto ; a presença suja e abandonada. Ella sahia a furto da travessa, deteve-se um instante quando me approximei, e, meia voltada, quasi decidida a retroceder. N'aquelle momento, pela luz da janella vi-lhe a cara. Senti um choque terrivel. Aquella cara tinha uma feia similhança com o rosto de Lucy. Quando olhei outra vez já a mulher tinha desapparecido. Tomei animo e segui-a, chamando-a repetidas vezes. Os seus passos perdiam-se na escuridão.

— Espere ! gritei, e adiantei-me para a seguir. Vi-a entrar no portão de Clousedale Hall.

— Espere ! gritei-lhe ainda outra vez, e apressei-me, resoluto. Quando cheguei á alameda o ruido dos passos tinha cessado e o vulto desapparecido. Sentia apenas sobre a cabeça o ranger dos ramos das arvores despidas de folhas, torcidos pelo vento.

Acerquei-me novamente da casa e com os dois punhos cerrados bati pesadamente á porta. D'esta vez foi a propria mistress Hill que abriu. Ella tinha o aspecto de ter enlouquecido.

— Mistress Hill, disse, sinto ser grosseiro, mas peço para ver miss Clousedale, preciso vel-a immediatamente.

Ella desatou n'um choro soluçado e eu entrei em casa. Observei então que tudo alli estava em desordem. Os criados, com candieiros nas mãos, subiam e desciam as escadas, entravam e sahiam dos quartos no andar terreo.

— Onde irei encontral-a ? disse-me ella. N'esta interrogação a pobre creatura fazia uma clara confissão. Lucy tinha sahido de casa. Tinham-a presa e vigiavam-n'a constantemente, mas ella conseguira fugir. Aproveitando-se da opportuna ausencia de mistress Hill, quando pouco antes a fôra procurar e insistira para lhe fallar, Lucy desapparecera e ninguem sabia o que era feito d'ella.

— Santo Deus ! — Pensei no meu recente encontro, e um grande terror se apoderou de mim. Sahi de casa, precipitadamente, e n'um momento corri para o portão de entrada. Julguei sentir alguem passar por mim na escuridão. Parei e estendi os braços para o lado do som, mas... ninguem. Depois ouvi rastejar alguma coisa na relva, como se fôra o vestido de uma mulher. Era com certeza e o som esbatia se em direcção á casa. Em seguida, vi distinctamente o vulto de uma mulher passando defronte das janellas illuminadas pelas luzes que vinham e hiam d'um lado para o outro. Corri atraz d'ella e agarrei-a. Levantava a vidraça corrediça d'uma janella para saltar para dentro, quando a estreitei nos meus braços.

— Quem é ? — perguntei, e ella soltou um grito e suavemente implorando, respondeu :

— Deixe-me ir, deixe-me ir !

— Não deixo, emquanto não souber quem é.

— Deixe-me !

— Quem é ? repeti ancioso.

As nossas vozes attrahiram os criados, que vieram correndo para o quarto com as luzes. Então vi o rosto da mulher que segurava nos braços.

Era Lucy. Lucy, a minha adorada, o meu amor, a minha querida, a que havia de ser minha mulher, Lucy, a bem amada de todos, a alma santa, o coração generoso, a dôce e linda flôr immaculada, ainda em botão, é agora transformada n'uma pobre e infeliz dipsomaniaca sob o terror auto-suggestivo de uma praga !

(Continua).

(*Segundo* HALL-CAINE).

PERUS

AGUARELLA DA EX.ma SR.a D. MARIA SIMÕES

Os SERÕES fazem, n'este numero, a sua primeira tentativa de reproducção typographica a tres cores d'uma aguarella expressamente pintada e amavelmente offerecida pela Ex.ma Sr.a D. Maria Simões. Está longe a nossa gravura de traduzir com fidelidade a frescura de tintas e a exactidão de côr, as quaes distinguem o original, trabalhado com o saber e com a arte da premiada expositora nos salões do Gremio Artistico. Que nos perdôe a gentil artista amadora, mas as melhores reproducções de quadros que temos visto feitos por este processo, de obter com tres cores de impressão apenas, o amarello, o vermelho e o azul, sobrepostas todos os tons e todas as cambiantes, alteram a tonalidade geral, quando comparadas com os originaes, e a distincta pintora, discipula estimada de Silva Porto, sabe muito bem esta attenuação obrigada das tiragens. Não é uma copia; é uma simples reproducção typographica, o que é differente.

Os *Serões* reconhecem-se profundamente penhorados pela obsequiosa colloboração, toda despreoccupada de justas vaidades, que a distincta pintora da notavel tela *Jogando as cristas* mostrou não ter, entregando a sua esplendida aguarella á nossa modesta reimpressão.

Sem alarde de vaidades descabidas, os *Serões* teem a consciencia de ter até agora realisado algum progresso n'este genero de publicação; e, para o seu preço em extremo diminuto, conseguido apresentar grande numero de boas gravuras, cuidadosamente impressas. D'este seu empenho e esforço, tem alcançado o favor publico e acolhimento excepcional. Procuramos melhorar ainda o aspecto geral, utilisando os modernos processos coloridos de gravura typographica, pouco a pouco, e de quando em quando; porque todas estas innovações apenas se conseguem realisar cabalmente, quando uma larga tiragem compensadora permitte a despeza correlativa, como succede em publicações mais ou menos congeneres no extrangeiro. Lá, o mercado é grande; a leitura muito procurada; a revista, o *magazine* é companheiro habitual e indispensavel de toda a gente, no interior das casas e na rua, em comboios ou em omnibus; é leitura variada e mais barata do que o livro, ao qual tem feito na Inglaterra, na Allemanha, na America e em França uma concorrencia intensiva. E' vêr como as obras dos melhores romancistas e dos melhores pensadores se imprimem primeiro nas revistas; as edições subsequentes em livro são a confirmação do exito alli obtido.

Os *Serões* teem conseguido vulgarisar alguns trabalhos notaveis e ineditos de escriptores portuguezes, e n'este mesmo intuito outras obras se seguirão. Ainda como esclarecimento da quantidade de leitura que os *Serões* fornecem nas suas 72 paginas, é curiosa a verificação já feita de que seis paginas compactas de prosa da nossa revista no seu typo pequeno mas bem claro e legivel, equivalem a vinte e duas no formato e no typo vulgar dos romances em livro. E por isso affirmamos ser o seu preço em extremo reduzido. Procuramos assim attingir mais larga tiragem, só então remuneradora; e fiamos a nossa melhor e quasi unica propaganda na recommendação espontanea de que dos *Serões* façam, como temos verificado acontecer, os nossos felizmente já numerosos leitores.

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

Novembro — **26** *França* — Voltam ao trabalho todos os mineiros de Denain.

27 *Soldão* — Os representantes da Inglaterra e da Italia, reunidos em Roma, encarregados da delimitação de fronteiras em todo o Soldão e Erytrêa chegam a uma intelligencia sobre o assumpto. — *Estados Unidos* — Os guarda agulhas associados dos caminhos de ferro do norte dos Estados Unidos, declararam-se em gréve. — *Allemanha* — O conselho federal approva o orçamento da marinha o qual ascendea 200 milhões de marcos.

28 *Portugal* — Trasladação das ossadas dos reis D. João II, o *Principe Perfeito*, D. Affonso V, o *Africano*, rainha D. Isabel, esposa d'este, e principe D. Affonso, filho d'aquelle, da casa capitular e da capella de Nossa Senhora da Piedade para a capella do fundador no mosteiro da Batalha. A cerimonia realisou-se com a assistencia de suas majestades.

29 *Columbia* — Os commandantes dos navios, de guerra, recebem dos liberaes a rendição de Colon e entregam a administração da cidade ao Dr. Alban.

30 *Columbia* — É officialmente confirmada a ruptura das relações diplomaticas entre a Columbia e Venezuela. Foi a Columbia quem fez a notificação do rompimento — *Republica-Argentina* — Um violento incendio destroe uma grande fabrica de tecidos no bairro italiano Dell Acqua em Buenos Ayres, cujos prejuizos são enormes e ficando sem trabalho 1500 operarios. — *Hespanha* — A princeza das Asturias dá á luz um infante que será baptisado com o nome de Affonso André. — *Africa do Sul* — São desterrados mais 9 chefes boers. Uma proclamação ingleza declara abolidas differentes leis da Republica.

Dezembro — **1** *França* — É nomeado director da Comédie Française o actor Guitry. — *Inglaterra* — Celebra-se em Londres em Hyde Park um grande comicio de protesto contra a exoneração do general sr. Redvers Buller.

2 *Portugal* — Inauguração do congresso colonial na sala *Portugal* da Sociedade de Geographia com a assistencia de Suas Magestades e alteza o Principe Real. — *Italia* — Inaugura-se solemnemente em Cagliari um monumento a Verdi. — *Polonia* — Accentua-se na Polonia prussiana o movimento de opinião contra a Allemanha. Os commerciantes fazem os seus pedidos á França. — *Asia* — Accentua-se a rivalidade entre a Inglaterra e a Russia. — — *Estados Unidos* — O sr. Hutin, presidente da Companhia do canal inter-occeanico do Panamá, entrega ao vice-presidente Roosevelt uma offerta formal de venda dos direitos da companhia aos Estados-Unidos. — Abertura do congresso americano, o orçamento geral do Estado para 1902-1903 fixa as despezas em 10:827:688 dollars.

3 *Italia* — Declara-se fallido em Genova o banqueiro Scartezzini com um passivo de oito milhões de liras. — O *comité* dos dalmatos renuncia os direitos do Instituto de S. Jeronymo a favor da Assistencia do Vaticano. — *Hespanha* — Realisa-se em Jerez um importante comicio operario para pedir a liberdade para os companheiros presos em consequencia dos acontecimentos de Sevilha, Corunha e Barcellona.

5 *Austria* — O partido progressista germanico expulsa o seu chefe, Wolff, obrigando o a demittir-se do seu mandato parlamentar, em consequencia de questões intimas do partido. — *Inglaterra* — Um violento incendio destroe a Bolsa de Liverpool em consequencia de uma explosão.

6 *Estados Unidos* — O senador Maccomas defende no senado o projecto de lei punindo com a pena de morte os auctores de attentados contra os presidentes, funccionarios do estado ou chefes de estado estrangeiro. — *Portugal* — O *Diario do Governo* publica a reforma da Escola de alumnos marinheiros. — *India* — Em Loheia no Yemen, são mortos 40 soldados turcos n'um combate com os indigenas que se revoltaram contra os impostos.

7 *Inglaterra* — A Inglaterra envia 6:000 libras para pagamento de indemnisação aos americanos prejudicados pela guerra do Transvaal. — *Estados Unidos* — É apresentada ás camaras uma proposta para ser concedida á viuva de Mac Kinley uma pensão de 5:000 dollars. — *Brazil* — Descobre-se uma conspiração monarchica no Rio de Janeiro com o fim de derubar a republica e sendo aprehendido bastante armamento.

8 *Servia* — Os operarios e estudantes de Belgrado fazem uma grande manifestação contra a nova lei sobre a imprensa e o direito de reunião.

9 *Austria* — Os jornaes começam uma campanha contra os duellos tendo-se publicado um documento com 300 assignaturas dos homens mais notaveis, esperando-se que se conseguirá uma reforma legislativa que evite os duellos. — *Russia* — O popular romancista Maximo Gorki é desterrado para o Caucaso. — *Nicaragua* — O ministro dos negocios estrangeiros de Nicaragua e o ministro plenipotenciario dos Estados Unidos assignam a convenção que cede a esta nação uma parte do territorio da largura de 6 milhas, seguindo o traçado do canal.

10 *França* — Parte dos accionistas do *Figaro* reclamam perante os tribunaes que sejam repostos os antigos director e gerente. — *Austria* — Produz-se uma grande manifestação anti-allemã em Lemberg por occasião da inauguração da estatua do poeta polaco Yeuski tendo, o consulado allemão sido apedrejado. — *Estados Unidos* — Celebra-se em Chicago um grande *meeting* de protesto contra a guerra boer. — A camara dos deputados approva o

projecto de lei dos premios á marinha mercante.

12 — *Suissa* — A assembléa federal elege presidente da confederação para 1902 o conselheiro Zemp, de Lucerne pertencente á direita catholica e o conselheiro Deucher de Thurgovia, vice-presidente. — *America Central* — É publicado um decreto convocando 60:000 homens da reserva em Buenos Ayres para 1 de janeiro. — *Estados Unidos* — A commissão senatoria do canal isthmico approva o projecto Morgan.

13 *Russia* — O governo auctorisa o ministro das Obras Publicas a dispender em 1902, 200 milhões de rublos nas construcção de duas linhas ferreas, uma de S. Petersburgo a Viatha e outra de S. Petersburgo a Moscow. — *Estados Unidos* — Alguns clubs revolucionarios organisam uma subscripção para levantar um monumento a Colgosz, o assassino de Mac-Kinley. — *Venezuela* — Cessam as communicações da Allemanha com a Venezuela. — *Nicaragua* — A commissão commercial da camara dos representantes de Washington decide apresentar um relatorio favoravel ao projecto do canal isthmico de Nicaragua. Os estados unidos de Nicaragua assignam um protocollo concedendo aos seus vinhos e fructas a entrada com franquia nos EstadosUnidos.

15 *Hespanha* — As fabricas de fiação em Berga suspendem o trabalho por desavenças entre os patrões e operarios. — *Porto Rico* — O jornal *A Tribuna* propõe que a ilha de Porto Rico e as ilhas dinamarquezas constituam um estado autonomo que se chamaria *Estado Antilhano* e que teria por capital S. João de Porto Rico. — *Africa* — Termina a gréve dos pedreiros em Tanger por terem chegado a um accordo os patrões e operarios ácerca das 8 horas de trabalho. — *Allemanha* — Os estudantes polacos fazem ruidosas manifestações contra Shicman, que se occupou n'um discurso da questão polaca.

15 *Hespanha.* — A imprensa de Las Palmas protesta contra o accordo hispano-argentino, que se suppõe pactuado, com a clausula de serem admittidos nas Canarias durante 20 annos, livres de direitos, os cereaes argentinos. — Reunem-se em Barcelona os trabalhadores da arte metallurgica que querem o dia de 9 horas de trabalho, votando a gréve geral em vista da recusa dos patrões. Deixaram por este facto de trabalhar 16:000 operarios. — *Portugal* — Regressa de Lourenço Marques a Lisboa a bordo do paquete *Zaire* a penultima expedição militar enviada ás possessões africanas — *Estados Unidos* — O presidente Roosewelt recusa acceitar dez milhões de dollars para estudantes pobres, offerecidos pelo millionario Carnegie. — *França* — Termina o *meeting* monstro dos operarios dos caminhos de ferro realisado na Bolsa do trabalho de Paris, votando-se a protecção contra o excesso de trabalho e contra a exploração que os operatrios soffrem; concessões de pensões e aposentações, protestar contra as despedidas arbitrarias que as companhias fazem, defender a lei de Berteaux do limite do tempo de trabalho, felicitar os deputados que a votaram e pedir que ella seja approvada no senado — *Belgica* — Constitue-se o *comité* para a celebração do anniversario do nascimento de Victor Hugo em Bruxellas — *Allemanha* — Os estudantes pólacos organisam manifestações contra os deputados do *reichstag*. — *China* — Um violento incendio destroe 800 casas em Cantão fazendo numerosas victimas.

16 *Italia* — O papa pronuncia uma allocução contra o projecto de lei do divorcio apresentado na camara pelo socialista Berenini. — São nomeados os bispos de Saragoça, Madrid e Jaen — *Bulgaria* — O gabinete bulgaro dá a sua demissão em consequencia dos incidentes relativos á realisação do emprestimo — *Estados Unidos* — O senado ratifica por 72 votos contra 6 o tratado Hay-Pauncefate. — *Russia* — E' descoberta uma conspiração nihilista contra o czar e contra varios personagens de influencia na côrte, sendo cortados os canos de abastecimento d'aguas e estas envenenadas na residencia imperial de Tzarteweselo achando-se duzentas pessoas envenenadas por este motivo.

17 *Hespanha* — Realisa-se em Barcelona um *meeting* em que tomam parte 6:000 grévistas. — A rainha regente auctorisa o ministro da fazenda a apresentar ás camaras um projecto de lei, baixando a 2 1/2 por cento do juro dos emprestimos do Banco de Hespanha ao thesouro — *Noruega* — A camara auctorisa o governo a contrahir um emprestimo de 35 milhões de corôas.

18 *Filippinas* — A camara dos representantantes approva por 163 votos contra 128 o projecto da pauta aduaneira das ilhas Filippinas — *Argelia* — O governador cria uma direcção geral especial destinada a centralisar tudo quanto diga respeito a indigenas residentes no territorio submettido á jurisdicção civil. — *Africa portugueza* — E' aberta ao trafico civil e ás importações para as minas do territorio portuguez a linha ferrea de Lourenço Marques.

19 *França* — sr. Roger Ballu, inspector das Bellas Artes e professor da escola das Artes decorativas é exonerado das suas funcções por ter dirigido expressões injuriosas ao governo n'uma reunião politica celebrada no dia 15 nos arredores de Paris — *Inglaterra* — deputado Okelli é condemnado a dois mezes de prisão, por ter, em varios discursos, ameaçado os proprietarios de que não receberiam as rendas dos colonos irlandezes.

20 *Allemanha* — A policia convida as sociedades polacas a que fallem allemão nas suas reuniões. Os pangermanistas preparam uma exposição ao Reichstag, solicitando a suppressão de direitos politicos aos polacos, dinamarquezes, alsacianos e lorenos que vivam sob o regimen allemão. — *Belgica* — A camara dos representantes approva o projecto de lei apresentado pelo governo ácerca do assucar.

21 *Venezuela* — O general Mendonza presidente do Estado de Carabobo, subleva-se contra o general Castro, presidente da Republica.

22 *França* - E' inaugurada em Paris a estatua de Baudin. — *Italia* — A camara dos de-

putados approva o projecto das medidas financeiras com a suppressão de impostos no valor de 25 milhões de liras. Os direitos de barreira sobre a farinha e o pão serão abolidos gradualmente. Cria-se um imposto progressivo sobre as heranças—*China*—O governo de Pekin dirige uma nota á Russia perguntando-lhe quando terminará a evacuação da Mandchuria e lhe entrega a linha ferrea. Pede tambem que lhe seja reduzida a indemnisação assignalada para manutenção do caminho de ferro e protesta contra o monopolio mineiro que exerce a Russia.

23 *Inglaterra* — Chamberlain acceita o offerecimento da Australia que consiste em mandar mil homens para a Africa do Sul.—A alliança protestante dirige um protesto a lord Salisbury contra a invasão de padres e freiras que pretendem estabelecer-se na Inglaterra.—*Africa Portugueza* — E assignado o *mudus vivendi* entre o governador geral de Lourenço Marques e lord Milner, resultando ficar o caminho de ferro portuguez em eguaes circumstancias aos das colonias inglezas durante a guerra do Transvaal.

24 *Republica Argentina* — A camara vota uma lei prohibindo a exportação de cavallos e muares.

❂ ❂ ❂

THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante o mez de Dezembro

Dezembro 2 — *A creança de 90 annos*, comedia drama em 2 actos (Theat. da Trindade).

7 — *A segunda mulher de Tanqueray* drama de Arthur William Pinero, traducção dos srs. Luiz Galhardo e Mauuel Penteado (Theatro de D. Maria).

10 — *Sorte* comedia em 4 actos de A. Capus, traducção do sr. Accacio de Paiva (Theatro de D. Amelia).

15 — *O filho artificial*, comedia em 3 actos de Bourchier, traducção do sr. Freitas Branco (Theatro do Gymnasio).

17 — *A corrida do facho*, peça de Paul Hervieu, traducção do sr. Accacio Antunes (Theatro de D. Amelia).

O Supplicio d'um pae, drama em 5 actos arranjado de uma peça de Dumas pelo sr. Luiz Galhardo (Theatro do Principe Real).

18 — Abertura da epocha lyrica do Real Theatro de S. Carlos com a opera *Tosca*.

❂ ❂ ❂

NECROLOGIA

Novembro 28 — Antonio Gisbert, em Paris, pintor hespanhol notavel pelos seus quadros sobre assumptos hespanhoes.

29 — Pi y Margall, 77 annos, em Madrid, illustre publicista e politico republicano.

29 — Guilherme Tiberghien, em Bruxellas, celebre philosopho belga.

Dezembro 3 – Bispo de Lamego, D. Antonio Thomaz da Silva Leitão e Castro, 54 annos, em Lamego.

7 — Conde de Villa Franca, 80 annos em Lisboa, litterato e politico distincto.

15 — Baptista Machado, em Lisboa, conhecido folhetinista, actor e auctor de varios comedias e revistas.

16 — Marquez de Angeja. 56 annos em Lisboa, fidalgo muito conhecido e popular.

16 — Jules Gabriel Herbette, 62 annos em Paris, antigo embaixador da França em Berlim.

❂ ❂ ❂

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradavel entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

Como se fazem quadros para projecções

De todos os quadros em vidro para projecções, os melhores e mais perfeitos são os photographicos

Ha outros meios de os preparar, porém, a sua composição exige mais ou menos paciencia e habilidade de mão sobretudo se se desejar quadros coloridos. Para fazer simples desenhos a traço, applica-se um pedaço de vidro transparente sobre o desenho que se deseja reproduzir, copiando-se com um pincel fino molhado em tinta preta ou com uma penna molhada em tinta da China um pouco espessa. Para que o traço se fixe facilmente sobre a superficie do vidro, deve limpar-se este muito bem com branco de Hespanha e cobril-o depois com uma

camada muito ligeira d'uma substancia sobre a qual a tinta da China adhira facilmente, tal como a gelatina ou o fel de boi. As tintas de côr applicam-se tambem mais facilmente sobre o vidro assim preparado.

Alguns pintores cobrem o vidro com uma camada de essencia de therebentina distillada que se deita na superficie como o collodio e deixa-se seccar verticalmente n'um supporte.

Em logar de se applicar o vidro ordinario póde-se, com um lapis duro, copiar sobre um vidro despolido muito fino. Logo que o desenho esteja prompto enverniza-se a superficie despolida, o que a torna transparente.

São variados os processos para obter os desenhos sobre vidro ou sobre outra qualquer substancia transparente.

Entre outros processos, indicaremos dois que são bastante praticos:

1.º Faz-se com um lapis o desenho, com as dimensões necessarias, sobre um pedaço de gelatina. Os traços destacam-se, portanto, em negro por projecção, podendo se preenchel-os com tinta preta em pó, que se applica logo que o desenho esteja terminado.

Um outro processo consiste em cobrir de negro de fumo uma chapa de vidro e desenhar com uma agulha, que deixa os traços brancos, e fixar o desenho, como no desenho a lapis conté sobre o papel.

Querendo applicar uma gravura ou uma photographia das dimensões necessarias e á qual não se deseje dar outra applicação, pódem passar-se sobre o vidro da seguinte fórma:

Limpa se bem o vidro e deita-se-lhe uma camada de verniz de essencia, deixando se seccar. Molha se a gravura em alcool e secca-se imperfeitamente entre duas folhas de mata-borrão, collocando-se ainda humida sobre a camada de verniz e apertando-a bem em todos os sentidos de maneira a fazer sahir as bolhas de ar que se contiverem entre o papel e o verniz. No dia seguinte molha-se o papel e fricciona se com o dedo fazendo sahir o papel quasi completamente de maneira que fique apenas uma pelicula extremamente fina, devendo chegar-se a este resultado sem estragar a gravura. Finalmente, para acabar de dar ao quadro a transparencia necessaria deita-se-lhe por cima uma certa quantidade de verniz de espirito de vinho, espalhando-o sobre toda a superficie do papel e escorrendo-o em seguida.

Querendo fazer quadros colloridos ou collorir os que o não são, taes como as photographias, ha tres maneiras differentes de operar:

1.º Pintar com tintas de aguarella, tornando-as transparentes por meio de applicação de uma camada de verniz branco de espirito de vinho sobre a chapa pintada; logo que a camada esteja secca, pinta se novamente, se as primeiras tintas apparecerem fracas e enverniza-se ainda uma vez: é este o processo mais simples.

2.º As pessoas habituadas a pintar a oleo preferem servir-se do processo seguinte:

Empregam-se as tintas em bisnagas como para a pintura ordinaria. Desfazem-se o mais possivel sobre um vidro com uma espatula ou vareta de vidro, juntando lhe pouco a pouco verniz copal, e utilisam se em seguida; ou preparam-se préviamente em séries de côres necessarias que, uma vez diluidas com o verniz, são fechadas em pequenos frascos. Antes de dissolver as tintas com o verniz, se se apresentarem um pouco gordas ao tiral-as das respectivas bisnagas, deitem-se sobre mata-borrão destinado a beber o oleo. As tintas assim desengordudadas misturam se melhor com o verniz.

3.º Uma outra receita que nos parece ainda mais facil:

Desenha-se o traço sobre o vidro com tinta lithographica desfeita a secco n'um *godet* e em seguida desfaz-se com essencia e algumas gottas de verniz copal. Quando o traço esteja secco, applica-se a côr com as tintas de aguarella, em paus e diluidas com o liquido seguinte:

Agua 20 partes, gomma 4, assucar 2 e uma ou duas gottas de acido phenico para evitar o bolôr. Enverniza se com gomma laca dissolvida no alcool (gomma laca branca, 8 grammas; alcool a 95 gráus, 100 cc.)

Este verniz emprega-se aquecendo ligeiramente o vidro. Póde-se dispensar o envernizamento se se cobrir a pintura com um segundo vidro.

N'estes trabalhos só se devem empregar as côres transparentes que são o azul de Berlim, o carmim de cochonilha, o carmim de garança, a laca amarella, o verde vegetal e a terra de Sienne queimada.

Para os negros emprega se a tinta da China ou a tinta ordinaria de escrever ou ainda o negro de fumo dissolvido em verniz de quadros.

Pódem finalmente empregar-se os vernizes de côr que se encontram preparados no commercio, mas o seu emprego, visto a sua grande fluidez e evaporação rapida, apresentam algumas difficuldades.

Taes são os processos empregados pelos pintores que produzem geralmente este genero de quadros. Póde-se seguir exclusivamente um ou outro d'estes methodos ou simultaneamente, mas em verdade na pratica encontram-se uma infinidade de pequenas difficuldades, das quaes se triumpha á força de paciencia e tempo. Só uma grande experiencia nos trabalhos d'este genero permittirá evitar os escolhos que se encontram no começo. Estes processos são tambem applicaveis aos positivos sobre vidro ou gelatiua.

Qualquer que seja o methodo seguido ha uma cousa a evitar por todos os meios possiveis, é a poeira que póde cahir sobre a pintura ainda fresca e ahi deixar depositos imperceptiveis, que uma vez ampliados dão um máu effeito sobre o quadro. Deve-se verificar o mais cuidadoso aceio na casa onde se trabalhe, o que se evita supprimindo todas as tapeçarias inuteis e tudo de onde possam sahir fios voltijando no ar. Os fatos são muitas vezes causa do insuccesso, sendo conveniente trabalhar com uma blouse usada.

Emprego do borax nos reveladores de hydroquinone e de iconogène

Mr. Watherhouse indica no *Photo-Era* a vantagem do emprego do borax nos reveladores de hydroquinone e iconogène em substituição do carbonato. Com esta modificação os reveladores conservam-se por mais tempo e evitam a juncção do brometo para se obter os negros transparentes.

A formula indicada para o banho de hydroquinone é a seguinte:

Agua	1000 gr.
Sulfito de soda	100 »
Borax	30 »
Hydroquinone	10 »

e para o de iconogène:

Agua	1000 gr.
Sulfito de soda	100 »
Borax	25 »
Iconogène	10 »

PACIENCIAS

Fazer *paciencias* é dos passatempos mais estimados e mais vulgarisados. Para muitos o habito de fazer *paciencias* attinge a intensidade da paixão, quando não chega a constituir um vicio innocente. E' um exercicio de attenção e de habilidade imaginosa que não fatiga o espirito e contenta-o fartamente na *réussite*. Permitte o isolamento na conversação geral, quando se quer; e não inhibe de entrar n'ella, quando convenha; a sua manipulação, em geral complicada, aguça o entendimento e acompanha-o na elaboração do pensamento e da reflexão; o desejo de attingir a resolução procurada absorve tão docemente, que se esquecem até as teimosas contrariedades, accumuladas, como nuvens negras, no intimo da consciencia. Os melhores e mais poderosos espiritos usam das *paciencias* como distracção habitual. Para citar alguns, lembranos Bismarck, o grande chanceller de ferro, que todas as noites, antes de recolher, apoz o seu trabalho exhaustivo, fazia a sua *paciencia* em volta da mesa do serão, sob a luz abatida do candieiro, onde se reuniam a familia e os intimos, em momentos de descanço distensivo e bom. Portanto os *Serões*, mercê de um dos seus mais prestimosos collaboradores, começam hoje a offerecer aos seus leitores algumas *paciencias* menos conhecidas, senão inteiramente ineditas, como aquella que segue sob o nome de:

Cruz de Malta

(Dois baralhos completos — Não enaipada)

Colloquem-se sobre a meza as cartas na disposição adiante indicada, formando uma estrella.

No centro, um dois de qualquer naipe, os quatro azes vermelhos em fórma de cruz; por cima d'elles e atravessados os quatro reis tambem vermelhos. Nos espaços comprehendidos entre os azes vermelhos, disponham-se os azes negros e sobre elles tambem atravessados os reis negros. Dispostas assim estas cartas, vão-se tirando do baralho oito cartas, uma a uma, começando a sua collocação exteriormente na parte superior ao rei vermelho da linha vertical e successivamente junto de cada um dos oito reis nos oito bicos da estrella.

Logo que estejam assim dispostas estas primeiras 8 cartas, verifique se em primeiro logar se ha alguma ou algumas que convenha collocar sobre o dois que está ao centro, isto é, para começar em tres, depois quatro, cinco, etc., e assim seguidamente no sentido ascendente até ao rei que se tira dos reis negros da estrella; chegando ahi retrocede-se, isto é, volta-se a pôr um valete, continuando com dama, dez, etc., no sentido descendente até chegar novamente a dois, ao qual segue um az que tambem se vae buscar aos azes negros da estrella, e começar de novo a subir até rei para descer até az e assim successivamente, ficando bem assente que os azes e os reis a tirar são sempre os negros e nunca os vermelhos.

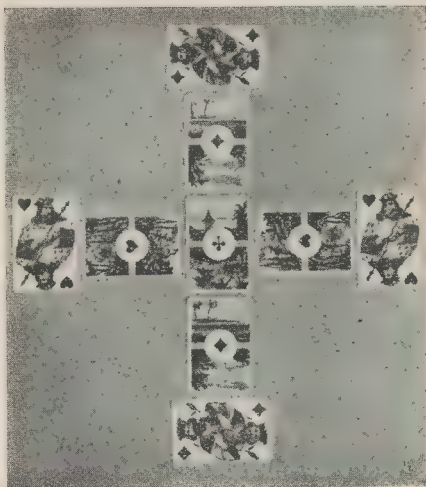
Como raro será que as 8 cartas exteriores appareçam todas seguidas, de certo ficarão algumas sem collocação sobre o dois do centro; verifique-se então se entre ellas algumas ha que possam collocar-se umas sobre as ou-

tras para formar familias, devendo-se ter em conta que as cartas na direcção das linhas vermelhas se collocam sempre no sentido descendente, escolhendo a de menor valor e collocando as outras sobre ella, isto é: havendo um dois colloque-se um tres, sobre este um quatro etc.; e que na direcção das linhas negras se procede inversamente, isto é: procure-se a de maior valor, por exemplo um valete, e colloque-se sobre elle a dama, o dez, etc., sempre no sentido descendente.

Esta operação tem por fim arranjar o maior numero de cartas possivel para serem colloca das no monte que se está formando sobre o dois do centro.

Póde, attendendo ao seguimento do monte, trocar-se uma carta de uma linha vermelha por outra de uma linha negra; exemplo: no monte central está um quatro e precisa-se de um cinco para continuar a ordem ascendente; se por acaso houver n'uma das linhas negras um seis sobre um cinco e nas linhas verme lhas houver um sete, póde passar-se o seis da linha vermelha para sobre o sete da linha negra que é a linha descendente até encontrar o cinco que se procura e se colloca sobre o quatro do monte central assim como as cartas que se lhe seguem por ordem hierarchica.

Para se conseguir um bom resultado com estas trocas é necessario ter muita attenção e criterio habituado.

A paciencia considera-se terminada quando se consegue collocar sobre o dois central as cartas exteriores á estrella, acabando portanto n'um az como indica a figura seguinte:

E' muito difficil conseguir-se este resultado, e as pessoas que não forem dotadas do maximo de paciencia, para só por esta forma o conseguir, poderão servir-se do recurso de recolher todas as cartas exteriores, sem as baralhar, começando pelas de cima da linha vertical e só mais uma vez recomeçar a paciencia, o que ainda assim não é muito facil terminal-a com exito.

CONHECIMENTOS UTEIS

Modo de beber leite.—Muitas pessoas dizem que não digerem o leite; ora, salvo raras excepções, toda a gente digere com facilidade esta excellente e bem natural bebida, porém com uma condição indispensavel — sabel-o beber.

O leite é sempre alcalino, contêm não somente assucar, manteiga e albumina, mas ainda uma substancia albuminoide especial que se denomina *caseina*, coagulavel pela acidificação ou em presença de determinados fermentos, como aquelle que serve para a preparação dos queijos. Ora, quando o leite chega ao estomago coagula-se em presença dos acidos e dos fermentos que aquelle contêm normalmente. Estes coagulos são em seguida disolvidos pela acção dos succos digestivos. Comprehende se, portanto, com facilidade que se houver uma avultada e rapida ingestão de leite, se fôr bebido em grandes goladas, se formará no estomago um coagulo volumoso, um grande bloco de queijo, que será sem duvida mais vagarosamente disolvido e d'uma digestão mais difficil e mais penosa do que, ao contrario, se houver a precaução de beber o leite em pequenos golos, interrompidos, lentamente ingeridos. Praticamente, deve gastar-se pelo menos cinco minutos para beber um copo de leite da grandeza ordinaria, vulgar.

Basta, portanto, saber beber bem leite para que este seja facilmente digerido. Da mesma causa provêm a necessidade de cortar o leite com agua de Vichy ou de Vidago, para estomagos debies e enfraquecidos. A agua mineral alcalina e ainda a simples agua commum promove a producção de coagulos menos compactos e por isso mais faceis de desagregar. A regra experimental e racionalmente justificada é beber o leite sempre a pequenos golos..

Da frescura dos ovos. — Para reconhecer a edade recente dos ovos tem sido indicados varios processos dos quaes o mais vulgar consiste na applicação da lingua sobre uma das extremidades do ovo. Se houver sensação de frescura, o ovo é recente; se é antigo, parece que a casca é quente ao tocal-a com a lingua. Os ovos frescos são um pouco mais transparentes no meio, e o contrario se dá nos ovos velhos. O ovo fresco afunda-se dentro d'agua, o velho chega a sobrenadar com o decorrer do tempo. A casca d'um ovo velho é vitrea, em quanto que a d'um ovo fresco parece recoberta d'uma camada de cal. A casca d'um ovo fresco secca immediatamente a ser retirado da agua fervente; se ficar molhada, desconfie-se da frescura.

O automovel agente therapeutico contra a tuberculose, e a bicycletta contra a neurasthenia. — Um medico, do maior pendor e predilecção pelo automobilismo, escreveu, ha pouco, ao *Times*, narrando as suas observações sobre a acção benefica que sobre os predispostos para a tuberculose e sobre os que principiam a soffrer-lhe as primeiras investidas, exerce o passeio em auto n'uma velocidade superior a 40 kilometros por hora. Constitue um novo tratamento de pleno ar. Virificou levantamento de forças, melhoria de disposição moral, accrescimos de appetite, tendencia á diminuição da tosse, que se confirma na permanencia das melhoras, após dias de tratramento.

A bicycletta tem sido indicada como meio curativo de diversos males; mas em *doenças da vontade* parece ser decisiva a sua acção benefica. Alem das doenças chamadas physicas ha tambem aquellas que se denominam vulgarmente moraes, que se tem tornado mais frequentes com o *surmenage* intellectual, com a residencia em climas depressivos pelo calor e infecciosos pela febre, com o abuso das bebidas alcoolicas e estimulantes, com a violencia da vida moderna, com a luta pela riqueza e pelo prazer. A neurasthenia é a mais vulgar d'essas affecções chamadas moraes; caracterisa-se em geral pelo *spleen* e pela perda de vontade.

Ha pouco ainda aconselhava-se aos neurasthenicos viagens e distracções, como tambem o repouso e o isolamento, conforme os casos e a sua forma; mas esquecia-se assim que a falta de gosto e de vontade inhibia de executar o tratamento e de tirar d'elle o beneficio previsto. Os passeios a pé quasi se tornam automaticos para o neurasthenico que diariamente passa pelo mesmo sitio, cruza o mesmo itinerario, sempre insipido, sempre desprendido da acção exterior. Ora, o doutor Berillon, professor de psychologia physiologica, tem verificado que a acção cyclista produz no neurasthenico manifestação de decisão e de autoridade, sentimentos que se apagam em regra nas victimas d'aquella doença. Parece que a attenção forçada ao equilibrio, ao movimento, aos incidentes do caminho provoca uma salutar reacção no organismo deprimido. Claro está que o uso da bicycleta não é therapeutica infallivel, mas está provado ser um coadjuvante poderoso e efficaz.

Glycerina perfumada. — Como se sabe, a glycerina tem em alto grau a propriedade de absorver o perfume das flores, e alem d'isto a de amaciar a pelle, sendo excellente para os cabellos. Deitam se dentro de glycerina de bôa qualidade bastantes flores de lilaz, jacynthos, narcisos, lyrios, violetas, rosas, jasmins e deixam-se permanecer durante tres semanas para ceder todo o seu perfume á glycerina; e depois tiram-se, obtendo-se um oleo perfumado que excede as mais finas essencias. Como a glycerina se pode misturar com agua em qualquer proporção, deitando algumas gotas d'este oleo em agua, obtem-se uma deliciosa agua perfumada para lavagens e banhos. Como é sabido, a glycerina, apesar da sua apparencia oleosa e chimicamente um alcool.

PROBLEMAS

Resoluções do numero anterior

N.º 18 — 12 decim; 5 decim.

N.º 19 — 36 annos; 12 annos.

N.º 20 — *Xadrez:*

BRANCOS	PRETOS
1. Ra. para 3 T	1. Qualquer
2. Xeque e mate.	

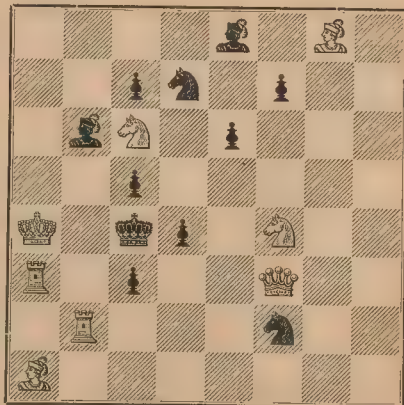
Num. 21.

Um trem parte de *A*. para *B*, distante 216 kilometros, ás 2 horas da manhã. Tres horas e meia depois parte de *A* para o mesmo ponto um segundo trem que percorre por hora 4 kilometros mais do que o primeiro o chega 1 hora antes d'aquelle. A que horas chegou cada um dos trens a *B*. ?

Num. 22.

Um tanque pode encher-se em 26 $^1/_4$ horas por dois tubos differentes, ao mesmo tempo. Se se fizerem funccionar separadamente, o maior gastará 18 horas menos que o mais pequeno em encher o tanque. Quantas horas empregaria cada tubo n'esta operação ?

XADREZ

Num. 23 Pretos (4 peças)

Brancos (10 peças)

Os brancos jogam e dão mate em dois lanços

Novembro e Dezembro	Barometro — Nivel do mar		TEMPERATURA — ás 9 h. da manhã		TEMPERATURA — maxima		TEMPERATURA — minima		Chuva — Millimetros		Ozone — Gráus	
	1900	1901	1900	1901	1900	1901	1900	1901	1900	1901	1900	1901
1	770,7	763,9	13,4	14,0	16,9	16,4	13,0	11,7	4,9	0,0	5,8	5,3
2	770,5	766,8	14,6	11,4	19,6	17,5	11,6	9,5	0,0	0,0	8,5	6,2
3	766,3	765,4	16,6	12,3	18,7	17,7	12,7	9,6	0,0	0,0	9,0	4,0
4	765,6	760,9	13,3	14,2	19,7	17,6	11,1	12,5	0,0	0,0	7,7	4,3
5	765,3	763,3	16,6	15,2	18,2	20,6	14,3	13,0	0,0	0,5	5,0	7,5
6	765,9	763,3	13,7	14,3	17,0	17,6	12,9	12,9	2,1	0,0	8,5	5,0
7	767,0	762,4	13,0	13,8	10,1	17,7	12,1	12,0	0,0	—	5,5	5,0
8	767,0	763,9	13,3	12,6	10,4	17,9	11,2	10,9	2,7	0,0	8,3	4,2
9	768,8	766,2	11,9	11,9	18,6	17,0	10,1	9,7	0,0	0,0	6,5	4,3
10	768,7	766,2	15,2	9,7	16,9	16,8	12,5	7,4	0,0	0,0	8,0	4,5
11	770,2	765,4	14,0	7,3	15,9	16,5	11,5	4,3	0,0	0,0	8,2	7,0
12	770,0	759,8	13,8	9,6	17,6	17,0	10,8	7,8	0,0	0,0	8,3	5,7
13	768,3	753,9	16,2	14,6	18,6	17,6	15,1	12,8	1,0	21,2	10,0	9,8
14	767,0	752,8	14,9	16,3	16,2	18,2	12,0	11,1	2,6	3,2	8,5	7,5
15	768,0	747,7	12,5	14,6	15,8	16,9	11,4	10,6	0,2	21,0	7,2	9,5
16	761,7	759,6	15,9	12,4	17,8	15,0	12,2	9,8	2,7	2,6	7,3	5,0
17	762,5	763,6	14,4	11,0	15,6	15,2	11,8	9,2	1,5	5,0	10,0	0,7
18	763,1	772,4	11,7	10,0	15,0	16,3	9,9	8,7	0,0	0,0	7,2	7,8
19	761,7	773,2	10,6	10,9	14,4	13,9	9,1	10,5	0,0	0,0	7,3	7,5
20	762,2	771,7	11,4	10,9	14,6	13,7	10,2	10,1	0,0	0,0	7,0	3,2
21	762,9	767,4	12,3	11,5	15,1	15,8	10,0	9,7	0,6	0,0	8,0	6,3
22	768,1	766,3	11,0	8,8	15,5	13,0	8,1	7,5	0,0	0,0	6,2	5,0
23	768,0	764,9	14,2	10,4	15,7	14,2	12,1	8,3	0,0	0,0	7,5	6,0
24	766,4	764,4	14,3	9,5	16,3	15,3	12,6	7,8	6,5	0,0	9,5	5,8
25	766,9	762,7	14,7	4,5	16,5	9,3	12,7	2,3	0,7	0,0	9,3	5,5
26	765,3	762,2	14,1	5,4	17,0	10,6	12,3	3,7	0,4	0,0	6,5	4,0
27	759,8	76[illegible],4	13,8	5,3	14,9	10,9	9,3	3,7	6,8	0,0	7,5	8,7
28	752,0	766,6	10,2	5,7	12,7	10,6	6,0	5,5	11,9	0,0	10,0	6,5
29	756,4	768,2	8,2	5,5	11,6	12,0	9,3	4,5	10,9	0,0	8,0	6,8
30	759,4	768,2	11,1	7,2	15,5	13,1	9,2	6,1	9,4	0,0	5,2	6,0
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1	763,8	768,1	14.3	7,4	15,3	13.2	11,5	6,1	6,3	0,0	9,0	8.2
2	765 9	767,7	13,5	8,8	14,6	13.6	10,5	8,7	0,5	0,0	9,5	6 0
3	771,7	765,5	11.7	9,8	15,5	15,4	9.7	8,7	0,4	0,0	8,0	8.0
4	773,8	765,0	6,5	9 3	12 4	14,9	6,2	8,2	0,1	0,0	4,5	5.8
5	773,1	766.8	8.1	7,2	14,6	14,2	5,7	6.0	0,3	0,0	5,3	7.2
6	773.4	768,3	6,3	10 0	14,6	12,3	5,9	8,2	0.1	0,0	7,0	9,8
7	773,2	771,5	13.4	8 3	17,3	12,8	11,3	6,3	0,1	0,0	5,5	5,2
8	772,0	773,1	8,2	8,6	10.8	14.4	8.2	7,5	0,1	0,0	6,7	5.5
9	770.2	773.8	6 9	10,3	12 9	14 4	6,3	7,5	0,0	0,0	7,5	7 5
10	770.9	771.8	8,2	12,4	12.7	16,1	6,6	10 2	0,0	0,0	8,5	8,8
11	771,5	768,0	7.0	12 3	12,3	14.9	5,6	9.5	—	0,0	4,5	8,3
12	772,0	762.6	8.0	8,8	13,4	10,6	6.3	8,8	0 0	0,0	7.3	10,0
13	774,0	760,2	9,0	9,9	15,3	12,1	6,2	7.9	0,0	3,4	6.0	8.2
14	772,6	759.9	9,5	9,1	14 9	11,6	6,1	6,7	0,0	4.5	6 8	8,3
15	773,1	760.4	8,2	2,6	14,1	9,5	6,8	1.9	0,0	0,4	7,5	8,5
16	775,0	757,5	9,0	5,7	14 2	9,5	7,8	4,6	0.0	—	7.5	6,5
17	770,9	743,3	9,0	5.6	11,9	8,5	7.7	5,0	0.0	10.2	6 5	9 7
18	772 0	747.6	6.9	5.7	11,5	8,0	6,6	4,9	0,2	7,8	8,5	10,0
19	771,2	745,4	11,5	8,0	12.7	10,1	11.0	4.9	24.2	5.4	5.2	10,0
20	770.9	754,6	11,5	6,0	12 2	9,0	10,9	5.1	7,3	5,6	5 5	10,0
21	770.6	759,1	11.1	7,5	14,8	13,5	10.6	6.6	2,9	1.3	2,5	9,5
22	769,1	748.7	14.9	11.1	16,9	12.2	13.2	8.5	12,1	27.0	8,8	10,0
23	770,8	764.8	15.3	10 0	16.1	12.6	13,1	7.8	10.4	2,8	7,0	9,3
24	771,2	766.6	14 2	11,7	16.1	14.7	13,0	9.9	1,0	0.4	7 5	10,0
25	769 8	760 5	10,7	11.0	15,2	11,8	10.4	8,3	0,0	12,5	4.7	8,8
26	769.2	763.8	11,8	10,0	15,7	12,3	11,9	7.7	0.0	5,1	4,8	10,0
27	769 2	765,2	14.6	10,6	15,6	13,4	13,0	8.9	1.2	0.4	8 0	9,5
28	771.1	764.3	15,2	13,7	17 2	14 6	14,1	12,5	1.6	34,9	7,0	10,0
29	771,8	768,3	14,5	13.0	17,6	15,4	14.0	11.7	1,8	5,1	5,7	8,2
30	768,4	770,0	13,8	9.7	15,7	12,3	11.4	8.7	0,0	0,2	7.5	6,3
31	770,1	768.8	11,0	9,4	14,0	12.8	10,1	8,6	2,7	0,0	9,0	5,5

SUMMARIO

VOL. II MARÇO — 1902 NUM. 10

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa **Preço 200 réis**

SUMMARIO

63 GRAVURAS

AVISO. — N'esta administração e nas nossas agencias vendem-se pelo preço de 400 réis capas em percalina, propiedade dos SERÕES, segundo a lei, destinadas ao 1 volume da Revista. Pela encadernação, de que tambem se encarregam, acresce mais 100 réis.

Chama-se a attenção dos compradores para a proveniencia das capas, devidamente marcada, afim de as distinguir de imitações grosseiras que tem apparecido no mercado.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a reducção do preço a **2$200 réis,** o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas, poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por:

Series de	**3 numeros**	**600**
	6 numeros	**1$200**
	12 numeros	**2$200**

Para o **Brazil** e paizes da **União postal**, por:

Serie de 12 numeros (moeda portugueza) 3$000

remettendo á administração dos **SERÕES,** em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia *directamente*.

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo de cobrança pelo correio

Typ. e impressão dos *Serões*, C. do Cabra, 7 — Editor. Thomaz Rodrigues Mathias

LOPES, LOURENÇO & C.TA

Proprietarios da **CASA AMIEIRO**

Confecções para homem e senhoras

Sortimento completo de tecidos de novidade

45, Rua Ivens, 47, 1.º

M. A. BRANCO & C.A

PAPELARIA PROGRESSO

LISBOA — 151, RUA DO OURO, 155

OFFICINAS A VAPOR: *Rua do Crucifixo, 60 a 66*

Gravura heraldica e commercial. — Carimbos de borracha. — Typographia e lithographia. — Bilhetes de visita

---

TABACARIA MARQUES

RUA DO OURO, 152

SEMPRE NOVIDADES!

Bolsas para tabaco e dinheiro.
Cigarreiras e Charuteiras, de cabedal e metal.
Bilheteiras e Carteiras, ultimos modelos.
Cachimbos d'ambar, espuma e raiz.
Boquilhas, legitimo ambar amarello e preto.
Boquilhas hygienicas Marques, com deposito para nicotina.

Revistas navaes, militares, theatraes e modas

Obras litterarias e romanticas

Portugal e a China ante a questão de Macau

Os recentes acontecimentos politicos da China, a revolta dos boxers, a intervenção das potencias, a penetração d'estas no isolado imperio asiatico, a lucta das ambições e dos interesses, teem chamado as attenções geraes para o extremo oriente e despertado natural curiosidade. Depois da partilha da Africa, veio a pretensão de dividir tambem a Asia. A habilidade diplomatica, a força das armas e a energia da especulação financeira teem sido postas á prova no ataque d'aquelle grave problema. No estrangeiro seguem-se com interesse os propositos de expansão colonial que Portugal se propõe realisar. O presente artigo dá noticia d'esta questão, para resolução da qual foi, ha pouco, enviado á China embaixador especial.

A ECLIPTICA envolve a Terra no enorme annel que marca o caminho apparente do sol em redor do globo. A civilisação portugueza, como esse circulo maximo da esphera, envolveu o mundo terraqueo, d'um a outro hemispherio; e o clarão que, em radiantes chispas de gloriosa aureola, se accendeu em Sagres, percorreu, n'uma fita de luz, toda a superficie terrestre e deixou illuminado o caminho que outros, depois de nós, seguiram, quando, fracos e desalentados pelas desgraças e amarguras, retrocedemos e tivemos de retirar ante a força e a energia da sêde de ouro dos traficantes flamengos e bretões.

Mas quanto lhes custou a tarefa da expoliação! Que o digam esses mares da Malasia, e as ondas do Oceano Indico — quantos cadaveres se sumiram nos seus abismos! Que o digam os palmares sussurrantes — quantos esqueletos encobrem as raizes das suas arvores e as terras encharcadas em nosso sangue e em nosso suor!

De Macau, Molucas, Ilhas da Sonda, Java, Malacca, India, Ceylão, Moçambique, Cabo da Boa Esperança, á Angola e ao Brazil, — n'esse enorme caminho que abrange os dois hemispherios—acções nunca vistas até então, marcaram, passo a passo, os escalões da heroica retirada. E esses homens, abandonados e sós, sem navios nem armamentos, conseguiram ainda assim disputar aos vorazes piratas os valiosos restos que ainda nos ficaram do grandioso poderio d'outros tempos. Mas no longinquo caminho que se viram obrigados a abandonar, ficaram duas sentinellas perdidas

que teem sabido conservar hasteado o pendão portuguez trapejando, como d'antes, ao sopro da brisa tropical carregada de aromas e ainda do estonteante olôr do não dissipado fumo dos combates que acabaram.

PANORAMA DE MACAU, TIRADO EM 189.. DO ALTO DA MONTANHA DA PENHA

A' direita do leitor: a «Bahia da Praia Grande»; no primeiro plano o «Matto do Bom Jesus»; á esquerda o «porto interior» com a «Ilha Verde». Ao fundo e á esquerda as alturas de «Chin-san», de «Passaleão» e de «Pac-seac»; a direita as fortalezas do «Monte», da «Guia» e de «S. Francisco», na ponta da Praia Grande. — As duas egrejas ao centro da estampa são as de «S. Lourenço» e de «S. José».

Essas sentinellas perdidas são Timor e Macau, que em vão teem soltado o grito de alerta que a mãe Patria não tem querido ouvir.

E foi preciso que os recentes acontecimentos que ensanguentaram a China provocassem a attenção do mundo, para que Portugal se lembrasse, e, ainda assim, tarde e a más horas, de que tinha deveres a cumprir para com esses abandonados restos do nosso poderio extremo-oriental.

A repentina nomeação d'um embaixador á China despertou a curiosidade do paiz, sempre entretido com as questões africanas; e repetem-se as perguntas, que, no fim de contas, não são para estranhar, em vista da ignorancia sobre o valor d'esses interesses por nós abandonados ha tanto tempo:

—Que necessidade tem Portugal de mandar um embaixador á China?

—Que interesses tem a defender no Extremo-Oriente?

Todos esses assumptos foram por nós largamente tratados em outro logar e com todo o desenvolvimento.

Diligenciemos, porem, dar aqui uma resumida idéa da questão, segundo o nosso modo de vêr.

*

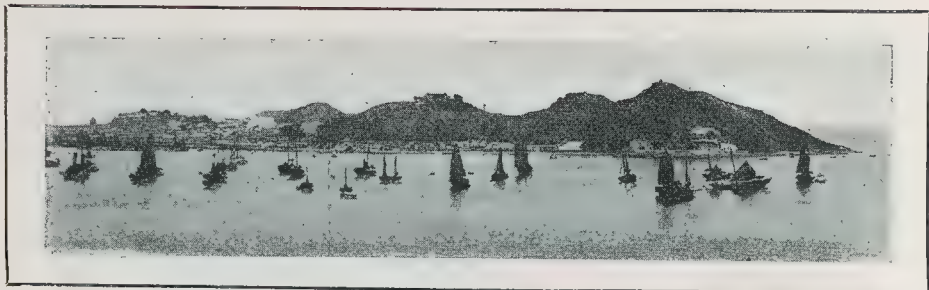
Logo depois das derrotas soffridas pelos chins, na rapida mas terrivel guerra que o grande Imperio teve de sustentar contra o Japão, e como paga dos serviços, mais ou

menos interesseiros, que as diversas potencias prestaram, quer a um, quer a outro dos belligerantes, — serviços de ordem meramente diplomatica, — a Allemanha, a Russia e a França, d'um lado, e a Inglaterra, d'outro, trataram de obter compensações territoriaes, e outras, á custa do vencido. D'ahi a occupação, á força ou por vontade, de Kiao-tchao pela Allemanha, de Porto-Arthur e de Talien-uan pela Russia, de Uei-hai-uei e de Kau-lum pela Inglaterra, e de Kuam-cheu-uan pela França. D'ahi a surda, mas terrivel lucta diplomatica travada em Pekim entre os diversos representantes das potencias, apoiados pelas respectivas chancelarias, quer a favor da chamada politica das *espheras de influencia*, quer a favor da politica da *porta aberta*.

Convem explicar bem, ainda que em rapidas palavras, o que sejam esses dois systemas de orientação da politica européa no Extremo-Oriente.

Quando a Allemanha occupou e depois obteve da China a cessão de Kiao-tchao, conseguiu tambem para a nação allemã o privilegio exclusivo de explorar as minas e os caminhos de ferro da provincia de Chan-tung. A Russia, apoderando-se de parte da Mandchuria, *terminus* do seu caminho de ferro trans-siberiano; a França occupando Kuam-cheu-uan e appetecendo as provincias de Yun-nan, de Kuangsi e de Kuang-tung, reservaram para si toda a liberdade de acção para a exploração industrial e commercial d'esses territorios, por meio de tarifas differenciaes e outras peias que poriam á introducção da influencia estrangeira. A propria Inglaterra, seguindo esses exemplos, chegou tambem a declarar que estabeleceria a sua *esphera de influencia* em toda a região do Yang-tze-Kiang, se a China chegasse a ser desmembrada; mas, vendo o perigo em que ia cahir (por se não lembrar de que na actualidade o commercio britannico abrange 65 % do total do commercio estrangeiro na China, e de que esse commercio não póde ser tão depressa supplantado pelo de outra qualquer nação) pensou então, e pensou bem, que, se consentisse na partilha da China em *espheras de influencia* entre as diversas potencias interessadas, o seu commercio declinaria, porque só ficaria livre de direitos differenciaes dentro da *esphera* que lhe ficasse reservada. Por isso, optou pela *politica de porta aberta*, que consiste em a China negar direitos e privilegios exclusivos a qualquer nação, conservando o Imperio Chinez aberto por completo á exploração de todas as nações estrangeiras, sem nenhuma excepção e tendo todos os estrangeiros eguaes direitos. Com isto tomou, na ap-

PANORAMA DE MACAU, TIRADO EM 189.. DO ALTO DO MONTE DE S. JANUARIO, ONDE ESTÁ ACTUALMENTE O HOSPITAL DE S. JANUARIO

A' esquerda do leitor a bahia da «Praia Grande», tendo na ponta da respectiva margem o forte do «Bom Parto» e a montanha da «Penha». Ao fundo, as montanhas da ilha da «Lapa»; a fortaleza de «S. Paulo do Monte» e o porto interior com a «Ilha Verde». No primeiro plano o edificio do recolhimento de «Santa Clara», os bairros de «S. Lazaro», do «Campo», etc.

Macau — Perspectiva do porto interior, tirada da Ilha da Lapa

parencia, uma attitude sympathica, ao mesmo tempo que servia os seus verdadeiros interesses, porque ficava toda a China aberta á sua concorrencia commercial, que, em egualdade de circumstancias, não póde ser supplantada pela de outra qualquer nação. O Japão e os Estados-Unidos da America, cujo commercio é tambem muito avultado, ainda que inferior ao da Inglaterra, optaram tambem pela *politica de porta aberta.* Logo, a Allemanha seguiu-lhes as pisadas e estabeleceu a franquia na sua nova acquisição de Kiao-tchao. Só a Russia e a França — a primeira por causa do seu caminho de ferro da Mandchuria (limitrophe do seu territorio siberiano) e a segunda em razão do seu commercio no Tonkim (limitrophe das provincias chinezas de Yun-nan, Kuang-si e Kuang-tung) contiuuaram optando pela politica das

Ilha da Taipa — Uma rua da villa

espheras de influencia. Isto passava-se de 1897 a 1899. Deviamos então ter feito ouvir a nossa voz, que bem poderia ser escutada por uns

Ilha da Taipa — Caes da villa

e outros, porque, quer se adoptasse definitivamente uma ou outra das duas politicas, a nossa attitude e os nossos interesses não iam de encontro a qualquer das duas orientações. E deviamos ter intervindo activamente em nosso favor logo que a Inglaterra, com o intuito de resguardar d'uma possivel aggressão a colonia de Hong-Kong, alargou extraordinariamente os limites d'essa colonia. Ao mesmo tempo uma nuvem de piratas cobria os rios e cursos d'agua secundarios dos deltas dos rios de Oeste e de Cantão, visinhos da nossa colonia de Macau; e até a imprensa ingleza, japoneza e americana, reconheceram e disseram que tinhamos direito de alargarmos os limites da nossa colonia — até *pela ilha de Hian-chan,* — para a res-

Ilha da Taipa — A fortaleza

guardarmos dos piratas e para policiarmos toda essa região que as auctoridades chinezas deixavam ao completo desamparo.

Não sabemos os motivos que determinaram a nossa abstenção, dadas essas favoraveis circumstancias. Seria porque, poetica e sentimentalmente, julgassemos que não deviamos imitar os *corvos* na feia acção de devorar o *cadaver chinez?* Mas se tal julgassemos, movidos pela mais sincera e humanitaria das intenções, esquecer-nos hiamos de que tinhamos ha longos annos pendente a questão da delimitação territorial de Macau; de que tinhamos esta colonia completamente cercada (e ainda está) pelo apertado cordão dos postos fiscaes chinezes, cobrando direitos, em contrario ás estipulações do tratado de 1887, até dos generos alimenticios consumidos na colonia, que era e é um *porto franco.*

Ilha da Lapa — Ponte na quinta de Choc-sin-tung
Gruta do genio dos bambuaes

Não nos lembrariamos de que da China só se podem obter as mais justas satisfações nas occasiões criticas, e de que, passados esses momentos de crise, nem a mais poderosa das nações consegue, sem empregar a força, vencer os addiamentos e subterfugios da diplomacia chineza. Esqueceriamos de que ha só um meio para se obter a acquiescencia dos diplomatas chins e de que esse meio é o supremo argumento do *facto consumado.* Teriamos perdido a memoria do que nos aconteceu em 1862, quando, não tendo querido concorrer com os *abutres*, logo depois da campanha de 1860, só fômos, com toda a generosidade,

Fortaleza de S. Thiago da Barra na embocadura do porto interior de Macau

tarde e a más horas, a Pekim (quando na China já quasi se apagára o mêdo aos *barbaros)* solicitar um tratado, cuja ratificação foi recusada em 1864, *no momento em que o nosso plenipotenciario se apresentou com a ratificação de S. M. F.* O pretexto era a questão de Macau, a eterna questão de Macau, que nunca soubemos ou quizemos liquidar senão depois de passadas as occasiões criticas — verdadeiros momentos psychologicos em que se póde achar echo nos corações, ou melhor .. nos ouvidos dos diplomatas chinezes. A occasião ainda voltou mais vezes, e ainda mais recentemente quando estalou a guerra contra os *boxers;* mas continuámos a desprezal-a, com aquella inconsciencia com que deixamos ir por agua abaixo tudo, só para nos pouparmos ao trabalho de estender o braço para disputar a presa á corrente...

Posto isto, e não valendo a pena fazer uma descripção geographica do que seja Macau (descripção que o leitor encontrará facilmente em trabalhos de outra indole) basta dizer que o nosso dominio effectivo na China se estende não só na peninsula da ilha de *Hian-chan,* onde está a cidade de Macau, mas pelas ilhas proximas da *Taipa* e *Co-lo-an.* Com respeito ás outras ilhas circumvisinhas — *D. João, Taivong-cam* ou *Montanha,* e principalmente a da *Lapa* — convem observar o seguinte.

Quinta da gruta de Camões, povoação de Patane e no segundo plano o porto interior e a Ilha Verde

Quando os portuguezes, depois do mallogro, em meados do seculo XVI, dos seus estabelecimentos no norte da China

Fortaleza de S. Paulo do Monte, cidadella de Macau

— em *Ning-pô* ou *Liampô*, e *Chin-cheu* — e no sul — nas ilhas de *Ta-mau*, *San-chuan* e *Lampacao* — se fixaram na peninsula de Macau, da grande ilha de *Hian-chan*, encontraram não só esta peninsula, como as outras ilhas proximas, desertas, aridas e inhospitas.

Não havia n'ellas vestigios de occupação chineza, nem de que, em tempos passados, fossem habitadas por chinezes ou por outro qualquer povo. Serviam unicamente de refugio aos audazes piratas, que punham a saque o commercio da proxima cidade de Cantão e a navegação de todo o mar da China meridional. Commandados por Chan-si-lao os barcos dos ladrões penetravam pelos rios Si-kiang e Chu-kiang e levavam a devastação ao interior de Kuang-tung.

O que as esquadras imperiaes não tinham até então obtido, conseguiram-no um punhado de portuguezes que, em pouco tempo, limparam essas ilhas de malfeitores, destruiram os barcos piratas, e prestaram á China o assignalado serviço que por diversas vezes haviam de repetir, e que, ainda no presente seculo, com assombro de toda a Asia, terminaram com a destruição da poderosa armada de Cam-pau-sai, que bloqueava a cidade de Cantão.

Concluida a destruição do poder de Chan-si-lao, déram os portuguezes em 1557 começo á fundação da actual colonia de Macau.

Não vale a pena discutir — nem que o quizessemos nol-o permittiriam as dimensões e a indole d'este artigo — se o imperador Chet-sung, em agradecimento e como recompensa pelos serviços prestados ao commercio e á navegação da China, nos cedeu ou não por documento escripto, a posse d'esses rochedos, aridos e inhospitos, que nós transformámos na bella cidade que hoje se ostenta n'esse recanto do Imperio Chinez; nem se o fôro annual, que por tantos annos pagámos á China, foi logo estipulado depois da occupação.

Quer houvesse ou não cedencia por escripto, o facto é que fômos os primeiros occupantes de Macau e das ilhas circumvisinhas. O que é certo é que começámos a construir na peninsula as fortalezas, sendo as principaes levantadas desde 1612 a 1638, sem que o governo chinez protestasse contra esse facto. Poderão não existir documentos escriptos; mas os verdadeiros documentos são esses montões de pedra sobre os quaes ha já tres seculos tremula a bandeira portugueza.

Isto com respeito á peninsula em que está a cidade. Com respeito á Lapa basta notar que n'essa ilha tivemos até uma bateria e occupação effectiva em toda a margem que diz para a cidade e em grande parte do resto da ilha, e ainda hoje não abicam a essa margem embarcações chinezas sem a necessaria licença passada pela capitania do porto de Macau.

Com respeito ás outras ilhas basta dizer que povoações inteiras pagam tributo ao governo portuguez.

De maneira que fômos d'esses territorios os primeiros occupantes, exercemos ainda hoje n'elles actos de soberania e ainda não estão reconhecidos como nossos taes territorios!

O tratado de 1 de dezembro de 1887, pretendendo regularisar a nossa situação na China, deixou pendentes as questões de delimitação que ficaram addiadas *sine die*. Plenipotenciarios dos dois paizes deveriam fixar esses limites, e emquanto o não fizessem ficaria tudo no *statu quo*. Mas o que não ficou como d'antes foi a cooperação que concedemos á China para a repressão do contrabando do opio. De maneira que temos n'um *porto franco* e sem alfandegas nossas, uma fiscalisação a favor d'uma potencia estrangeira!

Se, em troca, nos tivessem sido dadas compensações ainda se justificaria a nossa generosidade; mas só pelo simples favor do reconhecimento da nossa soberania na peninsula — reconhecimento que os proprios chins teem todo o empenho em não negar, para evitar que Macau passe ás mãos d'outra potencia mais poderosa e absorvente, — não se comprehende como tivessemos cahido no erro de negociar tal tratado.

A recente embaixada terá por fim e conseguirá remediar o erro e as consequencias que d'elle e do nosso imperdoavel desleixo tem resultado para os vitaes interesses da nossa colonia? Apezar de tarde ainda será talvez possivel remediar-se o mal, para o que o nosso embaixador, como é provavel, empregará os meios que o governo lhe terá indicado e que não virão certamente a publico tão depressa, pela reserva que se deve guardar em assumptos de tal natureza e magnitude.

Macau — Frontespicio em ruinas da egreja de S. Paulo
(Collegio dos jesuitas) — Curioso exemplar de architectura

E o recentissimo tratado anglo-japonez, em vez de ser para nós um mal, será, pelo contrario, um bem para a defeza dos nossos interesses, com o apoio da Inglaterra, hoje nossa alliada e preponderante no Extremo Oriente, cujos interesses não estão em desaccordo com os nossos. Nem a manutenção da integridade da China, n'esse pacto estabelecida, vae de encontro á reivindicação dos nossos direitos ou á delimitação de territorios que nos pertencem de facto ou de direito. E o *statu quo* imposto por essa alliança poderosissima, é-nos favoravel em vez de inconveniente, visto não devermos, nem o governo portuguez certamente quererá, fazer conquis-

tas nem obter territorios novos, mas simplesmente regularisar a nossa antiga situação territorial na China.

Pelos artigos por nós publicados ha mais d'um anno na revista *Ta-ssi-yang-kuo*, mostrámos quaes os interesses que deveremos salvaguardar em qualquer negociação com a China.

São em resumo os seguintes:

— Occupação da ilha da *Lapa* ou, pelo menos, das vertentes desde a margem fronteira a Macau até aos pincaros que dominam completamente a cidade e o seu porto interior.

— Reoccupação da ilha de *D. João*.

— Occupação da ilha de *Tai-vong-cam* ou da *Montanha*, cujos habitantes, antes e depois do tratado de 1887, teem pago tributos ao governo portuguez.

—Estabelecimento do *campo neutro* até ás montanhas de *Pac-siac*, ou, pelo menos, restabelecimento do que existia entre a *Porta do cêrco* e a fortaleza de *Passaleão* (tomada pelas nossas forças no memoravel dia 25 de agosto de 1849) abusivamente occupada ha poucos annos pelos chins.

— Reserva da nossa esphera de acção e interesses na ilha de *Hian-chan*, á qual Macau está ligado pelo isthmo da *Porta do cêrco*.

— Afastamento do bloqueio abusivo feito pela fiscalisação aduaneira chineza ao nosso porto, ainda que para isso seja necessario concedermos uma maior latitude á repressão do contrabando, sem que n'essa repressão, em nossas aguas ou territorios, tenha a mais pequena ingerencia as auctoridades chinezas, quer directa, quer indirectamente.

Macau — Sé Cathedral *(Modernamente reparada)*

Macau — Arco da Porta do Cerco — *Guarnecida pelos marinheiros da canhoneira «Zaire», por occasião dos tumultos em outubro de 1900*

Conseguido isto, teremos conseguido, sem offensa dos direitos e dos legitimos interesses da China, sem alteração do *statu quo* estabelecido pelo pacto anglo-japonez, o mais a que podemos legitimamente aspirar, sem que nos possam accusar de termos aproveitado da fraqueza do Imperio chinez para nos cevarmos no seu corpo como fazem as nações fortes e po-

derosas. E com esse modesto e honesto programma das nossas reivindicações, nem despertaremos a inveja d'essas nações que, pelo contrario, devem e hão-de querer proteger a nossa expansão pelo delta de Cantão, porque serviremos de *tampon* ás expansões ingleza (do norte para o sul) e franceza (do sul até ao *Rio d' Oeste*), inimigas e hostis, que, no seu caminhar em sentidos contrarios, fatalmente haviam de vir ás mãos. Houve tempo em que se julgava incompativel a conciliacão dos interesses de Macau, com os da proxima colonia ingleza de Hong-Kong; mas o tempo e uma melhor orientação teem mostrado que nunca a prosperidade de Macau poderia prejudicar a d'aquella possessão ingleza.

Macau é o centro distribuidor dos productos europeus pelos visinhos portos chinezes. Ora, Macau, pertencente a um paiz que não tem industria nem marinha mercante que possam, nem por sombras, competir com as da Inglaterra, desenvolver-se-ha em proveito proprio e de Hong-Kong porque, quanto mais prospero for, maior freguez será dos productos reexportados d'esse grande emporio do commercio europeu.

A Gruta de Camões (estado actual)

Os melhoramentos do nosso porto (ha tanto tempo projectados e postos de banda por causa da questão da margem da Lapa, que ainda não foi reconhecida pela China como portugueza) tambem não farão sombra ao de Hong-Kong — um dos melhores portos do mundo. Demonstrado assim que não só ha conveniencia para nós como para os estranhos, de que se liquide de vez a chamada *questão de Macau*, não ha senão que congratularmo-nos com o paiz por se ter tomado, ainda que um pouco tarde, a acertada resolução de defender os interesses portuguezes no Extremo-Oriente, ha tanto tempo abandonados sem proveito de ninguem, nem para a propria China que nada ganharia com esta questão pendente entre ella e Portugal, e talvez perdesse se a occasião apparecesse para um golpe de mão dado por uma nação mais forte do que a nossa.

E, liquidada a questão diplomatica, terá Portugal de tratar da questão economica e financeira de Macau, que não poderá eternamente viver unicamente de jogos e de vicios, á laia de sentinella perdida, que,—depois de ter ajudado a vencer os hollandezes em 1622, os piratas nos seculos XVI e XIX, e os chins no glorioso dia de 1849, — deixassemos abandonada e esquecida no nosso caminho de glorias, entretida com os dados e a jogatina e... com o cachimbo do opio estonteador, que prostra e enerva.

Fevereiro de 1902

J. F. Marques Pereira.

Moçambique — Um trecho da cidade

De Lisboa a Moçambique

Por ANTONIO ENNES

CAPITULO X

Moçambique — O monhé *(Continuação)*

Por outra parte os asiaticos assenhorearam-se dos sertões e do seu trafico. As suas casas espalham no interior uma alluvião de agentes ou clientes, que percorrem as povoações indigenas ou n'ellas se estabelecem, comprando quanto os pretos podem vender em troca dos artigos de que elles carecem. Onde ha um caminho frequentado, um centro populoso, uma varzea agricultada, lá está installada em tosca palhota, uma quitanda de *monhé*, e immensos bufarinheiros cruzam o paiz, a pé ou a cavallo, juntando aos punhados toneladas de amendoim, de gergelim, de copra, e vendendo ás braças fardos e fardos de tecidos, e aos fios caixas e caixas de contaria. Logares onde não se atreve a apparecer uma auctoridade portugueza, apparece e fixa-se um baneane ou um mouro; não ha perigos que o afugentem, insalubridades que o esmoreçam, privações que não affrontem. E estes pioneiros do commercio, sordidos mas intrepidos, humildes mas habeis, avidos mas proveitosos, sabendo infinitas girias para attrahirem e ludibriarem os negros, despresados e até maltratados mas sempre procurados por elles, refractarios aos maleficios do clima, afeitos ao aspero viver dos mattos, asseguram á sua grei, — muito unida para a exploração da provincia, — uma tamanha extensão de relações mercantis, clientellas tão numerosas, o exclusivo de tantos mercados, que os commerciantes europeus vão vendo a esphera das suas operações circumscrever-se de mais em mais, achando-se quasi redusidos a comprarem aos asiaticos os productos indigenas de exportação, admittindo-os assim como intermediarios, e a venderem aos habitantes europeus e ao Estado os artigos do seu consumo que a India não fornece. As proprias grandes casas estrangeiras exportadoras estão em sensivel decadencia.

E' pois, natural que os commerciantes asiaticos sejam considerados pelos seus rivaes como o cancro de Moçambique, e, realmente, ganham e não gastam, e quando se lhes arredonda a bolsa recolhem-se com ella á patria; mas tambem é certo que elles, productivos ou improductivos, são sempre os precursores da exploração dos sertões.

Em volta da capital e em todo o districto immenso de que ella é séde, para além das margens da bahia de Moçambique e fóra de alguns raros pontos do littoral onde o dominio portuguez tem representação official, são

os *monhés* e só os *monhés*, tão increpados e tão calumniados, que vão penetrando na massa das populações africanas, rompendo-lhes o isolamento desconfiado, incitando-as a produzirem para adquirirem, e até ás vezes incutindo-lhes—por interesse proprio—idéas de respeito e sujeição á soberania. Quando a auctoridade pretende insinuar-se ou estabelecer-se em regiões indomadas, ter noticias do que lá se passa, intervir junto dos povos ou dos regulos; quando precisa guias para uma expedição, informadores para uma exploração, auxilios para um castigo, medianeiros para uma transacção, linguas para communicações, raramente deixa de recorrer aos serviços de baneanes e de mouros, interessados pela sua segurança na dilatação e effectividade do dominio portuguez, — embora tambem algumas vezes esses primeiros occupadores e exploradores lhe opponham resistencias dissimuladas e concitem rebelliões abertas.

Os poucos commandos militares estabelecidos na costa do districto, desde que se desviam da bahia de Moçambique, como o de Moguiguole, tornam-se centros sem circumferencia, centros de auctoridade sem raio de acção auctoritaria, representações de soberania sem meios de exercerem direitos ou sequer influencia. Vivem para alli, em barracões de palha, um official subalterno, o commandante, que se entretem a curtir febres, e quando muito um destacamento de soldados, que cultivam feijão chibamba e o amor das pretas da visinhança. Estes commandos só commandam, na melhor hypothese, até onde alcançam as balas das espingardas, e servem principalmente para acostumar os indigenas a desrespeitarem os dominadores, por os vêrem de perto, no desalinho do viver cafrealisado, na fraqueza do seu isolamento, anemicos ou febricitantes como homens, como militares comprando pazes com *saguates* pobres, como governantes fechando os olhos a todas a indisciplinas dos governados. Todavia, esses mesmos simulacros de occupação, — que aliás seria facil converter em estações de auctoridade effectiva, — nem sequer tem sido estabelecidos em toda a parte onde promette ser mais proveitosa a exploração européa: lá está a formosa bahia de Fernão Velloso, a poucas leguas da capital, inteiramente abandonada aos indigenas e aos *monhés*, apesar das preciosas madeiras que lhe guarnecem as margens. Já lá houve occupação militar, ainda agora attestada por escombros de fortificações; hoje, porém, um commerciante emprehendedor de Moçambique, que se afoutar a explorar-lhe as florestas, precisa proteger a exploração comprando a acquiescencia dos negros, e são, principalmente os *monhés* que lh'a negoceiam e asseguram com a sua influencia.

❀ ❀ ❀

Para o sul da capital a unica povoação em caminho de prosperidade, o antigo Parapato hoje chrismado, é obra dos asiaticos.

Quem sae da bahia de Moçambique, e navega ao rumo de sudoeste, vae avistando uma costa baixa, coberta de denso arvoredo, fendida por boccas de rio chanfrada por enseadas, dentadas por promontorios de cujo perfil avançam para o mar baixios marcados pelas rebentações ou denunciados pela agua esverdeada que os cobre. Descoberta a extensa ponte de Bajona, um pratico reconhecerá o Infulsi, onde existe um posto militar, dará resguardo ao baixo de Moginquole, guardar-se-ha da mal afamada Barracuta, assignalará o rio de Santo Antonio ou Sangage, onde principiou o antigo districto de Angoche, fugirá d'outro banco muito ao mar, e, andadas mais de 80 milhas, começará a perceber pela amura de bombordo, se fôr muito agarrado á terra uma mancha escura no azul das aguas, que depois se desenhará á sua vista com os contornos e o alçado d'uma pequena ilha coberta de arvores altas e espigadas. E' a ilha de Mafamede, de que as cartas hydrographicas inglezas dizem encerrar a sepultura do sultão Hassan.

Este nome recorda uma tradição ethnographica e politica da região continental que defronta com a ilha. Em distantes tempos, um indigena de Zanzibar provavelmente suahili mussulmano, emigrou da patria em demanda de terras onde se estabelecesse e depois de obscuras peregrinações pela costa, que o levaram até Quelimane, desembarcou em Nhálока, ao sul da ilha de Angoche, e ahi pretendeu fundar um sultanato. Este homem era o Hassan, ou Hassani, que jaz em Mafamede. Logrou angariar proselytos á sua religião e ganhar subditos á sua improvisada soberania, entre os macúas que povoavam aquellas terras; mas afinal um regulo poderoso d'esta raça bateu-o, repelliu-o com os seus partidarios para Sangage, e o intruso veio a morrer decadente, dizem que em viagem, e os seus ossos foram enterrados na ilha onde os mouros ainda hoje os veneram. A familia e os companheiros de emigração de Hassan ficaram, porém, em Sangage, e d'elles descendem um povo distincto dos macúas, que se espalhou por muitos pontos do districto de Angoche, e que alguns escriptores asseveram ter direito exclusivo á denominação de *monhé*, que aliaz se tornou commum, no uso correntio da provincia, a todos os mouros, quer africanos quer

asiaticos. O idioma d'esses *monhés* suppostos genuinos, ainda hoje se assemelha tanto ao suahili, que as differenças entre um e outro, podem explicar-se, se não por meras corrupções, por evoluções independentes.

Não são, porém, os descendentes de Hassan que preponderam nas terras fronteiras a Mafamede; são os macúas, e os seus regulos desconheceram durante seculos a dominação portugueza, e nem quasi tiveram com elles senão relações fortuitas até 1865, em que, depois das campanhas de José Bonifacio contra o Mussá-Quanto, se creou o districto de Angoche. A auctoridade portugueza nunca deixou, porém, de ser precaria n'estas paragens.

Esse Monhé Chande fallava como quem tinho mando e imperio em Angoche: declarava ter ás suas ordens quinze regulos com que saberia defender o novo sultão e manter a ordem, e pedia que lhe dessem auxilios de armas e polvora e permittissem a alguns navios irem commerciar ao porto. Mas a situação politica que estas relações caracterisam transformou-se rapidamente. Em 1855, os sultões de Angoche consideravam-se independentes, e até inimigos dos portuguezes. Um d'elles, outro Hassan ou Hassani, mandou expedições acaudilhadas por seu irmão Mussá-Quanto, talarem as margens do Chire e o Quizungo, e foi então que um morador de Quelimane, José Bonifacio Alves da Silva, grande proprietario com brios de guerreiro, emprehendeu com os seus sipaes, e algum auxilio das auctoridades, acabar com o sultanato de Angoche, que era um ninho de pirataria e escravismo. José Bonifacio morreu no assalto, victorioso, da ilha, ao vadear o rio, e conta-se na terra que, tendo recommendado que o levassem para Quelimane, os seus negros fieis salgaram o cadaver para o conservar durante a jornada. Um irmão d'elle, Victorino Romão, concluiu a empreza. Possuimos de facto a ilha, dentro do rio, e á entrada d'elle, no Parapato, estabelecemos um posto militar e arvoramos a bandeira nacional; fóra d'ahi, apenas pouco temos estabelecido relações, mais de amizade e de commercio que de soberania, com regulos visinhos, e especialmente com os que se temiam do poderoso Mussá-Quanto, como os de Imbamella e o de Sangage. Nas terras d'este ultimo existiam um commando militar e um posto aduaneiro.

Demanda-se a barra do rio de Angoche enfiando por um canal pouco profundo, escavado n'um extenso baixo que uma boia assignala, com a prôa posta n'uma marca firmada em terra, n'uma ponta vestida de arvoredo; dobra-se depois essa ponta, e surge-se n'uma vasta bacia, quasi sempre coalhada de pangaios, que se empregam no trafico da localidade, de Sangage a de Moma. Quando lá entrei, eram tantas as embarcações costeiras que no seu abrigo se haviam guardado d'um temporal, que os apparelhos formavam emmaranhada selva, d'onde rompiam, soberbos, os mastros de dois navios do Estado, um hiate veterano que só navega no orçamento provincial, e uma galera mercada para paiol de polvora. Na margem esquerda fica a villa de Antonio Ennes, e eu desvaneci-me com o aspecto da minha afilhada homonyma. Está assente na encosta d'uma collina, em cujo cimo tremula a bandeira portugueza na frente d'um vasto edificio, e d'ahi para baixo espalha-se casaria encrustada em verduras, apparecendo frontarias brancas por entre grupos verdenegros de mangueiras, e balouçando-se pennachos de palmeiras sobre telhados de encarnado vivo; ao nivel do mar estende-se o perfil d'um caes sobre extenso banco de areia e lodos. E' um panorama de muita côr; é um panorama de muitas promessas.

Mas não lhes correspondem as realidades. O caes está por concluir, e nem sempre dá desembarque. A povoação é arruada, sim, com seus largos arborisados, mas composta de casinholas humilimas, algumas só de madeira e zinco, muitas de *matobe*, raras de pedra e cal, todas alegremente pintadas, é certo, mas sem disfarçarem a pobreza com a alegria e as deformidades do desenho com a crueza das tintas. Os edificios publicos não se fazem invejar pelas habitações particulares. O governador vive e tem a secretaria n'uma casa acanhada, que só ha pouco foi assoalhada com madeira que parece de caixa, e cujas paredes descobrem, por detraz do branco que se descolla, o seu escuro miolo de terra e ramas. As repartições acotovellam-se n'um pardieiro, que tambem empresta piedosamente um dos seus compartimentos para egreja parochial; aos dias santificados, pendura-se uma colcha na parede caiada, encosta-se-lhe uma meza enroupada em altar, e os negros mussulmanos, que espreitam pelas vidraças partidas das janellas, não querem crêr que os christãos alojem um Deus n'aquelle tugurio, onde ainda na vespera lhes apanharam algumas rupias de licenças. O edificio sobranceiro á povoação, que tanto alardeia a quem o vê do mar, é o quartel do destacamento; entrado, revela-se misero barração, mal vedado ás chuvas, com o esqueleto de páus encascados desnudo e negro. Só a camara municipal tem uns paços casquilhos, alinhados, de construcção fresca, porque só ella é rica, e da sua riqueza participa o cemiterio, murado, sobre cujo portal topeteia uma cruz de floreada talha de madeira, verdadeiro trabalho artistico, esculpido na localidade.

Do alto da collina avistam-se dilatados campos, de arvoredo rallo, animados por magotes e fileiras de palhotas, plantadas á beira de quintalejos de mandioca e feijão.

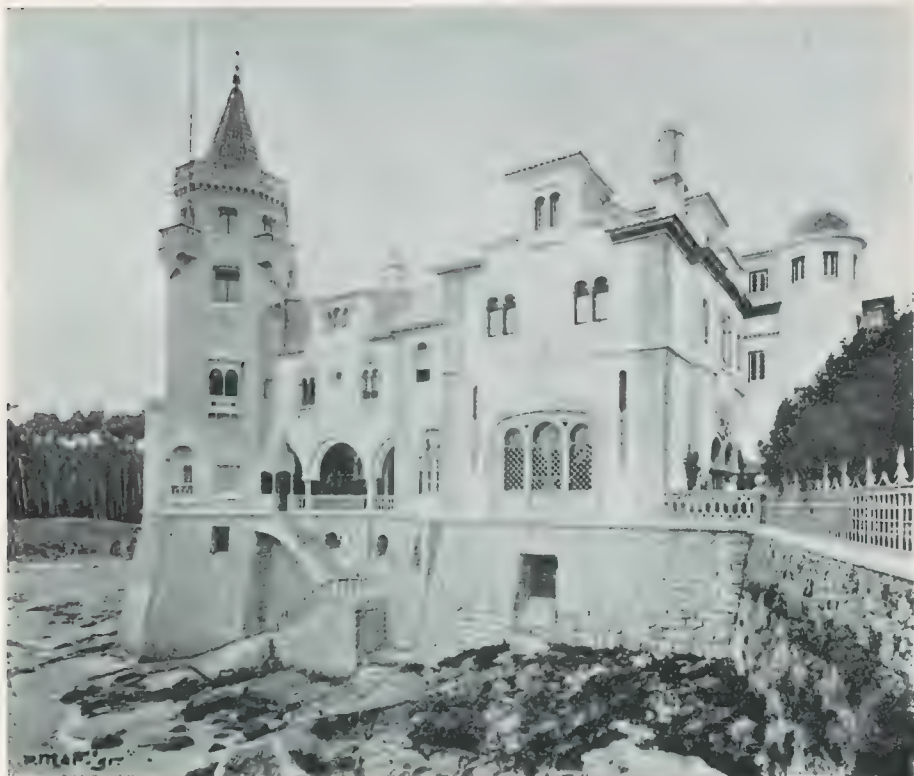
Tudo aquillo é mesquinho e reles, mas o districto é aquillo, porque a ilha de Angoche decahiu desde que em 1881 lhe tiraram a séde do governo, e Sangage nada vale, e o que lá ha é obra dos asiaticos. Antonio Ennes não passa d'um grupamento de quitandas de *monhés*, feitas para durarem mais algum tempo do que os do matto, e sujeitos a uma certa regulamentação municipal. Nem ha lá outra gente, a bem dizer, além dos indigenas. Os europeus são meia duzia de empregados publicos. O corpo commercial compõe-se exclusivamente de baneanes, batiás e mouros. A unica funcção e a unica rasão de ser da villa, são o commercio de sementes oleoginosas, entabolado entre esses furavidas e os negros das regiões circumvisinhas. Elles e só elles é que juntam as dezenas de milhares de saccas de amendoim e gergelim que cada anno saem pelo porto. Para isso espalham-se pelo interior, introduzindo-se em territorios fechados e vedados aos europeus, como são os de Moma, Matelane e Maribone cujos regulos já algumas vezes se têem avassallado, mas não querem comprehender que da vassallagem lhes advêem deveres para com o suzerano, nem consentem que lhes vão fallar em taes deveres. Só os asiaticos tiram d'esses territorios algum proveito, para si e para o Estado, e tiram-n'o á força de diligencia e de audacia, com perpetuo risco de serem mortos ou roubados. Nenhum europeu se afoutou ainda a fazer-lhes concorrencia n'esta exploração aventurosa, apesar de se dizer que deixa fabulosos lucros. Effectivamente, os exploradores pagam á camara municipal quantiosas licenças, licenças para se estabelecerem ou traficarem onde a auctoridade portugueza não lhes pode conceder a minima protecção, pagam direitos pelos generos que exportam, começaram ha pouco a pagar contribuições geraes directas, e apesar d'isso, muitos têem já enriquecido, e a colonia indiatica augmenta-se quotidianamente.

Se acabassem o amendoim e o gergelim, as auctoridades poderiam fechar as portas do districto de Angoche, metter as chaves nas algibeiras e recolher a Moçambique. A sua unica missão é fiscalisarem, policiarem e tributarem o commercio d'essas sementes. Além d'esse commercio nada se faz. Não ha agricultura, senão a dos negros. Quasi não ha propriedade regular, senão a dos casinholos da villa. Não se sabe o que seja industria. Em Antonio Ennes, além dos depositos das mercadorias de exportação só ha umas lojitas de má morte, tambem de asiaticos, onde se vendem miuçalhas do consumo indigena e alguns comestiveis para brancos. E como tambem não ha dominio effectivo senão no solo que os dominadores pisam, os serviços publicos são d'uma simplicidade tocante. O parocho accommoda todos os seus freguezes no cubiculo onde officia, as escolas primarias dos sexos masculino e feminino pedem alumnos por obsequio; a alfandega só tem serviço n'um dia ou outro, em que entram ou sáem navios; o governador do districto, a que na provincia chamam regedor, e que foi ha pouco substituido por um commandante militar, commanda um destacamento de dezoito ou vinte praças, e alguns sipaes contractados a 10 réis por dia. Só a camara municipal tem que fazer, tem importancia, e tem dinheiro, por isso que é ella que dá licenças ao commercio, a esse commercio que é toda a vida economica e a unica funcção social do paiz, e até o principal por não dizer o exclusivo meio de influencia de civilisação sobre os indigenas.

Mas Angoche tal como é, — o seu trafico já vale centenas de contos de réis, — fez-se em pouquissimos annos e fez-se com pequenissima despeza do Estado, a não ser a das guerras com o Mussa-Quanto. O governo central não lhe deu um palmo de estrada, nem uma ponte, nem um pharol, nem sequer communicações frequentes e regulares com o resto da provincia, nem ao menos segurança, e até desviou para a alfandega de Moçambique os proventos da sua importação. Se nas trezentas milhas de costa que se prolongam entre Moçambique e Quelimane ha uma povoação que não é apenas um amontoado de cubatas, se ha um porto commercial, se ha um centro de auctoridades, tudo se deve aos asiaticos, tudo sahiu das algibeiras dos asiaticos, d'esses asiaticos que a rivalidade dos negociantes europeus e a irreflexão de algum homem de estado teem lamentado não poderem expulsar da Africa oriental.

Como elles seriam vingados com a decadencia da provincia, se os expulsassem!

FIM DA PRIMEIRA PARTE

(Continúa).

Palacio do Ex.mo Sr. Jorge O'Neill, em Cascaes — Fachada para o lado do mar

CASA PORTUGUEZA

RENOVAÇÃO NA ARCHITECTURA NACIONAL

A architectura, sendo, — como é —, a mais fiel expressão do viver do homem, só pode revestir um estylo definido e caracteristico nas epocas em que haja unidade d'ideias e sentimentos.

Ora o seculo XIX, que foi por excellencia um seculo de lucta, conseguindo emfim ver o triumpho do movimento d'emancipação começado com a Renascença, foi tambem por excellencia um seculo de anarchia intellectual, — assistindo á resurreição de numerosas philosophias, theorias e crenças dos tempos passados, ao apparecimento de muitas outras novas e ao combate de umas contra as outras; organisando em bases firmes a sciencia dos tempos idos e a dos tempos futuros d'aquem e d'além mundo, e vendo o dogma e o preconceito queimarem os ultimos cartuxos contra a sciencia e a industria, as duas irmãs gemeas, indifferentes e triumphantes rainhas do mundo, — a despeito dos Brunetière e outros philosophos cabeçudos e de vistas curtas.

A architectura do seculo XIX, reflectindo, como não podia deixar de ser, essa anarchia dos espiritos, é uma architectura multiforme, em que se vêem representados todos os estylos dos seculos anteriores e apparece um grande numero de elementos de um estylo novo, que passou ao seculo XX quasi completamente formado.

Aos factores ordinarios e racionaes de uma obra architectural, — dependentes das condições da paisagem e do clima, das necessidades que ella tem de satisfazer e dos materiaes a empregar, — juntaram-se varios outros, substituindo aquelles muitas vezes e prejudicando-os sempre, e que foram: a influencia do ensino da architectura classica ministrado sem discernimento pelas Acade-

Trecho da fachada para o lado do mar

mias; a influencia do movimento do Romantismo a favor dos antigos monumentos, que, tendo começado especialmente pelos da epoca ogival, se estendeu aos da architectura byzantina, romanica, etc.; a influencia das viagens baratas e da vulgarisação da architectura dos diversos paizes pelas exposições universaes e pela imprensa; e, finalmente, a influencia da vaidade humana n'estes tempos d'exterioridades e ostentações, em que se fazem fortunas a vapor e em que os escrupulos sobre os meios de as adquirir quasi desappareceram de todo, juntamente com o obsoleto e tradicional *pé de meia* dos nossos avós.

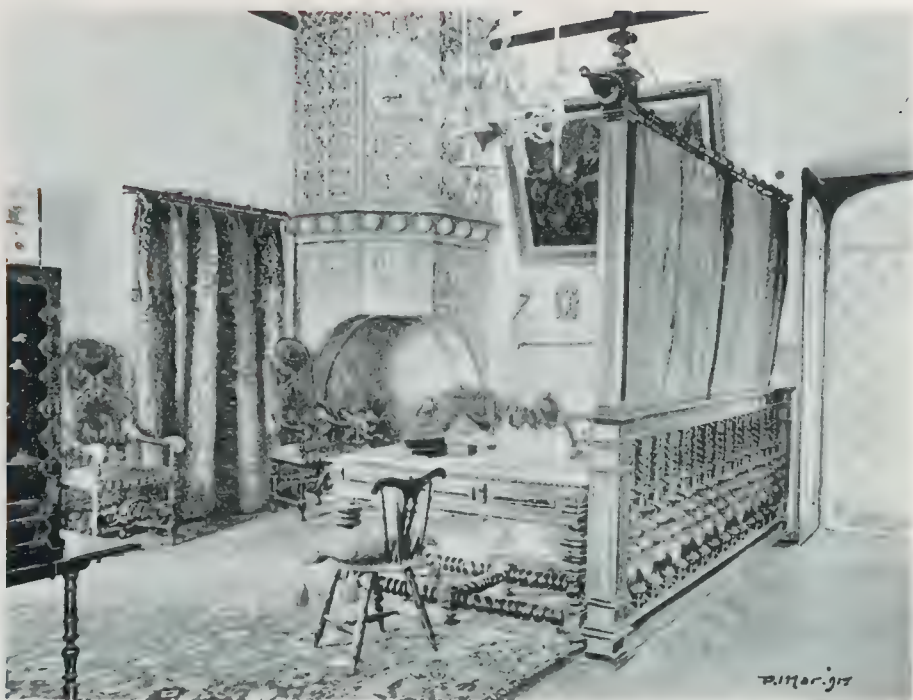
E assim foi que no seculo XIX se construiram pela primeira vez edificios essencialmente irracionaes, desprezando-se os mais elementares principios da arte e do senso commum, não se attendendo sequer ás commodidades mais indispensaveis, pois é vulgar ver em paizes quentes casas imitadas dos paizes frios e vice-versa.

E' assim que nós vemos ahi pela capital e arredores amostras, mais ou menos fieis, da fortaleza medieval, do *château* e do simples *castel* francez, do *cottage* escossez, do *chalet* suisso, etc. E' assim que vemos um gazometro e um ascensor em estylo gothico e uma estação de caminho de ferro em estylo manuelino, com portas em forma de ferradura; é assim que vemos a lousa substituir a telha nos telhados e até nas aguas furtadas, onde se usava tão pittorescamente a telha pintada; e vemos varias torrinhas cobertas, não de azulejos ou telhas vidradas, como antigamente, mas de folha de ferro ou de zinco pintada de preto, parecendo grandes apagadores, — como os telhados de lousa dão aos predios o aspecto de estarem de chapéo na cabeça... Em Portugal o mal foi maior do que nos outros paizes em razão da maior ignorancia geral em assumptos d'arte.

No meu tempo ainda nenhum ministro do reino acompanhou el-rei á abertura das nossas exposições de bellas-artes nem me consta que se tenha dignado dar-lhes a honra da sua visita; e conta-se que uma das poucas vezes que um deputado quiz mostrar conhecimentos d'arte na camara respectiva enfeixou os famosos frescos de Raphael com as ruinas de Pompeia!

Quanto á ignorancia do publico menos illustrado, d'ella dão um testemunho desolador as phantasias estramboticas que *exornam* os novos edificios das estações de villegiatura: casas que parecem gaiolas, outras semelhando caixotes; n'uma as portas e janellas é tudo aos pares; outra com um pulpito na esquina, no qual a gente está á espera de ver apparecer o proprietario a prégar... aos passaros; janellas geminadas, em que uma pessoa só póde assomar-se por partes, — meio corpo de cada lado; torreões cobertos com um bonnet de jockey, outros com apagadores e outros guarnecidos superiormente de pedras de cascata; telhados defendidos por peças d'artilharia!... Emfim, a phantasia desregrada, o mau gosto e a pretensão expandindo-se descaradamente...

Detalhe da porta da torre

Outra circumstancia ainda tem concorrido para desnaturar e desnacionalisar a nossa architectura moderna, — a demasiada permanencia (vae até 7 annos!) dos nossos pensionistas em França, d'onde, naturalmente, veem fazer entre nós architectura franceza (Vejam-se, por exem-

Sala de entrada — Chaminé de canto

plo, os numerosos projectos de casas publicados nos dois volumes da *Construcção Moderna:* quasi todos são de estylo francez), quando tanto pela razão da similhança do clima como pela economia (aproveitando-se o Instituto de Santo Antonio em Roma) elles deviam ir antes para a Italia.

Ha muito que lá fóra se faz uma activa propaganda em favor dos bons principios e do regresso á architectura tradicional ou regional. Tendo cada região uma architectura propria, em virtude das suas condições especiaes de clima e modo de vida dos seus habitantes, e sendo de evidente conveniencia saber como fizeram os nossos antepassados para aproveitar d'elles o que fôr razoavel, é claro que para fazer architectura racional todo o architecto deve conhecer a architectura tradicional da região em que tiver de trabalhar.

Comprehende-se bem que as casas construidas nas diversas provincias de Portugal nos tempos em que o proprietario se preoccupava, não com a vaidade de possuir uma casa mais bonita que as dos seus visinhos, mas com a necessidade de ter uma habitação onde vivesse commodamente, devem patentear caracteres differentes segundo a differença das regiões, e ao mesmo tempo similhantes em cada região. O architecto moderno dispõe de recursos novos, tanto em sciencia como em materiaes. A vida hoje tambem não é a mesma d'outros tempos; e as suas necessidades são, portanto, diversas d'aquellas a que tinham d'attender os nossos antepassados. Mas o clima, esse é que não mudou; e d'elle depende essencialmente a forma na architectura. O conhecimento dos typos de construcção das diversas regiões de um paiz é hoje, por isso, considerado em toda a parte tão necessario a um architecto como qualquer outro dos que constituem a arte de construir.

Pelo governo francez foi ha tempos ordenado, sob a direcção do *Comité des travaux historiques et scientifiques*, um inquerito sobre as condições da habitação em França [1], do qual estão publicados já dois volumes (1894-1899). E em 1899 um deputado pedia a creação de escolas regionaes de architectura, porque, dizia elle, «l'art doit s'inspirer des traditions locales pour arriver à réaliser des œuvres qui portent la marque du génie de la France architecturale». Na recente reforma da Academia de Bellas-Artes de Lisboa vem um artigo, segundo o qual «o governo subsidiará alumnos do curso de architectura para

[1] *Enquête sur les conditions de l'habitation en France. Les maisons types. Paris*, *Ernest Leroux*.

em viagens pelo paiz estudarem os monumentos da arte nacianal.» Apezar de que os reformadores só pensaram em «monumentos,» como os alumnos verão tambem as «casas,» não importa a omissão.

Por outro lado varios orgãos da imprensa teem nos ultimos tempos advogado a causa da architectura tradicional portugueza; e a propria *Construcção Moderna*, a que acima me referi, e que conta entre os seus collaboradores um fervoroso adepto d'essa causa, — o sr. Raul Lino [1] —, iniciou nas suas columnas uma secção intitulada *Architectura pittoresca*, ou *Arte tradicionalista* para a vulgarisação, por meio de reproducções (ainda que muito reduzidas) acompanhadas de notas descriptivas (ainda que muito ligeiras) dos especimens interessantes da architectura portugueza tradicional (e não tradicionalista...).

O primeiro, creio eu, a protestar contra o deboche de chalet-mania, que envergonha as nossas praias aristocraticas, foi o sr. conde d'Arnoso com a sua casinha de Cascaes; mas esse protesto não teve repercussão, talvez porque d'ella o melhor só pode ver-se do mar, e o que vê quem passa pela estrada é, a bem dizer, insignificante. Mas não succedeu o mesmo com a casa do sr. Manuel Gomes no Mont'Estoril: essa deu nas vistas a toda a gente e fez escola. Pela sua altura, pela sua magnifica posição e pelo contraste com tantas casas feias, ridiculas e até horriveis, que enxameiam n'aquelle bairro elegante (que pelos nomes das ruas parece pertencer a uma colonia franceza), não podia deixar de dar no gôto aos que passavam, e que naturalmente diziam comsigo:

— Pois póde fazer-se uma casa tão bonita sem ser *chalet*, nem *villa*, nem castello feudal? Uma casa tão bonita sem ser antiga nem estrangeira!? Ora não ha!

O palacio do sr. Jorge O'Neill em Cascaes, construido pelo mesmo artista que edificou a casa do sr. Manuel Gomes, terá de certo uma influencia ainda mais decisiva, tanto pela sua excepcional importancia architectonica, como pela sua situação á beira da estrada que conduz á famosa Bôcca do Inferno, ponto obrigado de visita para quantos fazem uma excursão a Cascaes.

[1] A predilecção d'este architecto pela nossa architectura tradicional explica-se pelo facto d'elle ter estudado na Allemanha com o sr. A. Haupt, o auctor de um importante trabalho, profusamente illustrado, sobre a architectura da Renascença em Portugal, e que a miude visita o nosso paiz em demorado estudo. O sr. Lino estreou-se, quando regressou á patria, com um bellissimo projecto de edificio para a secção portugueza na ultima exposição de Paris, ao qual o jury respectivo preferiu, infelizmente, outros projectos.

Sala de jantar

Grande salão

Detalhe dos portaes

Ninguem, me parece, ao ver a elegancia e distincção da vivenda do sr. Jorge O'Neill, e comparando-a mentalmente com a picaresca (e não pittoresca) chaletzada que se estende de Pedrouços até Cascaes ao longo do caminho de ferro, deixará de se convencer de que o *chalet* é, não só um contra-senso em Portugal, mas ainda muito inferior sob todos os pontos de vista á casa portugueza quando ella seja feita por um artista.

Quanto á sua importancia architectonica, o palacio do sr. O'Neill em Cascaes é sem duvida a obra particular mais valiosa de quantas, do meu conhecimento, se teem construido em Portugal nos ultimos trinta annos.

Janella e chaminé de sala

Entre as suas qualidades vê-se que o seu delineador deu o primeiro logar ao caracter genuinamente portuguez dos elementos decorativos, aproveitando até, como lhe cumpria, os elementos locaes. Não ha ali nenhum elemento ou detalhe de ornamentação ou decoração que não seja copiado ou inspirado na architectura portugueza.

A essa qualidade accresce a perfeita apropriação do edificio ás condições do local e ás necessidades dos seus habitantes, concorrendo a expressão exterior d'essas necessidades para a ornamentação geral, como mandam as regras da arte; e accresce mais a ligação harmonica dos seus corpos componentes e o bello aspecto das suas fachadas principaes, de um pittoresco grave e altamente distincto.

Como os leitores não podem avaliar bem o edificio, porque para isso seria necessario maior numero de gravuras, direi que o seu auctor foi especialmente feliz no desenho da porta principal (que na vista exterior se vê á direita, de escorço), no da porta para o terraço do alpendre (não reproduzida) e no da torre, todos elles originaes; nos cachorros dos balcões superiores da torre, inspirados da torre da igreja das Caldas da Rainha, mas invertidas, isto é: emquanto aqui representam uma secção, lá são uma saliencia; e ainda a esplendida casa de jantar, com a sua bella abobada artezoada e as suas admiraveis vistas, de um lado para o mar e do outro para o arvoredo do parque Penha Longa.

Tem elle defeitos tambem, é certo; mas são de pouca monta attendendo ás suas qualidades. E quando se disser que foi esta a segunda obra architectonica do seu auctor, é força reconhecer que este revelou uma verdadeira aptidão para a architectura, — aptidão que talvez nunca se manifestaria se um seu amigo se não lembrasse de lhe pedir o desenho de uma casa!

O auctor da casa do sr. Manuel Gomes no

Mont'Estoril e do palacio do sr. Jorge O'Neill em Cascaes é o sr. Francisco Villaça, geralmente conhecido pelas suas pinturas, mas de quem os seus amigos e os amadores d'arte em Lisboa conhecem ha muito as multiplas aptidões. O sr. Villaça é um dos nossos mais illustrados artistas. E um artista que tem bibliotheca!...

De resto, sendo provavel que a outros cause espanto, como me causou a mim, que um simples pintor construa uma obra como o palacio do sr. O'Neill, eu direi o que elle me disse a mim quando lhe expressei o meu espanto, e é que elle cursou a escola d'architectura de Paris; e tanto que executou alguns trabalhos para o illustre Charles Garnier quando este andava edificando a Nova Opera. Não é, pois, leigo em architectura; não é um simples pintor.

Francisco Villaça

A elle dará o futuro o primeiro logar entre os renovadores da architectura portugueza do nosso tempo. Mas, como as duas bellas construcções do sr. Villaça tambem honram extremamente quem as encommendou, o futuro archivará juntamente os nomes dos srs. Manuel Gomes, que mandou fazer a primeira, e o do sr. Jorge O'Neill, que mandou fazer a mais importante.

Tão importante que, no nosso meio, só poderia mandal-a edificar um homem que, como elle, reunisse, em rarissimo conjuncto, uma grande fortuna, um grande nome, um espirito superiormente culto e uma alma d'artista.

Na bella vivenda do sr. Jorge O'Neill fica perfeitamente bem a altiva divisa do brazão d'armas dos seus maiores: *Cælo, solo, salo potentes* = Poderosos no céo, na terra e no mar.

João Sincero.

Claustro e pateo interior

MARTYRES

EPISODIO DA PERSEGUIÇÃO DE DIOCLECIANO

Capitulo VIII — Perseguidos e perseguidores

Pelos grandes vãos da columnada do triclinio, em que Cesar se banqueteava, e cujas cortinas se achavam corridas para deixar entrar o grande ar, e sairem as baforadas dos perfumes, passavam os clamores das saudes, os sons dos instrumentos e dos canticos com que se ia passando o longo comisassio, e um rumor confuso de todos estes ruidos chegava ás vezes, em echos sumidos e vagos, á masmorra de Romano.

Terminada a comida, o flamine e a flaminica, os sacerdotes e sacerdotisas retiraram-se. As cadeiras, em que estes convivas rituaes se tinham sentado, foram afastadas, e as bailadeiras syriacas, enfeitada a cabeça com a bicuda mitra asiatica, entraram na sala do festim e deram começo ás danças simultaneamente lubricas e langorosas.

Galero, incapaz de conversar sobre arte, de especular em philosophia, de se encantar com a cadencia rythmica dos versos, de ouvir comedias por mais obscenas que fossem — receando em cada verso um chasque ou uma ironia — aborrecendo-o os mimicos, além d'isso beberrão, dissoluto e feroz comprazia-se d'ordinario com as danças aphrodisiacas dos orientaes, com as luctas de gladiadores, com as musicas estridulas. Mas, naquella noite, mal as danças tinham começado que as mandou retirar, e só demorou os musicos, que pareciam por vezes tira-lo do turpor sombrio em que se achava abysmado.

Os seus companheiros predilectos, por temperamento e abjecção, guiados pelo mesmo pensar, debalde procuram e inventam diversões que lhe façam esquecer o acto sacrilego de que fôra victima. Mas como não podessem arranca-lo á odiosa obsecação, cada qual a seu modo trata de excitar nelle o odio contra o diacono.

Licinio, seu confidente e amigo, habil militar, mas do qual o menor defeito era a avareza, propunha com grosseira chocarrice que Romano fosse trazido á sala do festim e que nelle um dos lotes dos mais negros escravos cevasse infamias lascívias.

Galero fez um gesto de repulsão; não de instincto, mas por uma certa urbanidade adquirida na côrte do sogro, meio já ficticio, com requintes de elegancia e de distincção palaciana, onde era grande a compostura e a gravidade. Sabia-o Licinio, mas tentava vêr se faria esquecer o cesar, e animar o soldado. Caracter duro e irritavel, alma feroz e cruel, baixo de instinctos, não se lhe dava de assistir em publico ao infame espectaculo que constituia o seu prazer predilecto. Além d'isso suppunha o diacono um homem lido em livros, e a sua aversão pelas lettras, que desprezava a ponto de lhes chamar: veneno e peste publica, influiam mais para assim querer aviltar o diacono, do que verdadeiramente o caso religioso, que pouco menos lhe era que indifferente.

Severo, outro intimo, sempre prompto a adular, docil em cumprir qualquer ordem, por mais monstruosa que fosse a sua execução sorria-se para Licinio e interrogava Galero com a vista, mudo no meio do turpor dos convivas e do meio silencio d'estes cortado pelos arrotos d'uns, ou pelas ancias dos vomitos de outros.

Dasa, o sobrinho predilecto, — que só tinha a superstição que lhe excedesse em vicios — receava que a presença d'um desprezivel christão contaminasse a athmosphera onde respirava o magnanimo principe, em cuja presença não pode nem deve haver senão perenne adoração. Mas Galero calava-se.

Licinio deu uma ordem ao chefe dos escravos, e dentro em pouco sairam de diversos pontos da sala finissimos repuchos de agua safronada, que, elevando-se a uma grande altura, caiam depois sobre os convivas n'uma polvorisação fresca e odorifera.

Galero, pareceu respirar por momentos aquella inesperada frescura consoladora; mas de novo ficou taciturno e torvo. Bebia, bebia, sem dizer palavra, respirando a custo, e como que estrangulado por vezes. O braço esquerdo sobre que se reclinava entorpecia-se-lhe a miude e quasi que se lhe insensibilizava, obrigando-o a mudar de posição, o que lhe não era facil, pelo obesidade de todo o seu corpo, que mal se accommodava dentro na tunica solta. De repente, num impeto de raiva, rasgou e atirou para longe de si a syntese de linho que lhe protegia o vestido, e arredou com tedio as flores que formavam uma odorifera camada sobre os cochins do diclinio.

As candellas de cêra iam já curtas, a athmosphera morna da noite concorria para tornar mais pesado o ambiente da sala, saturado com a fumaça das luzes, e a fumarada dos perfumes resinosos. Os convivas estavam entorpecidos pelos vinhos, e tinham já caidas as corôas de hera, que mais uma vez provavam a sua improficuidade contra a embriaguez, e Galero, bolsando uma golfada de vinho, deixou cair a cabeça sobre o peito, e adormeceu roncando como um cerdo, espapaçado ao sol. Licinio já mandara cessar as musicas. O tricliniarcha ordenara aos escravos que retirassem as mesas. Os convivas, caidos de bebados, foram assim deixados nos leitos, ou no chão para onde tinham resvalado, os que não tinham absolutamente succumbido aos vinhos capitosos e ás bebidas perfumadas, retiraram-se, e lá foram cambaleando pelas ruas da cidade, ou levados pelos carregadores nos fundos das liteiras.

As portas de Nicea

Licinio, Dasa e Severo ficaram juntos do adormecido imperador, vigiando aquelle somno inquieto, cortado por continuos e afflictivos sobresaltos, e um mesmo pensamento surgiu naquelles tres cerebros d'ambiciosos, brutaes e sem escrupulos: — como seria facil destruir um cesar!

Olharam-se mudos e suspeitosos. Levantaram-se, e sem desesperarem do futuro, cada qual se foi extender no triclinio, que lhe ficava mais proximo, e adormeceram, ou simularam que o faziam, vigiando-se mutuamente; porque se era facil tirar a vida a um chefe adormecido, não o era menos mandar um rival *ad patres*.

Dentro em pouco Galero acordaria suffocado e afflicto, e qualquer delles queria ser o primeiro a chapinhar-lhe as fontes com agua fresca, a dar-lhe o braço para o conduzir ao banho quente e perfumado.

Na masmorra, no mais em baixo dos subterraneos, na paz e na tranquillidade das consciencias puras, das almas fortes, Romano comera a refeição que lhe levára Martha, que outra não era a mulher que o seguira e com elle penetrara na prisão.

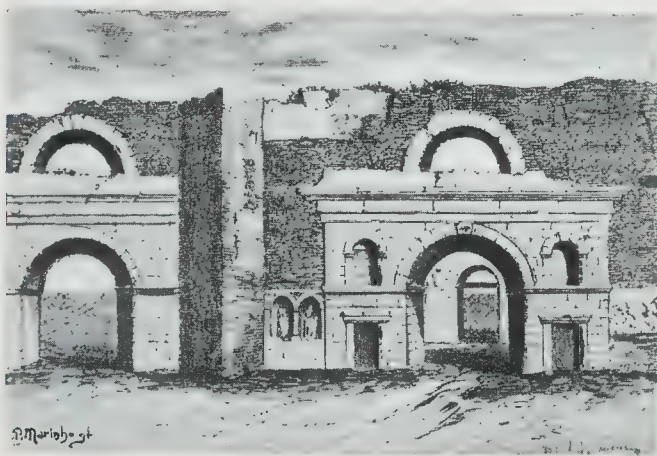
— Mas quem te disse que eu tinha fome e sêde? perguntou Romano.

— Elle, respondeu Martha, com a convicção de quem se admira de tal pergunta.

— Quem? insistiu o preso.

— Hesico! Deixou-se submergir nas aguas para que os idolatras não tornassem a persegui-lo; mas rara é a noite em que não vem ter comigo. Affaga-me, aperta-me em seus braços, beija-me, pergunta-me por Barallah, e diz-me sempre o que hei-de fazer.

— É a sua alma boa, que Deus permitte que communique com a tua.

— Mas vejo-o sempre mais bello do que d'antes, continuou Martha no tom monocorde de halucinada que, sem emoção, vê um quadro que se vae desdobrando. Veste a mesma coiraça, que, em vez de ser de bronze esverdeado, é de oiro reluzente; tem o mesmo casco, mas brilhante como as aguas do Oronte quando nellas bate a lua. Não tem a voz aspera, mas meiga e cheia de uncção. O olhar afflictivo, com que me fitou, quando o afogaram, está convertido noutro cheio de doçura, como o de Jesus, Nosso Senhor.

— Era aquelle soldado que nos incitou a atacar a pompa de Ceres?

— Esse mesmo.

— Santo heroe, que alcançou o martyrio! triste de mim, que ainda fiquei vivo! Derribado por uma violenta pancada na cabeça, só voltei em mim alta noite. Estava no fundo d'um vallo, enlameado, roto, enxarcado até os ossos.

— Como eu, murmurou Martha, chegando a si o filho, que a attraia com a luz suavissima do olhar fito n'ella.

— Conforme pude, levantei-me e segui para Antiochia. Mas perdi-me no emmaranhado dos semedeiros, e só ao fim de muitas horas d'um doloroso caminhar, fui detido pelos sons d'um cantico qne reconheci ser dos nossos irmãos. Escutei, approximei-me levado por elle, e achei-me á entrada d'uma gruta profunda. Era a egreja de S. João da Serra, onde se tinham abrigado fugitivos alguns dos nossos. E alli, tenho vivido.

— E para que saiste?

— Para provocar o cesar infernal, que no dia consagrado á Ascensão do Nosso Divino Redemptor, se atreveu a manchar a hora da sua santa subida ao ceu, com um sacrificio sacrilego, E tu?

— Quando te traziam preso, vi-te e seguite. Hesico tinha-me dito, durante a noite, que no dia seguinte haveria quem tivesse fome e sêde. E como sei que já não ha diaconisas que tenham coragem de consolar os prisioneiros, vim até aqui, Não fiz bem, meu pequenino Barallah? perguntou ella para a creança que, meia dormente, se lhe reclinára no seio.

O pequenino mal entreabriu os olhos amortecidos, e, sem responder, e, sorrindo, adormeceu de todo.

— E' um anjinho de Deus, murmurou Romano, pondo-lhe a mão na cabeça. Para Deus o deves crear.

— Se elle moresse, iria mais depressa para o Paraiso, não é verdade? perguntou a pobre mãe, com essa voz monota, extranha, quasi sem modulação, de quem diz coisas fataes.

— Pensa bem, Martha. Quando entramos na vida, por muito cuidado que tenhamos em nossos corpos, sempre os manchamos, e a alma participa d'essas manchas.

— As aguas do Oronte limparam Hesico de todas as manchas da vida.

— Teve um duplo baptismo, no seu martyrio pela fé.

— Só depois que morremos é que principiamos a viver verdadeiramente, não é?

— E, mas uns na gloria, outros nas gemonias.

— Para lá irá Galero! clamou Martha, sentindo-se nestas palavras, pronunciadas em gritos roucos, toda a vibração do odio!

— Se Deus se não amerciar d'elle; mas para que o faça devemos rezar.

— Rezar?

— O que seria a caridade christã se não perdoassemos aos nossos inimigos?

— Rezarei!

E o diacono recitou uma fervorosa prece pelo algoz que lá em cima ia adormecendo no turpor da embriaguez, e cujas palavras Martha repetia nessa voz baixa e arrastada de quem murmura apezar seu. Seguiu-se um longo silencio, depois as duas vozes elevaramse no mesmo canto, e entoaram um psalmo de louvor. A este seguiu-se outro e outro, e por fim o silencio dos sepulchros reinou n'aquelle tumulo, onde os dois adormeceram, tendo entre ambos a creança, que os bafejava com o seu halito puro.

E nada mais se ouviu na mole enorme, escura e extensa do palacio imperial, do que os passos de centenas de sentinellas, passeando apressadamente, para afugentarem o entorpecimento da madorra da madrugada, que os gallos annunciavam com o seu cantar altivo.

Capitulo IX — O Sonho de Galero

Ao tanger das cornetas, annunciando a alvorada, que vinha rompendo, Galero acorda sobresaltado, levanta-se com impeto, e o seu primeiro movimento é de correr as mãos por todo o corpo, que apalpa, como quem quer certificar-se não só da propria existencia, como da integridade do seu ser. Relanceia a vista pela sala, mal avermelhada pelo clarão das raras candellas que ainda ardem, illuminando com grandes contrastes de luz e sombras profundas alguns dos convivas, comensaes do palacio, a quem o vinho fôra mais pesado. A custo começa a distinguir o que o rodeia, e a certificar-se, com olhos espavoridos, do logar em que se acha. Os tres intimos que o observavam apressam-se em se approximar d'elle. Instinctivamente, Galero tem um movimento de terror, e, com a mão tremula, aponta para a frente. Os tres voltam-se. Era a figura gigantesca do tricliniarcha, que se destacava sombria, baça, sinistra, hirta ao centro do apara-

dor no meio das mil resplandescencias das baixellas. Depois, reconhecendo a causa que determinára aquelle movimento, os seus olhos dirigiram-se perscrutadores para outra figura, encostada a uma das columnas que dividem

Casa rustica

o triclinio do terraço exterior, e cuja armadura já brilhava aos primeiros raios do dia. Reconheceu Asclepiades e tranquillizou-se.

A Licinio, que é o primeiro que se levanta, toma o braço, e fazendo signal aos outros dois para que o sigam, dirige-se com elles para o terraço, odorifero e matisado jardim suspenso sob as aguas do Oronte. Não profere uma unica palavra. Vae livido, offegante, ainda banhado no suor d'um sonho febril, e procura no fresco do ar livre um refrigerio ao ardor que lhe queima o estomago, sécca a garganta e abrasa as faces. E, quando julga que só os tres o pódem ouvir, dá ordem a Asclepiades para que afaste os protectores domesticos, de sentinella ao palacio; e, quando á sua volta não viu senão os favoritos, exclamou:

— Os deuses abandonaram-me! Os meus genios tutelares emmudeceram!

E como os tres ficassem sem saber que replicar-lhe, concluiu:

— Tive um sonho horrivel!

— Ora sonhos!... murmurou Severo.

— Sonhos são presagios, accudiu Dasa.

— E este meu foi presagio de morte, murmurou Galero.

Nenhum dos tres se atreveu a interrompe-lo, e com ancia curiosa esperavam que elle, saindo da depressão em que o deixaram aquellas palavras, dissesse o que tanto o acabrunhava.

Galero, fazendo um esforço sobre si, e talvez mais para ouvir lenitivos do que para desabafar, contou:

— Achava-me, sem saber como, no templo de Jupiter, e da sua mão collossal vi cair a meu lado esse diacono, que avança direito a mim, com uma audacia em que tanto havia de escarneo como de ameaça. Brilha o raio do deus, e o seu clarão envolve o sacrilego numa luz vermelha, que o deixa incolume. Vou-me a elle para o estrangular, lanço-lhe as mãos ao pescoço, mas quanto mais quero apertar os dedos para o esgano, mais elles perdem de força, e mais elle ri. Sinto os musculos lassos, e mal e a custo obedecendo aos inicios dos movimentos. Tudo em mim são ameaças baldadas, tudo palavras quasi sem som, tudo desejos violentos que acção alguma consegue secundar! Puxo do punhal para lh'o cravar no peito, e, contra minha vontade, o braço retrae-se, como se tivesse medo de ferir. Cançado de luctar em mim e contra mim, perseguido pelo riso escarninho do christão, que n'este momento vejo com a cabeça glorificada pela corôa d'oiro que a Victoria offerece a Jupiter, vexado pela gargalhada terrivel do deus, que se ergue enchendo toda a cella com o seu vulto majestoso, a tocar com a cabeça na abobada, extenuado e sentindo-me desfallecer, quero fugir do templo; mas o chão falta-me debaixo

dos pés, caminho, caminho e acho-me sempre no mesmo sitio! Repentinamente invade-me um arrepio de frio e vejo-me nú, junto da ara do sacrificio, emquanto elle, o maldito, ri, embrulhando-se arrogantemente na purpura, de que estou despido. Reparo em mim, e d'alto a baixo me mancha o sangue entornado na libação! Tapo o rosto com as mãos para não vêr, mas sinto zumbidos, ruidos surdos que me retumbam na cabeça, o bate-bate rijo das arterias, e começo a ouvir falar o maldito... o que foi ainda mais horroroso que ve-lo!

Galero calou-se, deixando-se cair na borda de marmore d'um lago, onde o vento brando encrespava a agua limpida, ja tinta pelo rosco da manhã.

Os tres olhavam-se sem encontrarem uma expressão, uma palavra sequer, com que quebrassem aquelle silencio que lhes pesava.

Foi Galero que, ao cabo de alguns segundos, o quebrou, continuando n'uma afflicção crescente:

— Falou, e falou com essa voz que no templo ninguem pôde dominar, que não houve estrondos que abafassem, e que desde então ouço aqui, a gritar-me, dentro na cabeça, e disse-me: — Um dia virá em que Deus se vingará do implacavel inimigo do seu culto, ferindo-o com uma chaga incuravel, onde o prazer sensual mais se gosa. Será longo o tormento, improficua a arte dos medicos, inuteis as suas operações. Da grande chaga, ennegrecida pela gangrena, correrão primeiramente rios de sangue, e quando não houver mais sangue a esvasiar-se sairão as entranhas, roidas por milhões de vermes, e tão pôdres, que hão de empestar os palacios em que morares, as cidades em que estiverem edificados! Fugirão todos de ti, como d'um pestifero; e nem dinheiro, nem honras, nem ameaças hão de conseguir que te soccorram. Inspirará horror a tua cara d'um tamanho monstruoso, dominando um corpo que pouco mais será do que um esqueleto assente sobre dois odres cheios de vento.

E calou-se, tremendo, apalpando-se, e mirando-se na agua do lago, para verificar se a profecia já começava a cumprir-se. Seduzia-o a frescura; mergulhou as mãos e lavou o rosto. O frescor deu-lhe alento, e então enxarcou as barbas e os cabellos, chapinhando n'agua com uma voluptuosidade insaciavel, com essa intensidade do prazer exclusivamente animal, que por uns momentos domina e faz esquecer todas as torturas d'alma.

Os tres continuavam sem encontrarem nas formulas habituaes da lisonja e do servilismo, phrase alguma que tivesse applicação n'aquelle momento.

Por muito incredulo que Severo quizesse ser, nem elle, nem os outros podiam duvidar que os sonhos são avisos dos deuses. E então, pensavam, porque não poderia o deus da Palestina, aquelle que os christãos adoravam, da mesma forma que outra qualquer divindade do olympo grego ou romano, das theogonias egypcias ou syriacas, tambem elle enviar avisos aos homens em forma de sonhos? E n'aquelles cerebros elementares para especulações theologicas, baralhavam-se as idéas do polytheismo, dominadas pela crença no Destino immutavel, e ficavam perplexos e mudos.

Dasa, como o mais supersticioso dos tres, rompeu o silencio e aventurou um alvitre:

— E se sacrificassemos desde já esse propheta de mau agoiro; se antes d'outro qualquer tormento lhe arrancassemos a lingua?

— Arrancar-lhe a lingua, objecta o Cesar, e se elle morrer logo? E depois, como quem toma uma resolução inesperada, grita com a violencia do soldado feroz, incitando á carnificina:

— Que o conduzam immediatamente ao pretorio.

— Para que descer á basilica, replica Licinio, não lhe pode qualquer de nós, aqui mesmo, arrancar a lingua, e atirar-la como manjar aos barbos e aos lebés do Oronte?

— Não! não! gritou Galero, já dominado pela sua vontade de mandar, e ao mesmo tempo obedecendo á pequenez do seu espirito, quero te-lo muito tempo acabrunhado, abatido e tremendo na minha presença. Quero que antes de os soffrer, oiça da minha bocca quaes os tormentos que lhe reservo. Vamos.

— Mas, atreveu-se Severo a dizer, não me parece que devas entrar no tribunal assim descalço, e com esse simples roupão de seda da India, só proprio de banquetes.

—Que me importa a compostura? Isso é bom para Diocleciano. Vão buscar-me uma toga.

— Quanto mais majestosa for a tua presença, aventou Licinio, maior terror inspirará a tua vista.

— Tens rasão. Devo em toda a parte mostrar que sou quem sou!

— E porque não encarregar o julgamento a Asclepiades, lembrou Severo, embora assistas a elle?

— O tribunal sou eu!

E seguiu com os seus amigos para o balneario, onde no tepido do banho, na doçura das uncções perfumadas contava de tranquillizar-se e de recuperar de todo em todo o sangue frio.

(Continua)

TH. LINO D'ASSUMPÇÃO.

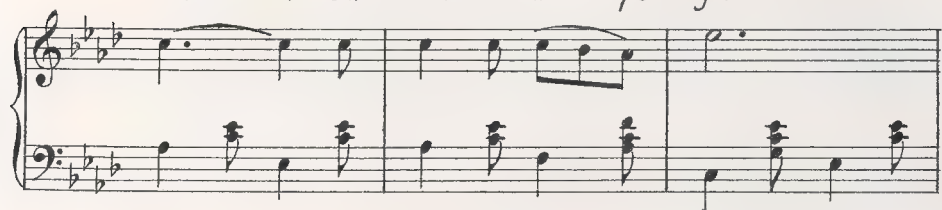
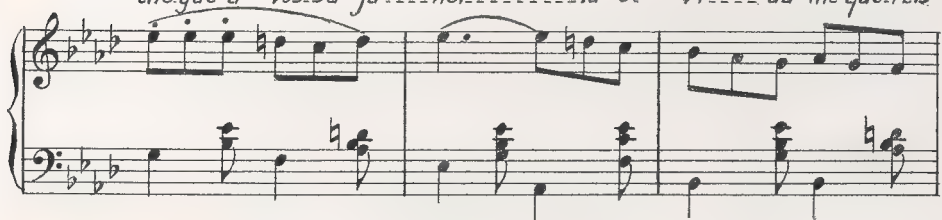
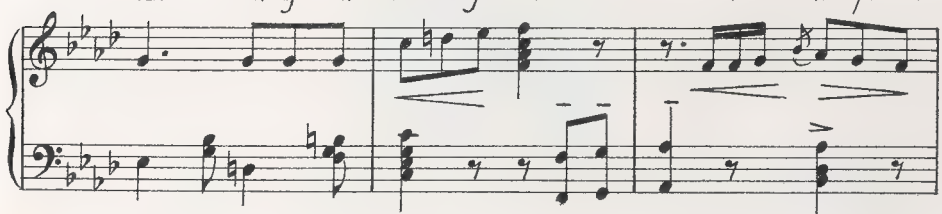
O TIÇÃO NEGRO

POESIA DE — FARÇA LYRICA — *MUSICA DE*

H. LOPES DE MENDONÇA — AUGUSTO MACHADO

SERENADA DO 1.º ACTO

Piano e canto

No Ceu di_ _ _visoumaes_
trel_ _ _ _ la em tran_ _ses de sea_pa_ _ _ _gar
chegae á vos_sa ja_ _ _ _nel_ _ _ _ _ _ _ _ _la· se vi_ _ _ _da lhe que_reis
dar chegae a vos_sa ja_nella se vi_da lhe que_reis
dar
cresc.
P. Marh.º gr

Re_ _cei_o po_ _ _rem queem
ven_ _ _ _ _ _ _do o o_ _ _ _lhar com que meen_le_ _ _ _vaes
sea pa_ guem to_das di_ _ _zen_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _do. na ter_ra ha ja luz de
mais to_das sea_pa_quemdi_zendo: naterraha já luz de
col canto
poco rit.
mais.
cresc.
P. Marinho gr.

Quadro existente no museu d'arte ornamental

LOGARES DEVOTOS

No cantinho mais discreto da consciencia, de sua essencia peccadora, onde se aninham mysteriosamente a fé sincera, a crença simples ou a superstição receiosa, ali mesmo em tão recondito sanctuario germinam e se multiplicam, ao calor dos sentimentos plenamente humanos, essas preferencias piedosas, que se chamam devoções.

A graduação das sympathias determina a escolha dos santos e das imagens, como no mundo dos affectos se recorta o circulo dos predilectos. Na necessaria egualdade divina estabelecem-se distincções de intimidade e de confiança, como nos usos sociaes se exerce a selecção das relações. A crença indefinida ou complexa toma corpo na preferencia devota, funde-se n'uma particular inclinação: — o Senhor dos Passos da Graça, a Nossa Senhora da Conceição, S. José ou Santo Antonio. E ao sabor da fé viva e convicta, cada alma crente concentra as suas esperanças, os seus desejos ardentes, as suas supplicas humildes n'uma invocação intima e individual.

Quadro da Academia das Bellas-Artes

Lisboa, como todas as terras, tem as suas imagens preferidas, onde o culto é mais assiduo, a promessa interesseira na sua simplicidade é mais frequente, a confiança mais illimitada, a romaria quasi ininterrupta. O Senhor da Graça congrega a grande maioria das devoções; perante a sua imagem prostra-se com maior fervor e maior coragem a desventura que busca conforto.

Na hora das supremas desesperanças, através das crueldades mysteriosas da sorte, quando o sopro gelado da fortuna adversa derruba illusões, quando a angustia dilacera um coração, quando a amargura retalha um sentimento, quando a injustiça das cousas mundanas domina e escravisa uma vida, a alma do crente, abandonando a vingança acida pela reparação doce da Providencia, trocando a revolta contra a resignação, invoca a bella imagem da Graça, a sua dilecta devoção. Por isso, a cera das promessas pesa-se por toneladas, a concorrencia dos fieis é constante, a enumeração dos milagres é infinita, e de quando em quando, na caixa bem provida das esmolas, mão ingenua deixa cahir um requerimento ao divino, supplica de despacho favoravel em pleito d'amor desventurado.

Pela sua grande generalidade, a devoção da Graça tem a feição democratica e niveladora de classes. Nobreza e povo acolhem-se sob a sua protecção; á porta da sacristia, por onde se entra na egreja hoje em obras, param as carruagens luxuosas, como se agrupam as burguezas ou as mulheres do povo; sobre as lages do chão rojam-se os joelhos mimosos da seda perfumada que os protege, como tambem descançam os endurecidos pelo trabalho ou crestados pelas brisas do mar, na despreoccupada nudez, no desconforto das luctas pela vida.

Outro caracter, outra feição bem distincta, outro aspecto bem diverso, no pittoresco desenho piedoso, na significação da frequencia e na exaltação da fé, offerecem ao analysta

da vida em Lisboa alguns outros logares devotos, sobre os quaes se reflecte e se refrange

Igreja da Graça — Entrada da sachristia

o mysticismo elegante ou a intolerancia escrupulosa. E cada um d'aquelles logares tem o seu cunho especial, bem individualisado.

A devoção soffre as modalidades de expressão externa, como as preferencias da sociedade mundana, como a distincção das maneiras e dos vestuarios se proporciona á importancia dos logares ou dos salões. Ha attitudes definidas nos regulamentos da devoção elegante para escutar, em recolhida attenção, d'ar contricto, um psalmo de Haendel, rythmado no poderoso orgão dos Inglezinhos, em largas ondas sonoras. E' permittida a exhibição ostentosa da *toillete* nova, ultimo modelo, na missa da uma no Loreto, ou na do meio dia na Conceição Velha, como quem da preguiça dolente da manhã sahe apressadamente á reconciliação purificadora do sacrificio divino para seguir a vida na alegria do passeio, na pequenina intriga das visitas,

Igreja do Loreto

nos encontros casuaes do adro. Mas, no confessionario de S. Luiz, entre as creanças gentis que frequentam a catechese, escutando a predica intencionalmente educadora, a vida elegante adapta á severidade meticulosa da devoção a simplicidade do vestuario sombrio. O convencionalismo mundano transporta para o exercicio das devoções intimas as mesmas apparencias e as mesmas precauções que regulam em preceitos de codigo os accidentes frivolos da vida ou as aventuras romanescas da sensibilidade exigente. Encantadoras subtilezas do coração feminino.

Ouvir missa no Loreto, á uma hora da tarde, em plena luz vibrante, é exhibir uma devoção simples, conciliadora, de bom gosto; é adornar o coração d'uma piedade levissima, para fazer sobresahir a crença moderada, como as finas rendas debruam um decote promettedor para attenuar a ousadia de formas opulentas. Ouvir na cadeira pessoal, nos Inglesinhos, a predica em inglez, entretecida sobre os textos da invocação do dia, é affirmar uma educação esmerada e distincta, uma compostura de espirito e de culto especial, como ter uma cadeira na Opera ou tomar um *fauteuil* para as primeiras de D. Maria. Consultar na penumbra do confessionario em S. Luiz, sobre um ponto delicado de duvida religiosa e de receio lithurgico, sobre un escrupulo de consciencia timida, é caso mais grave de devoção que precisa do mysterio e do resguardo, de manhã cedo, com o sacrificio de abandonar o conforto do *edredon* e da *baptiste* do leito antes de findo o repouso. São tão difficeis de effectuar estas consultas de consciencia, como as confissões ao medico.

Christo na cruz — Quadro de P.-P. Prud'hon

Devem de ser envoltas em delicadezas de pudor as miserias physiologicas, que deslus-

Portal do Loreto

tram uma belleza, como as lastimas psychologicas que n'um só dia envelhecem uma alma: póde ser tão forte e importante para a vida o traço violaceo d'uma ruga prematura, como a preoccupação d'um peccadito na limpidez d'um espirito desalentado.

Assim, n'uma classificação symbolista, feita á moda da época, a Graça seria a definição da fé ardente e vivaz; os Inglezinhos traduziriam a crença moderada e forte; ao Loreto competeria a piedade simples, quasi obrigatoria, preceituada pela educação, mantida pelo exemplo domestico; e S. Luiz deveria expressar a regra inflexivel, a devoção zelosa, quasi intolerante, rigorista.

Mas, na verdade, de todos estes logares devotos, quer tomados como syntheses, quer apreciados apenas em sua feição suggestiva, fica sempre a impressão bem gravada do mysticismo que domina as elegancias mundanas e se sobrepõe ás praticas religiosas das velhas tradições pagãs.

Sente-se em todos estes logares devotos ou uma sinceridade encantadora ou uma superstição ingenua, ambas naturalistas, fortemente primitivas que definem a alma crente da lisboeta, confiada na efficacia das formulas, quasi fatalista na resignação.

Tem indifferenças apparentes pelos rigores de doutrina, e soffre intimos medos do castigo futuro, se infringe algum preceito. Abusa da sua predilecção devota para os menores casos da vida. Invoca o favor do seu santo de eleição, sem receio de lhe fatigar a complacencia. Compra um bilhete de loteria e faz-lhe uma promessa.

Curva-se n'uma reverencia profunda no momento da elevação, e levanta os olhos em seguida para os pousar sensualmente no dilecto do seu coração, que a contempla da teia. Pressurosa santifica-se pela manhã, após severo exame de peccados miudos, e vae á noite ao theatro ouvir, entre sorrisos, o dialogo livre, picante, em scenas de duvidosa moralidade. Todavia, todas estas contradicções de proceder e de pensar são lealmente praticadas, sem laivos de hypocrisia; porque, no fundo da sua consciencia, a alma da lisboeta é nitidamente religiosa e crente. Por isso mesmo multiplica as devoções. São tanto mais numerosas as preferencias quanto mais variadas são as supplicas; e de tempos a tempos, reconhece que mudou de santo, como mudou de namorado, sem vislumbre de despeito. Amor que se extinguiu; devoção que feneceu, na sua bella alma talvez frivola, mas sincera, meridional. Observo aqui sómente as devotas, que podem despertar, em espiritos pessimistas e torturados pelo tedio do seculo, o sorriso levemente ironico, mas prendem sempre a sympathia e a benevolencia, como as captivam tambem os proprios enguiços que ellas sentem numerosos, afflictivos, que lhes esfriam a

Portada da Conceição Velha

vontade e lhes illuminam ao mesmo tempo o olhar em phosphorecencias sensuaes.

Nem sequer alludo ás beatas, tomadas do mal da fé, postiças nos procedimentos, arre-

pendidas não raro do prazer vivido em aventuroso passado, apertadas pelo cilicio das fórmulas, como se comprimem em collete de barbas rijas, remedio extremo, as exhuberancias de encantos degenerados. Umas e outras frequentam os mesmos logares, apparentam a mesma assiduidade. Todavia distinguem-se, separam-se; são inconfundiveis para quem as observa.

Na devoção sincera ha um certo dilettantismo gracioso que captiva. Na preferencia pela predica, agrupando as devotas em torno do pulpito, descobre-se um certo gosto d'arte e de poesia, variavel como todas as modas, obedecendo ao capricho do momento, ora romantico, ora naturalista, enlevando-se na harmonia dos periodos floridos ou approvando a simplicidade da dicção, expositiva e clara. Fazem e desfazem a fama dos pregadores. Concorrem ás festas de grande instrumental, como a um concerto; procuram, no prazer da musica, embalar docemente as suas illusões juvenis, as suas esperanças risonhas ou procuram esquecer o desgosto da existencia, tantas vezes decorrida em abandono de affectos, n'uma desolada solidão de caricias meigas.

Procuram nos logares devotos, um repouso e uma consolação.

Ha tempos, em manhã de excursão distrahida, em busca de quietação para o cerebro estimulado, entrei no Conventinho, a Santa Engracia, no modesto templo trapista, cujo sino por vezes dobrou plangente e fraco a annunciar aos caridosos da proximidade que a offerta d'alguns alimentos era mais do que necessaria e se tornava urgente. Senteime n'um banco escuso, junto do côro baixo, todo defendido de farpões de ferro, que a ferrugem de longos annos tem corroido e deformado. A egreja está sempre silenciosa; são raros os devotos que estacionam fóra da hora das rezas, ditas no côro superior, em cantochão fanhoso e acompanhadas pelos sons asperos d'um fagote e d'um rabecão. A luz tamisa-se através das vidraças empoeiradas; o templo é apenas illuminado por um só lado, pelo lado da rua.

Igreja dos Inglezinhos

Perto da teia do altar mór está collocada a rotula do confessionario aberto; e mal distinguia o vulto d'uma mulher ajoelhada em confissão, abafando o murmurio das palavras, com as mãos brancas e finas postas em arco junto da face, a formar pavilhão de resguardo aos segredos da consciencia. Interrompia de quando em quando o silencio do templo a tosse secca e sacudida d'uma pobre velha sentada n'um pequeno mocho de cortiça. A lampada do altar bruxeleava rythmicamente. A confissão terminára; o padre absolvêra, a dama levantára-se e bem distinctamente che-

Em oração

garam-me aos ouvidos estas palavras ditas involuntariamente mais alto: — «Vá-se em paz e esqueça».

Com effeito, os logares devotos, se para muitos são continuação da vida mundana, se para outros são conforto aos desgostos da existencia, são tambem logares de esquecimento, onde aquelles mesmos que não teem no coração os beneficios da fé ou as consolações da esperança crente encontram a quietação suprema, tão visinha do nada, como da eternidade mysteriosa e insondavel.

O Christo da moeda — Quadro de Van Dyck

Mestre, disseram a Jesus os phariseus, tu que ensinas o caminho recto da verdade, que não attendes a respeitos humanos, nem olhas a pessoas, dize-nos se é licito ou não dar tributo a Cesar? — E entendendo Jesus a hypocrisia da pergunta, lhes disse: — Mostrae-me um dinheiro (que logo lhe trouxeram). De quem é a imagem e a inscripção que tem essa moeda? — E como elles lhe respondessem: De Cesar — Então, lhes disse Jesus, dae a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus. (Evang. de S. Matheus, S. Marcos, e S. Lucas.)

CAPITULO QUARTO

No dia seguinte regressei a minha casa do Temple; porém, antes de deixar Cumberland, ouvi da bocca da governante toda a triste historia de Lucy. Até a sua volta de Londres, Lucy nunca tinha tocado em bebidas alcoolicas. Mas Londres deixou-a exhausta de forças. O novo ambiente, a nova vida, o movimento de festas, o nosso ajuste de casamento e a separação subsequente, tudo lhe excitara os nervos, e começou de apresentar symptomas de hysterismo. Então o doutor receitou-lhe, para lhe levantar o organismo abatido, gemmadas aromatisadas de brandy, duas vezes ao dia. Mistress Hill ficara horrorisada. Recordara ao doutor a morte do avô e do pae de Lucy, e a praga que pesava sobre a familia. O doutor sorriu-se apenas. Poderia ella esperar que qualquer homem sensato, de idéas modernas, podesse guiar-se na sua profissão por tão loucas superstições? A menina precisava de um estimulante, era forçoso dal-o, e escolheu aquelle, no seu entender. Dentro de quinze dias Lucy tornava-se escrava do seu remedio. Tomava-o, não duas vezes ao dia, mas quatro, seis, dez vezes. Possuiu-se d'uma sede inextinguivel, d'uma febre ardente, d'um desejo insaciavel. O doutor começou a fallar de alcoolismo latente no sangue, e de tratar a sua doente como se fosse uma louca. Um agudo ataque, uma crise que durara dois dias acabando por convulsões, deixara a minha adorada Lucy restabelecida. A sede insaciavel, a febre ardente abandonara-a, ficando comtudo fraca e abatida.

O veneno porém fora dominado, não eliminado. Tres mezes depois a sede insaciavel voltou, os antigos symptomas renovaram-se e a mesma agonia reappareceu. O ataque d'esta vez durou mais tempo, e maior prostração se lhe seguiu. Quando voltou pela terceira vez o ataque, com intervallo de dois mezes do segundo, coincidiu justamente com esse periodo a minha visita.

Tal foi a triste historia da situação desgraçada da minha querida noiva. Vi o circulo estreito em que se limitava o seu destino; e com horror, com a covardia do horror, fugi.

Esperava-me uma carta no Temple. Era de meu pae e cheia de bôas disposições que mais doloroso tornaram meu soffrer: «Desde que te escrevi a ultima carta, tenho estado a pensar, que, tendo só um filho e estando prestes a perdel-o pela cruel batalha do amor de pae contra o amor de mulher, a melhor cousa que posso fazer é curvar a fronte á inimiga e de morrer com face corajosa. Portanto faze favor de tomar nota de que, tendo pedido e obtido licença de seis mezes, tenciono ir assistir ao teu casamento na primavera; e então, se a minha nora for bôa e meiga para mim, poderei talvez capitular sem muito esforço. Entretanto mil affectuosas lembranças para ella e este recado de bôas festas do Natal — que as cartas do meu rapaz fizeram um velho já meio apaixonado por ella.»

Na mesma noite dirigi-me para Cheine Walk, a contar a Jorge Chute tudo que succedera. Atravez da attitude serena d'um homem habituado a historias extraordinarias, e propositalmente disciplinado a não apparentar surprezas, vi a sua commoção profunda e dolorosa. Como me sentasse cabisbaixo defronte do fogão, o meu velho amigo poz-me sobre os hombros a sua mão carinhosa e disse:

— Tenho pena, meu rapaz, muita pena; mas para isso não ha remedio.

— Suppõe que o caso de Lucy seja desesperado?

— Receio que o seja. Qualquer que tenha sido a causa — vicio ou praga hereditaria — a pobre menina está sob o influxo d'uma maldição fatal.

— Por amor de Deus, não diga isso! Nada haverá então que eu possa tentar?

— Sim, ha uma cousa; uma só.

— Qual é?

— Retomares a tua liberdade e agradeceres a Providencia de te haver poupado a tão desgraçado porvir. Estás na flôr da vida. Pensa o que seria se tivesses de puxar, n'um elo de grilhetas emparceirados, por uma mulher embriagada.

A expressão feriu-me como se fora uma bofetada, e exclamei com resentido pezar:

— Ella ainda poderá salvar-se. Quem me diz que não póde?

— Pergunta aos medicos, continuou Jorge; elles te dirão que difficilmente se citam exemplos de cura de uma mulher que cahiu no vicio de beber.

Quando me levantei para sahir, mostrei-lhe a carta de meu pae. — Telegrapha, disse-me; é preciso detel-o: telegrapha immediatamente.

Voltei para casa pelo caminho do Strand. Era a noite das festas do Natal e alguns dos theatros mais tardios estavam despejando para a rua a densa multidão buliçosa. O povo fallava e ria de rijo. Uma parte caminhava apressadamente para as tavernas. Faltavam apenas minutos para fechar. Beber, beber! Durante os dias seguintes parecia ser uma perseguição e um phantasma para mim. Via-o por toda a parte, e as suas devastações e ruinas vinham de encontro aos meus passos. Oh! se eu podesse expungir e purificar tudo n'uma noite, como seria certo o mundo transformar-se e nascer para uma nova vida na manhã seguinte, tal como nunca poderá conhecer sob o jugo do mais tyrannico mal, do mais abjecto e degradante vicio que jamais assaltou a humanidade! Pelos fins da semana recebi uma carta de Lucy. Tinha-lhe passado o ataque e sentia-se bem outra vez; porém via mais claramente do que nunca a situação que lhe impunha o dever. O nosso compromisso devia ser considerado nullo, por uma vez e para sempre. — «E' de direito, escrevia ella, e se mesmo no seu amor ou na sua compaixão —d'ambos estou certa — desejasse perseverar e insistir, nada me induziria a concordar.» — Havia tambem palavras de ternura, muito crueis para repetir, e que eu li com os olhos semi-cerrados, n'uma concentração de dôr. Mas a funda impressão que deixava a carta, era a de ter escutado a lastima d'uma pobre alma, tão querida para mim, em lucta contra o predominio do desejo ardente de beber.

O doutor sorriu-se...

«Querido Roberto, se podesse ao menos saber (Deus o livre de tão horroroso conhecimento) quanto eu soffro quando se aproximam estes periodos nefastos, não havia de lamentar-me, como receio que o faça, pela minha fraqueza, ou arguir-me de não a vencer. Oh! o terror do momento em que sinto vir sobre mim o desejo insaciavel! Abandono todo o trabalho, escrevo addiando todos os meus contractos de minas, desculpo-me para com todos, fecho-me e esqui-

vo-me a todos os olhares. Isto succede antes de chegar o ataque; mas, quando sei que está perto, e quando o terrivel mal cahe sobre mim, oh! vergonhoso horror! como eu procedo, enganando-me a mim propria, illudindo todos, corrompendo os criados, e roubando dentro e fóra da minha casa como se fora uma ladra! O ceu me defenda d'este inimigo que se apoderou de mim e me domina por completo! Porém Deus não me salvará; e tenho de acabar como acabou meu pae. E, afinal, devo ser-lhe agradecida, porque descobriu a tempo o meu destino. Se isto me cahisse depois de estarmos casados, e talvez, depois de ser mãe... mas isto é muito triste para o pensar sequer. Adeus querido Roberto! Recorde-se de mim o mais ternamente que puder. Comquanto seja bem cruel pôrmos de parte todos os pensamentos de felicidade que sonharamos, deverá ser uma consolação para mim, nas minhas mais negras horas, rememorar a alegria que me deixa este sacrificio dentro da minha desgraçada e fatal existencia.»

Lucy tornava-se escrava do remedio...

Jorge tinha razão; não havia remedio para isto. Recordei-me do meu pae e sahi para lhe expedir um telegramma. Na estação telegraphica da rua Fleet escrevi com reflectido laconismo: — Não venha, casamento addiado, escrevo. — Tive na mão por muito tempo o telegramma, e não podia resolver-me a entregal-o ao expedidor. Finalmente rasguei-o e sahi da estação.

Afigurou-se-me ser o attestado da morte de Lucy e não o quiz mandar. Não; não queria perdel-a. Não podia abandonar a esperança de a ter ainda. A idéa d'aquella bella mocidade ser mansamente envolvida pela serpente que acabaria por asphyxial-a, era demasiado horrivel. Onde descobrir um anjo, que o deveria haver, no bom mundo de Deus, capaz de anniquilar similhante demonio?

Era noite de sabbado, e as ruas estavam ainda plenas e remurejantes de concorrencia. Ia caminhando sem destino, absorto,

entristecido até que me encontrei em frente de um divertimento popular, o qual ostentava um gigantesco cartaz. N'este se annunciava que, ás dez e meia da noite, um tal professor La Mothe, hypnotista, acordaria um homem que estivera deitado dez dias em extasis. Para desviar da alma o desgosto, e sómente com o fim de distrair-me dos pensamentos tristes que me acabrunhavam, entrei para vêr.

Tinha ainda uma hora, antes da indicada para a experiencia; mas procurei ver e aproximar-me do adormecido. Estava guardado n'um pequeno quarto isolado da sala e deitado n'um caixote, que á primeira vista me deu idéa de um esquife. Tinham levantado plataformas dos dois lados e das quaes o espectador podia olhar para o homem como se estivesse n'uma sepultura. Mas nada havia no seu semblante que désse apparencia de morte. A sua phisionomia estava composta e saudavel; os olhos cerrados, os labios ligeiramente comprimidos, a respiração serena, o peito arfando com o mais vagaroso e rythmico movimento. O somno de uma creança nunca fôra tão suave, tão dôce, nem tão tranquillo. Eu estava só no quarto. A não ser que a exhibição fosse uma impostura palpavel, havia alli um grande e espantoso mysterio — o poder de produzir o somno. Eliminou, reflectia comigo, dez dias de vida a este homem — dez dias, talvez, de tristezas e de soffrimento. O mundo acabára-se para elle. As tentações, os trabalhos e os desgostos habituaes não o haviam tocado de leve durante aquelle tempo.

Sentei-me n'uma cadeira da plataforma e olhei para o dormente. E emquanto o fixava, obstinada illusão do meu espirito, pareceu-me finalmente que não era a cara estranha de um homem que eu estava vendo, mas a formosa phisionomia d'aquella que me era a mais querida em todo o mundo. Repentinamente, prepassou-me na mente, como relampago fugaz, um pensamento que me fez estremecer todo. Se Lucy podesse dormir durante os dias da sua abominavel tentação? Se ella podesse ser posta em extasis quando a atacasse a sede insaciavel? Poderia passar além do tempo do ataque? Poderia fugir do inimigo que a perseguia? Acordaria ella sem a febre ardente?

Chute poz-me as mãos sobre os hombros...

Chegou a hora da experiencia e os espectadores entraram no quarto em tropel. Eram na maior parte rapazes da moda, acompanhados de mulheres elegantes, e elles palravam, riam e fumavam longos charutos durante os preparativos. O hypnotista era um homem dos seus trinta e cinco annos, com maneiras agradaveis, uma phisionomia franca e uma barba espessa, mas com um sorriso, como o brilho do sol, e uma voz que era ao mesmo tempo, aspera e acariciadora. Comprimu os sobrolhos do dormente, abriu-lhe os olhos e soprou-os, depois chamou por elle, e elle pareceu acordar. Passados alguns

segundos, o homem, que, conforme a informação, estivera dez dias deitado a dormir, morto para elle proprio e para todo o conhecimento da vida, saltava ligeiro do caixote e vestia o seu casaco. Desci da plataforma e fallei-lhe:

— Tem fome — perguntei-lhe.

— Não senhor — respondeu.

— Nem sede?

— Tão pouco.

— Sente-se bem?

— Perfeitamente.

Procurei em seguida o hypnotista no seu escriptorio particular.

— Sr. La Molhe, disse eu, foi acaso alguma vez usado o somno artificial para a cura da intemperança?

Elle era parisiense, e eu tive de repetir a minha pergunta em francez.

— Na escola de Nancy, disse, a cura do alcoolismo por suggestão não é desconhecida.

— Isso é mais do que eu queria dizer. Conhece a forma de mania alcoolica na qual a sêde insaciavel é periodica?

— Certamente.

— Parece-lhe que, se um doente fosse posto sob um somno artificial quando o periodo se aproximasse e estivesse conservado assim tanto tempo quanto elle durasse, essa sêde ardente se extinguiria quando tivesse chegado o tempo de acordar?

Pude reconhecer que esta idéa nunca occorrera ao hypnotista e que ella o sobresaltou e fascinou.

— Com um proprio sugeito póde ser... não pósso dizer... creio que sim. Desejaria experimentar.

Antes de o deixar, combinei todo o meu plano. Ficou de se preparar e estar prompto para ir commigo até Cumberland em qualquer occasião que eu podesse avisal-o do momento opportuno.

Será exaggero dizer que fui para casa n'aquella noite com o passo e andamento d'um homem que caminhasse sobre estrellas? Se eu tivesse achado a cura para a mais mortifera praga da humanidade, se tivesse descoberto o meio de eliminar a maldição de todas as raças, de todas as nações, de todos os climas, de todas as idades? Hypnotismo! Magnetismo animal! Electrobiologia! Chamassem-lhe como quizessem. Para mim tinha sómente um nome — dormir! Dormir era o remedio, o calmante, a suprema consolação. E a dormir viria o anjo bom arrancar a minha querida Lucy do inferno em que se consumia, entre as garras do mais mortifero dos demonios.

CAPITULO QUINTO

Recebi uma carta do sacerdote escocez de Cumberland. Mercê de Deus, Lucy estava melhor. Principiára outra vez na sua ardente philantropia. Estava organisando *confederação de Esperança.* entre as creanças. O poder de Deus era superior a todos os outros poderes, e confiava que a nossa querida, victima do mal de herança, havia de se salvar.

Fiquei contente, mas ao mesmo tempo penalisado. O pathetico arrependimento de Lucy impressionava-me fundamente; mas se o mundo soubesse a verdade, quanto gritaria a ficar rouco pelo que era forçoso chamar a sua hypocrisia.

O momento da minha intervenção ainda não chegara, mas cedo appareceu. Quinze dias depois, recebia noticias por mistress Hill. Lucy estava denunciando symptomas de outro ataque. A contracção da bocca, o desasocego das mãos, o agudo fixar dos olhos febris eram indicações infalliveis.

«Principiaram — dizia a dama de companhia — depois dos officios, na manhã de domingo passado. Commungou, Pae misericordioso! o que estou dizendo? Comtudo foi a verdade. Não o devo negar.» Havia já escripto a mistress Hill que tinha apalavrado um medico especialista de doenças nervosas, e que desejava ter aviso logo que voltasse o ataque. A carta d'ella tinha este fim e pediame o especialista. Preveni por telegramma La Mothe.

No caminho para Euston procurei Jorge Chute nos seus aposentos em Lincoln Inn Field. Ouviu a minha narrativa sem approvação nem desapprovação. A sua phisionomia sempre aberta tomou o aspecto impassivel de uma mascara, sem movimento nem expressão. Quando me retirava, tomou-me do braço e preguntou-me:

— Telegraphaste a teu pae?

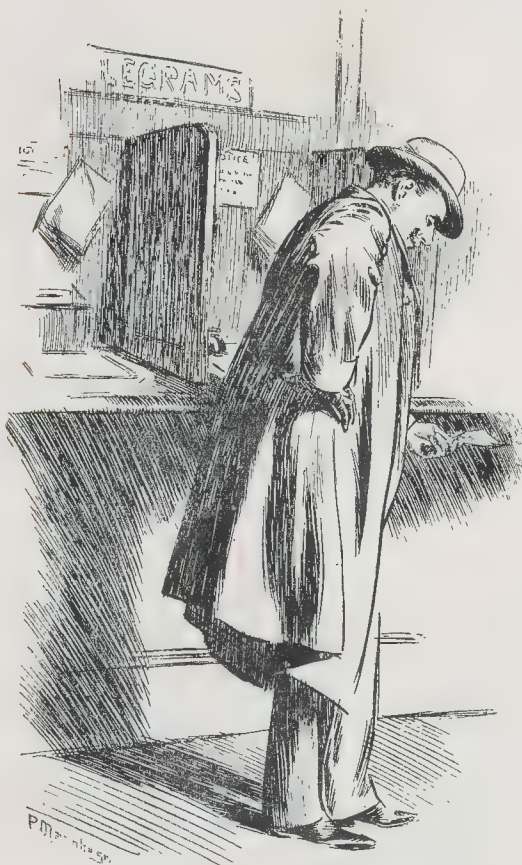
— Não — respondi rapido, procurando retirar-me o mais depressa possivel.

— N'esse caso, vou eu proprio fazel-o, disse resoluto.

— Dê-me mais uma semana, rogo-lhe Haverá ainda tempo bastante para o prevenir.

Jorge Chute meneou duvidosamente a cabeça e eu deixei-o; evidentemente tinha bem pouca fé na minha tentativa. Só pelo pezar

de ver o duplo embaraço das minhas affeições, lhe soffreu o animo consentir na minha empreza.

Já tarde, e na mesma noite, cheguei a

Tive na mão o telegramma....

Cumberland com La Mothe. Alojamo-nos no *Wheatsheaf*, e não perdi um minuto em mandar um bilhete a Mac Pherson e a Godwin annunciando-lhes a minha chegada e pedindo-lhes o favor de me procurarem no hotel. Os dois chegaram juntos e houve então uma violenta e desagradavel entrevista. Apresentei-lhes o hypnotista, participando-lhes as minhas tenções e pedindo-lhes o seu auxilio e assistencia.

O sacerdote recusou prompta e absolutamente. A sua attitude foi precisamente aquella que eu devia ter previsto. O que eu propunha fazer, se o podesse fazer, seria applicar a experiencia contra livre vontade. A sua consc iencia estremeceu com similhante temeridade. Beber era uma tentação do demonio que sómente podia ser vencida pela graça de Deus. As experiencias que propunha empregar eram instrumento do mal. Subjugar a livre vontade de uma pobre creatura, actuar sobre ella por suggestão, constrangel-a a fazer o que devia e não o que ella queria, era attentar contra a lei moral, desprezar a religião, e abalar a fé no proprio Deus.

De balde quiz explicar que não havia intenção no meu plano de actuar sobre Lucy, por suggestão therapeutica, mas se fosse levado a pratical-o como ultimo recurso, não recuaria em o fazer.

— O sr. falla-me, disse-lhe eu em consciencia, em responsabilidade moral, em livre arbitrio. D'um cento noventa e nove não teem similhante cousa; e apenas o que resta possue a vontade livre, e, para bom fim ou para mau, escravisa as vontades dos outros noventa e nove. O orador dominando uma assemblêa, o estadista dirigindo os negocios publicos, o rei governando um imperio, a mulher elegante designando a moda, a noiva formosa conquistando para seu lado o marido que a ama — o que estão elles todos fazendo senão impôr a sua vontade livre sobre a vontade que não é livre? Todo o grande homem é só grande á medida que subjuga as vontades dos outros homens e maior ainda é aquelle que obriga os maiores espiritos a obedecer-lhe. O sacerdote escocez ouvia-me com phisionomia horrorisada.

— Chama grande homem, replicou, porque paralysa as almas dos seus similhantes? Os mais vis e os mais perversos assim praticam, pelo poder do domonio. O assassino que encaminha a victima para um logar solitario com o fim de cahir sobre ella e de a matar, o Judas que surprehende o segredo de seu amo para o trahir e para o entregar, o criado infiel que aproveita das afflicções da viuva e dos orphãos para lhes roubar o pão, o seductor que escarnece do amor de uma pobre mulher para a deshonrar e depois arremessal-a á lama, estes são os homens que tentam dominar sobre as acções dos seus similhantes, e esses são os verdadeiros Lucifers, porque estão em rebeldia contra Deus no seu thrôno mais real — o coração das creaturas.

— Em resumo, o sr. quer dizer que influindo eu para que miss Clousedale seja posta sob o somno hypnotico, na esperança de combater a sêde de beber que pouco a pouco

a vae destruindo, estou procedendo como o peor dos perversos?

— Está attentando contra o sanctuario da sua alma, respondeu, e pretendendo conquistar um poder que sómente póde promanar da graça divina.

Começava a perder a paciencia.

— No entanto, tenciono experimentar — O padre corou até ao branco dos olhos.

— Não, não o ha de fazer.

Tornei-me então carrancudo de aspecto e severo de voz e continuei:

— Ella não tem tutor ou guarda legal, não está interdicta, estou em breve para ser seu marido. O direito moral é meu, e vou utilisar-me d'elle.

— Então, senhor, replicou o reverendo Mac Pherson, assentando os punhos na meza, lavo as mãos dos seus processos; — e com esta evasiva de Pilatos e uma faisca de raiva nos olhos levantou-se e sahiu.

Não recebi melhores estimulos da parte do doutor. Os seus olhos d'aço brilhavam com divertido e evidente contentamento durante a minha discussão com o sacerdote, e agora fallava com facil superioridade de quem se considerava acima de todas as fraquezas e superstições. As suas theorias eram modernas, os seus methodos o reverso d'aquelles que confiam na persuasão moral. A sede de beber era uma doença. As victimas d'ella deviam ser tratadas como gente doente e guardadas sob vigilancia até que lhes sobreviesse a loucura. A expressão feriu-me, e supponho que corei duplamente, porque fitou-me e disse: — Agora não é a occasião de falsa modestia. E' tempo de encarar a verdade. Pela minha parte assim procedi desde o principio. Considerando miss Clousedale como um ente atacado de insanidade temporaria tratei-a, como deve ter percebido, correspondentemente.

Mordi os beiços e perguntei.

— Com que resultados?

— Não sou responsavel pelos resultados. Sou unicamente responsavel pelo tratamento. Diligenciar curar a bebedeira meramente pelo estratagema de um compromisso ou voto de temperança é um systema desacreditado aos olhos dos investigadores scientificos. Apezar da gigantesca organisação da sociedade de temperança n'estes ultimos cincoenta annos, o mundo que se embriaga não é menor, ao contrario é ainda maior. As

Procurei o hypnotista no seu gabinete...

suas consequencias são mais graves, os casos especiaes mais agudos. Como resultado final dos seus mais largos propositos, a causa da *temperança* falliu. Tão longe estou de concordar com a sua opinião: mas...

Eu meneava negativamente a cabeça; elle não me dava attenção.

— Mas o methodo pelo o qual propõe agora substituir o inutil da temperança de que usa este sacerdote escocez, não é sómente inefficaz, mas é cercado de incertezas pavorosas. Diz que vae sugcitar a infeliz senhora ao somno *hypnotico*. Não existe similhante somno hypnotico. O que ha, de facto, é um phenomeno produzido pela imaginação.

— Muito bem, disse eu, se prefere chamar a isso imaginação, concordemos n'essa fórma; e se a imaginação é um remedio, deixe-me usar d'elle.

— Não vá tão depressa, respondeu. O senhor não contou verdadeiramente com os perigos. O phenomeno da imaginação que propõe introduzir é ainda pouco conhecido. Nós sabemos o que isso envolve. Envolve o perigo da loucura — a loucura incuravel, não temporaria, como a que soffrem as victimas da embriaguez. D'esta fórma o senhor está tentando escapar-se das chammas para cahir nas brazas. Mesmo que fosse possivel pôr miss Clousedale n'um somno real, durante tres dias — o que eu descreio completamente — reduzil-a-hia só a uma fórma de hysteria, a fórma mais perigosa, e com uma condição que lhe deve arriscar a vida.

— Quer então dizer que ella não mais acordaria?

— Quero dizer — respondeu o doutor — que ella provavelmente nunca mais acordaria para o conhecimento da razão, ou acordaria só para morrer.

— Em resumo o doutor recusa partilhar das nossas responsabilidades?

— Não serei tão ingenuo que as queira partilhar. O que o senhor diz que váe fazer, assimilha-se effectivamente, se o puder fazer, á applicação de chloroformio. Ora, uma doente póde morrer sob o chloroformio: e quando isto succede a nossa defeza é obvia. Mas o senhor váe usar de meios desconhecidos, e não tem possibilidade de provar, taes como são, que os está usando com propriedade. Se miss Clousedale morre nas suas mãos qual será a sua situação aos olhos da lei?

— Ella não ha de morrer.

— Mas se, meu amigo, se...

— Se; respondi o senhor sabe tão pouco do que primeiro fôra chamado hypnotismo por um dos da sua propria faculdade como de fallar dos seus perigos, e da mesma fórma dos do chloroformio, pelo que, claro está, nada temos a ganhar com a sua cooperação e nada a perder com a sua ausencia.

A phisionomia dura do doutor ficou ainda mais dura e o semblante carregado ainda mais carregado.

— Assim o senhor pede-me para me retirar, pede-me que reconsidere a favor de sabe Deus quem, vindo sabe Deus d'onde e com que artes de aventureiro e de charlatão?

— Peço-lhe que se recorde, repliquei, que a sua profissão tem sempre usado da mesma linguagem que está usando para com todas as cousas e para com todas as pessoas que tenham feito alguma cousa de grande e de proveitoso no interesse da humanidade.

Elle levantou-se e dirigiu-se para a porta.

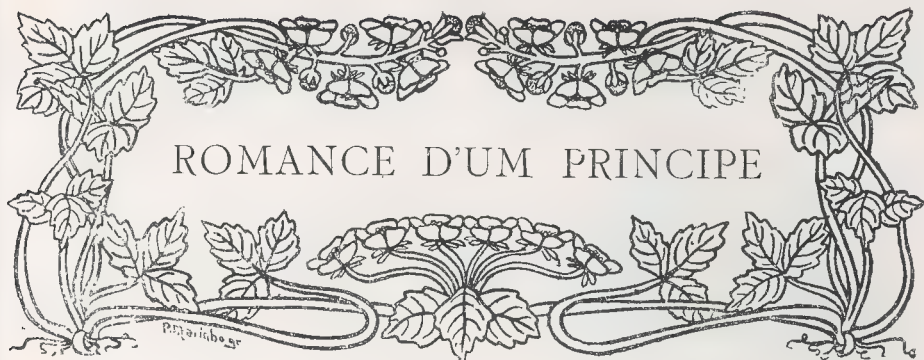
— Homens como o sr., e como essa creatura, apontando com o chapéo para o hypnotista, são os perturbadores da sociedade, fazendo com o fumo sujo d'uma pequena palha queimada as superstições d'espantalho que enchem o mundo de fraquezas, de melancolia e de insanidade. Deixo-os em seu louco trabalho; mas previno-os de que se fizerem o que dizem, e alguma cousa succeder em resultado, tão certo como haver lei na terra, hei-de pôr a justiça em movimento para os castigar.

Comprimentando, despediu-se com delicadeza reservada, e sahiu irritado. O hynotista tinha assistido ás duas conversas com apprehensão da tempestade que se estava dando, pela observação que lhe forneciam as nossas phisionomias.

— Senhor La Mothe—disse-lhe em francez —estes cavalheiros lavam d'aqui as suas mãos.

Elle sorriu-se; não lhe fôra surpreza.

(Continua).

(Segundo Hall-Caine).

ROMANCE D'UM PRINCIPE

A narratiua historica, que segue, procura deevendvr um dos mais curiosos e emocionantes enygmas do coração humano, seguindo o processo historico conhecido com o nome de psychologico, quer dizer, aquelle que, concedendo ás influencias exteriores a parte de impulsão determinante que lhe compete, como ás leis geraes necessasias que regem o mundo physico a coordenação ponderada dos factos conhecidos, transporta para a alma das personagens o mubil ou força motriz das acções descripeas, e tende assim penetrar no intimo das deliberações que determinua novos factos n'uma cadeia ineterrnpta, atravez dos tempos.

Affirma-se que no anno de 1828 foi levada dos archivos de Simancas ao rei Fernando VII de Hespanha uma certa caixa verde, hermeticamente fechada e sellada, com as suas fivelas de ferro ferrugentas pelo tempo, a côr apagada pela poeira dos seculos. Sete gerações de historiadores tiveram conhecimento da existencia d'esta caixa, mas a nenhum foi permittido um simples relancear pelos papeis que ella continha. Dentro d'ella estavam guardados, segundo se dizia, os fastos d'um secreto acontecimento que se deu justamente duzentos e sessenta annos antes, quer dizer, no anno de 1568. Desde aquella epoca até os dias do rei Fernando, a caixa sellada tinha permanecido intacta no logar onde fôra collocada por ordem do monarcha, cujo negro espirito legou á posteridade tantos enigmas, o poderoso Philippe II.

Desde o dia da remoção da caixa verde de Simancas por ordem do rei Fernando, perderam-se todos os vestigios d'ella e de seu contheudo. Talvez, um dia ainda venham á luz d'entre os moveis inutilisados d'um palacio, os documentos que possam dar explicação final d'um d'estes problemas embaraçosos que teem aguçado a imaginação dos estudiosos do passado.

Entretanto, das memorias publicas e privadas da epoca, das acções e palavras dos proprios protagonistas, rememoradas por testemunhas contemporaneas, é possivel reunir os principaes traços d'este triste romance historico.

❁ ❁ ❁

Na noite de 27 de dezembro de 1567, na igreja de S. Jeronymo em Madrid, deu-se um extraordinario e afflictivo incidente. Um mancebo, de apparencia fidalgo, ricamente vestido, calçando, como particularidade caracteristica, botas com largos couros na extremidade dos canos, nos quaes se alojavam as pistolas, entrou com passo pesado e firme pela igreja dentro, ao cahir da noite, seguido por um unico cortezão familiar. O moço fidalgo tinha vinte e dois annos. De semblante e porte distinctos podia dizer-se formoso; mas n'aquelle momento parecia profundamente agitado; tinha o olhar selvagem, inflammado, de extranho brilho; a phisionomia pallida e transtornada; mostrava no andar o desasocego violento, e intimo, o seu aspecto revelava logo um estado d'alma singular e doloroso. Tirando o chapéo da cabeça e fazendo a reverencia ante o altar mór com todo o signal de devoção, o mancebo encaminhou-se para um grande confessionario fechado, que estava n'uma das naves, entrou para elle e cerrou a porta.

Era vespera dos Santos Innocentes, dia em que a familia real de Hespanha costumava receber o sacramento da communhão em publico, conjunctamente com as principaes personagens da côrte. Desnecessario será recordar que antes da communhão é obrigatorio confessar-se e receber previamente a absolvição sob pena de cahir em peccado mortal.

O cortezão cujo emprego era o de camarista de quarto, e o qual ficára fóra do confessionario, não esperou muito tempo, que não visse sahir seu amo precipitadamente, com a phisionomia convulsionada e andando com passos agitados. Não foi preciso que o moço fidalgo fallasse para que o camarista advinhas-

se o que tinha succedido. Elle fizera a sua confissão, mas o sacerdote recusara-lhe a absolvição.

O caso não podia acabar ahi. Não era uma

Um mancebo entrou pela egreja...

formalidade banal a que movera o mancebo a ir procurar absolvição n'aquella noite especial. Seguido pelo seu camarista, a quem não occultou a situação, dirigiu se para outra igreja, a do convento de Nossa Senhora de Atocha, cujos monges eram nomeados na resolução dos mais difficeis casos de consciencia.

No confessionario do mosteiro esperava-o similar recusa. Mas o monge que o ouviu de confissão não despediu apenas o penitente. Impressionado com a gravidade da situação, persuadiu-o a submetter o caso a um conselho de theologos. O mancebo consentiu. Elle melhor do que o monge conhecia as consequencias e media bem o alcance da decisão. A sua ausencia á cerimonia do dia seguinte poria em consternação a capital e causaria um grave escandalo, não só em Hespanha como tambem na Europa. Porque era uma infelicidade para elle chamar-se D. Carlos, principe das Asturias, e ser o herdeiro do monarcha que dominava sobre dilatado imperio, sobre a Hespanha, a Sicilia, Napoles, Milão, Paizes Baixos e as Indias.

Reuniu-se á pressa o conselho de theologos. Presidiu o prior do convento, e com elle juntaram-se quatorze monges piedosos e instruidos, alguns chamados de fóra para serem consultados n'esta grave questão. Aos horrorisados ouvidos do reverendo conclave, o principe, agitado e sombrio, mas pertinaz, emittiu a mesma confissão que já fizera duas vezes. Estava possuido de um impulso homicida, declarou positivo. Havia um certo homem, cujo nome não revelaria, a quem elle odiava com odio intenso e a quem elle desejava dar a morte.

Para uma pessoa admittida a assistir á consulta, a confissão não foi de todo uma surpreza. Era o fiel camarista, o qual depois registou e descreveu estas scenas extraordinarias nas suas memorias. Havia tempo que o principe deixara insinuar, em conversações e na presença de alguns cortezãos, a existencia de um seu inimigo mysterioso com quem tinha uma contenda mortal. Similhante imprudencia de linguagem era demasiadamente caracteristica no infeliz D. Carlos.

O filho de Filippe II era a todos os respeitos um perfeito contraste com o pae; o frio, reservado monarcha, calculista, moroso em resolver e mais ainda em executar, não descurando todavia o proseguimento d'um fim uma vez resolvido; um homem cujas paixões fundas e descuidosas o levaram muitas vezes a violar as leis da moralidade, mas nunca as do decoro. D. Carlos era indomavel, impulsivo, resoluto em fallar, mais do que o necessario, frequentemente desabrido e duro em suas maneiras.

Entre caracteres tão oppostos não podia haver verdadeira sympathia. Filippe II apparentava pesar e lamentava-se, entre os que o rodeavam, das loucuras do filho, em tom d'um pae cujos sentimentos são ultrajados: ao mesmo tempo que se aproveitava do procedimento do principe para desculpa de não o admittir, sequer na menor acção, nos trabalhos do governo. D. Carlos resentia-se amargamente d'este afastamento propositado e assentava a sua furia sobre aquelles que mais altamente recebiam o favor e a estima de seu pae, sobre o brando e insinuante Ruy Gomes, principe de Eboli, e sobre o aspero e arrogante duque de Alba, o qual n'aquella occasião partira para a sua famosa expedição destinada a vencer a revolta dos Paizes Baixos.

D. Carlos tendo protegido os enviados das provincias descontentes, e querendo o governo d'ellas para si proprio, aggrediu pessoalmente o orgulhoso duque na vespera da partida. Ultimamente o seu proceder era, mais e mais, o d'um homem levado ao desespero pela ferida sensibilidade da injuria recebida. Fez planos de abandonar a Hespanha e mandou um agente levantar recursos n'algumas cidades principaes.

A unica pessoa na côrte que parecia ter uma suave influencia sobre elle, era sua madrasta, a joven e linda Isabel de Valois, a princeza mais querida do seu tempo. Posto que tivesse

deixado completamente de fallar ao pae, excepto nas occasiões publicas e solemnes, D. Carlos visitava muitas vezes a gentil rainha, que diligenciava distrahil-o, desviando-o de seus disparatados intentos.

Mas, n'um ponto especial, tinha resistido mesmo a ella. Isabel procurara promover o casamento entre D. Carlos e sua irmã mais nova, um casamento que seria, esperava ella, o meio de o fazer feliz e de lhe pacificar a alma. D. Carlos foi privadamente ás côrtes e informou os assombrados membros d'ellas que qualquer que se atrevesse a levar para deante similhante proposta seria considerado seu inimigo, e em seguida ordenou-lhes que guardassem segredo das suas palavras, sob pena de morte.

Voltando á narrativa, os desnorteados monges que ouviram a confissão do principe acordaram em decidir que no seu estado de espirito não lhe podia ser concedida a absolvição. Depois de alguma discussão, o prior que presidira a assemblea, e que bem percebia a gravidade do caso, fez uma suggestão artificiosa ao principe. Disse-lhe que poderia talvez achar um meio para o ajudar a obter a absolvição, se elle consentisse em dizer o nome do objecto de seu odio.

O exitado mancebo olhou em redor do circulo de phisionomias graves, cujos olhares interrogadores se cravavam silenciosamente sobre elle, luminosos e ardentes por entre a penumbra dos seus capuzes. Depois, abaixando a vóz, quasi a segredar respondeu que o homem cuja morte desejava, era a de seu proprio pae, o rei Filippe.

Um estremecimento de horror passou por aquelles homens, velhos, endurecidos, de longa experiencia, conhecedores dos negros abysmos do coração humano. O prior, dominando a custo a sua emoção, conseguiu perguntar serenamente se o principe já dera alguns passos para effectuar similhante intento.

D'esta vez D. Carlos recusou responder. Talvez visse a armadilha. Resistiu a todos os argumentos e exhortações que lhe apresentaram, e á meia noite voltou desanimado para o palacio acompanhado do seu camarista, e sem a absolvição que pretendera obter. Logo depois do principe se retirar, os monges mandaram secretamente um mensageiro ao Escorial, edificado então com melancolica magnificencia sob a vigilancia e inspecção do supersticioso rei.

⊛ ⊛ ⊛

Durante quinze dias nada succedeu. O arrebatado principe continuara nos preparativos de fuga de Hespanha. Não transparecera no mundo exterior signal algum que denotasse o conhecimento por parte de Filippe II do que se estava passando. Repentinamente Madrid estremeceu de espanto com a apparição de um pregão extranho em todas as igrejas. O rei desejava que se fizessem preces publicas para que elle recebesse do ceu inspiração n'um negocio de grande importancia que lhe estava amargurando o espirito.

Foi este um movimento interior d'alma que lhe revelava o caracter inteiro, como o clarão d'um relampago illumina a escuridão da floresta. Os historiadores de Filippe II noticiam que o seu punhal andava quasi unido ao seu sorriso. Que ameaça se esconderia na oração de similhante homem! O trabalho intimo d'aquelle espirito tortuoso está agora aclarado. Vê-se que o tyranno resolvera ferir. Restava sómente ao hypocrita justificar-se perante Deus.

Não levou muito tempo para effectuar o processo. Um ou dois dias depois, D. Carlos procurou seu tio, D. João d'Austria, a quem muito amava, confiou-lhe o seu intento de fugir, e pediu-lhe que o acompanhasse. D. João recusou, e depois de o ter admoestado, foi direito ao Escorial levar a noticia. Realmente Filippe II era um soberano bem avisado para ter conseguido que nos seus dominios a adoração ao rei fosse um dever que tomara precedencia de fé religiosa e de confiança de homem para homem. Um historiographo admirador de Filip-

...olhou em redor...

pe II faz a analyse e a curiosa nota, de que era um rei, o qual tinha as cousas tão reguladas,

O rei revestido de armadura...

que nunca ninguem sonhou defrontrar-se com a sua vontade e que todos os seus vassallos ou o amavam ou pretendiam aparentar tal affecto.

Na noite seguinte D. Carlos terminou os preparativos de fuga. Com uma extraordinaria despreoccupação que forçosamente contrastava com a prudencia de seu adversario, mandou ao director das postas do reino que lhe fornecesse oito cavallos para uma viagem. O director sabia proceder melhor do que obedecer. Tendo mandado para differentes direcções os cavallos, afim de pretextar não os ter em caso de necessidade, apressou-se tambem em ir ao Escorial receber as ordens do rei. De manhã Filippe II chegou a Madrid. Deu longa audiencia publica no palacio, calmo e grave como sempre. Depois de acabada a audiencia, assistiu em publico á missa com a sua familia. Apresentava a attitude de quem, satisfeito com a propria consciencia, procede a dever penoso, e nada tem de se culpar. Passou o dia serenamente. Chegou a noite e pelas 11 horas, o rei de Hespanha, revestido de armadura completa e seguido de alguns nobres e de doze soldados da guarda real, desceu a escada que conduzia aos quartos de seu filho.

D. Carlos dormia. Desde algum tempo porém elle dormia com todas as precauções de quem julgava ter a vida em risco. A porta do seu quarto de dormir estava sempre fechada com uma engenhosa fechadura de segurança. A' cabeçeira do leito, quando repousava, tinha pendurada uma espada e um punhal, e ao lado da cama a distancia mas ao alcance do braço um arcabuz carregado. Tudo isto era sabido pelo rei prudente, e por isso tomou as correspondentes precauções. O mechanismo da fechadura foi de ante-mão e secretamente desarranjado. No mesmo instante em que se abriu a porta, o capitão da guarda adeantou-se mansamente até a cabeceira da cama e retirou as armas.

Estava portanto livre e seguro o caminho para Felipe II entrar. Quando presentiu gente, o desgraçado principe, despertado de seu somno, deu um pulo procurando por instincto as armas das quaes acabava de ser privado. Momentos depois, as luzes illuminando-lhe os olhos, deixaram-o vêr em redor o quarto cheio de homens armados, e na entrada da porta a figura sombria de seu pae, armado de aço, olhando-o com aquelle immovel e complacente olhar, que fazia com que aquelles olhos azues frios fossem mais temiveis de encarar do que os olhos colericos de um Caligula.

— Que quer vossa majestade de mim? — foram as primeiras palavras pronunciadas pelo principe em quanto saltava da cama.

— Váe já sabel-o — foi a resposta do rei, que serenamente proseguiu dando ordens áquelles que estavam no quarto. Trancaram as janellas, fecharam as portas á chave, e toda a qualidade de armas offensivas, incluindo os ferros do fogão, foram removidas. Então Filippe II deu ao principe ordem de prisão, e entregou-o á guarda do duque de Feria e dos outros nobres presentes, ordenando-lhes que o tratassem com respeito, mas não obedecessem a ordem alguma sua, sem que fosse confirmada por elle proprio Filippe II.

D. Carlos ouvira estas determinações na mais profunda agitação. Finalmente exclamou:

— Melhor era que vossa majestade me matasse do que fazer-me prisioneiro. Se me não mata, eu o farei por mim proprio.

— Não fará similhante cousa — respondeu-lhe friamente o pae — porque seria um acto de loucura.

— Vossa majestade trata-me tão mal que me

forçará a fazel-o — replicou D. Carlos com voz estrangulada pela ira. Não sou doido, mas vós, senhor, conduzis-me ao desespero.

O infeliz principe deixou-se cahir sobre a cama, apagada a vóz pelos soluços. O rei atravessou o quarto dirigindo-se para elle e trocaram-se entre os dois algumas phrases, em tom tão baixo, que ninguem poude ouvir o que se houvera dito. Foram as ultimas palavras proferidas entre o pae e o filho. O rei completou as suas disposições, apoderou-se de um cofre contendo os papeis particulares do principe, e retirou-se, deixando-o ao cuidado dos dignitarios.

* * *

Pouco tempo depois estreitava-se cada vez mais a clausura do principe. Ruy Gomes, o ministro favorito do rei, e o homem que D. Carlos considerava seu peor inimigo, teve ordem de fixar a sua residencia no palacio, em aposentos pelos quaes necessariamente se havia de passar para chegar ao quarto do prisioneiro. Foram designados seis nobres para cada um por sua vez vigiar D. Carlos, não o deixando nunca dia e noite. Estavam estrictamente prohibidos de lhe fallar sobre a causa do seu captiveiro, ou em qualquer assumpto do Estado, ou de deixar passar qualquer correspondencia entre elle e o mundo exterior. Estavam ainda mais obrigados por juramento a guardar segredo de tudo quanto succedesse portas a dentro do palacio.

Entretanto, a prisão de D. Carlos, o herdeiro da monarchia hespanhola, produzira sensação em toda a Europa. Por toda a parte ouvia-se a mesma pergunta. Qual tinha sido a causa de tão extraordinaria medida? Qual tinha sido o crime de D. Carlos, ou de que seria elle accusado?

O rei Filippe assentou em tratar a questão por uma fórma caracteristica e singular, como costumava. O seu primeiro acto foi reunir alguns officiaes do estado em conselho e annunciar-lhes solemnemente a prisão de seu filho. Acompanhou este annuncio da declaração de que só o seu dever para com Deus e o bem da monarchia podiam tel-o levado a tal passo. Raro fôra em verdade que, durante o longo curso do seu reinado, o bem da monarchia e o seu dever para com Deus estivessem em opposição aos olhos de Filippe II.

Alguns dias depois enviou cartas cerimoniosas ás principaes personagens do reino, aos nobres, grandes e alcaides das municipalidades. Estas cartas não continham mais informações do que as que elle concedera aos seus conselheiros de estado. Algumas das grandes cidades propozeram-se mandar uma deputação a Madrid, nominalmente para acompanhar o rei na sua dôr, na realidade porém para obter luz sobre o mysterio. Filippe II mandou-lhes dizer que procedera assim simplesmente para o bem geral e que não desejava recebel-os na côrte.

Havia trez provincias em Hespanha que ainda conservavam as suas antigas liberdades, comquanto estivessem sentenciadas a perdel-as antes do fim do reinado de Filippe II. Aragão, Catalunha e Valencia resolveram defender os seus proprios interesses nos do herdeiro do throno. Nomearam commissarios para seguirem para a capital a inquirir das causas da prisão do principe e exigirem, se tanto fosse preciso, a sua liberdade. Apenas porém, tinham resolvido partir, chegaram ordens do rei para que voltassem, se já tivessem sahido, redigidas em tão severa e decisiva linguagem que não se atreveram a desobedecer. Filippe II não era monarcha que permittisse aos seus vassallos pesquizar ou inquirir das suas acções.

O povo de Murcia foi mais bem avisado no proceder e afortunado na consideração. Contentou-se em dirigir uma carta ao rei, expressando a sua sympathia e admiração por um soberano capaz até de sacrificar o terno

Filippe II honrou esta carta...

affecto, que dedicava ao proprio filho, pela justiça e pelo bem do povo.

Filippe II honrou esta carta com uma d'aquel

las celebres annotações no sobrescripto, que ainda hoje nos representa tão vivamente o retrato do despota, grave, digno, no seu fato preto, sentado socegadamente, no seu gabinete, decorado com simplicidade, tendo Ruy Gomes a seu lado, assignando uma sentença de morte, com aquella consciencIosa attenção de particularidades, que teriam feito d'elle um admiravel chefe de repartição ou um escrupuloso professor de escola publica: —«Esta carta — commentou Filippe II no sobrescripto da de Murcia, — está escripta com prudencia e discrição.»

As pessoas de sua familia que se arriscaram a mostrar interesse pelo principe Carlos, foram firmemente censuradas. A D. João, foi-lhe prohibido usar fato de luto, como signal de sentimento. A D. Joanna, tia de Filippe II que se offerecera para partilhar do captiveiro do principe, com o fim de o consolar, foi-lhe recusada licença mesmo para o visitar. A compassiva rainha tinha todas as apparentes razões de interesse, humanas embora duras, para folgar no intimo com as infelicidades de seu enteado. D. Carlos era o unico filho da primeira mulher de Filippe; de sua segunda mulher, Maria, rainha de Inglaterra, não tivera successão. De Izabel porém nasceram duas filhas, uma das quaes havia de subir ao throno, na eventualidade da morte de D. Carlos. Todavia, ella pranteou a sua prisão e a sua desgraça dois dias inteiros. Filippe ordenou-lhe asperamente que enxugasse as lagrimas.

Retrato de Maria de Portugal

Primeira mulher de Filippe II. — (Auctor desconhecido)

Não era porém tão facil callar a curiosidade das côrtes estrangeiras. Tempos antes planeara-se uma alliança de casamento, e quasi se terminára de facto, entre D. Carlos e Anna, filha do imperador Fernando de Austria. Em resposta ás anciosas perguntas do imperador, Filippe II mandou-lhe uma carta contendo duas noticias de mau agouro: — D. Carlos, por muitas e boas razões, nunca ficaria livre; e não casaria nunca com a archiduqueza.

A sua tia, rainha de Portugal, dirigiu uma exposição; que o seu proceder não era devido a nenhum mau comportamento da parte do principe, nem intentado como meio de reforma politica. Accrescentava estas palavras admiraveis de significação reservada: — «O processo assenta n'um outro fundamento, e o *remedio que eu proponho* não é de tempo, nem de expedientes; mas é de maior importancia satisfazer as minhas obrigações para com meu povo.»

Era então já corrente o boato em Madrid de que o mancebo desesperado conspirára contra a vida do pae. Filippe II teve particular empenho em desmentir taes dizeres, os quaes, sem duvida, promanavam da scena passada no convento de Nossa Senhora d'Atocha. O nuncio do Papa referiu-se ao boato conversando com o cardeal Espinosa, o grande

inquisidor das Hespanhas. O cardeal repelliu-o com vigor: — «O caso presente é peor, se peor podesse ser — declarou elle. Sua majestade tem vigiado a carreira desordenada de seu filho durante estes dois ultimos annos, sem ter possibilidade de o refrear, e acabou por ser constrangido a dar este passo.»

Havia na Europa uma côrte na qual Filippe II podia esperar ver julgado o seu procedimento com secreta satisfação, se não com plena approvação. Carlos IX de França era irmão da rainha hespanhola e consequentemente tio da infanta, cujo advento ao throno estava aberto e livre com a morte de D. Carlos. A Carlos IX tinha, portanto, Filippe II menos necessidade de explicar o seu proceder do que a outro qualquer. Todavia foi a Carlos IX que Filippe II escolheu communicar o segredo tão cautelosamente guardado dos seus proprios vassallos, dos membros de sua familia, e até do proprio Papa.

Segundo a informação do principe de Eboli que a expediu ao sr. de Fourquevaulx, embaixador francez, não havia mysterio algum sobre o assumpto. Por algum tempo o rei Filippe suspeitara que seu filho era lunatico. Elle estava agora convencido que D. Carlos era um demente sem esperança e tomára as correspondentes precauções. Tal é a explicação que o erudito Von Raumer transcreveu com aquella credulidade propria d'um espirito mais familiar com os livros do que com os homens. Observa-se singularmente como a mera vista d'um documento official entorpece a faculdade critica de escriptores a ponto de considerarem a tradição não officiosa e correntia com o mais deliberado scepticismo.

A explicação era plausivel; era até um tanto plausivel de mais. Havia um caso de demencia na casa real de Hespanha. A avó de Filippe, D. Joanna, estivera assim durante alguns annos, que precederam a sua morte. Mas esse era um caso perfeitamente conhecido em todos os dominios de Hespanha, e d'elle se fallara nas côrtes estrangeiras. Se nada mais houvesse do que isto em referencia a D. Carlos, parece que não haveria motivo para que a verdade não fosse abertamente declarada, em vez de ser segredada aos ouvidos de um embaixador afim de informar privadamente Carlos IX.

Se era segredo, devia suppôr-se que fosse um segredo de familia, o qual Filippe II de preferencia o confiasse a sua tia de Portugal, e a seu tio, o imperador d'Austria cuja bôa opinião na verdade indisposera e cujas suspeitas deviam ter tambem peso para elle. Por quê, em resumo, havia de reservar o rei essa explicação para uma unica pessoa, a quem não tinha motivo apparente de a declarar, e sobretudo uma explicação que satisfaria todos e que collocaria o seu procedimento em brilhante situação aos olhos de todo o mundo?

Retrato de Maria, rainha de Inglaterra
Segunda mulher de Filippe II. — Quadro de Antonio Moro

Como reflexão tardia, não deixava de ter seu merito similhante pretexto, mas o seu sabor provinha mais do politico Ruy Gomes do que do orgulhoso e vingativo rei. De facto, ao mesmo tempo em que assim era explicado o caso pelo seu ministro, o proprio Filippe II depunha n'outro sentido.

Retrato de Isabel de Valois
Terceira mulher de Filippe II.—Quadro de J. Pantoja de la Cruz

Havia então uma alta personagem que não estava satisfeita com as vagas desculpas que lhe chegaram, e succedia que essa personagem era no mundo o homem em quem Filippe II reconhecia superioridade indiscutivel — Pio v, conhecido na historia como o Papa da inquisição. O seu zelo austero pelo que julgava ser o christianismo igualava o passo com o do proprio Filippe II, posto que o seu caracter altivo e irreprehensivel o redemisse da peculiar e odiosa censura que bem cabe a um convicto perseguidor. O retrato do rei catholico, sentado no seu gabinete, annotando os despachos de Alva tintos de sangue, com um cruxifixo em frente e uma carta da mulher d'outro homem na algibeira, ficou mais odiosamente gravada na historia. O de Pio v era de mais ampla envergadura e na sua presença o despota, ante quem todos tremiam, sentia-se confundido.

O Papa requereu uma explicita narrativa do caso. Finalmente Filippe II escreveu-lhe, com o seu proprio punho, e mandou a carta directamente ao Papa. Similhante documento, nunca foi visto. O unico indicio do seu conteúdo foi fornecido depois em observações feitas por Pio v ao embaixador de Hespanha em Roma. «Sua santidade, escreve o embaixador, louva grandemente a deliberação tomada por sua majestade; porque elle sente que da longa vida de sua majestade e d'um digno successor *que lhe siga os passos*, depende a conservação e engrandecimento do christianismo.»

Ha uma sinistra indicação n'estas palavras. Quaesquer que fossem os motivos da prisão do principe — e é claro que esta carta confidencial ao Papa designava um outro muito differente do que aquelle que fôra declarado a Carlos IX — deixa-se prevêr o termo fatal que viria a ter aquelle captiveiro. Sem duvida, D. Carlos não era o successor necessario ou conveniente.

❧ ❧ ❧

Approximava-se aquelle desfecho previsto. Começaram de correr em Madrid boatos insistentes de que o infeliz principe se entregava a extranhos excessos que rapidamente lhe minavam a saude, umas vezes recusando comer, outras alimentando-se com comidas indigestas, e mais ainda inundando o quarto de gêlo para refrescar a febre que se apoderára d'elle. Seria devéras singular que um pae affectuoso, levado a collocar seu unico filho sob custodia

por causa de manifesta demencia, como explicára ao rei de França, o deixasse no entanto em liberdade para taes desmandos.

Mas estas noticias eram de origem suspeita. Só o principe de Eboli e seus auxiliares podiam realmente conhecer o modo de viver do prisioneiro. Tudo quanto se passava n'aquelle estreito quarto de reclusão chegava ao mundo exterior por intermedio dos dedicados a Filippe II e implacaveis inimigos de D. Carlos. N'aquelle momento outra informação era tambem adrede divulgada. O prisioneiro estava tão fraco, que lhe eram especialmente preparadas sôpas nutrientes nos proprios aposentos de Eboli. Ora D. Carlos, tendo feito uma lista dos seus inimigos figadaes, escrevera n'ella o nome de Ruy Gomes, principe de Eboli, e este lêra por certo a famosa resenha.

Justamente seis mezes depois da sua prisão, o mundo teve noticia de que D. Carlos já não existia. Attribuira-se a sua morte a causas naturaes, ou antes ao seu modo de viver. O funeral effectuou-se apressadamente no mesmo dia. Quando o corpo do principe era levado para fóra do palacio levantou-se uma mesquinha discussão de precedencias debaixo das proprias janellas do pae enlutado. Filippe II ouviu o que se passava, appareceu á janella e com a maior presença de espirito deu as necessarias ordens para conciliar a disputa.

Eis o que se sabe d'este mysterioso caso pela versão official. É tempo agora de seguir a narrativa complementar.

Dois dias depois da prisão de seu filho, o rei instituiu contra elle, e com conhecimento apenas de tres pessoas, um d'esses processos secretos que eram dilectos á alma negra de Filippe II, um d'esses terriveis julgamentos, ao qual a victima nunca estava presente e do qual talvez nunca tivesse conhecimento; onde a prova estava clandestinamente accumulada em montões de documentos, cujo conteúdo o rei revia minuciosamente, alta noite, isolado no seu gabinete; onde a accusação era trabalhosamente preparada, e cuja sentença pronunciada em segredo era executada tambem com todo o segredo de um assassinato.

Tres pessoas acompanharam até o fim o processo completo. Ruy Gomes, o Grande Inquisidor e um advogado obscuro do conselho real, chamado, sem duvida, para dar o necessario tom legal á vingança do pae sobre o filho.

Este era o tal grande processo guardado na caixa verde de Simancas, o qual estava destinado ao cabo de dois seculos e meio a ser examinado pelos olhos curiosos de um rei de outra dynastia e a desapparecer mais uma vez da vista de todos, talvez para sempre. É sómente de origem anonyma e de memorias e narrativas pouco auctorisadas, accidentalmente trazidas á luz pelo decorrer dos tempos, que alguma coisa se conhece do processo do famoso tribunal. Parece ter-se combinado entre o rei e os seus ministros um fino jogo casuistico. Filippe II pretendia dar á sua vingança pessoal uma apparencia de justiça. Se fosse um caso ordinario, o ministro Eboli e os seus collegas teriam satisfeito o desejo do rei sem hesitação. Mas D. Carlos era o herdeiro da corôa. A execução de uma tal personagem era realmente acontecimento inaudito. Não estavam seguros de que lhes fosse permittido fazel-o, nem de que o rei não recuasse em a confirmar. E se por acaso o rei morresse antes de se executar a sentença, D. Carlos subiria ao throno e chamal os-hia a terriveis contas.

Delinearam, portanto, um julgamento no qual pronunciaram o principe culpado de mau proceder, que mereceria a morte se fosse um subdito qualquer, mas deixaram ao rei decidir se as leis ordinarias podiam ser applicadas ao herdeiro do throno. Em todo o caso eram cuidadosos em recordar a sua majestade que ella possuia o direito de dispôr de toda e qualquer penalidade.

Dirigir um pedido de misericordia a Filippe

Filippe appareceu á janella...

II, era o mesmo que pedir ao tigre que largasse a preza. Não é difficil recompôr a scena. A

figura magra do rei, vestido de preto, barba aloirada e olhos azues claros, sentado em frente da bem celebre secretaria, examinando cuidadosamente a exposição do julgamento, emquanto o discreto ministro e cortezão estava de pé, a seu lado, vigiando a attitude de seu amo, com quem está jogando delicado jogo. Filippe II lê até o fim o documento com a physionomia sombria, pega da penna, talvez por um momento deite pela janella, atravez das arvores do jardim do palacio, olhar furtivo e sinistro para a torre onde as janellas gradeadas escondem o filho captivo, e depois, na vagarosa e constrangida calligraphia que meia Europa aprendera a temer, elle appôe a sua decisiva rubrica e despacho.

Os seus sentimentos de pae incitam-o a soccorrer se do subterfugio apresentado pelos juizes. A sua consciencia de supremo arbitro impede o de assim proceder. Era preciso livrar os seus subditos de tão mau successor. A sentença tinha de ser confirmada, quer dizer, as proprias extravagancias do principe conduziriam ao mesmo resultado.

Tal seria a resposta que Filippe II entregou ao homem por cujas mãos passava o alimento do prisioneiro. Era uma proposta magistral em que o rei esmagava o seu ministro na contenda de subterfugios. Ruy Gomes lê o despacho e encontram-se o olhar dos dois. D'entre em poucos dias acabavam-se os soffrimentos de D. Carlos.

Publicaram-se as costumadas noticias da morte edificante do prisioneiro. Podiam ter sido verdadeiras. Filippe II manifestou sempre o mais sincero desejo de que as suas victimas morressem como bons catholicos e, se possivel fosse, confessando no seu ultimo momento a justiça com que haviam sido sentenciados. Quando um homem, que tem estado por muito tempo preso e perseguido a ponto de sentir o espirito e o corpo egualmente exhaustos, se acha prestes a libertar-se dos seus soffrimentos, não é difficil a um zeloso confessor extrahir-lhe palavras que possam ser levadas á conta de confissão.

Felippe II raramente deixava de obter o que desejava, mesmo do mais innocente d'aquelles que encorriam em seu furor. Guardava cautelosamente esses attestados, esperando o dia em que tivesse de dar conta das suas acções e quando em resposta ás perguntas inquiridoras do seu juiz supremo: — Tu mataste Egmont? condemnaste teu filho á morte? — elle podesse obter ainda a absolvição, dizendo: — E' verdade, Todo Poderoso, mas aqui está a prova de Egmont de que eu tinha razão. Aqui está a confissão de meu filho de que merecia a morte.

Ha o quer que seja de perversão sublime n'esta fraude piedosa. Como D. Carlos cahisse quasi sem conhecimento nos seus ultimos momentos, diz-se que seu pae se introduzira no quarto, atraz dos cortezãos, e, estendendo silenciosamente as mãos para o filho moribundo, o abençoára como signal de perdão.

⊛ ⊛ ⊛

D. Carlos morrera, deixando n'um profundo mysterio a causa da sua morte. Agora procuremos o verdadeiro motivo, occulto nas vagas e contradictorias desculpas postas em evidencia pelo auctor da tragedia.

As palavras de Pio V ao embaixador Zuniga, dando sua activa approvação ao proceder do rei, referiam-se sem duvida ás razões confiadas por Filippe II na sua carta secreta. A accusação contra D. Carlos que certamente mais poderia indispôr o coração do Papa era a de heresia. E' provavel que Filippe se apressasse a pôr em evidencia similhante motivo. Talvez se tivesse persuadido á si proprio de que não era sem fundamento.

Comtudo a accusação era falsa. A suggestão da heresia não era mais real do que o motivo da loucura. E' contraria a toda a vida de D. Carlos. Elle não era feito do mesmo tecido de que são feitos os herejes. Um principe obstinado e ardente, distrahindo o seu espirito inquieto com toda a qualidade de distracção, e embrenhando-se em toda a sorte de loucuras, difficilmente seria attrahido pelo austero evangelho de Genebra. O mancebo que tão cegamente confiára os seus mais perigosos pensamentos aos monges catholicos, poderia ser qualquer coisa menos protestante.

A explicação não tem uma sombra de evidencia, nem um vestigio de probabilidade, e além d'isso nada explica. Para ter a verdadeira resposta á pergunta: — Porque tirou Filippe II a vida a seu filho? — E' preciso tambem responder a esta outra: — Porque havia de D. Carlos desejar a morte a seu pae?

Tres mezes depois de se ter fechado a sepultura do principe, houve uma outra morte na familia real de Hespanha. D'esta vez foi a mulher de Filippe, a gentil e joven rainha a quem os seus vassallos chamavam Isabella. Ella morreu depois de ter dado á luz prematura uma creança, em consequencia do errado tratamento dos medicos da côrte; e a sua agonia foi vigiada pelo embaixador francez, o mesmo Fourquevaulx a quem Ruy Gomes teve tanto cuidado em convencer de que D. Carlos fôra recluso para refreamento de sua fraqueza mental.

Entre os aridos officios politicos accumulados nos archivos francezes, está conservada como uma flôr murcha e secca a carta que

este diplomata mandou á mãe de Isabel, descrevendo os seus ultimos momentos. Foi sómente na manhã da sua morte que elle soube do estado perigoso em que a rainha estava, e apressou-se a ir ao palacio. O rei despedira-se da sua joven mulher, retirando-se para o seu quarto, e deixando-a entregue a estranhos para assistirem á sua despedida d'este mundo.

Isabel reconheceu o embaixador e deu-lhe o ultimo adeus para os seus queridos de França, a quem não tornaria mais a vêr. Ella disse-lhe que estava passando para um reino mais agradavel, e que sua mãe e seu irmão teriam de supportar a sua morte com paciencia, e conformar-se com a idéa de que nenhuma felicidade a tornara tão satisfeita como agora a esperança de se aproximar do seu Creador.

O bom Fourquevaulx expressou-lhe a vulgar consolação de que ella ainda viveria para vêr a França em prosperidade; mas ella respondeu-lhe que não desejava viver, antes preferia ir vêr aquelle que esperava contemplar no ceu. O embaixador perguntou-lhe se queria mandar algum recado especial á sua mãe: — «Não, replicou a rainha moribunda; sómente pedi-lhe que por amor de Deus se não afflija com a minha morte, que eu vou para a Bemaventurança, a melhor coisa que posso desejar.»

Algumas horas depois expirava, e o choroso embaixador sahiu, deixando o palacio inteiro immerso em pezar compartilhado pelo povo de Madrid e por toda a nação.

Segundo o direito, a carta de Fourquevaulx chegou ás mãos da mãe a quem era dirigida. A mãe era Catharina de Medecis. Se n'aquella epocha de terriveis e negros acontecimentos houvesse alguem destinado a adquirir na historia uma reputação mais horrorosa ainda do que a de Filippe II, era a rainha mãe de França. A gentil e pura figura de Isabel, faz contraste entre estas duas figuras sinistras, similhante a um cordeirinho entre um lobo e uma serpente.

Esta ultima missiva pathetica a Catharina seria escripta com intenção de desviar quaesquer sombrias perguntas que podessem talvez germinar n'aquelle espirito desconfiado? Se assim foi, falhou o intento. Catharina de Medicis e Filippe conheciam-se bem para se deixarem lograr um pelo outro.

A augusta ama de Fourquevaulx não era tão facil de contentar como elle. Escreveu ao embaixador de seu proprio junho, pedindo-lhe claras e completas particularidades sobre a a sua filha. Depois seguiam-se estas palavras, as quaes escriptas por similhante mulher teem um grande significação. — «Conduzi-vos com a vossa costumada discrição, e como achardes necessario e conveniente. *Dae vos ao trabalho de vos informar do que se diz sobre esta doença*, de fórma a poder communicar-nos imme-

...dando-lh'a com suas proprias mãos...

diatamente, com tudo mais, cujo conhecimento póde ser util a meu filho.»

A mulher que governára a França durante trez reinados, e viveu bastante para vêr a ruina de quasi todos os seus inimigos, não participou do desprezo pelos boatos particulares, nem d'aquelle profundo respeito pelas declarações officiaes que passam nos nossos dias por sciencia historica e critica. Quando esta rainha, que passou a vida inteira em côrtes, desejou saber a verdade relativa á morte de uma outra rainha, não pediu para vêr os attestados dos medicos da côrte; procurou sabel-a pelo cochichar dos cortezãos e pela tagarellice dos criados particulares.

Talvez se póssa achar resposta á pergunta suggerida por Catharina n'uma narrativa escripta em calligraphia differente e depositada nos archivos ao lado das cartas do embaixador.

N'uma manhã, durante a doença da rainha, segundo esta narrativa, a duqueza de Alva, a sua primeira dama d'honor, entrou no quarto de dormir, trazendo-lhe uma tizana que, informou a duqueza, os medicos consideravam recommendavel para ella tomar. Izabel regeitou, declarando que não tinha necessidade de nenhum remedio n'esse momento. Repentinamente apparecera no quarto o rei Filippe, perguntara sobre que descutiam, e tendo-se primeiro apparentemente declarado contra a duqueza, depois confessára estar convencido das suas razões, e inicitára sua mulher a tomar a bebida.

Izabel presistiu na recusa, sobre que Filip-

pe lhe disse fialmente que o bem do Estado requeria que ella a tomasse, dando-lh'a com as suas proprias mãos e demorou-se ao pé d'ella até que a tivesse bebido. Poucas horas depois deu-se o acontecimento do qual resultou a morte da infeliz rainha.

Será verdadeira a insinuação transparente?

❧ ❧ ❧

Para que se possa admittir e comprehender o enredo d'esta tragedia é necessario retroceder dez annos, e recordar factos anteriores e designadamente os preliminares do tratado de Cateau-Cambresis, em vida de Maria, a rainha de Inglaterra, segunda mulher de Filippe II.

Por estes preliminares tinha-se estipulado como meio de assegurar a páz futura entre a França e Hespanha, que D. Carlos, principe das Austrias, casaria com a princeza Isabel de Valois. Os dois jovens eram quasi da mesma idade e o casamento promettia ser por todos os motivos conveniente e auspicioso. Estava-se aproximando o complemento do tratado quando a rainha de Inglaterra morreu.

Filippe II ficára de novo viuvo. Antes mesmo que sua infeliz e abandonada mulher ingleza tivesse dado o ultimo suspiro, já elle estava em vistas de lhe dar successora. O primeiro offerecimento fêl o á irmã da sua mulher morta. Contrariado n'esse intento, voltou-se para a joven de Vallois. Com uma brutal pennada roubou a noiva ao filho. Quando finalmente foi ractificado o tratado, o nome de Filippe tinha sido substituido pelo de Carlos.

D'aqui, pois, parece deduzir-se a resposta ao enygma, e encontrar-se a chave d'aquelle tragico odio entre pae e filho, que findou com a morte do mais fraco. Vêmos a historia desenrolada defronte de nós, como uma tragedia representada fóra do tablado. Quando Isabel veiu a principio para Hespanha, D. Carlos era muito novo ainda para sentir a sua perda. Mas logo que foi tendo mais annos e de dia para dia conhecendo e amando mais e mais a dôce e graciosa rainha, amargos pensamentos accordavam e se agglomeravam no seu espirito, quando reflectia que estava constrangido a adorar a distancia a propria noiva que lhe fôra destinada, debaixo das vistas ciumentas do pae rispido que lhe anniquilara aquelle risonho porvir.

Incautas palavras lhe escaparam na presença d'aquelles que depressa as iriam revelar ao desconfiado rei. Não menos incauta foi aquella violenta opposição ao casamento com a irmã de Isabel, que a propria rainha lhe suggeriu — bello estratagema de um coração amoravel para curar aquella louca paixão que lhe era dado só lamentar e perdoar.

A lingua diffamadora, que não poupa ninguem, ficou silenciosa para com a madrasta de D. Carlos. Vêmol-a andando entre o severo e opprimido decóro da côrte de Hespanha, sempre risonha e gentil, submissa ao sombrio marido, já meio velho, a quem foi dada na sua juventude e innocencia em nome da implacavel rasão do Estado. Filippe tratava-a com cortezia apparente, mas de fórma alguma lhe era um marido fiel. A pobre menina viu-se abandonada e isolada n'um paiz extrangeiro, entre extranhos e espias, sem um unico amigo verdadeiro, excepto o indomavel e mal avisado rapaz, cujo infeliz amor por ella só creou um forte e vivo pezar para aquelle espirito tão sensivel. Assim ella passou uns annos bem attribulados, até que a morte veiu dar-lhe abençoado repouso.

Vêmos Filippe de pé, como uma sombra negra em logar escuso, vigiando o joven par a quem elle tão cruelmente separou, para satisfazer o seu capricho pessoal e egoista. Se os julga por si, sem duvida os crê culpados. Todo qualquer sorriso é notado, a mais simples palavra é tomada em intenção, até que tendo enchido o calice dos seus ciosos receios, elle decide emprehender a sua encoberta e furtiva vingança.

Estão bem tomadas as precauções. Engana o irmão de uma das suas victimas, e o parente mais proximo da outra. Engana o Papa, e julga ter enganado o seu Creador. Comtudo, apezar de todas as suas precauções, um furtivo murmurar, levantando-se cada vez mais alto, accusa-o dos crimes commettidos secretamente, e um dia accorda achando o mundo todo a rodeal-o de accusações sinistras. A critica historica moderna, na sua tendencia rehabilitadora dos vultos mais odiosos, nega esta explicação psychologa do procedimento do rei Filippe e acceita para a morte de D. Carlos a razão do Estado, como razão suprema, n'um juizo implacavel do despota.

Resta-nos accrescentar que antes de dezoito mezes passados, Filippe teve a ousadia de tomar para quarta mulher aquella mesma Anna que tinha sido promettida a D. Carlos, roubando portanto, ainda que na sepultura, pela segunda vez, seu filho. Cinco annos depois tendo-se afinal completado o vasto mosteiro do palacio do Escorial, os corpos de D. Carlos e D. Isabel, removidos dos seus jazigos temporarios, descançavam finalmente lado a lado na sua eterna morada.

(Segundo UPWARD *e* GACHARD*).*

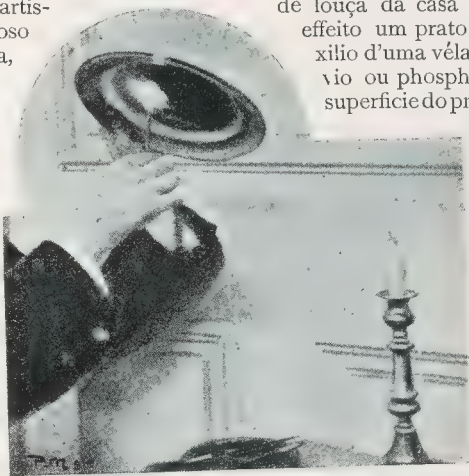
PINTURAS A FUMO

Entre os diversos entretenimentos que teem occupado recentemeute o tempo de repouso, em noites de inverno, ao serão de familia, tornou-se muito apreciado e seguido com insistencia o de compôr quadros a fumo sobre louça, produziudo os mais encantadores effeitos, estimulando as aptidões em concorrencia de esforço inventivo e de habilidade.

Tudo quanto é preciso para executar estes trabalhos encontra-se em qualquer casa. Um prato, uma véla accesa, um canivete, um ou dois pequenos pinceis e as pontas dos dedos de cada qual, constituem o instrumental completo, a ferramenta do artista pintor a fumo. Forçoso é possuir, sem duvida, uma certa habilidade artistica para conseguir resultados apreciaveis; mas, como a habilidade se adquire com a pratica, ninguem deve ter receios de experimentar o novo entretenimento que apresentamos aos nossos leitores.

O methodo de trabalho é extremamente simples. E' preciso explicar-se, em primeiro logar que a producção das pinturas a fumo, se obtem por um processo inverso d'aquelle que se usa para os outros generos de pintura ou de desenho.

Ordinariamente os artistas pintando a oleo, miniaturistas ou desenhistas de branco e negro, conseguem os effeitos accumulando a tinta, a côr; o artista de fumo fixa-os enfraquecendo as sombras. Para esclarecer quanto possivel a nossa explicação, vamos tentar instruir os que desejarem experimentar a mão n'um primeiro ensaio. Tire-se do apparelho de louça da casa ou adquira-se para o effeito um prato branco; e com o auxilio d'uma véla accesa, um simples pavio ou phosphoro de cera, fume-se a superficie do prato egualmente, mas não carregada de mais. O prato deve estar completamente limpo, lavado a preceito e sem a mais leve sombra de gordura ou de humidade; aliás seria desastroso o resultado. Fumado convenientemente o prato, está este prompto para n'elle se fazer a pintura, trabalhando sobre a superficie preta com pinceis seccos, as pontas dos dedos, o canivete, qualquer outro utensilio como um palito, ou canudilho de papel enrolado ou ainda outro qualquer meio que possa suggerir a imaginação, como mais apropriado para obter o exa-

cto effeito desejado. Com quanto no principio se experimente certa difficuldade em conseguir exito, a repetição paciente das tentativas revelarão depressa os methodos a adoptar e mostrarão

a possibilidade e o prazer que ha em trabalhar por este extravagante processo. Se o prato tiver recebido muito fumo n'alguns pontos ou precisar mais em outros, deve-se-lhe applicar novamente a véla e assim podem ser obtidas as mais variadas graduações de tons pela habilidosa manipulação da chamma.

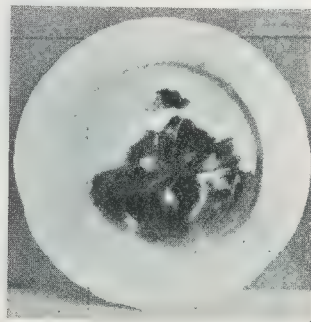
Uma das gravuras que acompanham este artigo mostra exactamente a maneira como se ha de fumar o prato, e n'outra está um dos mais apreciados *fumoplatistas* trabalhando n'um delicado e pequeno estudo.

Sim, muito bem, dirá o leitor; mas de que serve a pintura quando se tiver finalisado? O fumo tem o feliz condão de se «apagar» com o mais leve attricto; merece acaso a pena perder tanto tempo a trabalhar para resultado tão fugitivo? — Socegue, leitor sceptico, que o resultado póde deixar de ser improficuo. As pinturas a fumo podem ser fixadas e assim — se forem boas — podem ficar como preciosidade reservada aos vindouros, para todo o sempre. Nas paredes dos *ateliers*, ou antes dos *studios*, como é mais moderno dizer-se, da maior parte dos artistas, de que damos aqui algumas reproducções indicativas, ha collecção de pratos que excitam invejas nos corações dos menos inclinados a este peccado mortal. Muitas pinturas a fumo conservam-se ciosamente como se fossem «velhos mestres.»

Para fixar a pintura, quando acabada, deve aquecer-se o prato, segurando-se na borda e deitar-se sobre elle todo, n'uma rapida passagem, um verniz negativo incolor, tendo em baixo um balde ou similar receptaculo onde possa cahir o accesso de verniz, o qual secca de repente, e nada ha mais a fazer senão collocar a pintura em posição apropriada para ser admirada.

As differentes photographias de pinturas a fumo que illustram este artigo, foram escolhidas de molde a dar aos nossos leitores indicação dos generos a estudar. Ha pouco ainda o *Sketch Club* de Londres realizou alguns serões de fumar pratos, com o fim de praticar este novo estylo d'arte, e n'elles se entretiveram alguns dos melhores e mais conhecidos illustradores inglezes.

Devido á novidade do processo, as placas de fumo promettem vir a ser uma decoração de moda. As pinturas são suaves e delicadas no effeito egual ao mais fino trabalho a lapis. Quando alguem tiver verdadeiramente estudado os rudimentos da arte apresentados n'este artigo, contanto que possua a sufficiente concepção artistica, não deixará de dedicar as longas noites de inverno n'uma occupação que não só proporciona um agradavel e economico divertimento, mas ao mesmo tempo um meio rapido de embellezar a propria casa. Uma outra recommendação importante a seu favor, é poder-se applicar este trabalho com egual facilidade a objectos de vidro.

Não são apenas as paisagens, as marinhas, ou trechos de cidade os assumptos a escolher para a composição dos quadros a fumo. Os mais habeis artistas no genero atacam motivos de estudo mais complexos, como o retrato de que damos reproducção na vinheta onde se descobre, apezar das suas dimensões reduzidas, o perfil caracteristico de Sarah Bernhardt, a genial artista; ou como o retrato a Rembraudt, de que apresentamos n'outra illustração uma cabeça, cuidadosamente estudada e executada por quem maneja o pincel com egual mestria.

Outros dedicam-se á caricatura expressiva, e ainda á decoração complicada, phantasista, desenhada em arabescos kaleidoscopicos, mais ou menos graciosos ou excentricos, re-

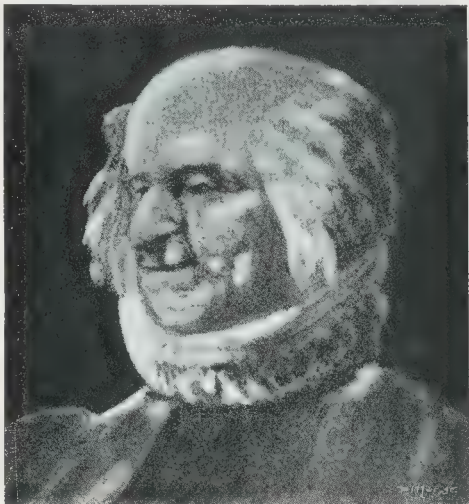
cordando no effeito trabalhos de talha em relevo, medalhões esculpidos, ornatos bisantinos, emfim, infinito numero de motivos que a imaginação, o gosto, a predilecção de cada qual suggerir para este educativo passatempo de quem sabe desenho.

Acreditado o processo pelo uso que d'elle fizeram os mais notaveis artistas inglezes, desenhistas de fama, pintores da academia, o entretenimento passou aos salões onde naturalmente vivem as discipulas. E os delicados dedos delgados de rosadas e finas mãos patricias não duvidaram mascarrar-se no fumo depositado pela vela sobre a superficie d'um prato, em busca d'um effeito de luz nos desenhos que primeiro copiam para exercitar a habilidade e adquirir a necessaria destreza, até chegar á composição espontanea e livre que caracterisa a verdadeira artista.

A modesta exigencia de preparos, que requer o processo, tornou-o adoptavel ao salão, facilmente executado sobre a meza redonda do canto, á luz do candieiro de Carcel, montado em colorida jarra do Japão, defendido pelo gracioso *abat-jour*, que tambem, repetidas vezes attesta nas finas aguarellas da sua decoração circular o gosto das donas de casa que o pintaram. E alli, entre o florear das conversas, em estimulado concurso de destreza, se procura arrancar da negra camada de fumo um effeito de luz, uma visão d'arte, subtil, expressiva.

Por vezes, entre risadas crystallinas, n'uma franca expressão de intimidade, como o gorgear de passaros no desabrochar da primavera, faz-se a critica severa da mão menos destra que sobre o fumo deixou marca indelevel, irremediavel, a inutilisar tentativas que aspiravam a consagração gloriosa.

Outras vezes, uma exclamação expressiva e hilariante denota a descoberta d'um pequeno botão negro em face rosada, descuido em pousar o pequenino dedo como ponto de apoio á attitude melancolica ou reflexiva.

Um ou outro vestigio de verniz ou de negro de fumo apparece disperso sobre a cachemira do chaile bordado a matriz ou sobre a seda adamascada da colcha da India que recobrem as mezas do serão. Mas em tudo isto está a graça do entretenimento, a pequena contrariedade a aguçar novos estimulos, o riso sincero a polvilhar a rudeza do trabalho afincado e sério...

Quadro de Dante-Gabriel Rossetti

«Este celebre preraphaelista inglez comprehendeu que a epoca plastica da pintura havia passado; que tendo deixado o corpo humano, o seu vigor e sua belleza, de ter a estima d'outr'ora, o unico objecto da arte não podia ser a simples representação d'aquelle; que n'uma epoca toda intellectual a pintura deveria procurar outro ideal que não fosse a forma pura e que esse ideal só podia ser a expressão. As suas figuras têem uma immobilidade, um silencio, uma attitude suspensa, uma lenta hesitação nos seus raros movimentos que parecem figuras de sonho pousadas perante a imaginação, sem precisão de contornos.» Esta é a segunda gravura que reproduzimos d'este eminente pintor que tanto influiu nas nossas escolas d'arte, como nas litterarias, que elle era a um tempo um verdadeiro poeta. A primeira gravura reproduzindo a Proserpina, *foi publicada no n.º 7 dos* Serões *e iremos assim colleccionando as suas caracteristicas figuras de mulher.*

MODAS

Embora a moda, de sua natureza voluvel e inconstante, mude quasi diariamente no principal intuito de produzir trabalho em variados ramos de actividade industrial que ella estimula e entretem, fazendo concorrer a vaidade tão humana e tão comprehensivel na belleza feminina em beneficio de muitos; embora, pois, a moda apresente sempre novos aspectos e novas resoluções dos complicados problemas do atavio garrido, épochas ha no anno em que aquella actividade febril esmorece e quasi se retrahae completamente. E' no periodo mediano entre as estações que mais se acentua e define aquelle natural abatimento.

Ha uma certa hesitação no caminho a seguir; ainda não estão experimentadas, não obstante serem conhecidas dos mestres da da moda, deu a sua plena approvação a este ou aquelle modelo, a este ou aquelle genero ou estylo que venha depois a predominar, senão exclusivo, pelo menos bem patricionado. Assim as illustrações, que seguem, destinam-se a preencher este tempo de hesitação, sem inculcar mudanças acentuadas.

Tem-se notado menos procura no genero *tailleur*, mas prevê-se que pelo progressivo desenvolvimento que dia a dia vae tomando o exercicio *sportivo*, o vestuario feminino terá de se adaptar a este genero. Os veludos e as rendas continuam a predominar; e o vestuario completo, que parece será mais preferido na proxima estação, ainda não consegue vencer a lucta com o formado por corpo e saia, visto que permitte na diversidade de tecidos

arte, as novas fazendas a adoptar na proxima primavera; ainda o bom gosto d'uma mundana, que reja imperiosamente os caprichos e de formas, como blusa, bolero, casacos fingidos, variar muito a *toilette* e fazer realçar os encantos naturaes da mulher.

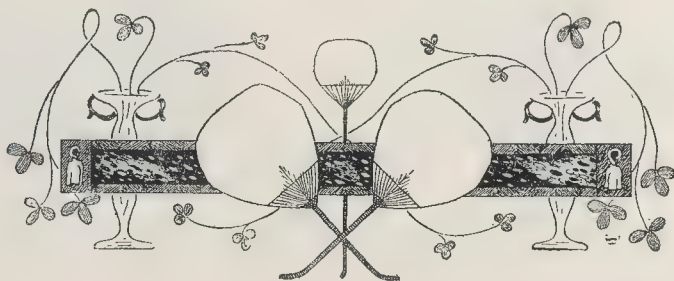
As illustrações que publicamos são destinadas a dar idêa geral do genero de *toilletes*

mais usados n'este periodo transitorio da moda, emquanto se não define aquella que deverá imperar na proxima primavera. Damos resumida descripção d'ellas e pela ordem em que vão collocadas.

Mostra a primeira um corpo de *soirée* de cambraia branca, salpicada de pintas pretas, enfeitado de velludo e rendas.

Mostra a segunda um corpo de cambraia leve branca transparente applicada sobre seda branca enfeitado e ajustado com umas bandas de renda antiga.

Blusa de seda, enfeitada com uma tira debruada levemente cosida sobre a seda, deixando intervallos para deixar passar as bandas de velludo preto que vão em volta até as costas, finalisando em laço. Nos hombros uma gola voltada e adornada com uma larga renda em bicos. Fecham o corpo na frente botões de aço cinzelado ou recortado. A camisinha interior de cambraia é em pregas com fitinhas de velludo preto atravessadas.

Uma elegante blusa de flanella enfeitada com listas de velludo. O corpo cortado em quadrado na frente deixando ver uma camisinha em pregas de seda branca.

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

DEZEMBRO **26** — *Portugal* — É publicado no *Diario do Governo* o decreto reorganisando os serviços de saude e de beneficencia publica. — *Chili* — O Chili acceita a modificação das suas propostas pela republica Argentina. — *Italia* — Cahe um violento cyclone sobre a cidade de Napoles, derrubando algumas casas e matando trinta pessoas. — *Japão* — O parlamento vota as propostas financeiras do seu governo.

27 *Irlanda* — A municipalidade de Rossedom resolve cortar todas as relações officiaes reconhecidas como um serviço a Eduardo VII de Inglaterra por as considerar como um signal de escravidão á nação inimiga. — *Suissa* — Abre-se em Basiléa o congresso sionista com uns 1:000 assistentes, a ordem do dia comprehende questões de regeneração da raça israelita sob o ponto de vista corporal, intellectual e economico.

28 *Portugal* — São publicadas no *Diario do Governo*: a reforma da universidade de Coimbra, da direcção geral de instrucção publica, do conselho superior de instrucção publica, do curso superior de lettras, das bibliothecas e archivos nacionaes, da Imprensa Nacional e da instrucção primaria. — *Inglaterra* — Algumas companhias de Londres celebram um contracto com Marconi para o estabelecimento do telegrapho sem fios entre New-York e New-Haven. — *Italia* — As grandes chuvas innundam as partes baixas de Roma pela cheia do Tibre, e a cidade de Pisa pela cheia do Arno. — *Africa* — Cae sobre Saffi uma tromba d'agua que alaga a cidade baixa até á altura de 3 metros, perecendo afogadas mais de 200 pessoas e tendo desapparecido a alfandega e todos os armazens.

29 *Afghanistan* — O emir promette aos principes chefes que protegerá o paiz contra a invasão estrangeira e que prohibirá que se construam caminhos de ferro e telegraphos. — *China* — Regressam a Pekin 2:000 soldados chinezes. — *Corêa* — O governo da Corêa auctorisa o Japão a estabelecer um cabo entre Chenulgo e Fusan.

30 *Portugal* — É publicado no *Diario do Governo* o decreto relativo ás reformas da fazenda e á reforma e reorganisação do serviço das alfandegas e da guarda fiscal. — *Russia* — A Russia resolve dissolver os regimentos finlandezes, por causa dos officiaes que recusám obedecer ao tzar. — *China* — A população de Shangae assassina numerosos convertidos. — *Belgica* — Realisa-se um grande comicio internacional em Bruxellas, no qual cada delegado socialista expôz as reivindicações dos seus nacionaes e approva uma ordem do dia dizendo que a crise economica européa é o resultado do regimen perturbador da producção, ao qual os socialistas porão termo. — *Cuba* — O povo cubano faz uma estrondosa manifestação acclamando o sr. Palma como presidente da republica cubana.

31 *Portugal* — São publicados no *Diario do Governo* os decretos sobre a reforma da agricultura e organisação dos serviços da secretaria das obras publicas e organisação do pessoal dos telegraphos, correios e fiscalisação de industrias electricas. — *Hespanha* — O duque de Veragua apresenta a sua demissão por motivo de não serem approvados em votação definitiva os creditos da marinha. É encerrado o congresso. — *França* — O tribunal da Relação sentenciando no pleito do *Figaro*, ordena que os gerentes Perivier e Rodays devem no praso de 8 dias entregar a gerencia do jornal ao sr. Prestat, presidente do conselho fiscal

JANEIRO **2** — *Portugal* — Abertura solemne do parlamento em Lisboa. — *Hespanha* — Celebra-se um *meeting* de cigarreiras em Madrid, dirigindo-se depois á presidencia do conselho pedindo a reintegração das companheiras demittidas.

4 *Nicaragua* — O tratado firmado pelos Estados-Unidos e Nicaragua concede aos americanos jurisdicção completa em uma zona de

6 milhas desde o Atlantico ao Pacifico. — *Bulgaria* — O novo gabinete bulgaro é constituido como segue: o sr. Danef, presidente do conselho e ministro dos negocios estrangeiros; o sr. Sarafof ministro do interior e da fazenda; o sr. Paplilzof ministro da guerra. Todos os ministros são tsankovistas. — *Republica Argentina* — Aggrava-se de novo o conflicto chileno-argentino por causa dos processos diplomaticos usados pelo Chili. A Argentina considera exgotados os meios pacificos, e ordena ao exercito e á marinha que se mobilisem em pé de guerra. — *Panamá* — O secretario da companhia do canal inter-oceanico do Panamá informa o almirante Waltker de que a companhia está prompta a ceder todos os seus direitos mediante 40 milhões de dollars.

6 *Prussia* — Produz-se uma manifestação anti-germanica em Syduhunes proximo á fronteira russa, tendo a multidão apedrejado os edificios publicos. — *Mexico* — O congresso pan-americano approva as propostas das republicas do Haiti e do Equador, estabelecendo que os actos criminosos dos inimigos da sociedade não sejam considerados attentados politicos, approvando tambem a proposta da republica de Venezuella tendente a supprimir a pena de morte no caso dos criminosos serem extraditados de paizes onde não exista a mesma pena. — *França* — O congresso de 2:000 viticultores celebrado em Pezenas pronuncia-se a favor de premios aos vinhos destinados á distillação e de abatimento de direitos para os vinhos de consumo.

7 *Inglaterra* — Jorge Lloyd consegue realisar um comicio em Bristol a favor dos boers, não obstante a hostilidade da maior parte da multidão, sendo votada uma ordem do dia protestando contra a guerra de exterminio e pedindo se estipule uma paz honrosa. — *Estados-Unidos* — N'uma reunião presidida por Bryan é unanimemente votado que se peça ao presidente da republica que intervenha na guerra da Africa do Sul e impeça a remessa do gado cavallar e muar. — *França* — O censo da população de Paris, de 1898 a 1901, accusa um augmento de 444:613 almas. — *Estados-Unidos* — Os organisadores da exposição de S. Luiz offerecem um premio d'um milhão de dollars ao inventor d'um balão dirigivel. — *China* — Os ministros resolvem estabelecer guardas nas legações de Pekin para evitar a possibilidade de collisões entre soldados chinezes e estrangeiros. Em Nin-y-Chung rebentam desordens entre os marinheiros do cruzador americano e os soldados russos, resultando varios feridos. — *Chili* — O governo chileno acquiesce aos pedidos da Republica Argentina a respeito do recente protocollo.

8 *Africa* — Os principaes chefes da kabila Benminsara dirigem-se a Liano, onde se concentram as tropas do sultão, e degolam rezes como signal de submissão. — *França* — Confirma-se a existencia de um tratado entre a França e a Italia comprommettendo-se os francezes a reconhecer a supremacia sobre o Tripoli — *Afghanistan* — O vice-rei da India e o emir do Afghanistan assignam um tratado muito favoravel aos interesses britannicos. — *China* — A imperatriz ordena que Tung-Fuh-Gianga, responsavel pelos assassinios dos missionarios belgas, seja decapitado.

9 *Estados-Unidos* — Roosevelt nomeia o negro Crossland ministro dos Estados-Unidos na Liberia. — *Inglaterra* — A gréve sustentada por 120:000 mineiros do districto de Monthonthshire tem a solução desejada, isto é, o augmento de salarios. — *Republicas hespanholas* — Rebenta uma revolta em Bogotá, sendo presos pelos revoltosos o sr. Marroquin, presidente da republica da Columbia. Rebenta uma revolução no Paraguay, sendo preso o presidente da republica, o exercito é favoravel a esta revolução dirigida pelos ministros da guerra e da fazenda. É resolvida a questão do caminho de ferro allemão; a republica de Venezuela pagará as devidas indemnisações. — *Republica Argentina* — A camara dos deputados vota o restabelecimento de 10 por cento sobre importações, os direitos alfandegarios serão pagos em ouro. — *Estados-Unidos* — A camara dos representantes approva por 308 votos contra 2 o projecto de lei relativo ao canal de Nicaragua.

10 *Allemanha* — Nas escolas publicas d'Elblings commettem-se inqualificaveis attentados, ascendendo o numero de victimas a 70.

11 *Portugal* — O *Diario do Governo* publica o regulamento das estampilhas fiscaes, recentemente creadas.

12 *Chile* — O congresso chileno auctorisa um emprestimo de 62.500.000 pesos para compra de material de guerra. — *Russia* — Manifesta-se um grande incendio no asylo dos pobres de Rotsdeswensy, perecendo 12 pessoas e ficando muitas gravemente feridas. — *Italia* — Despenha-se um comboio d'uma ponte suspensa sobre a torrente de Cilla Reys, proximo de Brindisi, perecendo bastantes pessoas.

13 *Estados-Unidos* — O sr. Mason apresenta ao senado uma proposta tendente a que se tomem em consideração os tratados de reciprocidade para serem postos em vigor no fim da sessão parlamentar.

14 *Italia* — O papa nomeia uma commissão internacional, presidida pelo cardeal Parochi, para estudar a interpretação da Biblia. A interpretação que a commissão proporá será adoptada como official para todo o orbe catholico. — *Austria* — Trasborda-se o Danubio, espraiando-se em grandes inundações na Hungria meridional. — *Africa* — O sr. Max-Régis, radical anti-semita, é preso em Argel para cumprir a pena de tres annos de prisão, em consequencia de não ter pago as multas a que foi condemnado em diversos processos de diffamação. — *Portugal* — E' apresentada ás côrtes, pelo ministro da fazenda, a proposta da lei do orçamento. — *Bohemia* — Inunda-se a mina Jupiter, em Bruex, ficando afogados 44 mineiros. — *Inglaterra* — O conselho de ministros decide que, se forem mantidos os premios de exportação ao assucar pelas nações estrangeiras, a Gran Bretanha imporá ao assucar direitos aduaneiros equivalentes a esses premios.

15 *Estados-Unidos* — Uma poderosa companhia sino-americana, cujo fim é fomentar o commercio *yankee* no extremo oriente, eleva o seu capital a 15 milhões de dollars. — *Hespanha* — Em consequencia da municipalidade de S. Sebastian ter abolido a lucta dos bois ensogados, produzem-se manifestações tumultuosas contra a administração, tendo os manifestantes assobiado as auctoridades e apedrejado alguns edificios publicos. — *Italia* — Nas egrejas de Leorne e Bari e outras povoações levantam-se e desenvolvem-se scenas tumultuosas entre catholicos e socialistas por causa da lei do divorcio. O governo prohibe que os prelados preguem nos templos contra o divorcio. — *França* — Os tribunaes de Paris intimam os jesuitas a abandonar as cadeiras que occupam no Instituto Catholico. Os tribunaes de Lyon, Bordeos e Marselha procedem egualmente contra os jesuitas.

16 *Inglaterra* — Sessão solemne da abertura do parlamento com a presença do rei Eduardo VII e da rainha Alexandra. — *França* — O senado reelege seu presidente o sr. Fallières. — *Canarias* — Desencadea-se um violento cyclone em Las Palmas, chegando a cahir areia procedente do Sahara e produzindo bastantes estragos e varios naufragios.

17 *Estados-Unidos* — A commissão do senado propõe reducção de direitos sobre os productos das Filippinas. — *Italia* — Produz-se uma profunda scisão nos socialistas italianos, dividindo-se em dois grupos: revolucionarios e reformadores. — *Mexico* — Produz-se um violento tremor de terra que dura 22 segundos, morrendo 300 pessoas, e ficando feridas outras 300, e causando immensas perdas materiaes no Estado de Guerrero.

18 *Inglaterra* — Celebra-se em Wellington um *meeting* monstro com o fim de protestar contra os ataques do estrangeiro á politica da Inglaterra na Africa do Sul, votando-se conclusões de que nunca houve guerra mais humana que a actual. — *Hespanha* — Produz-se uma enorme explosão nas caldeiras da fabrica de tecidos de algodão do banqueiro Jover, em Positvilmnara, ficando destruido todo o edificio e ascendendo o numero dos mortos e feridos a 120. — *Mexico* — O congresso pan-americano approva a resolução de as republicas americanas adherirem ás bases do convenio de Haya, relativo á arbitragem. Sente-se um novo tremor de terra em Chilpanciogo, tendo desabado numerosos edificios ficando mortas 9 pessoas e feridas muitas outras. — *Estados-Unidos* — O presidente Roosevelt ordena que se reembolse a China da quantia de 1.376.000 dollars, representando o valor tomado pelas pelas tropas americanas em Tien-Tsin. — *Chile* — São assignadas sem alteração as actas do accordo chileno-argentino.

19 *Hespanha* — Os estudantes catholicos de Valencia promovem graves disturbios na occasião em que o ministro de instrucção publica se dirigia para a Universidade para presidir á distribuição dos premios, havendo tiroteio de pedradas e ficando muitas pessoas feridas.

20 *Hespanha* — O embaixador de Hespanha junto do Vaticano, D. Alexandre Pidal, é demittido em consequencia das censuras que dirigiu a Sagasta n'uma entrevista com um redactor do *Heraldo*. — E' destruido por um incendio o theatro de Alcoy. — *Allemanha* — Um incendio destroe quasi completamente o theatro de Stuttegard. — *Estados-Unidos* — O presidente Roosevelt transmitte ao congresso o relatorio da commissão do canal isthmico, relatorio que é favoravel ao traçado de Panamá. — O senado examina o projecto de lei relativo ás ilhas Filippinas emendado pela camara dos representantes.

21 *Inglaterra* — Chamberlain telegrapha para a Australia e Nova Zelandia pedindo a cada uma d'aquellas colonias que envie 1:000 homens de reforço ao exercito inglez na Africa do Sul. — O conde de Rosebery pronuncia um discurso em Edimburgo em que assignala e proclama a decadencia do parlamento inglez. — *Italia* — Rebentam em Roma grandes desordens entre estudantes socialistas e monarchicos por estes impedirem que o deputado Ferri désse aula, ficando bastantes feridos. A universidade foi encerrada. — *França* — O deputado republicano Etienne, representante de Oran, declara approvar a politica seguida ha 20 annos com relação a Marrocos e queixando-se de que a diplomacia ingleza suscite ainda contestações em diversos pontos. — *Suecia* — Na occasião em que o rei Jorge passeiava no Jardim Zoologico de Athenas, um avestruz, furioso, accommette o soberano, tendo de intervir o director do estabelecimento. O rei ficou ferido n'um braço. — *Noruega* — O parlamento norueguez approva o projecto de lei auctorisando as mulheres a advogar nos tribunaes.

22 *Italia* — Realisa-se em Roma um comicio promovido por 10:000 operarios sem trabalho, decidindo provocar a gréve geral se o governo insistir em não promover obras publicas. — *Hespanha* — O ministro da fazenda lê no congresso a proposta de lei limitando a circulação fiduciaria do Banco de Hespanha. O governador do Banco sr. Rio Gullon pede a sua demissão. — *Austria* — A archiduqueza Izabel Maria renuncia solemnemente aos direitos do throno por motivo do seu proximo casamento com o principe Otto de Windisch-Grætz. — *França* — Dá se uma explosão de torpedos a bordo do couraçado *Jaurreguiberry* durante as manobras de lançamento no golpho de Gasconha, ficando ferido um marinheiro.

22 *Africa* — Rebenta um violento incendio ao centro da Cidade do Cabo, produzindo enormes estragos e cujas perdas são avaliadas em 4:000 libras.

23 *Austria* — Celebra-se em Holburg o casamento da archiduqueza Izabel Maria com o principe Otto de Windisch-Grætz, assistindo á cerimonia o imperador Francisco José, os archiduques e os altos dignatarios da côrte. — *França* — A camara dos deputados approva uma moção do deputado socialista Bourrat, convidando o governo a apresentar um projecto de lei para o resgate pelo estado dos ca-

minhos de ferro de oeste e do sul. — *Hungria* — Um violento incendio destroe uma grande fabrica de moagens em Buda-Pesth. Os estragos são avaliados em mais de 3 milhões de florins.

24 *França* - Um incendio, attribuido a malvadez, destroe grande parte da floresta dominical de Perpignan. — A assembléa geral do *Figaro* elege seu director-gerente o sr. Calmette, antigo secretario da redacção. — *Estados-Unidos* — E' assignado o tratado de cessão das Antilhas dinamarquezas aos Estados-Unidos por 5 milhões de dollars. — Dá se uma explosão na hulheira de Lost Creek, ficando soterrados 26 mineiros. — *Portugal* — Sente-se um abalo de terra em Lisboa e nas provincias do sul.

25 *Africa* — O conselho municipal de Oran approva a manutenção da lei de 1889 sobre a naturalisação na Argelia. — *França* — O *Figaro* declara-se periodico independente, sem pertencer a nenhum partido politico. — *Allemanha* — O governo, no sentido de conjurar a crise operaria, ordena que se activem novas construcções, para o que se vota pelo parlamento a verba de 150 milhões de marcos. — *Italia* — Produz-se nova erupção no Vesuvio, arrojando enorme quantidade de materias incandescentes e torrentes de lavas. — *Brazil*. — E' nomeado o ministro Epitacio da Silva Pessoa para membro do supremo tribunal de justiça.

THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante o mez de Dezembro

DEZEMBRO 27 — CAPITÃO THEREZA, opereta de Alexandre Bisson, traducção do sr. Sousa Bastos (Theatro da Avenida).

28 — SUAVE MILAGRE, mysterio, do sr. conde de Arnoso, com versos do sr. Alberto de Oliveira e musica do sr. Oscar da Silva, extrahido de um conto do fallecido escriptor Eça de Queiroz (Theatro de D. Maria).

28 — ARTE NOVA, revista do anno de 1901, do sr. Accacio de Paiva, com musica do maestro Thomaz Del-Negro (Theatro da Trindade).

31 — SEMI-VIRGENS, peça em 3 actos, de Marcel Prévost, traducção do sr. Mello Barreto (Theatro de D. Amelia).

JANEIRO 8 — O ALFENIN, drama em 5 actos, do sr. Lopes de Mendonça (Theatro do Principe Real).

18 — TIÇÃO NEGRO, farça lyrica em 3 actos, do sr. Henrique Lopes de Mendonça, com musica do maestro Augusto Machado (Theatro da Avenida).

NECROLOGIA

DEZEMBRO 27 — HENRI FOUQUIER, 65 annos, em Paris, eminente critico e uma das mais brilhantes pennas da França, auctor de varias obras, entre ellas os *Estudos Artisticos*, a *Arte official e a liberdade*, *No seculo passado* e a *Sabedoria parisiense*.

JANEIRO 8 — JOAQUIM MOUSINHO DE ALBUQUERQUE, em Lisboa, o heroe de Chaimite e captor do Gungunhana (por suicidio).

«Se havia alma complicada, amalgamada de elementos diversos, alma por assim dizer multanime, era a d'esse homem singular e estranho, que foi como um enygma vivo de psychologia. O commum da gente suppunha-o um *sabreur* temerario e duro, um temperamento aventureiro de *condottiere*, uma natureza auctoritaria de homem de mando allumiada por um entendimento claro e uma razão forte. E a estes quatro deficientissimos traços limitava a representação imperfeita da sua individualidade, tão complexa e tão varia.

Pois esse homem de apparencia imperturbavel e fleugmatica era um agitado, um exaltado, vibrando ao impulso das mais diversas paixões; essa energia inflexivel e imperiosa temperava-se, nos seus affectos intimos, com uma sentimentalidade quasi feminil, esse orgulhoso, esse desdenhoso, que parecia concentrar-se todo no culto no seu *eu*, era um compassivo cheio de rasgos de pura e silenciosa caridade; esse obstinado, esse teimoso era ás vezes docil como uma creança; esse homem de acção tinha indolencias, apathias de sonhador: esse soldado, affectando, como Napoleão, o desprezo dos ideologos, era um espirito tão fino como culto, uma rara intelligencia sempre em actividade, um curioso de ideias, um intellectual na mais pura accepção d'este termo; esse espirito positivo e forte era accessivel á influencia da imaginação illusoria; esse ambicioso era um desinteressado; essa vontade rectilinea e firme tinha collapsos, incertezas, desfallecimentos; esse animo de estoico sentia agudamente todas as angustias, as decepções, as melancholias da vida.

Em almas tão complicadas, constituidas por forças tão antagonicas, o equilibrio moral é sempre instavel — e isso que, á primeira vista, se nos affigura uma aberração, é, bem no fundo, um acto natural, porque não passa da brusca cessação d'um estado difficil de manter-se.

Emquanto os simples e rudes apparelhos archaicos, inventados pelo engenho do homem primitivo, operam imperfeita, grosseira, mas seguramente, os complexos e maravilho-

sos mechanismos creados pela industria moderna estão sujeitos a cada momento a desarranjos que os paralysam, ou a desastres que de subito os destroem. O mesmo acontece com o nosso mechanismo psychologico. As almas simples offerecem á vida, á fatalidade, á adversidade, á desillusão, uma resistencia que não têm as almas complicadas. D'ahi a vulgaridade d'essas crises intimas, d'esses desequilibrios, que nenhuma apparencia trae ou revela e que umas vezes se resolvem pela loucura, outras pelo suicidio.»

Eis o retrato psychologo que do prestigioso militar e heroe fez um dos seus mais intimos amigos, o sr. dr. Luiz de Magalhães.

9 — Napoleão Velani, conhecido e distincto professor de canto em Lisboa.

18 — Marchetti, em Roma, conhecido compositor e presidente da Academia de Santa Cecilia.

19 — Infanta Christina, em Madrid, irmã do fallecido rei Affonso xii, de Hespanha.

❂ ❂ ❂

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

La Lectura — *Revista de sciencias e de artes* — Madrid — Anno ii, n.º 14 — Fevereiro, 1902 — Pest. 2,75. — Principaes artigos: *Sacrificios*, drama em tres actos, por J. Benavente — *O enygma de Antonio Perez*, por Martin Hume — *Sociologia em França*, por A. Posada — *Columbia University*, por Titz Gerald — *A politica governante*, por C. Sollorca.

Esta magnifica revista madrilena publica estudos muito interessantes dos quaes a enumeração supra dá uma idéa succinta. O artigo historico do escriptor inglez Hume sobre um dos mais discutidos dramas mysteriosos que tem aguçado a curiosidade dos investigadores — o assassinio de Escovedo, secretario de D. João de Austria, e consequentemente a perseguição encarniçada e incansavel que Filippe ii exerceu, durante largos annos, sobre o seu secretario Antonio Perez — resume os factos conhecidos, impõe os acontecimentos, mas traz nova contribuição de documentos para a sua comprehensão e estudo. Os nossos leitores estão ainda recordados da narrativa que d'este mesmo caso aqui foi publicada e baseada em investigações d'um outro historiador inglez.

Ambos chegam a identica conclusão, embora divirjam em promenores, e em algumas affirmações mais importantes, o que depende do numero de fontes consultadas e tambem da escola historica ou processo expositivo adoptado, firmando-se Hume na preferencia de valor attribuido a alguns d'aquelles documentos. Todavia o distincto historiador inglez chega á mesma conclusão interpretativa que os leitores já conhecem — que o mobil de perseguição do poderoso monarcha a Antonio Perez não foi propriamente pela morte de Escovedo, mas por o ter morto quando já não era necessario, servindo-se da antiga auctorisação real, e sobretudo enganando o rei no exercicio do seu elevado cargo de confiança.

Examina com larga proficiencia o sr. Posada, em um artigo, os trabalhos dos modernos sociologos francezes, que representam as correntes mais importantes d'esta sciencia n'aquelle paiz, e d'este exame critico conclue as provas da sua affirmação principal — a crescente complexidade da materia sociologica, o predominio do ponto de vista psycologico. A sociologia se não progride, transforma-se, e d'estas novas tendencias e diversidade de interpretação dos problemas sociaes dá analyse reflectida o escriptor no artigo citado.

❂ ❂ ❂

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradavel entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

Edinol

Um novo revelador

Do *Photogr. Centralblatt* extrahimos a interessante communicação do dr. E. Englisch:

«Se se attender ao grande numero de reveladores de que podemos dispôr, pode perguntar-se que interesse ha em introduzir outros novos. Entre os reveladores organicos ha-os de todos os generos, rapidos e demorados, citando entre elles os mais notaveis, taes como: a glycinia, o paramidophenol, o metol, o amidol, tendo cada um d'elles as suas propriedades. Uma chapa correctamente exposta dá com cada um d'estes reveladores resultados egualmente bons, mas quando se trata de revelar chapas cujo tempo de exposição não é exacto, é então que se percebe que elles apresentam differenças sensiveis.

Assim, os reveladores demorados que são inferiores aos rapidos para as chapas cuja exposição foi diminuta (salvo no caso de revelação demorada) são os mais vantajosos para os negativos demasiadamente expostos, dos quaes se póde por meio de uma dosagem apropriada

tirar um melhor partido do que com o emprego do amidol, o revelador rapido por excellencia.

Ha pois interesse em ter a par do paramidophenol ainda um revelador que se deixe facilmente modificar na sua acção, e por meio do qual se possa revelar rapida ou demoradamente á vontade do operador. Tal revelador é o chlorydrato do alcool p. amydo-oxybenzylico, que a Sociedade F. Bayer & C.ª, de Elberfeld, põe á venda sob o nome de *Edinol* ou *Paranol*. Tive occasião de experimentar este producto e vou relatar quaes os resultados obtidos.

O edinol é um pó amarello escuro que se dissolve tanto na agua como nas soluções de sulfito. Para o empregar photographicamente, é necessario por meio de um alcali pôr a base de que se compõe em liberdade, a qual em grande solubilidade permitte preparar soluções muito concentradas sem o emprego de alcalis causticos; se se lhe juntar soda caustica em quantidade strictamente necessaria para neutralisar o acido chlorydrico e o grupo oxydrilo, podem-se preparar soluções relativamente concentradas. Todas estas soluções se conservam muito bem.

Sob o ponto de vista da sua acção reveladora, o edinol approxima-se muito do metol e do rodinal. O edinol com carbonato de soda revela um pouco mais demoradamente que o metol, mas em compensação dá negativos mais intensos. Misturado com o carbonato de potassa dá negativos um pouco mais duros e presta-se muito bem á revelação dos papeis de gelatino-brometo. A combinação do edinol com a potassa caustica revela os instantaneos, apresentando estes bellas graduações sem durezas. A prata deixa uma côr cinzenta e as partes claras não se apresentam tão baças como com o hydroquinone. O edinol é superior ao rodinal pela solubilidade; assim como dá com o mesmo tempo de *pose* e de revelação melhores resultados do que o metol. Notei egualmente que não se dão os casos eczematosos como o metol produz algumas vezes nas mãos.

Reproduso abaixo as formulas dadas por Precht e por Eder. Vi que a solução do commercio a 10 % d'edinol póde ser diluida com 100 volumes de agua para constituir um revelador demorado. A revelação de uma chapa muito pouco exposta faz-se, no maximo, em tres horas.

O brometo não tem uma influencia demoradora tão accentuada sobre o edinol como sobre o metol. Para as chapas demasiadamente expostas póde se juntar o brometo por 1 c. c. de cada vez. Eder verificou que as soluções de bicabornato de soda de 10 a 30 % actuam como retardatarias e permittem corrigir as exposições demasiadas.

Como o edinol não soffre em excesso com as differenças de temperatura e nunca vela os negativos e como elle é egual em energia aos reveladores rapidos, sobre os quaes elle tem a vantagem de ser mais brando, todas estas qualidades, julgamos, tornam o edinol um excellente revelador que bem depressa entrará na pratica corrente.

Formulas para a revelação

A)	Agua	100 c. c.
	Sulfito de soda	10 gr.
	Edinol	1 »
		(Eder)
B)	Agua	80 c. c.
	Carbonato de potassa	40 gr.
C)	Agua	100 c. c.
	Carbonato de soda	10 gr.
D)	Agua	250 c. c.
	Soda caustica	3,5 gr.

Para o seu emprego tomar-se-ha:

1.º — *Para os negativos brilhantes:* Soluções *A* 80 c. c. *B* 20 c. c.

(Para os papeis gelatino-brometo junta-se-lhe 100 c. c. de agua)

2.º — *Para os negativas brandos:* partes eguaes de *A* e *C*.

3.º — *Para os instantaneos: A* 2 partes; *B* 1 parte; agua, 1 parte.

Obtem-se egualmente negativos muito brilhantes com a seguinte mistura: solução *A* 100 c. c.; acétona, 10 c. c. Duplicando a quantidade de acétona obtem-se um revelador muito recommendado para os diapositivos (Precht).

Revelador rapido (emprego immediato)

Agua	100 c. c.
Métabisulfito de potassa	1 gr.
Edinol	1 »
Carbonato de potassa	6 »

Revelador lento

Agua fria fervida	1 litro
Sulfito de soda	20 gr.
Edinol	1 »
Cabornato de potassa	5 »
(Ou acétona)	5 c. c.

Se se empregar carbonato de potassa, póde substituir-se o sulfito de soda pelo métabisulfito de potassa; empregando-se a acétona obter-se-ha um pouco mais de intensidade.

Vistas coloridas para projecções

(Continuação do numero anterior)

Os positivos sobre vidro, geralmente rebeldes ao pincel, são actualmente tratados por um methodo bastante simples que tem encontrado numerosos adeptos em Vienna d'Austria. Começa-se por endurecer a camada n'uma solução de formol e, depois de se deixar seccar, deita-se-lhe albumina filtrada, addiccionada de algumas gottas de amoniaco. A camada, assim tratada, toma então muito bem todas as tintas de aguarella, sobretudo se estas são gommadas da seguinte fórma: Dissol-

vem-se 15 grammas de gomma arabica branca n'uma quantidade de agua necessaria para cobrir este peso. Feita a solução, filtra-se atravez de um pedaço de cambraia commum, juntando lhe 6 a 8 gottas de glycerina e um pouco de camphora. As tintas em paus são as que melhor convém a este genero de pintura dos positivos.

PACIENCIAS

Os Patriarchas

(Dois jogos completos — Enaipada)

Em primeiro logar baralham-se e cortam-se as cartas, collocando-se em seguida nove sobre a mesa em tres ordens. Se entre ellas houver um *rei* colloca-se este á esquerda do quadro um pouco acima, se houver um *az* colloca-se á direita egualmente um pouco acima.

A' medida que se apresentam no decorrer da paciencia os *reis* e os *azes* das differentes côres collocam-se por debaixo dos primeiros, de maneira a formar, dos dois lados das nove primitivas cartas, duas linhas verticaes.

Estes *azes* e *reis* são destinados a formar familias; os *reis* em hierarchia descendente terminando em *az* e os *azes* em hierarchia ascendente a terminar em *rei*.

Depois de se ter verificado que o quadro não apresenta carta alguma que se possa collocar sobre os *reis* ou sobre os *azes*, tiram-se todas as outras do baralho uma a uma, formando-se com ellas um monte, se não fôr possivel collocal-as sobre as familias.

Deve-se ter cuidado, quando se passam as cartas do baralho, de verificar se nas nove cartas do quadro ha alguma que tenha collocação sobre as familias, e n'esse caso collocam-se immediatamente, substituindo-as pelas cartas superiores do monte.

Póde-se passar o baralho uma segunda vez como da primeira, considerando-se a paciencia feita quando as oito familias estiverem completas.

Offerecendo aos nossos leitores esta outra paciencia, aproveitamos o ensejo para fazer na descripção da paciencia *Cruz de Malta*, publicada no nosso numero anterior, uma rectificação que com sobeja rasão nos reclama o nosso amavel collaborador. Contamos todavia que a intelligencia do amador d'estes jogos terá facilmente corrigido o erro e supprido a omissão. O primeiro deu-se na linha 3.ª da 1.ª columna da pag. 23, tendo sahido impressa a palavra *descendente*, quando devera ser *ascendente*; a segunda proveio da falta do seguinte periodo a intercallar no mesmo logar e em seguida á palavra *descendente*, entre os dois paragraphos: «Terminada a collocação e distribuição das 8 primeiras cartas, tiram-se do baralho novamente outras 8 cartas, as quaes se collocam e distribuem da mesma maneira; e assim successivamente até o exgotamento do baralho.»

CONHECIMENTOS UTEIS

Tintura de iodo. — Este medicamento tornou-se de uso geral e caseiro; tem, porém o inconveniente de pôr nodoas na roupa, difficeis de eliminar pelos processos ordinarios. Ha um meio simples de as fazer desapparecer. Consiste em tocar as nodoas com uma solução de hyposulfito de soda. Hoje esta substancia encontra-se em todas as casas, visto que, sendo de emprego constante em photographia, toda a gente a conhece, porque toda a gente é mais ou menos photographo. N'aquella mesma solução se póde lavar o pincel que se emprega na applicação do iodo.

Duas especies de marfim. — O marfim proveniente de dentes de elephante é, como se sabe, de preço bastante elevado. Pelo contrario, o marfim vegetal, proveniente da semente do *Phytelephas*, tem um valor minimo. E, todavia, os objectos fabricados com as duas especies de marfim semelham-se tanto que difficilmente se distinguem por simples inspecção visual. Quando vos encontrardes perante este *cruel enygma*, deveis depôr sob o objecto, cuja proveniencia em qualidade quereis examinar, uma pequenina gota de acido sulfurico e esperar alguns minutos para que a acção do acido se possa exercer. Depois limpae a gota; se esta não deixou vestigio, o objecto é de marfim animal, se tiver pelo contrario deixado uma mancha rosada, então é de marfim vegetal. De resto, aquella mancha desapparece facilmente com uma simples lavagem d'agua; e tendo fallado em marfim damos a seguinte receita curiosa:

Modo de dar ao marfim o brilho da prata. — Mergulha se o objecto bem limpo n'uma solução fraca de nitrato de prata (pedra infernal), pelo tempo necessario para que o objecto de marfim tome a côr amarella carregada. Lave-se em seguida e exponha-se ao sol. Ao cabo de tres horas, approximadamente, o objecto torna-se completamente negro em consequencia da reducção do nitrato de prata. Porém, se o objecto sujeito á experiencia fôr esfregado com uma pelle macia, camurça ou outra, o brilho da prata apparece immediatamente.

Receitas caseiras — O processo que torna flexiveis as flanellas que endurecem pela lava-

gem, sobretudo se a sua qualidade não é superior, é muito simples evitando a desagradavel contextura que ellas tomam para se vestir. Consiste em as mergulhar durante uma hora n'um banho composto na proporção seguinte: de 10 grammas de ammoniaco commum por cada litro de agua. Resta depois passal-as novamente por agua clara durante o tempo necessario para fazer desapparecer todo o cheiro do ammoniaco.

Tendo fallado em lavagem, juntamos ainda uma outra receita para obter roupa bem branqueada, como toalhas de mesa e guardanapos, visto que n'uma mesa é summamente agradavel o aspecto de brancura immaculada. Consiste o processo em os mergulhar, depois de lavados *grosso modo*, n'uma grande caldeira de agua a ferver, na qual se deita, no momento da ebullição, 125 grammas de sabão cortado em pedaços pequenos juntamente com duas pastilhas vulgares de paraffina, por cada 40 litros de agua empregada. Depois seccal-os em pleno ar.

Hygiene de bocca. — Entre as mil e uma formulas de elexires que se recommendam para conservação dos dentes e desinfecção da bocca, ha as seguintes cujos resultados proveitosos estão confirmados por longa experiencia justificada, e vem a ser juntar a qualquer elexir usado, como a agua de Botot, duas grammas de resorcina por cada cem grammas de elexir e preparar uma agua de lavagem dissolvendo por cada litro de agua, 5 grammas de tinctura de eucalyptus e 5 decigrammas de thymol. Devem usar-se alternadamente e na quantidade que cada um determine pelo uso dentro do copo d'agua, havendo pessoas que se dão melhor com o uso mais ou menos prolongado de cada uma das soluções, conforme o estado da bocca e dos dentes. O seu emprego é muito aconselhado e na verdade util para aquelles que teem a infelicidade de ter caria, quasi sempre progressiva e teimosa.

Oleo perfumado — Usa-se muito e com proveito dulcificar o cabello com um oleo, principalmente azeite virgem e oleo de amendoas doces; pretende-se assim conservar a flexibilidade e o vigor das bellas tranças. Pode perfumar-se este oleo com o delicado aroma das violetas pelo processo seguinte: Tome-se um funil de vidro e tape se pela parte superior com um pouco de algodão em rama puro, bem lavado a que se chama hydrophylo, o orificio inferior do funil, o qual é em seguida cheio de violettas e atravez das quaes se filtra vagarosamente o oleo de amendoas doces, que assim arrasta o perfume. Pode applicar-se o processo para outras flôres odoriferas, como o jasmim, o lilaz ou o jacintho.

Nodoas de sangue. — É difficil em geral tiral-as da roupa de cosinha, ou dos instrumentos cortantes. Consegue se, porém, bom e immediato resultado, lavando-as com agua contendo pequena porção dissolvida de acido tartrico, o qual domina a materia corante do sangue.

PROBLEMAS

Resoluções do numero anterior

N.º 21 — O primeiro trem chegou ao seu destino ás 8 horas da noite; o segundo ás 7 horas do mesmo dia.

N.º 22 — O maior, 45 horas; o menor, 63 horas.

N.º 23 — *Xadrez:*

BRANCOS	PRETOS
1. T. para 5 Cav.	1. Qualquer
2. Xeque e mate.	

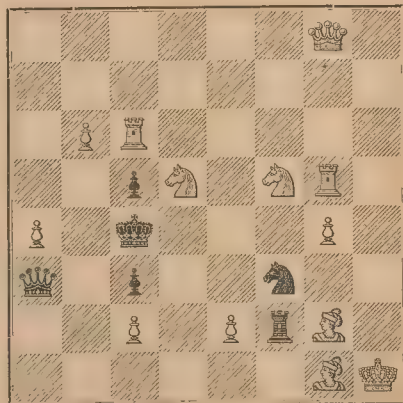
Num. 24.

Uma assembléa de accionistas, composta de 40 negociantes, 20 advogados, 30 industriaes e 10 medicos pretendem nomear entre si uma commissão de 4 negociantes, 3 industriaes, 1 medico e 2 advogados. De quantas maneiras se pode constituir a commissão?

Num. 25.

Reduzindo respectivamente o effectivo de 4 companhias a 40, 62, 70 e 73 homens, de quantas maneiras pode um official compôr um piquete de 4 homens, conservando sempre um soldado em cada companhia?

XADREZ

Num. 26 Pretos (6 peças)

Brancos (13 peças)

Os brancos jogam e dão mate em dois lanços

Janeiro	Barometro — Nivel do mar		TEMPERATURA — ás 9 h. da manhã		TEMPERATURA — maxima		TEMPERATURA — minima		Chuva — Millimetros		Ozone — Gráus	
	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902
1	768,9	771,7	8,9	7,8	14,6	13,0	7,8	7,0	0,0	0,0	7,5	7,2
2	766,8	773,9	8,0	9,5	14,6	15,2	9,9	8,5	0.0	0,3	6,5	5,5
3	765,2	772,0	9,2	12,3	14,6	16,2	8.4	11,0	0,0	0,1	5,3	9,5
4	764,4	769,0	6,4	9,9	11,9	16,0	5,9	8,8	0,0	0,2	5,2	5,8
5	763,7	769,7	5,4	10,7	11,0	16,1	4,2	9,1	0,0	0,0	6,5	5,8
6	752,6	770,5	10,2	8,5	11,5	13,6	4,2	7,7	8,3	0,0	10,0	5,7
7	758,9	773,5	5,1	8,7	9,6	14,9	3,8	7,5	3,0	0,0	5,5	7,7
8	757,8	774,3	12,4	6,7	14,4	12,2	9,0	5,4	14,5	0,0	9,8	6,5
9	762,4	774,7	12,2	6,3	12,9	11,6	7,8	5,4	1,5	0,0	7,7	5,3
10	762,2	771,4	9,3	5,6	11,8	12,7	7,6	4,7	0,7	0,0	9,5	4,2
11	767,1	766,6	8,3	10,0	11,9	14,4	6,9	9,7	0,4	0,2	5,5	4,0
12	767,7	764,5	7,6	11,6	12,7	15,1	5,7	11,2	0,0	16,0	3,8	9,5
13	767,7	765,6	7,0	10,7	13,6	14,3	6,1	10,9	0,0	0 6	9,5	4,3
14	766,1	767,6	10,2	11,4	13,9	15,0	9,3	10,9	0,0	0,8	6,7	5,7
15	758,7	774,4	12,7	10,0	16,3	14,5	12,1	8,0	5,1	0,0	9,3	6,8
16	762,7	775,7	13,9	7,2	15,2	14,2	12,2	6,3	15,2	0,0	8,7	7,2
17	767,2	772,4	12,5	6,8	13,8	9,0	10,1	6,4	10,2	0,0	8,5	7,0
18	771,3	769.6	9,4	8,5	12,8	12,9	8,0	8.0	0,0	1,0	5,8	7,0
19	763,8	772,4	10,2	6,4	13,4	13,0	8,2	9,0	0,0	0,0	6,2	5.3
20	762,0	772,6	10,5	7,0	15,0	11,9	9,6	6,0	35,9	0,0	7,8	7,8
21	771,1	772,3	10,0	5,9	15,3	13,0	9,5	6,2	0.0	0,0	6,7	6,2
22	771,0	769,8	9,0	7,7	14,5	11,5	7,8	7,2	0,0	0,0	8,0	4,5
23	771,7	767,3	9,1	5,9	13,6	11,9	9,1	5,4	0,0	0,0	5,0	4.0
24	772,1	767,7	9,6	8,1	15,8	14,1	8,7	6,7	0,0	0.0	5,0	5,8
25	775,7	768,7	11,8	11,0	16,0	13,3	10,9	9,3	0,0	0.0	6,3	7,2
26	777,9	771,0	10,7	9,2	14,3	12,8	9,6	8,1	0,0	0,0	8,5	7,5
27	775,4	770,4	10,1	7,7	15,0	12,7	8,1	4,9	0,0	0,0	7,0	8,5
28	772,0	767,6	8 6	10,0	13,9	14,4	6,9	7,6	0,0	0,0	8,2	8,8
29	768,5	767,0	10,7	11,8	13,4	14,6	9.2	9,0	0,0	0,3	7,8	9,7
30	762,5	769,7	11,1	6,4	12,0	10,2	7,6	6,0	0,0	0,0	9,0	9,0
31	754,5	765,0	6,9	5,8	7,6	8,1	2,7	4,3	0,0	0,0	8,2	6,5

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SUMMARIO

VOL. II ABRIL — 1902 NUM. 11

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa Preço 200 réis

SUMMARIO

49 GRAVURAS

AVISO. — N'esta administração e nas nossas agencias vendem-se pelo preço de 400 réis capas em percalina, propriedade dos Serões, segundo a lei, destinadas ao 1 volume da Revista. Pela encadernação, de que tambem se encarregam, acresce mais 100 réis.

Chama-se a attenção dos compradores para a proveniencia das capas, devidamente marcada, afim de as distinguir de imitações grosseiras que tem apparecido no mercado.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a reducção do preço a **2$200 réis,** o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas, poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por:

Series de	**3 numeros**	**600**
	6 numeros	**1$200**
	12 numeros	**2$200**

Para o **Brazil** e paizes da **União postal**, por:

Serie de 12 numeros (moeda portugueza) 3$000

remettendo á administração dos **SERÕES,** em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia *directamente.*

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo de cobrança pelo correio

Typ. e impressão dos *Serões,* C. do Cabra, 7 — Editor, Thomaz Rodrigues Mathias

Raphael Bordallo Pinheiro no seu «atelier», nas Caldas da Rainha

Aspecto da fabrica das Caldas da Rainha

A Ceramica de Raphael Bordallo

Ao encetar este artigo, a primeira coisa que me occorre é a extraordinaria impressão produzida em Lisboa pela primeira exposição de faianças artisticas, realisada por iniciativa de Raphael Bordallo Pinheiro, vae para dezeseis annos, nas salas da redacção do *Commercio de Portugal*, na rua Ivens.

Nunca entre nós tanto se elevou a admiração e o carinhoso enlevo por esse singular e portentoso artista. Nunca o seu prestigio foi maior, nunca mais avassalladora e empolgante correu mundo a sua fama. Era uma nova manifestação, tão intensa quanto imprevista, do seu genio irrequieto, da sua insaciavel febre de producção. Conhecido e apreciado então quasi exclusivamente pela sua torrentuosa *verve* caricatural, quando este nosso admiravel demolidor pelo lapis annunciou uma exposição de faianças, toda a gente imaginou que iamos achar-nos em presença d'uma nova modalidade, d'uma variante na exteriorisação da sua ideosyncrasia esthetica, — a qual seria a applicação da caricatura á olaria.

E lá havia, com effeito, n'essa primeira exposição, já agora celebre nos annaes da evolução artistica em Portugal, impresso espontaneamente o exaggero caricatural, na curva, gibbando demasiada, d'um ou outro vaso, na flagrante exhibição de varios typos das ruas. Mas a nota predominante era a de uma séria e valente tentativa de renovação da industria decorativa dos barros no nosso paiz. Afinavam-se as velhas formulas, improvisavam-se, tendo por base as linhas tradicionaes do passado, maravilhosos *motivos* novos de decoração, e tudo isto dava, de envolta com o estonteamento produzido por uma tão galopante profusão de coisas novas, a mais intensa e empolgadora impressão de inédito, um grande assombro envaidecido, o que quer que fôsse de surprehendentemente bello, entornando em nossas almas deslumbradas uma claridade que seria impossivel descrever.

Foi exactamente no mez de março, a 2, que essa primeira exposição se realisou, nas duas salas já consagradas ao culto da arte pelo sympathico *Grupo do Leão*. E foi ali que, pela primeira vez deante do grande publico,

o genial commentador da nossa sociedade pelo grotesco se amostrou modelador. E modelador eximio, retratando a Natureza e a Vida dentro das mais escrupulosas formulas de verdade.

Tres caracteres resaltaram logo bem salientes d'esta primeira phase na obra ceramica de Raphael Bordallo: a perfeição dos processos technicos, a pureza e elegancia das fórmas, a tradição e o afinamento dos typos nacionaes. O esmalte, o polimento, o vidro eram em geral d'uma firmeza e transparencia arabe, limpidissimos, finos, impeccaveis; as côres, algumas d'uma novidade encantadora, e todas d'uma variedade luxuriante, eram por egual sadias e valentes, já mantendo por toda a superficie do artefacto a mesma egualdade de tom inalteravel, sem um grão, sem uma mancha, já escorrendo deliciosamente, n'um dôce esbatido, dos bórdos para o fundo dos pratos, das amplas boccas das talhas para a sua base retincta, — como se, em vez d'uns processos elementares de cosedura, este principiante dispozesse já dos fornos com temperaturas graduadas por andares, e outros meios scientificos de progresso, que assignalam hoje a superioridade, a fama universal, por exemplo, dos grés artisticos de Dammouse e dos *fabrile glass* do americano Tiffany.

O certo foi que Raphael Bordallo, n'essa sua primeira exposição, attingiu de salto, e procedendo apenas de instincto, guiado pelo videntismo empirico do seu genio, effeitos perfeitamente comparaveis aos dos mais dextros manejadores do genero, lá fóra. E se perguntarem á minha memoria, que d'esse dia feliz conserva impressão indelevél, quaes modelos preferiría em meio de tanta preciosidade, ella n'uma commovida hesitação não saberia que responder. Mas recordo-me muito bem que me fascinaram de preferencia uns esplendidos jarrões alongados, ligeiramente conicos, da côr *mâte* do barro natural, bellos a mais não poder ser na sua frescura arrogante, na sua curva purissima, e tendo a franca nudez guarnecida a um lado apenas por um enorme pé de gyrasol, vidrado e com as côres naturaes, dando o proprio vigor do esmalte a illusão de que essa gorda haste escorria humida de seiva, emquanto ao alto as pétalas, fulvas como um diadema, pendiam divididas em parte, resequidas da aragem, mordidas do sol. Outras peças havia ainda, maiores, como uma immensa talha verdenegra, de bôjo pantagruelico, com algas marinhas torcendo-se-lhe voluptuosas no flanco, e no mais audacioso da curva, suspensa languidamente, em alto relêvo, uma grande flôr de magnolia, nostalgica das alturas, as pétalas muito perfeitas, o ar soffredor. E a variedade, a riqueza, a superabundancia, a vivacidade, o brilho dos esmaltes e das côres eram surprehendentes; havia de tudo, desde os verdes e vermelhos mais rudimentares até a

Duas jarras ornamentaes
(Da collecção do Ex.mo Sr. José Relvas)

Algumas figuras e grupos para as capellas do Bussaco

gamma difficil dos rôxos, até a um esmalte admiravel, côr de cereja, vivissimo e scintillante como uma lacca do Japão, que formava um pequeno centro para flôres, e que uma cercadura de folhinhas miudas de parra, d'um verde tenro, abraçava maviosamente.

Vinha depois a deslumbrante miscellanea, o magnificente arsenal dos objectos fabricados com utensilios de uso domestico: os abanos *porte-lettres*, as bilhas, os picheis alemtejanos, as *suspensões* feitas de alcôfas e abanos, os pratos com rêdes de pesca, os cinzeiros de buzios e conchas, os castiçaes de canna rachada que um reptil atravessa, as rãs, os cavallos marinhos, as cebolas, os feijões, os sapos. Toda a nossa historia intima exteriorisada pelo barro, com uma exuberancia de phantasia e uma justeza de fórma e côr como não ha memoria em nenhum outro paiz do mundo. Nem os etruscos fôram mais exactos, nem os japonezes mais imaginosos. Nunca ahi nenhum dos seus artistas teve tão intensa e vibrantemente suggestionada a sua *vis* creadora, como Raphael Bordallo, pelo sentimento nacional.

Comtudo, para quem conhecia um pouco mais intimamente o grande caricaturista, esta nova feição da sua actividade assombrosa não constituiu uma surpreza. A sua mania, a sua paixão de modelador vinha de longe, quasi da sua primitiva adolescencia, — dos 14 annos. Como todas as organisações arreigadamente artisticas, a linha simples, a côr não o satisfaziam; faltava-lhe o volume á completa realisação do seu sonho plastico. Queria apprehender e fixar a Verdade por todas as suas faces, em todos os seus aspectos, para que a exteriorisação fôsse mais perfeita. Desde os primeiros annos da meninice que sonhára com a Academia de Bellas Artes, porém afastára-o sempre meticulosamente d'esse caminho o pae, que, embora artista de merito, da arte quasi não colhêra senão dissabores e intrigas.

Destinava elle o pequeno á carreira juridica, e para isso o trazia matriculado, a estudar preparatorios, no Lyceu das Mercearias. Porém, um primo e futuro cunhado de Raphael, a quem este revelára a sua indomavel vocação artistica, e em especial, áquelle tempo, a paixão pelo theatro, levou-o uma noite a assistir a um ensaio, ao chamado *Theatro*

Garrett, na travessa do Forno, aos Anjos. O ardente neophyto n'este dia nem jantou, vibrando todo na espectativa d'esse instante, que elle confiadamente imaginava viesse a ser decisivo para a sua vida. E á noite, ao transpôr os humbraes do comezinho templo da Arte a cinco tostões mensaes por cabeça, conta-se que elle manifestou o seu admirativo enthusiasmo por uma d'aquellas vehementes exclamações que aprendêra do Tasso, o seu mestre, o seu deus no genero.

Mas, ao mesmo tempo, o seu vigoroso senso artistico fêl-o logo verificar com desgosto quanto eram pobres e mesquinhas as condições materiaes do theatro da *Sociedade Garrett*. Positivamente indigno d'este nome! Pouco mais do que um pardieiro, sem commodidades, sem luz, sem o minimo traço ornamental. A sua impetuosidade de meridional não o deixou ficar silencioso; deplorou com sincero amor aquella miseria de installação e offereceu-se para ornamentar o theatro.

Não havia com que o remunerar, — objectaram-lhe. Embora! Elle trabalharia de graça. E começou logo pelas cornijas do tecto e pela galeria, ao longo da qual foi applicando lindos ornatos de pasta doirada. Raphael Bordallo nunca em dias de sua vida havia modelado, nem empastado, nem doirado; porém, mais d'aqui, mais d'ali, parte por instincto proprio, parte com as lições do pae, lá foi executando o seu trabalho, delineado por elle proprio, e que agradava extraordinariamente aos socios, assombrados de tão impetuosa e caudal precocidade.

Entretanto, a miude o novel decorador interrompia a sua faina, para seguir em extasi os ensaios, todo pendurado do andaime, n'um alheamento embevecido. Quando terminou, a direcção nomeiou-o socio de merito e prometteu dar-lhe brevemente um papel. Nem haveria para elle melhor recompensa... Achavam-lhe um bello typo para actor, no genero do Santos *pitôrra*. A vivacidade do gesto, a graça natural, a têz de canella, o cabello revolto, os olhos profundos promettiam com effeito todo o *décor* physico indispensavel para um grande e glorioso dominador da scena.

O Infante D. Henrique

E Raphael, com uma ingenua febre de predestinado, preparou-se para a sua bem amada profissão. Nunca mais foi ao Lyceu, nunca mais abriu um livro; e ao mesmo tempo matriculava-se nas aulas da escola dramatica, que acabava de ser fundada, sôb a direcção de Duarte de Sá. Queria ser fatalmente, indispensavelmente actor.—Quem é que não tem a borbulha do comico no seu passado?... Ou um papel de galan, ou um livro de versos, é o sarampo intellectual de nós todos. Isto não falha.

Mas acudiu-lhe o pae a tempo, com remedio certo, a este perigoso ataque de bretoeja scenica. Arranjou-lhe um emprego na secretaria da camara dos pares, a 25$000 réis por mez. Passava-se isto em 1863. E tão depressa se vê com aquelle dinheiro deante de si, já não mais quér o nosso Raphael saber de arte dramatica, de pastas, nem de ornatos. Cura simples e alegremente, como moço enthusiasta e sadío que era, de divertir-se e gosar. Ainda assim, seguiu com interesse os cursos nocturnos da Academia de Bellas Artes e o Curso superior de lettras. A sua formidavel vocação artistica e a tendencia para o modelador lá ficavam, sopitadas, para romperem vinte e tres annos mais tarde, com toda essa deslumbrante riqueza, originalidade e exuberancia a que ha pouco me referi.

E foi assim como este tumultuario e genial artista, depois de haver ensaiado com resul-

tado a aguarella, depois de ter composto com um talento delicado e profundo essa admiravel collecção de satyras figuradas, *O calcanhar de Achilles;* e, a seguir, *O Binoculo*, a fulgurante *Lanterna Magica*, com Guilherme de Azevedo e Guerra Junqueiro, os *Theatros de Lisboa*, com Julio Cesar Machado, e um sem numero de illustrações para jornaes, nacionaes e estrangeiros; tendo divagado annos pelo Brasil, e inaugurado, ao voltar, ainda com Guilherme de Azevedo e Mattos Moreira como socio capitalista, esse portento de espirito, de veia caustica e impressiva therapeutica social que foi o *Antonio Maria;* tendo passado bastante tempo a desbaratar por esta fórma, a mais prompta e facil, sem conta, pêso, nem medida, atabalhoadamente como os incorrigiveis perdularios, o torrentuoso veio da sua phantasia, as immarcesciveis fontes do seu genio, Raphael Bordallo regressou então, n'uma delirante exacerbação de enthusiasmo, aos seus sonhos de modelador, ás saudosas predilecções antigas, e isolado na thebaida ridente das Caldas, n'um puro viver de anacorêta, abstracto e feliz, vivendo só com os seus barros, as retortas, os pinceis e a chimica, conseguiu, a poder de imaginação, tenacidade e esforço maravilhar-nos com essa portentosa alluvião de *motivos* decorativos, — crear positivamente um mundo novo.

A JARRA MANUELINA

(Do Paço Real das Necessidades)

E aqui cabe naturalmente perguntar por que razão foi que um tão celso e original artista, dispondo d'um temperamento tão independente, e tão pessoal, tão ávido de inédito, ancioso por attingir as mais altas culminações estheticas, se deu a escolher um material infimo e grosseiro, qual é o barro, para n'elle fixar os rasgos da sua imaginação e as sarabandas ideaes do seu espirito? . . Pois a porcelana, por exemplo, não seria mais ductil, mais nobre? Não se prestaria melhor aos caprichos de visionação do seu engenho?

Raphael Bordallo Pinheiro bem sabia que não. Indubitavelmente a porcelana é a rainha da ceramica, mas os seus melhores artefactos só se obtêem sacrificando em certo modo a espontaneidade. Tem de ser tratada com delicadezas e carinhos que não se compadecem com o nervoso *élan* da improvisação. A porcelana, com a suavidade das fórmas, a finura das suas pastas, a sua transparencia e esplendida alvura, requer um tratamento classico, é o instrumento de trabalho dos temperamentos methodicos, pautados, compondo a frio. O grés, não; esse tem as colorações intensas, tem os asperos e vigorosos resaltos, é por excellencia a argamassa dos grandes innovadores. Afeiçôa-se n'um prompto e retêm com escrupulosa justêza o toque instantaneo que o artista lhe imprimiu n'um illuminado instante de inspiração.

Sôb este ponto de vista, a plasticidade das argillas é inexcedivel. Já o barro de que se serviam os oleiros gregos lhes permittia encurvarem graciosamente, com uma simples dedada, as maravilhosas ansas das suas cupas e vasos, dando-lhes n'um relance essas lindas e atticas fórmas, ainda hoje e sempre imperecivelmente bellas. Mas se quizermos fazer coisa analoga em porcelana, havemos de executar primeiro o molde em gêsso, e na fastidiosa passagem d'uma para outra substancia lá se vae o melhor do encanto das linhas, devido á improvisação.

Nada, pois, como o barro para a fixação

da idéa plastica de momento. E' imprimil-a e ficou. E nem mesmo de ordinario lhe amol-

O S. Jorge

(Da collecção do Ex.mo Sr. J. O'Neill)

lece o vigor das arestas a temperatura, que para o barro não precisa ser tão elevada como na cosedura dos kaolinos, a que ella reserva por vezes bem desagradaveis surprezas. E tanto o barro se considera ser o mineral por excellencia consagrado á modelação mais intensa e mais vivida, mais intimamente cingida á Natureza, que até no seu symbolismo sagrado a Biblia, ao celebrar a creação do homem, é um pedaço de barro que põe nas mãos do Creador.

N'um magnifico artigo, composto com raro esmero litterario e publicado pelo sr. José de Figueiredo na *Revista Moderna*, vejo o nosso Raphael Bordallo comparado vantajosamente, como ceramista, ao insigne modelador e decorador francez que é Lachenal. A aproximação é verdadeira em muitos pontos. Ha com effeito n'estes dois requintados temperamentos artisticos analogias bem flagrantes, na sua predilecção pelo exacto surprehender da vida, na agudeza potente da retina, na delicadeza e no vigor, na maneira tão pessoal de colorir e de modelar. Com a differença, ainda assim, em vantagem do artista portuguez, que este dispõe d'uma phantasia mais larga, mais complicada e exuberante. Mas eu acho em Raphael Bordallo Pinheiro mais convergencia de caracteres ainda e maior somma de factores de aproximação com esse outro extraordinario e impetuoso artista que é Joseph Chéret.

Este admiravel compositor ornamental, tão notavel como modesto, fez-se tambem fóra da influencia dos governos e das escolas, extrahindo o principal segredo da sua força, da intuição, e bebendo á farta n'esssa eterna fonte do Bello, que intimamente se adivinha, e que, fugindo a todas as regras, não ha meio de aprender. E' tambem, como o nosso Bordallo, homem de pouco mais de cincoenta annos. E, egualmente como este, foi já depois de 1886 que Joseph Chéret evidenciou, na exposição do Campo de Marte, a ultima e definitiva feição do seu talento, deslumbrando toda a gente e indicando com a segurança d'um precursor, ao desnorteamento de então dos artistas seus contemporaneos, qual o assoalhado caminho para a anciada Terra da Promissão.

Chéret nunca se dedicou especialmente á fabricação industrial de porcelanas, bronzes ou faianças; a sua nervosa especialisação de trabalho não passa dos desenhos, da modelação dos barros. Mas ahi é que eu encontro o maior parallelismo de aptidão com o artista portuguez, — a mesma simultaneidade afogueante de caracteres, tanto no fogoso impeto do processo, como na quasi justeza do momento em que ambos rompêram a accender sobre o trivialismo inerte dos contemporaneos o seu largo sôpro revolucionario. Ainda assim, o nosso appareceu primeiro.

Tendo recebido de Bonnat apenas o *quantum satis* de educação academica para lhe conduzir a mão sem enleiar a phantasia, Chéret denota na grande maioria das suas composições uma arte toda de instincto. As suas taças, as suas amphoras, jarrões e cupas festôam-se de animaes, de figuras vivas: mulheres mythologicas, amorinhos brincões e tenros *babies*, arrebatados todos em attitudes que dão a perfeita illusão do movimento, tocados de sacudidos fremitos, d'esse estremecimento de carne palpitante, como, desde

as poderosas nymphas pagãs de Clodion, ainda nada de comparavel tinha tornado a apparecer.

Pois é exactamente e de preferencia esta allucinação ardente de verdade, o segredo da dedada impressiva, da curva, da aresta denunciando n'um bem surprehendido instante a Vida, que na obra ceramica de Bordallo mais me surprehende e seduz. Com a differença tambem agora que, emquanto Chéret se tem limitado quasi á figura, á composição de grupos soberbos de espontaneidade e arrogancia, — mulheres e faunos que n'uma luxuria selvagem espolinham pela luz bojante das curvas os contornos diabolicos das suas fórmas, — Raphael Bordallo, pelo contrario, abrange no *élan* vehemente do seu poder evocador a creação inteira: toda a sorte de animaes e de plantas, a graça alada das flôres e a petulancia minuscula dos insectos, o musgo embricado das algas e das conchas os nacarados ninhos, tudo elle afeiçôa e domina e amolda á tyrannia empolgante do seu genio, para nos offerecer depois, em moldes que palpitam, a exteriorisação inquieta do seu sonho.

Sôb este ponto de vista, comparados com os melhores productos das Caldas, chegam a parecer-me falhos de phantasia os admiraveis grés modernos de Dammouse, Glatigny e Michel Cazin. Raphael Bordallo determinou n'este ramo da industria uma revolução analoga á operada por Meissen nos Saxes. E os seus *motivos* decorativos, embora lembrem em alguns pontos a corrente esthetica mais recente seguida tambem em Sèvres, nada têem de commum todavia com os trabalhos academicos que hoje ali realizam, em *biscuit*,

Uma floreira * — *Da collecção de Madame Anna von Moser v. Kaufmann, de Stuttgart*

* *Esta floreira, ainda recentemente acabada, foi encommenda do sr. Eduardo de Moser para offerecer a sua prima Anna von Moser por occasião do seu casamento com Eduard von Kaufmann, tenente do regimento de uhlanos do rei Carlos I de Wurttemberg.*

Fremiet, — um verdadeiro iniciador em materia decorativa, — Leonard e Gardet, seguindo a traça gloriosa de Paul Dubois, Delaplanche, Houssin, Charpentier e Oudry.

Mas se remonto particularmente á esculptura e admiro esses extranhos grupos para as capellas do Bussaco, a minha admiração sóbe ainda de ponto, e eu tenho que comparar Bordallo, com todas as suas quebras de unidade e incoherencias, a Guillot, o celebre auctor do *Friso do Trabalho*, na porta monumental da Exposição de 1900, ou a Constantin Meunier; pois elle possue, como o titanico auctor do *Ecce Homo*, este dom de extrahir do maior apuro da simplicidade o summo poder da expressão; as suas anatomias são elementares como as formas primitivas; participam, na sua mesma sóbria e dura plastica, do que quér que seja da rígida densidade da propria Força.

A historia da fundação e conservação da fabrica de faianças de Raphael Bordallo Pinheiro nas Caldas da Rainha é toda ella cortada de accidentes, de movimentados episodios, e desenrola-se n'uma alternancia irritante de crises de desalento e alvoradas de esperança, cuja summaria descripção nos levaria um volume. De tudo porém tem sabido triumphar o denodado artista, armado d'esta inabalavel tenacidade e confiança que é apanagio dos temperamentos feitos para dominar. Luctando estoicamente com a deficiencia do *meio*, quasi sempre com parcos recursos, atravez de mil difficuldades e contratempos, Raphael Bordallo lá vae entretanto conseguindo manter em laboração, embora discreta, a sua fabrica, se não com resultado compensador para elle, ao menos para lustre e honra da arte nacional.

Outro aspecto da floreira

E justo será lembrar que n'esse difficil torneio de vicissitudes alguns raros collaboradores tem o artista encontrado, cuja inexcedivel dedicação e provadissima lealdade muito efficazmente vão contribuindo para amparar-lhe os esmorecimentos e facilitar-lhe a improba canceira da tarefa. Tal o nome de Augusto José Baptista, o indefêsso companheiro de tantos annos, um habilissimo cooperador e um provado amigo, em quem Raphael Bordallo deposita confiança plena; tal Gonzaga Gomes, o honestissimo administrador da fabrica, executando verdadeiros jogos malabares de economia e tino pratico, mercê dos quaes vae conseguindo fazer singrar com relativa tranquillidade e segurança a melindrosa instituição da fabrica, sacudida a cada passo pelos desordenados solavancos da phantasia do seu creador. A influencia, hoje determinada pelos processos renovadores de Bordallo na olaria portugueza, é bem manifesta. Já depois da sua fabrica das Caldas se fundaram, proximamente com a mesma orientação artistica, as conhecidas fabricas de faianças modernas em Alcantara, Coimbra e Aveiro; e muitos habeis artifices que na fabrica de Raphael se crearam, que ahi haviam feito a aprendizagem e recebido a impagavel lição do mestre, debandaram depois e hoje espalham o benefico exemplo da sua iniciação por varias outras fabricas, não só nas Caldas mesmo, como no resto do paiz.

Mas nem só transfugas ha felizmente que registar nos annaes da celebre fabrica das Caldas da Rainha. Alguns leaes e devotados cooperadores ali se conservam, inseparaveis de Bordallo, e de razão considerados *filhos da fabrica*, para onde entraram creanças e á qual votam o mais grato e entranhado amor. Francisco Elias e José Carlos dos Santos merecem bem este epitheto carinhoso. O primeiro é

um eximio formista; o segundo tem principalmente a seu cargo as *emballages*, mistér que exerce com tamanha perfeição que tem hoje a fortuna de fazer chegar ao seu destino, sem uma arranhadura, sem uma fenda, os objectos mais delicados. E ambos são inseparaveis da fabrica e dedicadissimos pelo seu mestre, ao qual, refractarios ao desalento, têem inalteravelmente sempre acompanhado nos mais angustiosos momentos da sua labuta artística.— E têem sido tantos!

Raphael Bordallo, como ceramista e modelador, creou uma estylisação puramente sua. A sua exuberancia de meridional impelle-o febrilmente, de continuo, a vencer difficuldades. A impetuosidade da seiva creadora torna-o excessivo. D'ahi, pelo que respeita á *quantidade* de arte a empregar, lhe succede por vezes cahir em demasias de ornamentação, n'uma especie de gongorismo plastico; e, pelo que se refere ao *volume* do artefacto a produzir, seduzem-n'o por egual tentações de megalomano, de productor de coisas grandes. Foi esta a genese da lindissima e imponente talha *manuelina*, que hoje se conserva no Paço das Necessidades; e foi a origem tambem da soberba jarra Beethoven, essa nunca assaz celebrada peça ceramica, porque é um dos mais completos e felizes exemplares que se conhecem, realizados por mão do homem, da opulencia ligada á harmonia attica do conjuncto.

Mas d'esta celebre jarra só as peripecias da construcção, só a sua modelação, cosedura, transporte, etc., constituiram uma odysseia de difficuldades e amarguras, por vêzes comica, e em todo o caso capaz de fazer desalentar o mais esforçado. Primeiro eram as duvidas dos extranhos, dos mesmos operarios, sobre a probabilidade de se aguentar de pé, em cru, uma peça de barro de tão avantajadas proporções; depois sustentava-se que o forno seria incapaz de a coser; obtido este milagre, era agora o transporte que se tornaria impossivel de alcançar, para uma bisarma tão complicada e formidavel. Afinal, nós todos vimos aqui essa maravilla, intacta, no theatro *D. Amelia*, e integra e completa ella lá chegou ao Brasil, onde hoje se ostenta no palacio da presidencia do Rio de Janeiro.

Outra face da floreira

Quereria citar aqui, só de nome que fôsse, os principaes artefactos, as primeiras entre as modelares composições ceramicas de Raphael Bordalho Pinheiro, tão assombrosas pela exuberancia de phantasia como pelo maravilhoso poder da realisação. Mas aonde iria essa lista parar...? Ainda assim, recordarei apenas aquelles exemplares de que hoje damos a reproducção em gravura: tal o *São Jorge*, feito para a decoração da sala de jantar do sr. Jorge O'Neill; a delicada divisa allegorica da livraria Gomes; o *Santo Antonio*, tão cheio de mimo e suavidade, feliz ampliação da estatueta do mesmo santo popular; essa singular jarrinha, especie de *gourde*, ultimamente encommendada pelo sr. Eduardo Moser, com destino á Allemanha, e em que ha uma admiravel sarabanda das nossas danças populares, feita com raros primores de miniaturista; e duas formosissimas jarras, propriedade do sr. José Relvas, e um dos mais perfeitos, senão o mais perfeito artefacto a que ainda Raphael Bordallo se conseguiu elevar.

Com effeito, da pureza da linha, da elegancia da forma, da sobriedade classica da ornamentação póde só pelo exame da gravura ajuizar bem o leitor; mas não póde aquilatar o extraordinario brilho, a translucidez, a egualdade do vidrado,— que é só a duas côres, branco e verde,— e não obstante eu acho, pela impeccabilidade, pela harmonia e a flui-

A Jarra «Beethoven» — *Actualmente no palacio da presidencia no Rio de Janeiro*

dez dos tons, perfeitamente e só comparavel a esses transcendentes esmaltes, que ora saltam como metaes, ora têem escorrencias de philtros de sonho, e de que só em todo o mundo Rockwood foi o inventor e tem o segredo.

Grupo de peças de phantasia

Escrevi muito e estou convencido de que não consegui dar nem uma pallida notula do que tenha sido, na sua superior integração artistica, a formidavel obra ceramica de Raphael Bordalho Pinheiro. Quando muito, deixaria assente esta impressão, — que o seu genio effervescente e inquieto procurou instinctivamente as faianças e os barros, como instrumentos de objectivação, porque são estes os materiaes que mais admiravelmente se adaptam a todas as phantasias e improvisações d'um artista.

Desde então, feita a escolha, sobre a pasta malleavel das argillas e dos grés o seu atropello de ideas tem sido incessante. Este infatigavel e nervoso artista, impotente para sofrear a impaciencia escachoante do seu genio, procede por arrancos, sacrifica tudo á celeridade da producção. A sua obra é uma vertigem. E por esse motivo, e ainda pela fraca resistencia e imperfeição substancial da materia-prima que emprega, é dolorosamente certo que a maior parte das suas obras virão a ter uma duração material ephemera, não obstante o cunho immorredoiro que lhe imprime este Phidias do extravagante, um dos mais admiraveis e completos commentadores plasticos da Vida!

Mas o seu caracter, a sua tradição já se não perdem. Ficarão eternos, como uma das affirmações mais legitimamente gloriosas do genio nacional.

Abel Botelho.

Um prato ornamental

De Lisboa a Moçambique

Por ANTONIO ENNES

SEGUNDA PARTE

CAPITULO I

Quelimane — O porto — A cidade — A natureza

Na viagem de Moçambique a Quelimane gastam os paquetes 36 a 48 horas, conforme a velocidade das machinas, as correntes, o estado do mar. A costa é quasi sempre baixa e arborisada, e vae fugindo para sudoeste. Borda-a uma enfiada de ilhas espaçadas, que entre as suas rochas coraliticas e as praias do continente deixam passagem para navios de pouco porte; mas a navegação faz-se quasi sempre por fóra d'ellas. As quatro mais septentrionaes, a começar em Mafamede, compõem o grupo chamado de *Angoche;* prolongam-se com ellas as *Primeiras,* uma das quaes ainda hoje se denomina do *Fogo*, porque n'ella se accendiam d'antes fogareus que serviam de pharóes ás náus da India. São desertas. Algumas parecem corôas de areia esteril; outras são pequenos parques em que as casuarinas deixam passar a luz por entre as agulhas verdes das suas esbeltas copas pyramidaes. Com as ilhas defrontam para baixo do rio de Angoche, os territorios collecticiamente chamados de Moma, refractarios á civilisação, e a Maganja da Costa, muito tempo accusada de acolher nas boccas dos seus rios pangaios escravistas; depois principiam a estender-se, cortadas e separadas por veios d'agua, as orlas maritimas de antigos *prasos da corôa*, primeiro o Licungo, sensivel aos exemplos da rebeldia dos maganjas, depois o rico Macuse, servido por um dos melhores rios da provincia, por ultimo o Angoaze e o Tangalane, visinhos de Quelimane. Em toda essa linha costeira são raros os palmares que se avistam do oceano; quando elles principiam a apparecer sobre as franjas brancas de rebentação e os debruns amarellos de areia, sabe o piloto que está perto do rio dos Bons Signaes.

A barra d'este rio, que teve Vasco da Gama por padrinho de baptismo, é assignalada por uma caprichosa marca natural, um grupo isolado de coqueiros que, visto do mar a distancia, toma a forma geral d'um *gallo*. Hoje, quando se distingue o gallo famoso, não tarda a perceber-se tambem uma boia, fundeada a cêrca de 6 milhas da costa, que avisa os navegantes de que cahirão sobre o banco enorme, que até ali se alonga, se não acertarem o rumo por um páu de bandeira que se enxerga lá ao longe, n'uma ponta de terra arborisada. Apesar das balizas, a passagem por cima do estirado banco, nem por onde é possivel, está isenta de riscos. O canal é tão estreito que uma forte guinada pode causar um encalhe, tão pouco profundo que não é navegavel, para navios de alto bordo, em todas as alturas das marés. A's vezes espera-se durante horas que a agua suba. Passa-se com a sonda na mão. Os gajeiros vão entoando: *quatro braças*, *trez e meia*, *trez*, *duas braças*, e os passageiros, attentos ás cantilenas, suspendem a respiração. D'um e outro lado as vagas arrastam diante de si rolos de espuma com laivos amarellos de areia. Se ha forte ondulação, o navio estaca por instantes n'uma arfagem soffrendo um estremeção violento, rangem-lhe as madeiras, tinem metaes, a machina solta uns resfolegos afflictivos, desequilibram-se tripulantes, quebram-se louças na camara: não foi nada, foi o navio que bateu no fundo. Alguns mofinos batem a cada volta do helice, batem até o motor estacar. N'outros passos apenas se sente a quilha arrastar-se na areia com trepidações suaves; mais commummente ainda, não se sente nada porque sobra e está mansa a agua. Transposta outra boia, tem passado o perigo; os marujos já mudaram de cantilena para annunciarem tres braças, quatro, cinco, e o commandante encostou-se á varanda da ponte, deitando o bonet para traz e enxugando o suor da testa. Vae-se direito á terra, onde se veem casas espalhadas entre arvoredo silvestre, sobrepujado por um mastro de signaes e lanternins de pharoes; é a ponta de Tangalane. A' direita, na ponta de Olinda procura-se o *gallo*, e não se acredita que a ave fosse

aquelle ramalhete de cinco ou seis palmeiras, que enfeita alem o areal. A poucas amarras da terra, muda-se a prôa, contorna-se Tangalane, navega-se encostado a uma riba coberta de matto, e ahi, pois que já se entrou o rio, procura-se naturalmente com a vista a famosa capital da Zambezia, mas só se descobre mangal, agua barrenta e corôas de areias, por entre as quaes voga alguma almadia tripulada por negros semi-nús. Quelimane fica ainda a 12 milhas pelo rio dentro.

A bombordo, por dentro da ponta de Olinda, accumularam as correntes imperiosas do rio um vasto banco, chamado dos *cavallos-marinhos*, por ter sido em tempo logar predilecto d'esses pachydermes; em frente, um macisso de verdura escura, que ainda se não percebe que é um ilheu, só deixa estreito passo entre o seu contorno e a margem esquerda do rio: corta-se, pois, para a margem direita seguindo um canal que d'antes era indicado por marcas levantadas em terra, e a que hoje servem de balisas pequenas boias, como barris, visiveis umas das outras. Essas boias aconselham o mareante a encostar-se para a terra, onde a curto trecho a correnteza do mangal é interrompida por grupos de palmeiras, cujos troncos deixam a vista descobrir lá dentro uma habitação de estylo europeu, pompeando entre palhotas; é ali Quelimane do Sul, logar celebrisado pelos mosquitos que, segundo se diz, ali mataram uma preta com o filho. Este episodio depressa discorre, e o mangal cerrado volta a guarnecer ambas as margens, separadas então por mais de milha e meia de aguas grossas e lodosas, a que nenhum reflexo de ceu azul é capaz de tirar a côr de barro escuro. Se está baixa a maré, apparece o tortuoso raizame do mangue a romper de banquetas negras de lama; se as aguas vão altas, afogam a folhagem baixa do mangal e alastram-se por terra dentro, empoçando-se nas depressões. Por largo espaço não se distinguem vestigios de vida humana nas bordas do rio; quando muito apparecerá alguma casquinha varada no leito d'um *mucurro* aberto no matto, mostrar-se-ha algum pescador preto mettido n'agua até aos joelhos. Fartam-se os olhos de mangal e de lodo! Avistar, da parte de

QUELIMANE — GRUPO TIRADO NO JARDIM DO PALACIO DO GOVERNADOR

João d'Azevedo Coutinho — Gorjão de Moura (governador) — Raul Machado — Antonio Ennes — Jayme Leotte — Henrique Costa (administrador do praso Angoape) — Barros (secretario do governo de Quelimane).

dentro do ilheu, alguma cabeça de hypopotamo a surgir do lodo liquido, parece uma interessante aventura, no meio do enfado d'aquelle percurso de hora e meia. De ordinario, o sol abraza.No toldo branco do navio começam de negrejar uns moscardos, maiores de que as mais alentadas varejeiras, a que chamam moscas de *cavallo marinho;* é livrar das suas ferroadas, que fazem sangrar! Caminha-se, caminha-se lentamente, se a corrente é da vasante, e parece que o rio fecha adeante da prôa as suas alas de mangue; finalmente divisam-se côres de edificios entre rendilhados de vegetações, dobra-se uma ponta quasi a roçar por ella, e surge-se diante da villa de Quelimane, que espreita para o porto detraz do arvoredo variegado da margem esquerda.

O rio dos *Bons-Signaes* tem-se facilitado muito á navegação nos ultimos annos. Quando Bordallo escreveu o seu *Ensaio estatistico*, em 1859, ainda se entrava n'elle guiado só por signaes naturaes, auxiliados pelo pau de bandeira de Tangalane e pelo seu pedestal *caiado*; não havia balizagem, nem havia illuminação. Em 1891 já estas faltas estavam remediadas por um systema completo de balizagem formado por boias e marcas terrestres, e em Tangalane luzia um pharol; mas só com a luz do dia se podia entrar ou sair, e como os navios de alto bordo tambem precisavam de certa altura de agua para transpôrem o banco, succedia-lhes perderem quasi vinte e quatro horas a esperar, fundeados ou pairando, por uma enchente diurna. Cuidou-se, pois, de illuminar a barra e o rio, segundo um plano estudado pelo tenente Leotte Rego, então commandante do *Auxiliar*. O antigo pharol, que estava quasi a cahir ao mar, que de continuo vae comendo a costa, foi substituido por outro, montado n'uma torre de ferro, cujo raio luminoso alcance e exceda a boia da orla exterior do banco; e desde essa boia até ao fundeadouro assignalou-se o canal navegavel por meio de combinações de luzes accesas em terra. Finda que seja esta benemerita obra, Quelimane ficará sendo, depois de Moçambique, o porto de mais facil accesso em toda a provincia, porque os baixos que lhe guarnecem a entrada só ás escuras ou debaixo de tempo são realmente temerosos para o piloto prudente e experimentado. Tempos houve, é certo, em que tiveram fama tenebrosa; não havia anno em que se não cravasse e desfizesse n'elles algum navio de vela. Mas os naufragios não eram, em muitos casos, senão lucrativas transacções com o seguro. Modernamente, apezar de se terem activado as communicações maritimas com a capital de Zambezia, Tangalane, a sua atalaya, ainda não viu sinistro algum, a não ser o encalhe d'um cruzador inglez, devido á muita agua que demandava e a um equivoco do seu commando; ainda assim, a canhoneira *Liberal* salvou-o sem avarias grossas. Por mim, entrei e sahi quatorze vezes a barra, e só o *Euxéne* me pregou um susto, afocinhando tão rijamente no fundo que julguei que teria aberto as costuras. O proprio *Ibo*, da Mala Real Portugueza, que mesmo em préamar d'aguas vivas não encontrava debaixo da quilha espaço para fazer uma mesura, por lá andou annos, sempre a esmurrar a areia, sim, mas sem maior trabuzana. Com mar chão e boa maré podem ir a Quelimane até os navios do porte da *Rainha de Portugal* e da *Mindello*; se não vão, é só por mêdo das *responsabilidades*.

O fundeadouro é espaçoso, profundo e abrigado dos ventos, mas sujeito, como aliás todos os grandes rios de Africa Oriental, a correntes impetuosas. Descendo uma vez de Nhandôe no *Auxiliar*, o glorioso veterano teve de lançar ferro defronte de Chuabodembo meio kilometro a montante da villa á espera de que passasse um turbilhão de enchente, que a sua esfalfada machina não lograva vencer. Ha occasiões em que nenhuns braços de remadores possantes são capazes de levar barcos do caes ao portaló dos navios surtos a poucas amarras de distancia. Por isso é mais sensivel a falta de uma ponte acostavel de carga e descarga. O porto é servido apenas por duas rampas de cantaria, a que as proprias embarcações de descarga nem sempre atracam a seu geito.

A villa não tem brasões nobiliarchicos como a cidade de Moçambique, mas favorece-a a natureza com as suas galas, e engrandece-a a Zambezia com os seus tributos.

Nasceu burguezmente, em 1544, para o mister obscuro de feitoria e tão obscura ficou até o fim do seculo que a *Ethiopia Oriental* nem foros lhe dá de povoação. «Da barra (de «Quelimane) para dentro — diz o livro — «obra de duas leguas, tem um porto bem as«sombrado de campo razo, no qual estão «umas casas, palmar e horta de um portu«guez chamado Francisco Brochado... que «era capitão d'estes rios.».

E pouco mais. Fr. João dos Santos não entreviu os altos destinos futuros do logar onde o Brochado assentára residencia. Nem admira! No seu tempo, o caminho da alta Zambezia para o mar fazia-se pelo Luabo, que elle dividia em Luabo Velho e Cuama Velha; o rio dos Bons Signaes era pobre d'aguas, a par d'essas arterias. O dominicano considerava este ultimo como *um braço do Zambeze*, mas dizia: «Os portuguezes nave«gam sómente pelos dois principaes (braços):

«pelo do Luabo podem navegar todo o anno, «porque tem muita agua e sempre é capaz de «navegação: o que não tem o de Quelimane, «por onde navegam sómente no inverno, por«que no verão descobre muitas areias, e ma«deiros, que estão cravados no fundo do rio, «onde perigam muito as embarcações». Nestas condições, Quelimane só podia ser porto d'uma limitada região desviada do Luabo, tanto mais que *cinco leguas* mais ao norte fazia-lhe concorrencia o *Lorange*, com muita agua e excellente barra, e o bom do frade não era bastante sabedor em hydrographia para calcular com antecedencia de seculos as transformações por que os açoriamentos fariam passar o regimen do Zambeze e das suas boccas, transformações de que em parte adveiu a fortuna do rio dos Bons Signaes.

Essa fortuna não foi rapida. Só mais de dois seculos depois de fundada em 1763, é que a feitoria de Quelimane mereceu as honrarias de villa, com o nome de S. Martinho, e em 1859 ainda Bordallo fallava d'ella com mal disfarçado desdem: que nem tinha edificios publicos sufficientes, que era um pantano, que as feras iam desenterrar cadaveres ao seu cemiterio, que a abolição da escravatura prostrára-a em miserrima decadencia. Hoje, porem, é a povoação de toda a provincia que revela mais prosperidade, porque se fez a si propria, e não foi feita pela metropole, a poder de ouro enterrado na areia, como Lourenço Marques. É relativamente diminuto o quinhão que nos valores de Quelimane pertence ou foi devido ao Estado. Até se pode dizer ainda, como em 1859, que a povoação não tem os *edificios publicos necessarios;* e os que tem são modestos e em parte adquiridos a particulares. Não foi com os trabalhos n'ella emprehendidos que as obras publicas estafaram a munificencia metropolitana!

A residencia do governador do districto, situada na extremidade occidental da villa, recebe agradavel apparencia do jardim, gradeado a ferro, que em perspectiva lhe decora a frontaria, baixa e humilde, com a rama das casuarinas e os lançamentos dos rosaes; mas o seu unico pavimento terreo é inteiramente franciscano. As paredes nunca conheceram revestimento mais ornamental do que a brancura da cal, e o chão só para receber visitas despiu a crosta de argamassa cinzenta para se cobrir com um mosaico de ladrilho. O seu unico luxo é uma mobilia rendilhada da India, dispersa na vastidão da sala de apparato, e o seu melhor regalo um grande quintal, pomar e horta, com talhões de hortaliças europeas bordadas por fileiras de ananazes, e pomares de laranjeiras fechados por paredes de mangueiras. N'esse terreno existe, feito de pedra e cal, um quadro comparativo do custo das obras publicas e particulares; compõem-n'o dois pequenos pombaes do mesmo molde, duas caixas assentes sobre columnellas de alvenaria, n'um dos quaes, se é verdadeira a fama, o governo gastou oitocentos mil réis, sendo o outro construido por um governador com nove mil réis de despeza!

A *residencia* faz angulo recto com um edificio, onde estão alojadas a secretaria e a repartição de fazenda, e que só tem larguezas no atrio, cujas amplas e altas arcadas enfiam a rua principal da villa. As obras publicas e telegrapho gosam accommodações espaçosas e limpas; mas a alfandega está apertada, longe do desembarcadouro e dos centros mercantis. Na parte mais oriental da povoação, na orla d'um vasto terreno e á beira do rio, construiu-se recentemente um corpo unico de muitos que deviam formar um quartel de dimensões collossaes; tem duas grandes casernas arejadas e limpas, com os indispensaveis alojamentos accessorios, em que está á larga a exigua força do batalhão de caçadores n.º 2 que os serviços de destacamentos

Quelimane — Egreja parochial

e diligencias deixam concentrada. Defronte da residencia do governador, uns barracões, cobertos de zinco, levantados sobre a praia abrigam as officinas incipientes d'um improvisado arsenal, que por falta de organisação e dotação pouco mais faz do que concertar botes e deitar pingos de solda em marmitas; e, posteriormente, fez-se uma arrecadação para material de guerra, com uma frontaria ameiada. De paiol de polvora de commercio serve uma casa de aluguer, isolada na margem do rio para os lados de Chuabodembo.

Egreja ha só uma, da invocação de Nossa Senhora do Livramento, interiormente pobre de architectura e atavios, e com a frontaria rematada por duas torres que semelham botijas.

E hospital? Em terra de tão apregoada insalubridade como é Quelimane, parece que os serviços hospitalares deveriam ter sido preferidos a todos pela sollicitude governativa; mas a dolorosa realidade é que a *enfermaria militar-civil* do districto estava ainda ha tres annos hospedada n'um casebre, tão contaminado de infecções morbigenas que peiorava os doentes e adoentava os sãos, ameaçando tambem acabar com os soffrimentos que armazenava desabando em cima dos pacientes. Foi necessario removel-a, mas não houve edificio que a recebesse senão um barracão assente quasi em cima dos lodos do rio, amoldado para guardar saccas de amendoim, e nunca para albergar enfermos, e é voz constante na villa que os infelizes transportados para aquelle inferno de dôres deixam á porta toda a esperança de cura. Em tempos planeou-se construir enfermarias isoladas fóra da villa, entre o arvoredo, n'uma elevação de terreno, mas depois percebeu-se que as installações começadas só teriam capacidade para alojar insectos doentes, deitados em folhas de rosas. Foram postas de banda.

Não é, pois, aos edificios publicos que Quelimane deve a justa fama de ser a mais formosa povoação da provincia. Não teem que vêr; não merecem descripção; o visital-os não entretem uma hora. A principal decoração da villa não custou um ceitil aos cofres publicos, porque é a vegetação luxuriante em que está encrustada. Ha muitas povoações que metteram dentro de si parques e jardins; Quelimane, porem, é que se metteu toda n'uma matta tropical. E metteu-se n'ella sem a arrazar. Parece que foi abrindo ruas nos arvoredos, e que n'algumas deixou de pé as arvores alinhadas, que as podiam ensombrar e ornar. A's margens d'esses arruamentos não se fizeram previas limpezas de talhões destinados para construcções, antes cada constructor abriu clareira na vegetação para os alicerces da sua casa. Excepto onde os habitantes se apinhoaram, as casas não se encostaram umas ás outras, ficaram separadas por entremeios de verdura, e, quando muito, a flora expontanea foi substituida, nos quintaes e jardins que as intervallam, por outra mais ornamental ou mais productiva. Tambem os predios se não abeiram, soffregos de chão, dos passeios de betume que debruam as ruas de areia solta, e os jardins que deixaram adeante de si são embellezados pela natureza ainda que os proprietarios os descurem. Vão que a casaria deixe desoccupado e o transito não calque, veste-se logo de matto viçoso; caminho pouco trilhado atapeta-se de herva e borda-se de sebes naturaes; por cima dos muros trasbordam as ramarias. Está-se no campo dentro de casa; voltando a esquina d'um macisso de edificios, entra-se n'uma selva. Nas proprias ruas mais centraes e de maior transito ha desenhos e sombras de parques. Todas teem, pelo menos, dois renques de arvores, e algumas, como a dos Mouros, não se contentara com menos de trez, correndo o terceiro ao longo do seu eixo central. A arborisação é principalmente feita com acacias, que a florescencia transforma em gigantes ramos de flores vermelhas, e tambem ha alamedas publicas de laranjeiras e bananeiras, que offerecem o fructo ao transeunte. Os palmares, esses estendem os toldos por cima de todo o povoado. A secretaria do governo abre para um terreiro, sempre arrelvado, guarnecido de coqueiros; por signal quando os côcos estão maduros devem os viandantes acautelar as cabeças. A rua de S. Domingos, de muitos kilometros de extensão, é toda ella um largo aceiro talhado n'uma floresta de palmeiras. Ha pouco tempo abriu-se em volta da villa uma desafogada avenida, chamada Gorjão de Moura, e os seus muros ficaram sendo alterosas ramadas sempre verdes. Da altura das nuvens não se deve perceber que Quelimane seja uma povoação, assim como do rio mal se daria por ella sem a presumpção d'alguns edificios que se quiseram mirar nas aguas turvas.

Estas exuberancias da flora provêem das mesmas causas que tornam a villa insalubre, e confirmam a opinião de que onde vivem bem as plantas vive mal o homem. Quelimane está á borda de pantanos, e se os seus fundadores lhe tivessem querido dar chão que não fosse paludoso, não a teriam fundado por não encontrarem onde. Não ha ali perto rios que se extravasem, mas o terreno é tão depremido que se empoça, mesmo em volta da villa e até dentro d'ella, não bastando para o enxugarem as muitas vallas, os *mocurros*, que atravessam o povoado e sobre as quaes

passam as ruas em pontes de madeira. Este remedio dos *mocurros* é tambem por si um achaque, e tem-se procurado sanal-o convertendo as vallas permeaveis e descobertas em canos cimentados e fechados; mas a obra completa é mais dispendiosa do que o municipio é rico. Nos paúes originam-se as duas pragas da terra, as febres e os mosquitos, e não ha logar do littoral habitado por europeus onde ellas sejam mais afflictivas; mas já o foram mais, e com isso se consolam os quelimanenses. Houve tempo em que no dia 1 de maio era uso os habitantes trocarem felicitações por ainda estarem vivos. Essa usança acabou, porem, com a attenuação dos perigos que a motivava. Alguns movimentos de terras que teem facilitado o escoamento das aguas, a dilatação da área cultural nos arredores da villa, melhorias introduzidas no regimen dos habitantes, e porventura modificações climatericas de caracter generico, têem diminuido o movimento nosologico e, parallélamente debellado as mais grossas nuvens de mosquitos. Já não é heroicidade viver em Quelimane, e brancos ha que ali têem vivido muitos annos com poucas biliosas. Por mim, antes me quero lá do que em Moçambique. O thermometro não marca temperaturas, sensivelmente inferiores, e o hygrometro denuncia maior humidade. São até frequentissimos os nevoeiros matinaes e os ceus toldados de vapores aquosos. Mas, devido talvez ás expirações oxygenadas da vegetação, o clima é menos debilitante, menos depressivo. Com exercicio frequente e alimentação sadia escapa-se por muito tempo d'ir adubar as vegetações feras, que parecem estar dizendo ao homem que é só d'ellas aquelle solo, que ainda conserva forças da idade geologica em que só ellas podiam aspirar a atmosphera carbonica do globo.

Suspeito de que para a antiga insalubridade da terra deve ter contribuido o estylo preponderante das habitações. Differençam-se essencialmente do systema de construcção adoptado em Moçambique, e toda a differença é contra ellas. Têem um só pavimento terreo, o que as obriga a inhalarem as camadas inferiores da atmosphera, as que se impregnam das exhalações e dos detritos do solo, roçando-se por elle. Como especimens architectonicos são da mais pura e tosca simplicidade; a sua unica nota caracteristica consiste n'um alpendre, sobranceiro á porta da entrada e firmado em pilares ou columnas, o qual cobre o patim d'uma escada de dois ou tres degraus. Por dentro paredes caiadas, chão de tijolo ou argamassa mais frequentemente do que soalhos, tectos de vigas salientes; como cobertura, telha. D'este modesto typo vão-se destacando, porém, algumas edificações modernas, de dois pavimentos, com largos pateos interiores, salas decoradas, cantarias lavradas nas fachadas, como são, nomeadamente, o predio em que a casa Regis estabeceu a sua feitoria, e a moradia do sr. Balthazar Farinha, que até n'uma cidade luxuosa faria vista. O seu proprietario é reliquia d'uma expedição militar contra o Bonga de Massangano; enriqueceu-se com o trabalho e contraiu perdoavel gosto pelas grandezas.

QUELIMANE — FUNDEADOURO DAS ALMADIAS NO CAES

Nos dois extremos da villa estendem-se os bairros indigenas, compostos de palhotas, quadrangulares, mal feitas, ora arruadas ora dispersas por baixo de arvoredo e entre quintalejos de culturas cafreaes. N'esses bairros, e nomeadamente no Saguer, por cada duas moradias ha, a bem dizer, uma venda de aguardente, *pombe* e outros venenos de máu sabor, formada por um barracão de colmo, com balcão ou meza de madeira branca e bancos feitos d'uma taboa por aplainar.

No conjuncto, o aspecto da villa é pintu-

resco, animado e rico. Mórmente pinturesco. Ha sitios encantadores. A rua do Livramento, vista do atrio da secretaria do governo, merece ser pintada. No interior encontram-se episodios de floresta, como só a natureza sabe concebel-os e Zola descrevel-os. No entroncamento da avenida Gorjão de Moura com a rua de S. Domingos pára-se sem querer a alargar os olhos por aquellas alamedas: uma rectilinea e tão comprida que a perspectiva approxima as olas dos coqueiros marginaes, formando como uma abobada sombria cortada por uma fenda de azul luminoso; a outra curva, unindo ao longe as paredes arrendadas e recortadas de folhagem, de tão variado ornato que nem os dos velhos claustros gothicos. As combinações multiplas das casas e das palhotas com a vegetação compõem espontaneas phantasias artisticas que enriqueceriam um album de paisagens. Os arruamentos commerciaes, onde os baneanes e mouros enfileiraram as lojas, pendurando nos vãos das portas mostradores de diversos coloridos, têem uma physionomia caprichosa de basar oriental, accentuada por figuras amarellas de turbantes e cabaia encrusados nas soleiras e encostados aos humbraes. Pilhas de saccarias pejando os caes, formigueiros de carregadores negros que passam agrupados com fardos e caixas, vastos estabelecimentos onde se entrevêem artefactos luxuosos da Europa e da Asia, grandes armazens coagulados de peças de tecidos, latarias e garrafões, deixam a impressão de que ha bem estar, riqueza e vicio n'aquella metropole de um paiz que tem imposto a sua opulencia a descuidosos dominadores. Algumas ruas, das vinte e tantas em que se alinharam as habitações, são tão solitarias que se cobrem d'herva; mas n'outras, que servem a centros populosos das cercanias, perpassam de continuo ranchadas de negros, falladores, ruidosos, em *pannos* mas com o tronco coberto por camisolas em homenagem aos regulamentos policiaes, e esses ranchos são ás vezes caravanas do longiquo interior, desfiadas a um de fundo pelos trilhos calcados, que trazem marfim do Mazingire e do alto Boror, amendoim do Mairel, copra do Macuse ou do Lycango. Horas depois encontra-se o gentio d'essas caravanas sentado na rua sobre os calcanhares, em semi-circulo deante de alguma casa commercial, ou disperso pelas quitandas dos *monhés* regateando com gestos energicos e vozes gutturaes, o preço dos algodões e contarias, ou agrupado nas tabernas dos arredores a emborrachar-se em honra da civilisação.

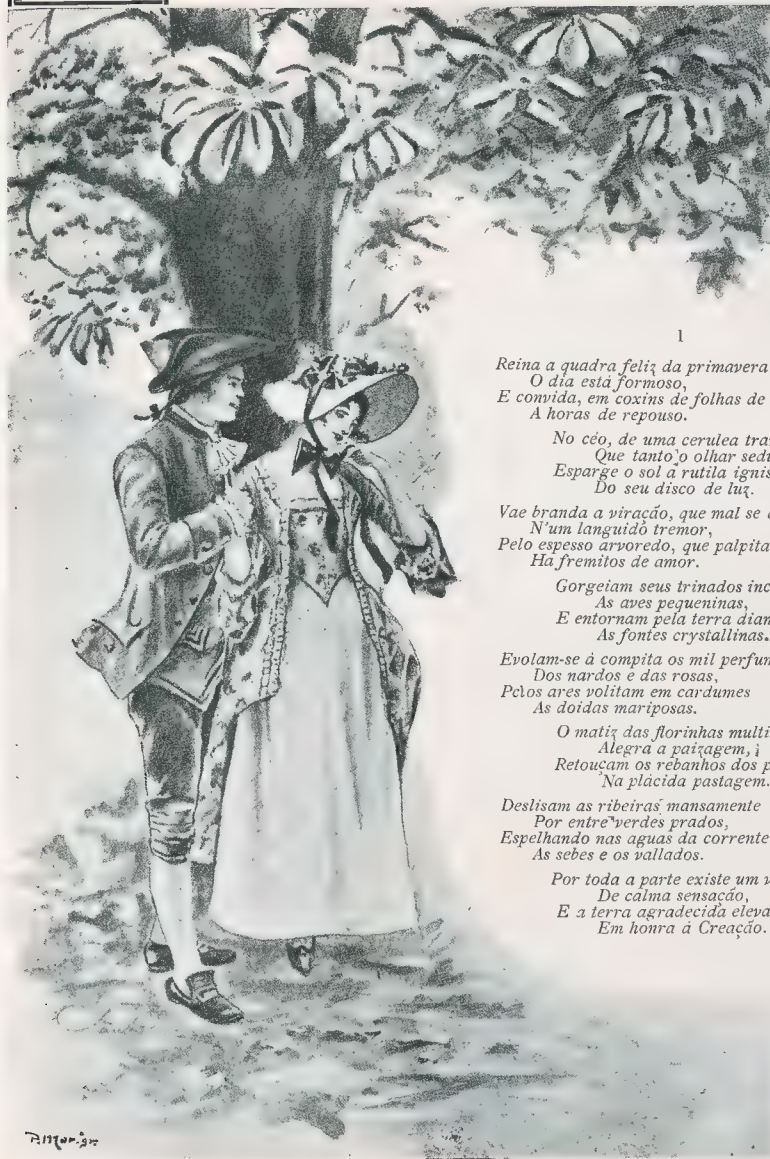
(Continúa).

Nota da R. — *Esta segunda parte da notavel obra de observação e de estudo do nosso mallogrado e querido escriptor, não foi revista no original por Antonio Ennes, como fôra a primeira.*

Quelimane — Rua de S Domingos

UMA ENTREVISTA NO BOSQUE

IDYLLIO PRIMAVERIL

I

Reina a quadra feliz da primavera
O dia está formoso,
E convida, em coxins de folhas de hera,
A horas de repouso.

No céo, de uma cerulea transparencia
Que tanto o olhar seduz,
Esparge o sol a rutila ignìscencia
Do seu disco de luz.

Vae branda a viração, que mal se agita
N'um languido tremor,
Pelo espesso arvoredo, que palpita,
Ha fremitos de amor.

Gorgeiam seus trinados incessantes
As aves pequeninas,
E entornam pela terra diamantes
As fontes crystallinas.

Evolam-se á compita os mil perfumes
Dos nardos e das rosas,
Pelos ares volitam em cardumes
As doidas mariposas.

O matiz das florinhas multicores
Alegra a paizagem,
Retouçam os rebanhos dos pastores
Na placida pastagem.

Deslisam as ribeiras mansamente
Por entre verdes prados,
Espelhando nas aguas da corrente
As sebes e os vallados.

Por toda a parte existe um vago encanto
De calma sensação,
E a terra agradecida eleva um canto
Em honra á Creação.

II

Pela manhã aprasivel
D'este dia luminoso,
Entra n'um bosque frondoso
Discreta dama gentil;
Segue apressada, em mysterio,
E tão veloz na carreira,
Que no chão mal põe ligeira
O seu pé breve e subtil.

E' loira como os trigaes,
Do lyrio tem a brancura,
E lembra na formosura
As Virgens de Raphael.
O seu busto gracioso,
As ondas do seu cabello,
Poderiam ser modelo
Do mais divino cinzel.

Os olhos, côr de saphyra,
São ninhos de seducções,
D'onde irrompem uns clarões
Illuminando-lhe o rosto.
Tem a bocca imperceptivel,
Tem o labio purpurino,
E fez-lhe a mão o Destino
Para beijar-se por gosto.

Cinge-lhe o corpo flexivel
Um levissimo vestido,
Que foi, parece, tecido
Por dedos de alguma fada.
O seu airoso chapéo
De abas largas á pastora,
Tornando-a mais seductora,
Mais a torna desejada.

As avesitas do bosque,
Os olhos n'ella fitando,
Ao seu trinar meigo e brando
Dão instantaneo remate.
E mudas todas se ficam,
Presas de extranha surpreza,
Perante aquella belleza
De tão subido quilate.

N'um sitio mais ensombrado,
Mais ridente de frescura,
Onde corre entre a verdura
De puras aguas um veio,
Repousa a dama afinal;
E, como ninguem a visse,
Com recatada meiguice
Um papel tira do seio.

Então, um melro atrevido,
Abrindo as azas ao sol,
Poisa ao pé de um rouxinol
E diz com ar expansivo:
— Temos obra, companheiro,
Creio andar moiro na costa,
Que dama assim tão bem posta
Não vinha aqui sem motivo.

— Vem talvez gosar as brisas
D'este dia tentador,
Nota o emplumado cantor
Que dos campos é delicia.
— Respondeste parvamente,
Como grosseiro perú;
Vem, mas é a um «rendez-vous»,
Volve o melro com malicia.

—Tambem formo egual suspeita,
Acode esperta andorinha,
Que ha pouco chegado tinha
De longinqua emigração;
Mulher linda tem amores,
Tem-n'os esta, se quizer,
Pois eu nunca vi mulher
Que mais fale ao coração.

A seguir, pondera um tordo
N'um chilrar fino e singello:
— Reparem com que desvelo
Ella está lendo um papel.
—Aquillo é carta adorada,
Atalha um pisco innocente,
Em que o seu amor ausente
Faz juras de ser fiel.

Por seu turno, a toutinegra,
O bico abrindo, conclama:
— Vejam, vejam, como a dama
Cobre a tal carta de beijos!
—Ai! se eu podéra ser homem,
Geme um lascivo pardal,
N'aquella bocca ideal
Iria matar desejos.

Responde-lhe o pintasilgo,
N'um sonoro trilo agudo:
— Pobre amigo, que és em tudo
O retrato de teus paes!
—Aquelle mimo de graças,
Um pintarroxo accrescenta,
E' comida succulenta
Para papo de pardaes.

— Silencio, muito silencio!
Interrompe a cotovia,
Lá pisa a relva macia
Um elegante rapaz.
Lá se approxima da dama,
Com ancia aperta-lhe a mão;
E que alegre recepção
Que ao vel-o a dama lhe faz!

—Bonito! o melro assobia
Ao contemplar de uma olaia
Que a dama quasi desmaia
N'uma crise de prazer.
Amigos, como estaes vendo,
Mau adivinho não sou;
O «rendez-vous» não falhou,
O melro soube prever.

— Attenção! trina sorrindo
O tentilhão jovial,
Uma idéa genial
Tive agora, o povo alado;
Bem sabeis que entre o bom tom
Costume antigo já e,
Alcunhar de «matinée»
Concerto de manhã dado.

Pois, muito bem, eu proponho
Que, deixando os nossos ninhos,
Em honra dos dois pombinhos
«Matinée» organisemos.
O rouxinol, cujo canto
E' das aves o mais bello,
Para tenor de cartello
Já nos à mão cá o temos.

Como «estrella», a toutinegra
De contralto servirá;
O soprano existe já
Na matinal cotovia.
Ha de o melro ser barytono,
E os companheiros restantes
Entrarão nos concertantes
A formar doce harmonia;

Para, emfim, a «matinée»
Ser falada e correr bem,
Afora os coros, tambem
Um maestro nos convinha.
Por isso, fecho a proposta
Com estas figuras mais:
Sejam os coros — pardaes,
Maestro — a esvelta andorinha.

III

Acercam-se, entretanto, os dois amantes
Saudando aquelle dia,
E palavras de affecto insinuantes
Repetem á porfia.

Quando os labios uniam docemente
N'um extasis de amor,
Resôa em torno d'elles de repente
Um hymno encantador.

Abril, 1901.

PEDRO VIDOEIRA.

MARTYRES

EPISODIO DA PERSEGUIÇÃO DE DIOCLECIANO

Capitulo X — O julgamento

A noticia de que o imperador ia á basilica para julgar, elle proprio, o diacono, correu immediatamente em todas as dependencias do palacio — grande como uma pequena cidade — povoado por milhares de pessoas, e onde se concentravam em acção e exercicio todos os organismos necessarios á vida civil, familiar e militar dos cesares.

Attraidos, como rafeiros ao despejar dos restos mal esburgados, acudiram os clientes e invadiram as tres naves em que a sumptuosa basilica era dividida por bellas columnas do mais puro e ao mesmo tempo mais rico jonico attico. A gente do palacio, os dignitarios da côrte, os magistrados da cidade, todos se apressaram em occuparem as tribunas, que se abriam na parte superior dos intercolumnios, servindo de miradoiro para a grande nave central, onde formigava a gente de somenos, detida a certa altura por uma balaustrada, que forma a corda do arco em que se arredonda a abside, grande espaço que constitue o pretorio, séde do tribunal. Com o ruido, movimento e a vozeria confusa, mas quasi ensurdecedora da multidão que enchia a basilica, contrastava o silencio e a solidão deste recinto, onde a luz já chegava diffusa e fraca. Sobre um estrado, servido por duas escadas de poucos degraus, uma mesa forrada com bancaes de panno vermelho, em que se viam bordados os retratos dos dois imperadores. Ao redor algumas cadeiras curues. O que mais concorria para dar aquella impressão de silencio, e ao mesmo tempo de respeito religioso, eram as estatuas de varios deuses do olympo greco-romano, alvejando immoveis no fundo dos nichos abertos nos intervallos das pilastras, subindo estas d'um envasamento continuo até encontrarem a cornija sobre que assentava o tecto da abside. Como estavam pouco illuminadas, tanto mais indecisos eram os contornos d'estas estatuas, e por isso mais impressionavam pelo sentimento mysterioso que de si irradiavam. Sómente a figura da *Justiça*, no seu baixo pedestal, junto da balaustráda, ou barra do tribunal, e em frente da qual crepitava a chamma no tripé de oiro, se via banhada pela claridade intensa, que entra pela grande porta principal.

No meio do murmurio de mil sons, da agitação e commentarios do caso horrivel e sem precedentes, ouviu-se uma voz gritar:

— O tribunal!

E logo um apparitor descerrou as portas da barra, e os viadores, outros tantos officiaes do tribunal, formaram ao lado das escadas, emquanto os lictores abriam caminho, por entre a multidão, e se collocavam em semicirculo, ao fundo, no estrado judiciario.

Galero, seguido d'Asclepiades e dos seus intimos, atravessou, com passo lerdo, o auditorio, envolto na toga de purpura, mal correspondendo ás inclinações de uns, e aos gestos de quasi adoração que lhe tributavam os que se achavam mais sob o dominio da sua vista, sempre turva, e n'aquelle momento terrivel na sua inquietação.

Sacrificados alguns grãos d'incenso na chamma do tripé, reverenciados os idolos, o Cesar sentou-se, protegido por dois estandartes, onde elle e Diocleciano estavam retratados.

Asclepiades foi o primeiro a falar, dizendo para um dos viadores:

— Introduzi Romano.

— Está presente, disse um dos officiaes, depois de ter dado entrada a Romano, abrindo uma pequena porta por baixo do estrado pretoriense.

O diacono, socegado e tranquillo, approximou-se da barra do tribunal, e apoz elle entrou Martha com o pequeno Barallah. Um dos apparitores offereceu-lhe a acerra do incenso, mas elle arredou-a com a mão.

— Porque não sacrificas? pergunta Gallero. Não conheces as ordens do imperador?

— Conheço; mas sou christão!

— Ordena elle que se adorem e respeitem os deuses.

— Eu adoro um só Deus, que fez o ceu, a terra, o mar, e tudo quanto existe no ceu, na terra e no mar.

— Não sabes que existem muitos deuses?

— Nem o quero saber!

— Quem hade ser obedecido, temido, louvado, honrado se se recusar o culto aos deuses, e a adoração e a obediencia ao imperador?

— Deus poderoso, cuja omnipotencia se manifesta a toda a hora pelos mais as signalados prodigios!

Parece que esta resposta era esperada por Galero, porque, brilhando-lhe os olhos, atalhou com rapidez, pondo-se de pé, e dirigindo-se ao diacono com impetuosidade:

— Que prodigios queres maiores do que a chamma que brilhou ao redor dos cabellos de Servio, sem os queimar? Não pairou uma aguia sobre a cabeça de Tarquinio o Antigo, quando elle entrou em Roma? Não é prodigiosa a faca com que Nevio cortou uma pedra?

Imaginava Galero ter vencido Romano. Evidentemente este não teve réplica prompta, e já irrompiam os applausos de todos os lados do recinto, quando o diacono respondeu:

— E quem te diz que o espirito das trevas não tenha poder para obrar coisas que parecem sobrenaturaes? Mas os verdadeiros prodigios só Deus os permitte.

— Jupiter!

Pobre deus a quem uns põe asas, outros chifres, este o descreve como adultero que passa as noites em conquistas faceis, aquelle o representa cruel para os outros deuses e injusto para os homens. Ora o vemos provocando a desordem na sua propria familia, ora despojando seu pae do throno, e attentando contra os dias d'este. E' preciso ser doido para acreditar em tal deus. Se o encontrassemos vivo em o nosso caminho fugiriamos d'elle como d'um monstro...

Emquanto Romano falava, surgiam vozes de ira, clamores isolados de protesto, que foram engrossando, até se converterem numa tempestade de gritos pedindo a morte do sacrilego, do blasphemo. Galero, que tem fixado a vista em Martha, pergunta-lhe:

— E tu quem és? És sua mulher, ou irmã-concubina?

— O meu homem é Hesico; este é meu irmão em Christo.

Jupiter Olympico

Ensaio de reconstituição estatuaria, segundo a descripção de Pancarino e com o auxilio de antigas medalhas por Jose Stallaert.

Então Galero, acabando por perder a compostura, que era de uso nos tribunaes romanos, irado e ameaçador, clamou:

— O que vós sois é uma seita judia, turbulenta, sacrilega, que renegaes a religião de vossos paes, afrontaes os deuses do imperio, fazeis leis a vosso capricho, e tendes reuniões sediciosas.

Já não era o juiz calmo que devia julgar, mas o energumeno, a soldo d'uma seita, exprobrando e ameaçando.

Um grande silencio pesou na vasta basilica; todos julgavam Romano, por fim, confundido pela objurgatoria de Galero, e de novo estrondaram os applausos, os gritos de enthusiasmo e milhares de vozes clamaram:

— Ave Cesar!

O diacono recolheu-se em si, e deixou trovejar a multidão, cujos gritos attingiram uma intensidade tal que mais pareciam urros de feras, por entre os quaes mal se distinguiam as palavras:

— Sacrifiquem! Sacrifiquem!

— Sacrifiquem! ordenou Galero.

Então Romano, passeando o olhar tranquillo sobre aquella turba berrante, que, possessa d'um delirio de sangue, pedia a

sua morte, poisou a vista com ternura sobre Martha e o pequenino Barallah, e logo, como se do ceu lhe viera a inspiração, levantou o braço, em signal de quem quer falar, e assim que o tumulto e a vozeria serenou disse com voz, que fez estremecer o Cesar, como se de novo lhe échoassem nos ouvidos as palavras fatidicas do sonho:

— Que provas te darei, Cesar, da verdade da minha fé, que não sejam perolas a porcos? Não será melhor dar a palavra á voz da natureza? Que ella fale com toda a ingenuidade, e não quero outro testemunho da verdade que professo. Vês esta creança, na edade em que não existem pensamentos de lisonja, nem odios, nem sympathias de doutrina, com a sua pequenina alma em estado de indifferença, quando a sua bocca mal e à custo balbucia as primeiras palavras? Pois bem, se queres, perguntemos-lhe o que ella julga da divindade.

— Pergunta, disse Galero.

Logo a multidão socegou, e um grande silencio reinou nas amplas naves. Todos se apertavam, procurando cada qual ver a creança, para melhor a ouvirem. E Romano, dirigindo-se ao pequeno Barallah que puxou para si, tomando-lhe as mãosinhas, perguntou-lhe.

— Dize-me, meu filho, qual das duas crenças é a mais racional, a mais conforme á verdade, se adorar muitos deuses, se um só.

A creança sorriu, e disse sem hesitar:

— A um só!

— Quem tal te ensinou? pergunta Galero, livido de colera.

— Minha mãe.

Então Galero, voltando-se para Martha, que envolvia o filho num olhar de suavissima ternura, gritou-lhe:

—Pois a morte de teu filho vae ser o premio de tal ensino. É justo que lamentes a perda d'aquelle a quem a tua impiedade já perdeu.

Martha não comprehende o que aquelle homem terrivel lhe está dizendo.

Galero continuou:

— Mas não praza dos deuses que um sangue tão vil e miseravel manche a espada do algoz. A morte faria abreviar o teu supplicio; o de teu filho será tormento mais duradoiro para ti. E agora que os levem ás torturas do cavallete, e se não cederem a ellas, sacrificando aos deuses do imperio, que os conduzam ao ultimo supplicio.

Um dos apparitores avançou a vara, e os tres foram levados para a porta, por onde tinham entrado.

Galero, extendendo a mão, e apontando para a estatua da *Justiça*, declara que continua julgando.

A justiça de Galero ficou sem ter que julgar; deserta e muda a barra do tribunal. Não o extranhou elle, nem se indignou. Sabia que aquelle auditorio, como os abutres que de longe aspiram o fartum da carniça, estava alli sequioso de sangue, e preferiria ouvir os gritos afflictivos que os christãos iam soltar, quando lhes dilacerassem as carnes a azorrague, ás declamações dos libellos irasciveis, ou das defesas rethoricas; e lhe seria de mais agrado ver golfar o sangue de mil rasgões nas carnes palpitantes, do que estar contando os pingos pingos das clepsydras, marcando a duração dos discursos.

Assim, pois, que a tortura foi ordenada, e que Romano, Martha e Barallah sairam, impellidos pelos apparitores, pela porta que se abria por debaixo do estrado do tribunal, e se sumiram na escuridão, seguidos por Asclepiades, logo logo tanto o povo que enchia as naves, como o que até alli se tinha debruçado nas galerias, se precipitou em bulcão para fóra da basilica.

Galero, mal viu o caminho livre, desceu do tribunal apprehensivo, preoccupado, e subiu rapidamente aos seus aposentos, onde se atirou de bruços para cima d'um leito, agarrando com frenesi uma almofada em que enterrou a cabeça, mordendo a seda com desespero.

Capitulo XI — A Tortura

A multidão tinha atravessado em tumulto o grande terreiro que se extendia na sua frente, e, sempre correndo, atropellando-se, berrando, vociferando, dirigira-se para uma larga avenida, que em ladeira descia para o braço leste do Oronte, e desembocava numa praça monumental, no sopé dos jardins suspensos da moradia imperial. Partindo dos pontos extremos d'uma espessa muralha de supporte, na qual se abriam dois porticos communicando com os subterraneos do palacio, nascia uma columnada em hemi-circulo, com os vãos das columnas occupados por pedestaes, sobre que se erguiam estatuas de deuses, talhadas umas em variados e coloridos marmores, fundidas e cinzeladas outras em metaes reluzentes, e todas immoveis nas suas posições, que iam desde a bella serenidade da estatuaria grega ás quasi contursões das di-

vindades asiaticas. A adoração pagã só tinha alli a difficuldade da escolha; e no fogo das aras dedicadas aos diversos deuses, rara foi o que não recebeu e queimou alguma lagrima de resina odorifera. Mas ainda, o mais adorado entre todos, mais ainda que o Jupiter collossal que se elevava sobre um plintho de bronze, com almofadas relevadas, entre os dois porticos do subterraneo, era esse abjecto Glyco, serpente com a cabeça humana, a mais moderna e extravagante concepção da divindade, em cuja frente se ennovellava espessa e continua a fumaça do insenso. Muitas d'aquellas estatuas tinham sobre os hombros mantos de purpura que o *kamsin*, soprando do sul com violencia, agitava descompassadamente em repellões rapidos e loucos. A atmosphera ennevoada imprimia ao quadro uma melancolica e triste tonalidade, que tornava os contornos tanto estatuarios como architectonicos rigidos, duros, afiados, todos em claro, sem sombras nem prespectiva. Este meio já de si sinistro pela luz diffusa e immobilidade das estatuas, suscitava um sentimento muito proximo do terror quando a agitação das pequenas chammas bruxoleavam, e o esvoaçar inquieto dos mantos, sacudidos pelas rajadas do vento, se detinham rapidamente sobre as estatuas modelando-lhes grosseiramente os contornos num vermelho vivo, como se fosse uma mortalha ensanguentada cingindo-se a um cadaver. Tudo isto exercia uma acção enervante sobre a multidão, que depois de irromper na praça, foi esbarrar contra um cordão de legionarios, que hirtos e firmes, resguardavam o espaço destinado á tortura. Então com a mesma gritaria, com a mesma agitação, com os mesmos gestos exhuberantes com que no circo reclamava o começo dos espectaculos, assim se foi accommodando, trepando aos plinthos das estatuas, aos soccos das columnas, para não perder um unico incidente da scena de horror que esperava com anciedade. Repentinamente todos aquelles gritos, todos os berros ensurdecedores da multidão se fundiram num unico e tempestuoso clamor, formado de mil rugidos selvagens, de uivos ferozes.

O SUPPLICIO DO CAVALLETE

Segundo o livro Originum et Antiquitatum Christianarum por Fr. Thomaz Maria Mamacho

No limiar d'um dos porticos acabavam de apparecer os algozes, uns arrastando o estrado sobre que assentava o cavallete, outros armados com grandes chicotes de cabos curtos, com rosetas de ferro nas pontas dos lategos, e por meio das alas que formaram iam passando Romano e Martha com Barallah pela mão; e, á maneira que avança-

vam, cada algoz lhe dava uma chicotada, como se já fossem reus condemnados entrando para a arena do circo. Seguido pelos officiaes de justiça, e precedido pelos lictores, appareceu Asclepiades, que, depois de sacrificar a Jupiter, subiu ao estrado e alli se sentou na cadeira curul. Faz avançar os christãos.

A multidão socega, cala-se repentinamente, ouve-se, sim, ainda um ruido abafado como de vagas rolando ao longe, e depois um silencio profundo, sinistro, como se qualquer mysterio terrivel estivesse alli prestes a ser desvendado. O nevoeiro da manhã desfez-se; mas o dia continuava molle e a atmosphera humida e morna. De espaço a espaço, mais ou menos intervallados, caiam ligeiras bategas d'uma chuva pulverisada, e grossas nuvens corridas pelo kamsin ora toldavam o ceu tornando-o baixo e pardacento, ora se rasgavam abrindo largas clareiras d'azul, donde vinham á terra quentes e brilhantes os raios do sol. Então todas aquellas estatuas pareciam readquirir vida e movimento, com a luz que as illuminava, dando-lhes perspectiva e sombras.

— Romano, diz Asclepiades, sacrifica aos deuses, glorifica cesar, e clama como todos nós: — *Kyrios kœsar!*

E emquanto a multidão entoa a saudação ritual, Romano conserva-se calado, immovel. Ninguem lhe percebe um som, ninguem vê o mais pequeno movimento na sua alta figura parada.

Em presença d'aquelle mudo desafio, a turba já sequiosa de sangue berrou com delirio selvagem:

— Morram os atheus!

— E tu, mulher, perguntou o perfeito, dirigindo-se a Martha, persistes na teima sacrilega e de lesa-majestade de ensinar a teu filho as ruins maximas e as tonterias dos teus rabbis? Vamos. Tem dó da tua vida, pega em teu filho ao collo e faze com que elle queime insenso a Jupiter.

Martha ficou impassivel como tinha ficado Romano. O seu olhar inerte, fixo, investigava o espaço, e os seus labios, quando as nuvens correndo deixavam a descoberto o azul profundo do ceu, sorriam como quem vê um quadro ineffavel, lá nas regiões onde só alcança a vista da alma. Foi o filho que a acordou da contemplação, puxando-lhe pelos vestidos, e dando as costas ao deus.

— Que os levem ao cavallete, e veremos se o que não fez a bondade nem a persuasão, o não conseguirá a tortura, disse Asclepiades, fazendo um signal de mando aos lictores.

Immediatamente dois d'estes despem a Romano a rota e enxovalhada tunica, apoderam-se d'elle os algozes, ligam-o de pés e mãos, e extendem-o de costas sobre o cavallete. As pontas das cordas com que está amarrado passam nas roldanas fixas nas extremidades do espigão, saindo a irem enrolar-se nos sarilhos, que os algozes fazem girar esticando assim o corpo, e conservando-o hirto. Na parte inferior do potro, por baixo de Romano, collocam a creança, que foram arrancar de junto de Martha, contentando-se em a deixarem pendurada pelas amarras dos punhos e dos tornozellos, sem lhe repuxarem os membros.

A mãe não se oppoz; encaminhou-se para junto do instrumento do supplicio, e com o mesmo eterno sorriso, o mesmo olhar inerte, ficou immovel, batida de vento que fazia fluctuar o véu que lhe cobria a cabeça.

— Sacrificas aos deuses? perguntou ainda Asclepiades ao diacono.

— Ao Deus unico, respondeu este, Creador dos ceus e da terra offereço a minha vida.

— Mas o que te impede de adorares esse teu Deus, e de prestares o culto que é devido ás divindades protectoras do estado romano?

— Porque só Elle é Deus, não só de Roma, mas de todo o universo!

— És um rebelde!

— Não! Sou um christão.

— Que lhe arranquem as entranhas!

E já um dos algozes se preparava para calçar na mão uma especie de manapola de ferro, com tres hastes curvas e aguçadas, para cumprir a ordem, quando uma voz tremula, sumida, saida da primeira linha dos espectadores, mantidos em respeito pelos legionarios, objectou a medo:

— A um cidadão de nobre estirpe?

— Quem falou?

E logo um dos legionarios, agarrando pelo pescoço um velho que se achava perto d'elle, o atirou brutalmente para o espaço reservado para os supplicios.

A apparição d'este homem curvado pela evidente depressão de todo o seu ser, que mostrava uma longa vida de miserias, mal embrulhado n'uma toga mesquinha, esfrangalhada e sordida, de olhar mortiço, e que instinctivamente fez um movimento de fuga, embargado pela linha de soldados, suscitou uma tempestade de applausos, gritos freneticos, assobios e palmas, como se fosse a entrada d'uma personagem comica, cortando a scena d'um drama lugubre e pungente.

Um dos lictores obrigou-o a approximar-se do estrado em que se achava Asclepiades, e este perguntou-lhe:

— Como te chamas?

— Aristo, respondeu o velho tremulo e confuso.

— A tua profissão?

— Cirurgião!

— Castrador! emendou a turba numa explosão ensurdecedora de zombeteria alegre.

— Sacrifica! Hesitas! És christão?

Aristo vexado, humilde, pegou num grão d'incenso, e deixando-o cair na chamma da ara dedicada a Jupiter, murmurou:

— Salvé, imperador!

Depois, extendendo as mãos para o prefeito, clamou:

— *Kirios kœsar!*

— Disseste que este homem é de nobre geração?

— Pela minha qualidade de cidadão romano o affirmo.

E ao mesmo tempo d'esta affirmativa ouviu-se um fraco gemido. Era o pequenino Barallah, que suspenso no cavallete, já com as mãosinhas roxas, cabeça pendida, olhos rasos de lagrimas, tremendo de frio, tinha exhalado uma queixa. Martha chegára-se a elle, e procurava anima-lo com palavras de amor e carinho. Entretanto Asclepiades ordenava que açoitassem o diacono com os chicotes de pontas emboladas com chumbo.

Para cumprirem a ordem, os algozes desamarraram-o, collocaram-o com as costas para cima, e logo deram começo á sua obra de supplicio. De um e outro lado do cavallete começaram a cair as chicotadas. A cada vibração appareciam no corpo nodoas negras e vergões vermelhos. No meio do silencio que dominava a assistencia, sómente se ouvia o bater surdo das pancadas. Depois, a pelle começou a ficar rasgada pelos azorragues, e a abrir-se em carne viva. Corria o sangue, que já banhava o pequeno Barallah, e espirrava sobre os algozes. Mas embora os açoites se seguissem e se cruzassem, dilacerando as costas a ponto de não serem mais do que uma enorme chaga, não conseguiram que Romano soltasse uma queixa, um gemido, um ai sequer.

— Vê se esse homem está morto, ordenou o prefeito a Aristo, admirado da mudez do martyr. Aristo, como petreficado, não se atreveu a chegar a Romano; foi este que disse com voz clara:

— Podes continuar com o supplicio, que não é nelle que hei de encontrar a morte!

— Não sentes dôr alguma?

— Só sinto que Deus me tomará o soffrimento em paga dos meus peccados.

Mas os christãos, que de longe assistiam ao supplicio, segredavam entre si: «que elle nada soffria, porque Jesus, descendo do ceu, estava, sem que ninguem o visse, conversando com elle; como fazia com todos os martyres, e assim elles não sentiam as dôres.»

Asclepiades ordenou que fustigassem a creança, emquanto suspendia o martyrio de Romano, mas logo ás primeiras chicotadas a pelle mimosa foi agarrada ás pontas do azorrague. Barallah gemeu, volveu olhos soffredores para a mãe, e disse-lhe:

— Tenho sede!

— Se te dei a vida, respondeu Martha, não foi para que temesses a morte. Coragem, filho, dentro em pouco beberás na corrente das aguas vivas.

E a creança deixou pender de novo a cabeça, fechou os olhinhos, e não tornou a exhalar mais tenue queixa.

Asclepiades continuava insistindo com o diacono para que apostatasse, e como este se conservasse firme na sua crença, declarando mais uma vez que não reconhecia outro rei senão a Christo, e que, como o imperador combatia com Este, elle deixava de o reconhecer como tal. O prefeito, levantando-se irado, ordenou que o desligassem do cavallete e o fustigassem nas faces.

A multidão, exasperada pela constancia do martyr, tomou o partido dos algozes, a quem accusava de cobardes. O berreiro era de ensurdecer. De todos os lados se ouviam imprecações, ameaças, trovejar de palavras insultantes, uivos de chacaes famintos, sobrelevando por sobre aquelle estrondoso ruido de milhares de vozes a imposição cruel:

— Os christãos ás feras!

Asclepiades impoz silencio, que se restabeleceu de má vontade, e em nome de Diocleciano e Galero sentenciou que Romano e Barallah morressem no dia seguinte ao romper d'alva, aquelle pelo fogo, este degolado.

— E eu? perguntou Martha.

— Tu assistirás á morte do teu filho. Achas pouco? E fez recolher os suppliciados.

Foi então que Aristo, chegando-se a Romano, lhe lançou sobre os hombros em sangue a esfrangalhada tunica; e Martha, envolvendo o filho no escasso manteu, pegou n'elle ao collo, e sem derramar uma lagrima, seguiu o diacono e ambos se sumiram na escuridão do subterraneo.

O sangrento espectaculo estava terminado. A multidão ainda se demorou vituperando Asclepiades, emquanto elle esteve presente; depois foi-se dispersando, e, dentro em pouco, na vasta praça, só se via um ou outro serviçal ou cliente do palacio, atravessando apressadamente, e reverenciando de fugida os immoveis deuses batidos do vento.

(Continua)

TH. LINO D'ASSUMPÇÃO.

Logar para todos

Os jardins de Lisboa

Logar para todos. Em dois bancos successivos, casualmente, a mesma onda luminosa e quente do bom sol vivificador, coada através da verdura, aquece e alegra a innocencia das creanças. Umas, mimosas da fortuna, palream ao collo das amas, como os passaros nos ramos das arvores; outra, pernitas nuas e descalça, moureja sob a fina areia branca da alameda a sua pobreza, resignada ainda, na ignorancia infantil das amarguras da vida que entristecem o disvello attento da mãe. No pleno ar, apagam-se n'uma polarisação emotiva as differenças sociaes; ao sol, todos se aquecem, ricos e pobres. A luz evangeliza, como a palavra do justo. Em volta d'aquelle contraste frisante de condições mundanas, os ouvidos sensiveis ás coisas do invisivel deveriam perceber o mesmo cantico da luz, subtil e acariciador, a envolvel-o como os perfumes das flores, desabotoando agora por esses jardins de Lisboa.

E teem estes na verdade a sua vida propria, bem caracterisada, cheia de episodios, curiosa para a observação, variavel segundo as estações e os locaes, mas fortemente activa na primavera.

As modernas tendencias democraticas mudaram-lhes os aspectos. Ha annos ainda cercava-os, na sua grande maioria, uma grade, symbolo do antigo e espesso muro das cercas do convento. Os jardins tinham uma vida á parte do movimento da cidade: — o passeio publico, a praça de Camões, a praça das Flôres. Hoje a onda demolidora de todos os privilegios arrasou-lhes as devesas, e tirou-lhes aquella regalia de propriedade particular, fechada á noite, de serventia facultativa.

Mas, em compensação, facilitando-lhes o accesso, recortando-lhes em graciosos arabescos as multiplas entradas, pela eliminação dos velhos talhões classicos, bordados de buxo ou de alfazema, abrindo campo para o desenvolvimento das arvores e dos arbustos plantados sobre os relvados macios, permittindo-lhes a circulação franca e livre da vida, os jardins da moderna Lisboa teem uma pai-

zagem mais variada e alegre, uma decoração mais artistica. Tornaram-se mais luminosos e arejados. E n'estes ultimos annos todos se teem alindado; porque se fizeram no seu natural crescimento, e porque melhor se cuidaram no tratamento e na replantação. A estima pelas flôres e pelas arvores acompanha a civilisação.

A Escola Frœbel *(agora fechada)*

Dos fechados resta ainda o jardim da Estrella, o mais formoso, ar de parque aristocratico, *toilette* severa e cuidada, ricamente provido de sombras, defendido pela cortina das grades, fechado ao pôr do sol, ao toque de sineta, grave e bem timbrada como a do Banco que annuncia o fecho das caixas, ás tres horas, para a rua dos Capellistas, o mundo do dinheiro. Se elle conserva ainda esta nobreza de porte que o favorece de quando em quando e que o transforma em parque soberano para a realisação de *garden parties* caridosas, tem perdido todavia o seu aspecto particular de jardim bairrista, confinado e exclusivo, como nas épocas em que descer de Buenos-Ayres á Baixa correspondia a sair d'um suburbio para entrar no coração da capital. Os novos meios de transporte modificaram profundamente a circulação da vida em Lisboa. O cabo do ascensor amarrou as duas montanhas, e acabou com a separação natural dos bairros. Em breve, a aranha dos tramways electricos tecerá tambem por aquelles altos a sua teia industriosa.

Entretanto o jardim da Estrella, estendido deante da portada magestosa do extincto convento como um tapete de verdura, limitado ao lado norte pela fileira de cypres-tes que recortam no azul o cemiterio dos inglezes protestantes, conserva ainda o antigo aspecto de recreio para creanças, em grande numero das colonias ingleza e allemã, que o estabelecimento da escola Froebel quiz, e não conseguiu, accentuar, popularisando-o, democratisando-o, como evolução da vida educativa em Lisboa.

De manhã, em dias de semana, os *babies* rosados e louros, as *nurses* de seios opulentos, toucas e aventaes brancos, povoam as alamedas sombreadas, enchem de risadas crystallinas o silencio morno do jardim; e entre as creanças que desenham arabescos na areia com o rasto dos arcos, e as *corbeilles* de flôres que generosas entornam o seu perfume subtil, circula no ar ambiente uma forte seiva de

Os cysnes da Estrela

vida alegre e descuidada. Ao domingo, á hora da musica regimental, a concorrencia é sempre numerosa, o aspecto geral lembra os jardins da provincia, e por entre as ruas sinuosas circula então uma vida concentrada e reflexiva, onde florecem os primeiros affectos ou onde se repousam as passadas paixões. Nos bancos sentam-se as mamãs e em volta da *corbeille* central passeiam em grupos as meninas na desenvoltura artificial da sua gentileza.

O jardim da Escola Polytechnica

E mais tarde, ao extinguir dos ultimos ecos do *passo dobrado* final nos metaes da banda regimental, e quando a claridade doce do entardecer alonga as sombras da arvores, toda aquella gente sahe ao toque da sineta, umas para dormir na casa de jantar, ás escuras e á espera da hora do chá, outras para prolongar as illusões do amor nascente na ballada sentimental, gargarejada do segundo andar para a rua, em pequenas phrases curtas.

A aventura galante procura outros jardins. Cada um tem a sua especialidade. Aquelles que pela disposição aberta continuam a rua, prestam-se melhor ao encontro apparentemente casual, sem temor de reparos indiscretos. Se elles são passagem para casas de visitas; por elles se faz caminho; por elles se encurta a distancia, e

No jardim da Estrella

mais agradavel é cortar em diagonal uma praça por entre as alfombras verdes, mosqueadas de flôres, ou descer á caudal da Avenida por entre palmeiras exuberantes, do que tornear as ruas lateraes da praça ou entontecer em phobias neurasthenicas na descida das escadas a prumo da Cotovia mal afamada. Assim a praça do Principe Real, e o jardim da Escola teem uma vida mais romanesca, d'um mundanismo mais elegante, de um pinturesco menos reservado do que as verduras espessas do jardim da Estrella.

A praça do Principe Real

Tudo isto bem entendido nos limites estreitos da pequena vida mundana lisboeta; que, não sendo domingos ou dias santos, a horas de musica n'aquelles jardins onde ha coretos, o movimento n'elles é extremamente restricto. Em

Jardim de D. Fernando em Belem

nenhum, qualquer que seja o bairro, se encontra o aspecto pinturesco do jardim do Luxemburgo ou do parque Monceau: uma população numerosa e na maioria feminina, em pleno trabalho ao ar livre, despreoccupada dos que passam, isolada no meio da multidão que a rodeia, bordando, lendo, pintando, embalando os berços. Onde se viu isto cá? Lisboa é bastante grande para ser uma formosa cidade, e sufficientemente pequena para ter vida aldeã, cheia de compromissos e de convenções. Cada qual que pare por momentos n'um passeio, fóra d'um candieiro de taboleta, ou se demore á esquina d'uma rua, indifferentemente, ao acaso ou ao sabor d'um pensamento ou d'um capricho, tem de justificar a si proprio o extranho caso, antes de responder á inevitavel interrogação admirativa do — *então por aqui?!...* — do primeiro conhecido que passe, se por ventura tiver logrado evitar até então a curiosidade dos moradores do sitio, em sobresalto perante a novidade imprevista d'alguem parado! Quanto mais fazer vida em jardins publicos, deante de toda a gente, conversar, lêr um livro, encher as folhas d'um *block* com desenhos do natural, recortes de paizagem, effeitos de luz! Quando muito está regulado e decretado pela convenção mundana que sómente se póde estar, sem reparos, na Avenida á hora da *élite* e da sahida das repartições.

«Habitués» dos jardins

Na rua das Palmeiras

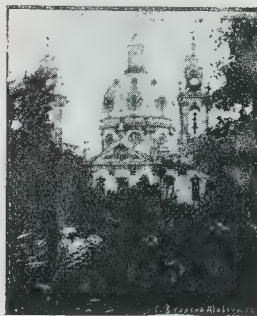
Variada e curiosa a galeria de *typos* que occupam permanentemente, de verão e de inverno, os bancos dos jardins publicos. Uns ostentam uma ociosidade inexplicavel; outros arrastam uma perversão pathologica. Uns digerem n'uma somnolencia de frade os gordos lucros da agiotagem; outros aguçam gulosamente na observação dos que passam o appetite da lingua viperina. Uns ensaiam a eloquencia propagandista em discursos de critica politica; outros distrahem o seu bom humor gracioso no conto da anecdota picante e brejeira. Uns veem sentar-se no banco escuso d'uma alameda sombria, como final obrigado do — *vou-me embora* — das discussões domesticas; outros, mais bondosamente organisados, veem para o cultivo das suas flôres no canto da sa-

cada pedir conselho ao jardineiro que rega á lança o relvado, observar o crescimento das plantas que viram semear, das arvores predilectas que viram transplantar.

Jardim de Santos

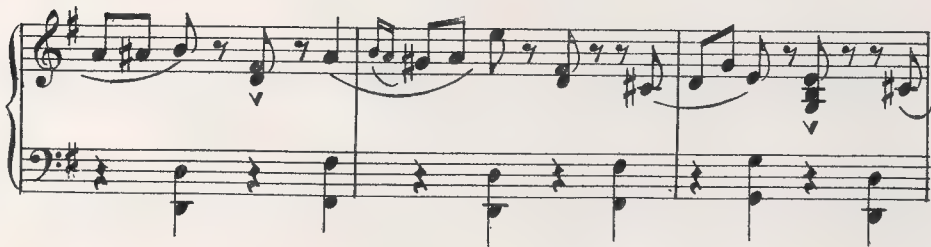
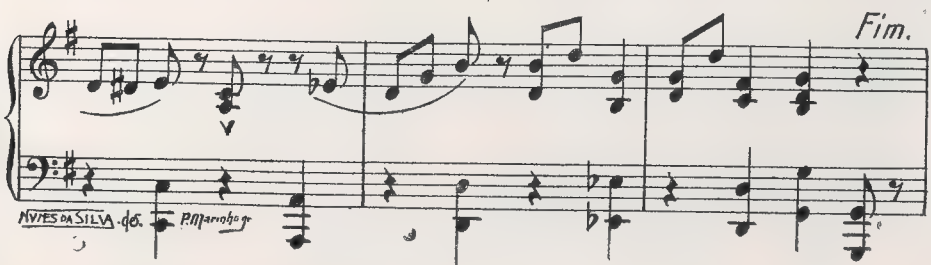
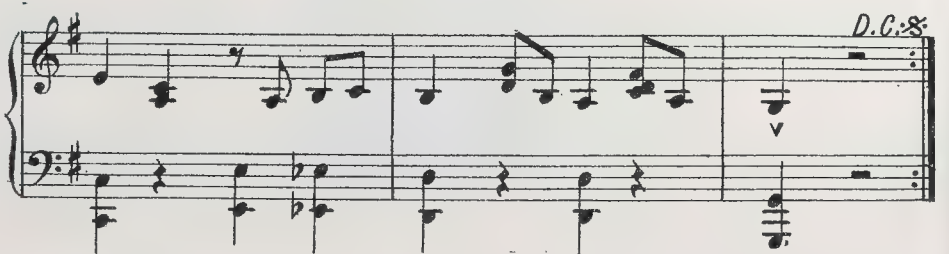
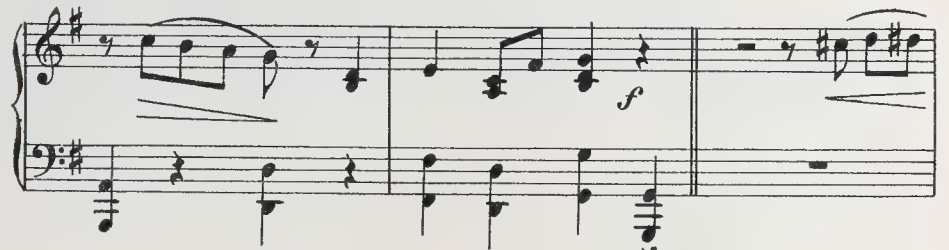
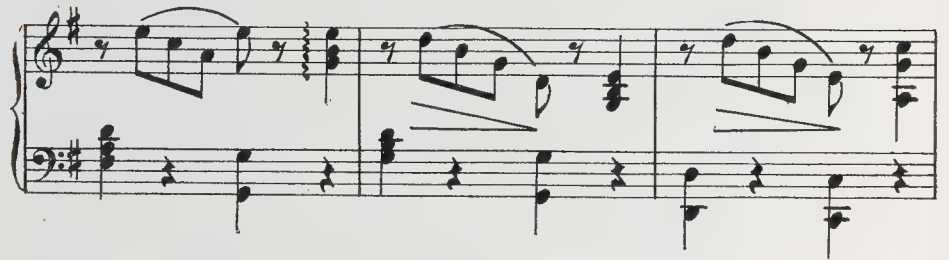
Tem-se desenvolvido, sem duvida, o gosto pela cultura das flôres, como tem crescido o respeito pelas arvores dos arruamentos. Com o augmento da area edificada em Lisboa, com a abertura das novas avenidas e com a perfeição relativa das construcções, desappareceram as hortas numerosas, onde espigavam as couves e se cuidavam as alfaces, e hoje multiplicam-se nos panoramas graciosos que se descobrem dos pontos altos de Lisboa as manchas dos pequenos jardins arborisados, onde abundam palmeiras e as yuccas em centros de *corbeilles* todas floridas. Se os beiraes das trapeiras se enfeitam ainda do manjerico e do craveiro perfumados, como nos galarins mouriscos do Alemtejo, tambem se desenvolvem, ao abrigo das vidraças, as folhagens extranhamente coloridas dos coleus e das begonias, de reflexos metallicos, como velhos pratos de ceramica arabe.

Nos interiores os mais modestos, na decoração habitual das salas burguezas, as flôres frescas do ar livre e as plantas persistentes da flora japoneza substituiram em progresso feliz os antigos ramos de hortenses de papel ou de rosas de conchinhas que ornamentavam a jardineira de pedra defronte do canapé, soberano no meio das cadeiras que lhe faziam guarda d'honra, como sentinellas ao lado d'um altar.

Correspondentemente, os logares de venda de flôres multiplicaram-se e especialisaram-se; a procura sustenta lojas exclusivas com largas *vitrines* decoradas, como nos *boulevards* de Paris; innumeros portaes se enquadram de verdura escolhida entre mil variedades ornamentaes, como junto dos caixões de grão de bico á porta das mercearias se apresentam, com ar de *store* londrino, os fructos mimosos, esta outra evolução recente no funccionamento dos mercados lisboetas. Os hortos de venda chamam a concorrencia por meio de exposições, e as collecções de rosas magnificas ostentam a sua bella coloração suggestiva, esplendidas de forma, enebriantes de perfume.

DANSONS!

(A Maria Pereira de Seixas)

PAS-DE QUATRE POR

M. JULIA LOUREIRO DE MACEDO

f
D.C.

CAPITULO SEXTO

No dia seguinte de manhã fomos a Clousedale Hall. Não nos surprehendeu vêr que tanto o doutor como o pastor, já nos tinham precedido. Todavia, appareceram para vigiar, não para se oppôr á experiencia e passeavam silenciosos na sala de jantar com phisionomia carrancuda e grave. Mistress Hill apresentava aspecto acabrunhado e triste.

— Não vieram cedo de mais,— disse-nos, em voz baixa e nervosa. Depois conduziu-nos ao pavimento superior.

E' impossivel descrever o effeito que me fez a vista de Lucy. Ella estava sentada n'um *boudoir* que tinha entrada para o quarto de dormir. O seu formoso rosto outr'ora pallido estava agora enrubecido e afogueado; os grandes olhos azues fulguravam penetrantes e inquietos; havia o quer que fosse de febricitante e electrico no seu modo; e os seus sedosos cabellos castanhos, completamente baços como o ferro que sáe da fundição, cahiam em parte sobre os hombros. Quando me viu, deligenciou fugir, mas impedi-lhe a sahida pela porta do quarto de dormir e fiz quanto pude para lhe minorar a tortura da sua humiliação. Deixou-se cahir nos meus braços, escondeu a face no meu peito, e prorompeu em choro afflictivo. Comquanto estivesse profundamente commovido com aquellas lagrimas, procurei impôr-lhe serenidade, esforcei-me em lhe incutir esperança e consolal-a meigamente.

— Hade em breve ficar bem, minha querida. Esteja certa d'isso. Não tenha receio. Trouxe um especialista francez para a vêr, e deve fazer tudo quanto elle pedir e desejar.

Depois entrou o hypnotista e logo em seguida o doutor e o pastor d'almas.

Lucy segurou-me na mão durante o primeiro exame, e parecia suavemente calma e bem disposta ao tratamento. Quando se fez porém uma primeira experiencia de a adormecer, convidando-a a fixar o olhar por alguns momentos em qualquer objecto brilhante, ella descobriu instantaneamente a intenção e cahiu com um ataque histerico. Era horrivel ouvir-lhe os gritos e vêr as contracções nervosas do seu rosto. O hypnotista pediu brandy e offereceu-lhe uma pequenina dose. Ella agarrou no copo com avidez febril. Os seus olhos n'aquelle instante pareciam na escuridão bolas de fogo. Era terrivel vêr-lhe o olhar quasi feroz e de través.

Era certo que não tinhamos chegado bastante cedo. Era imminente o ataque. Tinhamos de proceder immediata e rapidamente ou de abandonar por completo a tentativa.

— Intervenções hypnogenicas, disse La Mothe, são difficeis n'um caso como este; portanto devemos experimentar as intervenções mesmericas.

Sem considerar quasi na differença, consenti na mudança de experiencia, e depois todos, excepto eu, fômos mandados sahir do quarto. Nunca poderei esquecer-me do que succedeu. A scena que se seguiu deixou cicatrizes no meu cerebro. A impressão dolorosa, que senti, foi similhante ao arrancar d'um penso de sobre uma ferida.

O magnetisador fez sentar a minha querida Lucy n'uma cadeira e collocou-a no meio da casa, e elle sentou-se n'outra, mesmo defronte. Depois cara a cara com ella, começou de fazer movimentos especiaes, passes diversos e finalmente pousou-lhe sobre o peito a mão esquerda fazendo novos passes em direcção atravessada, que mais tarde soube terem o nome de faixas hypnogenicas. Depois d'isso chegou-se mais perto e passou a mão direita pelos hombros e pelas costas. As frontes quasi se tocavam. Lucy deu um suspiro abafado, indestinguivel, meia voltada para mim, como n'uma expressão de supplica ou de recriminação.

La Mothe ia continuando a operação. Vagarosamente, muito vagarosamente, com uma serenidade que se tornava odiosa, o magnetisador continuava com a tal pressão inclinada. A hysteria de Lucy parecia acalmar-se

ao menor contacto com a mão do operador. Primeiro o seu rosto empallidecera como de temor, depois ruborisára-se de novo, como de prazer; os olhos tornaram-se brilhantes e humidos, as pupillas dilataram-se-lhe e o olhar ficou transfixo. Deixou cahir a cabeça, cobriu o rosto com as mãos e suspirou distinctamente. Eu quiz fazer terminar a experiencia; mas, enleada a vontade, não ousei intervir.

Não tenha receio...

A magnetisação continuava. Os olhos de Lucy diminuiram de brilho; parecia que se lhe escurecia a vista, a respiração tornara-se curta e difficil, como se principiasse a soffrer de uma suffocação nervosa.

— O quarto está andando á roda, disse em voz funda e baixa, continuando ainda a articular quasi em segredo:

— Vae andando cada vez mais depressa.

— Muito bem — interrompeu La Mothe, voltando-se para mim e inhibindo-me o impulso de intervir.

Depois o corpo da paciente começou de se agitar em bruscas convulsões. Em seguida veiu o abatimento e a prostração. Finalmente, como o homem se approximasse outra vez d'ella, cahiu nos seus braços, inclinou-se um momento, deitou a cabeça sobre os seus hombros, com os olhos cerrados e o pescoço estendido e com um suspiro pareceu perder os sentidos.

— Muito bem — disse de novo La Mothe, mas revoltou-me o seu ar de satisfação. Tive desejos de o agarrar pelas guellas e arremessal-o para fóra de casa. Sei agora qual era a sensação de horror que n'aquelle momento se definia vagamente para mim. Era o horror de ver como o poder de uma creatura humana consegue por processos mysteriosos da natureza influir sobre outra, pondo-lhe a alma a dormir e dar-lhe a morte apparente — por algum tempo em todo o caso.

— Deixe-me leval-a para o seu quarto — disse La Mothe.

—Queira afastar-se — gritei desabrido e arrancando dos braços d'elle a minha querida levei-a para o quarto de dormir e deitei-a sobre a cama.

Estava inclinado sobre ella, contemplando-lhe a fronte de marmore, os olhos humidecidos de lagrimas, quando percebi que Godwin e Mac Pherson estavam em pé atraz de mim.

— A excitação intensa produziu a catalepsia, disse o doutor, e um momento depois accrescentou:

— Ella desmaiou simplesmente.

Repeti as palavras em francez a La Mothe, que sorrindo-se e abanando a cabeça respondeu: — Não.

— Pois não vê, senhor, que ella apenas desmaiou? objectou o doutor.

Eu repeti tambem estas palavras, e o hypnotista respondeu:

— Acaso alguem falla quando está sem sentidos?

— Não, certamente, disse o doutor,

— Falle-lhe — ordenou para mim o hypnotista.

—Inclinei-me outra vez sobre a cama, e olhando para as palpebras cerradas, gritei em vóz alta — Lucy!

— Não grite — observou o hypnotista. Os seus ouvidos não estão insurdecidos. Estão attentos. Ella ouve tudo quanto dizemos, assim como a pancada dos nossos relogios e o bater dos nossos corações.

Em voz sumida, quasi como se fosse em segredo, fallei outra vez:

— Lucy!

Os labios dôces, tão suavemente cerrados, abriram-se com serenidade, e a vóz da minha querida soou como a voz de quem falla quando está mergulhado em somno.

— O que quer?

— Está soffrendo?

— Oh! não.

—Sabe quem eu sou?

—Sim,

—Permitte que lhe segure na mão?

La Mothe ia continuando a operação . . .

— Oh, sim!

Levantei de sobre a colcha da cama os delicados e mimosos dedos e apertei-os entre as minhas mãos humidas e agitadas.

— Sente-se completamente feliz, querida?

—Completamente feliz. O doutor e o sacerdote escutavam e seguiam com a vista esta scena, muito attentos e curiosos.

— O que ella está é exhausta—disse Godwin, fallando em francez.

— Então ainda pretende que ella não esteja adormecida — interrogou o hypnotista.

— Certamente que sim.

—Então levante-a, faça-a sentar-se e fallar-nos de qualquer cousa accidental da sua vida.

— Arregace-lhe as palpebras. Veja-lhe as pupillas, disse o hypnotista.

O doutor assim fez. — Está dormindo — balbuciou.

— Mas sómente na phase somnambula — accrescentou o hypnotista.

Depois tocou-lhe nos sobrolhos e nas fontes com forte pressão; a sua respiração tornou-se mais vagarosa e menos perceptivel; o rosto mudou para uma expressão serena, e as faces tingiram-se de um leve rubor côr de rosa.

—Ella entra agora na phase mais funda. Está em extasis, explicou o hypnotista.

— Então julga que ella está inconsciente? perguntou o doutor.

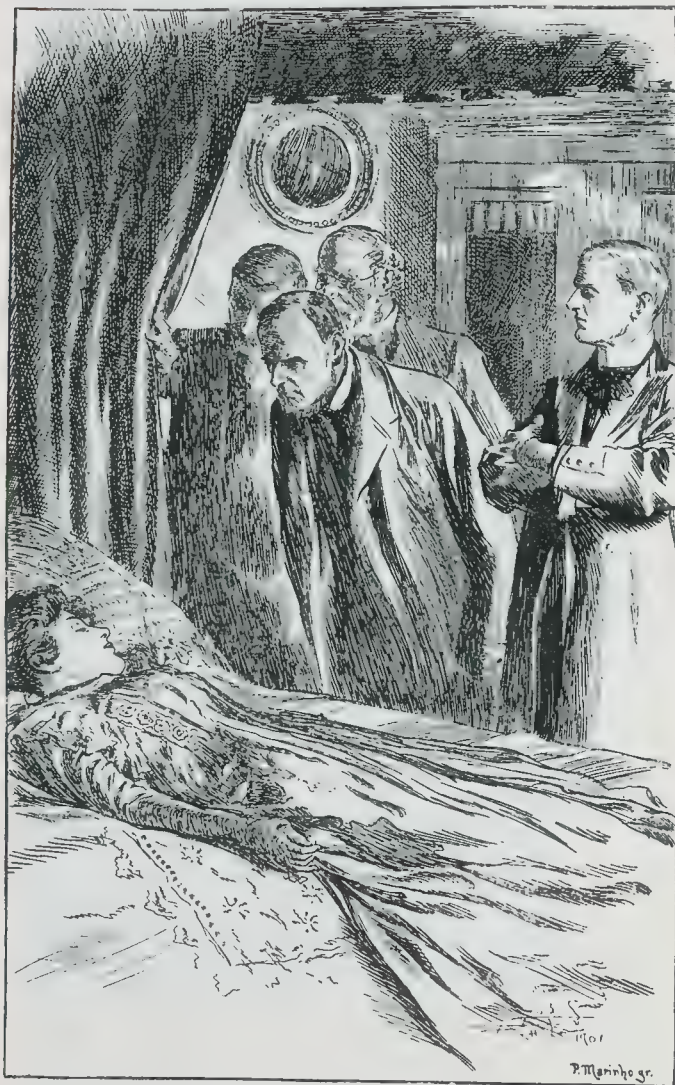
— Completamente inconsciente.

—Lucy! — gritei outra vez sobre o rosto impassivel, mas não me deu resposta alguma.

—Lucy! Lucy!

Não havia o estremecer sequer de uma pestana, nem a sombra de um movimento nos labios. Tinha partido—partido para o grande mundo do silencio onde as almas vivem apartadas, intangiveis.

Não senti nem temor nem sobresalto. Nenhum presentimento mau me tocou o espirito.

Era impossivel sentir receio olhando para aquella phisionomia serena. Nunca a minha querida me pareceu mais suavemente bella, tão similhante a uma creança no seu somno de felicidade, como se fora a visão terrena d'um anjo, desprendida dos desgostos e enfados da vida. O peito arfava-lhe regularmente, em brando rythmo. Tinha de escutar attentamente para destinguir o som da sua suave respiração. O coração batia-lhe regularmente. Estava em paz. Daria bom resultado esta

Então suppõe que não está dormindo . . .

O doutor aceitou promptamente a indicação. Levantou Lucy nos braços e fallou-lhe, mas ella cahiu para traz como quem não tem força no corpo.

experiencia? Quando a minha querida acordasse d'este somno d'alma ter-lhe-hia desapparecido a ardente sede do corpo?

— Quanto tempo costuma durar o ataque? perguntou o hypnotista.

— Trez dias—respondeu mistress Hill, levantando-se de uma cadeira onde estivera sentada com a cara tapada com as mãos, silenciosa e afflicta.

— Tres! — hoje é quarta feira; quinta — sexta — sabbado — havemos de a acordar domingo de manhã. Entretanto ficarei aqui em casa e se, como é provavel ella voltar a si, reagindo contra o influxo recebido, ahi pela madrugada, tornal-a-hei a pôr outra vez sob o somno hypnotico.

CAPITULO SEPTIMO

Deixei o hypnotista em Clousedale Hall e voltei para *Wheatsheaf*. Até então não tinha calculado qual fôra e qual teria ainda de ser a minha tensão de espirito. Como passei as quatro noites e dias seguintes nem eu sei dizer. Um terror horroroso me acompanhava a toda hora: — que Lucy nunca viesse a sahir do estado em que a tinham collocado as forças mysteriosas. Ia a casa d'ella constantemente, e de todas as vezes que me approximava olhava nervosamente, desde o ponto mais distante, para me certificar se estavam cerradas as gelosias. Subia as escadas a quatro e quatro, e introduzia-me nos corredores como um ladrão. O que sei é que n'esse pequeno espaço de tempo de espera em relação á vida, envelheci, perdi a côr do rosto e tinha a expressão d'um condemnado. Comtudo eu tinha-me assegurado de que, durante este tempo todo, o hypnotista não tinha apresentado a menor preoccupação. Brilhava-lhe na phisionomia um risonho contentamento, todas as vezes que eu olhava para elle com olhar assustado e interrogador. O estado de Lucy continuava bom. Tinha o pulso regular, o coração normal. Tomava alimentos liquidos em quantidades substanciosas que elles faziam passar por entre os seus labios quasi immoveis. Não pensei sequer importar-me, nem molestar-me com a gente de Cleator, mas era-me impossivel desconhecer que a opinião publica estava contra mim. Mesmo a senhora Tyson que a principio se mostrára com animo favoravel a meu respeito, olhava-me agora desconfiada, com a censura á flor dos labios.

Recordo-me que trouxe um medico francez . . .

Mas luctei contra todas estas pequenas cousas e a noite de sabbado chegou afinal. Era a vespera da manhã designada para o acordar de Lucy, e não pude conciliar o somno. Quando devia estar na cama, andava percorrendo ao acaso as ruas e estabelecimentos das minas e de madrugada achei-me como uma alma perdida, rondando a casa de fundição de *Owd Boney*. Os fornos onde se ustullava o minerio de ferro, deitavam chammas vermelhas e brilhantes na escuridão espessa. Mal se destinguiam as montanhas e os vales estreitos, mergulhados ainda na sombra;

apenas se devisavam as linguas de fogo apparecendo nas boccas quadradas das chaminés, e sómente se ouvia a arrastada oscillação dos embolos das bombas de esgoto dos poços, e das machinas de extracção do ferro das entranhas da terra. Na disposição do meu espirito n'aquella occasião equiparava este trabalho inconsciente, automatico, aos mysteriosos e terriveis processos que se estavam empregando na casa grande, atráz das arvores, com a minha querida Lucy.

Appareceu a alvorada, muito fresca, brilhante e linda. O sol brilhava, as aves cantavam, e não havia nenhuma nuvem no ceu. Tão cedo quanto pude, encaminhei-me para casa. O doutor e o sacerdote escocez chegaram um pouco depois de mim. Não pude deixar de perceber nos seus gestos desagradaveis uma certa satisfação pela minha pallidez e nervosismo. Parecia mesmo que estavam desejando um tragico fim, ou pelo menos que anteviam um terrivel triumpho, se as cousas não corressem bem.

La Mothe chegou depois de um pequeno espaço de espera. Parecia alegre e fallava animadamente. Havia uma atmosphera irritavel nas maneiras d'aquelle homem. Tinha estado a dormir e vinha apenas acordado. Parecia-me que ainda bocejava quando nos deu os *bons dias !*

Passámos os quatro para o quarto de dormir. Aquelle lugar de paz estava pleno de santa serenidade. Lucy permanecia alli como a tinha visto ultimamente com o rosto tranquillo de um anjo a dormir. Nunca me pareceu vêr um semblante humano tão santo. Nem uma sombra da paixão terrena, nem um traço d'aquella mescla extranha que o contacto do mundo traz á alma dos eleitos do senhor.

— Está tudo prompto, ama ? perguntou o hypnotista.

— Sim, respondeu mistress Hill outra vez de traz de mim.

— Queira trazer essa pequena meza e collocal-a ao pé da cama.

Fez-se o que indicava.

— Agora ponha um copo de vinho sobre essa mesa e junto a garrafa de brandy.

Tambem se fez isso. Estava chegada a hora de a acordar. Não se ouvia no quarto senão o som do crepitar da madeira secca no fogão, o canto das aves lá de fóra, e o resfolegar sonoroso e aspero do hypnotista. Nós outros, estávamos muito quietos, muito recolhidos. Os nossos proprios corações pareciam estar suspensos.

Eu deveria ter vivido o espaço d'uma vida durante os dois minutos seguintes. Era terrivel a anciedade. Nenhuma agonia phisica se póde comparar a uma agonia de incerteza como aquella.

O hypnotista approximou-se da minha querida, e collocando os dedos levemente sobre a testa levantou-lhe as palpebras com os polegares. Os globos dos olhos apareceram revirados — eu não podia olhar para ella, e não podia ao mesmo tempo desviar a vista.

Um momento depois o hypnotista inclinava-se, com o rosto unido ao d'ella, soprando-lhe os olhos suavemente.

Houve um periodo immenso de incerteza. Lucy permanecia sem signal algum de vida.

O hypnotista segurava nas palpebras completamente abertas e soprava mais fortemente as pupillas. Os globos moveram-se e começaram de se voltar para baixo. Então, perto muito perto do rosto silencioso o hypnotista principiou a fallar. N'uma voz alta e funda, acariciadora e ao mesmo tempo de commando elle disse — Está bem ? Miss Lucy, está bem ? As palpebras de Lucy estremeceram debaixo dos seus dedos mas não houve resposta.

— Está bem ?! — repetiu o hypnotista como se chamasse para uma caverna muito funda.

— Muito bem ! muito bem !

A voz parecia arrancada da alma com difficuldade.

A dormente moveu-se. Houve um agarrar de colcha, uma elevação do seio, um fundo e distincto suspiro, e depois o corpo inteiro rolou sobre o lado, como faz uma creança de manhã ao despertar do seu longo e profundo somno da noite.

Comecei outra vez de respirar livremente com o sentimento mixto de allivio e de alegria.

— Falle-lhe — disse o hypnotista.

Tentei, mas não pude ; tentei segunda vez e proferi um susurro rouco.

— Não tenha receio. Ella está completamente salva. Mais dois minutos e estará acordada e bem. Falle-lhe. Deixe que seja a sua voz a primeira que ella ouça ao voltar a si e ao mundo. Recorde-lhe qualquer incidente do passado — o mais terno será o melhor. Nós vamos deixal-o só.

Em seguida convidou o doutor e o sacerdote a sahirem com elle, e passarem juntos para o *boudoir.* Cheguei-me para a minha querida, peguei-lhe na mão e beijei-a e depois n'uma voz quasi em segredo chamei-a pelo nome.

— Lucy !

Houve um silencio momentaneo, como se a alma da dormente estivesse escutando, e depois n'uma voz fóra do timbre habitual, ainda somnambula ella murmurou :

— O quê ?

— Lembra-se do dia da sua partida de Londres?

Houve ainda outra pausa, e depois seguiu-se uma torrente de palavras.

— Que adoravel pôr de sol! Vêde como o vermelho ardente se espelha tão docemente pelo rio abaixo! Que lindo é o mundo! quanto a vida é bôa!

Recordei-me d'essas palavras. Tinha-as já ouvido. Ella estava revivendo os acontecimentos da nossa ultima noite em casa de Jorge Chute.

— Quanto tempo, quanto longo tempo terá de passar antes que nos encontremos outra vez. Natal! Virá bem tarde? Contarei os dias como o prisioneiro de Chillon.

Lembrei-me da resposta que lhe dera quando me disse isto n'aquella occasião e da mesma fórma lhe respondi outra vez.

— Quero esperar que, como elle, Lucy não fique tão encantada com a sua prisão que a possa deixar de bôa vontade quando a fôr buscar na primavera.

Houve um pequeno trinar de gargalhada, similhante ao echo phantastico do som alegre que me resoou nos ouvidos n'aquella noite de junho, quando nos sentamos no terraço da casa de Chute olhando para o tranquillo Tamisa.

— Estão acendendo os candieiros na sala. Deseja que lhe cante alguma canção?

Em seguida a minha querida principiára a cantar da cama, sonho interrompido do seu espirito, justamente como me tinha cantado n'aquella feliz despedida, sete mezes antes.

Repentinamente diminuiu a voz e depois cortando o som parou o canto. Lucy moveu-se e abriu os olhos. Estava frente a frente, e ella encarou-me com um olhar admirado. Depois veiu-lhe aos olhos a luz do amor, e n'um tom ardente, agudo e apaixonado exclamou: — Roberto! — e estendeu-me os braços.

— Estava sonhando comsigo. Pensava que estavamos juntos em Londres e que estava cantando.

— Não. . . Enjôa-me

— E assim era, meu amor, respondi, tanto quanto podia, porque me suffocavam os soluços de alegria.

Depois levantou-se sobre os cotovelos e assegurou-se d'onde estavamos.

— Recordo-me que trouxe esta manhã muito cedo o doutor francez. Que horas são agora?

Usei de todos os subterfugios que me suggeriu o momento para lhe responder ás perguntas, e pouco a pouco tudo lhe voltou á memoria. O seu pezar foi grande. Eu quiz retirar-me para evitar-me a dolorosa impressão.

Todavia, antes de sahir do quarto, reparei que o hypnotista, que se tinha approximado, sem o vêr, da meza pequena, estava deitando brandy da garrafa para o copo.

— Offerça-lhe isto — disse entregando o calix á governante, que não se tinha afastado da cabeceira.

Mas Lucy apenas relanceou o copo, com um olhar de repulsão e com voz dolorosa exclamou:

— Não, não! Tire-me d'aqui isso. Enjôa-me.

Na tortura da incerteza, havia-me esquecido do principal fim da experiencia. Tinhamos vencido. A sede de beber desapparecera.

CAPITULO OITAVO

La Mothe ficára radiante de alegria, pelo exito obtido.

Na verdade subimos só um degrau, disse. — Conseguimos vencer um unico ataque. Precisamos porêm recorrer novamente ao somno hypnotico uma vez e outra, até que se quebre a cadeia dos periodos da embriaguez. E se isso não fôr sufficiente para a curar, devemos recorrer á suggestão therapeutica. Em quanto ella estiver sob a influencia magnetica precisamos imprimir-lhe a idéa de que a bebida alcoolica é um veneno prejudicial no qual nunca deve tocar.

Mas eu não tive forças para continuar. Consentir que Lucy entrasse outra vez e outra no mundo do silencio e das trevas, era mais do que podia imaginar. Então o meu sentimento de repulsão contra os poderes occultos e contra os meios de os usar tornara-se mais fôrte do que nunca, não obtante os bons resultados. E comecei de prevêr um novo e horroroso perigo.

— Doutor La Mothe, perguntei-lhe, tem acaso tido a experiencia de que seja mais facil magnetisar uma pessoa á segunda do que á primeira vez, e mais facil ainda á terceira, de sorte que a difficuldade se torna menor e menor em successivas experiencias?

— Certamente — disse La Mothe com intonação de azedume ou enfado.

— E sem duvida, dar-me-ha a convicção de que os submettidos ao magnetisador se tornam cada vez mais subjugados e dependentes d'elle, levados pela fascinação da sua propria individualidade?

— Essa foi a principal difficuldade de Mesmer — disse La Mothe — Diz-se que os seus magnetisados, seguiam-o constantemente.

Era justamente como eu previa. Horrorisou-me e revoltou-me a perspectiva de uma tal fascinação. La Mothe parecera adivinhar a razão das minhas perguntas porque principiou a apresentar os processos do hypnotismo como distinctos dos do mesmerismo.

— Em hypnotismo — disse elle, a individualidade do operador não é força activa. O seu doutor inglez, Braid, viu isso bem claramente, n'uma occasião em que a simples menção de mesmerismo podia tel-o privado de exercer a medecina e arruinal-o para toda a vida. O hypnotismo não admitte acção nenhuma entre o corpo do operador e o corpo do paciente.

— Mas requer em lugar d'isso, objectei, a acquiescencia da vontade d'este.

— No primeiro momento certamente, — disse La Mothe.

— Só no primeiro momento?

— Sim, nos primeiros minutos.

— Quer isto dizer, accrescentei que o paciente que uma, duas ou tres vezes se submette á vontade do hypnotista enfraquece a propria a ponto de a perder.

— Creio que isso se póde admittir.

— E no decorrer do tempo, sendo muitas as experiencias, poderá dar-se a completa sugeição da vontade do paciente e o completo dominio da vontade do operador.

— As opiniões mais autorisadas — disse La Mothe divergem n'este ponto. As escolas da Salpetrière, de Nancy, dividem-se na questão, se acaso fica illesa a livre vontade ou se o sujeito hypnotisado se transforma n'um mero automato.

— Mas qual é a sua opinião?

— A minha opinião é que a vontade do paciente no decorrer do tempo, e depois de muitas operações, assimila-se á vontade do operador.

— Quer dizer, interrompi, — que se o operador fôr bôa pessoa a influencia que elle exercerá será bôa tambem.

— E' o mais certo— respondeu La Mothe.

Não lhe apontei o facto opposto, que se o

operador fosse um máu homem a sua influencia deveria tambem ser má. Já tinha decidido o que havia de fazer. Fosse quem fôsse La Mothe, se o poder exercido por elle fosse como o que elle descrevêra, o risco que Lucy podia correr em se lhe vêr sugeita, era tão horroroso que não havia proveito bastante grande para lhe justificar o emprego. A cura seria peior do que a doença. D'um lado estava o desejo ardente de beber com a sua malefica praga hereditaria; do outro lado o perigo moral tambem de um poder cujo predominio seria tanto ou mais prejudicial.

Já tinha ficado satisfeito de hypnotismo e de mesmerismo. Podiam offerecer-me meio de cura para Lucy, mas já não podia supportar a idêa de o utilisar. Revoltava-me. Paguei a La Mothe a sua conta, o qual com um encolher de hombros e um olhar de desprezo, voltou para Londres. Quando elle se foi embora, perguntei a mim mesmo a que resultado houvera chegado. Talvez um espasmo da sede de beber suspenso ou passado sem se perceber. Mas outro viria breve, e talvez viesse com redobrada violencia.

(Continua).

(Segundo Hall-Caine*).*

EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES

Retrato da Ex.^{ma} Sr.^{a} D. F*** — *Quadro de J. Malhôa (premiado em Madrid)*

A VOLTA DA ROMARIA — *Quadro de J. Malhôa* — *(Exposição de Bellas-Artes*

Na seguintc narrativa historica, como nas anteriores que em cada numero da revista se teem vindo publicando, procura-se por fórma amena dar a impreesão dramatica de um conhecido acontecimento e mostrar ao mesmo tempo como são duvidosas, incertas, mal difinidas as causas que o determinaram. O mysterio da historia corresponde muitas vezes a um euygma de psychologia humaua, sempre curiosa e interessante de observar e de discutir.

NA Bibliotheca Nacional de Paris está guardado um dos mais notaveis documentos da historia do coração humano. Contém a confissão d'um rei, que foi movido a fazel-a pelo remorso de um grande crime. Esta confissão real não foi feita a um padre, mas sim a um medico, o qual depois a transcreveu tal como a ouvira dos labios do seu contricto soberano. Não foi alcançada, nem dictada pelo receio da morte; e tão depressa se desvaneceu o accesso de angustia mental que a suggeriu parece que ficou silenciosamente esquecida. Comtudo tem sido respeitada pela voragem dos tempos, similhante a um fragmento de madeira arrojado pelo mar, para revelar o fatal fim do navio que sossobrou. É um dos mais instructivos documentos da humanidade, não sómente por causa da luz com que illumina um acontecimento memoravel, mas porque attesta a fallibilidade de todas as mais trabalhadas theorias da historia, e nos mostra mais uma vez como insignificantes motivos levam os homens a proceder e como ao sabor do acaso é governado o mundo.

Em 22 de agosto de 1572, sexta feira, de manhã, pouco depois das 10 horas, seguia em direcção ao portão do palacio do Louvre, em Paris, um grupo numeroso de gentishomens, e na frente d'elles um idoso, alto, grave, cuja barba branca e vestuario severo lhe davam aspecto particularmente veneravel. Ia andando vagarosamente seguido dos seus companheiros, lendo um papel que trazia nas mãos.

Havia em todos que o acompanhavam egual ar de sisuda gravidade. As suas sombrias e negras vestias e calções, os seus chapeus altos, em fórma de campanula, largas golas brancas voltadas, espadas com os punhos d'aço liso, apresentavam profundo contraste com os brilhantes costumes da epoca, e o pequeno bando, marchando serenamente pelas ruas, por entre a multidão curiosa, parecia ter o aspecto de uma guarnição armada no meio de uma população hostil.

Absorvido na leitura do documento, em que tinha fixos os olhos, o chefe do bando não observou que, emquanto ia caminhando, movia-se e abria-se, pouco a pouco, a janella d'uma casa do lado esquerdo da rua, como se fosse apenas impellida pelo vento, e n'ella apparecia o cano reluzente de um arcabuz, pousado na hombreira da janella. Continuou andando, até chegar exactamente defronte da casa. N'aquelle momento uma forte detonação fez estremecer o edificio, expellindo para as pedras da rua os vidros despedaçados dos caixilhos das janellas, ao mesmo tempo que duas balas feriam o inadvertido chefe, arrancando-lhe o dedo index da mão direita e esmagando-lhe os ossos do braço esquerdo. O arcabuz fôra desfechado um segundo mais cedo. Tivesse o assassino esperado que a sua victima se adiantasse um só passo mais e teria sido morto no mesmo instante.

Logo que se apercebeu do que succedia, justamente no momento de ser surprehendido pela bala, o gentilhomem ferido prorompeu n'esta exclamação:

— O *Guisardo* preparou-me esta emboscada, *e alguem mais com elle!*

Parte dos que o acompanhavam arremessa-

ram-se de repente para a casa, na esperança de capturar o assassino; parte, rodeando o seu adorado chefe, levaram-o para casa e deitaram-o sobre a cama. Entretanto corria pelas ruas de Paris a noticia sensacional de que se commettera um attentado contra a vida do almirante Coligny, o heroe da odiada seita religiosa dos huguenotes.

Não era sem algum justo motivo que o primeiro nome pronunciado pelos labios do chefe protestante fosse o de Guise. Todos conhecem estes celebres duques, que figuraram n'este memoravel periodo da historia de França, durante o reinado dos ultimos monarchas da linha real dos Valois, e no momento em que elles aparentavam tal poder pessoal que eclipsava o dos proprios reis, derivado da sua posição de campeões do partido catholico, quer dizer, de tres quartas partes da nação franceza contra os odiados huguenotes.

Duas balas feriram . . .

Justamente dez annos antes d'este attentado contra Coligny, quando esbravejava a guerra por toda a França entre catholicos e huguenotes, uma conversão fanatica para a nova religião determinara um horrivel e desastrado exemplo,—o assassinato do grande Francisco, duque de Guise, fóra das portas da cidade de Orleans. Cegos pela paixão religiosa, os prégadores huguenotes comparavam esta supposta libertação com o assassinio de Eglon por Ehud, ou o de Holofernes por Judith.

A attitude dos proprios partidarios serviu de pretexto á declaração do assassino, o qual, quando foi interrogado e posto a tortura, denunciou Coligny e outros chefes dos huguenotes, como os instigadores do seu crime. Em vão o almirante negou a accusação. Todo o partido catholico acreditou na culpa; e a duqueza de Guise, viuva, apresentando-se ella pessoalmente com seu filho ao rei, publicamente pediu justiça sobre a cabeça do almirante.

Durante os dez annos que se seguiram nenhuma consequencia houve d'esta denuncia. Parecia que a accusação tinha sido silenciosamente abandonada. Porém, o filho do duque assassinado crescera e chegára á maioridade, tendo, como elle declarou depois, *sempre ante os olhos o sangue de seu pae.*

Foi com conhecimento de causa que se suggeriu no espirito do almirante Coligny a exclamação mencionada, quando se viu ferido pelas balas desfechadas da casa da rua de Saint-Germain l'Auxerrois. É facil, portanto, concluir-se o motivo porque elle gritou: — «O Guisardo preparou-me esta emboscada.»— Mas quem seria esta segunda personagem, para quem se voltaram ao mesmo tempo os seus pensamentos, quando acrescentou estas outras palavras: — *E alguem mais com elle?*

Relanceando em redor da Europa d'aquella epocha, tres figuras proeminentes nos ferem a vista: o rei de França, Carlos IX; a rainha mãe, Catharina de Medicis, e Filippe II, de Hespanha.

O caracter de Carlos IX é um dos mais singulares na longa série de desiquilibrados em cuja fronte tem pousado corôa real. Era fortemente tocado de superstição religiosa; comtudo, faltava-lhe por completo o temperamento frio, implacavel, do verdadeiro perseguidor. O seu throno foi abalado pela longa revolta dos huguenotes; todavia, elle não manifestava contra os herejes aquelle espirito inexoravel que destinguia o seu confrade na realeza, Filippe II.

Carlos IX não tinha bastante firmeza de caracter para ser persistentemente tolerante ou intolerante. A sua vontade manifestava-se em caprichos de energia violenta, decahindo subito em ataques de abatimento indifferente, para se entregar á direcção de vontades alheias mais fortes que o rodeassem. Durante a sua longa minoridade a regencia foi exercida por sua mãe; e era ella mais do que o doentio mancebo que se chamava o rei de França, e que se apresentava a dirigir a perversa politica da côrte. Doente de corpo, como de espirito, Carlos IX era um d'esses entes indefiniveis, speci-

mens singulares da natureza humana cuja psychologia offerece aos historiadores os mais difficeis problemas na interpretação dos seus actos.

O formidavel nome de Catharina de Medicis fere os nossos ouvidos como um dobre de sinos evocando a idéa de um d'esses entes terriveis, emancipados de toda a sugeição moral, fazendo das idéas que outros consideram sagradas, mascaras para seus intentos malvados e occultos. N'esta mulher extraordinaria fundiram-se toda a crueldade hespanhola, e toda a peculiar finura italiana, sem uma particula d'aquella honestidade hypocrita que lança um véu de respeitabilidade sobre as maiores cruezas de Filippe II.

Só loucos poderiam ser enganados com os protestos de amizade de Filippe II; mas Catharina sabia-os bem dissimular. Comquanto excedesse o rei hespanhol em astucia, ficava-lhe muito inferior em tenacidade. A vingança paciente de Filippe podia ser vagarosa, mas era tão segura como o resvalar d'um rochedo rolando pelo declive d'uma montanha. Catharina era mulher capaz de arrojadamente trilhar o caminho pisado por Filippe II e de saltar sobre a sua presa em momento opportuno. Ambos esmagavam os seus inimigos, porém um semelhava, como vingança, o corrosivo trabalho d'uma geleira; outro feria como uma cobra.

O caracter vacillante da politica de Catharina provinha não só da fraqueza propria do seu sexo e da sua origem estrangeira, mas ainda do caracter velhaco e hypocrita do filho em nome de quem governava.

No começo da sua regencia, a côrte contemporisou com a facção dos huguenotes. Mais tarde, quando os catholicos se levantaram em armas, sem mesmo esperar um signal dos seus governadores nominaes, a côrte pareceu mais andar vogando á superficie, como um navio sem leme, do que seguindo deliberada rota no conflicto das correntes.

Pelo contrario Filippe II fôra a alma da cruzada catholica. Suppozera-se que elle estivesse em secreta combinação com os Guises. Resentira-se amargamente da paz pela qual a côrte franceza garantira, dois annos antes, tolerancia á religião protestante. Tinha ainda melhores razões para se resentir dos disfarçados preparativos que se estavam fazendo para uma guerra com a Hespanha, guerra para a qual tinham sido alistados voluntarios e cujo commando fôra justamente conferido ao almirante Coligny.

Não é portanto de admirar que, um dos informadores dedicados de Filippe II, na capital da França, escrevesse informando seu amo, que os huguenotes estavam propalando o boato de que fôra um hespanhol ao serviço da embaixada hespanhola quem disparara o arcabuz na rua de Saint Germain l'Auxerrois. Não fora acaso o ministro predilecto de Filippe II, o inflexivel duque d'Alva, que recordara a Catharina de Medicis, durante as celebres conferencias dos Pyrineos, que a cabeça de um salmão valia mil rãs?

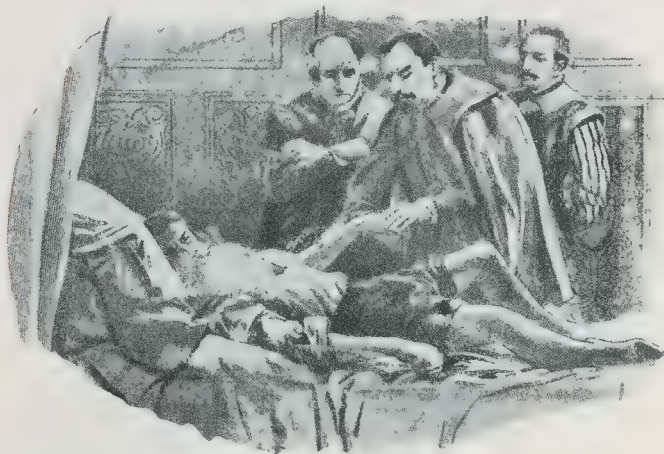
Os companheiros do almirante não conseguiram prender o assassino. Este que estava vestido com o uniforme verde dos archeiros da guarda real, logo que descarregara o arcabuz, precipitara-se pela escada abaixo e, sahindo da casa por uma porta trazeira, montara um cavallo branco hespanhol que estava apparelhado e seguro por um pagem, e galopára furiosamente para as portas do bairro de Santo Antonio, onde tinha um outro cavallo. Dera uma vista d'olhos em redor para se assegurar que ninguem o perseguia, saltara para o cavallo novo, e fugira pela estrada de Brie.

Quando os huguenotes entraram na casa, d'onde partira o tiro, no que levaram tempo para o conseguir, porque a porta da rua estava fortemente trancada, encontraram apenas uma mulher velha e o pequeno pagem que segurara o cavallo. Ambos foram presos.

Nem um nem outro tentou porém occultar qualquer cousa que soubesse. A mulher contou que a casa pertencia a um sacerdote da igreja visinha, igreja destinada a uma triste celebridade sob o nome de Saint Germain l'Auxerrois. Parece que o padre desempenhára antigamente o cargo de preceptor do moço duque de Guise. Tres dias antes o supposto archeiro fora levado para alli por um criado da casa real com uma recommendação da mãe do duque, aquella mesma que dez annos antes pedira baldadamente vingança da morte do marido.

Com esta informação, os companheiros de Coligny voltaram para a moradia d'este a qual não estava situada a grande distancia. Alli acharam tudo em confusão e consternação. O pateo, a escada estreita, e em cima a entrada no patamar estavam cheios d'uma multidão de cavalleiros huguenotes que mal tiveram noticia do crime, acudiram parte para proteger o seu chefe contra qualquer nova investida á sua vida, e parte para consultar sobre a situação do partido, a quem o som do tiro expedido da casa do conego assustára como o ribombo do trovão. O velho heroe estava deitado na cama no primeiro andar, que dominava o pateo interior, e os medicos sustentavam viva discussão sobre o estado do seu braço: trez d'elles consideravam necessario amputal-o immediatamente, em quanto que um quarto julgava possivel ainda salvar.

Foi só no dia seguinte que se fez a triste des-

coberta, de que o archeiro trabalhara na sua obra mais efficazmente do que parecera á primeira vista; e que era infinitesima a esperança de salvar a vida de Coligny. As balas que o feriram pareceram ter sido envenenadas.

O heroe estava sobre a cama . . .

Reunidos em grupos na entrada do quarto, nas escadas e em baixo no pateo os alvoroçados huguenotes discutiam a informação recebida. Uns aconselhavam um appello ao rei para implorar justiça, outros propunham invadir ousadamente o Louvre, e assasinar o duque de Guise, se necessario fosse no gabinete real.

A opinião geral e a do proprio Coligny era de que o attentado representava alguma cousa mais do que uma simples vingança particular do moço duque. O uniforme usado pelo assassino, a pessoa que o trouxera para casa do conego, ambos os factos estavam apontando a connivencia da côrte, da qual alguns dos protestantes nunca haviam deixado de suspeitar durante os dois annos de paz.

Poderiam todavia estar bem preplexos na comprehensão dos acontecimentos. Depois de ter sustentado guerra de exterminio contra elles, o rei parecera mudar de idéas repentinamente e recebera-os com a mais inteira confiança e favor. Coligny que, não obstante o seu cargo naval apenas honorifico, porque nunca navegou, fôra o chefe principal dos exercitos protestantes, havia sido convidado a vir á corte, e logo abraçado, acariciado, e considerado pelo moço monarcha como um amigo de coração.

Por conselho do chefe huguenote, affirmam, se decidira a guerra com a Hespanha; e comquanto o proprio irmão do rei, Henrique, duque de Anjou, fosse um habil capitão, tendo derrotado o proprio Coligny nas batalhas de Jarnac e Montcontour, ainda assim elle fora posto de parte, em favor do almirante escolhido para commandante em chefe do exercito invasor.

Realmente Carlos IX patenteára uma extravagante affeição pelo venerando huguenote, dando-lhe o nome de pae, e mandando-o chamar a toda a hora do dia, como se não podesse viver sem elle. Finalmente em resposta, como se dissera, a uma suggestão do irmão de Coligny, arranjou-se confirmar a alliança entre catholicos e huguenotes por um casamento entre Margarida, irmã do rei, e Henrique de Navarra, o principe protestante, cuja posição com respeito a Coligny poderia ser comparada com a de Victor Emmanuel para com Garibaldi.

Emquanto o echo dos sinos, annunciando o casamento, resoava ainda no ar, emquanto os noivos passavam a sua lua de mel no Louvre, emquanto Paris estava ainda cheio de numerosos fidalgos huguenotes vindos ahi para a festividade e alguns recolhiam ás suas casas pelas estradas de França, apparecia esta interrupção ominosa, similhante a uma ligeira fenda na parede d'um reservatorio, ameaçando imminente catastrophe.

No meio das inquietas conferencias á roda do leito do seu chefe ferido, e emquanto partiam mensageiros para todas as direcções a chamar de novo os huguenotes que já tinham sahido de Paris, chegou a noticia emocionante de que Carlos IX se aproximava da casa de Coligny, em visita de excepcional deferencia e manifestação de pesar, acompanhado da rainha mãe, do duque de Anjou, e de todos os principaes da côrte, com uma excepção — com uma formidavel excepção — a do duque de Guise.

A noticia do attentado contra o almirante foi levada a Carlos IX quando estava a meio d'uma partida de tennis, jogo que não deve ser confundido com a sua moderna variedade. Ao ouvir a noticia, diz um chronista catholico d'aquelle tempo, sua majestade ficou espantosamente pallido, a ponto de quasi desmaiar.

— Então nunca terei paz! exclamou, logo que poude dominar-se para fallar. E deitando desesperadamente ao chão a sua raqueta, retirou-se para os seus quartos particulares, batendo com os pés e praguejando, declarando

com a mais terrivel jura que havia de fazer tal justiça no criminoso, não se importando quem podesse ser, que nunca seria esquecida.

Uma hora depois de jantar, ainda na mesma disposição de espirito, Carlos IX annunciou a tenção de ir fazer uma visita ao almirante ferido. Os cortezãos, não sabendo como encarar este passo, se de loucura caprichosa, se de arriscado golpe de diplomacia, prepararam se com secreto constrangimento para acompanhar o rei.

Não foi menor o espanto dos companheiros de Coligny, quando viram entrar no pateo da casa, onde elles estavam reunidos, a pallida figura do joven monarcha. Para os espiritos mais desconfiados d'entre elles, toda aquella recente politica da côrte, a paz, a protecção a Coligny, a promettida guerra com a Hespanha, e o casamento real, tudo fazia começar a suppôr que era uma estucia cuidadosamente planeada e combinada para attrahir os destinos da Reforma ás mãos dos seus inimigos. Não havia um só que não farejasse perigo no ar. Cercados pelo odio difficilmente refreado da plebe de Paris, e do mais occulto, comtudo mais odiosamente ameaçador da facção do Guise na côrte, elles discerniam bem que todo o chão que pisavam era excavado e balofo e que o tiro disparado n'aquella manhã era similhante á faisca cahida na espoleta graduada e lenta. O morrão principiara a arder e d'um momento para outro devia ouvir-se a explosão.

Não seria pois de admirar que um ou outro espirito ousado ou mais exaltado começasse de discutir os mais arrojados planos, até mesmo a morte de Carlos IX e de seus irmãos, e a ascensão de Henrique de Navarra ao throno de França.

A' imaginação excitada da multidão perturbada por similhantes idéas deviam desenhar-se nitidas, levantar-se em relevo as trez personagens que os huguenotes mais temiam e detestavam: Carlos IX com o seu olhar desvairado, e face pallida com manchas de sangue; Henrique de Anjou, o mellifluo principe vicioso que os combatera em duas batalhas desastrosas; e Catharina de Medicis cuja phisionomia morena de italiana parecia pairar como uma sombra no mais occulto recesso do Louvre, vigiando todas as acções dos seus inimigos.

Que opportunidade para um Clive ou um Pizarro! Um espirito superiormente energico, que houvesse entre elles, nunca teria consentido que se retirassem similhantes refens sem lhes ter arrancado a inteira e completa segurança para o partido religioso. Mas, quando os huguenotes viram os seus inimigos assim nos seus proprios dominios, a extranha audacia do procedimento hypnotisou-os abolindo-lhes a vontade. Respeitosos abriram o caminho e deixaram que o rei com o seu sequito subisse a escada e entrasse no quarto do almirante. Carlos IX aproximou-se da cabeceira do doente, comprimentando-o affectuosamente como sempre, informando-se com interesse do seu estado e promettendo-lhe inquirir rigorosamente do crime d'aquella manhã. Coligny recebeu estas demonstrações com uma certa frieza.

A rainha mãe que tomára logar ao lado da cama, depois de ter expressado o seu proprio pezar pelo accidente, continuou accrescentando a mais inesperada proposta. Referindo-se ao perigo que correria o almirante por causa das paixões da populaça, ella suggeriu-lhe a idéa de se deixar transportar para o Louvre, onde estaria mais seguro contra qualquer novo attentado.

Tocado da espantosa impudencia, o almirante respondeu com certo orgulho que podia quando fosse preciso, reunir vinte mil homens para o defender. Esta aspera jactancia, ou antes quasi ameaça, arrancou da parte de Carlos IX e de Catharina algumas admoestações. A rainha mãe, persistindo em mostrar interesse bem extraordinario, lembrou então que ao menos o almirante lhes permitisse que mandassem uma guarda de duzentos archeiros reaes para proteger a sua casa. Elle aceitou este offerecimento.

Depois, Coligny vendo que estavam para partir os reaes visitantes, expressou o desejo de fallar por alguns minutos em particular com o rei. Este pedido, que implicava outro o de sua majestade mandar retirar sua mãe e irmão, foi quasi um insulto; no entanto foi-lhe instantemente concedido. Catharina e seu filho afastaram-se despeitados para o fim do quarto, onde se sentaram olhando silenciosos debaixo da vista hostil de uns duzentos gentishomens huguenotes, que enchiam aquelle quarto e o seguinte, passando aqui e acolá, por traz ou por diante d'elles com estranho desrespeito, ou consultando á parte, em segredo, e deitando olhares ameaçadores sobre o par isolado. Nunca Catharina de Midicis passara em sua vida um peior quarto de hora.

Entretanto, Carlos IX puchava a sua cadeira para perto da cabeceira do doente, e travaram quasi em segredo uma longa conversação. Ninguem poude realmente saber o que se passou entre aquelle par tragicamente reunido, o velho, ha pouco ainda vigoroso chefe puritano, e o joven rei, doentio e quasi demente, ambos, como não hesitaram em o asseverar os chronistas d'aquelle tempo, com o mesmo veneno a circular nas veias preparado pelas mãos da impenetravel mulher que se sentara a vigiar o extranho colloquio.

Carlos IX levantou-se finalmente de olhar sombrio, e sahiu seguido de seus contrafeitos companheiros. Só depois de se vêrem felizmente fóra da casa, puderam então Catharina e seu filho de Anjou respirar desafogadamente.

Não haviam decorrido, desde esta visita, trinta e seis horas, quando o sino da igreja de S. Germain l'Auxerrois começou de tanger vagarosa e pesadamente a meia noite de sabbado 23 d'agosto. Aquelle dobre era o signal do massacre de todos os huguenotes em França.

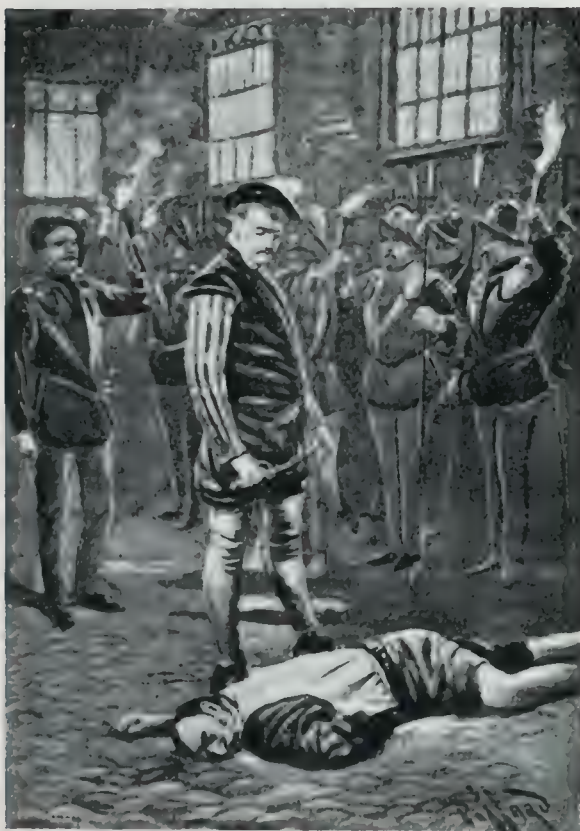
Meia hora antes de ter principiado a tocar o sino, Paris foi despertada pelo tropel de homens armados, levando torchas, e dirigindo-se apressados para o Louvre a receber alli dos labios inflammados de Carlos IX as ordens para o massacre. Todos estes homens tinham sido avisados por emissarios da côrte ou pelas auctoridades municipaes.

Espadanou sangue sobre as botas do duque . . .

A primeira tropa que sahiu para principiar a chacina, foi commandada pessoalmente pelo duque de Guise e encaminhada para a morada do seu inimigo hereditario. Os archeiros reaes que tinham sido postos de guarda á casa de Coligny e, hoje parece, mais para evitar a fuga do almirante de que para o defender de ataques imprevistos, deram logo entrada ao duque de Guise e seus sequazes.

Coligny, que no primeiro momento julgou ser o tumulto de fóra devido a um levantamento popular que os archeiros deveriam repellir, ficou desenganado quando as balas dos arquebuzes vieram chocar-se de encontro ás paredes do quarto. Tinha apenas conseguido sahir da cama, e pôr-se de pé encostado á parede, quando uma onda de malfeitores irrompeu pelo quarto.

Apunhalaram-o em differentes pontos, barbaramente. Diz-se que ainda respirava quando se fez ouvir a voz do duque de Guise, chamando do pateo para que lhe atirassem para baixo o corpo do seu inimigo. Abriram-se as janellas, e os assassinos viram o seu chefe de pé, com a espada desembainhada, n'um circulo de torchas, olhando para cima impacientemente. Pucharam o corpo ainda quente até á janella e arremessaram-o abaixo Com a violencia da queda, o corpo esmagando-se contra as lages do pateo espadanou sangue sobre as proprias botas do duque, insaciavel e vingativo. Foi esta scena horrorosa que, sem duvida, lhe apagou da mente aquella outra visão sinistra que durante dez annos tivera sempre ante os olhos, — o assassinio de seu pae.

Durante tres dias consecutivos, diz-se que só em Paris foram mortos dez mil huguenotes. Porém não foram todos apenas huguenotes. Qualquer tio rico que tivesse um herdeiro mau e impaciente, todo o credor cujo devedor fosse pobre e perverso, tornaram-se huguenotes durante aquelles tres dias. Um tal de Grimouille, ao serviço do duque de Anjou, que estava para casar com uma das damas d'honor de Catharina, inspirou-se na feliz idéa de que pae e irmãos de sua futura noiva estavam corrompidos de heresia; descoberta que lhe redondou no augmento do dote pela acquisição total da riqueza da familia.

E' bem conhecida a impressão que a noticia

do morticinio produziu em toda a Europa. Carlos IX, tendo tomado parte pessoalmente na carnificina, desfechando um arcabuz sobre alguns fugitivos perseguidos, sentou-se á sua mesa de trabalho a escrever uma curiosa carta ao seu embaixador em Roma. Depois de ter incumbido o embaixador de procurar o papa, e de instar junto d'elle pela promettida approvação do casamento de sua irmã com o principe Henrique de Navarra, protestante, elle accrescenta estas palavras, em fórma de *post scriptum :*

«Entretanto deixe-me dizer-lhe que na sexta feira passada, quando o almirante Coligny retirava para casa, um homem ou soldado, até agora desconhecido, desfechou-lhe um tiro de uma janella e feriu-o no braço; e a noite passada aconteceu que os senhores da casa de Guise, com muitos cavalleiros e gentishomens, tendo sido informados de que os amigos do almirante os consideravam auctores ou mandantes do attentado, tencionaram vingar-se da aleivosia pondo-se em movimento. Houve um grande levantamento e tumulto, a guarda da residencia do almirante foi derrotada, e elle foi morto com muitos de seu partido e religião. O povo foi massacrado tambem em differentes pontos da cidade, como depois o informará o sr. de Branville, portador d'esta: portanto espero que, sua santidade, com os motivos á vista apresentados por seu sobrinho (de Branville), não mais levantará difficuldades em me conceder a dispensa solicitada.» Dizei ao papa, que acabo de ter um massacre de huguenotes, e que portanto espero elle me absolverá de ter casado minha irmã com um d'elles: assim com effeito se traduz este final da carta. Provavelmente foi logo depois de ter escripto esta missiva que deve ter occorrido aquella scena, na qual o rei ardendo em colera se apresentou perante seu cunhado, e lhe offereceu a escolha entre — a Morte, a Missa, ou a Bastilha. — No principio da narrativa, como se vê, o rei procura apresentar como se fôra mais ou menos accidental o massacre, mas no fim muda de tom, e claramente insinua que bom serviço fez á causa catholica.

Parece que assim o julgou o papa. Foi decretado jubileu em Roma para celebrar a extincção do partido protestante em França, foram enviadas calorosas felicitações á côrte franceza por sua santidade, pelo rei de Hespanha e por outras potencias catholicas.

A rainha Isabel de Inglaterra interpretara o acontecimento como devia ser encarado, e, quando o embaixador francez se apresentou defronte d'ella para lhe offerecer as explicações de seu amo, ella inflexivelmente recusou ouvil-as. Em resumo, desde aquelle tempo até hoje, o juizo que geralmente se tem feito da marcha verdadeira dos acontecimentos foi aquella que suggeriu ao espirito dos huguenotes que rodeavam a cabeceira do leito de Coligny. A paz com os huguenotes, o interesse pelo almirante, a ameaça de guerra á Hespanha, e o casamento de Margarida com Henrique de Navarra, têem sido consideradas manobras traiçoeiras, encaminhadas para aquella catastrophe sangrenta e imaginadas desde o primeiro momento, como componentes necessarias d'aquelle fatal acontecimento.

Carlos IX desfechou o arcabuz sobre alguns fugitivos. . .

Um documento de origem anonyma narra um caso, referido aos huguenotes do sul da França, o qual fornece curiosa indicação sobre o espirito tortuoso do rei.

No primeiro dia do massacre foi mandado da côrte á Provença uma certa personagem, um tal Molle com uma carta dirigida ao governador. Ao abrir a carta, este leu uma ordem formal para matar todos os huguenotes da sua jurisdicção; porém, no fim vinha um *post scriptum* do proprio punho do rei, dizendo-lhe que nada acreditasse nem fizesse do que por Molle lhe mandava dizer. O governador estupefacto enviou seu proprio secretario em diligencia a Paris, para se certificar dos verdadeiros desejos do rei. O secretario voltou com ordem de massacre immediato. Antes que este se effectuasse, morreu o governador. O seu successor requereu a Molle uma nova ordem dirigida a elle pessoalmente.

Não recebendo noticia alguma durante trez

semanas, mandou a Paris um homem chamado Vauclose, que chegou no mesmo dia em que Molle partia em viagem de volta á Provença, levando nova ordem de massacre. Vauclose solicitou uma audiencia de Carlos IX, o qual simplesmente lhe mandou dizer que já tinha mandado suas ordens por Molle.

Ainda desconfiado, Vauclose recusou deixar Paris sem ter recebido instrucções directas. O resultado da insistencia foi Carlos IX chamal-o secretamente e incumbil-o, sob pena de morte se a revelasse a outrem que não fosse o proprio governador, de levar a revogação da ordem de massacre. Vauclose voltou para a Provença a cavallo, noite e dia, sem descanço e chegou justamente a tempo de evitar a catastrophe.

Tal era o caracter de Carlos IX, instavel, covarde, capaz de ser induzido a grandes crimes, sem ser evidentemente de natureza vingativa ou sanguinaria. Pode imaginar-se vêl-o sentado no seu gabinete, assignando despachos dignos de um Filippe II ou de um Caligula (duas personagens cuja memoria a moderna critica historica, em sua novissima tendencia, se occupa de rehabilitar) sob a pressão

Levou a mão ao punhal . . .

d'aquelles conselheiros que elle temia e a quem se sujeitava, e depois alliviando a sua consciencia ferida de remorso com um secreto *post-scriptum* de perdão; um homem que quasi desperta piedade no meio de seus barbaros procedimentos. E' sabido que a memoria do crime de S. Bartholomeu o perseguiu durante o resto de seus breves dias.

Agora a narrativa das determinantes d'este crime memoravel. Decorrido um anno, no real palacio de Jagellons, na longinqua cidade de Cracovia, o rei da Polonia, deitado na cama, alta noite, soffria d'uma angustia indefinivel, agitado, impossibilitado de cerrar os olhos aos pensamentos tristes que o assaltavam, ou de adormecer um só instante sem que sonhos horrorosos o não viéssem despertar, a ponto de lhe ser maior allivio os pensamentos de acordado. Finalmente tornou-se-lhe insupportavel a oppressão. Levantou-se da cama, e chamou o seu medico, um tal Miron que dormia no quarto proximo.

Este Miron era francez. Viéra para Cracovia no sequito de seu amo. Porque este torturado rei da Polonia era aquelle Henrique, duque de Anjou, que acompanhára seu irmão Carlos IX na visita ao quarto de Coligny doente, na ante vespera do dia de S. Bartholomeu. Pouco depois d'essa data os polacos tinham-lhe offerecido o throno desoccupado, e seu irmão, que o odiava e temia, induzira-o a acceitar aquelle triste exilio, que parecia cortar-lhe para sempre a esperança de subir alguma vez ao throno de França.

Agora nas vigilias das noites solitarias, a visão do passado perpassava-lhe ante os olhos, e não a podia afastar. Foi com o fim de disfarçar o terror de imaginação que se apossara d'elle que chamou o medico. Miron sentou-se ao lado da cama real, e alli n'aquelle quarto espaçoso, á luz tremula d'uma pequena lampada, o rei exilado contou-lhe para alliviar a consciencia as negras afflicções que sobre ella pesavam.

Depois de se ter referido aos acontecimentos que conduziram á tragedia e particularmente á amizade entre Carlos IX e Coligny, elle disse:

«Minha mãe e eu mais de uma vez observaramos que, depois das suas longas conferencias com o almirante, se acontecia aproximarmo-nos do rei, o encontravamos extranhamente irritavel e taciturno, de olhar aspero e de respostas ainda mais asperas. Uma vez, entrei no gabinete do rei justamente quando sahia o almirante que lá estivera demorado tempo. Logo que meu irmão, o rei, me viu, sem nada me dizer, começou de medir a passos grandes e agitados o quarto, furioso no aspecto, ora relanceando-me de soslaio, ora levando a mão ao punhal do cinto e com modo tão odiento que não esperava senão que elle me segurasse pelo pescoço e m'o cortasse.

«Fiquei immensamente afflicto de ter entrado, e ainda mais para sahir, vendo o perigo que corria. Fil-o tão dextramente quanto pude,

Em quanto elle passeava de costas para mim, segui socegadamente para a porta, que abri, e com um comprimento mais apressado do que quando entrara, fiz com exito a minha sahida, que me pareceu bem opportuna.

«Convencidos, então, e certos de facto de que era o almirante quem insinuava no rei más opiniões a nosso respeito, minha mãe e eu, resolvemos libertarmo-nos d'elle. Porém o capitão gascão que foi chamado para esse fim, não provou que fosse tão bom atirador ao alvo como esperavamos. Tendo falhado o tiro e por tão pouco, começamos de considerar que as cousas corriam tão mal para nós, que, depois do jantar, quando o rei decidiu ir visitar o almirante na sua residencia, a rainha mãe e eu julgamos conveniente acompanhal-o e ao mesmo tempo ajuizar do estado do almirante.

«A conversação em particular entre elles tanto mais nos incommodou, quanto sem o esperarmos, nos vimos rodeados de perto de duzentos homens do partido do almirante, que nos trataram com o maior desrespeito como se tivessem alguma suspeita de que houvessemos tomado parte no attentado contra o almirante. Estavamos portanto admirados e assustados de nos vermos alli fechados; tanto que minha mãe me declarou depois que nunca estivera em situação onde tivesse tanto motivo de temor, ou da qual se tivesse visto livre com tanto allivio e prazer.

«Na nossa volta para o Louvre, minha mãe, a rainha, instou com o rei, para que lhe dissesse o que lhe contara o almirante na sua conversa, mas o rei, depois de ter por differentes vezes recusado dizel-o, replicou-lhe em tom aspero de desagrado, que o almirante o tinha aconselhado a que governasse por si só e que elle estava resolvido a seguir-lhe o conselho.»

Durante o resto d'aquelle dia, Catharina e seu filho favorito não puderam pensar em qualquer plano que os desembaraçasse da situação equivoca e talvez funesta em que se achavam. Na manhã seguinte, muito cedo, o duque de Anjou dirigiu-se aos aposentos de sua mãe, a qual encontrou já de pé.

«Eu estava muito contrariado e ella tambem. Porque, determinados mais do que nunca a considerar absolutamente indispensavel a morte do almirante, viamo-nos obrigados a reconhecer que já não era caso para recorrer a astucias e estratagemas. Era necessario levar o rei a uma resolução extrema que elle impulsivo, como era, poderia incitado tomar.»

Decidiram-se a procurar o rei n'aquella tarde no seu gabinete; e asseguraram se da presença de quatro nobres proeminentes na côrte, na fidelidade dos quaes se podiam fiar.

«Logo que entramos no gabinete, a rainha, minha mãe, começou por avisar o rei, de que o partido dos huguenotes se estavam armando contra elle por causa do almirante; que o próprio Coligny mandara cartas para a Allemanha para levantar dez mil cavallos e dos cantões da Suissa esperava um contingente de dez mil soldados de infanteria. Ella accrescentou que a maior parte dos officiaes do partido dos huguenotes, já tinham partido para levantar tropas no reino, e que já estava fixado tempo e sitio para a concentração das forças.»

Tendo assustado seu filho com o projecto temivel de uma insurreição dos huguenotes, continuou dizendo-lhe que os catholicos, cançados da longa lucta, haviam resolvido pôr-lhe termo definitivo; e que no caso do rei recusar attendel os, tinham decidido escolher um capitão valente, para ser protector d'elles, de fórma que o rei ficaria só, no meio do perigo, sem autoridade e sem poder. E concluiu dizendo — «todo este perigo para vós e para o vosso reino, toda esta ruina e miseria, o embate de todos estes milhares de homens, póde ser evitado e supprido por uma unica estocada. E' simplesmente necessario eliminar o almirante, cabeça e autor de todas as guerras civis. As emprezas e os tramas dos huguenotes morrerão com elle.»

O duque de Anjou accrescentou os seus proprios argumentos aos de Catharina e o mesmo fizeram os quatro nobres conselheiros que elles haviam feito comparecer.

«Por fim, excitado de pavor, receioso dos perigos que minha mãe tão bem pintara, sentido das mil intrigas ao seu estado e á sua pessoa, por uma repentina e espantosa metamorphose, voltou-se para o nosso lado e adoptou o nosso modo de vêr, exaggerando ainda com muito maior intensidade os intentos odientos e de fórma que se nos tornou tão difficil contel-o então, e moderar-lhe o impeto aggressivo, como fôra difficil de o persuadir.

«Levantando-se arrebatadamente da sua cadeira, e ordenando-nos silencio gritou em colera desabrida e praguejando raivoso, que visto julgarmos necessario matar o almirante, elle tambem assim o queria, mas com condição de que todos os huguenotes em França fossem tambem mortos ao mesmo tempo, para que não ficasse um unico que o podesse depois arguir.»

«E sahindo com impeto, deixou-nos no seu gabinete, onde estivemos o resto do dia combinando os meios convenientes para levar a cabo tal empresa.»

O massacre que eclipsou todos os outros na historia, foi organisado em seis horas, por ordem de um mancebo meio demente, fazendo-o

sahir fóra de si pelas astuciosas falsidades de uma mulher ambiciosa e de seu filho, e pelo simples motivo de se quererem vêr livres d'um rival politico, cuja influencia estava contraminando a d'elles propria.

Alguns annos depois, Catharina costumava declarar que se considerava só responsavel por seis mortes. Mas o duque de Anjou, depois rei da Polonia, parece não ter conseguido illudir tão facilmente a sua consciencia. Sabe-se bem quanto a angustia do remorso opprime a alma, de sorte que para calmar a tortura interior o culpado sente refrigerio e consolação extranha em confessar em voz alta a alguem o seu crime e desenvolvel o por promenores. Assim procedeu o duque de Anjou n'aquella noite de febril anciedade; ou seria allucinação passageira que lhe perturbasse a clara memoria dos factos? Será inteiramente phantasiosa a descripção do manuscripto da Bibliotheca de Paris? Todavia n'aquella ordem geral de massacre descobre-se o mesmo autor dos *post-scriptum* secretos para evitar uma determinação cruelmente tomada. Quem sabe se elle procurou, julgando impossivel a ousadia pavorosa d'uma tão grande carnificina, salvar assim o almirante por este meio indirecto? A demencia costuma formular raciocinios invertidos. Não contava provavelmente com a perversidade dos executores intelligentes, elle, um perverso por loucura intermitente, ou um fraco de espirito.

Pontos fracos da terra

Não raro apparecem noticias de convulsões vulcanicas que, sacudindo fortemente determinadas regiões do globo, espalham a ruina e o pavor. Ha mezes em que mais se repetem; outros em que a terra parece repousar. D'estas regiões, tão fatalmente predestinadas, se occupa o seguiute artigo.

Suppõem muitos que se póde contar pelos dedos o numero de vulcões que ha no mundo. Todavia centenas de vulcões ha espalhados sobre a face da terra, vincando a sua superficie, n'um encadeamento de longas e sinuosas linhas, tocando em todos os continentes, abraçando muitas ilhas, e atravessando a largura dos oceanos. Raro se aprecia o facto de se terem perdido centenas e milhares de vidas nas erupções vulcanicas; ou de se ter mudado a forma superficial do mundo pela acção corresiva e deformante dos vulcões no passado, e quanto haverá de se mudar ainda para o futuro.

Esquece-se a miude que em paizes diversos, como a Gran-Bretanha e a França, por exemplo, onde se encontram innumeros cones de vulcões extinctos, póde ser que ainda elles não estejam completamente apagados e que um dia venham a reviver com força explosiva e destruidora; ou que na America se descubram na extensão de milhares de milhas quadradas, vastas zonas de fraqueza na crusta da terra. Todavia alguns teem chegado a pensar no que poderia succeder, se um dia por uma inesperada occorrencia, tal como um repentino e collossal terremoto ou resfriamento subito da crusta da terra, todos os vulcões do mundo, dormentes e activos, se juntassem em assombroso unisono n'uma tremenda erupção.

Sobre este assumpto pretende-se n'este artigo apenas levar o leitor a uma inspecção geral e rapida em volta dos vulcões do mundo; examinando as linhas fracas, as falhas ou fendas da crusta da terra, parando nos logares de interesse especial, notando-lhes os caracteres peculiares, emfim, indicando como são formados os vulcões.

Mas antes de partir para esta viagem convem relatar alguns factos interessantes que serão como um necessario preparativo e bagagem.

Em primeiro logar deve notar-se que os vulcões na sua maioria estão situados perto do mar; o que suggere a idéa de ter o phenomeno das erupções relação directa com este. Verdade é, que o *Cotapaxi* no sul da America está a 125 milhas distante do mar; o *Popocatepest* no Mexico a 155 milhas, e uma cratéra extincta na Africa quasi a 200 milhas da costa. Muitas vezes estão situados nas ilhas; raras longe das costas dos continentes.

Depois note-se que estão collocados em linhas longas ou distribuidos sobre curvas, com maior ou menor regularidade. A' primeira vista dir-se-hão lançados ao acaso, mas com mais detido exame descobrem-se passagens unindo-os aos ainda activos e provando a existencia de uma cadeia completa de vulcões em tempos remotos.

Geralmente apparecem respiradouros, onde as montanhas descem em declive para o mar. Não ha vulcões no lado este da America, e abundam no oeste onde o mar se profunda com rapidez.

O Vesuvio em erupção

Está tambem reconhecido que as mais pequenas ilhas nos maiores oceanos são de origem vulcanica, indicando linhas de falhas submarinas. Finalmente está averiguado que a Australia é o unico continente que não tem vestigios de vulcões em actividade.

Por esta nossa viagem de inspecção á roda dos mundos vulcanicos tomemos como ponto de partida, a Gran-Bretanha. Nem um unico vulcão em actividade veiu quebrar o socego das ilhas britannicas desde a época dos grandes gelos. Acham-se em diversos pontos vulcões extinctos, *fosseis* será talvez o termo mais suggestivo senão o mais apropriado, mas nada que se assemelhe aos restos de uma perfeita cratéra. Assim, da Gran-Bretanha seguiremos a linha fraca através da cadeia reunida das ilhas Faroe para a Islandia, construida inteiramente pela acção vulcanica acima da superficie do mar e agora o unico centro activo do que foi outr'ora uma grande provincia vulcanica.

No seculo passado conheciam-se na Islandia vinte e sete vulcões em actividade. O mais notavel por certo, é o Hecla, do qual ha discriptas vinte e seis erupções, admiraveis pela sua intensa violencia e extraordinaria duração. A erupção que houve no Hecla em 1845, durou mais de um anno. Em Orkneys, a quinhentas milhas de distancia cahia em grande abundancia o pó expellido pela erupção.

Mas os fluxos de lava são mais caracteristicos do que o pó nas erupções islandicas. Alguns vulcões expulsam só poeira, escoria ou rochedos partidos; outros apenas figuram ser caldeirões de lava a referver.

E' curioso que onde a acção explosiva do vulcão é mais intensa, menor é o fluxo da lava que muitas vezes desapparece.

A lava é mais geralmente expellida em grande quantidade por uma fenda ao lado do vulcão do que trasborda pela cratéra. D'esta fórma só pela primeira vez na historia o vulcão islandico, Skaptar Jokull, fez erupção no mez de junho de 1783.

Como succede geralmente, a erupção começou por um tremor de terra, acompanhada de grandes nuvens de fumo, separando-se do vapor de agua o pó e a pedra pomes; ouviram-se fortes detonações e incessante chammejar, como de relampagos e estrondo, como de trovões. A ardente lava derretida correu pela montanha abaixo, seguindo pelo valle do rio Skapta. Seccaram todas as fontes, encheu-se a encosta em alguns pontos na espessura de 180 metros. Inundou os campos, os bosques, as herdades e espalhou a devastação como um exercito invasor. Para baixo do valle de Skapta a lava estendeu-se ainda por cincoenta milhas; n'um outro valle parallelo a este percorreu quarenta milhas, e a corrente mediu em alguns pontos sete milhas de largura.

Comquanto morresse pouca gente com a erupção propriamente dita, centenas de pessoas ficaram arruinadas; seguiu-se a fome e

a peste, e nos dois annos seguintes, devido indirectamente á erupção, não menos de 9:000 creaturas, 28:000 cavallos, 11:000 cabeças de gado e 190:000 carneiros pereceram.

Nascentes quentes, *geysers*, e caldeirões de lodo e de barro fervente são vulgares na Islandia. *Geysers* e vulcões de lodo trabalham similhantemente, mas emquanto um emitte um fluido claro, o outro cospe e despeja um liquido lodoso e sujo. Dá-se melhor idéa do *geyser*, ou vulcão d'agua, descrevendo-o como uma nascente quente em jacto elevado.

O grande *geyser* da Islandia está em Haukadal, mas as suas manifestações são pouco certas, e felizes são os que o encontram trabalhando regularmente. A terra estremece quando o vapor sóbe precipitadamente pela chaminé central; elevam-se grandes ondas d'agua sobre a lagôa da cratéra, arrebentam contra as margens escarpadas e trasbordam. N'uma occasião, toda a lagôa de cerca de deseseis metros de largura, elevou-se n'um unico globo de agua a ferver, e depois a columna de dentro da chaminé foi expellida com grande força de vapor, como um tiro da bocca de colossal bacamarte. A carga elevou-se a grande altura, e a maior parte cahiu de novo, afundando-se com impeto.

Outro *geyser* islandico, chamado Stokr-o Churn, póde-se-lhe provocar a erupção para satisfazer os espectadores, pelo simples expediente de deitar torrões ou pedras nos seus poços. O vapor fica concentrado por alguns minutos, depois arrebenta n'uma violenta explosão, arremessando chuveiros de projectis.

Deixando a Islandia e passando pelos extinctos campos vulcanicos da França, Allemanha, Hespanha e Portugal, chegamos á grande região vulcanica da Italia. Ahi o Vesuvio é o centro activo. Roma nas suas sete collinas, como Lisboa nas suas, attesta, desde annos sem conto, a antiga convulsão do solo.

Foi pela uma hora da tarde de 24 de agosto A. D. 79, que o gigante prisioneiro no Vesuvio, depois de longos annos de repouso, se moveu e acordou.

Uma nova e extraordinaria nuvem sahiu do cume como uma columna gigantesca, e espalhou por todos os lados o pavor e a ruina. A terra agitou-se, o mar recuou em rolo temeroso, relampagos fusilaram por entre nuvens negras, blocos ardentes de lava sahiram como pedras arremessadas por catapultas, rochedos partidos cahiram em chuva destruidora. Espalhou-se uma intensa escuridão, mais negra do que a noite, mesmo em Misenum, a seis leguas de distancia. Quando tornou a aclarar, o chão ficou branco como neve, todo coberto de cinza.

Herculaneum estava submersa em torrentes de lodo, Pompeia sepultada em cinzas, assim como Stabiae, a dez milhas de distancia. Milhares de acres de terra, vinhedos, florestas, casas e centenas de vidas foi tudo destruido.

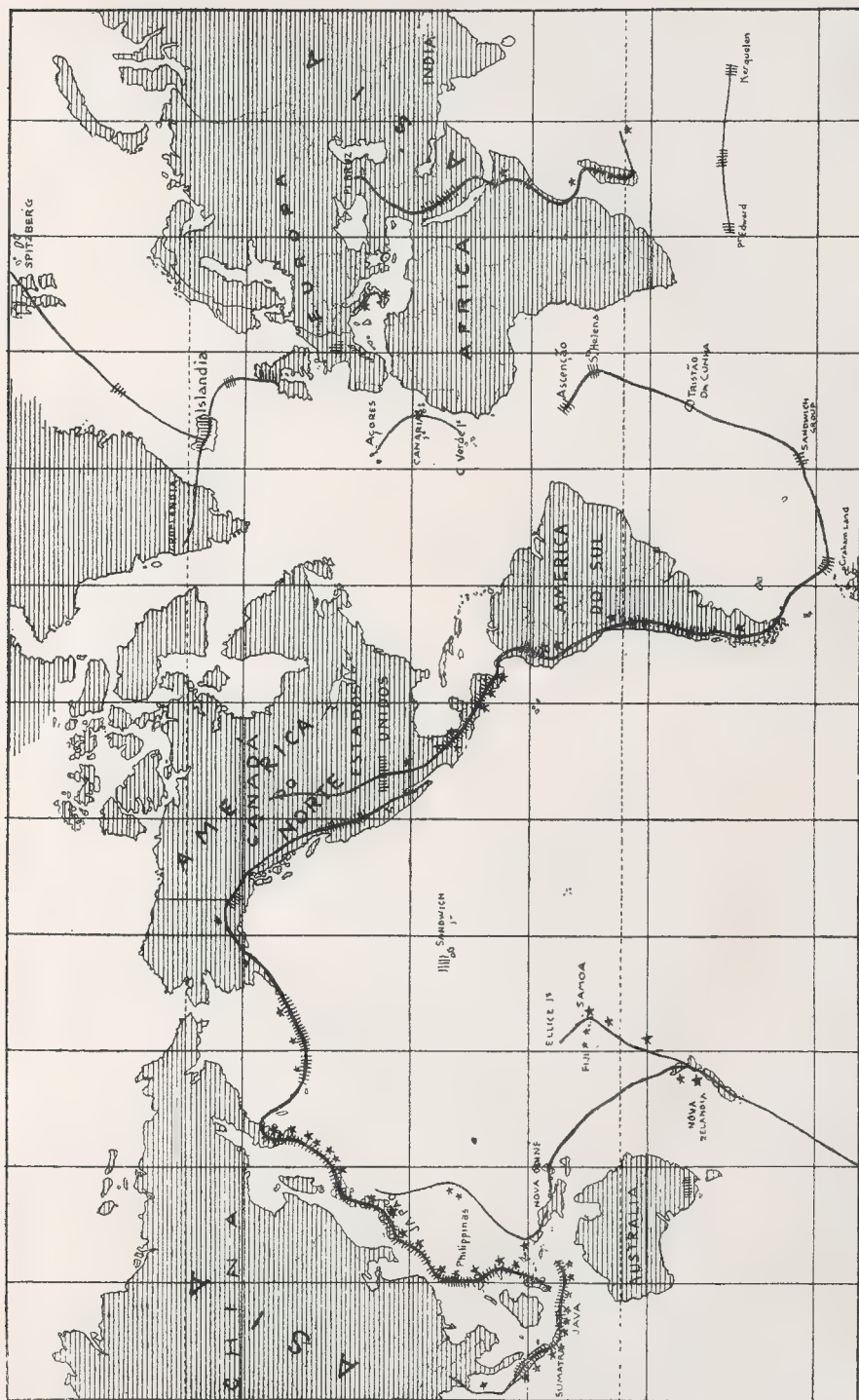
Esta foi a primeira erupção do Vesuvio conhecida na historia. De então para cá teem continuado as erupções com mais ou menos regularidade. Em 1631, quando teve logar uma terrivel explosão, sahiram das montanhas enormes torrentes de lava que percorreram a distancia de cinco milhas, destruindo cidades e sepultando centenas de creaturas. N'essa occasião diz-se que se perderam approximadamente 18:000 vidas.

Em seguida vamos visitar os campos de Phlegraean, com Ischia e ilhas adjacentes formando um grupo de vulcões. As cratéras n'esta região são largas em comparação á sua altura, de fórma que um mappa dos campos de Phlegraean póde ser tomado por engano por um mappa de uma parte da superficie da lua, como a mostram as photographias. Houve aqui um vulcão, Monte Nuovo, que nasceu, viveu e morreu em poucos dias. A sua solitaria erupção occorreu no anno de 1538, e o lodo que d'elle dimanou veio estucar os palacios de Napoles, oito milhas distante, e construiu e levantou o cone denunciador do caso.

Depois passaremos por entre toda a região vulcanica das Ilhas de Ponza ao grupo Lipari, onde está sempre em fervura o Stromboli. O Stromboli tem estado em trabalho, expellindo vapor ha mais de 2000 annos. Dentro da sua cratéra uma grande massa de lava em calor branco, permanentemente liquida, está fervendo e engrossando, levantando com a detonação de uma pistola grandes bolhas d'agua na superficie em que fazem explosão.

Os tres vulcões acabados de descrever, Vesuvio, Monte Nuovo e Stromboli, mostram tres phases differentes, mas typicas da vida vulcanica. O Vesuvio esteve accumulando forças no seu somno de seculos e depois abysmou o mundo com uma aterradora erupção, tendo estado em alternadas eras comparativamente quieto ou terrivelmente activo. Monte Nuovo esgotou-se e morreu, depois de uma exhibição de dias apenas. Stromboli apresenta uma acção uniforme, serena, nunca excessiva, mas nunca em repouso. Vêem-se estes caracteristicos em menor escala em muitos outros vulcões por toda a parte do mundo.

Notemos em seguida o Etna, o maior vulcão da Europa. Eleva-se a 3:300 metros acima do nivel do mar. A sua base tem noventa milhas de circumferencia. O Etna tem uma má reputação; uma grande lista de crimes lhe

Planispherio — *Onde estão traçadas as linhas fracas da crusta da terra, marcando-se por estrellas os vulcões em actividade e por pequenos traços os latentes ou inactivos*

é imputada pelo professor Bonney no seu trabalho *Vulcões*.

Em 1169, por exemplo, quando foi destruida Catania, perderam-se 15.000 vidas. Em 1669 abriu-se uma grande fenda no flanco da montanha no comprimento de doze milhas, pela qual fluia a lava; arrebentou uma grande inundação em 1755, e uma torrente de lava desceu n'um percurso de seis milhas em 1852. Mais de cem erupções confirmam a má fama do Etna.

A terra firme da Asia está livre de vulcões e por isso atravessamos este continente até chegar ao grande agrupamento de ilhas que bordam suas costas orientaes.

Ha de vêr-se que, por toda a costa oriental da Asia, as linhas fracas na crusta da terra formam uma longa cadeia em curvas com as suas pontas para dentro da terra. Partindo de Burmah podemos traçar uma linha fraca que percorre dois terços do caminho á roda do globo. Acima da costa oriental da Asia, através do mar de Behring, abaixo das costas occidentaes da America do Norte e do Sul, volta pelo cabo Horn e segue, através das ilhas Sandwich pelo oceano Atlantico acima.

De Burmah, a primeira linha a traçar corre por entre as ilhas Andaman e d'alli por Nicobar, Sumatra, a bahia de Sunda, onde surge a afamada Krakatoa, Java, Bali, Lombok, Soumbava, Flores, até as pequenas ilhas de Timôr.

Uma das do grupo de Andaman consiste n'uma cratéra antiga de kilometro e meio de diametro. Esta cratéra foi invadida pelo mar, acima do qual se eleva um cone central á altura de 305 metros. Nicobar não tem vulcões em actividade, mas em Sumatra ha sessenta e seis cratéras, umas activas, outras extinctas.

A espantosa erupção de Krakatoa em 1883, depois de um descanço de 200 annos, é uma das mais celebres na historia vulcanica. As grandes erupções de 26 e 27 de agosto, foram annunciadas durante quatorze semanas por uma serie de erupções mais pequenas, que arremessavam terra e pedra pomes á altura de sete milhas, acompanhadas de vivas detonações que se ouviam a cem milhas de distancia.

Todavia, estas foram insignificantes comparadas com as explosões de agosto, que se ouviram distinctamente a mais de 2000 milhas de distancia. A ilha estava escondida debaixo de uma nuvem de vapor d'agua phosphorescente, elevando-se á altura de desesete milhas: quando desappareceu a nuvem viu-se a maravilhosa mas tremenda mutação. Dois terços da terra tinham ficado completamente divididos.

Uma espessa poeira sahia do vulcão, arremessada á altura de vinte e cinco milhas, espalhando uma pavorosa escuridão, mesmo até a Batavia situada a cem milhas de distancia. A poeira mais fina, levada pelos ventos, viajava á roda da terra, produzindo esplendidos effeitos crepusculares. As explosões levantavam no mar ondas immensas, batendo contra as costas de Sumatra e outras ilhas, espalhando terrivel devastação; e os effeitos d'esta desordem do mar chegaram até o canal de Inglaterra.

De Krakatoa corre a linha até Java, onde se levantam quarenta e cinco vulcões formando grupos, distanciados de trinta milhas. Goentoer é o mais activo. N'um dos seus violentos paroxismos, descarregou mais de dez milhões de toneladas de cinza fina. Menos frequente em exercicio, mas mais destruidor quando trabalha, é o Galoongoon. Quando o Galoongoon fez erupção em 1822, arremessou uma torrente de lama a mais de doze milhas de distancia, a qual n'alguns pontos attingiu a altura de 15 metros. Padjalan é o nome de uma cratéra em Java que emitte gazes venenosos, victimando, como é sabido, muitos tigres e rhinocerontes que descuidosos os aspiram.

Continuando a linha do lado do oriente, por Bali e Lombok, vamos a Soumbava, onde o vulcão Timboro em abril, de 1815, subitamente arrebentou n'uma explosão tão espantosa, prolongada e de effeitos tão desastrosos, que d'ella pereceram mais de cem mil pessoas.

Torneando o lado norte, seguimos as longas curvas de fractura através das differentes ilhas da costa asiatica, tocando nas Philippinas, onde em 1872 um vulcão explodiu com tão desusada violencia, que attingiu as costas do Japão.

O Japão treme prepetuamente; e com os tremores de terra, erupções e desequilibrios terrestres de toda a sorte, marca um dos pontos mais perigosos de fraqueza na crusta da terra. A cratéra mais elevada é a da Fusiyama adormecida, d'onde não tem havido erupção alguma desde 1707. Não se deve todavia desejar que um vulcão esteja em socego; quanto mais descança, maior é a força que accumula, até que um dia não podendo já conter a sua energia suffocada, faz tremer o mundo na violencia das suas explosões. A prova, por exemplo, está n'aquelle celebre vulcão japonez, Bandaisan, que dormiu pacificamente por mais de mil annos, e inesperadamente, n'uma bella manhã de julho de 1888, arrebentaram os vapores aprisionados, arremessando para o ar uma massa incalculavel de destroços da propria montanha.

Do Japão, a zona fraca corre até Kamtchatka e d'ahi atravessa o mar de Behring até a America.

De norte ao sul, as costas occidentaes da America e da Alaska são inteiramente flanqueadas de montanhas onde se encontra mais de um vulcão em actividade, sendo as linhas fracas nitidamente marcadas até o cabo Horn. Uma corre pela Sierra Nevada até a baixa California; a outra segue das montanhas Rochosas, atravez da America Central e por toda a costa abaixo do continente sul, ao longo dos Andes. O lado occidental das montanhas Rochosas é uma vasta extensão de terra, maior do que a peninsula iberica, arida planicie de basalto, formada pelo fluxo das lavas sahidas das fendas eruptivas. Estas differem das outras formas vulcanicas; a lava sae por numerosas fendas abertas na superficie da terra, estendendo-se muitas vezes sobre milhares de milhas quadradas e dispersando impetuosas correntes de agua.

No lado oriental das Rochosas está o districto do muito afamado Yellowstone Park, cujas nascentes quentes e *geysers* provam que a temperatura ali é ainda muito intensa a pouca profundidade.

Entre os mais notaveis vulcões da America estão o Jorullo, o Popocatepest, o Cotopaxi, o mais alto vulcão do mundo, e o Consequina cuja tremenda explosão em 1835 foi muito similhante á da primeira erupção do Vesuvio, e á de Krakatoa em 1883. A America possue ao todo quasi cem vulcões.

Encontram-se muito poucas ilhas no oceano Atlantico. Todavia depois de deixar o cabo Horn, a linha fraca póde ser traçada no grupo Sandwich, onde ha uma cratéra em actividade; d'ahi ao grupo Tristão da Cunha, um dos mais isolados arhipelagos do mundo, e segue pela vulcanica Santa Helena e pelas ilhas d'Ascensão inteiramente formadas por erupções. As ilhas dos Açores, Canarias, e Cabo Verde, são tambem de origem vulcanica.

Na terra firme de Africa só se sabe da existencia de um grupo de respiradouros em actividade.

Voltando agora ao oceano Pacifico, póde traçar-se a linha fraca do Japão até a Nova Guiné, d'ahi á Nova Zelandia; e do mesmo modo da região do polo Antarctico ao Monte Erebus, que ainda está em actividade, e ao Monte Terror, envolto em profundo somno.

Desligadas de qualquer linha fraca em torno do equador, estão as ilhas Sandwich ou Hawuaii, ultimo ponto a visitar na nossa volta aos mundos vulcanicos.

Estas ilhas não são senão um grupo de differentes cones vulcanicos, porém durante trez quartos de seculo todas as erupções que tiveram lugar não foram explosivas. As cratéras activas estão em Hawaii, com os suaves e melodicos nomes nativos de Kilauea, Hualalai, e Loa; ha ainda dois outros cones, um d'elles chamado Kea, elevando-se a 4:200 metros.

Kilauea é uma vasta cratéra com duas milhas e meio de comprido e quasi duas milhas de largo. A duzentos metros aproximadamente abaixo da orla superior está um lago de lava liquida, agitado e ardente. A lava n'este lago de fogo, eleva-se e cae, como uma columna de mercurio em qualquer barometro gigantesco, conforme a actividade ou immobilidade do vulcão. Accidentalmente a lava eleva-se ao cume da cratéra e trasborda, como geralmente succede ás outras; mas a maior parte das vezes a lava abre caminho pelas fendas subterraneas até achar um ponto bastante fraco na terra que lhe permitta a livre erupção.

Foi o que succedeu em Kilauea em 1840. Previamente a columna de lava na cratéra tinha-se elevado a tal altura que ameaçára trasbordar. Depois submergiu-se gradualmente, e simultaneamente na extremidade de uma cratéra a cinco milhas sudeste de Kilauea fez a sua apparição á superficie. Por trez semanas a columna do reservatorio continuou a afundar-se, e afinal n'uma distancia de vinte e sete milhas de Kilauea arrebentou em impetuosa torrente, levando adiante rochedos, arvores e florestas: trez semanas continuou a innundação a correr para o mar.

Quando a grande corrente chegou ao mar (diz o professor Bonney), submergiu-se com grandes detonações, estendendo-se pela linha da costa exterior por quasi um quarto de milha e as aguas tornaram-se tão quentes que por vinte milhas em redor as margens appareceram semeadas de peixes mortos. A lava ardente, ao encontrar-se com as aguas, despedaçou-se em milhões de particulas elevando-se em nuvens que escureceram o céu, cahindo depois como uma tempestade de granizo.

Regressando, agora desta visita rapida aos vulcões do mundo, convem demorarmo-nos um pouco no estudo do phenomeno que os geologos não conhecem outro mais fascinador.

O vapor d'agua, de mistura com outros gazes, é indubitavelmente o mais forte agente das erupções vulcanicas. Todas as explosões são acompanhadas de vapor d'agua detonando como tiros de peça, e tem-se reconhecido que a agua entra na composição dos productos vulcanicos.

Como a agua convertida em vapor occupa

quasi 1700 vezes o seu volume primitivo, na sua enorme força expansiva se encontra promptamente a causa das explosões vulcanicas. Quando a lava enche o cano do vulcão, o vapor d'agua accumula-se n'um limitado espaço, e d'ali determina a explosão final.

D'onde vem a lava e de que profundidade? Como primitivamente, antes de principiar a trabalhar a força explosiva do vapor d'agua, veiu a lava impellida para a superficie da terra?

Como já se fez notar. quasi todos os vulcões estão perto do mar. A agua do mar acharia facilmente caminho, por entre as fendas da crusta da terra, em direcção á lava accumulada na caldeira do vulcão. Pensa-se que as espantosas explosões de Krakatoa foram devidas principalmente ás aguas do oceano, arremessando-se por entre as fendas abertas no fundo e vindo juntar-se á lava derretida.

A lava, a escoria e outras materias que expellem o vulcão, consideram-se como a materia typica existente abaixo da crusta da terra.

A lava sahida da boca de um vulcão tem uma temperatura poucas vezes inferior a 2000 graus e, como o termo medio do augmento de temperatura da terra a partir da superficie para a profundidade é aproximadamente de 1 grau C. por cada 30 metros d'esta proporção, deduz-se com facilidade qual a profundidade aproximada donde dimana a lava ou seja entre vinte e trinta milhas.

Na força expansiva do vapor encontra-se o agente proporcionado para impellir a lava ardente das regiões inferiores para a superficie, atravez dos logares fracos ou fendas da crusta da terra. O vapor é portanto um factor poderoso na erupção da lava; mas esta é primeiramente impellida pela pressão fornecida pela contracção do globo em consequencia da perda do calor. As camadas do globo, abaixo da parte solida exterior, vão esfriando de fórma que a crusta torce-se e fractura-se, comprimindo as massas interiores fluidas.

E a lava sahe atravez das roturas e fendas da crusta, como a tinta de oleo do pequeno tubo de chumbo quando se comprime para a derramar sobre o paleta d'um pintor.

Cratera d'um vulcão extincto

O DIA DAS SÉSTAS

No calendario das usanças populares, a segunda-feira dos Prazeres, a da semana de Paschoela, marca o principio das *séstas* — as duas horas de descanço, apoz o jantar, para os que levam a vida e o trabalho arduo, do nacer ao pôr do sol, na amarga preoccupação do pão de cada dia. Para o povo trabalhador, aquella segunda feira é dia de festa — a festa do sol, n'um aspecto pagão, naturalista, primitivo, embora em concordancia com uma invocação religiosa, para simples limitação de epoca, como o domingo da Invenção da Cruz para o sul do paiz, o S. João ou o S. Miguel em contratos de lavoura.

Em Lisboa, por curiosa coincidencia de local e de tradição, e para evidencia dos contrastes necessarios, o povo operario vae buscar as *séstas* ao cemiterio, ao campo santo; vae buscar ali o somno reparador das energias dispendidas no puxar violento da enxada ou no manusear rythmico do martello, junto dos que dormem para sempre, no seio da terra, em repouso eterno.

A romaria festiva dos que, em desforra das duras exigencias da vida, saudam o bom sol, confunde-se com a peregrinação tristemente emocionante dos que, em braçados de rozas frescas, levam a recordação piedosa aos covaes dos seus dilectos.

A primavera, que renova a seiva e enflora a campina, tambem guarnece e enfeita o campo dos mortos. A natureza borda por sobre o tapete verde dos prados os graciosos arabescos das floritas singelas, fortemente coloridas, e ao mesmo tempo, a saudade dos crentes entretece por sobre os tumulos as grinaldas symbolistas dos mysterios d'alem da vida.

Curioso e extranho o aspecto d'aquella multidão, invadindo o cemiterio, tão diversamente impulsionada, dividida em ranchos alegres por entre jazigos brancos, d'uma brancura soberba e vaidosa, ou dispersa em pequenos grupos sombrios, olhos fitos na terra, recentemente remexida, em dolorosa interrogação do invisivel.

A luz forte do meio dia, incidindo a prumo, espalma a paizagem ; o calor intenso põe vibrações de sensualidade no ambiente sêcco ; o azul do ceu desmaia e acinzenta-se no horizonte recortado pela casaria branca. Em baixo no valle que se despenha para o largo

No Largo do Cemiterio dos Prazeres

Tejo prateado, as chaminés das fabricas, esguias como os cyprestes, não se empenacham de fumo. Ha por vezes um grande silencio morno. Depois sente-se o esboroar d'areia fina das ruas sob as passadas pesadas dos que chegam para as visitas funebres, ou para a folga despreoccupada, a terminar lá fóra,

As séstas

n'uma quinta proxima, sobre a relva, em sitio assombreado, n'um jantar de festa, abundantemente regado de vinho tinto. De quando em quando cortam o ar sereno os echos d'uma gargalhada metallica e fina como o gume d'uma espada; soltou-a, alli em cima, ao quebrar d'uma rua, menos concorrida, uma rapariga fresca, d'olhos negros e bocca vermelha, seios turgidos, a quem um rapaz de chapeu redondo de abas largas furtou um beijo.

A lascivia do amor no logar da morte, como na vida toda, onde um fundo de dor realça sempre o prazer.

Lá ao fundo, na esplanada dos covaes, apoz as fileiras de capellas trabalhadas, grupos de ovarinas mourejam resignadamente na ornamentação das sepulturas semeadas de flores e de cruzes, e accendem em pucarinhas de barro pequenas lampadas deante de retabulos coloridos. N'um canto, em baixo, quasi junto ao muro extremo, uma mulher de olhar sombrio, vestido, chaile e lenço pretos, cara enrugada pelo trabalho e pela privação em velhice prematura, estaciona, alheada ao que passa, defronte d'uma cova. Ha tres annos successivos que pela Paschoa ella traz ao filho morto um saquinho d'amendoas brancas, ingenua memoria da sua saudade e delicada merenda para os vermes de terra fria.

Acolá em cima, debruçada sobre os degrus de um tumulo, uma creança loura, muito rosada e alegre, está colhendo um goivo vermelho, florido entre as frinchas do marmore.

Cá fóra, na porta do cemiterio, agrupam-se afogueados pelo calor numerosos freguezes em torno das vendedeiras de limonadas. Pela estrada enfumada de poeira, vão marchando alegremente bandos que transportam em folgada algazarra bojudos garrafões, no antegosto sybarita das favas guizadas em chouriço e da salada d'alface frescamente colhida. Mais adiante, sobre uma espalda sombreada, dormem pesadamente, n'um abandono organico, alguns operarios. Ao vêr aquella *sésta* bem dormida, sob a acção depressiva do calor intenso, n'este periodo em que a amplitude crescente dos dias excede a capacidade trabalhadora, reconhece-se a necessidade de restabelecer a equação do salario fixo e da energia despendida. A tabella astronomica impõe-se aos regulamentos da fabrica e do campo; que o clima determina a um tempo a paizagem e os costumes. O sol que illumina e requeima a verdura, cresta ao mesmo tempo a face; e onde as ondas de calor imprimem vibrações subtis ao meio ambiente, a tensão organica tambem se activa e nos olhos accende-se o fogo sensual. A *sésta* dolente e pacificadora tem portanto a sua definição nos costumes e a sua justificação no clima.

O povo operario festeja com razão a segunda-feira dos Prazeres, como se fôra a commemoração d'uma antiga victoria sobre a tyrannia; da mesma sorte que nas epocas modernas se festeja o primeiro de maio, como esperança de conquista nova, para a reivindicação dos tres oitos da formula socialista.

Publicando n'este nosso numero um expressivo *pas de quatre*, delicada offerta d'uma gentilissima senhora, D. Maria Julia Loureiro de Macedo, que reune ás graças da juventude as excellencias d'um espirito culto, os SERÕES tem ensejo de mais uma vez dar publico testemunho da carinhosa protecção que as damas portuguezas lhe teem dispensado, e muito especialmente á intelligenie auctora d'esta pequenina mas suggestiva composição musical, os SERÕES se confessam reconhecidos. Pouco a pouco, e seguindo exemplos que no estrangeiro são numerosos, a collaboração artistica feminina, sempre bem vinda, virá sem duvida enriquecer as paginas da nossa revista, e para as primeiras que nos distinguem, é tanto mais caloroso o nosso agradecimento.

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

JANEIRO **26**—*Turquia*—O sultão publica um decreto prohibindo todos os jogos d'azar—*Italia*—O governo prepara medidas extremas para impedir a gréve geral dos empregados dos caminhos de ferro. —*França*—E' prohibido pelo governo francez o congresso que, a instigação dos principes Salah-Eddine e Lut Fulah, sobrinhos do sultão Abdul-Hamil deviam celebrar em Paris os delegados de todas as classes e regiões da Turquia. — *China* — a côrte imperial abona ao governador Yan-chi-kae um credito annual de 5 milhões de taeis para manter um exercito de 100.000 homens na provincia de Chi. O governador tenciona pedir para esse exercito instructores japonezes e inglezes.—*Marrocos*—O sultão Muley-Ald-el-Azir retira a sua confiança ao commandante em chefe sir Harry Maclean.—

27 *Italia*—O papa envia ao sr. Sidal, embaixador demissionario junto do Vaticano, as insignias da grã-cruz branca acompanhadas de uma carta affectuosissima. — O pessoal dos tramways das cidades principaes ameaça pôr-se em gréve, manifestando se a primeira em Genova—*Canadá*—O governo auctorisa a Canadian-Pacific-Railway a fazer uma emissão de vinte milhões de dollars.—*Inglaterra*—A camara dos lords approva uma moção do barão Wemyss pedindo vigorosa continuação da guerra na Africa Austral e rejeita uma emenda do conde Derby, accusando o governo de imprevidente na preparação e direcção da guerra. — O recenseamento da população mostra que esta sóbe em Londres a 4:536.540 individuos dos quaes são estrangeiros 135.377, e d'estes são italianos 10.889.—*Estados Unidos*—Dá-se uma grande explosão de dynamite destinado ás obras da construcção do tunnel de transito rapido, abalando todo o bairro circumdante, derribando carruagens e cavallos, etc, sendo encontrados 4 individuos mortos e 75 feridos.

28 *França*—A camara dos deputados approva o projecto de lei que tem por fim completar o fomento nacional pelo melhoramento e construcção de vias navegaveis, canaes e postos maritimos—Constitue-se em Paris um *comité* para elevar em França um monumento a Garibaldi. — O sr. Santos Dumond executa uma nova ascensão em Monaco por cima da enseada fazendo evoluções durante 45 minutos em todos os sentidos e attingindo sobre o alto mar uma altura de 100 metros. —*Hespanha*—O embaixador francez entrega ao rei Affonso XIII as insignias da gran-cruz da Legião d'Honra—*Portugal*—O ministro da marinha apresenta ao parlamento a proposta de lei relativa á navegação de cabotagem, á reforma por equiparação na armada e ao hospital colonial—*Grecia*—Um violento incendio destroe o celebre convento do Monte-Athos morrendo dez frades carbonizados e ficando 30 gravemente feridos. Os prejuizos são calculados em 2 milhões de francos.

30 *Austria* - O engenheiro Nimfur de Vien

na inventa uma machina voadora com o peso de 20 kilos e a força de 30 cavallos.— *França* —Batem-se em duello em Paris o principe Danilo Alexandre, herdeiro do Montenegro com um irmão, o principe Mirko, por este ter re dicularisado as princezas de Mecklemburgo Strelitz, ficando o principe Danilo ligeiramente ferido.—*Estados Unidos* — E' apresentada no senado de Washington uma proposta para que se reatem as negociações com a empreza do canal do Panamá, se a Colombia conceder uma faxa de dez milhas de terreno; no caso contrario, que se construa o canal de Nicaragua.—*Italia*— Desapparece de Turim o tabellião Boselli presidente do Centro Eleitoral Catholico.

31 *Mexico* — Dá se uma violenta explosão em uma mina de carvão situada a 85 milhas ao sul de Eagle Pass na occasião em que trabalhavam 165 mineiros, tendo sido retirados 106 cadaveres—*Hespanha*— E' nomeado embaixador de Hespanha junto do Vaticano, o sr. Gutierrez Aguera — *França* — O conselheiro Roume, director do ministerio das colonias é nomeado governador geral da Africa Occidental. — *Estados Unidos*—Realisa-se em Lincoln um comicio em que é votada uma mensagem de sympathia aos boers e bem assim da camara ao governo de Washington por não ter dado pesames a Kruger pela morte da esposa.

Fevereiro **1** — *Africa* — E' assignado pelo principe d'Arenberg e pelo presidente do conselho de ministros egypcio a convenção entre a Companhia do canal do Suez e o Egypto, obtendo a Companhia a franquia das alfandegas e sendo declarado franco, o porto de commercio de Port-Said. — *Turquia* — Em consequencia de um incendio no deposito do material de guerra de Krajugeral, explodem mais de 500:000 cartuchos. —*Belgica* — O congresso dos assucares encarrega a Belgica de apresentar um novo projecto supprimindo os premios de exportação. — *Inglaterra* — A camara approva um voto de homenagem ao procedimento das tropas na Africa do Sul.

2 *Allemanha* — O partido socialista resolve realisar no *Reichstag* uma energica campanha contra o augmento dos direitos sobre o trigo. O capitão Sigfeld e o dr. Luik sahem de Berlim n'um globo militar sendo arremessados em cinco horas até perto de Antuerpia. O capitão ao querer saltar do balão foi arrastado durante muito tempo, sendo depois encontrado morto. — *Portugal* — 7.° anniversario do combate de Marracuene em que o regimento de caçadores 2 tomou uma parte importante.— *Estados Unidos* — Um terrivel incendio em Waterbury produz enormes estragos avaliados em 2 milhões de dollars. — *China* — Um edito da imperatriz regente auctorisa para o futuro, os casamentos entre mandchús e chinezes e recommenda o abandono do costume de metter em talas os pés das mulheres. Um edito do imperador exhorta os membros da familia imperial e das elevadas familias do imperio a viajarem no estrangeiro e a assimilar a civilisação dos povos estrangeiros. Yong-Lu é nomeado primeiro grande secretario em substituição de Li-Yung-Chang.

3 *Portugal* = Primeira comunhão de Sua Alteza o senhor infante D. Manuel na real capella das Necessidades.—Regressa de Macau a Lisboa a bordo do transporte *Africa* a força expedicionaria commandada pelo capitão-tenente Assis.— *Austria* — Os fogueiros do *Lloyd* em Trieste declararam-se em gréve, pedindo reducção nas horas de trabalho. — *Inglaterra* — A camara dos communs approva o crédito supplementar de 5 milhões esterlinos para o orçamento da guerra. — *Malta* — As auctoridades decidem reforçar a defeza naval nas aguas de Malta pela creação de uma reserva militar. — *Republica Argentina*—Os drs. Marcellino Ugarte e Adolpho Saldias são proclamados governador e vice-governador da provincia de La Plata. — *Nicaragua* — E' eleito presidente o general Zelaya. — *Turquia* —Descobre-se em varias provincias uma conspiração de mulssulmanos e armenios. E' exonerado Emin-Pachá, sendo substituido por Mussetarif.

4 *Hollanda* — A Hollanda offerece-se para propôr aos delegados boers que fossem buscar á Africa Austral plenos poderes dos generaes boers para negociar a paz. A Inglaterra responde em termos moderados, recusando admittir a intervenção de uma potencia estrangeira, dizendo que as negociações só se devem effectuar na Africa. —*Russia*— E' proclamado o estado de guerra em Kieff, Odessa e Charcoff em virtude de ter recrudescido a agitação revolucionaria. — *Austria* - Abertura da sessão parlamentar do *Reichsrat*.

6 *Turquia*—Mahumed-Damad-Pachá é condemnado á morte, tendo sido julgado á revelia. — *Indias inglezas* = Rebenta uma revolução nas immediações de Masizabad, dez mil sublevados batem-se com as tropas conseguindo rechaçal as.

7 *Bulgaria* — O professor Karandjut de Sophia assassina com dois tiros de revolver o ministro de instrucção publica, suicidando-se em seguida. — *Hespanha* — O congresso approva o projecto de lei relativo ao pagamento em ouro dos direitos aduaneiros. O ministro saxonio dá a sua demissão em consequencia d'uma moção de desconfiança approvada unanimemente pela camara dos deputados.—*Bohemia* — A policia prende em Reichenberg 13 operarios incriminados de conspiração, sendo-lhes apprehendidos documentos comprommettedores. — *Africa* — O Estado independente do Congo resolve mandar construir o caminho de ferro atravéz dos grandes lagos centraes, e para unir o Atlantico com o Oceano Indico. —*Turquia* — O sultão põe termo, satisfactoriamente, á questão pendente entre os monges gregos e os padres franciscanos de Jerusalem, a respeito da limpeza do Santo Sepulcro, cuja honra ambas as congregações disputavam. *O iradiê* imperial concede eguaes direitos ás duas partes.

8 *Estados-Unidos* — O governo notifica á Russia a sua resolução sobre a Mandchuria, ácêrca da sua abertura ao commercio.—*China*

— O governo imperial despede os professores europeus da Universidade e colloca o presidente n'um posto subalterno. — *Malta* — E' publicado um decreto annullando outro que prescrevia o uso do inglez nos tribunaes como lingua official.

9 *Estados-Unidos* — Rebenta um violento incendio na fabrica de tramways electricos de Patterson, New-Gersey, destruindo a rua principal o palacio municipal, 26 predios urbanos ficando feridos 20 pessoas e centenares de habitantes sem abrigo. As perdas são avaliadas em 10 milhões de dollars.—Outro incendio destroe em Saint-Louis o *Empire Hotel*, ficando mortas 10 pessoas e feridas muitas outras.

10 *Italia* — Os chefes da democracia christã decidem não attender ás advertencias do Papa e manterem a organisação e funccionamento actuaes — *Costa Ricca* — Desaba uma egreja em Chirigui morrendo 13 pessoas e ficando feridas 30.

11 *China* — A população anti-christã incendeia os edificios da sociedade de missionarios de Berlin em Fa-Yan, perto de Cantão.

12 *Estados-Unidos* — O *trust* dos assucares enceta uma violenta campanha na imprensa e um comicio contra as reclamações dos productores de Cuba — *Russia* — O czar resolve oppôr-se á politica reaccionaria do santo synodo, accusando este o czar de liberal por se negar á deportação do principe Stakowitch para Siberia por ter pronunciado um discurso favoravel ao systema constitucional. — *Estado do Colorado* — O senado vota uma resolução pedindo ao presidente Roosevelt que intervenha na questão da Africa Austral.

13 *Portugal* — O vapor *Peninsular* abalroa no Tejo com vapor *Conseil* mettendo este á pique. — *Russia* — Rebenta uma violenta explosão de gaz *grisu* nas minas de carvão da sociedade metallurgica de S. Petersburgo, causando a morte a muitos operarios. — *França* — Declaram-se em gréve 8:000 operarios das fabricas de azeite em Marselha pedindo augmento de salario. Um violento incendio destroe um bairro em Lorient proximo á estação ferindo varias pessoas. Os prejuizos são avaliados em um milhão de francos. — *Hespanha* — Varios governadores de provincia e entre elles o de Barcellona pedem a demissão em consequencia da campanha de moralidade emprehendida pela imprensa e pelo parlamento.— O sr. Ramon Nocedal apresenta no congresso uma interpellação contra o duello. — *Ilhas portuguezas* — Por falta de consumo occasionado pelo imposto, fecha a fabrica de cerveja de Mello Abreu despedindo todo o pessoal. — *Marrocos* — O governo marroquino auctorisa a exportação da cevada até nova ordem.

14 *Italia* – O rei assigna o decreto que concede á viuva de Crispi a pensão annual de 15:000 libras. — *Austria* — E' declarada a gréve geral em Trieste fechando todas as fabricas e casas commerciaes.

16 *Austria* — E' proclamada a lei marcial na cidade e no territorio de Trieste. — *Italia* — Desaba em Napoles um predio de cinco andares, habitado por numerosos inquilinos, dos quaes muitos ficaram feridos.

17 *Hespanha* - Declara-se a gréve geral em Barcelona — *Austria* — Os operarios grévistas de Trieste voltam todos ao trabalho, ficando restabelecido o socego.—*Taku* Produz-se um violento tremor de terra em Chemkha, matando 2000 pessoas e destruindo 400 predios de casas, 34 aldeias do circulo de Chemkha soffrem grandes estragos. Na aldeia de Marasa está em erupção um vulcão. O rei Gheoclácka muda de leito em consequencia de um deslocamento de terreno.—*Italia* — Cerca de 15:000 operarios romanos realisam um comicio para protestar contra a falta de trabalho. A' sahida organisar uma manifestação tumultosa intervindo a força armada que descarrega alguns tiros resultando muitos ferimentos.

18 *Hespanha* — O congresso approva urgentemente o projecto de lei suspendendo as garantias constitucionaes na provincia de Barcelona. São presos por ordem da auctoridade militar todos os individuos que constituem a junta directora da gréve, sendo sujeitos ao processo militar. São detidos pelos grevistas os carros da carne que se dirigiam para os talhos. — *Estados-Unidos* — O imperador Guilherme e o principe Henrique da Prussia são nomeados membros do *Atlantic Yacht-Club.* — O senado ratifica a approvação do tratado de compra das Antilhas dinamarquezas.—*Uruguay* — O presidente Cuestas abre o parlamento.—*França*—Verifica-se um duello á pistolla entre Cavaignac e Kendutt, trocando-se duas balas sem consequencias. — São destruidos por um incendio as officinas de tinturaria Pincaud em Brest installadas em trez predios, resultando perdas materiaes enormes.

19 *Inglaterra* — O circulo operario internacional vota moções de felicitação aos operarios de Trieste e Barcelona, incitando-os a proseguirem na gréve.—A junta Geral da federação liberal nacional de Leicester approva uma resolução condemnando a politica de rendição incondicional dos boers.— *Hespanha* — Realisa-se n'um arrabalde de Madrid um duello á pistola entre o deputado republicano Blasco Hañer e o general Bernal, sem consequencias. — *França* E' preso em Nice um barão allemão, accusado de espionagem por conta da Allemanha, a quem foram encontrados cartuchos da arma Lebel e um mappa do estado maior. - *Italia* — O conde Giusso dá a sua demissão de ministro das obras publicas por causa da questão do divorcio, sendo substituido interinamente pelo sr. Zanardelli.

20 *Italia* — O rei Victor Manuel abre a sessão parlamentar, annunciando a apresentação do projecto de lei sobre o divorcio destinado a melhorar a situação dos filhos naturaes. — *Mespanha* — E' publicada a lei marcial em Hanresa declarando-se a gréve geral e absoluta, generalisando-se ás populações fabris espalhadas em toda a região de Cuancas, excedendo o numero de grevistas a 12000. Muitos operarios de Valencia abandonam o trabalho,

Em Saragoça um numeroso grupo de operarios percorre as fabricas e officinas excitando os operarios á gréve. Em Sabadell e Rens declara-se a gréve geral. E' affixado nas ruas de Barcelona um bando do governador militar suspendendo as garantias constitucionaes. Dão-se graves tumultos entre os grevistas, e a guarda civil e a policia de SaragoçaValença e Castellon. A gréve alastra-se a Villa Franca, Panadas, Valls e Masnon. — *Italia* — Completa 24 annos de pontificação o Papa Leão XIII.—*Belgica* · Realisam-se em Bruxellas e Liege manifestações anti-militaristas organisadas pelo partido socialista.

21 *Hespanha* — E' declarado o estado de sitio na provincia de Tarragona. — *Belgica* — Dá-se uma explosão de grisu na mina de Charleroi matando 5 operarios. — *Russia* — E' encerrada a Universidade de S. Petersburgo em consequencia de motins dos estudantes.— *Allemanha* — E' executado em Berlim o bandido Keiss.

22 *Portugal* — Abertura da exposição de aves em Lisboa, promovida pela Sociedade Nacional de Horticultura. — *Italia* — A Associação geral dos operarios de Turim vota a greve geral, tendo abandonado as officinas 5000 operarios de ambos os sexos. — *Russia* — São fechadas as universidades de Kiew e Karkow.

23 *França* — Declaram-se em gréve os empregados dos carros americanos e electricos de Brest, porque a empreza se nega a admittir um fiscal que havia sido despedido da fabrica de electricidade. — *Inglaterra* — Produz-se um violento incendio no quartel de artilharia de Wolwich. — *Hespanha* — Barcelona recobra quasi o seu aspecto ordinario. Declara-se a gréve geral em Sevilha. — *China* — O principe Ching faz uma concessão á Allemanha no Chatonng.

24 *Portugal*—E' apresentada ao parlamento uma proposta da reforma da Academia, Escola e Museo Portuense de Bellas Artes. — *Hespanha* —Voltam ao trabalho a maior parte dos operarios grevistas de Barcelona. — *Inglaterra* — O War-Office resolve crear uma cadeira de tactica militar na escola de estado maior. — *França* — Produz se uma manifestação socialista em Bordeus na occasião em que o ministro do commercio é recebido pelos delegados das associações operarias, dando logar a varios disturbios.=A camara dos deputados discute as moções relativas ao serviço militar de 2 annos.

25—*Portugal*—Os enormes temporaes causam grandes inundações na peninsula e acentuadamente em Leiria produzida pelo transbordamento das aguas do rio Liz.—*França*— O senador Guérin entrega na secretaria do senado um pedido de interpellação sobre a situação creada aos portadores da divida portugueza.

26 *França* — Celebração do centenario de Victor Hugo. — *Brazil* — Abertura solemne do congresso nacional — *Valachia* — A policia tentando impedir que centenares de operarios invadissem a camara dos deputados em Bucharest, com o fim de reclamarem modificações nas leis concernentes ao operariado, é recebida ás pedradas e cacetadas, ficando muitos homens feridos e sendo effectuadas 130 prisões — *Grecia* — O ministro da justiça pede a sua demissão para poder bater-se com o coronel Koumoundors que o provocou por causa do caso Kortales.

27 *Portugal* — E' apresentado ao parlamento o projecto de lei remodelando o ensino pharmaceutico no paiz. — *Hespanha* — O governo consente que nas fabricas d'armas de Hespanha sejam construidas 45:000 espingardas Mausers para o Mexico. — *Venezuela* — O congresso venezuelano ratifica a reeleição do general Castro para presidente da republica por um periodo de 6 annos.

28 *Marrocos* — O sultão concede á França a construcção d'um caminho de ferro do Sahará a Tafilete. — *Russia* — Em consequencia dos disturbios na Universidade de Moscow são condemnados 250 estudantes a penas que variam entre uma semana e tres mezes de prisão.

Março — **1** *Brazil* — São eleitos os srs. dr. Rodrigues Alves, presidente da Republica e dr. Silvino Brandão, vice-presidente. — *Colorado* — E' destruida por uma avalanche a aldeia de Telluride, habitada por mineiros. — *França* — Os operarios dos tabacos adherem á gréve dos operarios dos phosphoros.

2 *Venezuela* — Uma nova invasão colombiana dirigida pelo dr. Gardiras é repellida junto do Larias com grandes perdas. — *Italia* — Os estudantes romanos promovem desordens, tendo por esse facto mandado o governo fechar a Universidade. — *França* — Realisa-se na «Bourse du Travail», em Paris, um *meeting* dos operarios sem trabalho que é dissolvido no meio de grande desordem, resultando ferimentos a mais de 20 operarios e 15 policias. — *Portugal* — E' nomeado commandante das guardas muncipaes o coronel de cavallaria Filippe Malaquias de Lemos em substituição do .allecido general de divisão Antonio Abranches de Queiroz. — *Estados Unidos* — Produz-se um enorme temporal nas costas do Atlantico e do Pacifico.—A maior parte das minas de Cumberland e Pensylvania são inundadas por uma tromba d'agua.

3 *França* — E' inaugurado em Tours um congresso socialista. — *Portugal* — E' apresentada ao parlamento a proposta de lei relativa ao vinho e ao alcool nas colonias portuguezas, e outra relativa á questão vinicola. — *Italia* — O rei Victor Manuel recusa a demissão do gabinete. — *Columbia* — Os revolucionarios columbianos, commandados pelo general Villa, são batidos em Rio Frio, ficando 50 mortos e feridos. — *Roumania* — Verifica-se em Buda-Pesth um duello entre os deputados Bakousky e o conde Tisza, ficando o primeiro combatente ferido no braço direito.

4 *França* — Os operarios das fabricas de phosphoros de Pontin e Anbervilliers resolvem voltar ao trabalho, em consequencia das formaes e satisfatorias propostas. — *Italia* — E' restabelecida a ordem publica em toda a

Italia. — *Russia* — Augmenta a agitação dos estudantes em Odessa, Moscow e Kiel, encontrando se as Universidades occupadas por cossacos e os cursos interrompidos, tendo sido presos muitos professores. — *Hespanha* — Retomam o trabalho quasi todos os operarios metallurgicos de Barcelona. — *Turquia* — Em resultado da opposição das potencias, a Sublime Porta suspende a nova pauta aduaneira, cuja entrada em vigor estava annunciada para o dia 14.

5 *Italia* — Declaram-se em gréve, em Napoles, a maioria dos empregados dos caminhos de ferro — *França* — São processados dois conselheiros municipaes de Marselha accusados de immoralidades relacionadas com a exploração do Grande Theatro. — O congresso nacional dos mineiros, reunido em Alais, discute a questão do dia normal de trabalho de 8 horas e decide obtel-o por meio da gréve geral immediata sem novas negociações com o governo. — *Belgica* — E' assignada em Bruxellas a convenção assucareira. — *Inglaterra* — A camara dos communs approva por *208* votos contra *207* o projecto de lei favoravel ao estabelecimento do dia normal de trabalho de 8 horas para os mineiros. — *Soldão* — Rebenta uma insurreição acaudilhada pelo sultão de Darfour e pelo sheik Senonssi.

6 *Italia* — Termina a gréve dos empregados dos caminhos de ferro de Napoles. — Nas provincias de Florença e Ferrara sentem-se fortes tremores de terra. — *Inglaterra* — O aero-club de Londres resolve offerecer a Santos Dumõnt os recursos de que necessita para continuar em Inglaterra com as suas experiencias de navegação aerea. — *França* — Os mineiros de Carmadt resolvem a gréve geral.

7 *França* — O senado approva em primeira leitura o projecto de lei sobre premios á marinha mercante. — O congresso dos mineiros de Alais approva a nomeação do adiamento da grève geral. — *Estados Unidos* — Regressa a Winnipeg a missão enviada á busca da expedição André.

8 *Marrocos* — A tribu dos Beni-Messara submette-se á auctoridade xerifiana e promette pagar os impostos atrazados.

9 *Africa do Sul* — Declaram-se em gréve 700 homens das officinas do caminho de ferro de Durban, reclamando um supplemento de salario, tendo o governo resolvido resistir á gréve. — Os boers aprisionam o general lord-Methuen e o major Paris.

10 *Estados Udidos* - O sr. Long dá a sua demissão de secretario da marinha sendo substituido pelo sr. Moodi, representante do Massachuessets no congresso Federal. — *Italia* — A camara dos deputados elege para seu presidente o sr. Bianchieri.

11 *França* — O conselho municipal de Paris elege seu presidente para 1902 o sr. Escudier, republicano progressista. — O senado approva o projecto de lei que estabelece para as mistelas estrangeiras: 1.º um direito sobre o alcool; 2.º um direito sobre o mosto e as uvas frescas. — *Asia* — Um terrivel tremor de terra destroe 3:000 predios produzindo bastantes ferimentos e mortes em Triankari no *vilayet* de Castamanni. — *India portugueza* — São julgados e condemnados em nova Eoa, Dadá Ranes e seus cumplices implicados nos acontecimentos de Satary.

12 *Dinamarca* — A camara approva o tratado em virtude do qual a Dinamarca vende ao Estados Unidos as suas possessões nas Antilhas. — *Inglaterra* — O dr. Barton apresenta á sociedade aeronautica um novo balão airigivel. — *Hespanha* — O sr. Sagasta informa a rainha da crise ministerial apresentando-lhe a demissão do gabinete. — *Africa do Sul* — Declaram-se em gréve todos os empregados do caminho de ferro do Natal, que pedem augmento de ordenado e diminuição de horas de trabalho.

13 *Italia* — Estrea-se no theatro Scala de Milão a opera *Germanica* de Franchetti, obtendo completo exito. — *Polonia* — É fusilado em Varsovia o coronel Grimmi principal accusado do crime de alta traição e impostas penas de 10 a 20 annos de trabalhos forçados a 18 officiaes implicados no mesmo crime. — *Estados Unidos* – Declaram se em gréve 20:000 descarregadores em Boston. — A camara acceita o projecto de lei Hennburg sobre o canal inter-oceanico, preferindo-se Nicaragua. — *Africa do Sul* — O general boer Delarey põe em liberdade o general inglez Methuen, aprisionado, entregando o á guarnição ingleza de Kiksdorp.

14 *Estados Unidos* — O senado ratifica a convenção da Haya concernente ás leis e usos da guerra terrestre.

15 *Russia* — A commissão de fazenda decide construir novas linhas ferreas que atravessarão varios districtos da Siberia.

16 *França* — O tribunal de appellação de Rouen confirma a condemnação a 6 mezes de prisão do conselheiro municipal de Paris, Barillier, por injurias ao presidente da republica. — *Italia* — Acaba a militarisação do pessoal dos caminhos de ferro de Roma. — *Estados Unidos* - Na occasião de se proceder á benção de uma ponte sobre o rio Maranon, em Lima, esta quebrou-se precipitando-se todas as pessoas que estavam em cima assistindo á ceremonia e das quaes pereceram afogadas umas cem.

17 *Africa* — É destruido por um violento incendio o theatro municipal de Oran. — *Hespanha* — *A Gaceta Official* publica uma real ordem fixando em oito horas o dia normal de trabalho para os operarios das fabricas e minas do estado. Havendo trabalho a mais, será paga cada hora pela oitava parte do salario estipulado. — *Republica Argentina* — Um enorme incendio destroe parte do arsenal de marinha de Valparaizo, avaliando-se os estragos em cem milhões de pesos. — *Estados Unidos* — O senado vota o projecto de lei sobre os premios de navegação.

THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante o mez de Dezembro

JANEIRO 29 — A PETIZA peça em 6 quadros original do sr. Maximiliano de Azevedo (Theatro do Principe Real).

FEVEREIRO 4 — JUIZ D'UMA CANNA, comedia 3 actos de Alexandre Bisson traduzido pelo sr. Accacio Antunes (Theatro do Gymnasio).

15 — CRUCIFICADOS peça do sr. Julio Dantas (Theatro D. Amelia).

MARÇO.—5 — *Os malhados*, peça em 3 actos origiani do sr. Arthur Lobo d'Avila (Theatro de D. Amelia)

7 — *Historia de um crime*, comedia em 3 actos, traducção, da actriz Emilia Eduarda (Theatro do Gymnasio).

7 — *O sentinella*, comedia em 1 acto, imitação da actriz Emilia Eduarda (Theatro do Gymnasio).

7 — *A' procura do badalo...*, revista em 3 actos, original do sr. Baptista Diniz (Theatro do Principe Real).

7 — *Fóra dos eixos*, revista em 3 actos, do sr. Daniel Alves (Theatro do Rato).

13 — *A aposta do Floriano*, operetta em 4 actos de Freund e Manustaedt traducção livre do sr. J. Freitas Branco (Theatro da Trindade).

15 — *Blanchette*, peça em 3 actos de Brieux, traduzida pelo sr. João Luzo (Theatro de D. Amelia).

19 *Uma teima*, comedia em 1 acto imitatação do sr. Freitas Branco (Theatro do Gymnasio).

24 — *A ceia dos cardeaes*, peça em 1 acto em verso do sr. Julio Dantas (Theatro de D. Amelia).

24 — *Os dois barcos*, peça em 1 acto em verso do sr. D. João da Camara (Theatro de D. Amelia).

24 — *O Tio Pedro*, peça em 1 acto do sr. Marcellino de Mesquiia (Theatto de D. Amelia).

24 *O Grande Elias* e *Silencio Calado*, monologos do sr. Eduardo Garrido (Theatro de D. Amelia).

NECROLOGIA

JANEIRO 26—M. BALLAY governador geral da Africa occidental franceza, no Senegal.

27—D. NICOLAU de GOYRI antigo secretario da legação de Hespanha em Portugal, em Madrid.

28 — JOSEPHA GRENO, 54 annos, em Lisboa. Heroina no drama de assassinato de seu marido o conhecido pintor.

30 — CONSELHEIRO JOÃO IGNACIO HOLBECHE, 78 annos, em Lisboa. Juiz aposentado do Supremo Tribunal de Justiça, tendo exercido varias commissões officiaes

30—GENERAL du BARAIL, antigo ministro da guerra, em Paris.

FEVEREIRO 7 — PRINCEZA RATTAZZI, 64 annos, em Paris, auctora do *Portugal á vol d'oiseau* e de outras producções litterarias, neta de Lucien Bonaparte.

8—CLÉMENCE de ROYER, 72 annos, em Paris traductora de Darwin e litterata eminente auctora da *Doctrine de l'Evolution*, *Histoire du Pessimisme*, *l'Ordre du monde* etc.

8— DUQUE de CROY, em Cannes, pae da archiduqueza Izabel.

11—BISPO de ANGOLA, D. Antonio Dias Ferreira, em Arganil.

12 — LORD DUFFERIN e AVA, em Londres, antigo embaixador em Roma e depois em Paris.

12—HENRIQUE CARLOS de MIRANDA, 80 annos no Porto fundador do jornal *O commercio do Porto.*

15— HACRUB, em Copenhague, ministro dinamarquez das obras publicas.

19—MARCELINO DESMOULIN em Nice, pintor.

23—CHARLES LETOURNEAU em Paris, notavel sociologista.

25 — Almirante JOSÉ BAPTISTA de ANDRADE, 82 annos, em Lisboa entrou em diversos combates em 1857 em Angola, tomou parte na defeza de Bembe em 1800, foi governador de Angola e Ambriz e commandante de varios brigues e corvetas e Conselheiro d'Estado, etc.

27 — General JOÃO PEDRO TAVARES TRIGUEIROS 70 annos, em Lisboa, engenheiro distincto conselheiro d'estado, membro da junta consultiva d'obras publicas etc.

MARÇO 6 — FREDERICO AROUCA, em Lisboa, 50 annos, conselheiro d'Estado, antigo ministro das Obras Publicas e dos Estrangeiros, etc.

7 — ANTONIO VICO, em Santiago de Cuba, notavel actor hespanhol.

7 — NAAMEN, em Haya, presidente da primeira camara dos Estados Geraes.

12 — JAVIER DE BURGOS, em Madrid, notavel zarzuelista, auctor da zarzuela *El Baile de Luis Alonso* e outras.

15 — CUSTODIO JOSÉ DE MELLO contra-almirante, no Rio de Janeiro, desempenhou um papel preponderante no Brazil em 1893, quando da revolta contra o governo do marechal Floriano Peixoto.

19 — MANOEL SAN CLEMENTE, presideute da Columbia.

20 — General ANTONIO ABRANCHES DE QUEIROZ, em Lisboa, commandante das guardas municipaes.

21 — TITO DE CARVALHO, em Lisboa, burocrata e jornalista illustre.

23 — KOLMAN FISZA, em Buda-Pesth, estadista hungaro.

25 — CECIL RHODES, na cidade do Cabo.

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradavel entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

Photographia de interiores por meio da luz artificial

Uma falta commum da maior parte dos photographos ao fazer paysagens ou interiores é a de querer abranger na prova assumpto em excesso. Saber o que se deve eliminar em qualquer assumpto, finalmente saber fazer sacrificios, é cousa de grande importancia n'estes generos de photographias.

Referirmo-nos não só á disposição artistica mas tambem ao assumpto encarado sob o ponto de vista mechanico.

Quanto á disposição, entende-se não a acção de reunir e de amontoar no canto de uma casa todos os seus objectos que pareçam bonitos e photographal-os em seguida, mas ainda, não transtornar completamente a sua disposição.

Pelo contrario, disponham-se e mudem-se certos moveis segundo as exigencias da prespectiva e das suas exaggerações, sobretudo se se empregar uma objectiva de grande angulo. N'este caso não se devem collocar os objectos muito proximos da objectiva aproveitando os lados d'uma mesa, de um *fauteuil* etc. de forma que fiquem representados na prova o que produz sempre bom effeito. Não se deve alterar cousa alguma de um quarto sem primeiro verificar o effeito produzido no vidro despolido pois que a objectiva é um olho que reproduz os defeitos e as bellezas com egual fidelidade.

Não se trata agora de discutir as vantagens theoricas e praticas do emprego de uma objectiva de grande angulo. Diremos no entanto que sendo possivel, deve preferir-se o uso de uma objectiva que abranja um angulo medio pois que ella apresentará o assumpto mais fiel, isto é, conforme ao effeito produzido pela nossa vista e portanto mais satisfatorio em todo o sentido.

Deve-se fazer uso do nivel de bolha de ar e ajustar a bascula afim de se dár á camara escura uma posição correcta.

E' muitas vezes difficil pôr em fóco um objecto escuro e determinar exactamente os limites no vidro despolido.

Um objecto branco, um lenço, por exemplo indicará as dimensões do campo de vista a photographar; durante a noute, uma vela accesa produzirá o mesmo resultado.

Um outro expediente ainda mais commodo consiste em collar lettras recortadas em papel negro sobre um vidro despolido que se colloca no sitio onde se deseja o fóco geral, collocando se uma luz por detraz do vidro despolido obtendo-se assim um excellente ponto de fóco, ainda mais passeiando o vidro despolido e a luz, poder-se-ha verificar quaes as partes que a objectiva abrange pois que servirá como que de pharol que necessariamente se deve vêr.

Deve-se evitar com todo o cuidado os reflexos e as contra-luzes provenientes dos espelhos, das gravuras e das pinturas emolduradas com vidro.

Já indicámos acima, que, uma grande parte do exito depende da exclusão na prova de certos lados de mau effeito d'uma casa, e o operador deverá, só com um simples golpe de vista escolher a parte util a photographar.

Um angulo de um quarto por exemplo, poderá produzir um bom effeito na prova, emquanto que a totalidade o destruiria.

Uma chaminé, com uma cadeira proxima, uma bandeja com todos os accessorios para o serviço de chá ou café collocada sobre uma mesa, um reposteiro levantado ou não, uma porta entreaberta etc, etc. podem concorrer muito para a composição agradavel do assumpto.

Escolha-se bem em primeiro logar o assumpto a photographar e torne-se a composição agradavel. Ponha-se em fóco com o maior cuidado não directamente ao centro do vidro despolido como para o retrato, mas a meio caminho entre o centro e os lados.

Logo que se tenha verificado que tudo está em ordem prepare-se para fazer o relampago.

Succede algumas vezes que se deseja photographar dois ou mais quartos communicando uns com os outros, o effeito produzido será excellente se as operações forem bem combinadas.

Os quartos guarnecidos de paredes ou tapeçarias escuras exigem naturalmente mais luz que aquelles onde os ha com côres claras.

Se houver um ou mais espelhos no quarto onde se opera elles reflectirão necessariamente a luz relampago ou outros objectos que os rodeam. Remedeia-se este inconveniente esfregando os espelhos com um panno e sabão ordinario.

A luz-relampago applica-se admiravelmente á reproducção de quadros, tapetes, estofos, machinas, instrumentos, etc.

Os negativos dão geralmente provas brilhantes e cheias de detalhes.

Os interiores das cavernas, tumulos etc pódem egualmente ser photographados. A maneira de distribuir os fócos luminosos para este ultimo emprego deve-se accommodar a cada caso em particular.

Para pôr em fóco um qualquer objecto n'um sitio escuro é preferivel o emprego de uma lanterna que dê luz intensa e que se possa collocar onde se deseje, como por exemplo uma lanterna de bicyclete.

Logo que se deseje fazer uma photographia n'um sitio completamente escuro taes como cavernas, tumulos, tuneis ou outros analogos é necessario em primeiro logar determinar e parte do assumpto que se deseja vêr no vidro despolido da camara e em seguida, com o auxilio de um ajudante far-se-ha passear a lanterna em todos os sentidos e assim se conseguirá tomar os pontos de referencia.

(Camara escura).

⊛ ⊛ ⊛

PACIENCIAS

O Cotillon

(Dois jogos completos — Enaipada)

Tiram-se em primeiro logar os *cincos* e os *seis* do baralho que se dispoem em circulo collocando sempre a par um *cinco* com um *seis* da mesma côr, devendo os *seis* ficar á direita dos *cincos*.

Estes pares são dispostos em côres alternadas, isto é, um par de cartas vermelhas, o outro de cartas pretas, a seguir um de cartas vermelhas e assim successivamente. As restantes cartas destinadas a formar um monte ao centro do circulo, conservam-se na mão voltadas para baixo.

Começa-se então a paciencia, tirando das cartas que estão na mão, uma a uma e verificando-se se a que apparece tem collocação sobre os *cincos* ou os *seis*, não tendo, collocam-se ao centro do circulo esperando ahi a sua vez de serem collocadas.

Logo que appareça um *sete* collocar-se-ha sobre o *seis*, linha ascendente, se apparecer um *quatro*, collocar-se ha este sobre o *cinco*, linha descendente e assim successivamente.

Exemplo: sobre um *seis* de copas, colloca-se o *sete* de copas, a seguir o *oito* até ao *valete* e acabando em *dama;* sobre os *cincos*, collocam-se os *quatros*, os *trez*, os *dois* os *azes* e sobre estes os *reis*. Para o cotillon ficar completo, devem os montes da direita terminar em *damas* e os da esquerda em *reis*.

Para se obter este resultado passa se o baralho duas vezes.

PROBLEMAS

Resoluções do numero anterior

N.º 21 — De 12.672.800 maneiras.
N.º 25 — De 704.982 460.000 maneiras.
N.º 23 — *Xadrez:*

BRANCOS	PRETOS
1. Ra para Ra B 8	1. Qualquer
2. Xeque e mate.	

Num. 27.

Um editor pretende publicar um livro, illustrado com 12 chromolithographias e 18 gravuras. Possue, para escolher, 30 chromolithographias e 37 gravuras. Quantas combinações differentes poderá o editor fazer para illustrar o volume?

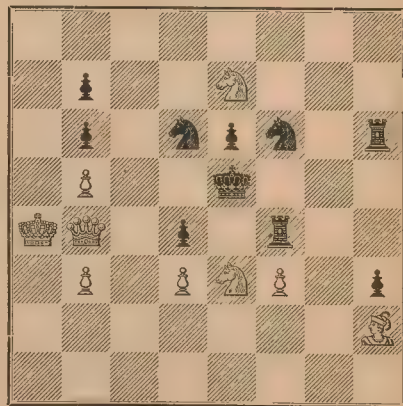
Num. 28.

N'uma eleição apresentam-se 6 candidatos para 4 pessoas a eleger. Se cada eleitor póde inscrever na sua lista um numero qualquer de nomes, sem todavia exceder 4, de quantas maneiras poderá elle votar?

Num. 29.

Um destacamento de 30 homens deve fornecer cada noite uma guarda de 4 homens. Para quantas noites se poderá formar uma guarda differente, e quantas vezes entrará cada soldado de serviço?

XADREZ

Num. 30 Pretos (10 peças)

Brancos (9 peças)

Os brancos jogam e dão mate em dois lanços

Fevereiro	Barometro — Nivel do mar		TEMPERATURA — ás 9 h. da manhã		TEMPERATURA — maxima		TEMPERATURA — minima		Chuva — Millimetros		Ozone — Gráus	
	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902
1	762,2	762,9	8,0	1,6	11,3	8,3	4,8	0,6	9,1	0,0	7,8	1,0
2	767,3	757,1	7,3	7,0	12,1	9,7	4,8	5,2	0,3	2,0	6,2	9,5
3	762,7	752,0	8,0	13,7	12,6	15,2	6,8	7,6	0,1	52,0	6,3	9,0
4	755,9	753,8	10,3	9,6	12,0	15,0	8,4	9,5	2,0	2,1	8,5	8,9
5	760,0	752,8	10,3	14,6	12,5	16,2	8,2	14,1	5,9	4,4	8,0	8,0
6	762,1	756,4	9,0	15,1	11,6	16,2	5,5	14,2	0,9	8,4	8,2	9,2
7	766,1	759,1	5,0	14,9	11,6	15,7	4,2	12,8	0,0	9,4	8,3	10,0
8	768,4	766,2	3,5	13,7	11,2	15,4	9.8	12,6	0,0	5,3	8,2	10,0
9	766,7	760,0	5,3	14,1	11,6	14,9	3,9	10,7	0,0	15,4	8,0	10,0
10	768,9	756,5	7,8	13,4	14,4	14,1	6,0	10,5	0,2	5,2	7,0	8,8
11	762,3	756,4	9,5	13,5	15,3	15,0	9,6	11,2	13,0	15,1	9,5	8,5
12	756,7	748,2	13,1	14,3	14,6	14,5	12,4	11,6	19,2	5,0	9,8	10,0
13	764,9	754,6	10,0	12,5	14,0	14,4	9,7	11,5	0,9	20,4	7,0	10,0
14	758,9	760,5	9.3	12.3	9.6	14,6	7,3	9,3	2,0	1,0	9,5	10,0
15	763,1	768,8	9,0	7,8	11,2	11,4	3,5	7,4	15.4	4,0	9,7	5,2
16	770,0	769,4	2,5	4,8	7,7	12,4	1,2	4,3	0,0	0,0	9,5	7,5
17	771,7	765,2	2,0	13,1	8,4	15,2	0,8	9,5	0,0	13,8	9,8	8,0
18	770,1	767,0	3,5	10,5	8,7	14,4	1,5	9,0	0,0	0,0	8,7	5,8
19	767,5	758,9	3,4	10,5	10,0	12,0	2,1	7,5	0,0	11,6	8,3	9,7
20	750.9	758,2	13,1	10,4	14,6	13,1	10,6	7,6	10,1	14,6	10,0	9,3
21	758.4	764,8	9,9	11,4	10,8	14,3	5,3	10,2	0,1	0,8	10,0	5,7
22	758,4	763.9	4,0	12,0	7,9	13,8	2,8	11,1	0,0	0,3	10,0	8,5
23	755.5	757,2	4,8	13,3	10,2	13,8	2,3	11,7	0,0	1,7	10,0	10,0
24	760,2	754,3	8,0	13,6	13,6	14,9	6,3	11,3	0,0	24,3	9,2	8,0
25	763,3	757,7	9,7	14,1	13.7	14,9	5,0	12,2	0,0	24,5	8,0	9,3
26	757,0	758,1	11,2	14,7	13,5	15,1	9,6	13,2	7.4	2,0	10,0	10,0
27	763,6	756,5	11,8	12,6	13,6	14,9	9,6	10,9	3,2	7,0	10,0	8,2
28	762,3	748,5	11,9	11,2	14,1	12,9	9,8	9,9	13,7	3,7	10,0	8,5

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SUMMARIO

VOL. II DE MAIO A JUNHO — 1902 NUM. 12

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis

SUMMARIO

57 GRAVURAS

AVISO. — N'esta administração vendem-se pelo preço de 400 réis capas em percalina, propriedade dos Serões, segundo a lei, destinadas ao II volume da Revista. Pela encadernação, de que tambem se encarrega, acresce mais 100 réis, e nas remessas de volumes pelo correio acresce ainda 100 réis de porte.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a reducção do preço a **2$200 réis,** o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas, poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por:

Series de	**3 numeros**	**600**
	6 numeros	**1$200**
	12 numeros	**2$200**

Para o **Brazil** e paizes da **União postal**, por:

Serie de 12 numeros (moeda portugueza) 3$000

remettendo á administração dos **SERÕES,** em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia *directamente.*

Typ. e impressão dos *Serões*, C. do Cabra, 7 — Editor, Thomaz Rodrigues Mathias

Os **SERÕES** começam a publicar
em o numero de julho

A Architectura da Renascença em Portugal

POR **ALBRECHET HAUPT**

cujo direito de traducção em lingua portugueza os SERÕES adquiriram, bem como as illustrações originaes do auctor.

ESTE livro d'um alto valor educativo e d'uma utilidade incontestavel, nos dominios da arte applicada, permanece inaproveitavel para muitos, não só pela lingua em que está publicado, a allemã, menos conhecida no paiz, como tambem pelo elevado preço que attinge actualmente em livraria.

Vulgarisar as noções que a notavel obra contém, acompanhadas dos numerosos desenhos que a illustram, facultando tanto aos artistas e mestres de construcções, como aos amadores de bôa arte e proprietarios a sua leitura e consulta, parece aos **SERÕES** prestar um serviço publico e contribuir para a realisação d'um problema economico e social de vasto alcance, — o qual é desenvolver o gosto e o amor pela arte nacional. Recorde-se, como documento justificativo d'este conceito, o fabuloso lucro e preponderancia que os artistas e os artifices de França tem dado á sua patria. São o Bom gosto e a Moda elementos imponderaveis da economia publica, mas com elles dominou aquella grande nação na sociedade europêa, nos mercados, nas academias e nas officinas.

Methodicamente, tenazmente a Inglaterra, a Allemanha e a America do Norte, dispendendo sommas consideraveis tem disputado á França com vantagem aquelle dominio exclusivo. O governo hespanhol dotou com cinco milhões de pesetas a publicação dos *Monumentos architectonicos de Hespanha.* Bem mais modesto é o emprehendimento dos **SERÕES**; mas tambem abalançam-se á empresa desacompanhados de auxilios e apenas confiados no carinhoso favor do publico.

MANUFACTURAS DE FERRO, COBRE E BRONZE

MANUEL PATRONE

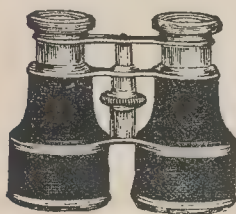
Balanças diversas. Grande fornecimento de accessorios para luz de incandescencia e candieiros para gaz

RUA DE S. PAULO, 109

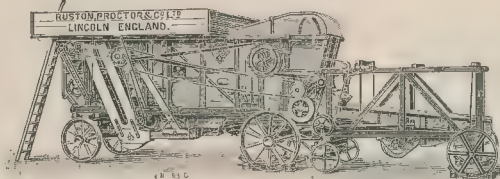
J. J. RIBEIRO & C.A

INSTRUMENTOS DE OPTICA E CIRURGIA
TOPOGRAPHIA, ASTRONOMIA, ETC.

Grande sortimento de machinas e accessorios para photographia

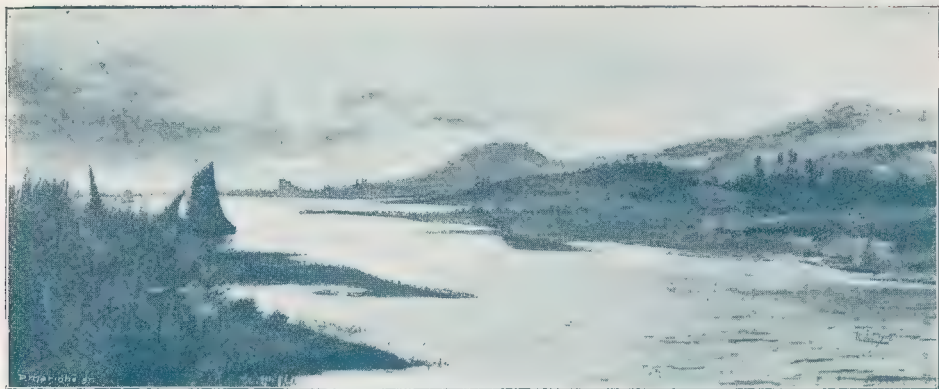
OBJECTIVAS DOS MAIS AFAMADOS FABRICANTES

222, RUA AUREA, 226
LISBOA

Debulhadoras e Locomoveis

RUSTON, PROCTOR & C.º, L.TD

Agente geral em Portugal e colonias

CARLOS CORRÊA DA SILVA

Rua Serpa Pinto, 24 — LISBOA

Paisagem Ribatejana — Quadro de El-Rei

Ao Cahir da Tarde. — (Exposição de 1902)

Quadros de El-Rei

De todos os tempos, reis e principes tem sido devotados protectores das bellas artes; e, n'este empenho, não raro teem sido egualmente cultores d'ellas com o amor de verdadeiros profissionaes ou com o goso intellectual de amadores que procuram na Arte um compensador desfastio ou repouso das graves preoccupações do governo de homens.

Todavia, durante o seculo ultimo, e no momento actual, a transformação dos costumes politicos, que simplificou a etiqueta das côrtes e alargou a sua interferencia na sociedade elegante em todas as exteriorisações da vida sportiva, o que era já tradição nas côrtes dos reis portuguezes, tem sem duvida concorrido para acentuar e revelar as aptidões artisticas dos chefes dos estados.

De sorte que em todos os thronos da Europa comtemporanea ha cultores emeritos de litteratura ou de arte, como tambem numerosos investigadores d'um ou d'outro capitulo da vasta obra scientifica; e interessa a todos conhecer estas tendencias intellectuaes dos soberanos, porque auxiliam a interpretação da sua psychologia, esclarecem a definição do seu caracter, denunciam por vezes os impulsos da sua acção governativa e dirigente. Não é preciso citar, para justificação do conceito, o imperador Guilherme II, com a sua producção musical e com a sua figuração symbolica, ou sua santidade Leão XIII com as suas odes latinas d'um apurado gosto litterario, que por si só revelam a rara cultura intellectual d'aquelle luminoso espirito.

El-Rei D. Carlos é tambem um verdadeiro cultor das bellas artes, tão sincero e enthusiasta que não duvidou concorrer, na simples qualidade de artista portuguez, á Exposição universal de Paris para honrar o seu paiz, obtendo uma medalha em certamen de profissionaes, como não deixa de concorrer aos nossos pequenos *Salões* para estimulo, exemplo e protecção, bem eloquentes e effectivas, tanto quanto pode e lhe permittem as restricções constitucionaes, que elle tanto respeita e segue lealmente.

E' esta até a feição predominante da sua personalidade pouco vulgar, e tão arreigada no caracter que tem querido e sabido resistir ás repetidas suggestões de mais larga e mais efficaz interferencia na vida publica portugueza, suggestões que a El-Rei tem sido abertamente apresentadas por espiritos eminentes sem duvida, mas desilludidos ou feridos de pessimismo desesperado.

Sob este aspecto particular, é interessante observar a obra de El-Rei, pintor e desenhista. Como se fôra uma graphologia *sui generis*, grava-se nos processos do pastellista eximio a firmeza de caracter, denuncia-se nos assumptos a dilecta contemplação da terra natal, com os seus costumes, com o seu constante mourejar de vida maritima, com toda a sua côr suavemente melancolica, com todas as suas sonhadas aspirações aventurosas, indefinidas, como a orla longinqua do mar, leves, da leveza branca da espuma das vagas que todavia esmagam a soberba da penedia.

Assim na obra artistica de El-Rei reapparece em flagrante o lavrador portuguez que ama a campina, o marinheiro ousado que desafia a braveza dos mares, o pescador vigilante, o caçador activo da montanha ou da

charneca todos os aspectos da vida nacional que El-Rei, em uma exuberancia anciosa, n'uma actividade incansavel, procura resumir em si proprio para a sentir bem e para a viver completamente, devotado amante da sua patria em constante porfia de gentilezas para com ella.

Esta é, sem duvida, a in) tenção geral artistica que promana dos quadros aqui reproduzidos e a sua synthetica formula de composição, unico prospecto que permitte observar a forçada reproducção unicolor dos originaes, tocados em todos os tons d'uma riquissima gamma de côres empregadas.

Reunião de Caçadores

Quanto aos processos technicos, á maneira caracteristica, á impressão vi) sual da obra de arte de El-Rei, com competencia reconhecida e espontanea sinceridade falla a carta que, por justificada indiscripção, em seguida se publica.

Meu caro Adrião: Termina v. a amavel e generosa carta, que acaba de me dirigir, com as seguintes linhas: «Agora pegue na penna com que outr'ora no *Dia* escreveu as criticas artisticas .. e mande-me um artigo ácerca do que lhe peço».

A penna, meu amigo. enferrujou por falta

de serviço, e o critico — que melhor se lhe chamaria «noticiarista de impressões» — perdeu o geito de escrever, e quasi que completamente tambem o vocabulario do genero. E, digo-lhe com toda a sinceridade, não estou resolvido a recomeçar um trabalho que, para ser feito com a isenção que é de dever, só dá desgostos. Os nossos artistas, com rarissimas excepções, não recebem de bom grado senão a louvaminha tão banal como hyperbolica. A mais pequena observação menos agradavel logo os magôa e escandalisa. *Genus irritabile vatum!* Se até os que ainda hontem mal sairam das aulas ouvem com mau ouvido as observações dos mestres a quem devem o que sabem, e aborrecidos, á falta de melhores argumentos, retrucam: «Foi assim que eu vi»; e a gente a ver que elles estavam com os olhos fechados. Eis um dos motivos porque arrumei a penna. Quando se chega desilludido e enfermiço ao ultimo quartel da vida, perde-se a energia de combatente, e não sabe mal, tem até um travo especial, o socego e a tranquilidade com que «se deixa correr o marfim». E, depois, v. pediu-me uma coisa difficilima: «um artigo ácerca da exposição artistica de El-Rei D. Carlos e da Rainha a Sr.ª D. Amelia». El-Rei de ha muito que é um *hors concours*, e os artistas que attingem cumiadas taes, quando produzem para satisfazerem os estimulos do seu temperamento, só merecem admiração. Mas, quando se trata de um rei, esse voto admirativo tem de ser larga e amplamente justificado, para que o nosso dizer tenha auctoridade. E é esse trabalho que eu me confesso incapaz de executar.

Quando visitei a actual exposição da *Sociedade Nacional*, confesso que me senti tão pouco emocionado como profundamente desilludido; e se não fosse ter lido no catalogo que houvera um jury de admissão, teria julgado que a entrada alli fôra franca e incondicional. Por quatro ou cinco obras de reconhecido valor, quantos mamarrachos que deviam ter sido recusados; por alguns trabalhos de mestres incontestaveis, quantos metros de tela perdidos em pinturalices de gente que nem sequer suspeita o que seja a pintura? Acreditar-me-hiam os que me lessem, que em o numero reduzido d'esses mestres ainda El-rei é um dos mais originaes, dos de mais accentuada individualidade, e aquelle cujo *modus faciendi* é exclusivamente seu? Aquelle de quem o estylo affirma o temperamento, a largueza do desenho a facilidade de execução; cujos trabalhos são absolutamente, e foram sempre, inconfundiveis com os de outro qualquer artista, e nos quaes muitos, com o nome já feito, teem bastante que aprender?

Pois assim é.

O Sr. D. Carlos fez-se no estudo directo e dilecto da natureza; e, como os grandes mestres, passado o periodo dos ensaios, soube encontrar, para reproduzir e interpretar essa natureza que tanto ama, maneira propria, *processos* originaes, que lhe constituiram esse estylo ao mesmo tempo extremamente simples e artisticamente elevado.

Mas, meu caro Adrião, como exprimir, hoje que estou *enferrujado*, com a clareza precisa que gere a convicção, estas coisas que sinto se estas linhas fossem a publico, e caissem sob as vistas de quem quer que attribuisse a louvaminha ao monarcha, o que apenas é, juro-o, apreciação d'um artista?

Quer crer? Talvez me fosse mais facil fazer a demonstração falada, em frente do magistral pastel; tanto mais que elle logo á primeira vista attrahe e encanta pela suavidade e harmonia melancolica do colorido, assim como nos commove pelo assumpto. E' bem um *cair de tarde*, com a sua luz diffusa, o seu tom frio. E' bem a beira rio na impressão de frescura e como que de humidade vitalisando a relva. E' bem o nosso Riba Tejo; o nosso ceu com as nuvens que se reflectem na agua deixando ver clareiras d'azul, por entre as quaes dentro em pouco brilharão as estrellas. E' bem uma obra d'amor e sympathia, — a grande instigadora dos artistas — esse pedaço de tela, onde, n'um trecho de paisagem se consegue dar a impressão dos montes que se succedem aos cerros, da campina a perder de vista, do rio que a vae cortando em curvas caprichosas, ora estrangulado ora alargando-se em vastas enseadas! Que não tivesse senão este poder de suggestão, já em si a obra era excellente e de verdadeiro artista. Mas o que dizer do colorido luminoso e transparente? Como exprimir por palavras rapidas a sciencia do claro escuro que faz entrar o ar francamente por entre as massas, dividindo-as e collocando-as nos seus verdadeiros logares?

Apontaria a este respeito um exemplo frizante. No primeiro plano, á esquerda, eriça-se uma moita de juncos, e por entre os claros que n'elles se abrem, vêem-se as entradas do rio e a passagem dos barcos. Basta deter a vista, poucos segundos, n'este trecho para que todos os planos tomem distancias, corpo e vida. Vida, sim; por que se attentarmos bem, temos logo a impressão que o vento dá movimento ao juncal, ás aguas e aos barcos. E é n'estas fugitivas allucinações do espirito que se reconhece o poder do artista. Em toda a paisagem sente-se, como disse, não só o ar em toda ella, mas a brisa mansa que enfuna as velas das fragatas e enruga a face das

aguas sem desordenar a ramaria. Faria notar a limpidez fluida das aguas, obtida não pela reproducção d'uma formula de que uma vez se encontrou a expressão, e de que ao depois se usa e abusa, mas pelo estudo directo, dos effeitos de luz, fusão de reflexos e projecções das massas coloridas e ao mesmo tempo e nas mesmas aguas notaria como, na sua tranquillidade de manso deslisar, nos dão a impressão da corrente que vem de longe e que, sem parar, para longe ainda vae.

Se nos chegassemos ao quadro as observações incidiriam sobre a maneira de fazer: e eu desafiaria quem o executasse melhor e por meios menos complicados e mais francos, quem tratasse com a mesma largueza tanto as grandes linhas como os pequenos pormenores. Aqui é que se aprenderiam *processos* verdadeiramente originaes e individuaes, absolutamente caracteristicos,—que se não ensinam nas escolas,—e com os quaes se produzem effeitos seguros, certos e fundamente impressionistas. E note-se que esses processos são o que ha de mais simples: um traço, uma dedada, um esbatido *à la diable*, um esfregar nervoso do lapis, e eis um conjuncto harmonico, verdadeiro, empolgante. Haja vista, e repare bem, meu caro Adrião, como são tratadas, por exemplo, as arvores que sobem pelos comoros da nossa direita, e diga-me, com o seu saber de coisas d'arte, se quem quer consegue taes resultados por aquelles meios, e se quem o consegue não tem na alma e no coração a paisagem portuguesa, e na ponta dos dedos o dom das grandes *virtuosidades* do genero.

Comprehende, pois, meu amigo, que difficuldades grandes eu teria de vencer para dar forma legivel a tudo que para ahi lhe escrevi desordenadamente; e de formar com o desenvolvimento d'esses elementos, que são verdadeiros, um artigo digno do assumpto, e fazer obra como a que merecem os leitores dos *Serões*. Por isso acho melhor pedir-lhe que me dispense d'esse encargo, e aconselhar-lhe que faça obra sua, que para isso nada lhe falta, se não talvez o tempo. Mas roube um bocado mais ao seu descanço e de caminho refira-se tambem a Sua Magestade a Rainha cujos desenhos provam um lapis facil e correcto, e as aguarellas um pincel limpo e um toque tão singelo como seguro e feliz.

E creia-me sempre como até aqui, e já agora d'aqui por deante,

Seu amigo, etc.

A Vaga.

Gil Vicente

A proxima commemoração do fundador do theatro portuguez dá actualidade ao artigo que segue, extracto do valioso livro critico que sobre a vida e obra do engenhoso poeta escreveu o fallecido Ramiro Coutinho, Visconde de Cuguella, um devotado cultor das lettras patrias, espirito vivaz e esclarecido com quem o gerente d'esta revista teve o prazer de longos annos de convivio intellectual. No resumo d'este estudo encontra-se a idéa geral da obra de Gil Vicente, a sua biographia litteraria, a descripção da época e do meio onde floresceu, e, para conhecimento dos menos lidos em obras portuguezas, alguns breves trechos d'um dos seus Autos, sobre todos notavel.

AFFIRMADA definitivamente a existencia politica da classe media com a acclamação de D. João I, enfreadas as desvairadas ambições dos grandes vassallos pelo braço potente de D. João II, e aberto o caminho da India, ousado commettimento este devido aos interesses e incessantes esforços da dynastia d'Aviz, buscava entrar logo a nação portugueza em um periodo de civilisação cujos ideaes deslumbrassem pela grandeza e novidade dos horisontes. A illustração com que o conde de Bolonha voltára á patria, e que se reflectiu, tão profiqua, na educação de D. Diniz, as hostes anglo-normandas, que pelejaram em Portugal durante as guerras com Castella nos reinados de D. Fernando e do Mestre d'Aviz, o casamento d'este monarcha que enlaçou as duas corôas de Inglaterra e Portugal, o alto valor mental da formosa pleiada de seus filhos, e finalmente o convivio com a côrte de França, que teve o sequito de Affonso V na visita d'este soberano ao rei Luiz XI, todos estes factos, que se foram desdobrando em demorados estadios, avolumados depois pelo nosso poder na India, na America e na Oceania, abriram esse fulgido periodo em que D. Manuel presidiu aos destinos de um povo que, erguido de berço tão recente, maravilhava já a Europa inteira.

Era asado o ensejo para que as lettras descingissem as faixas em que as trouxeram envoltas o lyrismo provençal e a poesia castelhana, e que a par da chronica onde os factos iam sendo memorados, surgisse a arte em toda a expansibilidade e com todas as manifestações da sua rudeza medieval, sim, mas aspirando pelo grandioso do seu ideal a expandir-se e a synthetizar esta phase evolutiva da sociedade portugueza. E n'estes assomos, n'estas trepidações em que a intelligencia hesitante e perplexa buscava um trilho que a encaminhasse, e um luzeiro que a podesse conduzir, encontrou em hora propicia a senda que leva ás grandes litteraturas — defrontou com o theatro. E' tradição incontrastavel entre os antigos, que na sua origem foram a tragedia bem como a comedia cantos coraes. Facto este de valioso alcance para a historia da poesia dramatica. Foi pois a parte lyrica, o canto em côro o primitivo elemento da tragedia. A acção, a sorte do deus suppunham-se ou indicavam-se simplesmente por uma fórma symbolica na cerimonia do sacrificio: exprimia então o côro os sentimentos que esta situação inspirava.

Foi do *Mysterio* que herdamos a moderna acção dramatica. Passando pelo nascimento e paixão de *Christo*, pelos *Milagres* e pelas *Moralidades* cujos personagens eram puras abstracções das virtudes e dos vicios existentes, entrou quasi com os mesmos moldes na vida profana das sociedades. No anno de 1502 pelo nascimento de D. João III, representou Gil Vicente perante D. Manuel e todas as princezas o *Auto da Visitação*, ou *Monologo do Vaqueiro* nos paços do Castello. Precedeu o castelhano Juan de la Encina o nosso Gil Vicente, de certo; mas nem por isso os loiros que colheu foram mais viridentes nos triumphos que ambos alcançaram. Abundam escriptores que consideram Gil Vicente o creador não só do nosso theatro, mas do theatro

hespanhol tambem e que o consideram como modelo, onde Lope de Vega e Calderon se foram inspirar na estreia das suas valiosas producções.

Quando dizemos que Gil Vicente é o creador do theatro nacional, não pretendemos significar que a scena portugueza surgiu espontanea, sem origens, sem tradições e sem fio que a prendesse aos remotos evos. Nem mesmo no meio das mais densissimas trevas da meia edade, nunca o theatro desappareceu da Europa. Em toda a sua rudeza mantinha o fio que o prendia ás nobilissimas reminiscencias da Grecia. Havia tambem em Portugal uns vestigios, uns arremedos informes e irregulares de uma arte dramatica qualquer, e foi com esse estudo e com a lição mais ou menos vasta que Gil Vicente colheu das producções tanto antigas como contemporaneas das outras nações europêas que poude fundar por uma fórma artistica o theatro portuguez. Pouco nos importa onde sugou os elementos com que organisou as suas creações. Foi fecundo e foi original. E' quanto nos basta saber.

Escreveu e representou Gil Vicente o *Monologo do Vaqueiro* sem se afastar dos costumes populares que tantas vezes o inspiráram. Observou e comprehendeu o povo portuguez. Foi a alma medieval em toda a sua expansão e naturalidade. E na rudeza das suas ironias exprimiu o estado de uma sociedade que ia passar do deslumbramento das suas ousadas navegações e conquistas, para a decadencia que lhe estava preparando a sua incuria e fanatismo. No theatro de Gil Vicente espelha-se todo este periodo historico. Gil Vicente no meio em que viveu, foi o que podia ser: a fiel expressão do seu tempo.

No *Auto da Fama* está patente a illustração não vulgar do auctor, distribuindo papeis aos seus personagens em francez, italiano e hespanhol, e no *Auto de S. Martinho*, representado na egreja das Caldas, perante a rainha D. Leonor, viuva de D. João II, vemos uma allusão ás *Martinales* tão usadas em França, e em esse seu trabalho reproduzidas com tão seductora singeleza. Não era pois hospede nas diversas litteraturas da Europa, e com as noções que lhe promanaram d'estes estudos, avolumaram-se-lhe os intentos, fecundando a sua intensa laboração poetica.

Ha uma coincidencia singular que não devemos esquecer. O anno de 1536 em que Gil Vicente representou a sua ultima comedia, *Floresta d'Enganos,* foi o mesmo em que se estabeleceu a Inquisição em Portugal. Terminou aqui a sua carreira dramatica, encetada com o *Auto da Visitação* em 1502. Foram trinta e quatro annos consumidos em tentativas e esforços para fundar um theatro todo nosso — o theatro portuguez. As mutilações que depois soffreram as suas obras estão-nos a evidenciar, que cruentas torturas o esperavam nas lugubres masmorras da Inquisição se a morte não o viésse arrancar ás garras impiedosas e implacaveis d'aquelle nefando tribunal. A segunda edição das suas obras foi feita em Lisbôa na imprensa de André Lobato, e tem a data de 1585. Acompanha-a esta execravel indicação: «Vam emendadas pelo Sancto Officio, como se manda no cathalogo d'este Regno.» Os tigres da Inquisição saciaram no livro os odios que votavam ao poeta.

Como fizeram Boccaccio, e como continuaram Rabelais, Erasmo, Luthero, Margarida de Valois, rainha de Navarra, e tantos outros escriptores d'aquelle periodo historico, foram os frades o assumpto predilecto de Gil Vicente, o thema favorito e variadissimo das suas mais aceradas ironias. Preconcebia o poeta que futuro aguardava um paiz onde o fanatismo e as ordens monasticas dominavam livremente, presentia a que enervação mental tinha de baixar um povo onde o catholicismo cerrava as intelligencias a todo e qualquer outro genero de preoccupações que não fosse o temor do inferno.

Teve porém, Gil Vicente de se sugeitar ao meio em que foi creado; e, alma de poeta temperada com a excessiva sensibilidade de uma harpa eolia, apezar da nobre e inquebrantavel independencia de caracter que o movia, aceitou as condições que o cercavam, e nas suggestivas influencias d'aquella sociedade foi homem do seu tempo. Impunha-lhe a epoca o genero de composições que podia tratar, e impunha-se-lhe tambem com pressão não menos incommoda e violenta a classe social que era admittida a ouvil-o na côrte. Estas duas imposições irremediaveis representavam a escravidão do poeta.

São tres as classes em que cumpre dividir as peças de Gil Vicente. D'ellas eram umas compostas para celebrar o Natal, outras para festejar o nascimento ou casamento de principes, e havia-as tambem para desenfado nos serões da côrte de Portugal. Todos estes toscos e imperfeitos moldes, que eram comtudo para aquelles tempos a fórma mais acabada da elegancia artistica em que o poeta era coagido a vasar as elaborações da sua travêssa musa, deixam transluzir sem demorada analyse a superioridade irresistivel do seu vivo engenho. Na primeira classe, que devera ser tão severa e decorosa pela indole e gravidade dos assumptos, soube Gil Vicente amenizar-lhe as fórmas, suavizar-lhe os contornos, fazendo irromper a gargalhada estridula que vinha

abafar as exclamações hypocritas de um estonteado mysticismo. Na segunda classe, onde se acham reunidas as *Tragicomedias*, abundam as allegorias, genero assim como o primeiro, que resiste a todo o plano dramatico rasoavel. Só uma poderosa concepção da scena comica podia dar vida, animação e encanto as estes esboços enfadonhos e obrigados, e a magia do talento e o sal attico da tempera de Aristophanes seduzir e maravilhar como acontece na *Fragoa d'Amor* e na *Romagem de Aggravados*. De relance se nos afigura de certo que, na terceira classe, *Comedias* e *Farças*, poderia Gil Vicente dar mais larga expansão ás tendencias jocosas do seu espirito, e enredar com mais arte as situações dramaticas e as peripecias comicas, não só como estudo mais accentuado de caracteres, mas tambem para enlear com mais naturalidade o fio da acção. Mas a côrte era o objectivo de todas as suas inspirações. Eram para ella, e só para ella todos os seus afans, todas as suas lidas. Tinha por mester unico entretel-a, divertil-a, fazel-a rir. Tinha de lhe fallar ás paixões e aos gostos que a moviam e interessavam.

Gil Vicente não era um escriptor dramatico, como nós hoje concebemos esta elevada missão da arte. Forçado a ser tambem uma especie de truão ou chocarreiro — tinha de ser um jogral. E' esta a rasão porque o fanatico, o hypocrita ou o piedoso D. João III, o introductor da Inquisição e dos jesuitas em Portugal, tolerava e ria sem rebuço das vaias e mordazes gracejos que o intransigente poeta arremessava a Roma, ao clero e aos frades.

Gil Vicente nasceu no principio do ultimo quartel do seculo XV, mas não é ponto assente, o que pouco importa, em qual das cidades ou villas de Portugal teve o seu berço. De seus paes se diz que eram de illustre origem. Cursou a Universidade em Lisbôa onde então se achava, seguiu o curso de jurisprudencia, mas não é sabido se o terminou. Não é extranho aos seus estudos o primeiro trabalho que d'elle possuimos. Succedeu que um fidalgo da côrte de D. João II, vendo bailar uma rapariga em Alemquer, lhe dera gracejando uma cadeia de oiro. Como depois lh'a pedisse, não quiz ella restituil-a. Imaginou Henrique da Motta fazer d'aqui um processo, como anteriormente outro egual se instaurára com o *Cuidar* e *suspirar*. Entrou Gil Vicente em este engraçado pleito, e escreveu de parecer oito estrophes.

Não ha rasão nenhuma de onde se póssa inferir que frequentou a côrte de D. João II ou que alcançasse a estima da rainha D Leonor, antes de viuva, com as suas composições. Embora o poeta seguisse a côrte de D. Manuel e de D. João III, como de feito succedeu, todavia nunca n'ella teve a nobilitação dos matriculados nas moradias da casa real. Para tão grandes senhores, para côrte tão cerimoniosa e luzida, Gil Vicente pouco mais era de que um hestrião. Já o dissemos: era um jogral. Desenfadar e divertir a côrte não ia longe do mester de truão. Demais, Gil Vicente representára no *Monologo do Vaqueiro* e em muitos outros dos seus autos. A orgulhosa prosapia dos cortezãos veria desdenhosa no zombeteiro poeta, no auctor e actor das proprias *Farças*, o bobo do palco. Nem sequer D. Manuel lhe deu o fôro de escudeiro. Dava-lhe o parco sustento, urgente para a vida. D. João III soccorria-o com mãos avaras, como se infere do *Auto Pastoril Portuguez*.

SUPPOSTO RETRATO DE GIL VICENTE

Em presença da côrte, á face do que havia de mais luzido mais aristocratico e mais altivo em Portugal, o nosso Aristophanes verbera e açoita com o azorrague possante da sua implacavel zombaria fidalgos, clerigos e altos funccionarios sem attender a hierarchias. Nenhum ridiculo, nenhuma torpeza, nenhuma hypocrisia escapava n'aquelle flagellar impiedoso. Ludibriava e escarnecia, inexoravel, as superstições, as villanias e o ascoso fanatismo do seu tempo. Criva de epigrammas, no *Auto dos Almocreves*, os nobres perdularios e caloteiros que no exaggero da sua ostentação, se aviltam e empobrecem. O que mais admiramos n'aquelle lucidissimo espirito não é tanto o que elle exprime em phrase sarcas-

tica e mordaz, e observado com notavel acume pela sua critica tão penetrante e tão comica. O que mais nos seduz e maravilha é o engenho, tão superior ao seu tempo, no que elle não diz, mas deixa presumir, por uma fórma vaga e simuladamente ingenua e sem malicia. Oriundo de familia fidalga, affecta no *Auto da Lusitania* rebaixar o nascimento para vergastar a sobranceria e o orgulho da nobreza. Gil Vicente era um poeta e não menos um philosopho esclarecido. Era uma d'estas intelligencias electas e primorosas distanciadas largamente do seu tempo, e para as quaes se quebram as balisas do progresso intellectual na marcha lenta e pausada da evolução.

O poeta fazia rir e sabia levantar a opinião publica, tal ou qual como então existia, pondo-a do seu lado. E só assim explicamos que a despeito dos lancinantes sarcasmos e das zombarias pungentes que a cada hora arremessava ao clero e aos regulares, se conservasse sempre immune e desaffrontado. Não foi ferido nunca, nem espancado, que o saibamos. Mas não é provavel que ficassem completamente inultos todos os individuos que foram alvo das suas chanças e motejos. Os odios e rancores, os desprezos e desdens que a sua veia comica lhe encelleirou talvez, se o atribularam por vezes, se lhe deram horas angustiosas e amargas, levou-os o poeta para o silencio do tumulo e ahi se apagaram com elle. Foi a gargalhada estridula da propria côrte que livrou o poeta de alguma cruenta revindicta.

Nada havia que o intimidasse ou detivesse quando ia levado pela inspiração da sua zombeteira e indefessa musa. Se era demasiadamente elevado o alvo que pretendia ferir com os seus certeiros golpes, e se receava alguma retaliação fulminante a que não podesse esquivar-se por se encontrar inerme, soccorria-se a uma bem concebida traça — refugiava-se na allegoria. As personificações grutescas accendiam-lhe a audacia e permittiam-lhe a irresponsabilidade nas mais ousanas e pungentes allusões. O Diabo é o seu comico por excellencia. Entrega-lhe as situações mais arduas e espinhosas, e o engenho inventivo do auctor lança o mais fino sal attico nas observações do seu personagem dilecto. Com os esgares e tregeitos que competem á sua personalidade e com a maliciosa gruteza propria da sua qualidade de reprobo, não se detinha nem hesitava o anjo das trevas em proferir as mais desprimorosas censuras. Em todos os autos onde apparece Satanaz, reserva-lhe sempre o poeta o papel mais engraçado, mais satyrico, e mais desprendido e independente na phrase e na idéa. E na *Romagem de Aggravados,* onde Satan não tem cabida, busca uma allegoria não menos excentrica personificada em Frei Paço. E' a allusão mais directa que se poderia conceber, feita em fórma de satyra ao espirito clerical, que com mais ou menos hypocrisia se apoderára do animo de D. João III e de todas as influencias da sua côrte. Foi esta tragicomedia representada em presença do monarcha. Diz a rubrica que é satyra. E' de certo, e em nenhuma outra das suas creações dramaticas o denodo de Gil Vicente tomou tão arrojadas proporções. Aqui substitue o poeta o anjo mau, consoante a lenda biblica, por um outro personagem allegorico que não é menos interessante. Deixa o Diabo figura tão festejada em todas as representações medievaes, e cria um typo anamalo, hybrido e profundamente grutesco. Forma-o com dois caracteres diversos: o cortezão e o frade. Frei Paço é a satyra viva, onde se consubstanciam e incarnam muitos dos ridiculos humanos. Entra em scena Frei Paço, «*com seu habito e capello, e gorra de velludo e luvas, e espada dourada, fazendo meneios de muito doce cortezão*». E no que diz está debuxado o aulico com a maior naturalidade e exacção. O conjuncto de ardente mysticismo e de ardileza palaciana, a palavra repassada de uncção da fé, seguida da doblez que imprime no cortezão a frequencia dos paços, tudo isto transparece condensado n'esse bello trecho. Um rustico, João Mortinheira, acompanhado de seu filho Bastião, vem queixar-se a Frei Paço da miseria a que está reduzida a agricultura, e depois de se lastimar largamente, diz-lhe que quer fazer o rapaz de egreja para que possa viver mais folgado. A taes extremos tinha chegado a situação economica da patria, muitos annos antes do meado do seculo XVI, que levava o desalento ao animo das pessoas mais sensatas e experientes. Nunca a fazenda publica soffreu uma desorganisação tão completa. Nem o rei nem os subditos podiam já com os encargos, e era facil prevêr que cada vez poderiam menos com elles. Desde que se encetara o caminho ruinoso dos emprestimos, nunca mais se abandonara, e o Estado quasi que exclusivamente vivia d'esses expedientes. Por isto se vê quanto eram justos os lamentos de João Mortinheira, e factos da actualidade nos estão ensinando, como vivem as nações que, por systema, recorrem quotidianamente ao credito, malbaratando e dissipando no delirio da ostentação culposa e da opulencia ficticia os dinheiros publicos. Na sua precaria condição, concebe-se, sem largo exame, que o rustico pretendesse abrir ao filho uma carreira vantajosa, fazendo-o clerigo ou frade.

Temos analysado Gil Vicente nas suas qualidades mais conhecidas, na fórma truanesca e chocarreira com que escarnece e fustiga os vicios, as torpezas e os ridiculos do seu tempo. Mas se esta é a sua feição mais saliente, não é de certo por ella que podemos avaliar a superioridade do seu espirito e observar os vôos do seu alto engenho. Cumpre-nos examinar o modo tocante e a donosa suavidade do sentimento como elle o exprime, a penetração e agudeza dos conceitos com que o reveste, quando entra nas regiões do mais puro lyrismo, a naturalidade com que expõe as scenas da vida real,a simplicidade harmoniosa e verdadeira de alguns dos seus quadros pastoris, e as galas e a singularidade d'esta poesia eminentemente portugueza, que se desprende em cadentes e harmoniosas redondilhas que encantam e deleitam em cada situação.

COME
CA'M AS OBRAS DO
quarto liuro, em q [illegible]
tem as farsas.

¶ESTE NOME DA FARSA SE,
guinte, quem tem farelos,pos lho o vulgo. He
seu argumento, que hum escudeyro man[illegible]
per nome Ayres rosado, tangia viola, [illegible]
[illegible]
[illegible]mente era namorado. Tratase [illegible]
[illegible] amores seus per cinco figuras. [illegible]
[illegible]
may. Foy representada na muy nobre &
sempre leal cidade de Lixboa, ao muy-
to excelente & nobre Rey dom
Manoel primeyro deste nome
nos paços da ribeyra. Era
do Senhor, de
M. D. V. Annos.
(.·.)

Gravura reproduzida da 1.ª edição das obras de Gil Vicente, em 1562, pelo editor Luiz Vicente, filho do poeta

(Descrevendo o seculo da Renascença, passa o auctor a mostrar a Europa em toda a sua generalidade no tempo de Gil Vicente e depois prosegue)

Não ignorava elle muitos d'aquelles successos, mas não os podia observar com a lente do criterio moderno, porque lhe faltavam os methodos e processos de observação e de analyse que nós hoje possuimos. O individuo nascido em um certo meio não tem as largas perspectivas e rasgados horisontes que a historia exige para synthetizar com exactidão uma epocha determinada. Só em um periodo historico posterior, se póde estudar com vantagem a phase social que o precedeu. Gil Vicente tinha conhecimento de uma parte d'estes factos com maiores ou menores minudencias, e se por um lado lhe faltava a critica moderna, tinha por outro a intuição d'esses acontecimentos, e por vezes como que previa o seu alcance. Não possuia de certo o assombroso genio de Shakespeare, que é ainda hoje o colosso do theatro moderno;

viéra tambem quasi um seculo antes d'esse vulto gigante e faltava-lhe aquella possante envergadura de inspiração com que o auctor do *Hamlet* se arrojava aos ares, librando-se ousado nos paramos do espaço infinito. Comtudo, nos moldes da sua inspiração foi em toda a sua pureza o representante da alma medieval. Não se deixou seduzir pelas imitações da antiguidade, encontrou sempre em si o genio da sua lingua e as tradições e os costumes da sua patria. Não pretendeu guiar-se por Plauto nem por Terencio. Quiz ser o que foi: um escriptor portuguez.

A idade media terminou em Portugal no fim do reinado de D. João II. Com D. Manuel abre-se o periodo historico denominado a Renascença. A nossa evolução litteraria, scientifica e artistica não começára ahi, e os nossos caracteres ethnicos vinham tracejados e affirmados de longos evos, anteriores ao estabelecimento da nossa autonomia. Horacio, diz um eminente escriptor, louva sobre todos aos poetas romanos que ousaram desviar-se do trilho batido dos gregos, e celebrar emfim as acções da sua propria gente, deixando em paz as Medeas e Jasons, a interminavel guerra de Troia e essa perpetua familia dos Attridos. Os nossos primeiros trovadores e poetas acrescenta o mesmo escriptor, que mal sabiam talvez, se tanto, o latim musarabe dos bons monges de Lorvão ou de Cucujães, e que de certo nunca tinham lido Horacio, nem o entenderiam, seguiram comtudo melhor, por mero instincto do coração, as doutrinas do grande mestre que não conheciam, do que depois o fizeram os poetas doutos e sabidos que no seculo XVI nos transmudaram e corromperam todas as feições da nossa poesia. O movimento litterario que começou a manifestar-se na Europa pelos fins do seculo XIV e começo do XV, chamava já a attenção dos homens de lettras portuguezes. Dos livros que os nossos sabios estudavam n'estes dois seculos, dá-nos noticias Gomes Eannes de Azurára. E' larga a copia de escriptores por este chronista citados, a começar pelos auctores sagrados e da antiguidade classica, e rematando com os que floresceram nos seculos medievos.

Alumiaram esta estreita orla do occidente os clarões d'essa fulgente luz que a Italia esparzia. Tinha-se correspondido com os Medicis D. Affonso V. A sua educação litteraria fôra confiada aos cuidados do profundo latinista Matheus de Pisano, filho da celebre Christina de Pisano, chronista do rei de França, Carlos V, e um dos homens mais afamados do seu tempo. Quando os soberanos presavam assim as lettras, e quando os seus cultores podiam soccorrer-se a subsidios tão valiosos como eram os livros que já possuiam, não era para admirar que homens eminentes se distinguissem em varios generos, e que certa actividade intellectual, transcendendo os limites dos claustros, ainda então quasi os exclusivos depositarios da sciencia, viesse animar nas outras classes o amor do estudo. A carta de Affonso V a Gomes Eannes de Azurára, e a de D. João II a Policiano são monumentos preciosos para a historia litteraria, porque attestam a importancia concedida á penna d'aquelles escriptores, e o desejo ardente que tinham os dois principes de verem perpetuadas as memorias gloriosas do seu tempo e do anterior.

No fim do seculo XV a revolução achava-se consummada, e D. Manuel, subindo ao throno, abriu uma nova era em Portugal no alvorecer do seculo XVI. Herdeiro feliz, como observa um escriptor moderno, de uma serie de principes emprehendedores e de navegantes arrojados, Vasco da Gama enflorou-lhe logo os primeiros annos do reinado, pondo remate ás audaciosas empresas de Diogo Cam, de João Affonso de Aveiro e de Bartholomeu Dias. Dobrado o cabo das Tormentas e patenteado o caminho do Oriente, Lisboa recebeu com o sceptro dos mares o maior emporio commercial de que ha memoria nas paginas de toda a historia. Vasco da Gama, pois, realisando as esperanças do infante D. Henrique e de D. João II transferiu de Veneza e da Italia para Lisboa o commercio do mundo oriental. Pedro Alvares descobriu o Brazil aonde o seguinte reinado, inconsciente, lançou as bases de um imperio mais solido e mais rico do que o da Asia. Uma floresta de mastros, diz um historiador, e de antenas povoou a espaçosa bahia do Tejo, e os mercadores de todas as nações disputavam os sorrisos e favores da afortunada capital do reino mais invejado da Europa n'aquelle momento. Uma actividade incrivel e quasi febril devorou todas as classes. Elementos tão poderosos de grandeza nenhum paiz os possuiu então como nós. Admirado pelos seus vastos descobrimentos maritimos e terrestres, senhor exclusivo do trato mercantil da Asia, e dominando os mares arados por suas quilhas até as mais desviadas partes, não era para causar extranheza que o deslumbramento de tão raro espectaculo exaltasse os animos, desvairasse as phantasias e excitasse o enthusiasmo. E' neste periodo de maravilhas e de arrebatamentos, em que o ardor da fé mais viva alentava os brios e vencia o impossivel, é n'este periodo, diremos, que Gil Vicente fazia representar o *Auto da Fama.*

D. Manuel imitava no fausto e na sumptuosidade as côrtes de Leão X e de Fernando

e Isabel, e as representações tão predilectas d'aquelles soberanos faziam parte das solemnidades da sua côrte. Foi na presença d'este monarcha, em 1508, que se representou um dos mais elevados assumptos a que se entregou a inspiração de Gil Vicente: o *Auto da Alma*. E' um drama genuinamente hieratico. O pensamento primordial d'este *Auto* resume-se na lucta do homem com o genio do mal, vencendo o homem pela misericordia do Redemptor.

(Aqui faz o auctor analyse demorada e suggestiva d'este celebre e inspirado auto, do qual apenas para exemplo e amostra do metro de Gil Vicente se transcrevem alguns trechos.)

Ao afastar-se o Anjo, que fallára á Alma, approxima-se o Diabo, e diz-lhe:

«Tão depressa, ó delicada,
Alva pomba, pera onde is?
Quem vos engana,
E vos leva tão cansada
Por estrada,
Que somente não sentis
Se sois humana!
Não cureis de vos matar
Que ainda estais em idade
De crescer.
Tempo ha hi pera folgar
E caminhar:
Vivei á vossa vontade
E havei prazer.
Gozae, gozae dos bens da terra,
Procurae por senhorios
E haveres.
Quem da vida vos desterra
A' triste serra?
Quem vos falla em desvarios
Por prazeres?
Esta vida he descanço
Doce e manso,
Não cureis d outro paraizo:
Quem vos põe em vosso siso
Outro remanso.»

Diz a Alma:

«Não me detenhais aqui,
Deixae-me ir, que em al me fundo,

Insiste o Diabo:

Oh descansae neste mundo,
Que todos fazem assi.
Não são embalde os haveres,
Não são embalde os deleites,
E fortunas,
Não são de balde os prazeres
E comeres:
Tudo são puros affeites
Das criaturas.
Pera os homens se criárão.
Dae folga á vossa passagem
D'hoje a mais:
Descansae, pois descansárão
Os que passárão
Por esta mesma romagem
Que levais.
O que a vontade quizer,
Quanto o corpo desejar,
Tudo se faça
Zombae de quem vos quizer
Reprender,
Querendo-vos marteirar
Tão de graça.
Tornára-me, se a vós fôra.
Is tão triste, atribulada,
Que he tormenta.
Senhora, vós sois senhora
Imperadora
Não deveis a ninguem nada;
Sêde isenta.

Começa a tentação. São evidentes as analogias do *Auto* de Gil Vicente com o *Fausto* de Goethe. Conheceria o poeta allemão este trabalho do fundador do nosso Theatro? E' possivel. Não lhe faltavam tradições para o não desconhecer. Erasmo aprendera portuguez para poder avaliar com perfeição o homem que elle appellidava o Plauto de Portugal, e estas investigações do philosopho do seculo XVI podiam ter despertado a curiosidade de tão lucido espirito.

Estas duas personificações, Anjo e Diabo, que estão em scena, no mesmo plano em que vemos a Alma, conservam sempre durante a acção os predicados inalteraveis dos seus caracteres. Ha como que uma placidez celeste, uma serenidade divina na compostura do Anjo, ainda nos lances mais ardentes. Afigura-se-nos alumiado por uma luz sideral. Satan é a antithese d'esta donosa magestade. Turbulento, astuto e sinistro, dá-nos a noção do que deve ser o espirito das trevas. Vae agora tentar o ultimo assalto.

Diz elle:

Todas cousas com razão
Tem sazão.
Senhora, eu vos direi
Meu parecer.
Ha hi tempo de folgar,
E idade de crescer;
E outra idade
De mandar e triumphar,
E apanhar
E acquirir prosperidade
A que puder.
Ainda he cedo pera a morte;
Tempo ha de arrepender,
E ir ao céo,
Ponde-vos á fór da côrte,
Desta sorte
Viva vosso parecer,
Que tal nasceo.
O ouro pera que he,
E as pedras preciosas,
E brocados?
E as sedas pera que?
Tende por fé,
Que p'ra as almas mais ditosas
Forão dadas.
Vêdes aqui um collar
D'ouro mui bem esmaltado,
E dez anneis.
Agora estais vós p'ra casar
E namorar:
Neste espêlho vos vereis,
E sabereis
Que não vos hei de enganar.
E poreis estes pendentes,
Em cada orelha seu:
Isso si;
Que as pessoas diligentes
São prudentes.
Agora vos digo eu
Que vou contente daqui.

Desvanece-se a Alma, e ao contemplar-se com a riqueza e a elegancia de tão luzidos adornos solta subito estas phrases:

Oh como estou precioza,
Tão dina pera servir
E sancta pera adorar!

No confronto de toda esta situação com a scena identica do *Fausto* de Goethe, (a conhecida scena do cofre das joias) custa a crêr que o poeta allemão desconhecesse o *Auto* de Gil Vicente. Ha uma paridade extraordinaria entre a Alma e Margarida. Só existe a differença que resulta do meio onde as duas scenas se passam. No *Fausto*, a vida suppõe-se real, os personagens existem. No *Auto* do nosso poeta, tudo é ethereo, allegorico, manifesta-se como se fôra uma visão do espirito.

Foi o *Auto da Alma* representado na noite de endoenças de 1508 nos Paços da Ribeira. Estas diversões e passatempos levam-nos a conceber, sem largo exame, o fausto, a magnificencia e a grandeza que existiam na côrte do monarcha appellidado o Venturoso. Chegára Portugal á culminação de um prestigio deslumbrante e do seu grandioso poderio. Empunhava o sceptro dos mares e possuia o commercio do mundo. As artes foram-se erguendo até tocar o livel d'estes uniformes primores. Teve a musica nos seculos XV e XVI notavel desenvolvimento, devido inquestionavelmente ao uso hespanhol dos poetas se acompanharem com instrumentos, emquanto improvisavam ou cantavam seus poemas. Era Gil Vicente quem compunha a solfa para os villancicos e chacotas dos seus autos; Manuel Machado primava no toque do alaude; D. João de Menezes compunha para orgão a musica das suas coplas; Garcia de Resende era celebrado como tocador de guitarra, e Sá de Miranda acompanhava-se, com enlevo de quem o ouvia, á viola de arco. O metro admittido n'estas composições era a redondilha maior, por mais adequada ao rythmo musical das toadas nacionaes. Porém a poesia lyrica da escola hespanhola, n'esta dependencia da musica, perdeu a sua categoria litteraria e ficou valendo unicamente como *cantigas*. Quasi que destituida de pensamento poetico valia pela cadencia do rythmo. Foram os serões do paço que offereceram o unico meio de publicidade a este genero de composições, vulgarisadas depois por se terem multiplicado em grande copia. Colligidas mais tarde, e por se chamarem ordinariamente *canções*, foram denominados *cancioneiros* os volumes em que as foram reunindo. Estava em uso nas côrtes de D. Affonso V e de D. João II a chamada dança moirisca que os poetas d'essas eras descrevem de meneios lubricos, como esses bailes sensuaes e provocadores trazidos do oriente, ou originarios da compleição ardente dos habitantes da Mauritania; mas com a influencia italiana vieram a *pavana* e a *galharda*. A *pavana* era uma dança grave e de posições garbosas e senhoris. Só a dançavam rainhas, as principaes damas da côrte, e os gentishomens da mais illustre linhagem que podiam receber essas honrarias. Era considerada especialmente como dança de etiqueta corteză. Dançava-se com roupas talares e roçagantes, e nas voltas os mantos, enfunando-se, muito concorriam para a solemnidade dos passos e magestade das attitudes. Tornára-se de uso pôr n'estas occasiões as melhores joias, e até os soberanos se ornavam com os distinctivos da realeza, e os nobres com a capa e espada. A *galharda* era outra dança que se executava a tres tempos, com movimento vivo e animado, de que pouca noticia nos resta. Nunca as fascinações de uma grande civilisação foram tão fulgurantes como n'este periodo historico.

As riquezas do Oriente refluiam em torrentes das margens do Ganges para as praias do Tejo, e milhares de navios estrangeiros, tributarios da nossa opulencia, acudiam ao porto de Lisboa, carregando para os vastos mercados de Flandres, de Inglaterra, de França e da Italia. Versava o nosso commercio sobre productos variadissimos e era com o oiro de Sofala que se pagavam em parte as mercadorias asiaticas. Os metaes preciosos entravam como artigo principal nos carregamentos das naus de Lisboa, e cada uma levava de ordinario quarenta a cincoenta mil cruzados para empregar em pimenta e outras especiarias. Traziamos o cravo das Molucas, a nóz e a massa de Banda, a pimenta e o gengibre do Malabar, a canella de Ceylão, o ambar das Maldivas, o sandalo de Timor, o benjoim do Achem, as tecas e couramas de Cochim, o anil de Cambaiya, o pau de Solor, os cavallos da Arabia, as alcatifas de Schiraz, as sedas, damascos, almiscar, lavores e porcelanas da China, os estofos de Bengala, as perolas de Kalckar, os diamantes de Narsinga, os rubis de Pegú, o oiro de Sumatra e dos Lequios, e a prata do Japão. Moçambique, ponto aonde todos os annos nos mezes de agosto e setembro vinham aportar as armadas, trocava pelos productos da India que lhe vendiamos, o oiro colhido nas visinhanças de Sofala ou nos rios de Monomotapa, os escravos negros do sertão, o marfim e o ebano.

Todas estas grandezas passaram. A decadencia não tardou, e com ella surgiram todas as vilezas que nos teem opprimido e esmagado. A esta lugubre derrocada não escapou o theatro. E todavia Gil Vicente tinha lançado os fundamentos d'uma escola nacional.

Do livro «Gil Vicente» pelo Visconde de Ouguella

Vista Geral da Exposição de Arte em Coimbra

A Exposição de Arte em Coimbra

Coimbra affirmou mais um progresso na sua cultura. A Athenas portugueza acaba de realisar, á semelhança de Lisboa e do Porto, a sua primeira exposição d'arte que representa um amplo e bello acto de arrojo que muito honra o seu promotor, o distincto photographo Pinho Henriques, e que determinou um vivo interesse e sympathia no restricto mas valioso numero dos que dedicam um fervor sincero e uma boa parcella da vida aos nobres cuidados da Arte, a manifestação mais elevada da actividade humana, que alliando a verdade e a belleza, divinisando a côr e a linha, constitue uma funcção social das mais graves e difficeis, mas que em compensação nos dá emoções, vibrantes e intensissimas por isso que na bella expressão de Guyan * *devant toute l'œuvre de l'art nous revivons une portion de notre vie ; nous retrouvons un fragment de nos sensations, de nos sentiments.*

Superfluo será encarecer a utilidade d'este certamen, o seu verdadeiro alcance moral e intellectual, já como estimulo aos que entre nós trilham com vontade o caminho da sua aspiração artistica, já como elemento de educação esthetica pela grata lição que trouxe ao nosso pequeno meio um bom numero de obras, reçumantes de talento e de saber, que são mais que um lampejo de vida, pois constituem um testemunho frisante de que em Portugal ainda ha vassallos fervorosos do incontestado e rútilo imperio da Arte.

Teixeira Lopes. — Busto de Creança

A exposição, installada em duas galerias do *atelier* photographico *Pinho Henriques*, teve um exito dos mais lisongeiros, concorrendo ao appello do seu promotor quarenta e tantos expositores de diversos pontos do paiz.

A actividade artistica de Coimbra manifestou-se apenas n'uma amadora distinctissima, a ex.ma sr.a D. Maria Lucilia Henriques de Lima e no grande *carbonista* Luiz Bastos, o que brada bem alto em desabono das condições estheticas d'esta linda terra, e envergonha de inercia os que mais obrigação tinham de comprehender e amparar o sympathico commettimento.

Composta de 200 trabalhos em esculptura, pintura a oleo, desenho a carvão, desenho á penna e aguarella, o aspecto geral da exposição era um pouco monotono pelo

* *L'art au point de vue sociologique* — Paris, 1901.

predominio da paisagem, na sua maior parte sem figura que a animasse.

Ainda assim entre aquelles trabalhos, cujo numero é importante para uma terra como Coimbra, que nunca se abalançou a tentati-

Fernandes de Sá. — Beija-flor

vas d'esta natureza, destacavam-se muitos com individualidade e com caracter. E o que lamentamos é que o espaço restricto de que dispômos nos obrigue a dar umas simples notas de impressão que tendem unicamente a lançar nos registos da arte uma rapida noticia sobre os mais notaveis trabalhos expostos, alguns dos quaes publicamos em photogravura.

Na mais nobre das artes bellas, a esculptura, o trabalho primacial era uma adoravel cabeça de creança, modelada com rara sobriedade pelo forte e prodigioso artista que é Teixeira Lopes.

Este busto é adoravel na expressão physionomica que espiritualisa o marmore, tratado com immensa simplicidade, e ao qual o glorioso artista amaciou a natural dureza, transmittindo-lhe todo o setim proprio da epiderme, toda a suavidade dos contornos.

O sr. Antonio Fernandes de Sá, discipulo de Falguière e Puech, enviou dois bustos *Beija flôr* e uma *Cabeça de estudo* muito apreciaveis, pela maneira como estão observados e estudados, pela graça e pelo rythmo de todas as curvas.

Espirrante de *verve* e d'um sabor original o *Busto do sr. Antonio do Couto*, uma expressiva mascara de bohemio, que, pela intensidade de vida que a anima, é uma maravilha. O vigor do modelado documenta os altos dotes de realisação plastica que possue o seu auctor, o sr. Costa Motta, Sobrinho, um artista em plena força da mocidade e do talento.

Duas *maquettes* do sr. Rodrigo de Castro *Dedale et Icare* e *Orestes* são estudos interessantes que denotam aptidão.

Passando á pintura temos a assignalar uma soberba téla d'esse temperamento singularissimo de artista, que foi Josepha Garcia Greno, a desventurada protagonista d'esse grande drama de sangue que ha tempos alarmou a capital. Foi exposta pelo importante capitalista sr. Joaquim Sotto-Maior, seu actual possuidor, e traz bem impressa a chancella, da admiravel factura, do originalissimo talento de D. Josepha Greno.

N'um fundo que se presta esplendidamente ao destaque, ha uma magnifica composi-

Fernandes de Sá. — Cabeça de Estudo

ção de laranjas escachadas que nos tentam a cravar-lhes os dentes, uvas de bagos que scintillam claridades de topazio, tocados com tanto brilho, tanta frescura e limpidez que parecem desprender-se da téla.

O sr. Sotto-Maior enviou tambem um quadro do mallogrado esposo da prodigiosa artista, Adolpho Greno. Representa o typo e o costume de mulher andaluza; o seu colorido é bastante justo; a *pose* da figura é natural, e a sua linha geral tem a graça e a belleza que anima as mulheres de Hespanha.

O laureado pintor portuense Julio Costa, mandou uma grande téla *O Calvario*, ampla composição que evoca grandiosamente a grande tragedia christã da Judéa. Este quadro chama vivamente a attenção, pela maneira de arte, nova e pessoal, como o artista interpretou o assumpto. O sr. Julio Costa é um artista de primeira força, que possue uma technica poderosa, e um conhecimento vivo e profundo da côr.

O quadro exposto documenta exuberantemente os recursos do seu auctor e o notavel cuidado com que estudou algumas das figuras, como a da Magdalena que se assignala fortemente na téla e á primeira vista invencivelmente nos attrahe pelo contraste que resulta da tonalidade clara do seu gracioso vulto com o colorido quente da composição, a que dá uma nota cheia de frescura e elegancia.

Costa Motta.—Busto do Sr. Antonio Couto

Estatua.—Esculptura de Bernardino Reaes

Maria de Magdala, no primeiro plano do quadro, de joelhos em frente á cruz, ergue os braços nús, n'uma sollicitude dolorosa, para o divino sonhador da Galliéa; a sua loira cabeça, de abundantes cabellos, que cahem em ondas pelas costas, é pintada com carinho, e no torso e na espadua direita a luz incide vivamente, e illumina carinhosamente em gradações admiraveis de justeza o resto da figura, envolta nas roupas tratadas com grande largueza e palpitante toda ella de mocidade.

Julio Costa curou bem as attitudes das outras personagens, insistindo na sua dór, que, a traços de pungente realidade, imprimiu nas physionomias e nos gestos.

Assim é extraordinaria de expressão a cabeça e a attitude do ancião de longa barba ancestral que retira de junto da cruz, levando desoladamente a mão á cabeça, branca de neve.

O artista soube tombem traduzir com intensidade a piedade profunda e a dôr infinita da Virgem, cujo olhar comtempla resignadamente o Christo na expressão, bem desolada, bem humana, da mãe que perdeu o seu filho.

O agrupamento dos companheiros de Jesus e mulheres que junto á cruz soluçam convulsamente, é feliz, bem como o dos guerrei-

ros romanos de physionomias expressivas, armados de capacetes e lanças de espiculos reluzentes.

O céo, pesadissimo, obscurecido de espessas nuvens, está muito bem tratado. Oito quadros do eminente paisagista Marques de Oliveira lançam uma nota de doce e encantadora frescura, apregoando a superioridade emocional e a pericia technica do artista.

Julio Costa. — O Calvario

A destacar o n.º 113 do catalogo—*Paisagem*—um estudo fogosamente tocado, do qual o sentimento da natureza se evola com um vigor e uma simplicidade adoraveis; e *O tear*, uma scena d'interior, finamente observada e bellamente interpretada. Junto d'uma ampla janella, por onde a luz entra fortemente, tece uma rapariga de bello typo minhoto, trajando os formosos costumes tradicionaes de vivas e variadas côres. A figura de perfil, delicadamente traçada, destaca-se com vigor no fundo illuminado da téla; a sua *pose* é naturalissima e a sua linha geral é cheia de harmonia, de encanto.

O seu estudo para o quadro *Esperando os barcos* é um pedaço vigorosamente pintado; representa uma d'essas rudes e simples filhas da beira-mar, em magnifica attitude, cheia de vida e de expressão.

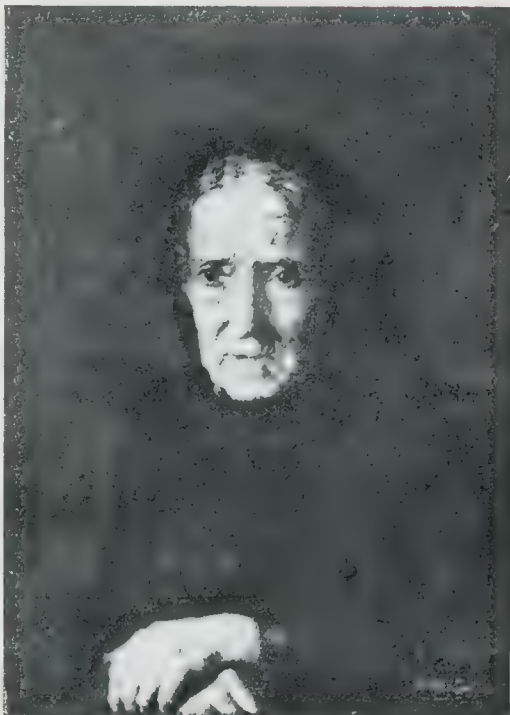
Do delicado pintor de flores, sr. Antonio José da Costa apparecem varias paisagens finamente brossadas e dois quadros *Chrisanthemos* e *Gigantes*. Este ultimo é encantador no excellente agrupamento das flores e na delicadeza dos toques que fazem com que a téla, entre as outras, espirre tanta frescura.

O seu quadro *Engeitada da Varzea* que o distincto artista mandou ha tempos á exposição de Berlim, é um pedaço de fresca paisagem, immensamente pittoresco. Anima-o uma figura de rapariga, de linhas justas, lavando n'um claro riacho. A figura tem vida, tem destaque, pousando bem n'um fundo de tenra verdura, sabiamente achado para lhe dar relevo.

O distincto paisagista Francisco Gil, illustre director da escola industrial Bernardino Machado da Figueira da Fóz,

expõe quatro quadrinhos: *Trecho da quinta das Abbadias* uma graciosa téla, cheia de ar e de luz, com a belleza simples, e o encanto da côr local; *Paisagem Mondeguina*, um doce e fresco retalho apanhado em plena região coimbrã; *Rua de um Jardim* (Peniche) tratado com grande delicadeza e *Buarcos*, um risonho quadro, repassado de realismo, em que o artista surprehendeu flagrantemente a vida da praia da pittoresca Figueira no mez de agosto, quando o sol lança vivamente os seus raios sobre o alegre acampamento das barracas e todos pedem um bocado de goso ao ar fresco e lavado da atmosphera.

O sr. Ezequiel Pereira, discipulo de Silva Porto, mostra um fervoroso desejo de seguir as pisadas d'esse grande renovador da arte nacional, sendo um dos artistas que maior numero de motivos tem encontrado para os seus quadros na paisagem coimbrã, de poentes desmaiados e dôces, em céos agonisantes que esmorecem sobre as suaves silhuetas dos choupos.

O quadro exposto, o *Choupal*, pertencente ao illustre conde do Ameal, tem, porém, uns verdes de tons crús, frios, que não dão idéa da enternecida

T. Pinheiro.—Retrato de Minha Mãe

Torquato Pinheiro. — Retrato de Bernardino Reaes

e dôce paisagem, acolhedora e mysteriosa, em que a folhagem dos choupos tremula em desmaios de côr.

A individualidade do sr. Ezequiel Pereira manifesta-se poderosamente em o n.º 64 do catalogo *Pont-Croix*, um aspecto da Bretanha, interpretado com desmedido arrojo, denotando um bello rasgo de talento. Representa uma planicie, de austera simplicidade, mas cujo effeito geral possue uma certa imponencia que nos attrahe, commove e domina.

Dos tres quadros que expôz o sr. Candido da Cunha agrada-nos sobretudo o n.º 51 *Entardecer* d'um effeito lindissimo e impregnado de sentimento, mas que não é isento de defeitos.

Uma *Paisagem* de Julio Ramos é uma téla simples, intensa, feita com grande consciencia artistica, de larga e simplificada factura. Accusa uma enorme justeza de visão e prende-nos pela sua indeclinavel harmonia, pela alma que palpita nas suas tintas, pela expressão verdadeira, sentida, que n'essa paisagem têm os verdes e as aguas, em

Josepha Greno. — Fructas

espelhado remanso, frescas e translucidas como crystaes. O seu quadro *Mêdas*, é um vivo e animado trecho que nos faz ter a illusão de que respiramos a plenos pulmões o ar sadio e forte das campinas; e a sua *Cabeça de estudo*, sobriamente executada e com uma bella distribuição de luz, é sobretudo apreciavel pela intensidade de vida, pela frescura e brilho que anima a physionomia d'essa rapariga.

Do sr. Eduardo Moura appareceu um quadrinho, d'um conjuncto agradavel, que representa, uma adoravel scena d'interior com uma svelta figura de camponeza que deixou de dobar para se rever no filhito que tem nos joelhos. Intitula-se *Encantos d'uma mãe*.

O sr. Carneiro Junior nas télas que enviou revela ser um pintor de retratos de alto valor, que pinta carnes bem reaes e bem verdadeiras.

No seu tryptico *A vida (Esperança, Amor, Saudade)*, que pertence ao sr. dr. Francisco Barahona, de Evora e do qual expóz no certamen o esquisso definitivo, transparece a influencia do grande e inimitavel pintor symbolista Puvis de Chavannes.

Como pintor de retratos, brilha tambem Torquato Pinheiro com o *Retrato de minha mãe*, e o *Retrato do esculptor Bernardino Reaes*.

O primeiro é uma pequenina obra prima que o artista pintou com enternecida saudade para ser a joia da sala de sua familia.

Executando com grande sentimento artistico, Torquato Pinheiro documenta a belleza de modelado que sabe dar ás suas obras. A cabeça, de muito bom desenho, destaca-se com grande vigor n'uma esplendida distribuição de luz.

A physionomia, sulcada de rugas finas, dá bem o caracter, cheio de bondade, da veneranda senhora que poisa em excellente attitude, de mãos cruzadas.

O *Retrato do esculptor Bernardino Reaes* tem egualmente uma grande justeza de tons e minudencias esplendidamente pintadas. Torquato Pinheiro fixou habilmente a expressão dolorida d'aquella cabeça de artista.

O olhar triste e doentio, a physionomia ds esmaecido aspecto, rodeada da barba e

Francisco Gil. — Paizagem do Mondego

do cabello em desalinho, tudo forma uma téla de tintas melancolicas que o artista envolveu de muita alma, de muita piedade pelo iufortunio do pobre moço d'um tão verdadeiro e real talento que uma doença implacavel arrebatou na flôr da vida. [1]

Entre as suas paisagens, que teem um cunho inconfundivel d'originalidade, avulta como uma das melhores o *Mosteiro de Leça do Bailio*, vivo de côr e de bellos effeitos de luz na folhagem das arvores.

A sua tela *Crepusculo* pertencente ao nosso querido amigo e antigo condiscipulo dr. Affonso Lopes Vieira, é um canto adoravel de Santarem, com perfis d'arvores que contam o colorido suave do céo á hora em que a tarde começa a dcsmaiar. Tratada com delicadeza, indica, na sua harmonia um artista que broxa com alma.

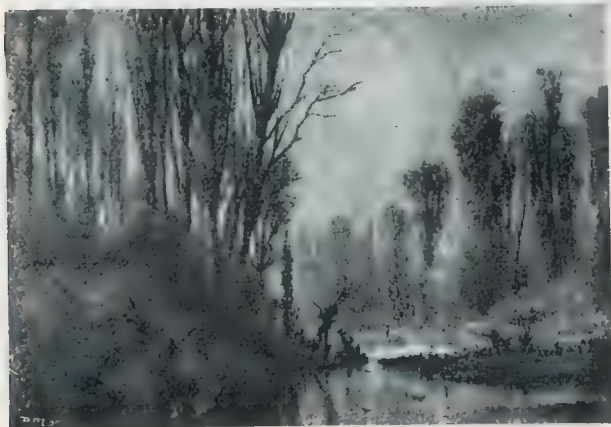
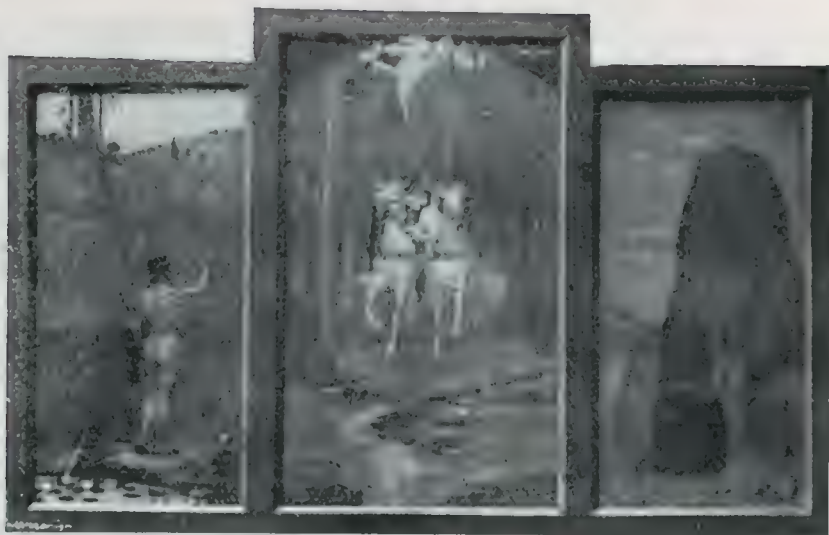
Flagrantissimo de verdade o quadro *Manhã de nevoa*, um aspecto do Porto, visto através um espesso nevoeiro, bem como o *Estudo de paisagem*, em que fixou um tranquillo e pittoresco aspecto de Villa Real com casaes fnmegantes no sopé de suaves montanhas., envoltas em a nevoa.

As ex.mas sr.as D. Julia Molarinho e D. Lucilia Aranha expõem trabalhos reveladores das suas magnificas aptidões pincturaes.

Adolpho Greno. — Andaluza

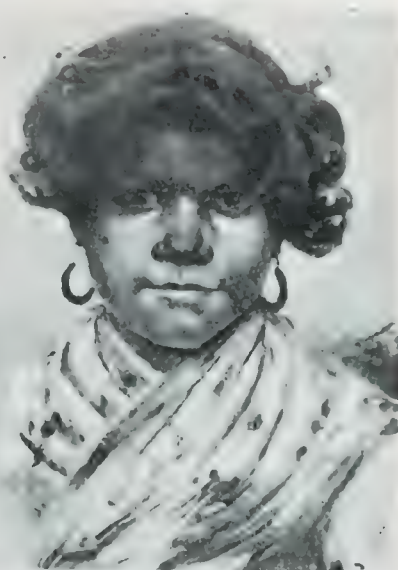
[1] Bernardino Reaes falleceu em 3 d'abril, já depois de composto o presente artigo. Entre outras obras, deixou uma esculptura *O arrependido* que é um magnifico estudo do corpo humano.

Um dos artistas que mais abrilhanta a exposição é incontestavelmente o sr. Augusto Ribeiro, um distincto e arrojado paisagista que mancha admiravelmente e que ha de vir a ser um superior artista.

Expôz este fecundo e já bello paisagista nada menos de vinte e cinco quadros. De lindo effeito a paisagem., *Ao pôr do sol* (Ponte do Lima) cuja tonalidade geral convem ao assumpto que o artista quiz reproduzir; surprehendido com felicidade *Um trecho do Rio Lima*, de que se evola a poesia e a suavidade que tem as margens do pittoresco rio; de grande

Luiz Bastos. — No Choupal (Carvão)

Carneiro Junior — A Vida (Tryptico)

intensidade emocional o quadro *Entardecer* (Ponte do Lima), em que se levantam nodosos troncos d'arvores que se destacam n'um céo poente que forma um suave e magnifico fundo a esta paisagem.

Carreiros (Foz do Douro), pertencente ao illustre conde do Ameal, é uma bella marinha que no céo e nas aguas, excellentemente pintadas, de uma grande justeza de tons indica a vigorosa organisação do artista. Interpretadas com poesia, de larga factura e encantadora simplicidade, as duas pequeninas e frescas manchas que representam caminhos em Ponte do Lima; e bem assim o quadro *Manhã* (Nevogilde) um bem achado effeito de que resalta vigorosamente

Carneiro Junior. — Retrato de Maria

Julio Ramos. — Cabeça de Estudo

o sentimento real da natureza e *Uma rua de Ponte do Lima*, um pittoresco e risonho pedaço de paisagem, finamente observado.

Os srs. Abel Cardoso, Accacio Lino, Arthur Pratt, João A. Ribeiro, Teixeira Bastos e Teixeira da Silva apresentam trabalhos dignos de apreço, que a falta de espaço não permitte que especialisemos.

Julio Ramos. — Medas

Seguindo a ordem do catalogo deparamos com o nome de Luiz Bastos, o insigne *carbonista* que no seu florido eremiterio da Cumeada (Coimbra) continúa a manter o culto religioso da sua arte que faz d'elle um mestre unico entre nós em trabalhos da especialidade.

Os carvões de Luiz Bastos não carecem de assignatura para se saber a que poderosa individualidade pertencem: de tal modo a *griffre*, o cunho do artista se encontra marcado n'esses centos de valiosos carvões que fazem amar e sentir a quem os não conhece os encantos irresistiveis da nossa terra, onde ha adoraveis pedaços de natureza verdadeiramente paradisiacos, ora cheios de luminosidade, ora de suave e insinuante melancolia que elle interpreta, impregnando-lhe uma intensa poesia rustica, que só uma poderosa observação e um constante convivio com a natureza inspiram, levando-o a traduzir, com prodigiosos effeitos de luz e de sombra, horisontes bordados de choupos frescos e melancolicos, murmurosos e elançados pinheiros que se espelham em aguas crystalinas.

Entre os amadores destaca-se a ex.ma sr.a D Lucilia Henriques de Lima, de Coimbra, que revela em quatro télas de flôres excepcionaes qualidades de artista, verdadeiros primores de delicadeza e de perfeição.

A ex.ma sr.a D. Maria Moura expõe um cuidado retrato e a ex.ma sr.a D. Maria Reis, uma pequena paisagem e um apreciavel quadro *Fructas*.

As aguarellas do sr. José David, cheias de impressão e de verdade, denotam um amador consciencioso, que *mancha* excellentemente.

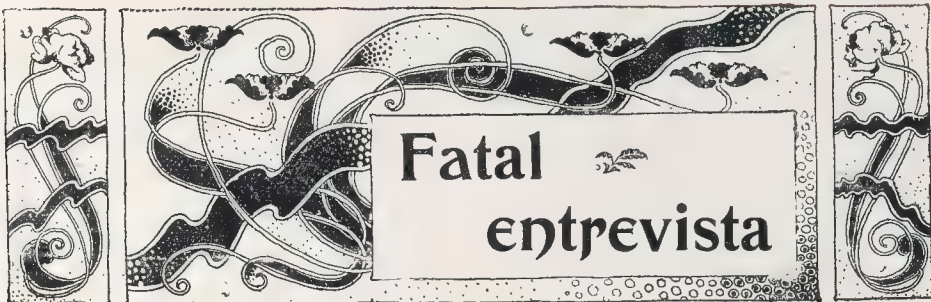
Augusto Ribeiro. — Paizagem

A ex.ma sr.a D Guilhermina Marinho e Joaquim Marinho teem uma interessante exposição de aguarellas, assim como o sr. Manoel Alberto de Souza, nas suas bem pinceladas paisagens e marinhas.

Na secção *Desenhos* notam-se um desenho á penna da ex.ma sr.a D. Sophia da Silva, dois retratos executados pelo sr. João Corsino Caldeira que mostra ter decidida aptidão para o desenho á penna e dois bons *pasteis* do

sr. Joaquim Marinho: *Padre, não me abandones*, imitando flagrantemente azulejo, e uma excellente cabeça de estudo.

A falta de espaço e sobretudo o desejo de não parecer demasiado severo na apreciação obriga-nos a deixar no olvido os restantes artistas e amadores.

Eis reduzida ao mais possivel a summula das impressões que nos dcixou a primeira exposição de arte que teve logar em Coimbra

Coimbra, 1902.

VALLE E SOUSA.

ANTONIO JOSÉ DA COSTA. — GIGANTES

Fatal entrevista

Entre as narrativas historicas, todas envoltas n'um veu de mysterio. aquella que vae lêr-se demonstra como da analyse d'um caracter, da comparação de procedimentos e da aproximação de interesse ou de ambições se conjectura com apparencia de verdade incontestavel a historia de um crime e se desce aos reconcavos d'um espirito, definindo-lhe as perversas intenções e a complexa psychologia.

Naquella noite, 14 de junho de 1497, dava-se lauta ceia n'uma villa romana a pouca distancia da egreja que os italianos chamam S. Pedro ad Vincula.

A meza estava posta no terraço ao ar livre, suave e delicioso ambiente d'uma noite de estio na Italia. Além do lustre brilhante das estrellas, tão scintillantes e quasi tão luminosas como a lua no céu de paizes do norte, o banquete era illuminado por velas de cera em candelabros de prata, cuja luz se reflectia na rica baixella com que estava guarnecida a meza. A claridade d'esses candelabros evidenciava uns dez ou doze convivas, na sua maioria homens, e evidentemente pelas maneiras e pelos trajes pessoas de alta posição social.

Dois d'elles ostentavam soberbas vestes escarlates, que denotavam ser principes da egreja; e n'aquelle tempo um cardeal quasi egualava um rei. Comtudo havia n'aquelle agrupamento um conviva que seguramente gozava ainda de maior consideração do que a attribuida aos dois cardeaes. Este era um mancebo, de grande belleza physica e de maior encanto nas maneiras, sentando-se á direita do amphitrião da festa, vestindo com um costume cuja magnificencia impressionou os chronistas d'aquella epocha.

O seu manto era espessamente bordado a filigrana d'oiro e pedras preciosas, rodeando-lhe o pescoço um largo collar de oiro, encastoado de numerosas perolas do melhor oriente, e negligentemente por entre às pregas do seu barrete de velludo, enroscava-se uma fita de oiro, encrustada de brilhantes, tão grandes que o seu valor parecia fabuloso. Tal era o aspecto d'este mancebo, mimoso da fortuna, nos ultimos momentos em que foi visto com vida.

A ceia ia ainda pouco adiantada quando appareceu um homem cujo rosto se occultava n'uma mascara, trazendo uma carta na mão. Dirigiu-se direito ao convidado que acabamos de descrever e entregou-lhe a carta. O mancebo quebrou o sello, leu anciosamente o contheudo, e respondeu em tom satisfeito: — Está bem, irei, — e ao mesmo tempo guardava o papel. O mensageiro mascarado comprimentou silenciosamente e partiu.

N'aquella epocha era menos extraordinario similhante incidente do que o seria hoje. A ultima metade do seculo XV foi uma d'essas eras terriveis da historia em que parecia ter-se perdido a noção da lei moral, abandonando-se por um commum impulso a toda a sorte de perversidades. Estava-se na vespera da Reforma, aquella reforma protestante que separou as raças do norte das do sul, e essa não menos importante reforma catholica que se tivesse succedido cincoenta annos mais cedo poderia talvez ter evitado o schisma religioso. Era na epocha de Ricardo III em Inglaterra, de Luiz XI na França — e dos Borgias em Roma.

Este nome sinistro, destinado a tão má fama na historia, era o da maior parte das pessoas presentes áquella ceia na villa. Era uma reunião da familia Borgia, um encontro ominoso que já parecia de si proprio annunciar alguma proxima tragedia. A dona da casa onde se estava dando a famosa ceia era uma mulher — a celebre Vanozza que vivera com Roderigo Borgia como se fôra sua mulher em Hespanha antes de elle entrar na egreja. Agora que Borgia attingira o papado, e estava reinando com o nome de Alexandre VI, Vanozza viéra para Roma participar da fortuna de seus filhos.

Tres d'elles estavam presentes á ceia. O mancebo de vestes ricas, que acabara de receber a mysteriosa mensagem, era o filho mais velho de Vanozza. Desde que o pae fôra ele

vado a papa, Francisco Borgia foi mimoseado com honras e riquezas. Creado duque de Gandia, e general do exercito da egreja, casara com uma princeza napolitana; e o papa claramente indicara a sua intenção de promover a fundação d'um principado para sua familia, fóra das rendas da Santa Sé, afim de que depois da sua morte os Borgias podessem ainda reinar como principes soberanos na Italia.

O segundo dos tres irmãos, Cesar Borgia, era um dos cardeaes que assistiam á ceia de sua mãe. Com muito maior habilidade do que seu irmão Francisco, e talvez ainda com maior ambição, fôra constranjido pelas circumstancias a entrar na carreira clerical. Era arcebispo de Valencia, como era egualmente cardeal. Tinha sido designado pelo papa para ir effectuar a cerimonia da coroação do novo rei de Napoles, e para esta missão, havia de partir no dia seguinte. Foi de facto, como motivo de despedida a Cesar que sua mãe reunira os membros de sua familia n'aquella noite.

O seu terceiro filho, o duque de Squillace, tambem estava presente. Mas havia dois membros da familia Borgia que não estavam entre os convivas. O primeiro d'estes era, por certo, o proprio pontifice; o outro era a filha d'elle e de Vanozza, Lucrecia cuja maravilhosa belleza e detestavel reputação a fizeram comparada á desgraçada rainha da Escocia. D'aquella infamada reputação a tem modernamente rehabilitado a critica historica, que em singular pendor tem vindo levantando as comdemnações da posteridade e dos coevos, e obtendo a admiração para outros vultos celebres de bem duvidoso conceito.

... *um homem trazendo uma carta*...

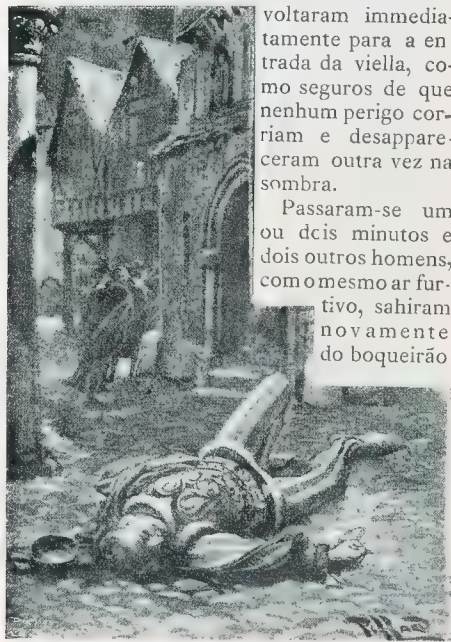
A's onze horas dispersou-se a reunião. Cesar foi o primeiro a despedir-se de sua mãe, annunciando-lhe que tinha de voltar para o Vaticano para receber ordens do papa antes da sua partida no dia seguinte. O duque de Gandia levantou-se depois e offereceu-se para fazer parte do caminho com seu irmão. Seguiram o duque montado n'um cavallo ricamente ajaezado, e o cardeal, como sacerdote, em preito de symbolismo christão, n'uma simples mula.

Caminharam juntos atraves das ruas de Roma então já silenciosas e desertas até o palacio do cardeal Sforza. N'aquelle ponto o duque refreou o cavallo e informou seu irmão Cesar de que tinha de o deixar. Confiou ao irmão que tinha uma entrevista intima, vulgar n'aquelle tempo e paiz dissolutos. Portanto separaram-se, o duque seguiu a cavallo n'outra direcção acompanhado d'um unico criado: Cesar Borgia continuou seu caminho para o Vaticano onde se despediu do papa e recebeu a sua benção. Na manhã seguinte ia a caminho de Napoles. Umas duas horas depois de se terem apartado os irmãos, os moradores da chamada Piazza della Giudecca, n'um outro bairro de Roma, foram despertados pelo alarido de gritos afflictivos e pelo retinir do aço. Sahindo precipitadamente de suas casas a investigar a causa da desordem encontraram um homem com a libré dos Borgias, deitado no meio da rua litteralmente ensopado no seu proprio sangue, emquanto outros quatro homens rigorosamente embuçados se afastavam apressados d'aquelle lugar. A victima foi conduzida para uma casa proxima, viva ainda, mas antes mesmo que podesse dizer quem era, ou o que lhe succedera, expirou. O homem era o criado do duque de Gandia, que tinha ficado na rua á espera da volta de seu amo, partido para secreta entrevista.

N'aquella mesma noite um catraeiro do Tibre chamado Jorge Schiavone levava no seu bote, rio acima, uma carga de madeira. Tendo subido pelo rio até a altura da egreja de S. Jeronymo, atracara o bote á margem do rio e descarregara para o cáes a madeira. Por causa da solidão do lugar e com receio dos ladrões, o catraeiro mal acabou a sua tarefa,

procurou uma posição occulta e commoda no bote, onde podesse vêr sem ser visto, e preparou-se para vigiar durante a noite.

Justamente do lugar opposto áquelle em que estava amontoada a madeira, havia, ao lado esquerdo da egreja, um escuro e estreito boqueirão para o caes. Pela quinta hora da noite —quer dizer pelas duas horas da madrugada —a vista observadora do occulto vigia descobriu dois homens, saindo cuidadosamente do boqueirão, olhando para cima e para baixo do solitario cáes, de uma fórma tal que claramente denunciavam a anciedade em que estavam de verificar se alguem os observava. Inconscientes da presença da silenciosa testemunha do bote, voltaram immediatamente para a entrada da viella, como seguros de que nenhum perigo corriam e desappareceram outra vez na sombra.

Passaram-se um ou dois minutos e dois outros homens, com o mesmo ar furtivo, sahiram novamente do boqueirão

... *um homem com a libré dos Borgias deitado na rua...*

e fizeram segundo exame na visinhança. Estes não descobriram egualmente a presença do catraeiro que subtil e attentamente espreitava todas as peripecias do que parecia já mysterioso drama. Logo que estes ultimos se convenceram de que tudo estava livre de risco, voltaram para a entrada do beco, e deram signal a pessoa occulta na escuridão. Pouco depois do signal, appareceu um homem montado n'um cavallo preto, e atravessou o cáes dirigindo-se para a beira do rio, acompanhado dos dois homens que primeiramente tinham apparecido emquanto que ao mesmo tempo os seus companheiros que acabavam de dar o signal se postavam na entrada da viella para evitar que alguem mais os seguisse.

Quando o cavalleiro vinha avançando o vigia occulto conseguiu perceber o motivo d'estas extraordinarias precauções. Deitado de través na garupa do cavallo, nas costas do cavalleiro, e seguro pelos dois a pé, vinha um cadaver, com a cabeça e os braços pendurados de um lado, e as pernas do outro, e ainda vestido com um fato revelador de que o homem morto não era pessoa ordinaria.

Chegados á borda do rio, n'um ponto em que os canos de esgoto descarregavam para o Tibre, o cavalleiro voltou o cavallo com a cauda para o lado do rio; e os dois homens que o acompanhavam pegando no cadaver, um pela cabeça e o outro pelos pés, e balouçando-o para tomar impulso, lançaram-o ao rio, no qual cahiu com forte e horrivel chapinhar.

Ao ouvir o ruido, o cavalleiro, que conservara a cabeça voltada não podendo talvez supportar a vista d'aquella scena, fallou pela primeira vez, perguntando em voz baixa:

— Está tudo terminado?

— Sim, *signor*— respondeu um dos homens.

Deu a volta ao cavallo e olhou para a negra corrente do rio. Attraiu-lhe o olhar um objecto de aspecto escuro fluctuando na superficie.

— O que é aquella cousa preta nadando ao de cima? perguntou apprehensivamente.

— E' a capa d'elle, *signor* – foi a resposta.

Um dos homens agarrou do chão algumas pedras, e seguindo a capa que ia impellida rio abaixo, arremessou-as sobre ella até que se afundou. Mal apagaram o ultimo vestigio da sua obra, entraram de novo silenciosamente na viella de onde tinham sahido, e sumiram-se na noite.

Com respeito a Schiavone, a aterrorisada testemunha d'este tremendo incidente, esse encolheu-se no mais fundo do seu esconderijo, só desejoso no intimo que nunca fosse descoberta a sua presença involuntaria n'aquella scena.

Quando amanheceu em Roma, os criados do duque de Gandia que esperaram no palacio toda a noite pela volta de seu amo, começaram de sentir sobresaltado receio. Depois de o terem procurado em todos os pontos, onde julgavam provavel colher noticias do duque, alguns foram ao Vaticano informar o papa de que não mais se tinha visto o filho desde a noite anterior.

Alexandre era pae extremamente affectuoso, e de todos os filhos talvez fosse Francisco aquelle que mais amasse. A' primeira noticia da desapparição do duque de Gandia, o papa cahiu em desmaio. Todavia tentou consolar-se com a esperança de que seu filho, cujo cara-

cter era bem conhecido, tivesse sido detido na sua visita nocturna até a aurora, e que estivesse forçadamente occulto á espera do cahir da noite para poder voltar com mais segurança. Foi breve desfeita a esperança. Nem n'aquelle dia nem n'aquella noite, nem no dia seguinte, o formoso Francisco voltou da sua mysteriosa entrevista; e um boato aterrador, vindo não se sabe d'onde, levantou-se e atravessou Roma, annunciando que o duque de Gandia fora assassinado.

Como a convicção da horrivel verdade se fosse apossando gradualmente do espirito de Alexandre VI, o infeliz pae cahiu em afflictivo desespero. Foi tão intensa a sua dôr que parecera ter ficado privado das suas faculdades; aquelle espirito tão fino e poderoso que tinha suggerido o mais profundo e respeitoso temor a todos os seus contemporaneos, ficára completamente perturbado, e o desgraçado papa, sentado nos seus esplendidos aposentos cuja decoração artistica ainda hoje se admira, recusava tomar alimento e sómente balbuciava de vez em quando, em vóz entrecortada de dôr:

— Informem-se, inquiram, pesquisem, mas consigam dizer-me ao menos por que forma o pobre rapaz encontrou a morte.

O duque de Gandia era o unico d'entre a familia Borgia que era extremamente adorado pelo povo de Roma, a quem as suas maneiras benevolas e o caracter valente e franco haviam feito comparar a um pombo n'um ninho de viboras. Portanto o desejo de Alexandre VI foi avidamente correspondido, e emprehendeu-se immediatamente uma busca tal como não era uso n'aquelle tempo em que os assassinatos entravam na ordem dos acontecimentos diarios mais vulgares.

O primeiro resultado da investigação foi a descoberta da morte do criado, cujo corpo permanecia ainda na casa para onde fôra conduzido. Esta prova destruiu toda a esperança de que o duque não tivesse sido tambem assassinado, e agora restava simplesmente procurar-lhe o corpo. O Tibre era a sepultura vulgar de todos os que pereciam secretamente pela espada ou pelo punhal, e os pesquisadores conforme iam percorrendo-lhe as margens perguntavam rigorosamente a todo aquelle, que habitualmente vivesse ou estacionasse á beira do rio se houvera visto durante as duas ultimas noites alguma cousa que podesse fornecer-lhes indicio ou rasto. Foi por esta fórma que obtiveram afinal a narrativa de Schiavone.

Quando Schiavone acabou de contar a sua historia, não deixando duvida em qualquer espirito de que o que elle vira era o corpo do infeliz duque assassinado, perguntaram ao barqueiro porque não fora immediatamente dar parte do acontecido ao governador da cidade. Foi em replica a esta pergunta que elle deu aquella celebre resposta que, como a chamma vermelha d'uma torcha introduzida n'um quarto subterraneo, illumina tão tristemente o papado da Roma medieva.

— Desde que ando n'este meu serviço, de barqueiro, replicou — tenho visto deitar ao Tibre centenas de cadaveres, comtudo nunca tenho ouvido que se faça caso d'elles; portanto determinei não me importar com o que vi n'esta ultima noite. Se não fosse perguntado sobre este assumpto, não o teria decerto dito; porque tenho que me occupar dos meus

... lançaram-o ao rio...

negocios sem me entremetter com cousas tão perigosas.

Não existia portanto nenhuma duvida do fim que tinha levado o duque de Gandia. Offereceu-se uma grande remuneração, pozeram-se a trabalhar no Tibre mais de cem barqueiros e outros, e na tarde de sexta feira o rio restituiu o corpo e desvendou o segredo. Veiu á superficie o corpo do duque de Gandia, ainda vestido com o mesmo fato que trazia quando sahira de casa de sua mãe, com as luvas mettidas no cinto e ainda trinta ducados na algibeira. O morto fora apunhalado em nove partes, sendo um golpe direito á guela, e os outros oito na cabeça, nos membros, e no corpo.

Claro estava que não fôra o roubo o movel

do crime. O despedaçado do cadaver denunciava bem quanto furiosa fôra a vingança ; que se não contentára com a simples morte da sua victima, mas quizéra saciar-se mesmo no corpo já sem vida. Certamente não tinha sido em nenhum duello, menos ainda em qualquer rixa occasional que a esperança dos Borgias recebera aquella morte cruel.

A primeira suspeita e a mais obvia, que se levantou no espirito de muitos foi relacionar a morte do duque com o fim da sua escursão nocturna. Imaginou-se que elle tinha sido victima d'algum marido vingativo, e esta supposição confirmou-se pelo facto de ter elle sido visto nas proximidades do bairro dos Judeus, cujo procedimento em cuidados de moralidade domestica fazia contraste frizante com o dos italianos que os rodeavam.

Suspeita muito differente entrou no espirito do Papa, que attribuiu o assassinio a odio politico dos seus inimigos. Ao tempo, os Borgias ainda não tinham encetado aquelle processo de secretos envenenamentos pelos quaes depois, segundo se affirma, repetidamente dizimaram o Sacro Collegio. Comtudo Alexandre VI já tinha arreganhado os dentes contra uma d'aquellas familias poderosas ou facções, que então dominavam no Estado Romano e ameaçavam na sua propria cidade a segurança e auctoridade dos papas, no momento em que estes estavam talvez destituindo do seu throno algum monarcha distante, ou partilhando o Novo Mundo entre os reinos de Portugal e de Hespanha.

Durante o ultimo anno, sua santidade mandára um grande exercito para destruir os territorios da grande casa Orsini, e o commando do exercito papal fora conferido ao filho mais velho do pontifice. Seguira-se a paz, porém justamente oito dias antes da conclusão d'esta, o chefe d'aquella familia, Virginio Orsini, que tinha ficado prisioneiro nas mãos dos alliados do papa, o rei de Napoles, muito opportunamente morreu, para não levantar peiores suspeitas no espirito do leitor.

Os Orsini poderiam ter razões de procurar vingança, e foi para elles que naturalmente se dirigiram primeiro os pensamentos do pontifice em busca dos autores do crime.

A descoberta do cadaver acordou o afflicto pae da sua primeira estupefacção, e deu as mais severas e energicas ordens para que nem uma só pedra ficasse immobilisada na perseguição e castigo do assassinio de seu filho. De repente, aquellas ordens dadas tão imperativamente, foram tambem imperativamente revogadas O inquerito principiado com tanto ardor e conduzido com tanta energia, foi abandonado, silenciosa e totalmente, no momento em que parecia mais provavel ser corôado de exito. Como um homem que, caminhando pressuroso por um caminho escuro, se vê inesperadamente face a face com uma luz demasiada forte para supportar, assim o papa horrorisado e ferido recuou quando o cegou a luz da terrivel e inilludivel verdade.

Passando da raiva á loucura elle rasgou as proprias vestes, espargiu cinzas sobre a cabeça, e arremessando se pelos corredores do Vaticano como um perseguido pelas Furias,

... como um perseguido pelas Furias

prorompeu em chôros e gritos dolorosos, deante dos cardeaes reunidos, soltando a confissão das culpas que lhe sobrecarregavam a consciencia. Em seguida, e antes mesmo que os cardeaes podessem pensar em offerecer consolação áquella tão justa magoa, o papa, participando lhes a resolução de se matar pela fome, em expiação dos seus peccados, fechou se n'um dos quartos mais interiores do palacio.

Estes extranhos contrastes das maiores perversidades e dos maiores remorsos encontram se muitas vezes nos homens da edade media, particularmente entre os das raças do sul. E' indubitavel que n'esta occasião Alexandre VI era sincero. O seu espirito forte mas superstícioso ficava anniquilado ante qualquer acontecimento, no qual visse traçada a mão justiceira de Deus. Bom teria sido para alguns d'aquelles que escutaram a espontanea confis-

são de seu pae espiritual e soberano temporal que a tivessem tomado de aviso. Entre os cardeaes que presenciavam tremendo aquella scena havia dez cujas vidas estavam destinadas a ser cortadas prematuramente por mão invisivel, quem sabe, se a do mesmo ente que n'aquelle instante de dor cruciante se aviltava perante elles na agonia do remorso.

Trez dias seguidos, a porta do quarto, em que o papa se encerrára para morrer, ficou fechada. Em vão, o cardeal de Segovia, e os mais fieis creados a sua santidade rogaram durante horas, do lado de fóra do quarto, que lhes admittisse a entrada. Os unicos sons que chegaram de dentro aos seus ouvidos attentos eram gemidos e gritos como os d'um animal selvagem. No terceiro dia appareceu a interferencia de Lucrecia Borgia.

Lucrecia não estava em Roma na noite do assassino. Tendo-se retirado pouco tempo antes para o convento de Sisto, recusára assistir á ceia na qual sua mãe tinha reunido os outros Borgias. Depois da morte de seu irmão a quem se mostrara ser extremosamente dedicada, ella enclausurou-se com maior rigor recusando communicar com qualquer membro de sua familia. Agora porém, com os pedidos instantes dos que conheciam sua influencia decisiva

Resolveu tomar alimentos...

sobre seu pae, deixou o convento e appareceu no Vaticano.

Ao som da sua voz, Alexandre VI abriu a porta do quarto e pela primeira vez o papa se resolveu a tomar alimentos. Durante os seguintes trez dias, Lucrecia acompanhou incessantemente sua santidade. Não se pode saber o que se passou entre o pae e a filha; mas certo é que, quando Lucrecia o deixou ao cabo de trez dias, o papa tinha posto de parte todas as apparencias de pezar inconsolavel. Novamente se apresentou em publico, e a vida no Vaticano começou de seguir seu curso ordinario. Teria Lucrecia com aquella fina e presentida sensibilidade de mulher adivinhado desde o principio a solução do enigma que tão vagarosamente se entranhara no proprio espirito do pontifice? Tel-o-hia ella convencido de que, a não ser que decidisse eliminar a sua angustia pela tragedia, os punhaes que tão cruelmente acabaram com a vida de seu filho, poderiam egualmente não lhe poupar a propria?

Durante este tempo, emquanto o pae do duque assassinado se abandonava a similhantes excessos de pezar, começou-se de observar vagarosa e detidamente que a mãe mostrava em singular contraste um desprezo insolente pelos vulgares preceitos do luto. O parentesco entre sua santidade e o infeliz mancebo eram, por assim dizer, inofficiaes; era sabido de todos mas não publicamente manifestado. Vanozza, por outro lado, occupava reconhecida posição de mãe do extincto. Todavia, em vez de ordenar luto á gente de sua casa, deu ella propria poucos signaes de pezar pela perda do filho.

Era uso entre os Romanos distribuir esmolas e mandar dizer missas por alma do que partira para o julgamento supremo. Nem uma nem outra cousa fez Vanozza. Quando o corpo do duque foi levado para uma sepultura na egreja da Madonna del Popolo, não se viu ninguem no cortejo funebre representar a mãe. E quando os mais proximos parentes foram a casa d'ella apresentar-lhe as condolencias do estylo, foram despedidos com frivolos pretextos.

Segredava-se então que a mãe desnaturada se conservava retirada para occultar, não o desgosto, mas a satisfação pelo assassinio.

Havia motivos para similhante supposição. A bella hespanhola era conhecida como mulher de genio arrebatado e de colera implacavel. Quando um ou dois annos antes a soldadesca franceza em Roma saqueara a sua residencia na ignorancia de que era moradia da mãe dos Borgias, Vanozza mandou chamar seu filho favorito Cesar para a vingar, e não descançou em quanto o insulto não foi lavado no sangue de centenas de homens innocentes. Recordando este incinente era natural que nas conversações da epoca se perguntasse porquê é que esta mulher vingativa não levantava sequer um dedo para procurar e castigar os assassinos de seu filho primogenito?

Decorridos trez mezes incompletos desde

que se dera o assassinio, a celebre villa romana perto de S. Pedro ad Vincula era scenario deslumbrante de uma outra festa ainda mais sumptuosa do que fóra a ultima. Outra vez Vanozza reunia os membros da casa Borgia para fazer honra a seu filho favorito. Em 5 de setembro, Cesar Borgia voltára a Roma, depois de ter collocado a côroa de Napoles na cabeça do rei Frederico. Encontrando-se ás portas da cidade com uma procissão de cardeaes e de diversos embaixadores estrangeiros, foi escoltado em triumpho até o Vaticano, onde o recebeu o santo padre, primeiro n'um consistorio publico, e depois em audiencia particular.

Mal acabaram estas cerimonias, Cesar Borgia apressou-se a ir ter com sua mãe, que á primeira noticia de sua vinda, logo se desembaraçara dos poucos signaes de luto que ainda mantinha pelo duque de Gandia.

Por isso festejou agora o moço Cardeal na sua volta, como o festejára na sua partida. Chegára a sua vez de se sentar á meza á direita da mãe e de receber todas as homenagens dos seus parentes. Se o pensamento d'alguns d'entre elles se dirigiu irresistivelmente para o vulto que occupava ha pouco aquelle lugar, pelo menos não ousou deixar cahir dos labios nenhuma palavra de referencia que fora intempestiva e de mau agouro. Desde o dia do regresso de Cesar a Roma, dizem os historiadores, ninguem mais pronunciou na presença d'elle ou da mãe o nome do duque assassinado.

Pouco tempo depois Cesar Borgia, usando pela ultima vez as vestes de carmezim, apresentou-se no consistorio e formalmente pediu autorisação para resignar o cargo cardinalicio. Foi, a seu pedido, inteiramente despojado do seu caracter ecclesiastico, e reentrou no mundo.

O resto da sua carreira não cabe aqui ser descripta: como elle foi feito duque de Valentinois pelo rei de França; como cazou com uma princeza de Navarra; como a poder de innumeros crimes conseguiu ser quasi o soberano de uma grande parte da Italia; e como depois de se ter livrado de toda a vingança humana, morreu finalmente n'uma obscura escaramuça nos Perineos.

Taes são os factos provados d'onde se inferiu que Cesar Borgia fora o instigador ou o mandante do assassinio de seu irmão.

Historiadores italianos houve que não prescendindo de que similhantes procedimentos podessem deixar de ser authenticados por testemunhas, permittiram-se construir, omittindo as suas proprias deducções, uma confissão do crime. Representaram Cesar Borgia chamando um afamado bandido hespanhol, Michelotto, que tinha andado algum tempo a seu serviço, e explicando-lhe em conversa as razões que o decidiam a remover do seu caminho o duque de Gandia. Será possivel que se tivesse dado tal chamamento; porém que fosse para Michelotto ser confidente de Borgia e para ouvir os motivos que actuavam sobre seu amo, difficilmente se acceita, e tanto mais quanto elles se tornaram demasiado evidentes, para o mundo inteiro, contraprovados na sua subsequente vida.

Esta mocidade extraordinaria — pois Cesar Borgia tinha menos de trinta annos — reunia as habilidades de um grande homem com os instinctos selvagens de um animal feroz. Parece que, similhante ao monstro de Franhenstein, elle tinha sido creado com todos os attributos humanos, excepto o de senso moral. Como um doido perigoso que, com a maior velhacaria, socega os que o rodeiam illudindo-os de que está lucido, e depois n'um momento inesperado irrompe em excessos que destroem a illusão enganadora, assim o filho de Alexandre VI., depois de se ter mostrado habil negociador, valente soldado, feliz governador, e na vespera de consolidar o seu poder, tudo perdia por qualquer offensa brutal, ferindo as consciencias, mesmo as d'aquella epoca perversa. Teria sido n'um d'aquelles momentos em que a dentro d'alma se soltava a fera doida, que Cezar Borgia perpetrasse o mais repugnante de todos os seus crimes? Pode talvez suppor-se assim; e com effeito é evidente que n'este assassinio do duque de Gandia entrava certa politica diabolica. E' verdade que o primeiro effeito produzido foi quasi privar seu pae de juizo. Mas tão depressa passou o primeiro choque, o resultado foi outro e bem visivel. Alexandre Borgia, comparando se com uma perversidade ainda maior do que a sua propria, tremeu. O pontifice que era o terror de Roma e de toda a christandade estava aterrado pelo proprio filho.

Cezar tinha cedido a entrar contra vontade na carreira ecclesiastica na qual o pae muito d'elle esperava, e invejara sempre ás honras e grandezas de seu irmão mais velho na carreira militar. Porem desde aquelle momento em deante nunca mais teve de se queixar do tratamento do papa para com elle. Alexandre, VI continuou a usar a tiara, mas Cesar era o poder occulto detraz do throno. A seu pedido foram creados cardeaes, e pelas suas mãos destruidos. Parece que o unico ente que Cezar amava era sua mãe Vanozza.

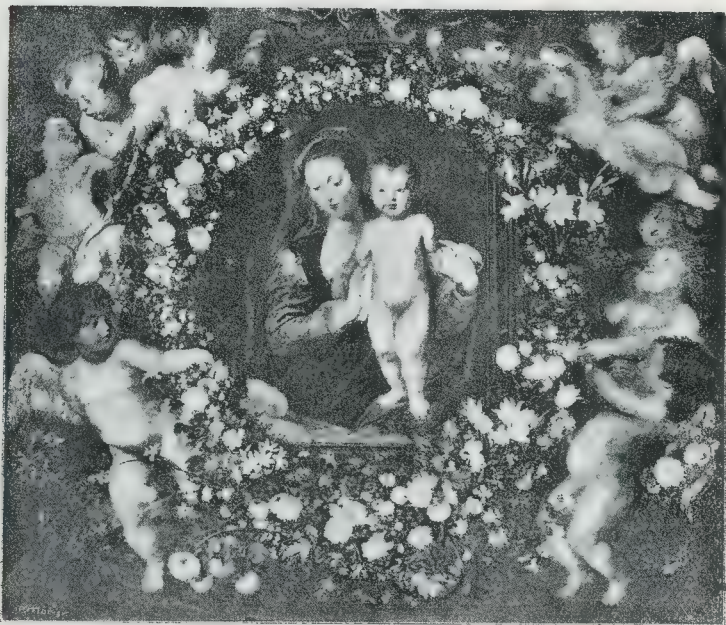
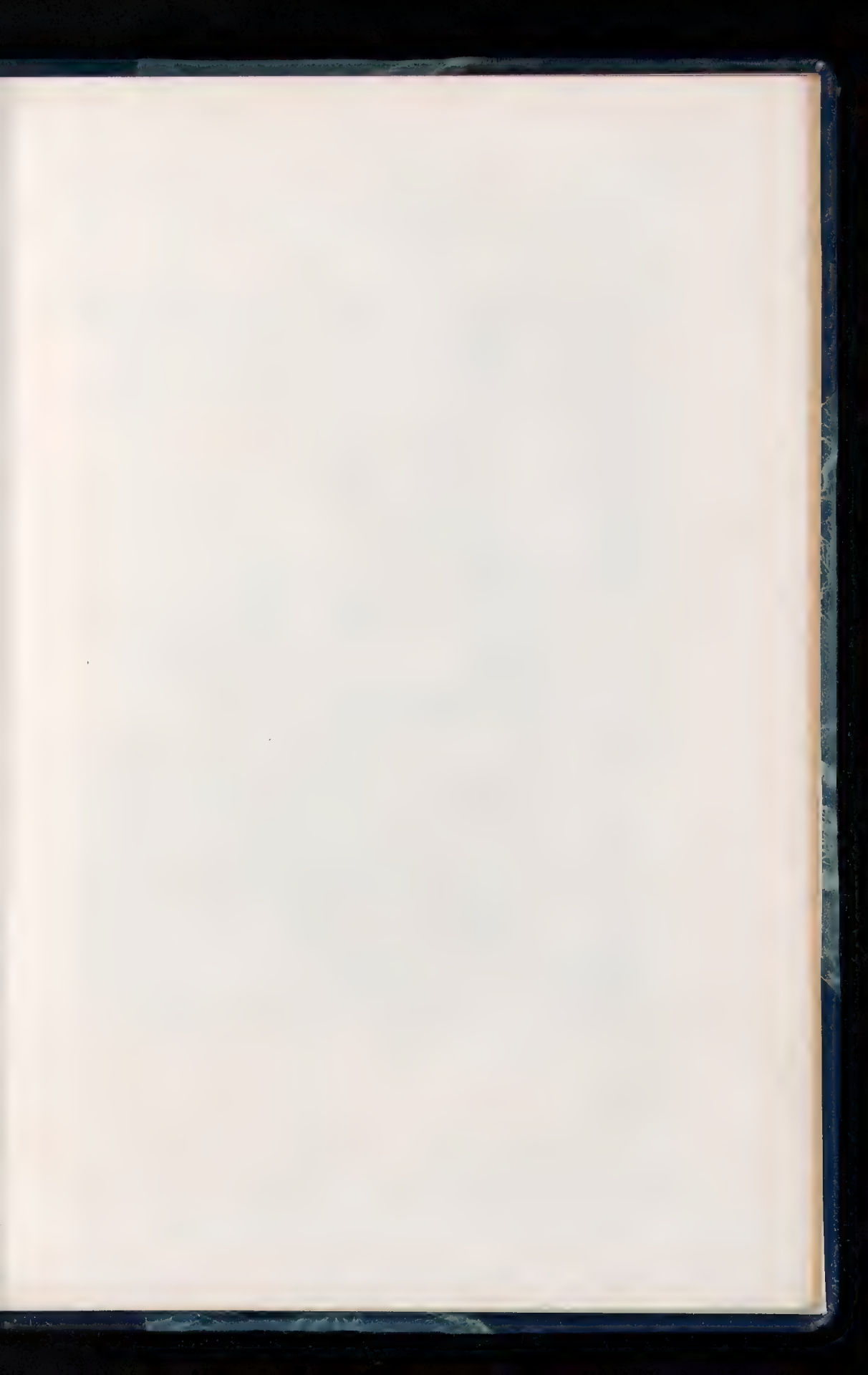
A parte que esta teve no presumido crime se a teve, ficou occulta. E' evidente que todo o seu amor foi dado a seu segundo filho; e sabe-se que sempre desejara vel-o collocado na posição que Alexandre naturalmente con-

ferira ao filho mais velho. A parcialidade d'ella era tão patente que Francisco cessára de lhe tributar as naturaes attenções de affecto fitial cavando d'este modo bem fundo o abysmo entre os dois.

Com effeito, houve quem acreditasse que não só Vanozza fora cumplice na trama, mas planeara propositadamente a famosa ceia na villa para lhe auxiliar a execução e que fora por sua connivencia que o mensageiro mascarado entregara o fatal convite, attrahindo o duque ao ponto onde os assassinos o estavam esperando.

Provavelmente nenhuma luz mais do que esta, virá illuminar a escuridão que occulta o intervallo entre a separação dos dois irmãos defronte do palacio Sforza n'aquella noite, e a apparição do homem a cavallo com o seu fardo, sahindo da estreita viella ao lado da egreja de S. Jeronymo.

Fica sempre a possibilidade de ser attribuido o funesto acontecimento a vingança particular d'um desconhecido qualquer que tivesse razões demasiada evidentes para odiar o visitador da meia noite á sua residencia. E' menos provavel que os proscriptos Orsini, a quem se attribue tambem o facto, tivessem ousado vingar-se n'uma affronta que lhes poderia trazer as mais sanguinolentas represalias. Subsiste o mysterio, embora o julgamento da historia désse ha muito o seu veridicto, pronunciando culpado Cesar Borgia.

NO MEZ DE MARIA

QUADRO DE P. P. RUBENS

Clichés de P. Marinho & C.ª *Imp. typog. dos* SERÕES

QUADRO A OLEO DA EX.ᵐᵃ SR.ª D. AMELIA BASTOS

MARTYRES

EPISODIO DA PERSEGUIÇÃO DE DIOCLECIANO

Capitulo XII — O Milagre das lagrimas

Aristo, ou porque temesse o desencadeamento de vaias e chufas da multidão, ou arrastado por uma d'essas forças desconhecidas, imperiosas e irresistiveis contra as quaes não se lucta, foi andando no coice da escolta que reconduzia os torturados á masmorra. O ridiculo que o perseguia protegera-lhe a liberdade. Um cirurgião da sua especie, um homem que por officio mutilava outro homem era um ente desprezivel, que a sociedade acceitava como instrumento, mas que repellia de si com nojo, e tal christão convinha não perseguir, visto que sobre os da sua seita alguma coisa reflectiria da abjecção que o vilipendiava.

O que ia fazer? Ignorava-o.

Remordia-lhe na consciencia a sua apostasia publica, e lastimava-se por lhe ter faltado a coragem de não sacrificar aos deuses; e, se como Pedro não negara terminantemente o divino Mestre, sentia que, perpetrado o crime lhe faltara o dom das lagrimas. Porque Pedro amava chorou. Elle levava os olhos enxutos, e em toda a sua vida nunca sentira correr d'elles uma lagrima! Iria buscar uma palavra de perdão ao diacono, e com elle esse, que diziam, suave lenitivo do choro? Talvez.

No seu espirito as idéas succediam-se sem connexão nem desenvolvimento. Pouco mais eram que formulas vagas, decompondo-se umas em outras, penetrando-se e fundindo-se, formando aberrações fugitivas como nos sonhos febris ou nos pesadelos doentios.

Quando a luz, que dos grandes porticos entrava pelo subterraneo, começou de faltar nesse labyrinto de milhares de columnas robustas no traçado e grosseiras no apparelho, formando uma inextricavel floresta de fustes de granito, sustentando abobadas de tijolo de volta inteira, Aristo foi demorando o passo, e deixando-se ficar para traz, ora acotovellado pelos escravos que se cruzavam em todos os sentidos, ora arredando-se, para deixar passar soldados que iam e vinham, perdendo-se todos nas trevas sem que elle lhes podesse attentar no destino. Apertava os braços sobre o peito, não porque tivesse frio nessa atmosphera carregada, morna e quasi infecta, mas para se sentir menos desacompanhado, e tambem para ter uns restos de consciencia de si proprio.

Ao chegar a um largo espaço onde convergiam muitos renques de pilastrões, seguiu por aquelle que lhe pareceu mais escuro e solitario que os outros, e entranhou-se definitivamente nas trevas, tão espessas que lhe faziam perder a consciencia da vista, por mais que abrisse e fixasse os olhos. Assim andando, ao acaso, foi esbarrar d'encontro a um obstaculo que o maguou e contundiu. Procurou verificar o que seria, e as suas mãos apalparam a aspereza d'uns rebocos grosseiros, que revestiam o extradorso do grande collector que atravessava o subterraneo. Procurando attenuar as dores que sentia nos joelhos, sentou-se sobre o massame tosco e aspero. Então, absorto nas recordações da sua vida accidentada, deixou passar as horas, com a cabeça encaixada nas mãos, os olhos fechados, a respiração quasi extincta.

Viu-se, estudante nos gymnasios de Athenas, conquistador dos melhores premios, defensor brilhante do eclectismo de Celso contra os rutineiros irreductiveis das velhas escolas. Investigador infatigavel, lamentava-se de não alcançar occasião de dissecar cadaveres, como era de uso nos amphitheatros de Alexandria, obrigado a contentar-se, como Galeno, com o estudo do corpo e das entranhas dos animaes inferiores. Como todos os gregos ambiciosos de futuro, seduzido pela fama d'uma civilisação, que embora feita de todas as civilisações, e mais que de todas da da grega, conservava um cunho individual, dirigira-se para Roma, onde espe-

rava encontrar farto alimento para a sua curiosidade scientifica, largo campo para o exercicio ousado da sua profissão. Mas as suas theorias clinicas, subversivas pela propria simplicidade, a veneração, que mais se pudera chamar fanatismo exclusivo, pela hygiene do velho Hypocrates, a facilidade com que applicava, sempre que podia, o ferro a extirpar, abrir ou cortar, e o quer que fosse de extranho no seu modo, sempre apprehensivo, de quem parece viver em regiões d'alem-mundo, o constante empenho de evitar a companhia e o contacto das mulheres, tinha-o alheado ás sympathias da alta sociedade, affastado da clientela dos poderosos, onde o exito é facil, e dentro em pouco encontrou-se reduzido a viver entre os pobres e miseraveis.

N'este meio, que o fez conhecer mais de perto e mais intimamente os christãos, ainda aterrados pela ultima perseguição de Decio, e de novo sujeitos a todos os males que ella havia desencadeado contra elles, foi que viu quantos thesoiros de abnegação, generosidade e sacrificios existiam n'aquella pobre gente, e que em seu espirito se iniciou a evolução que devia leva-lo a receber o baptismo. Até então. sem deixar de ser idolatra, fôra admirador d'esse Apollonio de Tyane, especie de Christo pagão, cuja vida, mandada escrever por uma imperatriz oriunda da Syria, era um exemplo, uma tentativa de reforma moral do paganismo para encontrar a moral christã, uma glorificação dos sabios, considerados como verdadeiros deuses sob forma humana, e que Alexandro Severo collocara entre os seus lares ao lado de Orpheu, Abrahão e Christo.

Ao estado de casto, em que Apollonio sempre se conservou, deveu elle, e principalmente, o dom dos milagres, e por isso, ambicioso de possui-lo, Aristo fugia do contacto das mulheres, e de todas as occassiões proximas á perda d'esse dom preciosissimo. E, comtudo, por mais que aprendesse e soubesse, por maior que fosse a sua pureza de costumes nunca até então conseguira realizar um milagre, porque não considerava como taes as curas, que, em casos desesperados em mãos d'outros, a sua arte conseguira effeituar. Attribuia tal falta a não ser ainda sufficientemente sabedor, não de tudo, mas do corpo humano, na intenção conjuncta e generosa de mais facil e com segurança minorar as dôres dos que a elle se soccorriam. O seu mais constante desejo fora saber como o homem era verdadeiramente feito, e para isso não hesitara, visto que lhe era prohibida a disseccação, em ir, alta noite, como quem vae commetter um crime, a esses *puticuli*, vallas communs escancaradas, onde apodreciam os cadaveres da gente vil, que não tivera em vida os sestercios indispensaveis para se filiar numa confraria que lhe permitisse ter os restos mortaes reduzidos a cinzas, e estas recolhidas em qualquer humilde columbario. Nesses antros procurava lêr nas entranhas putridas os segredos da vida. Incompletos estudos feitos á pressa, á luz mortiça da lua, que mal o deixava seguir o caminho d'uma arteria, o desenvolvimento d'um musculo, ou desarticular um systema de cartilagens. Simultaneamente á vista e exame d'aquelles montões de ossos, pedaços de carne, farrapos de pelle onde se revolviam enxames de vermes morticolos, pensava se n'aquelle acervo hediondo e fetido estaria deveras o ultimo findar da natureza humana, e se além d'aquella miseria da carne não existiria mais nada! Apollonio ensinára-lhe que o sabio, desapparecendo da terra, subia ao Olympo; mas isto era uma affirmação gratuita, que o não contentava, tanto mais que a parte moral do sabio mestre, lhe deixava o coração insensibilizado. No evangelho pagão não viu brilhar essa lagrima misericordiosa, communicativa, santa, que o Evangelho de Christo deixa cair indifferentemente sobre pequenos e grandes.

Quando o grasnar de mil corvos, esvoaçando por sobre as vallas dos mortos, o tirava do estudo ou arrancava á meditação, e palido, quasi cadaverico, com a tunica e o curto manto asquerosamente enxovalhados de sangue, exhalando de todo elle um fartum repellente de carne podre, só entre os christãos encontrava dó, abrigo e bondosa e consoladora guarida.

Foi por isso que abraçou o christianismo. Se ganhou mais alguns clientes, não adquirio com que se libertasse da miseria.

No grupo de christãos, onde vivia em mais intimidade, distinguia-se uma transteverina cuja devoção só podia ser excedida pela formosura. Eis que, sem causa que se conhecesse, os bellos e grandes olhos aveludados e humidos começaram de se cercarem de negras olheiras, as faces morenas accendiam-se a miude nos rubores da febre, a alegria dos seus desesete annos converteu-se n'uma invencivel melancolia, dia a dia lhe faltava o vigor, e a vida parecia querer despedir-se d'ella a todo o momento. Aristo procurou salvar aquella creança, que docemente sabia envolve-lo num olhar de supplica. Toda a sua sciencia, todos os seus cuidados foram vãos para atalhar o mal sempre crescente, e sem dores, sem soffrimentos, a misera adormeceu na paz do Senhor, sorrindo-se agradecida para aquelle, que nunca lhe abandonara o catre.

A oppressão que sentiu foi terrivel, pesada, e comtudo só elle tinha os olhos seccos, só elle parecia insensivel sem derramar uma lagrima, no meio dos gritos, choros e lamentos da pequena assistencia de christãos que cercava o esquife da morta.

A' noite os parentes levaram o cadaver ás escondidas a sepultar nas catacumbas de S. Calixto. Apenas o conduziam dois homens, emquanto o resto dos amigos e christãos seguiam dispersos, penetrando na vasta necropole subterranea por varias serventias disfarçadas, e não pelos francos e monumentaes porticos que decoravam a entrada dos antigos cemiterios.

Aristo sentiu com aquella morte um desamparo na vida, e desejou tambem morrer. As catacumbas, depois do edito de Valeriano tinham deixado de ser um logar de paz e de refugio. Embora Galiano tivesse revogado os decretos de seu pae, o impulso perseguidor estava dado, e aquelles corredores e cryptas cavados no tufo, aquellas capellas subterraneas espalhadas nas varias galerias, tinham-se convertido em outros tantos redis onde eram apanhados os christãos. Desejou ser martyr, e juntou-se ao grupo mais numeroso, na intenção de provocar reparos que incitassem uma batida subterranea. Deus, porem, tinha determinado, em seus altos juizos, que o seu verdadeiro martyrio seria a prolongação da vida, o gozo d'uma saude que nada alterava, a persistencia da mais negra miseria que nada diminuia. Quando viu o cadaver extendido no *loculus* aberto entre outros *loculus* já occupados, que os parentes medrosos e assustados se retiraram, e com elles os coveiros sem collocarem a pedra tumular, reservando-se para o fazerem em a noite seguinte; quando viu sumirem-se na escuridão enfumarada dos corredores os vultos negros e gigantescos que aqui e alli a pequena luz vermelha das lampadas mortuarias alongava d'encontro ás paredes e projectava nas abobadas, quando se viu bem só, encostou a cabeça á beira da sepultura e pediu á alma d'aquella joia terrena que implorasse a Deus a paz e a tranquillidade da morte tambem para elle! Mas quando este desabafo d'uma crença, que ainda não estava agarrada á alma pela força tradicional, que não fora bebida com o leite, que não tinha a sustenta-la senão umas respostas que mal satisfaziam as suas curiosidades metaphisicas, que não tinha a perfuma-la e defende-la o coração com todas as suas heroicas energias, o velho homem reviveu n'elle, o fanatismo da sciencia resurgiu, o impassivel anatomista das fossas mortuarias começou a reflectir que segredo da natureza teria inanimado aquella creatura, em quem, em vida, não encontrara lesão que determinasse a morte.

Festa Pagã (Inter Pocola), — Quadro de Guinea

E sem pensar nas consequencias, puxou o cadaver para fóra do sepulchro, levou-o para sobre o altar do cubiculo, que abria em semicirculo amplo ao fundo da galeria, e alli, á luz

d'uma das lampadas, apressado, febril, auscultou-o, apalpou-o de cima a baixo, voltou-o em todos os sentidos, cedendo os membros

Altar e Capella subterranea no Cemiterio de Santa Ignez

lassos, como se em seus braços a virgem se deixasse cair n'uma morbideza languida, conservando os olhos cerrados e nos labios o mesmo sorriso de ineffavel doçura e meiga tranquillidade com que adormecera para sempre. Observou-lhe a extremidade dos dedos, levantou-lhe a pupila e approximou d'ella a luz; e depois, tirando do estojo um pequeno escalpello afiado e luzente, rasgou com mão rapida, d'alto a baixo a mortalha da defunta. O braço d'esta descaiu, os seios tumidos e formosissimos da virgem pareciam roseos, tocados pelos reflexos da luz. e dos labios entreabertos como que ia sair uma palavra. Aristo horrorisou-se como se tivesse praticado um sacrilegio. O primeiro impulso foi de vibrar ao proprio peito o escalpello com que se propunha abrir as carnes, que ora se lhe apresentavam vivas; mas o cobarde medo da morte deteve-lhe o braço; todas aquellas abobadas iam desabar sobre elle e soterra-lo vivo para sempre. E correu perdido de rasão, olhos saindo-lhe das orbitas, tremendo atemorisado ao passar em frente das figuras hieraticas pintadas a tintas vivas, com os grandes olhos abertos, nos frescos das paredes; as palavras de paz, esperança e conforto, gravadas ou pintadas nas campas eram para elle exorcismos de maldição e anathema; e o fundo negro dos arcosolios outras tantas boccas infernaes attraindo-o para a treva eterna. Os canticos dos christãos nas cryptas, nas capellas, junto das aras dos martyres, não tinham para elle a suavidade consoladora de outr'ora; á saudação de paz dos que encontrava não sabia corresponder, esquecera-lhe o santo e senha do reconhecimento, e vagando perdido, sem rumo, subindo e descendo os escadorios, ignorando o andar em que se achava, passando pelas estreitas galerias d'um para outro cemiterio, só conseguiu sair á luz, ao ar, ao sol, ao cabo de alguns dias, exhausto, esfomeado e mais miseravel que nunca!

Fugia de todos os gremios christãos, perseguido pela accusação de violador de sepulturas, de profanador de cadaveres!

Na Grecia, onde procurou refugio, no Egypto, onde subiu o curso do Nilo, não encontrou paz nem amisade. Vagueou na Palestina, e por fim deixou-se ficar na Syria, sempre perseguido pelo terrivel anathema, sempre repellido, sempre o mesmo desejo de acabar com a vida e sempre a mesma pusillanimidade em frente da morte. Impedido de exercer a sua arte, no que ella tem de nobre, pela repulsão que inspirava, dedicára-se ao mister de que o sarcasmo publico o accusara em gritaria infernal e zombeteira.

E n'aquelle momento, para maior miseria sua, a encruzilhada dos renques de columnas e pilastras recordava-lhe a noite das catacumbas; luzes fugitivas que passavam ao longe, brilhando e sumindo-se como os fogos fatuos nos *puticulli* de Roma, chamavam-lhe á memoria a sua tentativa sacrilega, a que se seguira essa fuga pelos labyrintos e galerias subterraneas; e para nada faltar a avivar essa crise horrorosa, até começou de ouvir as plangentes toadas dos canticos christãos. Ergueu-se, e foi-se dirigindo para onde o orientava o echo de taes canticos. Caminhou muito tempo pelo emmaranhado do subterraneo; sentiu que se ia approximando do sitio em que se achavam muitas mulheres christãs, porque as vozes eram todas femininas, e recordou-se que o imperador, para imitar antigos costumes, consentira que, na vespera do supplicio, Romano recebesse a visita dos irmãos em crença, que com elle quizessem celebrar o agape do adeus.

Assim era. Aristo achava-se no meio d'uma resumida, mas heroica synaxe.

Amarrado ao cepo, com as pernas afastadas ao quinto furo, Romano dizia palavras de consolação a um grupo de mulheres, sentadas no chão, com os mantos pela cabeça e que entoavam os divinos canticos, quando o

diacono se calava. Martha, entre ellas, acalentava junto ao peito o corpinho magoado e ferido do filhinho.

Aristo encostou-se tremendo ás grades da masmorra, entre abertas, e sem animo de as transpor. A luz da resinosa candella que illuminava aquella scena deu-lhe em frente, e o diacono vendo-o e reconhecendo-o, disse-lhe:

— Entra, e crê que no reino do Pae celeste ha misericordia e perdão por maiores que sejam as fraquezas. Que o Senhor seja comtigo!

Do fundo dos manteus convergiram sobre elle os olhares das mulheres, misericordiosos e bons. Aristo estava dominado, correu a cair de rojo junto do martyr agarrando-lhe e beijando-lhe as mãos; e quando este o puxou a si, e lhe deu em ambas as faces um osculo de paz e d'amor, sentiu que, pela primeira vez em sua vida, as lagrimas lhe vinham aos olhos e lhe corriam em fio, que ineffavel consolação lhe refrescava a alma, e que, emfim, Deus tinha operado por elle o maior dos milagres, dando-lhe com as lagrimas um momento de santa paz!

Capitulo XII — o martyrio

Ainda não despontou o sol, e grossas nuvens, enrolando-se em turbilhões volumosos, tocadas pelo vento morno do sul, atrevessam o espaço, precipitando-se e agglomerando-se umas sobre as outras, presagiando uma d'essas tormentas do findar da primavera tão rapidas como impetuosas.

Correm apressados bandos de gente na apparencia vil, para o campo das execuções, á beira do Oronte, numa planicie safara, areosa e inculta, a montante do palacio imperial. Estão já empilhados e embebidos de materias inflammaveis os toros que hão-de consumir o corpo de Romano. Pouco longe, o cepo ennodoado de manchas de sangue, onde os condemnados á degolação poisam a cabeça que o cutello faz cahir.

O povo, que se apressava para não perder a execução, espalhava-se no amphitheatro formado pela colina, que d'alli ia em subida até os arrabaldes da cidade; e na praça do supplicio apenas eram consentidos os amigos do Cesar, os palacianos, ou magistrados e seus clientes ou familiares.

A natureza quasi unica do crime de Romano, suscitava esta desusada concorrencia. Ver queimar um christão por ter negado sacrificar aos deuses não era caso que perturbasse a curiosidade de Antiochia. A multidão estava inquieta, temendo que a tempestade se desencadeasse e tivesse de perder o espectaculo, acossada pelas bategas d'agua, quando a entrada dos lictores annunciou a presença d'Asclepiades, seguido d'uma decuria de legionarios que conduziam Romano e Martha com o pequeno Barallah. No coice do triste prestito, com o rosto animado d'uma serena alegria, seguia o arependido Aristo, de novo exposto ás vaias da multidão, que sobrelevavam em ruido os applausos ao prefeito.

Tomou este assento numa cadeira curul, collocada no estrado que se extendia no sopé do pedestal sobre que se erguia a estatua de Jupiter; e fazendo avançar Romano ordenou-lhe que sacrificasse. Recusou-se este; e o prefeito ordenou que o atassem ao poste que emergia da pilha das madeiras e lançassem fogo a estas. Rompem estrepitosos applausos no povo, quando os lictores, tendo amarrado o diacono, os algozes approximaram os archotes acesos das quatro faces do monte de toros. Sobe ao ceu uma baforada de fumo negro, que envolve

Figura Mural no cemiterio de S. Calixto, em Roma. *Segundo lithographia de L. Perret*

Romano; mas no mesmo instante brilha um relampago que cega, e logo apoz faz tremer a terra o troar medonho d'um trovão, e as nuvens parece que se desfazem em fortissimas cordas d'agua. O fumo que já se erguia some-se, e o diacono apparece de novo a todos os olhares, incolume, sorrindo e cantando um hymno de louvor a Christo; ao mesmo tempo que com o dedo polegar da mão direita traçava uma cruz na testa, e outra no peito, sobre o coração. Ordena o prefeito que os algozes empreguem todos os esforços para de novo incendiarem as madeiras. Mas baldado empenho; quando muito os fuzis fazem chispar as pederneiras; e é tudo. A chuva continua caindo, da colina precipitam-se verdadeiras torrentes, que afugentam a maioria dos espectadores, e convertem a praça num lamaçal.

Então o diacono, dirigindo-se ao prefeito pergunta-lhe:

— Onde está esse fogo com que querias consumir a minha pobre carcassa humana?

Berra a multidão, exasperada pela chuva que a enxarca até á pelle, e com receio de perder o espectaculo do supplicio; berra e clama, impondo ao prefeito que mande reacender a fogueira. Mas todos os esforços são baldados. Os toros estão molhados e completamente lavados das materias combustiveis, e Romano continua louvando ao Senhor, que salvou da fornalha a Sidrach, Misach e Abdénago, entoando como elles entoaram, no meio das chammas: «Assim se consumma hoje na tua presença o nosso sacrificio, que te seja agradavel como se fora um holocausto de carneiros e de toiros, como se te offereceramos mil nedios borregos; porque não ha confusão para os que em ti confiam.»

E como Asclepiades lhe ordenasse que ficasse calado, continuou: «E sejam confundidos todos aquelles que fazem padecer males aos teus servos; elles sejam confundidos pela tua omnipotencia, e a sua força se faça em migalhas.»

N'este momento a vozeria do povo era terrivel, e tão ruidosa a tempestade dos gritos selvagens, como a dos elementos, misturando-se uivos, urros, berros e assobios com o bater da chuva nas arvores, e os ribombos já afastados dos trovões. Mas a voz de Romano animada d'uma força sobrenatural dominava todos os ruidos, e não houve quem não percebesse distinctamente estas palavras, do hymno que vinha entoando; «e saibam que só tu és Senhor Deus, e Glorioso sobre a redondeza da terra»; terminando com a doxologia do «Gloria ao Pae no Filho e no Espirito Santo.»

Então sobre Asclepiades e os algozes começou uma nova chuva mas de pedras, cacos, e de tudo quanto pudesse vir á mão áquella turba irrequieta, enxarcada e sedenta de sangue.

Um dos magistrados, notou ao prefeito que a tempestade, que tanto a proposito se desencadeara, só podia ser effeito de magia, e que assim que Romano fosse privado de continuar naquellas encantações as coisas entrariam em a ordem natural. Asclepiades relanciou a vista pela larga praça e encarou Aristo. Fa-lo avançar, e ordena-lhe que corte a lingua ao diacono. Rompe na multidão uma nova tempestade de vaias, de assobios, de injurias e palmas, e por sobre o tumulto distinguem-se as palavras:

— Castrador! Castrador!

Aristo quer recusar; e enchendo-se de certa coragem balbucia:

— Sou christão! Sou christão!

— Tanto melhor, redargúe Asclepiades, melhor te haverás na operação.

Os lictores arrastaram o pobre medico até junto de Romano, que o anima dizendo-lhe:

— Já o divino Mestre disse: A «cesar o que é de cesar.» Cumpre as ordens que te dão; e desde já, irmão, te agradeço o que vaes fazer, porque assim me apressas a entrada no reino de Deus!

Com um golpe rapido e seguro, Aristo cortou a lingua de Romano. Uma golfada de sangue innundou o peito do martyr, e tingiu a lenha da fogueira. O povo applaudiu, e Asclepiades em tom de zombaria, perguntou ao suppliciado, como se chamava. E ao mesmo tempo, com espanto e terror geral, o diacono disse com voz alta, clara e vibrante:

— Romano!

— Ás feras! Ás feras! Ao circo irrompe em uivos a multidão selvagem.

— Que o guardem para o supplicio do circo, diz em voz alta o prefeito, e para ser ouvido apenas dos lictores:

— Que o recolham á masmorra e lá morra estrangulado.

Depois dirigindo-se a um dos algozes, como quem quer terminar um acto que o incommoda:

— E tu degola essa creança.

Durante todo o supplicio Martha tinha-se conservado immovel, com o filho nos braços, alheia a tudo que se passava na sua frente. Quando o algoz lhe pediu a creança, sem derramar uma lagrima, beijou o filho na bocca, e disse-lhe:

— D'aqui a minutos, estarás ao pé de Deus, na companhia de mil cherubins, sê meu protector junto do Senhor para que elle me chame para o ceu, onde vive teu pae. E come-

çou cantando o psalmo de David: «Louvae, creanças, o Senhor!»

Pousou o carrasco o pescoço de Barallah sobre o cepo, e Martha extendeu a ponta do manto, sobre o qual caiu immediatamente decepada a cabeça do filho.

O silencio era profundo! A multidão não sabia explicar, mas sentia que n'aquelle momento se passava uma coisa grandiosa na alma humana; os olhos de muitos marejam-se de lagrimas, e o sol brilha radiante e formoso.

Martha toma nas mãos a cabeça do filho. Não dá uma palavra, mas dos seus olhos de ha muito seccos rebentam dois longos fios de lagrimas.

Cola a bocca na bocca fria do filho, e como movida por um impulso sobrenatural vae saindo do logar do supplicio. Ninguem a impede; e ella vae caminhando, caminhando, sempre com a bocca do filho collada em seus labios. Desce á beira da agua, avança apressada até chegar ao logar onde desapparecera Hesico. O sol já dardeja a pino e converte as ondas do rio em pequenos turbilhões doirados. Olha demoradamente para a agua cujo brilho a fascina, o correr atrae e o chapinhar d'encontro aos seixos perturba. Um suave adormecimento a invade, a envolve n'um doce devaneio, como quem se apercebe d'uma visão encantadora, que a chama e convida a entrar n'agua Não hesita. Tem um pequeno estremecimento ao molhar os pés, mas sorri e vae entrando pelo rio, sorrindo, sorrindo sempre, sorrindo quando já a corrente lhe corta o seio em remoinho, e vae lavando a cabecinha do martyr correndo listada com um filete vermelho. Repentinamente falta-lhe o pé, submerje-se, vem á flôr da agua n'um rôlo d'espuma branca, e assim vae levada no remoinho das ondas, sorrindo e beijando a cabeça idolatrada do filho, ao encontro do esposo bem amado.

Um homem a seguira de longe e vira aquelle inconsciente suicidio. Fôra Aristo.

Extendeu as mãos, como quem quer dar um soccorro; mas as aguas fecharam-se e elle deixou-se ali ficar em extasi, olhando o ceu, para ver se elle se abria para receber aquella alma santa, e, sem saber como, encontrou-se a entoar os versiculos que tantas vezes ouvira nas catacumbas:

«Que os anjos te conduzam ao Paraizo; que á tua chegada os martyres te acolham e te levem á santa cidade de Jerusalem.»

«Que o côro dos cherubins te receba, e possas tu gosar o eterno repouso, como Lazaro, o pobre d'outr'ora!»

E depois, já noite, encaminhou-se para a ruidosa Antiochia, e, guardando como reliquia a lingua de Romano, voltou a viver com este na masmorra, até que alli o viu estrangular pelos algozes, ao mando de Galero.

Mas n'essa mesma noite, quando o santo exhalava o ultimo suspiro, Galero Cesar sentiu as primeiras dôres lanciantes do mal horrivel que Romano tinha prophetisado, e que depois o levou á cova.

Deus vingava assim os seus martyres.

(Fim)

TH. LINO D'ASSUMPÇÃO.

De Lisboa a Moçambique

Por ANTONIO ENNES

SEGUNDA PARTE

CAPITULO II

Quelimane — A cidade — As estradas — Os rios — Os canaes

A villa não tem jardins nem passeios publicos, como não tem theatros nem clubs; cada qual recreia-se em casa, ou nas lojas onde se vendem bebidas. Ha uma praga d'ellas, mesmo nos bairros civilisados, especialmente desde as ultimas remessas de colonos do reino, mas nenhuma tem a decencia de *café*. Uma tentativa que se fez para montar um botequim de luxo, para gente fina, com camareiras e bilhares, deu depressa em droga. Tambem falta uma banda regimental, ou modesta philarmonica, que dê concertos ao ar livre, como em Moçambique e em Lourenço Marques. Em Quelimane, a musica só é cultivada ao piano por alguns *dilettanti* europeus, quasi todos estrangeiros, e pelos negros nos *batuques*.

Quem quer passear, por distracção ou por exercicio, vae para a estrada. Estrada, é um modo de dizer. A capital da Zambezia não tem, para ligal-a ao vasto paiz de que é porto e mercado, um metro de caminho feito por engenheiros segundo as regras da engenharia. O que se chama por lá *estrada* é simplesmente uma facha de terreno limpa por mãos de negros de arvoredo e matto, e quando muito orlada por arremedos de valetas para onde escorrem as aguas, e lançada por cima dos *mocurros* com a ajuda de vigas e taboados. Tres principaes caminhos d'estes servem Quelimane. Um, corrido quasi á beira do rio, vae dar a Chuabodembo, que dizem ter sido o assento da villa e de que dista poucos kilometros, passando por magotes de cubatas e uma ou outra modesta casa de alvenaria. A estrada do *Basar* prolonga a rua dos Mouros, no sentido aproximado do norte, e termina n'um aldêamento mercantil de mouros e baneanes, improvisado no interior do praso Anguaze. Por ultimo, o do *Moquivel* é a rua de S. Domingos continuada atravez do matto, durante mais de vinte kilometros, até encontrar a margem direita do rio Macuze, n'um sitio de passagem onde traficantes montaram quitandas e a autoridade armou um posto militar.

Estas duas estradas offerecem aos passeantes estadios marginados por scenarios constantemente renovados, que os distrahem do enfado de pisar areia e ouvir zumbir mosquitos. A do *Moquivel* abre-se com vivendas encravadas em macissos de arvores, solitarias como ninhos de namorados, sob cujos alpendres, se deixam ás vezes surprehender — só pela vista, já se vê,—garridas *donas* de seios a rebentarem dos corpetes sedosos; de passagem pode-se colher flores das larangeiras, plantadas á beira das valetas, e no ar voejam tenues felpas de sumauma acabadas de se soltarem dos casulos. Passa-se depois á porta do cemiterio, — entrevendo-se pelo gradeamento as lavradas cantarias brancas, com que em todas as partes do mundo a vaidade humana protesta ainda alem da morte contra o esquecimento, e andam-se kilometros entre collossaes coqueiros perfilados, parando aqui e ali para observar algum tronco sem copa que um raio brocou d'alto a baixo sem o derribar, ou para attentar n'uma manada de pequenos bois corcovados, que alongam os focinhos molhados de baba pelos intersticios dos cercados de *palos-palos* e olas de palmeira. Onde acaba o palmar muda-se a paizagem. Por uma vasta área descoberta espalham-se tufos de arvoredo, estendem-se vallados e sebes de plantas enleiadas, correm os cannaviaes os seus biombos movediços, até onde a vista esbarra em muralhas de verduras recortadas por cima, que a distancia empasta e pinta de tons azulados; o leito da estrada some-se na herva, mostrando apenas a sua côr amarella nos sinuosos carreiros que o transito rasga na viçosa alcatifa, e as plantações dos indigenas deitam para cima das valletas hastes recurvas de feijoeiros e ramos rasteiros de amendoim, que encravam na terra as suas proprias sementes. Ali, no Colano têem os jesuitas um edificio prompto para

Quelimane. — Rua dos Mouros

missão e escola, e em frente d'elle um cemiterio, fechado por tabiques tecido de estevas e todo coberto pela ramaria d'uma só arvore gigante de folhagem sombria que cae para a terra como as lagrimas. Perto do edificio cresceu um grupo de mangueiras collossaes, a cuja impenetravel sombra a providencia dos padres collocou simples bancos de madeira, offerecendo assim aos vivos um logar de descanço ephemero á vista do logar do repouso eterno.

A estrada do *Basar* é mais animada, porque atravessa uma zona mais populosa. Primeiro bordam-n'a lojitas de *monhés* pobres, atravancadas por mercadorias réles; depois entra-se em pleno campo, sendo preciso observar muito o chão para se reconhecer n'elle um caminho alem dos trilhos serpentosos que fazem os pés dos negros, com as baldas de se encarreirarem como formigas e de andarem por onde outros andaram. No primeiro lanço costeia-se uma varzea toda agricultada e fechada por espessos palmares; mas para deante variam a cada passo os episodios de paizagem, figurando proeminentemente em todos elles as mangueiras, enormes, fechadas, com as ramas descidas até quasi ao chão, que fazem ilhas de sombra no meio das soalheiras. Tão escuras são essas sombras que os mosquitos procuram-n'as como se fossem noite; ao entardecer ha uma nuvem alada a trombetear debaixo de cada arvore de mangas. As palhotas estão dispersas á beira das estradas, cada uma com o seu quintalorio, ás vezes marcado por tapumes de esteiras, em que ha sempre as providenciaes bananeiras, cujos fructos são alimento e gulodice, e cujas folhas servem de materias de construcção, fazem cestos e fornecem mortalhas para cigarros. Na Africa Oriental, a bananeira é um signal de povoação; onde ha bananas ha gente. Essas palhotas põem deante dos olhos dos passeantes curiosas scenas de costumes indigenas, representadas no seu meio natural. Como as mulheres lidam, coitadas! Lá estão ellas deante das casas, atarefadas a pilar arroz: o pilão é um rijo páu grosso e comprido; de gral serve um tronco d'arvore escavado. Como o trabalho é violento, despem-se quasi sempre da cinta para cima, e nas oscillações do corpo chocalham os flacidos seios enormes, que ora lhes batem no estomago ora pendem sobre o almofariz como odres a escorrerem. Se têem creanças de leite, penduram-n'as ás costas no bolso d'um panno atado ao pescoço, e quando ellas se agitam na faina, as creanças esmurram os narizes nas espaduas maternas, disendo os farcistas que d'este costume deriva o achatamento nasal da raça negra. Outras mulheres sacham nas varzeas, servindo-lhes de sacho um páu ou os proprios dêdos, e velhas sentadas nos terrados tecem ceiras de palha; mas nem por serem assim laboriosas

perdem as pretas os vicios que praguentos assacam na Europa ao seu sexo. Onde ha duas pretas ha tagarellice em compasso accelerado, cortada por interjeições violentas ou cascalhadas de riso. Aquella vozearia que estrepita alem dos caniçados de bambú são ralhos de visinhas, e uma matrona de ebano, que com outras comadres disfructa o escandalo, explica-o descaridosamente dizendo para o transeunte: *bebedas, siôr, bebedas!* Por meio d'estes quadros vae descorrendo a estrada, toda cheia d'herva, porque o administrador do prazo Angoaze é remisso em impôr aos contribuintes as anuduvas costumeiras, e passam n'ella candidatos a *mozungos*, muleques l'algum branco, de calças e casacos á europea, chapeu de côco encarrapitado na densa carapinha azeitada, levando na mão os molestos sapatos; olham-n'os com respeito e inveja os trabalhadores sertanejos, com quem elles se cruzam, e que só disfarçam a nudez com um pedaço de sarapilheira cingido aos rins, ou uma camisa feita d'um sacco de grosseria. Á passagem de europeu conhecido, d'uma autoridade, d'um *senhor*, os negros bem educados param, põem no chão os carretos e batem palmas, raspando ao mesmo tempo a terra com os pés; os mais primorosos levantam-se, se estão sentados, e curvam-se até tocarem com as mãos no chão. De quando em quando, uma *venda de alcool* armada debaixo de bananeiras reune magotes de freguezes loquazes, estirados na herva, e saem d'ella beberrões, que tomam o caminho todo com os bordos, e dialogam em altos berros com a canzoada que lhes ladra. Quasi que não ha palhota que não seja um ninho de creanças ventrudas, que fogem a chorar dos brancos, emquanto são pequenas, e vão esconder a cara nos pannos das mães, mas saem á estrada a pedir-lhes dinheiro quando já fumam o seu cigarro e sabem o gosto do *matabicho*. Eram o meu divertimento, os garotitos, nas excursões de hygiene pelos arredores da villa. Levava-lhes uns cobres, e a noticia d'esta munificencia propagava-se com tal velocidade pelas estradas fóra, que as encontrava sempre orladas de creançada, vinda ás vezes de grandes distancias a correr atravez dos campos. Mas alguns dos pequenos pedintes davam grandes desgostos ao meu amor-proprio; tão feio me achavam que desatavam a berrar mal me viam perto, e não eram capazes de encarar commigo por mais que lhes mostrasse *chapões! Chapão* é em toda a nossa Africa o nome popular da moeda de vintem.

❀ ❀ ❀

Quelimane apesar da dilatada area que a sua casaria occupa, não conta mais de tres a quatro mil habitantes, dois terços dos quaes são negros; mas apesar da sua pequena população, tem uma grande importancia commercial, proveniente da situação geographica, e que, a meu ver, depende menos do que se julga das condições de navegabilidade do Zambeze.

O rio dos Bons Signaes, que liga a villa simultaneamente ao mar e ao sertão, foi considerado durante seculos como um braço do Zambeze, e como tal o descreveu Fr. João dos Santos. Se alguma vez o foi, deixou-o de ser. O coronel Custodio José da Silva, que em 1862 commentou e rectificou a geographia do *Ensaio Estatistico* de Bordallo, diz que as communicações entre o Quaqua, que não é senão um prolongamente ou, se quiserem, um ramo do dos Bons Signaes, e o Zambeze romperam-se em 1830, em consequencia do movimento de areias determinadas por innundações; e, pela sua parte, Levingston professou tambem que as ligações entre o Zambeze e o Quaqua eram só accidentaes, não podendo, portanto, ser este ultimo reputado como um braço d'aquelle. Hoje, esta opinião passou em julgado, e foi admittida, sem sequer ser discutida, na interpretação e execução do convenio anglo-portuguez de 1881; em resultado d'ella, o regimen de liberdades e franquias, que esse convenio estipulou para o Zambeze, não foi applicado ao rio dos Bons-Signaes e ao Quaqua.

Mas esta via fluvial já no seculo XVI, quando ainda se opinava que por ella se escoavam tambem as aguas do grande rio, não era o caminho geralmente seguido entre o mar e os estabelecimentos portuguezes da região que hoje se chama vulgarmente Alta Zambezia; lá diz Fr. João dos Santos, que as communicações faziam-se pelo Luabo, porque só no inverno se podia navegar pelo Quaqua. Posteriormente a ligação entre este rio e o Zambeze ainda mais se foi interrompendo, e hoje o Quaqua só é navegavel em todas as epocas do anno até onde chegam as marés oceanicas, até Moganuamba, que fica a 48 milhas da foz do Bons-Signaes, e mesmo até ahi só chegam na estiagem almadias e escaleres, que em alguns lanços encalham a cada passo na areia ou embaraçam-se em ramos e palhas arrastados e depositados pelas correntes das cheias. D'ahi para diante até Mambucha ainda tem uns fios de agua; mas já o Muto e o Bazaboanda, que o continuam, aquelle até o Mazaro e este até junto da serra Chamoása, não passam — tambem no tempo secco — d'uns enxurros sinuosos, que unem series de pantanos e charcos. Quando as chuvas teem engrossado e feito espraiar o Zambeze, então quasi todo o terreno onde

passam esses enxurros do estio, converte-se n'um mar, que, naturalmente, tem mais fundo onde elles cavaram os leitos, e esse fundo chega a permittir a fluctuação de pequenos escaleres; mas este estado de coisas é de pouca dura, variavel, e só accidentalmente se aproveita para o serviço de communicações. Normalmente esse serviço, entre Quelimane e a Alta Zambezia, faz-se navegando pelo Quaqua até Moganuamba ou, mais excepcionalmente até Mopeia, situada no terreno alto ao pé d'um grande charco, o Umbero, e seguindo por terra para a margem do Zambeze, até a praia do Mazaro ou até a do Vicente, e tornando a embarcar ahi para continuar a jornada pelo Zambeze acima.

São, pois, difficeis e demoradas as communicações e os transportes entre Quelimane e os estabelecimentos marginaes do Zambeze como Sena e Tete; entretanto, o caminho do Quaqua foi por muito tempo, e ainda hoje é, frequentado, por darem accesso incerto, ou não darem accesso as boccas do Zambeze.

Essas boccas são muitas, e a ligação d'algumas d'ellas com rios que correm perto mais lhe augmenta o numero de desaguadouros. Desde o rio dos Bons-Signaes até o Luanda ou Luabo d'Este, uma extensão de costa de mais de 60 milhas é coberta pelas malhas de uma rêde tecida de linhas e de fitas d'aguas, rios, braços de rios, canaes, toda mediata ou immediatamente presa ao tronco do Zambeze como o systema arterial á aorta. O proprio rio de Quelimane é communicado pelo canal de Chica com o Linde, embora essa communicação, hoje obstruida, quasi não dê passagem no verão senão a rãs; o Linde, com ser independente, nas raizes, da grande arvore zambeziana, não se exime a ser preso por um fio, o canal de Ignangoma, ao rio Mahindo, assim como este apesar de ter aguas suas, não deixa de receber atravez do canal de Zunde algumas do seu visinho Inhamhona.

E' aqui que principiam, propriamente, os desaguadouros do Zambeze. Ao ponto do littoral onde o Inhamhona se junta com o Inhamiare para ambos se lançarem no mar por uma longa abertura, vae ter o canal de Deremvane, que separa do continente a ilha de Mitahone, e esse canal abre para uma encruzilhada d'aguas, onde se encontram o Chinde e o Maria, pelos quaes se sobe ao tronco central do Zambeze, o qual, continuando a correr para a costa, bifurca-se no vertice do triangulo da ilha Timbese, sahindo para o oceano pela barra Catharina ou Muzilo, e pela barra de Coama ou Luabo d'Este. Antes, porém, d'esta bifurcação, e tambem acima das aberturas do Maria e do Chinde, já o colosso tinha principiado a escoar-se, na margem esquerda, pelo canal do Muselo, fendido perpendicularmente á costa, e as aguas d'esse, engrossadas como as de mais quatro canaes, vão afinal desembocar n'outras duas barras, tambem separadas por uma ilha, a de Inhamissengo e a de Melambe. Por ultimo, um outro canal, hoje entupido, ligava d'antes o veio que se esgota pela barra de Melambe com um rio independente, o Quaná ou Luabo d'Este.

Não faltam, pois, ao Zambeze sahidas para o mar, mas precisamente, por ter muitas não aprofundou nenhuma. Caudaloso na estação pluviosa, pobrissimo na estiagem, marulhando ou deslisando sobre areaes, esbroando as suas margens e as suas ilhas com as correntes impetuosas, indo buscar detrictos ao interior da terra quando trasborda, arrasta a bem dizer tamanha carga de areias e vasa como d'aguas, e os sedimentos ora lhe tapam umas ora outras boccas, e ás vezes distribuem-se por todas de tal modo que nenhuma fica accessivel á navegação. Quando os portuguezes começaram a conhecer-lhe o delta, estavam desaffogadas as barras de Coama e Catharina; mas entulharam-se depois, e durante largos annos não houve noticia de que, em compensação, se houvessem franqueado as do Inhamissengo ou do Chinde,

Quelimane — Rua de S Domingos

ou pelo menos não se encaminhou para lá o transito. O Zambeze estava, pois, ou suppunha-se estar, fechado, não á sahida das aguas, certamente, mas á entrada de navios. Não tinha porto exterior. E, portanto, os viajantes e o commercio resignaram-se a demandar a Alta Zambezia, ou a sahir d'ella, pelo rio dos Bons-Signaes, onde podiam aproveitar-lhe as aguas, e por terra, atravez da facha que o separa do Zambeze, e com a dura necessidade d'este trajecto se engrandeceu Quelimane, tornando-se o seu porto serventia de todo o interior.

Mas precisará ella, para conservar a prosperidade de que se obstrua a grande arteria de Africa Oriental?

Quelimane, é certo, não gosta de ouvir declarar que a barra do Inhamissengo, com o seu kilometro de abertura, se havia tornado accessivel á navegação e quasi apodou de seus inimigos os governantes que a pharolaram, estabeleceram nas suas orlas uma delegação de alfandega e um posto militar, e deram traço para que a certa distancia para o interior se fundasse a villa da Conceição. Quelimane rejubilou-se no seu intimo quando, a curto trecho, essa barra competidora tornou a açoriar-se, o pharol deixou de accender-se e por fim foi desmontado, a Conceição cristalisou em aldeola de indigenas; e Quelimane tornou a assustar-se, e assustado está ainda hoje, quando observou que, á medida que o Inhamissengo se fôra enchendo de areias, fôra crescendo a agua na bocca do Chinde, e que essa bocca podia engolir as riquezas mercantes que antes monopolisava o rio dos Bons-Signaes. Na propria Europa houve quem julgasse que o Chinde mataria Quelimane, e, ao passo que muitos portuguezes fizeram votos mentaes pelo seu rapido entulhamento, desdenhando fortunas novas que podessem lesar as antigas, os inglezes cuidaram de firmar o pé na sua margem, esperando e annunciando, que para a feitoria que estabelecessem n'essa margem se desviaria todo o trafico da capital da Zambezia. Diz-se que Mr. Johnston, nomeadamente, declárara ter lido, em não sei que parede de Quelimane, um novo *mane, tecel, phares* do festim babylonico.

Não creio, porem, aquelles receios justificados, estes prognosticos plausiveis. Se o Chinde não tiver a sorte do Inhamissengo, e na sua foz se organisarem os serviços, publicos e particulares, de que carece um porto commercial, e as suas aguas e as do Zambeze forem sulcadas por barcos a vapor, indubitavelmente attrahirá a si todo o transito do alto interior, desviando-o de Quelimane, mormente se esta villa continuar a ter as communicações com a Zambezia á mercê das aguas do Quaqua, que de anno para anno empobrece, e difficultados pela falta de meios regulares de transito e transporte entre Mogonumba e o Mozaro ou o Vicente. Mas, por uma parte, a formosa villa não precisa para viver da parte Zambezia que pode ser servida pelo Zambeze e Chinde, por outra parte, o rio Bons Signaes e o seu porto podem resistir, talvez triumphantemente, á concorrencia d'aquella via fluvial.

Olhe-se para o mappa. Em volta de Quelimane ha um paiz enorme especialmente dilatado para nordeste, norte e oeste, que se não pode aproveitar do porto do Chinde, ou que tem mais rapidas ou melhores communicações com o de Quelimane. Estão n'este caso os terrenos dos prasos Tangalane, Chiringone, Madal, Macuso, Lycungo, Tirra Namaduro, Pepino, Carungo, Inhassunga, Angoase, Andone, e grande parte do Boror, do Marral e até do Mahindo, e esses terrenos, todos fertilissimos, bastam para alimentar um grande centro commercial desde que a sua agricultura continue a medrar, e continuem a desenvolver-se as necessidades dos seus habitantes. Essa área territorial é das mais propicias a explorações agricolas e mercantis; mais propicia do que a das grandes margens do Zambeze e dos seus affluentes. E', em geral, menos alagada do que essas margens. Na sua porta visinha do littoral produz côcos, e, como se sabe o coqueiro não vive no alto Zambeze, porque precisa ar do mar. Os seus habitantes sujeitam-se melhor ao trabalho e á disciplina europea do que a gente, quasi toda bravia, que habita para alem do Chire. A mais d'estas vantagens, tem a de ser retalhada por vias fluviaes, que lhe facilitam communicações interiores e approximações de Quelimane. Assim, o Mama que o atravessa serpeando n'uma largura de vinte e tantas milhas, liga-se ao dos Bons Signaes pelo Muananje e pelo canal do Mucelo; por onde ainda ha dois annos passou uma das maiores canhoneiras da Zambezia; o Liquare, que desemboca pouca acima de Quelimane, traz embarcações até do alto Boror, como as traz o Qualua, quando tem aguas, desde o fundo do Marral até a entrada do Luague, e Nhandôa; com o Macura liga-se perto da foz e no interior o Maali, que em parte do curso lhe é parallelo, e talvez se venham a descobrir communicações do Maali ou do Macuse com o Lycungo, que tambem banha uma vasta zona productiva. Para a banda de sudoeste, basta desobstruir ou aprofundar o canal do Chire para dar a grandes terrenos facil serventia para o rio dos Bons-Signaes, e talvez não fosse obra ruinosa tornar tam-

bem navegaveis todos os canaes que estabelecem ligações entre os rios que correm entre aquelles e os braços do Zambeze, de modo que as proprias mercadorias que descessem por elle fossem demandar o porto de Quelimane, em vez de sairem pelo Chinde, o que, em dadas hypotheses, lhes poderia ser vantajoso.

Quelimane tem, pois, o seu dominio proprio, que nenhum porto do Zambeze lhe pode tirar, e que elle deve ligar a si mais intimamente, melhorando a rêde fluvial que o corta e onde as suas malhas estiverem partidas, ligando-as por meio de canaes. Quando essa rêde fôr bem explorada, talvez se descubra que de Quelimane se pode ir ao Lycungo embarcado pelo interior das terras.

Se na exploração mercantil de área assim offerecida para garantia de sua prosperidade pode ter competidor, não é elle o Chinde, é antes o Macuse.

Quelimane. — Rua do Livramento

Creio que o rio que assim se donomina é o Losanga da *Ethiopia Oriental*, cuja barra Fr. João dos Santos situou a cinco leguas para nordeste da de Quelimane, e que elle descreveu como aprazivel tendo *uma anciada e barra muito boa*.

O Macuse d'hoje não desmerece o conceito em que era tido o Losanga de ha tres seculos. Visitei-o percorrendo parte do seu curso a bordo do vapor *Auxiliar*, e não vi em toda a provincia rio mais formoso nem mais desafogado. O banco exterior da foz é ainda mais alto do que o de Quelimane, porém menos extenso; coberto pela prea-mar, dá passo facil e rapido a navios de alto bordo, e por lá passavam d'antes barcos e galeras das grandes casas estrangeiras que têem filiaes em Moçambique, para carregarem amendoim e copra. Hoje só pangaios vão habitualmente ao Macuse, mas quando os revoltosos da Maganja da Costa, em março de 1892, tentaram passal-o para assolarem os prasos visinhos da villa, tambem lá foram, sem perigos nem difficuldades as canhoneiras *Quanza* e *Liberal*. A barra não está balizada; servem-lhe de marca tres palmeiras grupadas, que, já lá dentro do porto, se destacam pela forma e pela altura do arvoredo que o guarnece. A enseada é vasta, profunda, limpa de recifes e baixios. Nas suas margens, baixas e arenosas, só habita, até onde a vegetação deixa penetrar a vista, algum pescador indigena, e habitava temporariamente, antes da revolta, um antigo arrendatario do prazo, Albuquerque, que ali fizera um *lúane*, uma propriedade rustica com sua moradia. Era a moradia soberba para a agrura e solidão do sitio, de pedra e cal, risco europeu, com seus armazens e celleiros; mas quando eu as vi estavam todas as edificações mutiladas e estrompadas pelos maganjas, que as haviam mettido a saque e pretendido arrazar.

Foi depois d'esses estragos feitos que os revoltosos começaram a passar o rio, em lanchas da propriedade e almadias; tiveram, porém, tão má sorte que n'essa mesma hora entrava a barra o vapor *Auxiliar* commandado pelo tenente Leotte do Rego, levando a bordo o governador do districto, major Gorjão de Moura. Os *paquetes* — assim chamam os negros a todos os navios a vapor — inspiram ao gentio d'Africa um terror quasi supersticioso; mas os sediciosos estavam tão insolentes que das praias espingardearam o navio, passando uma bala por entre as pernas do commandante e do governador que estavam na ponte. O tenente Leotte saltou então sobre o canhão-revolver montado á pôpa, e, apontando e disparando-o elle proprio, metteu a pique um grande *coche* cheio de

gente que ia abancar á margem direita do rio; esse tiro feliz, e algumas granadas que foram á terra comprimentar os magotes aggressivos, aconselharam-lhes uma retirada desairosa. Quando ainda durava o tiroteio um escaler do *Auxiliar* foi desasombradamente desamarrar e capturar um grande lanchão, de que os revoltosos poderiam aproveitar-se para passar o rio ou tentar algum assalto ao navio, e este rapido golpe de mão acabou de lhes tirar a coragem e os meios de resistirem. Pode dizer-se que terminou ali a lucta; o que se seguiu foi o castigo, inflingido com o auxilio de tropas da terra enviadas de Quelimane onde o susto e a bravata representaram scenas heroe-comicas.

Quelimane — Avenida Gorjão de Moura

Macuse acima, pode navegar-se mais de vinte milhas, a todo o vapor, sem perigo de rombos e encalhes, pois que o fundo é limpo e cobrem-n'o muitos metros d'agua, por entre duas alas cerradas de arvoredo e matagal. Quasi todos os rios da provincia são guarnecidos exclusivamente pelo *mangue*, monotono na forma, na altura, na côr suja; aquelle não. Borda-o uma flora variegada, em que ha especies de porte elegante e folhagem ornamentada entre as quaes o conhecedor descobre muitas de utilidade industrial. Lá vi a arvore de gomma arabica, debruçando a ramaria sobre a corrente. A espaços, rompem estas paredes de verdura as embocaduras de outros rios, tambem alamedas aquaticas. Na margem direita, já muitas milhas acima da foz, assignala-se o Maquival pelos grandes barracões de palha, assentes em ondulações do terreno, em que se alojam um posto militar e quitandas de *monhés;* pode-se desembarcar ali, e pela estrada que enfia com a rua de S. Domingos ir ter a Quelimane. Um ou outro *luane* cercado de coqueiros, raras palhotas meio encobertas pela vegetação, uma que outra *casquinha* vogando na agua lisa da margem escurecida pelas sombras, mal interrompem a solidão, que infiltra no espirito suaves melancholias scismadoras. Costeia-se assim, por uma parte o praso Auguaze, por outra o Nameduro, depois d'um breve trecho do Macuse, sempre desafogadamente, só com a precaução de seguir o meio do rio e dar resguardo ás curvas, e vae-se ter á Machichina, um centro de exploração agricola do Nameduro, onde se alinham palmeiras n'um solo elevado, traçando avenidas em frente de moradias e armazens cobertos de telha vermelha. O rio ainda ali é tão largo, talvez, como o Tejo em Abrantes. D'ali por deante, embarcações mais pequenas do que o *Auxiliar* podem subir até limites de Boror, á confluencia do Muanange, e descer depois por esse rio e pelo canal do Mucêlo para Quelimane. Fez esta viagem no meiado de 1892, a canhoneira *Sabre*, commandada pelo tenente Jayme Affreixo, apesar de encontrar o canal atravancado por fachinas.

O Macuse é, pois, um excellente rio, e a sua navegabilidade, a confluencia com elle de muitos outros rios tambem accessiveis a pequenas embarcações de carga, a sua barra franca, habilitam-n'o a ser a via commercial d'uma vasta região ao norte de Quelimane e a fazer concorrencia ao porto d'esta villa. Mas, por emquanto ao menos, não ha vantagem sensivel em animar essa concorrencia, que obrigaria o Estado a complicar os serviços aduaneiros e emprehender trabalhos dispendiosos de balisagem e illuminação, a construir caes, pontes, edificios publicos. Para não prejudicar interesses creados é preferivel facilitar as communicações entre a margem direita do Macuse e a esquerda dos Bons-Signaes, e n'aquelle crear meios regulares de transito e transporte entre as duas margens. Para principio de realisação d'esta ultima aspiração já se impoz ao novo arrendatario do praso Macuse, como clausula do seu contracto, a construcção de uma ponte de madeira; emquanto á primeira, satisfazel-a-hia uma linha accelerada de viação, um caminho de ferro de via

reduzida, um *tramway* a vapor, lançado do Maquival a Quelimane. E' obra facil, que já encontraria terreno aplanado, e para lhe assegurar receita bastaria o transito que hoje tem a estrada ordinaria que liga esses dois logares. Não apparecem, todavia, capitaes particulares que a emprehendam; e nem o governo da provincia nem a camara da villa se affoitaram ainda a realizal-a.

Desde que tenha seguro nas mãos o movimento commercial, que já produzem, e que são susceptiveis de produzir n'uma escala enorme, os territorios que a envolvem por nordeste, norte e oeste, Quelimane nada tem que receiar pelo seu futuro; mas tambem lhe não é impossivel affrontar a competição do Zambeze e das suas boccas. Tem, para a ajudar na defeza as vantagens do seu porto muito superior ao do Chinde, ainda mesmo que este se não venha a açoriar como succedeu ao do Inhamissengo. Facilitado que seja o accesso á barra dos Bons-Signaes por bem montados serviços de balisagem, illuminação e pilotagem, dotado o fundadouro interior com pontes ou caes acostaveis, a navegação só forçada por imperiosas necessidades irá desembarcar ou embarcar no Chinde as mercadorias que poder deixar ou receber em Quelimane. Hoje mesmo, já os paquetes da *Uuion* trasbordam n'esse porto carga e passageiros destinados para aquelle; toma-os a bordo um grande lanchão a vapor e leva-os a seu destino. Só os vapores pequenos da companhia allemã iam em 1891 e 1892 directamente ao Chinde. Mas para que a superioridade do porto de Quelimane seja aproveitada pelo commercio até onde pode sêl-o, dado o regimen fiscal estabelecido pelo convenio anglo-portuguez, será necessario ainda resolver um problema, ha muito tempo considerado embora nunca estudado a fundo, o de sua ligação com o Zambeze por meios de viação e que não sejam inferiores em custo, em tempo de duração, em segurança e commodidade á simples e direita navegação pelo Chinde e por aquelle rio.

Esse problema ficaria decerto resolvido por um caminho de ferro que de Quelimane fosse buscar o Zambeze ou o Chire, e essa linha foi já estudada, e a sua construcção esteve, por mais d'uma vez a ponto de ser contractada. O seu traçado partia de Quelimane no rumo geral de oeste, passava sobre o Liquore, atravessava terrenos do prazo Marral para encontrar o Luabua e o Mocambeze, inclinava-se para Mopéa, lançava d'ahi um curto ramal até Vicente, e, seguindo de Mopéa quasi parallelamente ao Zambeze, contornava a Chamoára e subia para o Chire, cuja margem alcançava algumas milhas a cima da foz. Esta testa foi escolhida, evidentemente, porque na estação secca as embarcações encontram tão pouca agua no Zambeze entre as boccas do *Zin-Zin* e do Chire que fazem caminho por estes rios, que são ligados pela lagôa Manze; tambem porque entre o Vicente e a foz do Chire o Zambeze é ouriçado de baixios e ilhas que tornam percaria a sua navegabilidade; e, provavelmente com vistas de attrahir para a linha ferrea o transito do Chire.

Indubitavelmente um caminho feito segundo este traçado seria um beneficio incalculavel, não só para Quelimane, mas para toda a Zambezia e até para as possessões inglezas do Niassa, e se houver quem o construa em condições que não sejam gravosas para o Estado, esse audaz será benemerito. Representará elle, todavia, a solução mais racional, mais economica e mais pratica do quesito das communicações do rio dos Bons-Signaes, com o Zambeze?

A obra deve ser enormemente dispendiosa. Além de ser extensissima, a linha terá de atravessar sobre aterros grandes extensões de terrenos alagados, e de passar rios, que as chuvas tornam largos e caudalosos, em pontes cujos pegões nem sempre encontrarão solo fixo em que se estribem. Ha engenheiros, conhecedores dos terrenos, que chegam a duvidar da possibilidade de construcção de algumas secções e de algumas obras d'arte, a não ser por processos despropositadamente caros. Ainda que estas duvidas sejam infundadas, é incontestavel que os trabalhos serão onerosos; ora, uma parte d'elles, parecem ser dispensaveis. Se o rio dos Bons-Signaes é navegavel em todo o tempo até Nhandio, e se Quaqua, desde que seja limpo e dragado offerece caminho aproveitavel tambem em todas as épocas até Mogarrumba, porque se abrirá um caminho de ferro a par d'elles, através d'um territorio todo cortado por vias fluviaes que n'elles vão desembocar? As difficuldades de communicações começam realmente em Mogarrumba; porque ha-de, pois, offerecer-lhes remedio desde Quelimane? Por outra parte, entre o Masaro ou o Vicente e a foz do Chire, tambem ha meios naturaes de viação offerecidos pelo Zambeze, que se não são seguros nem rapidos, tão pouco são para desprezar; as ultimas secções da linha projectada, sendo utilissimas, tambem não parecem, pois, indispensaveis. Verdadeiramente indispensavel é atravessar de Mogarrumba para a margem do Zambeze em boas condições de segurança e rapidez, e, quando não sobejam capitaes nem iniciativas para realisarem o indespensavel, não é de bom conselho convidal-os a fazerem o superfluo.

Diz o bom senso popular que o optimo é o inimigo do bom.

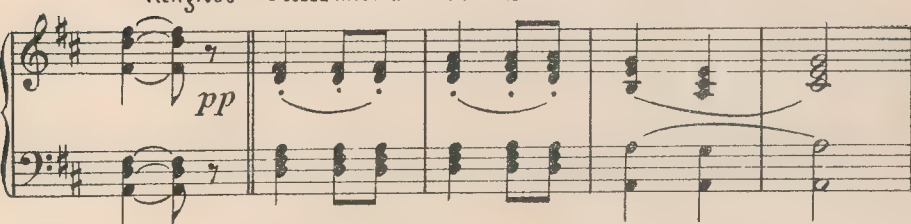
Reduzido o problema á sua mais simples expressão tem duas soluções capitaes: um canal, ou uma linha de viação accelerada, de extensão variavel conforme o traçado que se adoptasse, mas nunca superior a 40 ou 50 milhas. Innumeras considerações de interesse economico recommendam de preferencia o canal, que dispensaria baldeações ás mercadorias que descessem pelo Zambeze ou subissem pelo Quaqua; mas nas nossas estações technicas e officiaes formou-se nos ultimos annos o conceito de que similhante obra, não sendo por si impraticavel nem se quer difficil, poria o Quaqua e o rio dos Bons-Signaes em grave risco de serem açoriados ou de soffrerem alterações prejudiciaes no seu regimen d'aguas, e porventura acabaria de empobrecer o tão desfalcado Zambeze. Estrangeiros que estudaram o assumpto impugnam porém, este conceito e sustentam que a engenharia hydraulica tem recursos de sobra para impedir que o canal prejudique as vias fluviaes que deve communicar, e a mim de todo me fallecem conhecimentos que me permittam julgar quem tem rasão. Affigura-se-me que a questão não está estudada com o necessario rigor scientifico, e que parte das objecções oppostas ao canal foram suggeridas pelo caminho de ferro.

Se, porém, se averiguasse a impossibilidade da via aquatica, creio que a grande via ferrea de Quelimane-Chire poderia ser supprida por uma pequena linha Mogarrumba-Vicente ou Mogarrumba-Mozare de tramway a vapor, ou de systema de viação accelerada que seja mais applicavel a terrenos em parte submersiveis, uma vez que as testas d'essa linha fossem providas de quantas construcções e quantos mechanismos podessem simplificar, ou mesmo dispensar os baldeões; e digo supprimir, porque não creio que a engneharia e a mechanica comtemporaneas encontrem impossibilidade em fazer rodar lanchas de carga sobre carris de ferro, ou fazer fluctuar wagons nas aguas dos rios. Serviços de transporte a vapor no Zambeze, no Quaqua e no Bons-Signaes collaborariam com o da via terrestre para estabelecer um systema aperfeiçoado de communicações que, se não fosse preferivel em todas as hypotheses á navegação directa para o Chinde, pelo menos não obrigaria o commercio a sujeitar-se ás desvantagens d'esse porto, e acautelaria a contingencia d'elle se entulhar outra vez. E todos estes melhoramentos e todos estes serviços, custariam esforços enormemente inferiores aos que exige o grande caminho de ferro do Chire, com os seus duzentos kilometros de extensão cortados por cêrca de trinta rios e immensos pantanos e lagôas, obra certamente tão proficua quanto collossal, mas cuja esperança, talvez fallaz, de realisação está privando Quelimane e a Zambezia de outras mais modestas e exequiveis que lhe remedeiem necessidades inadiaveis.

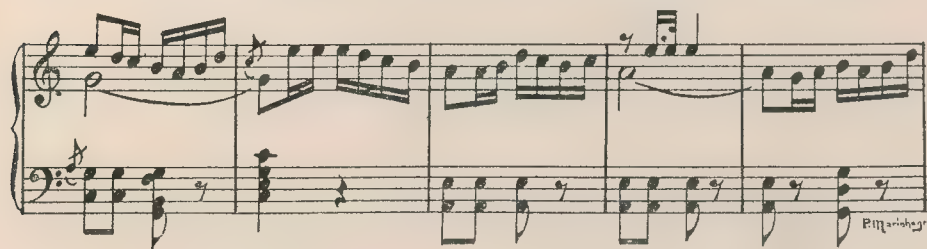
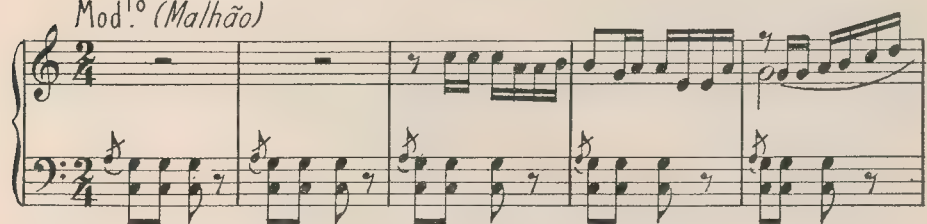
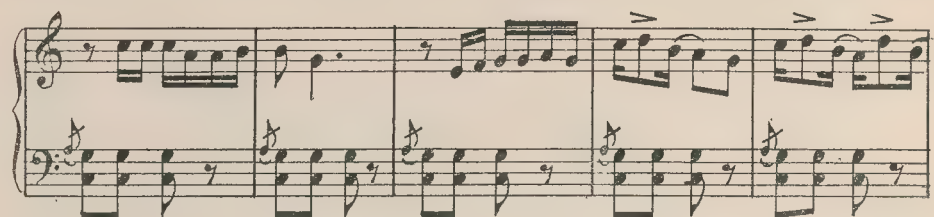
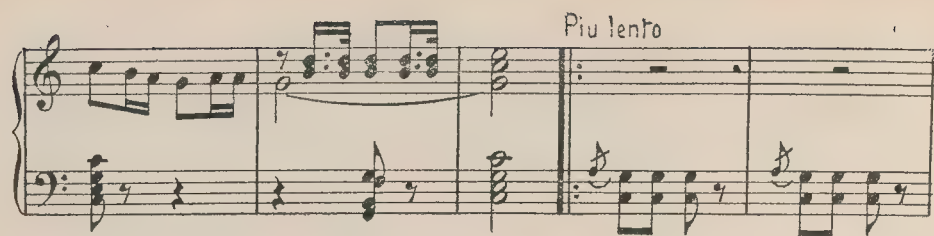
N'essas necessidades não se inclue, certamente, a de defender o porto de Quelimane contra o porto do Chinde, ambos portuguezes. Defender interesses de um contra o outro, gastando capitaes na defesa, não seria empenho patriotico nem sensato. Mas a ligação do Mogarrumba com o Zambeze não aproveita só a essa defeza; é especialmente requerida por interesses geraes da Zambezia, que não pode ter as suas communicações com o mar fiadas exclusivamente das boccas ou de qualquer bocca d'aquelle rio, que ora se abrem ora se fecham, segundo o testemunho da historia e a recente prova fornecida pelo Inhamissengo.

(Continúa).

Quelimane. — Praso Marral

RAPSODIA D'AGUEDA

EXCERPTO

sus! Pe_la vi_da de sol_dado Pe_la vi_da de sol_da_do
Gracioso
ff
Larg.to
(Camponeza) Minhas lagrimas cor_
ren_do São agua de re_ga_dia. Uma a uma pingue pin_gue, Cam_po_
ne_za Cam_po_ne_za To_da a noi_te e to_do o dia

(Digo dae) Re.......ben.tou na Fo_lha No_va Di.go dae, di_go dae dae
All°
ff
dae Fo....go ver_me_lhoincen...di......do O' di_go dae, dae
dae O' di_go dae.
ao 𝄋
Mod.to (Malhão)
P. Marinheg.

Piu lento
1.
2.

MAL DE HERANÇA

CAPITULO NONO *(Romance. — Continuação)*

PASSEI ainda quinze dias em Cumberland. Foram uns dias deliciosos, todos plenos de ternura. A saude de Lucy melhorava de dia para dia, todavia não melhorava em sua disposição de espirito. Havia um certo ar de tristeza na sua phisionomia e na sua attitude. Algumas vezes os seus olhos queriam rir-se quando a conversação era animada, mas logo se lhes apagava o brilho n'uma expressão triste, embora eu fizesse todo o possivel por me mostrar alegre e despreoccupado. Notára que as visitas do sacerdote escocez eram agora mais frequentes. Lucy e Mac Pherson estavam longo tempo em muito intima convivencia. Não procurei insinuar-me na conversa d'ambos, pensando que deveria ser com referencia ás bôas e piedosas obras em que estavam empenhados. Mas um dia vi-os separarem-se, elle com mal disfarçada colera e ella como que contrariada. Sube depois que das suas visitas havia resultado effeito muito mais serio e pessoal do que poderia suppôr. Lucy confessou-me o que em verdade os entretinha. Se me dizia tão estreitamente respeito! Com os olhos fixos no trabalho que tinha entre os dedos tremulos, ella deixou transparecer a verdade dos seus pensamentos.

— Roberto, disse ella, não pense muito mal de mim, nem me queira mal.

-- O que quer dizer?

— Faça por me perdoar, se eu lhe dei muito incommodo e muito desgosto.

Adevinhei logo o que ella me ia dizer, e todavia perguntei ancioso:

— Diga-me o que é, Lucy?

— Eu desejo ir para um convento.

— Santo Deus! exclamei — pôde imaginar similhante cousa?

— Tenho pensado sobre isto muito seriamente. Nem outra cousa devo fazer. E' a minha unica esperança, o meu unico refugio. Se pudér um dia vencer esta praga, só o conseguirei ali. E se não tiver de a vencer onde melhor me poderei refugiar? Além d'isso, acho

As visitas do sacerdote eram mais frequentes.

que é o proceder justo. Sei tudo com respeito a meu avô e por que modo elle ganhou a nossa fortuna. E' necessaria uma expiação e sabe, como eu, o que está previsto para a terceira

e quarta geração. Mas estou muito triste por sua causa, Roberto. Era muito suave e lindo tudo quanto sonháramos e esperavamos — mas então — mas então.

Ruborisaram-se-lhe as faces, humedeceram-se-lhe os olhos e a voz tornou-se-lhe abafada pela constricção da amargura desesperada.

— Eu desajo ir para um convento

— Lucy, minha querida, ainda não está bem de todo, disse. Mais tarde ficará melhor e tudo lhe parecerá differente. O mundo se transformará para si, e então ha de chegar a admirar-se de como poude tomar tal resolução. Não pensemos mais n'isto, e seja razoavel.

O meu argumento era mais interesseiro ou artificioso do que imaginára. Era-me impossivel discutir com esta suave e meiga creatura sobre uma doença tão feia e tão abjecta. Perguntava-me, a mim mesmo, o que é que a impellia a esta resolução de sacrificio e dizia-me a mim mesmo que a imaginação era o mais potente factor na vida. Lucy queria ir para um convento porque a idéa de uma praga hereditaria tinha tomado posse da sua imaginação. O que era no caso d'ella aquelle desejo insaciavel de beber? O que deveria ser na maior parte dos casos? Era a convicção de que o beber predominava a vontade. Os bebedos bebem porque julgam não poder deixar de o fazer. Beber é como a suggestão do hypnotista, e toda a vez que a victima cede ao seu mando, a sua influencia torna-se cada vez mais poderosa. A primeira tentativa sobre Lucy, a primeira investida dava-se no momento de provar a bebida alcoolica; porquanto depois o baluarte da sua vontade e da sua energia revoltada estava completamente arrasado. A imaginação póde influir para esquecer o que ella propria teme; e a imaginação de Lucy, dominada pela idéa tenebrosa da praga herdada de seu avô, poderia trabalhar em

desfazer os resultados predictos e previstos. Por outro lado, não haveria veneno em seu sangue? Não se lhe teria determinado um mal organico com duas gerações de alcoolismo? A avidez com que ella logo se apoderou do brandy antes da experiencia, e a repulsão que mostrara ao vel-o quando acordou, parécia designar uma absoluta predisposição real, completamente independente da imaginação. Assim o meu espirito oscillava entre os dois aspectos, n'uma duvida cruel.

Mas o unico terreno fixo em que pude fundar as minhas reflexões foi o de que, se uma idéa imaginativa tivera sido o principio da doença de Lucy, uma outra idéa imaginativa mais sã poderia talvez ser a sua cura. O que é a suggestão therapeutica senão a imaginação trabalhando sobre a imaginação? O somno não era a parte essencial do caso, mas tão sómente necessario para subjugar a vontade opposta em que a imaginação do operador podesse fazer livre acção sobre a imaginação do paciente. Então porque não haveria imaginação sem o dormir? Porque não seria a minha influencia que actuasse sobre a de Lucy? E onde estaria a idéa engenhosa com a qual podesse repellir ou desenraizar a sua crença na praga? Assim, dependia d'ella a sua salvação. Podesse eu encontral-a disposta a luctar.

CAPITULO DECIMO

Na minha jornada para Londres comprei em Rugby os jornaes da noite. Estavam cheios d'um nome muito meu conhecido, La Mothe. Tinha feito grande sensação o seu methodo de cura de alcoolicos e a noticia de ter improvisado uma especie de hospital particular para similhantes curas. A sociedade de *Estudos Psychicos* investigara certos casos, procedera a experiencias que as noticias affirmavam terem sido favoraveis. Era já grande o seu exito. Estabelecera-se n'uma casa de campo a algumas milhas de Londres. Os doentes eram na maior parte senhoras.

N'aquella noite já tarde, estava sosinho sentado no meu quarto, pensando tristemente em tudo o que me tinha succedido, e tão extraordinariamente, quando ouvi passos no pavimento inferior e vozes que se aproximavam da porta do meu aposento.

— Aqui é Pump Court, e este é o numero cinco.

Era o porteiro que vinha do seu cubiculo, lá de fóra, e acompanhava alguem.

— Obrigado, obrigado—foi a resposta em tom animado, que me chegou aos ouvidos despertando-me a illusão de uma antiga voz conhecida.

Depois senti passos pesados e incertos nas pequenas escadas de degraus de madeira. Percebi que alguem se dirigia para minha casa, e antes que tivesse batido á porta, levantei-me para lh'a abrir. No mesmo instante, meu pae e eu encontramo-nos cara a cara.

— Está em casa o sr. Har... — principiára elle dizendo, e depois olhando-me exclamou.

— Roberto! e apertou-me as duas mãos com enthusiasmo.

Não o tinha visto, havia já quinze annos passados. Embranqueceram-se-lhe os cabellos e estava bem mudado. Mas se em meu pae era grande a mudança, em mim deveria ter sido muito maior.

— Deixa-me vêr-te meu rapaz, disse, e sem me largar as mãos levou-me para perto do candieiro, levantou-me os braços, abriu-os em todo o comprimento, deitou para traz a cabeça, e examinou-me cuidadosamente da cabeça aos pés. Recordo-me de que me ri durante este exame e supportei-o com a indulgencia agradecida que n'um filho se aproxima da obediencia condescendente.

Meu pae ficou visivelmente impressionado, mas fez todo o possivel por disfarçar, sob o seu modo turbulento e vivaz, a sua profunda commoção.

— Então appareço-te de surpreza, hein? Vim mais cedo do que esperavas, não é assim? Pois pensei em te apanhar de assalto, meu rapaz. E aqui estou, vindo direito de Charing Cross, e toda a minha bagagem nas mãos dos factores. Vês, não pude esperar pela revisão. E agora terás de me aturar porque decidi aqui ficar esta noite.

D'esta fórma começou a rir-se e a fallar alto, e com volubilidade communicativa, da sua viagem, das ferias, do tempo do seu regresso, e interrompendo a conversação com exclamações da mudança que eu fizera, de como me transformara de rapaz em homem. Depois parou a torrente de palavras, olhou para uma photographia de Lucy que estava collocada sobre a estante da chaminé e pestanejando, como quem procura obter effeito de relevo, disse:

— E' esta?

Fiz um signal affirmativo de cabeça, e elle poz as lunetas e olhou para a phisionomia da photographia com demorado e attento olhar.

— Então? perguntei.

— E' linda! — respondeu-me — linda! —

disse outra vez, com uma grande e animada expressão na palavra; e, um momento depois — E' uma bella rapariga, — acrescentou ternamente.

Descançamos tarde, e fallamos em todos os assumptos, excepto n'um, n'aquelle que mais perto estava do meu coração. Nada podia dizer a meu pae da doença de Lucy, e a todo o momento occupava a imaginação em inventar subterfugios pelos quaes podesse evitar que o sr. Jorge Chute lh'o disesse, quando este o encontrasse. N'uma occasião, de manhã cedo, em conversação descuidosa, meu pae sem o saber tocou de angulo o pensamento que dominava a minha imaginação. Fallava elle de minha mãe, de quem eu tinha apenas vaga lembrança, pois morrera quando ainda era creança.

— Excellente senhora! mas tinha phantasias extravagantes—disse elle. A ultima d'ellas teve-a justamente pouco tempo antes de morrer. Foi um pensamento singular, e por certo

Examinou a photographia

inoffensivo, porem acredito realmente que illuminou e acariciou aquella dôce alma na sua negra hora final.

— Qual foi? perguntei curioso.

— Vaes-te rir. Não era nada — cousa alguma que qualquer pessoa podesse imaginar senão para seu filho. De facto, era a respeito de *teu* filho.

— Meu?

— Sim, tu eras apenas uma creança, mas ella pensou que já tivesses setenta e com um filho, já tambem homem feito ao lado.

— Então?

— Tu eras juiz, e o teu filho — sim, teu filho — tinha sido nomeado lord chanceller de Inglaterra!

Eu ri; ambos nos rimos; e depois suspiramos e ficamos calados. Meu pae pensava em minha mãe; e eu em Lucy. N'este caso era uma idéa, um sonho, uma phantasia, uma loucura exactamente opposta em genero e effeito áquella que anuviou a vida da minha querida noiva. Assim como a praga se apoderára do espirito do avô de Lucy assombreando a sua vida, ennegrecendo as vidas de seu filho e de sua neta, assim tambem a prosperidade que minha mãe idealisara no seu espirito, talvez já enfraquecido, illuminou o fim dos seus dias, trazendo á minha existencia como uma chamma de pôr do sol, longiquo reflexo de brilho esmorecido! Agora, se eu podesse ao menos ter fé no que a minha mãe acreditou, como Lucy teve fé no que o seu avô acreditara! Se a imaginação pode actuar no destino que teme, porque não poderá tambem realisar a fortuna que espera?

Meu pae dormiu n'aquella noite na minha cama e eu mudei-me com a poltrona para o meu quarto de trabalho. O som compassado da sua respiração chegava-me aos ouvidos pela porta entreaberta, durante as longas horas que estive acordado.

Absorvido n'um novo pensamento, estava ancioso por voltar a Cumberland, e dez ou doze dias depois da chegada de meu pae a Inglaterra, abandonei-o com desculpas justificadas e tomei o comboio para Cleator.

— Não te demores muito em mandar-me o tal telegramma; irei ter comtigo com

a velocidade d'um raio, disse elle em Euston.

O sr. Jorge Chute ficava com elle; mas eu tinha feito prometter ao nosso velho amigo guardar rigoroso silencio.

— Adeus, — disse-me este em voz alta; e depois mettendo a cabeça para dentro da portinhola da carruagem, não procedas precipitadamente,—acrescentou em tom expressivo.

Fiz-lhe um signal de cabeça para o reassegurar e o comboio partiu. Fui no mesmo comboio de noite em que viajára na occasião da minha primeira visita. Da mesma fórma mudei de comboio em Penrith, e uma segunda vez n'um pequeno entroncamento entre as montanhas. Tinham-se passado algumas semanas e cedo a primavera começava de viver sobre a terra renovada e renascida. Era apenas madrugada; o dia principiava a luzir lentamente, e sobre as montanhas do este appareciam os primeiros raios vermelhos do sol ainda occulto. Na sala de espera da pequena casa de madeira da estação encontrei o mesmo grupo de mineiros, fumando seus cachimbos de argilla, em volta do crepitar da lenha d'um fogo novamente acceso. Recordaram-se de mim, e com modo bom e cortez tornaram a repetir o nome de Lucy. Era sabido correntemente que ella tencionava recolher-se n'uma especie de convento anglicano.

— Sempre calculámos que havia de succeder assim — disse um d'elles, — Era muito bôa para o mundo a Lucy Clous'al.

Era domingo de manhã, e eu estava almoçando em *Wheatsheaf*, quando começaram de tocar os sinos. Julguei que Lucy estaria provavelmente na egreja e não me enganei. Do meu logar no fim da egreja vi-a n'um banco particular por baixo do pulpito, aquelle que estava desoccupado na minha primeira visita quando o haviam decorado de heras, azevinho, e de urzes florescentes. Ella estava de preto com vestido de crepe, como se estivesse de lucto, e a côr preta tornava-lhe o rosto ainda mais pallido e espiritual. Não creio que me tivesse visto. De cabeça abaixada estivera de joelhos durante a maior parte dos officios divinos, e quando acabou não me atrevi a ir fallar-lhe. Parecia que uma voz secreta me segredava que não seria alli, nem n'aquella occasião, que deveria dizer abruptamente o que tinha ido para lhe dizer. Com o coração a palpitar vi-a sahir, reverentemente, porém deixei-a seguir.

No dia seguinte, uma segunda-feira, com o

. . . nada mais lhe disse e sahi.

sol brilhante, as aves a cantar, as borboletas agitando-se no ar, e o mundo todo entregue ao canto dos amores da primavera, fui a Clousedale Hall e perguntei por mistress Hill. A velha e fiel governante tinha uma apparencia nervosa e consumida, de quem tivesse passado horas de insomnia e de amarga tristeza. Perguntei-lhe se poderia vêr Lucy.

—O Yondalle, o das minas, está agora com

ella, — disse —; e sei que Cochbain, o advogado, deve voltar outra vez de tarde.

Emquanto pronunciava estes nomes, a sua cara enrugada estremeceu, pois ella bem viu que eu lhes tinha percebido a sua significação, indicando-me os preparativos para a tal mudança de vida que se dizia ser bem proxima.

— Então convidar-me-hei para jantar. Jantam ás seis, não é assim? — disse; e com estas palavras apertei-lhe a mão tremula outra vez. Pareceu-me vêr n'aquelle rosto bondoso emquanto me seguia com a vista até a porta, uma especie de meio-desesperado appello, mas nada mais lhe disse e sahi.

N'aquella noite ao jantar estavamos verdadeiramente constrangidos. Lucy fallou muito pouco, mas olhava para mim de vez em quando com um longo olhar triste. Parecia querer despedir-se de mim com os seus bellos olhos.

Fiz o possivel por apresentar serenidade, e fallei mesmo animadamente, mas o meu coração estava bem sobresaltado. Emquanto relanceava com o olhar a minha querida atraves da meza, com o seu rosto pallido e os seus grandes olhos humedecidos, parecia-me vel-a nos seus habitos de freira, vivendo dentro de paredes humidas, sem luz de sol, por entre nuvens de incenso. Estava-me vendo tambem a mim proprio pelo mundo fóra como solitario vagabundo. Depois de ter estendido as mãos para tomar a taça do vinho doirado da vida, tão perto de a esvasiar a grandes tragos, e fugir-me dos labios parecia-me destino cruel e monstruoso. Empreguei o maximo esforço em seguir o curso da conversação, sem pausas dolorosas, e quando depois da sobremeza mistress Hill se levantou e nos deixou sós, deitando-me ainda outro olhar de supplica bem expressiva, no momento de sahir da sala, não pude conter por mais tempo a minha impaciencia.

— Então, assim se quer retirar do mundo e deixar-me Lucy?

- Sim, respondeu-me em voz sumida.

— Vae para o convento?

— Sim. Fiz todos os meus preparativos — e indicou-me alguns.

— Teremos então de nos separar definitivamente, Lucy?

— E' melhor assim, affirmou. E dou graças a Deus de ter visto o que era de direito fazer, antes que fosse demasiado tarde.

— Está pensando ainda em mim?

— Como o poderei evitar? — respondeu-me. — Quando penso que Roberto está no começo da sua vida, e como estive tão proxima de involuntariamente lhe destruir todo o seu futuro, não sómente para si, mas talvez para os seus filhos.

— Então pensa ainda que está sob a influencia da praga?

— Como poderei pensar d'outra forma? — respondeu ella dolorosamente. Recorde-se do que succedeu a meu avô, a meu pae, e a mim propria. Depois a sua experiencia deve convencel-o da verdade.

— Mas ainda não reflectiu Lucy que o poder de similhante idéa é proporcional á crença que n'ella deposita? Olhe que esta é sempre a verdadeira psychologia de uma praga. Quando se vê ou se imagina vêr um homem, ou uma familia, ou mesmo uma nação, luctando como um cego Samsão contra o que se chama o destino, se notar n'isto bem attentamente, verá que é unicamente a phantasia de apreciação. Este é o seu proprio caso, Lucy. Não ha em si nenhum mal real. Tem unicamente que destruir a crença no motivo que matou seu avô e seu pae, e tudo correrá bem.

Ella ficou immovel, em reflexão interior.

— E' impossivel, disse. — Em todo o caso não me atrevo a ter confiança em mim.

Appellei então para motivo mais concludente. — E não pensa em mim? — perguntei.

— Em si? — replicou com voz vacillante — terá de me esquecer.

— Esquecel-a, Lucy?

— Não, nem isso, tão pouco. Não pósso desejar que me esqueça. — Recordar-me-hei sempre da sua bondade, Roberto, desejo que pense em mim como — como se me tivesse perdido pela morte.

— Mas n'este caso não é a morte, Lucy. Eis a crueldade. Não existe a paz da morte e eu não pósso conformar-me com esta sua resolução.

Ella não poude responder-me, e percebi que lhe arfava o seio em dolorosa inquietação.

— Não tem nada mais a dizer-me, Lucy?

— Nada — respondeu-me com vóz entrecortada. — Espere ainda! Sim, tenho alguma cousa a dizer-lhe.

— O que é?

— Eu julgava que já tinha passado a nossa ultima hora de separação.

— Quando?

— Quando Roberto estava em Londres e eu aqui sosinha.

— E então? — perguntei.

— Sempre esperei que não voltasse Roberto; mas logo que veiu, ha uma cousa que pode fazer — e comtudo ainda o não fez.

— Diga-me o que é, Lucy.

— Desobrigar-me do nosso ajuste de casamento. Faça-o por amor de mim. E' o meu ultimo pedido. Faz-m'o?

— Fal-o-hei.

Houve uma pequena exclamação, como de surpreza, com a minha prompta declaração e depois uma resposta baixa e vagarosa.

—E' muito bom, Roberto!

— Mas eu tenho uma cousa a dizer-lhe, Lucy?

— O que é?

Passei para o outro lado da meza e curvei-me sobre as costas da cadeira ao lado d'ella.

— A Lucy está vivendo sob a influencia de uma idéa que, tomando a fórma do proprio destino, persegue-a e escurece toda a sua existencia. Eu tambem estou vivendo sob a influencia de uma outra idéa.

Ella estremeceu, e perguntou anciosa. — Será tambem uma praga?

—Não, porém é uma benção — repliquei. Depois contei-lhe do sonho de minha mãe, a sua phantasia, a sua esperança á hora da morte. Em quanto eu fallava escutou-me n'um silencio profundo, e percebi que a minha doce amada estava sensivelmente commovida.

— Isso é muito, muito lindo, — disse em voz sumida; e depois com rapido volver de olhos. — E acredita n'isso?

Armei-me de toda a minha resolução e respondi com a maior força de enthusiasmo. — De todo o meu coração.

— Então acredita que no decorrer do tempo isto succederá?

— Acredito.

Lusiram-lhe os olhos e não sem esforço respondeu. — Deve ser um grande, um grande manancial de vida para si, Roberto, de pensar que ha-de casar e ser feliz e que terá

. curvei-me sobre as costas do cadeira.

filhos e que esses tambem serão felizes um dia no mundo.

Estava vencida. Eu tinha cavado fundo e despedaçado as fibras mais sensiveis da sua alma infeliz.

— E acredito, Lucy, porque esta esperança e esta confiança proveem d'um doce e abençoado desejo, d'uma visão prophetica, entrevista na hora extrema d'um espirito de mãe.

— Sim? E então?

— Peço-lhe outra vez que seja minha mulher.

— Não, não! exclamou, não diga isso.

— Hei-de o dizer, Lucy, porque sei que é a benção e não a praga que ha-de triumphar.

Levantára-se como para fugir do quarto, dizendo. — Não queira tentar o destino.

Corri para ella, e não obstante a sua resistencia, segurando-lhe nas mãos, pouco a pouco a trouxe para a cadeira.

— Lucy, disse-lhe — eu amo-a, — sabe-o bem. Amo-a com toda a força do meu coração e da minha alma. Não quero pensar em perdel-a. O amor é mais forte do que qualquer praga: é mais forte do que a morte, diz a Biblia. Não quero pensar em si como se tivesse morrido. Quero o seu coração vivo para que possa corresponder ao meu. Firmei a minha esperança no seu amor, e pretendo conserval-a. Lucy, a minha amada Lucy, condescende. Tenho esperado por si todos estes annos, assim como Lucy tem esperado por mim. Não se ha-de sepultar n'um convento. Quero-a, meu amor, quero-a para a vida. Quero o aroma dos seus cabellos, a luz dos seus olhos, o beijo dos seus labios. Seja minha, amada Lucy!

Collocara-me defronte d'ella, implorando-a com as mãos estendidas em supplica. Ella dominára-se por momentos como n'um ultimo esforço de resistencia, mas depois, arrastando a mão pela meza como quem se ampara, levantou-se e veiu para mim com um grito fraco, meio de chôro meio de riso, estendendo a mão delicadamente, em que pousei meus labios frementes.

N'aquella noite telegraphei a meu pae.

* * *

Isto tudo succedeu ha trinta e cinco annos, e seguramente a benção até aqui tem vencido a praga.

Esperança! Eis o medico infallivel. Não ha mal que ella não possa superar; porque, quando não pode destruir a desgraça, póde ao menos eliminar o receio que a torna horrorosa. E' uma prophecia que está sempre em principio de execução; é uma possessão universal. O infeliz não tem outro remedio. O homem que não perdeu a esperança não está inteiramente perdido. Nenhum navio está abandonado em quanto a bordo existir uma alma vivente. Saber esperar é querer.

De todas as idéas eternas e immortaes, presentes em toda a parte, a Esperança é a mãe suprema que nos tem consolado, fortificado e governado desde todo o principio.

(*Segundo* HAEL-CAINE).

FIM

MODAS

A escolha de illustrações que acompanham estas paginas dedicadas aos costumes femininos obedece ao mesmo intuito com que temos feito as anteriores, procurando dar uma idea dos typos principaes de *toilletes* para a estação calmosa, em que predominam as blusas leves, em tecidos claros, na maioria *foulards* flexiveis, embora se usem tambem as fazendas de algodão e linho finamente acabadas e de apparencia sedosa, que a industria produz n'este momento.

E' claro que mesmo nas blusas o feitio, o enfeite, a qualidade do tecido empregado diversificam conforme o destino especial da *toillete*, sendo bem evidente que, se se destinam a uso de casa, de interior, como se costuma dizer, ou a uso de rua, de passeio, teem de obedecer a esta variedade de meios. Comprehende-se que para blusas de casa se pode empregar tecidos mais leves, transparentes, como as cassas coloridas em tons esmaecidos, sobretudo de coloração esverdeada, azulada ou lilaz, tons muito em moda, quando pouco intensos; reservando-se as côres mais vivas para as blusas de passeio. Admittem estas ultimas menos profusão de enfeites, de rendas e de tules bordados, do que as primeiras, em que se prefere a gola derrubada, ligeiramente aberta. Exige-se sem duvida uma certa severidade de talhe para as blusas de sahir; como maior elegancia se evola d'uma certa negligencia calculada, d'uma forma mais fluctuante, nas que se trazem em casa e com as quaes se recebem visitas. Sem duvida, no ambiente d'um *boudoir* ou d'uma sala, entre os ramos de flores que profusamente enfeitam as mezas e as *etagères* em jarras e em floreiras, adapta-se melhor, com reflectida harmonia, a frescura suggestiva dos tecidos semi-transparentes.

Nas blusas de passeio as costas completam-se muitas vezes com pequenas abas muito curtas, excedendo pouco a linha da cintura marcada e cingida pelo cinto, e d'este feitio resulta que a *toillete* de blusa e saia torna um aspecto mais grave, como se fôra um vestido completo, o qual continua a ser empregado para as *toilletes* mais cerimoniosas. Vestir-se bem, não é copiar servilmente o modelo que a moda vae creando dia a dia: é aproveitar d'esses modelos o que se casa e se harmonisa com o destino da *toillete*, como convem á edade e posição social, e fazer uma selecção que o bom gosto de cada um estabelece como preferente. Nas mangas das blusas, variadas em forma, como se mostra das illustrações juntas, existe tambem uma adaptação particular para cada typo geral de *toillete*. Vêem-se ainda os costumes masculinisados pelos collarinhos, pelos peitilhos e pelas gravatas; porem predominam os modelos que conservam a gracilidade e gentileza femininas. A epoca do anno influe tambem no genero de vestuario, como determinam as occupações. Agora é o tempo de viver nas grandes cidades, nos grandes centros, em Paris até a corrida de Longchamps, em Londres até o premio do Derby, em Lisboa até a partida para Cintra. Vive-se a vida mundana ainda nos salões e em jardins floridos.

Resume-se, como segue, a descripção mais promenorisada dos modelos. A nossa primeira illustração é feita em tecido leve, como deixamos indicado, destina-se para interior, com uma larga gola, voltada e enfeitada de rendas, alternando com preguinhas miudas,

fechada do lado com um laço de cambraia em remate; a frente egualmente em preguinhas, que se reproduzem na gola; as mangas terminam em forma de campanula, dentro das quaes sahe um *puff* de tule bordado, pregado com uma banda de renda da mesma qualidade da que ornamenta as voltas da gola

larga, e a qual lhe serve de remate. Estes *puffs* veem desde o cotovello em meia manga e por vezes são seguros por uma fita elastica.

A segunda illustração figura uma outra blusa em seda, *toillete* de passeio, enfeites de *guipure* branca e termina n'um pequeno cinto. A gola formada de tres ordens, como se vê na figura, corre em volta do corpo e divide-se em dois grandes recortes nas costas; um pequeno laço de fita de veludo preto remata na frente a gola. As mangas são apanhadas com um punho enfeitado tambem de fitinha de veludo.

A terceira illustração exemplifica uma blusa de cambraia leve assente sobre forro de seda, muito elegante na composição das preguinhas estreitas que partindo da gola descem a meio busto e sobre as quaes se colloca a renda aberta do enfeite, e depois segue em pregas largas e fofas até a cintura onde é apanhada pelo cinto de veludo que termina atraz em laço. Como se destina a *toillete* de passeio tem as costas lisas. As mangas que são curtas terminam em bandas de rendas que servem de união aos *puffs* da mesma fazenda, os quaes se fixam aos pequenos punhos de veludo. Este genero presta-se ás mais variadas combinações de tons da cambraia e da seda em forro, bem como dos enfeites em veludo, escolhendo-se em geral para o corpo de seda uma côr bem viva que a cambraia amortece depois, mas que pela transparencia produz effeitos de cambiantes muito graciosos.

O quarto modelo constitue um genero de lindas e elegantissimas blusas em tule muito finamente colorido, e muito transparente, de

tons suaves e esmaecidos, novidade de fabrico recente, assente egualmente sobre forro interior de seda, e enfeites ou applicações de renda em bandas que se prolongam nas costas, bem como n'estas se reproduz até meio o mesmo effeito de pregas que se vê na frente.

Os chapeus, que completam para exemplo os modelos, são quasi sempre de palha escura, sendo a côr mais recente a verde esmeralda, adoptando-se para o velludo do enfeite a côr azul, e na verdade na mistura das duas côres, azul e verde, reside agora a grande elegancia. As longas plumas quasi sempre escuras e de reflexos metalicos são as mais procuradas; assim como se adoptam as fôrmas largas, imitando os chapeus das damas do seculo XVIII, como os que se veem nos quadros de Gainsborough. Predomina no vestuario moderno a copia ou a artistica adaptação dos quadros de nome, de sorte que nas reuniões do grande mundo as damas elegantes tomam o aspecto e acordam a lembrança dos retratos celebres, como tambem se nota uma bella e artistica tendencia em mandar fazer retratos a oleo, á maneira dos tempos passados, o que activa nos *ateliers* dos melhores pintores a producção do genero.

As saias que completam com as blusas a *toillete* de interior ou de passeio usam-se sem enfeites, n'uma elegante simplicidade distincta, cuja fórma e corte acentua as ondulações do corpo e cujo tecido flevivel e d'um só tom se escolhe de maneira que se harmonise com o da blusa, n'uma cambiante ligeiramente mais escura, empregando-se porém para vestuario de meninas e de senhoras novas tecidos identicos aos dos corpos em blusa. A tonalidade das fazendas mais usadas é a extremamente clara, mas sem viveza de côres berrantes. Se os vestidos não teem enfeites, em compensação as saias de baixo, que no apanhar do vestido se mostram logo, são luxuosamente enfeitadas de finas rendas e de levissimas cambraias. São complemento essencial d'uma *toillete* elegante, como o calçado distincto, e as luvas irreprehensiveis. Na sua feitura empregam-se mousselinas de côr, e na mais rigorosa elegancia devem ser do mesmo tom do vestido; porém vulgarmente escolhem-se de côres mortas que possam facilmente condizer ou ser complementar da dos vestidos; no momento actual o tom predilecto é o verde muito esmorecido.

Para defeza das agrestes virações que ainda ao cahir da tarde cruelmente resfriam o ambiente, postas de parte as *boas* que no primeiro aspecto recordam o inverno, usam-se agora pequenas romeiras ou manteletes feitos em setim, com guarnições de rendas pretas ou cremes conforme a côr do setim adoptado, terminando em largas pontas de tule ou mousselina do mesmo tom, que descem na frente até dois terços do vestido, apanhadas de espaço a espaço com guarnições em forma d'annel de rendas; mas exige a imperiosa moda que estes ligeiros abafos em volta do pescoço, sejam pequenos primores de graciosa ornamentação, leves como um delicado *duvet*, fofos como se fossem flocos de ligeirissima rama, simulacro de nuvens tenuissimas d'onde pareçam emergir os rostos gentis, recortando o busto n'esse esbatido de pintura, a recordar as cabecitas de anjos ou de amorsinhos que resaltam meigos ou petulantes das tellas decorativas do seculo XVIII. Por isso, para attenuar a difficuldade e para lhes diminuir o custo exaggerado, preferem-se as romeiras mais curtas, tanto quanto necessario para cobrir os hombros e defender o decote dos corpos, feitas egualmente em setim e debruadas d'uma renda aberta cuidadosamente applicada. O abafo torna-se assim muito simples, e esta mesma simplicidade despretenciosa lhe dá valor; assim como se reduz em volume para facilidade de transporte e de uso opportuno.

Não estão ainda definidas as modas que devem imperar em breve na proxima época de diversões campesinas e de *cannotage* nos pequenos rios, de margens apertadas e cobertas de verdura, que atravessam ou limitam as propriedades do campo por onde se dispersa a sociedade elegante de todos os paizes. Nada mais encantador do que o Ta-

misa, rio a cima, n'este periodo do anno, povoado de pequenos barcos, bem como folhas de rosas, e cheios d'uma mocidade alegre e descuidosa.

Muitos pontos do nosss pittoresco paiz poderiam ter vida egualmente bella, se fôra mais facil viajar e visitar os que se refugiam do calor extenuante da cidade nas suas casas de campo, ou se fossem menos dispendiosas as excursões na provincia. Lisboa vae para Cintra, e ainda assim despreza a ria de Collares, nem tende a aperfeiçoal-a nos seus bellos e nativos aspectos. Mas ha por esse paiz fóra numerosos rios de encantadora prespectiva, como o Lima, o Liz, o Nabão, o Mondego e tantos outros. Voltando ás modas, diziamos que ainda não tomaram acceitação definitiva as fazendas em *cheviotes* muito leves, muito flexiveis e muito avelludados on macios ao tacto que a industria pôz este anno em venda, tendo porém já apparecido nos vestuarios simples de blusa e saia inteira combinações de tecidos em quadrados de desenho, lembrando as vestes escossezas; e como que se nota em diversos paizes uma tendencia bem accentuada de adoptar para vestuarios campesinos, um tal ou qual imitação dos tecidos empregados nas vestes locaes ou nacionaes, quasi sempre garridas, de côres vivas, ornatos floridos ou combinações de barràs entrecruzadas. Tambem n'este capitulo de modas, poderiamos pôr muito de nossa casa, se as elegantes que governam o mundo do bom gosto quizessem, embora seguindo o talhe e o córte que o extrangeiro decreta, readquirir uma certa liberdade de acção na escolha dos materiaes e na disposição d'elles para crear *toilettes* originaes.

A BILHA PARTIDA

Quadro de J. B. Greuze

Amores perfeitos

A pagina colorida que acompanha o presente numero da nossa revista, impressa typographicamente pelo processo denominado das tres côres, é a reproducção tão perfeita quanto nos foi possivel obter d'um excellente quadrinho a oleo, pintado pela Ex.ma Sr.a D. Amelia Bastos com todo o delicado mimo e frescura exacta com que aquella distincta cultora de arte sabe traduzir, em suas raras telasinhas, a sua observação natural, toda plena de verdade e de luz, e pintado expressamente para os *Serões*, em memoração da estação florida, com tão desaffectada acquiescencia que, penhorando-nos profundamente, bem demonstrou a captivante gentileza com que nos quiz honrar, constrangendo a modestia natural e simples em que occulta os primores e excellencias do seu espirito, altamente educado e bondoso.

Os *Serões* continuam assim a merecer a protecção carinhosa e o incentivo animador das damas portuguezas, e com desvanecido orgulho fazem d'aquella deferencia timbre proprio.

COROAÇÃO DO REI DE INGLATERRA

Quando for publicada a nossa revista, terse-hão extincto os ultimos echos das festas que acompanharam em Madrid a coroação do rei D. Affonso XIII, o qual attingiu a sua maioridade e tomou o governo effectivo de seu povo, e principiarão em Inglaterra os preparativos da cerimonia da coroação de Eduardo VII que n'este momento preside aos destinos d'aquelle vasto e poderoso imperio.

Estes dois factos de consagração externa dos dois monarchas prendem naturalmente as attenções do mundo official e para a nossa vida politica são marcos de inicio de novos periodos nas intimas relações que nos prendem a um pela visinhança e a outro pela alliança, e a ambos pelas tradições historicas; inicio sem duvida de periodos para nós da mais significativa e leal amizade, cooperando com a Hespanha no resurgimento e grandeza da peninsula que tão gloriosa proeminencia logrou ter na historia do mundo, que ambos os povos partilharam, assim como com a Inglaterra no dilatado poderio dos mares e no progressivo desenvolvimento das regiões mais variadas e dispartidas pelo globo, onde intimamente alliados os dois povos poderão impulsionar a civilisação em proveito da humanidade inteira.

Se aquelles dois factos são por sua natureza d'uma importancia capital para a vida d'aquellas duas gloriosas nacionalidades, são tambem para a nossa vida politica internacional, no preciso momento historico actual, d'uma importancia maxima, quando encarados como pontos de partida para affirmações de vida propria e proficuo emprego das faculdades dirigentes dos nossos homens de estado; se estes possuem, do que não é licito duvidar, a patriotica ambição de vincular o seu nome á obra de resurgimento e de grandeza effectiva da nossa terra, a qual, nos seus dilatados e vastos dominios, na excellencia de posições excepcionaes á beira das estradas maritimas, e na soberba resistencia de raça que fez, por vontade firme e deliberado querer, estes sete seculos já passados de his-

toria, reune qualidades bastantes e insubstituiveis para que aqui floresça não sonhado mas effectivo imperio entre as grandes potencias do mundo.

Para conhecimento dos nossos leitores damos em seguida a descripção succinta das principaes cerimonias que propriamente definem a coroação do rei Eduardo VII, nosso alliado, e cujo conhecimento intimo interessa tanto mais por este facto, como vemos em França interessar as minudencias da vida publica e particular da Russia, a alliada da Republica Franceza.

Entre outras, a cerimonia da *Uncção* é sem duvida a principal. O soberano faz juramento de governar conforme a lei, de guardar justiça e equidade em todas suas sentenças e de manter as leis de Deus, a verdadeira interpretação dos Evangelhos, e a religião protestante reformada, assim como as instituições religiosas existentes, os direitos e privilegios da egreja de Inglaterra. Canta-se então o hymno grandioso — «*Vinde Espirito Santo, inspirar as nossas almas*» — e o soberano vae sentar-se na antiga e venerada cadeira que para este momento solemne serve desde o tempo de Eduardo II. Segue-se depois a cerimonia da *uncção*. Habitualmente o soberano é ungido na cabeça, nas mãos e no peito, para significar que o coração, as mãos e a intelligencia são para se usar como em officio consagrado. Portanto invoca-se a presença do Espirito de Deus e torna-se clara a significação da applicação dos santos oleos. Para reger e governar os homens, precisam-se tanto de espirito apropriado como de qualidades. Todos os dons veem de Deus, e a mais elevada e a melhor graça do espirito, para usar rectamente d'aquelles dons naturaes, provem egualmente de Deus. O oleo, portanto, significa as necessidades dos homens; e a fé e o desejo da presença e do auxilio divino do Espirito está expressa na oração que se segue á uncção. Assim o rei de Inglaterra fica ungido do Senhor.

Depois segue-se a cerimonia da *espada*, a qual é entregue ao soberano; e este entrega-a ao arcebispo que a colloca no altar, d'onde volta a ser entregue ao soberano. O principio de que todo o poder dimana da divindade, e de que toda a autoridade ou beneficio que o homem possue por natureza ou de direito, é recebido e deve usar-se como se viésse só de Deus, é claramente recordado pelo cerimonial. A espada do poder pertence ao soberano, mas elle ha-de sómente tomal-a como se lhe viésse de Deus.

O *manto imperial* e a esphera, representando o orbe, dourada com perolas collocadas ao redor, são depois dados ao soberano. Tambem trazem comsigo a sua lição e significação estes attributos reaes. A oração que acompanha a sua entrega explica isto: — O Senhor, vosso Deus, revestiu-o de entendimento e sabedoria: o Senhor vestiu-o com o manto da justiça. — E a oração continua: Quando virdes esta esphera collocada atráz da cruz, recordae-vos de que o mundo inteiro está sugeito ao poder e sob o imperio de Christo, nosso Redemptor. Porque Elle é o principe dos reis da terra, o Rei dos reis, o Senhor dos senhores; portanto nenhum homem póde reinar com felicidade, se a sua autoridade não derivar d'Elle, e se não dirigir todas as suas acções consoante as Suas leis.

O *annel* é posto no quarto dedo da mão direita do soberano. As palavras usadas pelo arcebispo são: — Recebei este annel, insignia da dignidade real e da defeza da Fé Catholica.

Depois é deposto o *sceptro* nas mãos do monarcha com estas palavras: — Recebei o sceptro real, insignia do poder e da justiça real.

Logo depois é dado ao soberano uma *vara*, adornada com uma pomba, a vara de equidade e misericordia, que lhe recorda a necessidade da imparcialidade no julgamento: — Sêde tão misericordioso que não sejaes demasiado remisso; executae assim a justiça para que não esqueçaes a misericordia, julgae com rectidão e sentenciae com equidade.

Acabadas estas cerimonias preliminares, chega o momento supremo da coroação. O soberano está sentado na mesma cadeira historica da qual já fallamos. Diz-se uma oração para que o coração real seja enriquecido com a graça do céu, e para que o soberano seja corôado com todas as virtudes dignas de um principe. Depois é trazida a *corôa* para diante d'elle; o arcebispo colloca-a na cabeça do monarcha, e ouvem-se as acclamações da assembléa. — Deus salve o rei! *(God save the King!)* — exclamam todos os labios, tocam-se as trombetas, e as peças de artilharia trovejam a salva do estylo. Quando teem cessado os vivas, o arcebispo diz ao recem-corôado soberano: — Sêde forte e de bom animo; observae os mandamentos de Deus e caminhae no Seu santo trilho; combatei o bello combate da fé, e pensae na vida eterna, para que possaes ser corôado de fortuna e de honra, e para que possaes receber no fim da vossa carreira a corôa de justiça que Deus, justo Juiz, vos concederá n'esse dia supremo.

É caracteristico que a primeira cerimonia depois da coroação seja a apresentação da

Biblia ao soberauo. A apresentação será feita pelo arcebispo, deão de Westminster, seguindo com elle a coroação da rainha. As palavras da apresentação declaram que a Biblia é o objecto de maior valor que o mundo possue: — Aqui está a salvação: esta é a lei real; estes são os oraculos existentes de Deus. Felizes são os que lêem e os que ouvem as palavras d'este livro, e que cumprem os preceitos indicados n'elle. Porque estas são as palavras da vida eterna, capazes de vos fazer justos e felizes n'este mundo não só justos para a salvação mas felizes para sempre, pela fé em Jesus Christo.

Depois segue a enthronisação propriamente dita. Em toda a cerimonia, ha uma constante expressão de principios religiosos. Além da ascensão do monarcha á elevada magistratura do paiz, ao publico reconhecimento de que o povo e as nações só podem gozar de paz e de socego com o auxilio providencial, significam todas as cerimonias que para a administração dos negocios publicos os reis precisam da sabedoria inspirada; e toda a lei, soberania, poder e influencia são, só verdadeiramente nobres e reaes quando são exercidas com espirito justo, nobre e com sacrificio proprio.

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

Março. — **18** *Hespanha* — E' constituido o novo gabinete composto dos srs; Sagasta, presidente do conselho; conde de Almodovar del Rio, ministro dos negocios estrangeiros; Montilla, ministro da justiça; Rodrigañez, ministro da fazenda; Moret, ministro do reino; general Weyler, ministro da guerra; conde de Veragua, ministro da marinha; conde de Romanones, ministro da instrucção publica e Canalejas, ministro da agricultura. — *França* — A camara dos deputados approva a emenda ao projecto que modifica certos circulos eleitoraes, elevando a 6 annos a duração do mandato dos deputados.—*Africa*—E' declarada em Tanger a gréve geral em todas as industrias.

19 *Marrocos*— A Kabila Berim Assara submette-se á auctoridade do sultão, compromettendo-se a pagar cem mil duros de indemnisação.

20 *Allemanha*— São expulsos da Universidade de Charlottenberg 40 estudantes russos e polacos por se entregarem á propaganda politica.—*Servia* — O gabinete dá a sua demissão, motivada pelo desaccordo com a maioria da *skup chtina*. — *Belgica* — A camara rejeita o projecto de suffragio universal.

21 *Inglaterra* - Os mineiros inglezes resolvem apresentar no proximo congresso internacional uma proposta para que se assente na attitude que devem tomar os mineiros de todo o mundo, no caso de declarar a gréve geral alguns dos delegados das nações representadas no congresso. — *França* — A camara dos deputados rejeita a generalidade da proposta de lei da amnistia e approva o projecto de lei sobre os premios da marinha mercante.

22 *Italia* – Declaram-se em gréve 40:000 camponezes da provincia de Rovigo e 35:000 da provincia de Ferrara.

23 *Bulgaria* — O sr. Daneff reconstitue o gabinete bulgaro, assumindo a pasta dos negocios estrangeiros, o sr. Serafoff a da fazenda e o sr. Ludaskanoff a do interior.

24 *Italia* — A camara approva a lei de trabalho de mulheres e creanças, conforme as bases dos ultimos congressos de hygiene de Paris.— *Canarias* —Um grande incendio destroe os depositos de mercadorias da companhia ingleza Elder Dempster, ascendendo os prejuisos a dois milhões de pesetas.

28 *França* — A camara dos deputados approva por 422 votos contra 10 uma proposta que tem por fim estabelecer o descanço dominical.

29 *Estados Unidos* — Descobre-se em New-York uma vasta associação que tinha por fim defraudar as grandes companhias de seguros contra incendios. — *Russia* — São condemnados, em S. Petersburgo, a trabalhos forçados por toda a vida tres principes russos, accusados de matar e roubar mais de cem pessoas no districto de Batoun.

30 *França* — A camara approva os orçamentos e a baixa na franquia dos jornaes. — *Russia* — O tzar publica um *ukase* supprimindo todos os jornaes da Finlandia que não defendam a politica do governo russo.

31 *Haiti* Os revolucionarios apoderam-se de Barahona depois de um combate em que ficaram mortos e feridos 40 homens. — *Estados Unidos* — Produz-se uma explosão nas minas de Dayton, fazendo 76 victimas, e na hulheira de Bayton, Ohio, dá-se tambem uma explosão devida a ter-se inflammado subitamente o pó do carvão, matando 22 mineiros. — *Japão* — Um violento incendio destroe 4.000 predios de casas em Tukui, importante cidade manufactureira.

Abril — **1** *Brazil* — A camara dos deputados vota o codigo civil com algumas emendas. O senado nomeia uma commissão para o estudar. — *Inglaterra* — O almirantado manda construir tres grandes cruzadores da força de 22.000 cavallos e com a velocidade de 23 milhas. — *Hespanha* — E' assignado o decreto nomeando o novo presidente do senado, sr. Montero Rios.—No Ferrol conforme uma pro-

posta de conselheiros republicanos do *ayuntamento*, é concedido a todos os operarios do municipio o dia de 8 horas de trabalho. — *Canadá* — Declaram-se em gréve 700 operarios e trabalhadores do porto.

2 *Hespanha* — Em consequencia da lei que fixou a duração do trabalho, declaram-se em greve 5.000 operarios da industria de lanificios em Madrid. — *Russia* — E' detido na fronteira russo-allemã, o conde Wielopoksky, ajudante do governador de Moscow, por ter subtrahido documentos militares pertencentes á Russia. — *Estados Unidos* — Declaram-se em gréve 10.000 mineiros da companhia Rochester & Pittsburgo perto de Altona — *Inglaterra* — Produz-se uma explosão de *grisu* nas minas de carvão perto de Wigan, ficando um homem morto e dez soterrados.

3 *Caucaso* — Os grevistas de Batrem, exasperados pelos ataques dos cossacos, incendeiam a maioria dos edificios publicos. — *Monaco* — Inaugura-se a conferencia da paz assistindo representantes de todos os paizes da Europa e da America. — *Estados Unidos.* — Um violento incendio devora tres quarteirões de predios em Atlantic City, cujos estragos são avaliados em dois milhões de *dollars*, perecendo seis pessoas. — *Venezuela* — As tropas venezuelanas soffrem uma grande derrota perto de Carupano, na qual o general Escalante perde 350 homens.

4 *Turquia* — Em consequencia de uma nota do governo russo, o grão-visir ordena aos governadores de Salonica, Andrinopolis e Monastir que expulsem os bulgaros e os servios que fomentam a agitação revolucionaria na Macedonia. — *Hespanha* — Os deputados republicanos assentam nos detalhes da propaganda que no fim do mez começarão a emprehender nas provincias.

6 *Inglaterra* — Durante o *match* internacional de *foot-ball* ao qual assistia enorme multidão, abatem varias tribunas, matando 23 pessoas e ferindo 414.

7 *Austria* — E' levantado o estado de sitio em Trieste. — *Marrocos* — o sultão Muley-Abdel-Aziz informa officialmente as potencias de que se reserva o direito de prohibir a cabotagem livre, avisando d'isso com a antecipação de 90 dias.

8 *Estados Unidos* — O conhecido philantropo André Carnegie offerece ao municipio da Havana 250.000 dollars, para a fundação de uma bibliotheca publica.—A camara dos deputados vota a lei de expulsão dos chinezes. —*China*—O ministro plenipotenciario da Russiu e o principe Tching, presidente do ministerio dos negocios estrangeiros, e o ministro Uuang-Uan-Chao, assignam a convenção concernente á Mandchuria.

9 *Inglaterra* — O conselho municipal de Londres decide collocar em Guidhall o busto de Cecil Rhodes.

10 *China.* — As tropas imperiaes batem os rebeldes Kuang-Si em Kong-Tchneu. — *Venezuela* — O parlamento approva o protocollo sob a condição de se reatarem as relações diplomaticas entre a França e Venezuela.—*Belgica* — O conselho geral operario decide publicar uma manifestação recommendando a gréve geral.

11 *Russia* — E' condemnado á morte o coronel Grimm. Foi-lhe porém commutada a pena ultima em trabalhos forçados perpetuos. — Consideram-se rotas as relações diplomaticas entre a Russia e o Vaticano. — *Italia* — Em consequencia dos incidentes originados na campanha do jornal suisso *Reveil* que insultou a memoria do rei Humberto, estão rotas as relações diplomaticas entre a Italia e a confederação helvetica.

12 *Belgica* — 3.000 manifestantes socialistas apedrejam varias casas, comboios e tranways de Liége.

13 *Marrocos.* — As tropas marroquinas infligem sangrenta derrota aos insurrectos da kabilda de Benimessara, soffrendo grandes perdas. — *Inglaterra* — O conselho de ministros assenta em combater dentro do parlamento as medidas contra a Irlanda, apresentadas por alguns deputados ministeriaes. — *Allemanha* — Cae uma grande tempestade em Berlim, tendo as chuvas inundado a cidade e produsido bastantes estragos. — *Pensylvania* — Os mineiros de Pitsburgo obtiveram o dia de trabalho de 8 horas, dando a gréve por terminada. — *Belgica* — Um cortejo de 3:000 liberaes faz em Charlsroi uma grande manifestação a favor do suffragio universal. Outro cortejo de 20:000 socialistas effectua analoga manifestação.

14 *Portugal* — O *Diario do Governo* publica a distribuição do pessoal de fazenda. — *Inglaterra* — O chanceller da fazenda annuncia o *deficit* orçamental no exercicio de 1902-1903 em 45 milhões esterlinos, propondo cobril-o com a suspensão do funccionamento fundos de amortisação, do augmento de um *penny* no imposto de rendimento e com a elevação do imposto do sello. — *Belgica* — Rebenta um violento incendio nos depositos dos molhes do porto de Antuerpia, cujas perdas são enormes.

15 *Portugal*—Inauguração da 2.ª exposição annual da Sociedade Nacional de Bellas-Artes. — *Belgica* — Rebenta a gréve geral, estendendo se a quasi toda a Belgica. Os operarios metallurgicos de Anvers, d'accordo com os patrões declaram-se em gréve. O numero de grévistas em todo o paiz ascende a 200:000. —*Russia*—E' assassinado o ministro do interior sr. Spiaguine.

16 *Inglaterra* — O governo recusa cathegoricamente a concessão de armisticio durante as negociações da paz com os boers. — *Brazil*—O ministro das relações exteriores envia ao ministro da Bolivia uma nota diplomatica declarando que o Brazil regeita o syndicato norte-americano que arrendou o territorio do Acre. — *Irlanda* — A gazeta official publica uma proclamação do lord logar-tenente da Irlanda mandando applicar o processo criminal summario nos districtos onde opéra a liga irlandeza unida.

17 *Austria* — Declaram-se em gréve 50:000 operarios.

18 *Guatemala*—Sentem-se tres tremores de terra produzindo grandes estragos em Quezaltenango e destruindo Amatiltan. O numero de mortos em varias localidades, eleva-se a 2:000. *Belgica*—A camara dos representantes regeita por 84 votos contra 64 a tomada em consideração da proposta da revisão constitucional.

19 *Belgica*—São cortadas as linhas telegraphicas em varios pontos do paiz O partido operario resolve continuar a gréve. E' declarado em estado de sitio o departamento de Lesnois. — *Dinamarca* — Declaram-se em gréve 6:200 operarios e trabalhadores dos portos dinamarquezes.— *Portugal*—Parte a bordo do vapor *General* a expedição ao Barué sob as ordens do commandante João d'Azevedo Coutinho.

20 *Russia*—Realisa-se em Helsingfors uma grande manifestação contra a nova organisação militar, ficando feridos alguns populares. — *Africa do Sul* — O conselho de guerra, em Aliwal North, condemna 12 rebeldes que tinham sido presos com as armas nas mãos a varias penas desde 1 anno de prisão até á pena de morte. A seis d'entre elles foi commutada a pena de morte em prisão perpetua. — *Suecia* — Realisa se em Stokolmo uma importante manifestação a favor do suffragio universal, ficando feridos alguns manifestantes. — *Belgica* — O partido progressista distribue um manifesto pedindo que cesse a gréve. Os partidos da opposição pedem que intervenha o rei, afim de ser dissolvido o parlamento. A federação dos operarios de Boraine decide proseguir na gréve até á sua dissolução. A commissão geral do partido operario de Bruxellas resolve quasi por unanimidade dar a gréve por terminada e decide que os operarios retomem o trabalho.

21 *Grecia*—E' promulgado o decreto de encerramento da camara dos deputados. — *Noruega*—E' constituido o novo gabinete.—*Italia* – Os sacerdotes de Roma protestam perante os presidentes das camaras, por meio de representações, contra o divorcio.—O deputado radical Socci apresenta um projecto á camara auctorisando as mulheres a exercer a advocacia—A Italia, a Allemanha e a Austria resolvem prolongar até ao fim de 1904 os tratados de commercio vigentes. — *Estados Unidos* — Forma-se em New-York um syndicato para intervir em todas as linhas transatlanticas. — *Hespanha* — O rei Affonso XIII assiste pela primeira vez ao despacho dos ministros.

22 *Inglaterra*—A camara dos communs approva por 290 votos contra 61 a elevação da taxa do imposto sobre o rendimento, e confirma por 283 votos contra 97 a sua votação anterior auctorisando o imposto sobre os cereaes.—*Suissa*— A assembléa federal approva o procedimento do conselho federal no incidente diplomatico travado com a Italia.—*Russia* — O general Vannovsky, ministro da instrucção publica, dá a sua demissão em resultado da opposição do Santo Synodo á reforma escolar.

23 *Venezuela*—As tropas do governo retomam a cidade de la Guayra. — *Estados-Unidos* —O secretario d'Estado e o ministro plenipotenciario da Columbia asseguram o tratado que transfere para os Estados-Unidos todos os direitos para a construcção do canal isthmico do Panamá.—*Dinamarca*—*A Lands ting* approva a moção tendente a adiar a decisão a respeito da cedencia das Antilhas dinamarquezas aos Estados-Unidos até que os seus habitantes se tenham pronunciado sobre ella.—*Hespanha*—O congresso approva o projecto de lei que reduz a circulação fiduciaria do Banco de Hespanha.

24 *Portugal* — Um violento incendio destroe quasi totalmente a fabrica da Companhia de Tabacos em Santa Apolonia. — Abertura da exposição de rosas nas salas do Atheneu Commercial. —O ministro das obras publicas apresenta á camara dos deputados a lei concernente ás linhas ferreas transmontanas: Mirandella — Bragança, Regoa — Chaves. — *Russia* — Os tecelões grévistas de Moscow reclamam diminuição das horas de trabalho, havendo conflictos sangrentos ficando mortos e feridos uns 20 homens.

25 *Portugal* — O ministro das obras publicas apresenta ao parlamento uma proposta de lei sobre tribunaes especiaes do contencioso da 1.ª instancia, e uma outra creando as camaras de agricultura.—*Hespanha*— Os operarios de Tartasa e Sabadell e outras povoações fabris promovem uma agitação em consequencia de se recusarem os patrões a dar o dia de 9 horas.—*Inglaterra*—Descarrila um comboio cheio de passageiros, na linha do Great Eastern perto de Londres, em consequencia de se ter quebrado o eixo d'um wagon; ficando feridas 50 pessoas. — *Chili* — O gabinete chileno dá a sua demissão em consequencia do descontentamento motivado por se terem retirado do fundo da conversão certas quantias para a compra de novos armamentos.—*Italia* Dá-se uma profunda scisão entre os partidos republicano e socialista de Milão.

THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante os mezes de abril e maio

Março 29 —A Bola de Neve *vaudeville*, arranjo do francez pelo sr. Accacio Antunes, musica do maestro Nicolino. (Theatro da Avenida).

Abril 12 — A Casa Bonardon, peça em 3 actos de Georges Mitchel, traducção do sr. Lino de Assumpção. (Theatro de D. Amelia).

12 — O Algoz peça em 1 acto em verso, original do sr. Alfredo Gallis. (Theatro de D. Maria).

16 — Bodas de Joanna opereta em 3 actos original do actor Queiroz musica do maestro Freitas Gazul. (Theatro da Trindade).

16—A Opinião Publica, drama, (Theatro do Primcipe Real).

18 — O dr. Empafia, comedia allemã traduzida pelo sr. Accacio Antunes. (Theatro do Gymnasio).

18—A ceia dos Asylados comedia em verso dos srs. J. Ferreira e S. Alves. Theatro do Gymnasio).

NECROLOGIA

Março 27 — Princesa Maria de Wied, em Nennied, mãe da rainha da Roumania.

28—Arcebispo de Glasgow, em Kiel.

29 — Conde de Munster em Hannover ex-embaixador da Allemanha em Paris.

30 —Mahomed Sechard em Constantinopla, herdeiro da corôa da Turquia e irmão do Sultão.

Abril 1 — Romulo Colli, em Como, chefe do partido socialista da Italia.

5 — Kaemneger, em Paris, celebre pintor.

7 — Fernanflor, em Madrid, distincto academico e escriptor.

14 —Conde das Almênas, em Madrid, senador hespanhol.

17 — Rei Francisco d'Assis, 80 annos em Epinay.

O THRONO DE HESPANHA

A proposito da coroação, ou mais propriamente, do juramento do rei Affonso xiii, visto que rei é elle desde muitos annos, mas sómente agora attingiu a maioridade necessaria para assumir as responsabilidades da governação, damos a reproducção em gravura d'uma parte da magnifica sala dos embaixadores no palacio do Oriente, em Madrid, onde se vê o throno regio, afamado pelos explendores e pela riqueza da sua ornamentação.

Ha, na Europa, uma outra sala de throno que pode disputar primazias de requintada decoração e de valiosas preciosidades á sala dos embaixadores madrilena; é a sala do throno em Berlim. O imperador da Allemanha possue na verdade para as suas recepções de gala uma das mais nobres, magestosas e elegantes salas do mundo, tornando-se n'ella verdadeiramente notaveis os raros candelabros de crystal que a illuminam e ornamentam, como a celebre pintura do tecto. O aspecto do salão dos embaixadores, em Madrid, supporta com vantagem em muitos termos a comparação com a sala allemã, pela sumptuosidade dos magnificos veludos bordados a ouro fino e pelo conjuncto de moveis, de estatuas. de lustres e de variadissimos adornos que fazem em recepções de gala condigna moldura á luxuosa e brilhante elegancia dos uniformes, como ás bellezas femininas que compõem tambem um valioso florão da corôa de Hespanha.

D. Affonso xiii — Rainha D Christina

Em volta do estrado do throno, agrupam-se quatro leões de prata massiça, similhantemente ao throno da Dinamarca, mas dispostos de forma diversa. Os quatro leões de Hespanha estão collocados de pé sobre os largos degraus do tablado, com as cabeças ornadas de juba frisada, voltadas para fóra, em attitude de guarda ou vigilante defesa do rei, que se senta n'um riquissimo e historico escabello coberto de veludo carmezim, sob um docel elegante e proporcionado. Ao lado dos leões ha estatuas de personagens notaveis da casa real castelhana. O throno eleva-se do pavimento da sala quatro amplos degraus.

Durante seculos, se teem vindo accumulando na sala dos embaixadores, em redor do throno, uma estranha e unica collecção de tropheus, de preitos, de presentes de colonias e possessões que a Hespanha ainda ha pouco tão nobremente defendeu, objectos preciosos, joias de valor inestimavel de todas as proveniencias, no tempo em que o sol nunca deixava de illuminar uma parte do vasto dominio hispanhol.

Os lustres, de crystal de rocha, dos mais bellos reflexos e das mais vistosas refracções, despertam natural inveja a muitos paços reaes; os espelhos são notabilissimos; a pintura do tecto, de Tiepolo, desenhando suggestivas e vistosas allegorias ás virtudes e aos feitos dos reis de Hespanha; os contadores e os bufetes estão plenos das mais raras procelanas da velha China, os tremós e os consolos ostentam soberbos objectos de arte.

N'aquella sala representa-se toda a passada grandeza das antigas conquistas, e diz um escriptor distincto que se comprehende a allucinação enganadora que possa sentir o monarcha, ao presidir, na sua cadeira regia, a uma recepção festiva, julgando-se ainda senhor do mais vasto imperio, elemento preponderante nas deliberações da politica do mundo: tal é a impressão suggestiva que dimana do proprio salão e que impressiona vivamente.

O Throno Real de Hespanha

Que o novo monarcha possa ter no seu reinado dias bem mais felizes dos que angustiaram a regencia de sua mãe, uma das mais justamente respeitadas rainhas da Europa contemporanea. Foi sem duvida longa, cheia de incertezas, de trabalhos. de preoccupaçõos, esta regencia excepcional, toda consagrada ao restabelecimento da auctoridade monarchica anteriormente abalada, e para o que concorreu o alto patriotismo dos homens publicos de Hespanha, amantes da sua patria e desejosos de conservar ordem como base de progresso. Não foram felizes os resultados obtidos, mas o insuccesso dos esforços não apaga, nem enegrece a grandeza e sinceridade das intenções.

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarisação sempre crescente da aite photographica entre amadores, que d'ella fazem agradavel entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, foimulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

Photographia sobre marfim

Applique-se sobre uma chapa de marfim muito bem limpa, a solução seguinte:

Nitrato de prata....	3 gr.
Nitrato de urano.............	30 »
Alcool......................	100 cc
Agua distillada..............	10 »

Deixe-se seccar na obscuridade e impressione-se na prensa o negativo que se tenha escolhido.

Quando a imagem tenha apparecido sufficientemente, fixa-se em agua addicionada de algumas gottas de acido nitrico.

As provas podem em seguida ser pintadas dando assim lindas photo-miniaturas.

(Photographie Times).

Banho de viragem com acetato de cal

Póde-sesubstituir vantajosamente o acetato de soda, empregado nos banhos de viragem d'ouro pelo acetato de cal que dá um banho susceptivel de longa duração. Com este novo emprego obteem-se tons mais agradaveis e a impressão das provas não necessita ser muito escura. As soluções de reserva compoem-se de:

A. —	Chloreto de ouro....	1 gr.
	Agua distillada......... ..	500 cc.
B. —	Acetato de cal............	27 gr.
	Agua distillada...........	1:500 cc.

Emprega-se deitando lentamente a

Solução A................	1	volume na
» B...............	3	»

que se põe de parte durante tres dias em plena luz; passado este tempo pode ser empregada. Reforça-se o banho servido, juntando-se-lhe uma solução de chloreto de ouro doze horas antes de se empregar novamente. A lavagem

das provas antes da viragem deve ser feita cuidadosamente afim de eliminar todas as particulas de acido. E' conveniente tambem addicionar, na ultima agua, algumas gottas de amoniaco.

(Photo-Chronik)

PACIENCIAS

O Sultão

(Dois jogos completos)

Tiram-se do jogo os oito *reis* e um *az* de copas que se dispóem da maneira seguinte: colloca-se em primeiro logar a *az* de *copas* e de cada lado os dois *reis* de *paus*; por baixo d'estas tres cartas collocam-se em primeiro logar *rei* de *copas* no meio de dois *reis* de *ouros* e por baixo do *rei* de *copas*, o outro do mesmo naipe no meio dos dois *reis* de *espadas*.

Tomam-se em seguida as oito primeiras cartas do baralho que se collocam horisontalmente de cada lado do quadro, quatro á direita e quatro á esquerda, ás quaes se dá o nome de *divan*. Verifica-se então se n'este *divan* ha alguma carta que se possa collocar sobre os *reis* ou sobre o *az* de *copas;* os *reis*, contrariamente ao uso estabelecido na maior parte das paciencias, recebem o *az* da sua familia, a seguir o *dois*, o *tres*, etc, pois que se trata de formar uma hierarchia ascendente de cartas da mesma côr acabando em *dama;* o *az* de *copas* recebe o *dois*, o *tres*, etc., quanto ao *rei* de *copas* do centro, fica só, não representando papel algum até ao fim da paciencia, que só então se deve encontrar rodeado das suas oito *damas*.

Logo que no *divan* não haja carta alguma que se possa collocar sobre as séries, tiram-se do baralho as cartas uma a uma tendo cuidado de as collocar nas séries aquellas que n'ellas tenham logar.

Logo que uma das cartas do *divan* tenha logar na sua familia substitue-se por outra tirada do baralho. Podem-se passar as cartas tres vezes findas as quaes, não se tendo conseguido juntar todas as cartas ás series respectivas, a paciencia não chegou ao resultado desejado.

PROBLEMAS

Resoluções do numero anterior

N.º 27 — 1 528 562 927 568 877 500

N.º 28 — De 56 maneiras.

N.º 29 — Para 24.405 noites e cada soldado estará de serviço 3.654 vezes.

N.º 30 — *Xadrez:*

BRANCOS	PRETOS
1. Ra para 2 Ra	1. Qualquer
2. Xeque e mate.	

N.º 31.

N'uma fabrica de *parquets* empregam-se dez desenhos differentes; em que numero será necessario associar aquelles desenhos uns aos outros para ter o maior numero possivel de combinações?

N.º 32.

Uma assembléa de accionistas, composta de 40 negociantes, 20 advogados, 30 industriaes, e 10 medicos, pretende nomear d'estes membros uma commissão de quatro negociantes, 3 industriaes, 1 medico e 2 advogados. De quantas maneirás poderá constituir a mencionada commissão?

N.º 33.

Um numero é formado de dois algarismos, cuja somma é 13. Se ao seu producto se juntarem 34 encontra-se para somma o numero primitivo invertido. Qual é este numero?

XADREZ

Num. 34 PRETOS (11 peças)

BRANCOS (8 peças)

Os brancos jogam e dão mate em dois lanços

INDICE

DOS

ARTIGOS E GRAVURAS CONTIDAS NO VOLUME II

Março / Abril	Barometro — Nivel do mar		TEMPERATURA: ás 9 h. da manhã		maxima		minima		Chuva — Millimetros		Ozone — Gráus	
	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902
1	763,3	757,4	13,6	10,8	14,3	14.4	11,6	9,8	10,3	11,1	8,8	7,5
2	763,0	765,0	14,4	10,0	15,4	13.4	13,6	8,3	12,7	1,8	9,2	6,8
3	769,3	762,0	12,1	10,3	14,1	15.3	9,3	8,3	7,7	0,0	3,8	7,0
4	777.4	751,5	11,4	11,7	16,3	14,3	8,3	10,2	0,0	1,5	9,5	10,0
5	776,4	751,4	10,9	13,0	17,7	15.2	7,8	10,8	0,0	11,1	8,2	8,2
6	773,1	755,2	13,2	11,4	16,7	14,5	8,1	10,1	0,0	0,3	8,8	8,3
7	770,5	756,7	12,2	13,1	14,0	15,9	10,4	11,7	0,0	0,1	10,0	7,7
8	759,9	762,9	19,0	13,3	11,5	15,9	7.8	9,0	1,5	0,0	9,7	7,3
9	755,8	763,9	9,5	11,8	13.6	17,5	5,6	9,1	0,6	0,0	8,5	7,7
10	759,5	760,9	8,3	13,5	2,6	17,3	6,8	11,1	0,0	0,0	9,3	7 0
11	763,1	762,0	9,6	12,6	13,1	15,6	7.6	10,6	0,1	0,0	7,2	8,5
12	766,6	763,3	10,1	11,9	13,5	14,2	6,4	10,0	—	0,2	9,3	8,5
13	761,7	764,2	7,7	13,1	13,9	16,1	5,6	10,0	0,0	3,7	8,0	8,0
14	755,2	767,6	11,0	13,1	12.0	17,8	7.9	10,1	12,9	0,0	10.0	5,5
15	762,7	769,1	10,9	13,6	13,6	17,9	7,8	10,3	5.3	0,0	9,2	5,5
16	758,6	769,0	12,0	13,8	13,6	20,8	10,8	10,8	25.8	0,0	10,0	5,5
17	756,5	767,5	12,2	15,2	13,6	21,5	9,2	12,5	11,9	0,0	10,0	5,5
18	746,0	764,6	13,6	17,5	14,9	20,4	10,2	12.0	13,7	0,0	9,5	5,5
19	747,7	763,4	11,9	12,8	13,9	14,5	9,3	10,6	4,4	0,4	8,8	7,5
20	756,8	761,5	12.9	11,5	13,8	14,0	10,3	9,2	0,4	10,0	9,7	7,8
21	752,4	759,6	12,6	12,2	15,9	14,7	11,3	9,7	16,0	0,1	8,8	8,7
22	767,2	759,1	12,0	9,8	15,6	13,1	10,3	8,3	0,1	2,0	8,2	7,5
23	764.8	752,9	10,7	10,9	18,3	13,1	8,5	8,2	0,0	1,3	9,3	8,3
24	756,4	768,5	13,0	11,1	16.7	14,0	10,1	8,1	0,0	0,2	9,0	7,0
25	756,6	770,0	13.3	12,1	15,2	15,6	11,0	9,0	2,4	0 0	8,0	7,0
26	757,2	770,7	13,4	13.5	16,0	18,5	7,8	9,8	5,7	0,0	9,5	0,0
27	761,2	770,3	10,7	16,1	14,4	22,8	7,8	12,6	1.0	0,0	8,2	6,0
28	765,7	768,6	10,2	17,3	14,1	22,3	6,5	13,2	0,0	0,0	8,6	3,8
29	762.4	767,2	9.0	16,6	15.1	24,5	7,0	15,5	0,0	0,0	7,0	6,0
30	753,3	766,4	11.9	18,2	15.2	27,0	10,4	15,9	1,9	0,0	9,5	5,5
31	751,5	760,0	15,1	19,3	16,9	27,9	11,3	16,2	7,9	0,0	10,0	5,0
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	-	—
1	762,4	756,3	14.7	16,9	15,4	17,2	11.0	13,4	0,3	0,0	7,0	9,0
2	762.9	757,3	13.9	13,9	15,3	15,4	11,9	13,3	0.0	3,3	9.7	7,3
3	769,4	759,1	15,7	15,7	18,6	18,2	13,7	14.1	4,0	4.9	7,5	7.0
4	771.6	762,4	15.3	16.2	24,7	22,9	12,4	13,5	0.0	0 0	6.8	6,2
5	768.7	760,0	20.3	18,6	27.6	19,6	17,5	14,0	0.0	4.6	8,2	7,5
6	765.3	761.9	21,0	16,1	25.5	19,3	16.9	12.8	0,0	0.0	5 5	8,0
7	764.5	764 4	14,6	14.3	17.8	17,2	13,5	11,8	0.0	0,0	7.8	7,0
8	765,0	762.5	15,4	14.3	18,9	18.0	13,7	11,5	0.0	0.0	8,2	5,0
9	764,6	757.2	15,4	14.5	17,2	17,3	11,5	11,1	0,1	0,0	5.3	8.2
10	768,3	756,4	12,8	13,7	16.9	15,5	9.8	11.2	0,0	0,0	7.0	7,0
11	764.5	756.2	14.2	12.8	16.8	15.5	9.5	10,2	0,0	0,0	7,5	8,3
12	767.6	756.8	11,1	12,8	14,6	16.3	8,8	10,4	0 0	1,4	7,7	8,5
13	771,7	753.0	10.5	14,1	17,0	17,4	7,6	12,0	0,0	22,0	6,8	9.0
14	769,1	752,1	14.5	12,8	22,2	17,0	9,9	11 9	0,0	4.0	9,5	10,0
15	764,5	760.1	15,9	12,7	23,4	10,0	11.4	10.8	0,0	0,7	6,5	9.5
16	759 3	762,8	15,5	14,1	22,9	16.6	12,4	10,8	0,0	0,2	—	7.2
17	758,6	765,4	19,8	14,2	22,5	17,8	15,7	10,7	0,0	0,0	2,5	8.0
18	762,9	764,5	18.5	14,8	22,5	15,8	16,9	11.9	0,0	0,0	6,0	8.8
19	760,2	763.3	15,6	15.4	19,3	17,8	14,2	13,0	0.0	4,5	8,2	8,0
20	754,7	767,0	13,5	15,9	17.2	18,2	13.0	12,6	14,1	0,0	0.5	8,2
21	751.8	767,9	15,2	14,5	16,3	17.0	12.9	12,2	7,1	0,0	10,0	7,0
22	752,8	763,7	12,1	15,9	15 9	16.2	11,5	12,5	0,6	0,8	10 0	7,8
23	756.2	761,3	13,1	14,0	15,4	16,9	10.4	11,4	1,9	5,9	0,8	8,2
24	759,7	763,0	15,3	14,1	17,2	16,3	12,1	10,2	3,5	0,0	9,5	5,0
25	763,5	756.6	12,5	14,6	17,2	17,3	9.5	13.1	0,0	9.9	8,5	10,0
26	762,5	752,8	11,7	14 5	13,8	15,2	8,2	13.5	2,2	3,2	9,0	10,0
27	764.0	747,2	12,9	13,0	15,8	16.9	8,8	11,7	0.4	13,1	7,7	10,0
28	765,5	756,2	14,0	13,5	17,4	16,2	9,9	12,1	0,0	7,4	9.8	10,0
29	766,5	766.0	13,5	15,3	15,7	17,4	11,1	12,5	0,0	0,0	7.2	7,2
30	765,9	798,5	13,8	15,2	16,2	17,6	11,3	11,6	0,0	0,0	7.9	6,0